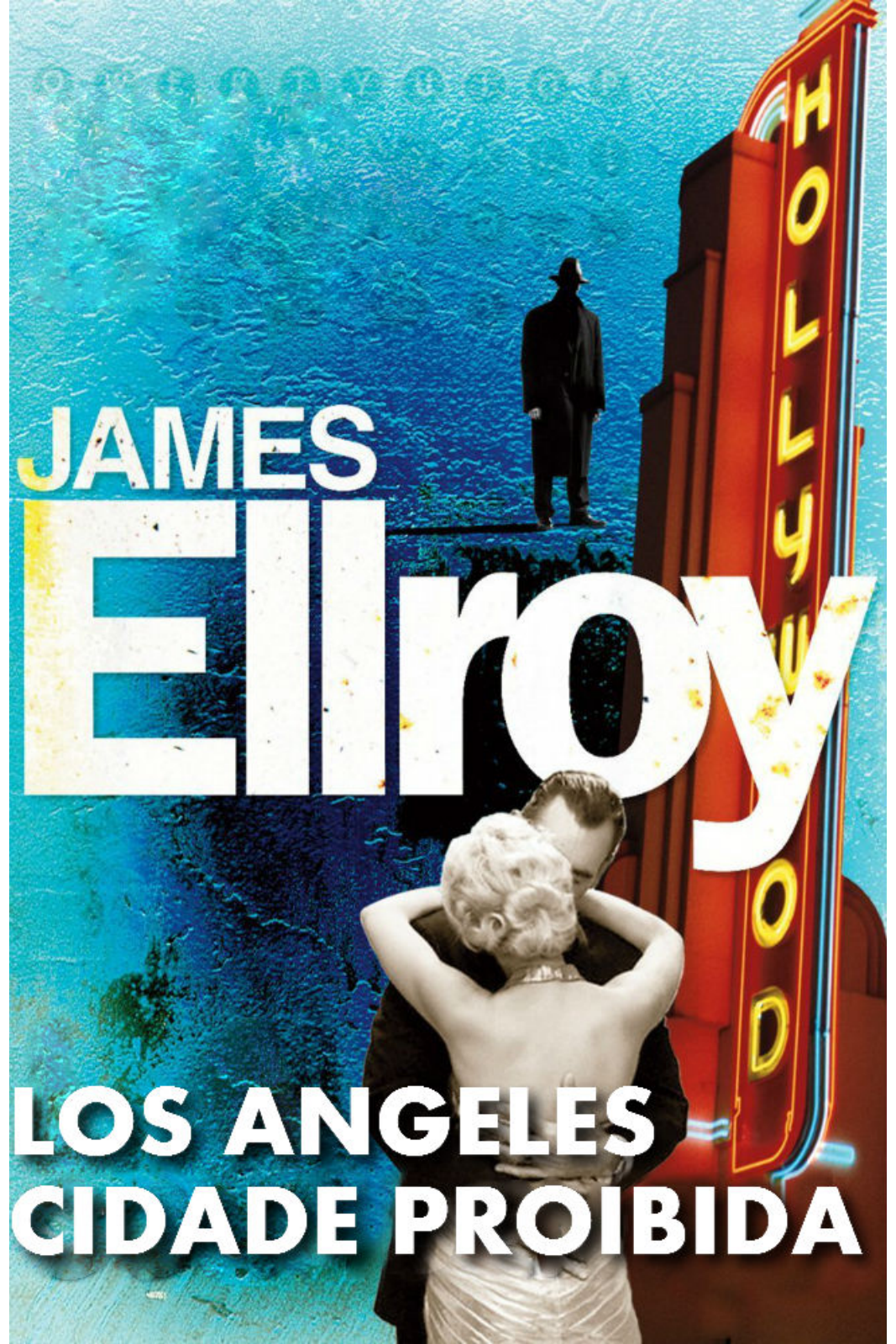




JAMES

Ellroy

**LOS ANGELES
CIDADE PROIBIDA**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JAMES

Elroy

LOS ANGELES
CIDADE PROIBIDA



**JAMES
ELLROY**

LOS ANGELES
CIDADE PROIBIDA

Tradução de
ALVES CALADO

EDIÇÕES
BestBolso

EDIÇÕES BESTBOLSO

Los Angeles cidade proibida

Mestre do romance policial noir, a vida de James Ellroy desde cedo foi marcada por um acontecimento trágico: o assassinato não solucionado de sua mãe. Em 1958, o corpo de Geneva Hilliker Ellroy foi jogado em uma estrada em El Monte, região decadente de Los Angeles. O assassino nunca foi encontrado. Sua juventude apontava para um futuro sem perspectivas: Ellroy se viciou em drogas e foi preso diversas vezes por furto. Na década de 1970, recuperado, começou a dedicar-se à literatura e, vinte anos depois, se consagrou como o nome central da ficção policial norte-americana. *Dália Negra*, *O grande deserto*, *Jazz branco* e *Sangue errante* são alguns de seus livros publicados no Brasil. Em 1997, *Los Angeles cidade proibida* ganhou uma adaptação para o cinema, com Russell Crowe, Kevin Spacey e Kim Basinger nos papéis principais.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E43I

Ellroy, James, 1948-

Los Angeles cidade proibida / James Ellroy; tradução de Alves Calado.
— Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

Tradução de: L. A. Confidential
ISBN 978-85-7799-188-4

1. Ficção americana. I. Calado, Alves, 1953-. II. Título.

CD30823

CDU: 821.111(73)-3

Los Angeles cidade proibida, de autoria de James Ellroy.

Título número 254 das Edições BestBolso.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original norte-americano:

L.A. CONFIDENTIAL

Copyright © 1990 James Ellroy.

Copyright da tradução © by Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para Edições BestBolso, um selo da

Editora Best Seller Ltda. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A. e

Editora Best Seller Ltda são empresas do Grupo Editorial Record.

Los Angeles cidade proibida é uma obra de ficção. Nomes, personagens, fatos e lugares são frutos da imaginação do autor ou usados de modo fictício. Qualquer semelhança com fatos reais ou qualquer pessoa, viva ou morta, é mera coincidência.

www.edicoesbestbolso.com.br

Design de capa: Glenn O'Neill.

Todos os direitos desta edição reservados a Edições BestBolso um selo da

Editora Best Seller Ltda.

Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

ISBN 978-85-7799-188-4

Para
Mary Doherty Ellroy

Uma glória que custa tudo e significa nada...

Steve Erickson

Prólogo

21 de fevereiro de 1950

Uma estradinha abandonada ao pé das montanhas San Berdoo; Buzz Meeks chegou com 94 mil dólares, 9 quilos de heroína com alto grau de pureza, uma espingarda calibre 10, um 38 especial, uma 45 automática e um canivete de mola que ele comprara de um chicano na fronteira — logo antes de ver o automóvel estacionado do outro lado da linha: os capangas de Mickey Cohen em carros não oficiais da polícia de Los Angeles, policiais de Tijuana esperando para colocar a mão em parte de seus bens e jogar seu corpo no rio San Isidro.

Estava fugindo havia uma semana; gastara 56 mil dólares para ficar vivo: carros, esconderijos a 4 ou 5 mil por noite — taxas de risco, os donos das hospedarias sabiam que Mickey C. estava atrás dele por ter roubado sua droga e sua mulher, a polícia de Los Angeles o queria por ter matado um de seus homens. O contrato de Cohen para matá-lo impedia uma fantástica venda de drogas — ninguém podia movimentar a heroína com medo de represálias; o melhor que ele poderia fazer era deixá-la com os filhos de Doc Englekling — Doc iria congelá-la, empacotá-la, vendê-la mais tarde e lhe dar sua porcentagem. Doc costumava trabalhar para Mickey e era suficientemente esperto para temer o sacana; os irmãos, cobrando 15 mil dólares, mandaram-no para o El Serrano Motel e estavam arranjando sua fuga. Hoje, ao anoitecer, dois homens — especialistas em transportar imigrantes ilegais pela fronteira — iriam levá-lo até uma plantação de feijão e mandá-lo para a cidade da Guatemala pelas linhas aéreas pó branco. Ele teria cerca de 10 quilos de heroína trabalhando a seu favor nos Estados Unidos — se *ele* pudesse confiar nos garotos de Doc e se *eles* pudessem confiar nos transportadores de chicanos.

Meeks escondeu o carro num bosque de pinheiros, tirou sua mala, examinou os arredores.

O motel era em forma de ferradura, uma dúzia de quartos, os morros ao fundo — impossível chegar por trás.

O pátio era de cascalho solto coberto por gravetos, restos de papel, garrafas de vinho vazias — passos fariam barulho, pneus quebrariam paus e vidros.

Havia apenas um acesso — a estrada pela qual ele viera quem quisesse fazer um reconhecimento teria de abrir caminho por entre o mato fechado até encontrar um ponto de observação.

Ou eles poderiam estar à espera num dos quartos.

Meeks pegou a calibre 10, começou a chutar portas. Uma, duas, três, quatro — teias de aranha, ratos, banheiros com vasos sanitários entupidos, comida podre, revistas em espanhol — os transportadores de chicanos provavelmente usavam o lugar para abrigar os *cucarachas* a caminho das fazendas de escravos em Kern County. Cinco, seis, sete, bingo — famílias mexicanas emboladas em colchões, apavoradas ao ver o homem branco com uma arma, “Calma, calma”, disse para mantê-los tranquilos. A última fileira de quartos estava vazia; Meeks pegou sua sacola, jogou no número 12: vista para a frente e para o estacionamento, um colchão de molas cuspidando o estofo, nada mau para uma última cama americana.

Um calendário de mulher pelada preso à parede; Meeks virou as páginas até abril e procurou seu aniversário. Uma quinta-feira — a modelo tinha dentes ruins, mas parecia boa, fez com que ele pensasse em Audrey: ex-stripper, ex-namorada de Mickey; o motivo de ele ter matado um policial, estragado o negócio da heroína entre Cohen e Dragna. Folheou até dezembro, imaginou as chances de sobreviver ao fim do ano e se apavorou: um vazio nas entranhas, uma veia na testa começando a fazer top, top, top, deixando-o suado.

Piorou o nervosismo. Meeks deixou seu arsenal no parapeito de uma janela, encheu os bolsos com munição: balas para o 38, pentes extras para a automática. Enfiou o canivete no cinto, cobriu a janela dos fundos com o colchão, abriu uma fresta na janela da frente para o ar entrar. Uma brisa esfriou seu suor; ele olhou para meninos chicanos brincando com uma bola de beisebol.

Ficou ali parado. Imigrantes ilegais se juntavam do lado de fora: apontando para o sol como se medissem o tempo por ele, doidos para o caminhão aparecer — trabalho duro em troca de cama e comida. O crepúsculo chegou; os *cucarachas* começaram a tagarelar. Meeks viu dois brancos — um gordo, um magro — entrando no

pátio. Acenaram de forma efusiva; os chicanos acenaram de volta. Não pareciam policiais ou capangas de Cohen. Meeks saiu, segurando atrás do corpo a calibre 10.

Os homens acenaram: largos sorrisos, sem ameaças. Meeks verificou a estrada — um sedã verde estacionado atravessado, bloqueando alguma coisa azul-clara, brilhante demais para ser o céu aparecendo através das árvores. Captou o brilho de uma pintura metálica, deduziu num átimo: Bakersfield, o encontro com os caras que precisavam de tempo para pegar o dinheiro. *O cupê azul-claro que tentou atropelá-lo um minuto depois.*

Meeks sorriu: rapaz amigável, sem más intenções. Um dedo no gatilho; sacando o magrelo: Mal Lunceford, um cana durão da Delegacia de Hollywood — costumava ficar de olho nas garçonetes do Scrivener's Drive-in, estufando o peito para mostrar as medalhas. O gordo, mais perto, disse:

— Estamos com um avião esperando.

Meeks girou a espingarda, apertou o gatilho. O gordo recebeu um balaço e voou sobre Lunceford, derrubando-o. Os imigrantes deram no pé atropelando-se; Meeks correu para o quarto, ouviu a janela de trás quebrando, puxou o colchão. Alvo fácil: dois homens, três tiros de carga tripla, cara a cara.

Os dois se arrebetaram; vidro e sangue cobriram mais três que vinham junto à parede. Meeks pulou a janela, caiu no chão, disparou contra os três pares de pernas que estavam juntas; sua mão livre agitou-se, pegou o revólver na cintura de um morto.

Gritos vindos do pátio; pés correndo no cascalho. Meeks largou a espingarda, cambaleou até a parede. Foi até os homens, gosto de sangue na boca — tiros à queima-roupa nas cabeças.

Sons no quarto; dois rifles ao alcance da mão. Meeks gritou:

— Pegamos o cara!

Ouviu gritos de comemoração, viu braços e pernas saindo pela janela. Puxou a arma mais próxima e mandou ver. Era totalmente automática: alvos apanhados numa armadilha, pedaços de reboco explodindo, madeira seca queimando.

Por cima dos corpos, para dentro do quarto. A porta da frente permanecia aberta; seus revólveres ainda estavam no parapeito. Houve um som estranho. Meeks viu um homem deitado de barriga para cima — apontando de trás da cama.

Jogou-se no chão, chutou, errou. O homem disparou um tiro — perto. Meeks agarrou o canivete de mola, saltou, golpeou: o

pescoço, o rosto, o homem gritando, atirando — balas ricocheteando longe. Meeks cortou a garganta dele, arrastou-se e fechou a porta com o pé, pegou os revólveres e simplesmente respirou.

O fogo se espalhando: corpos, pinheiros; a porta da frente, sua única saída. *Quantos homens mais com o dedo no gatilho?*

Tiros.

Do pátio: calibre grosso arrancando pedaços de parede. Um deles bateu na perna de Meeks; um tiro passou de raspão em suas costas. Ele se jogou no chão, os tiros continuaram chegando, a porta caiu — ele foi esmagado em meio ao fogo cruzado.

Fim dos tiros.

Meeks enfiou as armas sob o peito, esparramou-se como um defunto. Segundos se arrastaram; quatro homens entraram segurando rifles.

Sussurros:

— Defunto.

— Vamos ter muito cuidado.

— Escroto maluco de Oklahoma.

Passando pela porta, Mal Lunceford não era um deles. Passos.

Chutes na lateral de seu corpo, respirações ofegantes, fungadas. Um pé entrou debaixo dele. Uma voz disse:

— Escroto.

Meeks agarrou o pé; o cara do pé cambaleou para trás. Meeks girou atirando — de perto, acertou todos. Quatro homens caíram; Meeks teve uma visão turva, de cabeça para baixo: o pátio, Mal Lunceford girando. Depois, atrás dele:

— Olá, garoto.

Dudley Smith apareceu através das chamas, vestido numa capa do corpo de bombeiros. Meeks viu sua mala — 94 mil dólares, a droga — sobre o colchão.

— Cara, você veio preparado.

— Como os escoteiros, garoto. Quais são suas últimas palavras?

Suicídio: roubar um bagulho vigiado por Dudley Smith. Meeks levantou as armas; Smith atirou primeiro. Meeks morreu — pensando que o El Serrano Motel era exatamente igual ao Alamo.

Parte I

Natal Sangrento

1

Bud White num carro não oficial, olhando o “1951” piscar na árvore de Natal da prefeitura. O banco de trás estava cheio de bebidas para a festa da delegacia; ele havia filado dos comerciantes durante o dia inteiro, evitando a ordem de Parker: os homens casados folgavam no dia 24 e no Natal, a ronda era feita apenas pelos solteiros, o Esquadrão de Detetives da Central era destacado para caçar vagabundos: o chefe queria os mendigos locais no xilindró para que não aparecessem na festa que o prefeito Bowron faria ao ar livre para as crianças carentes e comessem todos os doces. No Natal passado, um crioulo maluco botou o pau para fora, mijou numa jarra de limonada dedicada especialmente aos pirralhos de um orfanato e disse para a Sra. Bowron: “Se manca, sua puta.” William H. Parker passou seu primeiro Natal como chefe do Departamento de Polícia de Los Angeles levando a mulher do prefeito para ser sedada na emergência do Central, e agora, um ano depois, *ele* estava pagando o preço.

O banco de trás, atulhado de bebida, fazia sua coluna vertebral parecer uma gelatina. Ed Exley, encarregado do turno, era um caretão que poderia ter um ataque ao ver cem policiais enchendo a cara na sala de reuniões. E Johnny Stompanato estava vinte minutos atrasado.

Bud ligou o rádio de comunicação. Saiu um zumbido: furtos no comércio, assalto numa loja de bebidas em Chinatown. A porta do lado do passageiro se abriu; Johnny Stompanato entrou.

Bud acendeu a luz do painel.

— Boas-festas — disse Stompanato. — E onde está Stensland? Tenho dicas para vocês dois.

Bud o avaliou. O guarda-costas de Mickey Cohen estava há um mês sem trabalhar — Mickey tinha rodado por sonegação de impostos. Prisão federal, três a sete anos na ilha McNeil. Johnny

Stomp voltara a fazer as unhas em casa e a passar as próprias calças.

— É *sargento* Stensland. Ele está caçando vagabundos e, de qualquer modo, o pagamento é o mesmo.

— Que pena. Gosto do estilo de Dick. Você sabe disso, *Wendell*.

Johnny bonitinho: como uma galinha-d'angola, madeixas impecáveis à Pompadour. Bud ouvira dizer que ele era bem-dotado como um cavalo e, apesar disso, ainda botava enchimento para aumentar a mala.

— O que você tem?

— Dick é melhor para conversar amenidades do que você, *policia*l White.

— Você tem tesão por mim ou só quer bater papo furado?

— Eu tenho tesão por Lana Turner, você tem tesão por caras que batem na mulher. Também ouvi dizer que você é uma verdadeira doçura com as damas e não é tão exigente com relação à beleza.

Bud estalou os nós dos dedos.

— E você fode as pessoas para ganhar a vida, e todo o dinheiro dado por Mickey para a caridade não vai torná-lo melhor do que um traficante de drogas ou que um cafetão. De modo que a porra do meu interesse em pegar machões que batem nas esposas não me transforma em você. *Capisci*, seu bosta?

Stompanato sorriu — nervoso; Bud olhou pela janela. Um Papai Noel do Exército da Salvação catou moedas dentro da panela, de olho na loja de bebidas do outro lado da rua.

— Olha — disse Stomp —, você quer informações e eu preciso de dinheiro. Mickey e Davey Goldman estão em cana, e Mo Jahelka está cuidando das coisas enquanto eles ficam longe. Mo está na pior, e não tem trabalho para mim. Jack Whalen não poderia me contratar, e não tenho recebido nenhum envelope do Mickey.

— Nenhum envelope? Mickey está cheio da grana. Ouvi dizer que ele pegou de volta a heroína que foi roubada da transação com Jack D.

Stompanato balançou a cabeça.

— Ouviu errado. Mick pegou o ladrão, mas a heroína não está em lugar nenhum e o cara sumiu com 150 mil dólares de Mickey. De modo que, *policia*l White, *eu* preciso de grana. E se sua verba para informantes ainda está de pé, tenho umas histórias da pesada.

— Passe para a vida honesta, Johnny. Seja um homem sério como eu e Dick Stensland.

Stomp deu um risinho — saiu fraco.

— Um assaltante por 20 ou um ladrão de lojas que bate na mulher por 30. Escolha o que vai render emoção mais rápido: eu vi o cara roubando na Ohrbach's quando vinha para cá.

Bud puxou uma nota de 20 e uma de 10; Stompanato pegou-as.

— Ralphie Kinnard. É louro e gordo, uns 40 anos. Está usando mocassim de camurça, paletó e calça de flanela cinza. Ouvi dizer que anda batendo na mulher e cafetinando ela para cobrir suas perdas no pôquer.

Bud anotou.

— Boas-festas, Wendell — disse Stompanato.

Bud agarrou-o pelo colarinho e o puxou; Stomp bateu com a cabeça no painel.

— Feliz ano-novo, escroto.

A OHRBACH'S ESTAVA APINHADA — compradores se acotovelando nos balcões e nos cabides de roupas. Bud abriu caminho até o terceiro andar, paraíso dos ladrões de lojas: joias, bebidas finas.

Balcões cheios de relógios; filas de trinta caixas registradoras. Bud procurava homens louros, empurrado por donas de casa e moleques. E então — visão rápida — um cara louro com mocassim de camurça entrando no banheiro dos homens.

Bud entrou. Duas figuras de pé diante de mictórios; calça de flanela cinza batendo no chão do cubículo do toalete. Bud se agachou, olhou dentro — bingo, mãos acariciando joias. Os velhos fecharam as braguilhas e saíram; Bud bateu na porta do cubículo.

— Saia, é o Papai Noel.

A porta se abriu num repelão; um punho voou para fora. Bud recebeu-o de cara, bateu numa pia, tropeçou. Abotoaduras na cara, Kinnard disparando. Bud se levantou e partiu atrás.

Na porta, consumidores bloqueando-o; Kinnard vai para uma saída lateral. Bud atrás — lá, pela escada de incêndio. O estacionamento estava vazio: nenhum carro indo embora, nada do Ralphie. Bud correu até seu veículo, ligou o rádio.

— 4A31 para despachante, requisitando.

Estática, e depois:

— Positivo, 4A31.

— Último endereço conhecido. Homem branco, nome Ralph, sobrenome Kinnard. Acho que é K-I-N-N-A-R-D. Depressa, tá?

O sujeito confirmou; Bud ficou dando socos: bam-bam-bam-bam-bam. O rádio estalou:

— 4A31, positivo, sua requisição.

— 4A31 positivo.

— Positivo para Kinnard, Ralph Thomas, homem branco, data de nascimento...

— Só a droga do endereço, eu disse...

O despachante soltou o ar com ruído.

— Para a sua meia de Natal, seu merda. O endereço é Evergreen, 1.486, e espero que você...

Bud desligou o rádio, foi para o leste em direção ao City Terrace. Pisando fundo, mão na buzina, chegando à Evergreen em cinco minutos contados. Os quarteirões dos 1.200, 1.300 passaram; os 1.400 — casas pré-fabricadas — chegaram.

Estacionou, seguiu as placas até o 1.486 — uma construção de estuque com um trenó de Papai Noel de néon no telhado. Luzes dentro; um Ford de antes da guerra na entrada de veículos. Através de uma janela de vidro: Ralphie Kinnard intimidando uma mulher vestida com roupão de banho.

A mulher tinha rosto gorducho, cerca de 35 anos. Ela se afastou de Kinnard; o roupão se abriu. Seus seios estavam machucados, as costelas laceradas.

Bud voltou para pegar as algemas, viu a luz do rádio piscando e respondeu:

— 4A31, câmbio.

— Positivo, 4A31. Dois guardas agredidos junto a uma taverna na Riverside, 1.990, seis suspeitos fugiram. Foram identificados pelas placas dos carros e outras unidades foram alertadas.

Bud sentiu arrepios.

— Foi ruim para os nossos homens?

— Se foi. Vá à Avenida 53, 5.314, Lincoln Heights. Prenda Dinardo, D-I-N-A-R-D-O, Sanchez, 21 anos, mexicano.

— Positivo, e mande alguém à Evergreen, 1.486. Levar suspeito branco. Não vou estar aqui, mas eles vão logo vê-lo. Diga que eu faço a denúncia.

— Fichar na Delegacia de Hollenbeck?

Bud confirmou, pegou as algemas. Voltou à casa e foi até o quadro de fusíveis e desligou-os até todas as luzes se apagarem. O trenó de Papai Noel continuou iluminado; Bud segurou um fio e puxou. A estrutura caiu no chão: renas explodindo.

Kinnard saiu correndo, tropeçou numa das renas. Bud algemou os pulsos dele, empurrou sua cara contra a calçada. Ralphie gritou e comeu cascalho; Bud lançou seu discurso contra espancadores de esposas:

— Você vai sair dentro de um ano e meio, e eu vou saber quando. Vou descobrir quem é seu agente de condicional e vou ficar amiguinho dele. Vou visitar você e dizer olá. Se tocar nela de novo eu vou saber, e vou conseguir que você seja preso sob a acusação de ser estuprador de criancinhas. Sabe o que fazem com estupradores de criancinhas em Quentin? Hein? Claro que sabe.

As luzes se acenderam — a mulher de Kinnard estava mexendo nos fusíveis.

— Posso ir para a casa da minha mãe? — perguntou ela.

Bud esvaziou os bolsos de Ralphie — chaves, um rolo de notas.

— Pegue o carro e arranje um lugar para ficar.

Kinnard cuspiu dentes. A Sra. Ralphie pegou as chaves e uma nota de 10 dólares.

— Feliz Natal — disse Bud.

A Sra. Ralphie jogou um beijo e deu ré no carro, passando os pneus sobre as renas que piscavam.

AVENIDA 53 — CÓDIGO 2, SEM SIRENE. Um carro preto e branco, da polícia, chegou segundos antes dele; dois policiais uniformizados e Dick Stensland saíram e ficaram juntos.

Bud tocou a buzina; Stensland se aproximou.

— Quem está aí, parceiro?

Stensland apontou para um barraco.

— O cara anunciado pelo rádio, talvez mais. Foram uns quatro *cucarachas* e dois brancos que pegaram os nossos colegas. Brownell e Helenowski. Brownell talvez esteja com dano cerebral, Helenowski talvez tenha perdido um olho.

— São muitos “talvez”.

Stens fedia: Listerine, gim.

— Quer fazer jogo de palavras?

Bud saiu do carro.

— Sem jogo de palavras. Quantos já foram presos?

— Nenhum. Vamos fazer a primeira prisão.

— Então diga aos uniformizados para ficarem de fora.

Stens balançou a cabeça.

— Eles são colegas do Brownell. Querem fazer parte.

— Necas. O negócio é nosso. Nós fichamos os caras, fazemos o relatório e armamos a festa na troca de plantão. Eu tenho três caixas: Walker Black, Jim Beam e Cutty.

— Exley é o encarregado do turno. O sujeito é um pé no saco, e você pode apostar que ele não vai aprovar bebidas durante o serviço.

— É, mas Frieling é o subencarregado, e ele é uma porra de um bêbado como você. Portanto, não se preocupe com Exley. E eu tenho primeiro de escrever um relatório; então vamos resolver isso aqui de uma vez.

Stens riu.

— Agressão contra mulher? O que é — 623.1 no Código Penal da Califórnia? Então eu sou uma porra de um bêbado e você é uma porra de um benfeitor.

— É, e você está fedendo. E agora?

Stens piscou; Bud andou de lado — até a varanda, arma em punho. O barraco estava escuro, de cortinas fechadas; Bud ouviu um anúncio de rádio: Chevrolet Felix the Cat. Dick chutou a porta.

Gritos, uma mulher e um homem mexicanos se levantando. Stens apontou na altura da cabeça; Bud bloqueou seu tiro. Num corredor, Bud chegando perto, Stens ofegante, tropeçando nos móveis. A cozinha — os *cucarachas* sem saída, junto a uma janela.

Eles se viraram e ergueram as mãos; um adolescente chicano, uma garota bonita, com uns seis meses de gravidez.

O garoto beijou a parede — profissional em ser revistado. Bud fez a busca: a identidade dizia Dinardo Sanchez, moleza. A garota gemia; sirenes guincharam do lado de fora. Bud virou Sanchez, chutou-o no saco.

— Pelos nossos homens, Pancho. E você deu sorte.

Stens agarrou a garota. Bud falou:

— Vá para algum lugar, doçura. Antes que meu amigo verifique seu *green card*.

O “*green card*” deixou-a apavorada.

— *Madre mia! Madre mia!*

Stens empurrou-a para a porta; Sanchez gemeu. Bud viu policiais uniformizados apinhando a entrada de veículos.

— Vamos deixar que eles levem Pancho.

Stens respirou fundo.

— Vamos entregar o cara aos colegas de Brownell.

Dois policiais com jeito de recruta entraram — Bud viu sua saída.

— Algemem e fiquem o malandro. Agressão a policial e resistência à prisão.

Os recrutas arrastaram Sanchez para fora.

— Você e as mulheres — disse Stens. — O que vem em seguida? Crianças e cachorros?

A Sra. Ralphie — toda machucada para o Natal.

— Estou trabalhando nisso. Venha, vamos levar aquela bebida. Seja bonzinho e eu deixo você ficar com uma garrafa inteira.

2

Preston Exley puxou o pano. Os convidados fizeram Ohs! e Ahs!; um vereador bateu palmas, derramou coquetel numa matrona da sociedade. Eddie Exley pensou: esta não é uma noite de Natal típica para um policial.

Olhou para o relógio — 20h46 —; tinha de estar na delegacia à meia-noite. Preston Exley apontou para a maquete.

Ocupava metade de seu escritório: um parque de diversões cheio de montanhas de papel machê, foguetes, cidades do Velho Oeste. Personagens de desenho animado no portão: o rato Moochie, o esquilo Scooter, o pato Danny. Todos os de Raymond Dieterling — que apareciam em *Dream-a-Dream Hour* e em uma quantidade de desenhos animados.

— Senhoras e senhores, apresento a vocês o Dream-a-Dreamland. A Exley Construction vai construí-lo em Pomona, Califórnia, e a inauguração será em abril de 1953. Será o parque de diversões mais sofisticado da história, um universo onde crianças de todas as idades poderão desfrutar a mensagem de alegria e boa vontade que é a marca registrada de Raymond Dieterling, pai da animação moderna. A Terra dos Sonhos mostrará todos os personagens de Dieterling e será um porto seguro para os jovens de idade e os jovens de coração.

Eddie olhou para o pai: 57 anos e aparentando 45, policial de uma longa linhagem de policiais encastelados numa mansão de Hancock Park, com políticos abrindo mão das noites de Natal a um estalar de seus dedos. Os convidados aplaudiram; Preston apontou para uma montanha coberta de neve.

— O Mundo de Paul, senhoras e senhores. Uma réplica em escala real de uma montanha na Sierra Nevada. O Mundo de Paul terá um empolgante passeio de tobogã e uma cabana de esquiadores onde Moochie, Scooter e Danny irão representar peças curtas para

toda a família. E quem é o Paul do Mundo de Paul? Paul era filho de Raymond Dieterling, desaparecido tragicamente na adolescência em 1936 durante uma avalanche quando estava acampando — numa montanha exatamente como esta aqui. Assim, vindo da tragédia, surge um monumento à inocência. E, senhoras e senhores, cada centavo de dólar gasto no Mundo de Paul irá para a Fundação para as Crianças com Pólio.

Aplausos entusiásticos. Preston balançou a cabeça na direção de Timmy Valburn — o ator que representava o rato Moochie no *Dream-a-Dream Hour* — sempre mastigando queijo com seus dentes grandes. Valburn cutucou o homem a seu lado; o homem cutucou-o de volta.

Art de Spain viu o olhar de Eddie; Valburn começou sua encenação de Moochie. Eddie guiou De Spain até o corredor.

— Essa é uma tremenda surpresa, Art.

— Dieterling vem anunciando no *Dream Hour*. Seu pai não lhe contou?

— Não, eu não sabia que ele conhecia Dieterling. Ele o conheceu durante o caso Atherton? Wee Willie Wennerholm não era um dos astros-mirins de Dieterling?

De Spain sorriu.

— Na época eu era o humilde auxiliar de seu pai, e não creio que esses dois homens tenham se cruzado alguma vez. Preston simplesmente *conhece* pessoas. E, a propósito, você notou o homem camundongo e o colega?

Eddie confirmou com a cabeça.

— Quem é ele?

Risos vindos do escritório; De Spain guiou Eddie até o estúdio.

— É Billy Dieterling, filho de Ray. É cameraman no *Badge of Honor*, que enaltece nosso amado Departamento de Polícia de Los Angeles para milhões de telespectadores a cada semana. Talvez Timmy espalhe um pouquinho de queijo no pau dele antes de chupar.

Eddie gargalhou.

— Art, você é um sacana.

De Spain se esparramou numa poltrona.

— Eddie, de ex-policial para policial, você fala palavras como “sacana” e fica parecendo um professor universitário. E na verdade você não é um “Eddie”, você é um “Edmund”.

Eddie ajustou os óculos.

— Percebo que vem aí um conselho de avô. Ficar na ronda, porque Parker chegou a chefe assim. Administrar minha carreira porque eu não tenho presença para comandar.

— Você não tem senso de humor. E não dá para se livrar desses óculos? Force a vista, sei lá. Afora Thad Green, não consigo pensar em um cara do Bureau que use óculos.

— Meu Deus, você sente saudades do departamento. Acho que se pudesse sair da Exley Construction e abrir mão de 50 mil dólares por ano em troca de um emprego de recruta no DPLA, você aceitaria.

De Spain acendeu um charuto.

— Só se seu pai viesse comigo.

— Sério?

— Sério. Eu era tenente enquanto Preston era inspetor, e continuo sendo um homem que ocupa o segundo lugar. Seria bom ficar quite com ele.

— Se você não fosse um conhecedor de madeiras, a Exley Construction não existiria.

— Obrigado. E livre-se desses óculos.

Eddie pegou uma foto emoldurada: seu irmão Thomas vestido de uniforme — tirada um dia antes de morrer.

— Se você fosse um recruta, eu iria puni-lo por insubordinação.

— Sem dúvida. Que lugar você tirou na prova para tenente?

— Primeiro, entre 23 candidatos. Eu fui o candidato mais novo em oito anos, com o menor tempo como sargento e o menor tempo no departamento.

— E você quer o Bureau de Detetives.

Eddie colocou a foto no lugar.

— Sim.

— Então, primeiro tem de esperar no mínimo um ano para aparecer uma vaga, depois deve pensar que provavelmente será uma vaga na ronda, depois terá de perceber que uma transferência para o Bureau vai levar anos e um bocado de puxa-saquismo. Você está com 29 agora?

— É.

— Então vai ser um tenente-detetive aos 30 ou 31. Subir de posto tão novo causa ressentimento. Eddie, deixando as brincadeiras de lado: você não é feito para o negócio. Você não faz o tipo policial durão. *Você não faz o gênero do Bureau.* E Parker, como chefe, estabeleceu um precedente para que os policiais da

ronda subam até o posto máximo. Pense nisso.

— Art, eu quero trabalhar em casos. Tenho contatos e ganhei a Cruz do Mérito em Serviço, coisa que algumas pessoas podem ver como características de um policial durão. E vou *receber* uma indicação para o Bureau.

De Spain espanou as cinzas da faixa de seu smoking.

— Podemos falar a sério, meu garoto?

O clima de apreço azedou.

— Claro.

— Olha... Você é bom, e com o tempo pode se tornar realmente bom. E não duvido por um segundo de seu instinto assassino. Mas seu pai era implacável e simpático. E você não é, portanto...

Eddie fechou os punhos.

— Portanto, tio Arthur? De um policial que deixou o departamento em troca de dinheiro para um policial que nunca deixaria, qual é o seu conselho?

De Spain se encolheu.

— Então seja um bajulador e puxe o saco do homem certo. Beije o rabo de William H. Parker e reze para estar no lugar certo na hora certa.

— Como você e meu pai?

— *Touché*, meu garoto.

Eddie olhou para seu uniforme: a roupa azul padrão pendurada num cabide. Vincos parecendo navalhas, divisas de sargento, uma divisa por tempo de serviço.

— Logo vai receber faixas douradas, Eddie — disse De Spain. — E um ramo no quepe. E eu não estaria enchendo seu saco se não me importasse com você.

— Sei disso.

— E você é uma porcaria de um herói de guerra.

Eddie mudou de assunto.

— É Natal. Você está pensando em Thomas.

— Eu vivo pensando que poderia ter dito alguma coisa a ele. Ele nem mesmo conseguiu abrir a aba do coldre.

— Um batedor de carteiras armado? Ele não poderia saber.

De Spain bateu o charuto.

— Thomas era um policial nato, e eu sempre achava que ele me diria coisas. É por isso que tendo a ficar falando essas coisas com você.

— Ele está morto há 12 anos, e vou enterrá-lo como policial.

— Vou esquecer que você disse isso.

— Não, lembre. Lembre quando eu chegar ao Bureau. E quando papai oferecer brindes a Thomas e a mamãe, não fique sentimental, isso o deixa arrasado durante dias.

De Spain se levantou, ruborizado; Preston Exley entrou com copos e uma garrafa.

— Feliz Natal, papai — disse Eddie. — E parabéns.

Preston serviu as bebidas.

— Obrigado. A Exley Construction conseguiu um serviço melhor que a rodovia de Arroyo Seco criando um reino para um roedor glorificado, e nunca mais vou comer queijo. Um brinde, cavalheiros. Ao descanso eterno de meu Thomas e de minha esposa Marguerite, a nós três reunidos aqui.

Os homens beberam; De Spain serviu mais. Eddie fez o brinde predileto do pai:

— À solução de crimes que exigem justiça absoluta.

Mais três doses foram engolidas.

— Pai — disse Eddie —, eu não sabia que você conhecia Raymond Dieterling.

Preston sorriu.

— Eu o conheço em termos comerciais há anos. Art e eu mantivemos o contrato secreto a pedido de Raymond; ele quer anunciar naquele seu programa infantil da televisão.

— Você o conheceu durante o caso Atherton?

— Não, e claro que na época eu não estava no ramo de construção civil. Arthur, você tem um brinde a propor?

De Spain gostava de brindes curtos.

— A um cargo no Bureau para o nosso futuro tenente-detetive.

Risos.

— Joan Morrow estava perguntando sobre sua vida amorosa, Edmund — disse Preston. — Acho que ela está caidinha.

— Você vê uma debutante como mulher de policial?

— Não, mas eu poderia visualizá-la casada com um policial de alto posto.

— Chefe de detetives?

— Não, eu pensava mais em termos de comandante da Divisão de Ronda.

— Pai, Thomas ia ser seu chefe de detetives, mas ele morreu. Não me negue a oportunidade. Não me faça viver um velho sonho seu.

Preston olhou para o filho.

— Entendi, e te dou os parabéns por ter falado. E admito, esse era meu sonho original. Mas a verdade é que não acho que você tenha o olhar certo para identificar as fraquezas humanas que um bom detetive costuma ter.

Seu irmão: um cérebro matemático louco por garotas bonitas.

— E Thomas tinha?

— Tinha.

— Pai, eu teria atirado naquele batedor de carteiras no segundo em que ele enfiasse a mão no bolso.

— Que droga — disse De Spain; Preston o fez calar.

— Está tudo bem. Edmund, algumas perguntas antes de eu voltar aos meus convidados. Uma: você estaria disposto a plantar provas comprobatórias num suspeito que você soubesse ser culpado, só para garantir um indiciamento?

— Eu precisaria...

— Responda sim ou não.

— Eu... não.

— Você estaria disposto a atirar em assaltantes violentos pelas costas só para impedir que eles pudessem se aproveitar de falhas no sistema legal e ficar livres?

— Eu...

— Sim ou não, Edmund.

— Não.

— E você estaria disposto a torturar suspeitos que você soubesse que eram culpados para conseguir uma confissão?

— Não.

— Você estaria disposto a forjar provas numa cena de crime para sustentar a hipótese de trabalho de um promotor?

— Não.

Preston suspirou.

— Então, pelo amor de Deus, prenda-se a tarefas em que não tenha de fazer essas opções. Use a inteligência superior que o Senhor lhe deu.

Eddie olhou para seu uniforme.

— Vou usar essa inteligência como detetive.

Preston sorriu.

— Detetive ou não, você tem qualidades de persistência que Thomas não possuía. Você vai se dar bem, meu herói de guerra.

O telefone tocou; De Spain atendeu. Eddie pensou em trincheiras

japonesas forjadas e não pôde enfrentar os olhos de Preston.

— É o tenente Frieling na delegacia — disse De Spain. — Falou que a cadeia está quase cheia e que dois policiais foram atacados no início da noite. Dois suspeitos estão presos e mais quatro continuam à solta. Ele disse que você deve ir para lá mais cedo.

Eddie se virou de novo para o pai. Preston estava no corredor, batendo papo com o prefeito Bowron, que usava um chapéu do rato Moochie.

3

Recortes de jornal no quadro de cortiça: “Combatente contra as drogas ferido em tiroteio”; “Ator Mitchum preso numa blitz em boca de fumo”, matérias da *Hush-Hush* emolduradas sobre a mesa: “Viciados tremem quando aparece policial que é o flagelo das drogas”; “Atores concordam: *Badge of Honor* deve autenticidade a enérgico conselheiro técnico.” A matéria sobre *Badge* mostrava uma foto: o sargento Jack Vincennes com o astro da série, Brett Chase. A matéria não mostrava as fofocas do arquivo pessoal do editor: Brett Chase como um pedófilo com três prisões por sodomia anuladas.

Jack Vincennes olhou para a cadeia da Delegacia de Narcóticos — deserta, escura, a luz apenas em seu cubículo. Faltando dez minutos para a meia-noite; ele prometera a Dudley Smith datilografar um relatório sobre o crime organizado para a Divisão de Inteligência; prometera ao tenente Frieling uma caixa de bebida para a festa da delegacia — Sid Hudgens, da *Hush-Hush*, deveria aparecer com o rum, mas não tinha ligado. O relatório de Dudley: um favor porque ele datilografava cem palavras por minuto; um favor devolvido amanhã: um encontro entre Dud e Ellis Loew, almoço no Pacific Dining Car — trabalho em vista, trabalho que lhe garantiria pontos com a promotoria. Jack acendeu um cigarro e leu.

Tremendo relatório: 11 páginas, muito prolixo, muito Dudley. O tema: atividade da máfia de Los Angeles enquanto Mickey Cohen estava no xadrez. Jack revisou, datilografou.

Cohen estava na Prisão Federal da ilha McNeil: cumprindo de três a sete anos por sonegação de impostos. Davey Goldman, o homem do dinheiro de Mickey, estava lá: de três a sete anos, condenado por fraude fiscal. Smith previa possíveis escaramuças entre o capanga de Cohen, Morris Jahelka, e Jack Whalen, “o executor”; com o chefe da máfia Jack Dragna deportado, eles surgiam como os dois homens com maior probabilidade de

controlar a agiotagem, as apostas, a prostituição e as corridas. Jimmy declarava que Jahelka era muito pouco importante para exigir vigilância policial, que John Stompanato e Abe Teitlebaum, os principais capangas de Cohen, pareciam ter ficado honestos. Lee Vachss, assassino profissional empregado por Cohen, estava fazendo trabalho religioso — vendendo remédios patenteados que garantiam induzir experiências místicas.

Jack continuou datilografando. A dica de Dud estava errada: Johnny Stomp e Abe Teitlebaum eram tortos de nascença — nunca poderiam ficar totalmente honestos. Colocou uma nova folha na máquina.

Outro tópico: a reunião de trégua em fevereiro de 1950 entre Cohen e Dragna — 12,5 quilos de heroína e 150 mil dólares supostamente roubados. Jack tinha ouvido boatos: um ex-policial chamado Buzz Meeks invadira o local de reunião, fugira e fora morto a tiros perto de San Bernardino — capangas de Cohen e policiais corruptos de Los Angeles mataram-no, contrato feito por Mickey: Meeks roubou Mickey e comeu a mulher dele. Supostamente, o produto do roubo continuava desaparecido. Teoria de Dudley: Meeks enterrou o dinheiro e a heroína em algum lugar desconhecido, e mais tarde foi morto por “pessoa ou pessoas desconhecidas” — provavelmente um matador trabalhando para Cohen. Jack sorriu: se a polícia de Los Angeles tinha participado da morte de Meeks, Dud nunca comprometeria o departamento — mesmo num relatório interno.

Em seguida, o resumo de Smith: com Mickey Cohen desaparecido, a ação da máfia reduzia-se; a polícia de Los Angeles deveria permanecer alerta para caras novas que quisessem ocupar os velhos pontos de Cohen; a prostituição atravessava a linha do condado, com a sanção do Departamento do Xerife. Jack assinou a última página “respeitosamente, tenente D. L. Smith”.

O telefone tocou.

— Narcóticos, Vincennes.

— Sou eu. Está com fome?

Jack fingiu um ataque de fúria — fácil —, exatamente o que Hudgens poderia ter feito com ele.

— Sid, você está atrasado. E a festa já está rolando.

— Tenho coisa melhor do que bebida. Tenho grana.

— Fale.

— O papo é o seguinte: Tammy Reynolds, coestrela de *Hope's*

Harvest, vai escancarar amanhã em grande estilo. Um cara que eu conheço acabou de vender um pouco de erva para ela; é garantia de flagrante. Ela vai fumar o bagulho na Maravilla, 2.245, Hollywood Hills. Você dá o flagrante, e eu coloco no próximo número. Como é Natal, vou deixar vazas as anotações para Morty Bendish, do *Mirror*, de modo que você vai aparecer nos grandes jornais também. Mais 50 em grana e o seu rum. Está me achando com cara da porra do Papai Noel?

— Fotos?

— De montão. Use o blazer azul, combina com seus olhos.

— Cem, Sid. Preciso de dois patrulheiros a 20 por cabeça e uma grana para o encarregado do turno da Delegacia de Hollywood. E você apronta o cenário.

— Jack! É Natal!

— Não, é porte de entorpecentes.

— Merda. Meia hora?

— Vinte e cinco minutos.

— Estou indo, seu sacana extorsionário.

Jack desligou, marcou um x no calendário. Mais um dia, sem bebida, sem festas — quatro anos e dois meses seguidos.

SEU PALCO ESTAVA ESPERANDO — a Maravilla toda enfeitada, dois policiais uniformizados no Packard de Sid Hudgens, o carro-patrolha deles mais adiante. A rua, escura e silenciosa; Sid preparara uma luz de arco voltaico. Dali tinham uma vista do boulevard — inclusive o Graumans Chinese —, fantástico para uma foto que situasse o local. Jack estacionou e foi até lá.

Sid o recebeu com o dinheiro.

— Ela está sentada no escuro, perto da árvore de Natal. A porta parece frágil.

Jack pegou seu 38.

— Mande os rapazes colocarem a bebida no meu porta-malas. Quer o Graumans ao fundo?

— Gosto disso! Jackie, você é o melhor do oeste!

Jack ficou olhando para ele: magro como um corvo, alguma coisa entre 35 e 50 anos — guardião das supremas sujeiras sobre a vida dos outros. Ou ele sabia o que acontecera em 24 de outubro de 1947 ou não; se soubesse, o trato deles era para a vida inteira.

— Sid, quando eu a trouxer até a porta, não quero a porcária

daquela luz em meus olhos. Diga isso ao fotógrafo.

— Considere dito.

— Bom, agora conte até 20.

Hudgens ficou contando; Jack foi até lá e chutou a porta. A luz de arco voltaico foi acesa, uma sala captada num átimo: árvore de Natal, dois jovens em roupas íntimas se agarrando. Jack gritou: Polícia! — os pombinhos congelaram; luz num pacote gordo de erva sobre o sofá. A garota começou a gritar; o garoto procurou as calças. Jack pôs um pé sobre o peito dele.

— As mãos, devagar.

O garoto juntou os pulsos; Jack o algemou com uma das mãos. Os uniformizados entraram e recolheram as provas; Jack descobriu o nome do moleque: Rock Rockwell, ator da RKO. A garota correu; Jack agarrou-a. Dois suspeitos seguros pelo pescoço... Saindo pela porta, descendo os degraus.

— O Grauman's, enquanto ainda temos luz! — gritou Hudgens.

Jack os enquadrrou: as belezuras seminuas. Flashes espocaram; Hudgens gritou:

— Corta! Acaba com isso!

Os uniformizados assumiram: Rockwell e a garota foram puxados gemendo até o carro-patrolha. Janelas se acenderam; curiosos abriram portas. Jack voltou para a casa.

Uma névoa de maconha — quatro anos depois o bagulho ainda cheirava bem. Hudgens abria gavetas, pegava vibradores, coleiras de cachorro cheias de tachas. Jack encontrou o telefone, procurou fornecedores na caderneta — era moleza. Um cartão de visitas caiu: “Fleur-de-Lis. Vinte e quatro horas por dia — O que você desejar.”

Sid começou a murmurar. Jack recolocou o cartão onde estava.

— Vamos ver como soa.

Hudgens pigarreou.

— É manhã de Natal na Cidade dos Anjos e, enquanto os cidadãos decentes dormem o sono dos justos, viciados buscam maconha, a erva que tem raízes no inferno. Tammy Reynolds e Rock Rockwell, astros do cinema com um dos pés no Hades, divertem-se na elegante residência de Tammy em Hollywood, sem saber que estão brincando com fogo sem luvas de amianto, sem saber que está chegando um homem para apagar aquele fogo: o célebre combatente do crime, o indomável, o vitorioso Jack Vincennes, flagelo dos maconheiros e dos viciados em geral. Agindo a partir da dica de um informante anônimo, o sargento Vincennes,

blá-blá-blá. Gosta, Jack?

— É, é sutil.

— Não, é uma circulação de novecentos mil exemplares e que continua crescendo. Acho que vou abordar a hipótese de que você se divorciou duas vezes porque suas esposas não conseguiram suportar sua cruzada, e que você recebeu esse nome num orfanato em Vincennes, Indiana. O Graaaaande Vêeeee.

Seu apelido na Narcóticos: Jack Lata de Lixo — em função da vez em que pegou Charlie Parker, o “Yardbird”, e o jogou numa lata de lixo do lado de fora do Clube Zamboanga.

— Você deve falar um pouco sobre *Badge of Honor*. Dizer que Miller Stanton é meu chapa, contar como ensinei Brett Chase a fazer papel de policial. Trabalho de consultor técnico, esse tipo de coisa.

Hudgens gargalhou.

— Brett ainda gosta de pré-adolescentes?

— Macaco gosta de banana?

— Só no zoológico. Obrigado pela matéria, Jack.

— De nada.

— Estou falando sério. É sempre bom ver você.

Sua barata escrota, você vai piscar porque sabe que pode me entregar para aquele bosta moralista do William H. Parker a qualquer momento que quiser — porque recebo grana desde 1948; você provavelmente tem por aí alguma documentação para deixá-lo limpo e me crucificar...

Hudgens piscou.

Jack se perguntou se Hudgens tinha *tudo* documentado.

A festa estava embalada, todo mundo em pé na sala de reuniões.

Um bar aberto: uísque, *bourbon*, uma caixa de rum trazida por Jack Vincennes, o Lata de Lixo. O preparado de Dick Stensland na geladeira: Old Crow, coquetel de ovo. Uma vitrola cuspiam histórias sujas de Natal: Papai Noel e suas renas trepando e chupando. A sala estava apinhada: policiais uniformizados da ronda noturna, o Esquadrão da Central — sedentos de tanto caçarem vagabundos.

Bud ficou olhando a multidão. Fred Turentine lançava dardos em cartazes de pessoas procuradas; Mike Krugman e Walt Dukeshearer jogavam “diga o nome daquele crioulo”, tentando identificar fotos de negros apostando 25 centavos a cada uma. Jack Vincennes bebia refrigerante; o tenente Frieling jazia desmaiado em sua mesa. Eddie Exley tentou fazer com que os homens ficassem quietos, desistiu, voltou para o trabalho: anotações sobre os prisioneiros, relatórios de prisão.

Quase todos os homens estavam bêbados ou se esforçando para isso.

Quase todos os homens falavam de Helenowski e Brownell, dos espancadores dos policiais já presos, dos dois ainda à solta.

Bud estava perto da janela. Boatos embolados chegavam até ele: Brownie Brownell tivera o lábio rachado até o nariz, um dos *cucarachas* havia comido a orelha esquerda de Helenowski. Dick Stens pegou uma espingarda e foi caçar chicanos. A esse ele dava crédito: tinha visto Dick carregando uma espingarda em direção ao estacionamento.

O barulho começava a ficar infernal — Bud foi até o estacionamento e se encostou num carro-patrulha.

Começou a garoar. Uma confusão perto da porta da cadeia — Dick Stens empurrando dois homens para dentro. Um grito; Bud diminuiu as apostas de Stens completar seus vinte anos na polícia:

com ele vigiando, era dinheiro empatado; sem ele, dois contra um. Da sala de reuniões: a voz de tenor de Frank Doherty, um choramingante *Silver Bells*.

Bud se afastou da música — fazia com que ele pensasse na mãe. Acendeu um cigarro, pensou nela assim mesmo.

Ele vira o assassinato. Dezesseis anos, impossível impedir. O velho chegou em casa; devia ter acreditado no aviso do filho: se tocar em mamãe de novo eu mato você. Dormindo — algemas nos pulsos e nos tornozelos, acordado — viu o escroto espancar a mãe até a morte, com uma barra de ferro. Ele gritou até ficar rouco; permaneceu algemado no quarto com o cadáver: uma semana, sem água, delirando — viu a mãe apodrecer. Um inspetor da escola o encontrou; o xerife de Los Angeles encontrou o velho. O julgamento, uma defesa alegando incapacidade mental, um pedido de acordo para homicídio culposo. Prisão perpétua, o velho recebendo condicional em 12 anos. Seu filho — o policial Wendell White, do DPLA — decidiu matá-lo.

O velho não estava em lugar algum.

Violara a condicional; a busca nos esconderijos em Los Angeles não rendeu nada. Bud continuou procurando, continuou acordando com o som de mulheres que gritavam. Sempre investigava; eram sempre apenas ruídos. Uma vez chutou uma porta e encontrou uma mulher com a mão queimada. De outra entrou para encontrar marido e esposa fazendo amor.

O velho não estava em lugar algum.

Entrou para o Bureau, virou parceiro de Dick Stens. Dick lhe mostrou os procedimentos, ouviu a história, disse para ele dar umas porradas para se vingar. O velho não estaria em lugar algum, mas uns chutes nos caras espancadores de mulheres poderiam fazer desaparecer os pesadelos. O primeiro que Bud apanhou foi fantástico: uma briga doméstica, a vítima era saco de pancadas havia muito tempo, e o preso, um tremendo fracassado. Bud pegou um desvio no caminho para a delegacia, perguntou ao cara se ele gostaria de dançar o tango com um homem, só para variar: sem algemas, ficaria livre da acusação se vencesse. O sujeito concordou; Bud quebrou seu nariz, o maxilar, rompeu o baço com um chute. Dick estava certo: os pesadelos acabaram.

Sua reputação como o sujeito mais durão do DPLA cresceu.

Manteve a linha; foi em frente, telefonemas de intimidação se os escrotos tivessem sido inocentados, porradas de boas-vindas se eles

tivessem cumprido pena e recebido condicional. Ele se esforçava para não ganhar trepadas por gratidão e arranjava mulheres em outros lugares. Mantinha uma lista de datas de julgamentos e de condicionais e mandava cartões-postais para os escrotos na penitenciária agrícola; recebeu várias reclamações de uso excessivo da força e as ignorou. Dick Stens transformou-o num detetive decente; agora ele bancava a babá do professor: mantendo-o meio sóbrio no serviço, segurando-o quando ele ficava a fim de atirar só por diversão. Tinha aprendido a se manter controlado; Stens era agora cheio de maus hábitos: filando bebida nos bares, deixando assaltantes à mão armada ficarem livres se dessem informações sobre drogas.

A música lá dentro desafinou — errado, não era realmente música. Bud ouviu guinchos — gritos vindos da cadeia.

O ruído duplicou, triplicou. Bud viu uma correria: da sala de reuniões para o bloco das celas. Um vislumbre: Stens ficando maluco, bebida, um tumulto — dar porrada nos que deram porradas nos policiais. Ele correu, chegou à porta num instante.

A passarela apinhada, portas de celas abertas, filas se formando, Exley gritando e pedindo ordem, tentando abrir caminho em meio à confusão, não chegando a lugar algum. Bud encontrou a lista de prisioneiros; marcas de verificação do lado de “Sanchez, Dinardo”, “Carbijal, Juan”, “Garcia, Ezekiel”, “Chasco, Reyes”, “Rice, Dennis”, “Valupeyk, Clinton” — todos os seis espancadores que estavam sob custódia.

Os mendigos na gaiola dos bêbados olhavam os policiais, boquiabertos.

Stens chegou à cela 4, balançando um soco-inglês.

Willie Tristano empurrou Exley contra a parede; Crum Crumley pegou suas chaves.

Policiais correram de cela em cela. Elmer Lentz, todo sujo de sangue, rindo. Jack Vincennes perto do escritório do encarregado — o tenente Frieling roncando em sua mesa.

Bud entrou correndo.

Esbarrou em cotovelos. Os homens viram quem era e abriram caminho. Stens entrou na número 3; Bud foi em frente. Dick trabalhava num chicano magrelo — porradas na cabeça —, o moleque de joelhos, catando dentes. Bud agarrou Stensland; o mexicano cuspiu sangue.

— Ei, Sr. White. Eu conheço você, seu putu. Você bateu em meu

amigo Caldo porque ele chicoteou a porra da mulher dele. Ela era uma tremenda puta, *pendejo*. Você não tem cabeça, porra?

Bud soltou Stens; o mexicano mostrou o dedo médio para ele. Bud deu-lhe um chute, acertou no pescoço. Viva, é isso aí, puta que o pariu. Bud bateu com a cabeça do vagabundo no teto; um policial uniformizado apareceu, enérgico. A voz de menino rico de Eddie Exley:

— Pare com isso, policial; é uma ordem!

O mexicano chutou-o nos bagos — um golpe balanceado. Bud foi de encontro às barras; o garoto disparou para fora da cela, bateu de cara em Vincennes. O Lata de Lixo ficou furioso — sangue em seu blazer de *cashmere*. Ele derrubou o vagabundo com um golpe de esquerda; Exley saiu correndo do bloco das celas.

Gritos, uivos, guinchos: mais alto do que mil sirenes.

Stens girou uma garrafa de gim. Bud viu cada um dos homens ali como se estivessem afundados para sempre nos bairros do criouléu. Na ponta dos pés, uma visão fantástica — Exley derramando a bebida no depósito.

Vozes: é, isso aí, grande Bud. Rostos para as vozes — tortos, errados. Exley ainda jogando fora a bebida, o Sr. Testemunha Abstêmia. Bud correu pela passarela e o trancou lá dentro.

Trancado numa sala de 2,5 x 2,5 metros. Sem janela, sem telefone, sem interfone. Prateleiras abarrotadas de formulários, esfregões, vassouras, uma pia entupida cheia de vodca e rum. A porta era reforçada com aço; a mistura de bebidas fedia a vômito. Gritos e sons surdos ressoavam através de uma abertura de ventilação.

Eddie bateu à porta — sem resposta. Gritou na abertura de ventilação — ar quente em seu rosto. Sentiu-se sem pai nem mãe, os caras do Bureau achavam que ele jamais chiaria. Imaginou o que seu pai faria numa situação daquelas.

O tempo se arrastou. O barulho na cadeia parou, disparou, parou, começou. Eddie bateu à porta — sem sorte. O cômodo ficou quente; o fedor da bebida tornava o ar abafado. Eddie sentia-se em Guadalcanal: escondendo-se dos japoneses, debaixo de corpos empilhados. O uniforme estava encharcado; se atirasse na fechadura as balas poderiam ricochetear e matá-lo. A notícia dos espancamentos iria se espalhar: uma investigação interna, processos civis, júri de instrução. Acusações de brutalidade policial; carreiras jogadas no esgoto. O sargento Edmund J. Exley crucificado porque não conseguiu manter a ordem. Eddie tomou uma decisão: lutar com o cérebro.

Escreveu no verso de formulários oficiais do departamento — primeira versão, a verdade:

Um boato deu início a tudo: John Helenowski perdeu um olho. O sargento Richard Stensland prendeu Rice, Dennis, Valupeyk e Clinton — ele espalhou o boato. Tudo explodiu ao mesmo tempo; o tenente Frieling, subencarregado da vigilância, estava dormindo, inconsciente por ter ingerido álcool durante o serviço em violação ao regulamento interdepartamental 4.319. Agora encarregado, o sargento E. J. Exley descobriu que as chaves de seu escritório haviam sumido. A maior parte dos homens presentes à festa de

Natal da delegacia invadiu o bloco de celas. As celas que continham os seis supostos agressores foram abertas com as chaves desaparecidas. O sargento Exley tentou trancar de novo as celas, mas os espancamentos já haviam começado, e o sargento Willis Tristano segurou o sargento Exley, enquanto o sargento Walter Crumley roubava as chaves extras presas em seu cinto.

O sargento Exley não usou de força para recuperar as chaves extras.

Mais detalhes:

Stensland enlouquecendo, policiais espancando prisioneiros indefesos. Bud White: erguendo um homem que se retorcia, com uma das mãos no pescoço dele.

O sargento Exley ordenando que o policial White parasse; o policial White ignorando a ordem. O sargento Exley aliviado quando o prisioneiro se libertou e eliminou a necessidade de mais confronto.

Eddie piscou, continuou escrevendo: 25 de dezembro de 1951, os detalhes das agressões na Delegacia Central. Prováveis indiciamentos pelo júri de instrução, julgamentos interdepartamentais — o prestígio do chefe Parker arruinado. Papelada extra, ideias sobre prisioneiros que servissem como testemunha — na maioria bêbados e a constatação de que de fato cada oficial vinha bebendo muito. *Eles* eram testemunhas comprometidas; *ele* estava sóbrio, não comprometido, e fizera tentativas para controlar a situação. *Ele* precisava de uma saída honrosa; o departamento precisava limpar a própria barra; os chefes ficariam agradecidos ao homem que tentasse evitar uma imagem ruim na imprensa — alguém com a percepção para ver o que ia acontecer e planejar antecipadamente. Escreveu a versão número 2.

Uma variação a partir da número 1, a ação modificada para limitar a culpa a um número menor de policiais: Stensland, Johnny Brownell, Bud White e um punhado de outros que já haviam recebido ou estavam perto de receber as aposentadorias — Krugman, Tucker, Heineke, Huff, Disbrow, Doherty peixes velhos para jogar para o escritório da Promotoria se a febre de indiciamento ficasse alta. Um ponto de vista subjetivo, preparado para se adaptar ao que os prisioneiros bêbados tinham visto, os agressores tentando fugir do bloco de celas e libertar outros prisioneiros. A verdade um pouco distorcida — impossível que outras testemunhas provassem o contrário. Eddie assinou, tentou

ouvir através da abertura de ventilação coisas que servissem para a versão três.

Ela veio devagar. Vozes insistiam com “Stens”: “acorde para tomar uma”; White deixou o bloco de celas, murmurando o desperdício daquilo tudo. Krugman e Tucker gritaram insultos; gemidos responderam. Nenhum outro som vindo de White ou Johnny Brownell; Lentz, Huff, Doherty percorrendo a passarela. Soluços, *madre mia*, repetidos sem parar.

6h14 da manhã.

Eddie redigiu a versão número 3: nenhum gemido, nenhuma *madre mia*, os espancadores de policiais incitando outros prisioneiros. Tentou imaginar como seu pai avaliaria os crimes: irmãos policiais agredidos, os agressores espancados. Qual dos dois exigia justiça absoluta?

O ruído pela abertura de ventilação desapareceu; Eddie tentou dormir e não conseguiu; uma chave entrou na fechadura.

O tenente Frieling — pálido, trêmulo. Eddie o empurrou para o lado, seguiu pelo corredor.

Seis celas escancaradas — as paredes sujas de sangue. Juan Carbijal em seu catre, com uma camisa sobre a cabeça encharcada de vermelho. Clinton Valupeyk lavando o sangue do rosto com água do vaso sanitário. Reyes Chasco com uma contusão gigantesca; Dennis Rice cuidando dos dedos — azuis, inchados, quebrados. Dinardo Sanches e Ezekiel Garcia embolados juntos perto da cela dos bêbados.

Eddie telefonou pedindo ambulâncias. As palavras: “Ala da prisão, Delegacia Geral do Condado” quase o fizeram vomitar.

6

— Você não está comendo, garoto — disse Dudley Smith. — A noite com os colegas estragou seu apetite?

Jack olhou para o prato: carne, batata assada, aspargos.

— Eu sempre peço muito quando é a Promotoria que paga a conta. Onde está Loew? Quero que ele veja o que está pagando.

Smith riu; Jack observou o corte do terno dele: largo, boa camuflagem — faça de mim um irlandês teatral, cubra a minha 45 automática, o soco-inglês e o cassetete pequeno.

— O que Loew tem em mente?

Dudley olhou seu relógio.

— É, uns trinta minutos de amenidades deveriam ser prelúdio suficiente para os negócios no dia do aniversário do nosso grande salvador. Garoto, o que Ellis quer é ser chefe da Promotoria de nossa bela cidade, e depois governador da Califórnia. Ele é promotor interino há oito anos, candidatou-se à promotoria em 1948 e perdeu, haverá uma eleição em março de 1953, e Ellis crê na vitória. Ele é um promotor vigoroso contra a escória do crime, é um grande amigo do departamento e, apesar de ser judeu, tenho orgulho dele e acho que vai ser um esplêndido promotor. E, garoto, você pode ajudar a elegê-lo. E ganhar um amigo muito valioso.

O mexicano que ele tinha arrebitado — o negócio poderia ficar feio.

— Talvez eu precise de um favor muito em breve.

— Um favor ele fará de boa vontade, garoto.

— Ele quer que eu passe a sacola?

— Acho “passar a sacola” um coloquialismo ofensivo, garoto. “Reciprocidade de amizade” é uma frase mais adequada, especialmente dadas as esplêndidas conexões que você tem. Mas o dinheiro está na base do pedido do Sr. Loew, e eu seria descuidado se não dissesse isso logo no início.

Jack empurrou o prato para o lado.

— Loew quer que eu achaque os caras de *Badge of Honor*. Contribuições de campanha.

— É, e que mantenha aquele pasquim escandaloso, a *Hush-Hush*, longe dele. E já que a nossa palavra-chave aqui é reciprocidade, ele tem favores específicos para dar em troca.

— Como por exemplo?

Smith acendeu um cigarro.

— Max Peltz, o produtor do programa, tem problemas com impostos há anos, e Loew vai se certificar de que ele jamais sofra outra auditoria. Brett Chase, que você ensinou tão brilhantemente a representar um policial, é um pederasta degenerado, e Loew nunca irá processá-lo. Loew contribuirá com arquivos da Promotoria para o editor de histórias do programa, e você também será recompensado: o sargento Bob Gallaudet, que é o chicote da Promotoria, está cursando a faculdade de Direito. Está se saindo bem e entrará para o Departamento da Promotoria como promotor assim que passar nos exames. Nesse momento você terá a chance de assumir o antigo cargo dele — junto com o posto de tenente. Garoto, minha proposta o impressiona?

Jack pegou um cigarro no maço de Dudley.

— Chefe, você sabe que eu nunca deixaria a Narcóticos e sabe que vou dizer sim. E acabo de imaginar Loew aparecendo e me dizendo obrigado, sem ficar para a sobremesa. De modo que sim.

Dudley piscou; Ellis Loew entrou no reservado.

— Cavalheiros, desculpem o atraso.

— Eu desculpo — disse Jack.

— Ah? O tenente Smith explicou a situação?

— Alguns garotos não exigem explicações detalhadas — disse Dudley.

Loew ficou brincando com sua corrente da Phi Beta.

— Então, obrigado, sargento. E se eu puder ajudá-lo de algum modo, *de qualquer modo*, não hesite em ligar para mim.

— Não hesitarei. Sobremesa, senhor?

— Eu gostaria de ficar, mas tenho uns depoimentos me esperando. Nós comeremos juntos em outra ocasião, tenho certeza.

— O que o senhor precisa, Sr. Loew.

Loew largou uma nota de 20 sobre a mesa.

— Obrigado outra vez. Tenente, falarei com você em breve. E, cavalheiros, feliz Natal.

Jack assentiu; Loew deixou o reservado.

— Há mais, garoto — disse Dudley.

— Mais trabalho?

— Mais ou menos. Você vai fazer a segurança na festa de Natal de Welton Morrow este ano?

Seu trabalho anual — 100 pratas.

— É, é esta noite. Loew quer um convite?

— Não é bem isso. Você fez um grande favor para o Sr. Morrow uma vez, não foi?

Outubro de 1947 — grande demais.

— É, fiz.

— E você ainda é amigo dos Morrow?

— De uma certa maneira, como um contrato, sim. Por quê?

Dudley riu.

— Garoto, Ellis Loew quer uma esposa. De preferência uma gentia com *pedigree* social. Ele viu Joan Morrow em várias ocasiões cívicas e gostou dela. Você poderia bancar o cupido e perguntar à bela Joan o que ela acha da ideia?

— Dud, você está me pedindo para arranjar uma porra de um encontro para o futuro chefe da Promotoria de Los Angeles?

— Estou, sim. Você acha que a Srta. Morrow concordaria?

— Vale tentar. Ela é uma alpinista social e sempre quis se casar bem. Mas não sei o que pensaria de um judeu.

— É, garoto, isso existe. Mas você vai puxar o assunto?

— Claro.

— Então já está fora de nossas mãos. E por falar nisso... o negócio foi feito na delegacia ontem à noite?

Agora ele chega à história.

— Foi muito feio.

— Você acha que a notícia vai correr?

— Não sei. E quanto a Brownell e Helenowski? Como estão eles?

— Contusões superficiais, garoto. Eu diria que a vingança foi meio exagerada. Você participou?

— Eu fui golpeado, revidei e saí fora. Loew está com medo de algum processo?

— Se tem, só de perder os amigos.

— Ele fez um amigo hoje. Diga-lhe que ele está com tudo.

JACK VOLTOU PARA CASA, caiu no sono no sofá. Dormiu a tarde toda,

acordou e encontrou o *Mirror* na varanda. Na página quatro: “Surpresa de Natal para astros de *Hope’s Harvest*”.

Nenhuma foto, mas Morty Bendish conseguiu o negócio do “Grande V”. A frase “um de seus muitos informantes” fazia parecer que Jack Vincennes tinha lacaios em toda a parte, com os bolsos cheios do dinheiro *dele* — todo mundo sabia que o Grande V financiava a cruzada contra as drogas com o próprio salário. Jack recortou a matéria, folheou o restante do jornal em busca de algo sobre Helenowski, Brownell e os espancadores dos policiais.

Nada.

Previsível: dois policiais com pequenas contusões eram assunto de pouca importância, os vagabundos não tinham tido tempo de conseguir um advogado de porta de cadeia. Jack pegou o livro-razão.

Páginas divididas em três colunas: data, número do cheque, quantidade de dinheiro. As quantias iam de 100 dólares a 2 mil; os cheques eram nominais a Donald e Marsha Scoggins, de Cedar Rapids, Iowa. O final da terceira coluna mostrava o total: 32.350 dólares. Jack pegou o talão de cheques, verificou o saldo, decidiu que o próximo pagamento seria de 500 dólares. Quinhentos para o Natal. Bom dinheiro até que o tio Jack caia morto — e nunca será o bastante.

A cada Natal ele repassava tudo — tinha começado com os Morrow, e ele os via na época de Natal; ele era órfão, tornara órfãos os filhos da família Scoggins, o Natal era uma merda para os órfãos. Ele se forçou a repassar toda a história.

Final de setembro de 1947.

O velho chefe Worton ligou para ele. Karen, a filha de Welton Morrow, andava experimentando drogas com uma turma do ginásio. Eles conseguiram a droga com um saxofonista chamado Les Weiskopf. Morrow era um advogado podre de rico, grande contribuinte para os fundos do DPLA. Queria que Weiskopf fosse apanhado — sem publicidade.

Jack conhecia Weiskopf: ele vendia dilaudid, esticava o cabelo, gostava de xotas novas. Worton lhe disse que, junto com o trabalho, viria um posto de sargento.

Encontrou Weiskopf — na cama com uma ruiva de 15 anos. A garota se mandou; Jack bateu em Weiskopf com a pistola, revistou a casa, encontrou um baú cheio de nembital e benzedrina. Levou o baú — achou que poderia vender a droga para Mickey Cohen.

Welton lhe ofereceu o trabalho como segurança; Jack aceitou. Karen Morrow foi mandada para um colégio interno. O posto de sargento chegou; Mickey Cohen não se interessou pela droga — ele só se ligava em heroína. Jack guardou o baú — e mergulhava nele para pegar bolas que o mantivessem no pique durante as tocaias noturnas. Linda, a esposa número 2, se mandou com um de seus informantes: um trombonista que vendia maconha nas horas vagas. Jack foi fundo no baú, misturando nembutal, benzedrina, uísque, dando em cima de metade dos nomes que saíam na lista da *down beat*: O HOMEM, inimigo público número 1 dos jazzistas. Aí chegou o 24 de outubro de 1947...

Ele estava cheio de câibras dentro do carro, tocaindo o estacionamento do Malibu Rendez-vous: de olho em traficantes de heroína num sedã Packard. Perto da meia-noite: ele estivera bebendo uísque, tinha fumado um baseado no caminho, as bolas que engoliu não combinavam com a bebida. Uma dica sobre uma transação à meia-noite: os caras da heroína e um crioulo magrelo, com 1,90 metro, uma tremenda figura.

O negão apareceu à meia-noite e quinze, foi até o Packard, pegou um pacote. Jack tropeçou ao sair do carro; o crioulo começou a correr; os caras da heroína saíram do carro segurando pistolas. Jack se levantou e pegou a arma; o crioulo girou e atirou, ele viu duas silhuetas perto, identificou-as como os apoiadores do negro e esvaziou um pente. As silhuetas caíram; os sujeitos da heroína atiraram no crioulo e nele; o crioulo mergulhou de cara num Studebaker 46.

Jack comeu cimento, rezou o terço inteiro. Um tiro passou de raspão em seu ombro; outro arranhou suas pernas. Ele se arrastou debaixo do carro; uma porrada de pneus cantaram; uma porrada de gente gritou; uma ambulância apareceu; uma delegada machona colocou-o numa maca. Sirenes, cama de hospital, um médico e a machona sussurrando sobre a droga em seu corpo — o exame de sangue comprovara. Muito sono drogado, um jornal em seu colo: “Três mortos num tiroteio em Malibu — Policial herói sobrevive”.

Os caras da heroína escaparam ilesos — as mortes foram imputadas a eles.

O crioulo morreu no ato.

As silhuetas não eram de pessoas que acobertavam o crioulo — eram o Sr. e a Sra. Harold J. Scoggins, turistas de Cedar Rapids, Iowa, pais orgulhosos de Donald, 17 anos, e Marsha, 16.

Os médicos continuaram olhando para ele de um modo engraçado; a delegada acabou sendo Dot Rothstein, prima de Kikey Teitlebaum, que tinha uma ligação conhecida com o lendário Dudley Smith.

Uma autópsia de rotina mostraria que os rebites tirados do Sr. e da Sra. Scoggins tinham vindo da arma do sargento Vincennes.

Os garotos o salvaram.

Ele suou durante uma semana no hospital. Thad Grenn e o chefe Worton visitaram-no; o pessoal da Narcóticos apareceu. Dudley Smith ofereceu apoio; Jack se perguntou quanto ele saberia. Sid Hudgens, redator principal da revista *Hush-Hush*, apareceu com uma oferta: Jack prenderia viciados famosos, a *Hush-Hush* estaria no momento das prisões — dinheiro trocaria discretamente de mãos. Ele aceitou — e se perguntou quanto Hudgens saberia.

Os garotos não pediram autópsia: a família era Adventista do Sétimo Dia; autópsias eram um sacrilégio. Como o legista sabia muito bem quem eram os atiradores, mandou o Sr. e a Sra. Harold J. Scoggins de volta para serem cremados em Iowa.

O sargento Jack Vincennes escapou ileso — com honras jornalísticas.

Seus ferimentos se curaram.

Ele parou de beber.

Parou de usar drogas, jogou o baú fora. Marcou os dias de abstinência no calendário, cumpriu o trato com Sid Hudgens, construiu o nome como celebridade local. Fez favores para Dudley Smith; o Sr. e a Sra. Harold J. Scoggins incendiavam seus sonhos; para ele, a bebida e o bagulho poderiam apagar as chamas, mas o matariam. Sid conseguiu-lhe o trabalho de “consultor técnico” em *Badge of Honor* — na época apenas um programa de rádio. O dinheiro começou a entrar; gastá-lo com roupas e mulheres não era tão legal quanto ele achava que seria. Os bares e a extorsão aos traficantes eram tentações tremendas. Aterrorizar viciados ajudava um pouco — mas não o bastante. Decidiu pagar aos garotos.

O primeiro cheque foi de 200; ele incluiu uma carta: “Amigo anônimo”, um blá-blá-blá sobre a tragédia dos Scoggins. Ligou para o banco uma semana depois: o cheque fora descontado. Desde então, vinha financiando sua sensação de liberdade; a não ser que Hudgens tivesse 24 de outubro de 1947 anotado num papel, ele estava livre.

Jack separou suas roupas de festa. O blazer era London Shop —

comprado com o pagamento de Sid pela prisão de Bob Mitchum. Os sapatos com borlas e a calça de flanela cinza eram resultado de uma matéria na *Hush-Hush* ligando músicos de jazz à conspiração comunista — Jack conseguiu denúncias contra os vermelhos com um baixista pressionado por ele por conta de marcas de agulhas. Vestiu-se, borrifou um pouco de Lucky Tiger, foi de carro para Beverly Hills.

UMA FESTA AO AR LIVRE: meio hectare coberto por toldos. Universitários estacionando os carros; um bufê com costela de primeira, presunto defumado, peru. Garçons carregavam *hors-d'oeuvres*; uma gigantesca árvore de Natal se destacava no espaço descoberto, recebendo a garoa. Os convidados comiam em pratos de papel; lâmpioes a gás iluminavam o gramado. Jack chegou na hora e divertiu os convidados.

Welton Morrow levou-o à primeira plateia: um grupo de juízes do Tribunal Superior. Jack inventou uma história: Charlie Parker tentando comprá-lo com uma puta louca; como ele resolvera o caso Shapiro: uma bicha que trabalhava para Mickey Cohen vendendo nitrato de amila — seus clientes eram travestis que faziam *striptease* num bar de veados. O Grande V no resgate: Jack Vincennes prendendo sozinho um monte de brigões num concurso para sócia de Rita Hayworth. Uma salva de palmas; Jack fez uma reverência, viu Joan Morrow perto da árvore de Natal — sozinha, talvez entediada.

Foi até lá.

— Boas-festas, Jack — disse Joan.

Bonita, corpo trabalhado, 31 ou 32 anos. Sem trabalho e sem marido para encher o saco: vivia emburrada a maior parte do tempo.

— Oi, Joan.

— Oi. Li sobre você hoje no jornal. Aquelas pessoas que você prendeu.

— Não foi nada.

Joan riu.

— Tããão modesto! O que vai acontecer com eles? Quero dizer, com o Rock não-sei-das-quantas e a garota.

— Noventa dias para a garota, talvez um ano na penitenciária agrícola para Rockwell. Deveriam contratar seu pai; ele conseguiria

tirá-los.

— Você realmente não se importa, não é?

— Espero que eles admitam a culpa e eu não precise ir ao tribunal. E espero que eles cumpram algum tempo e aprendam a lição.

— Eu fumei maconha uma vez, na faculdade. Fiquei com fome, comi uma caixa inteira de biscoitos e passei mal. Você não teria me prendido, teria?

— Não, você é boa demais.

— Eu sou *entediada* demais para tentar de novo, confesso.

A abertura:

— Como vai a vida amorosa, Joanie?

— Não vai. Conhece um policial chamado Edmund Exley? É alto e usa uns óculos bonitinhos. É filho de Preston Exley.

Eddie quadrado: o herói de guerra que parece ter uma vassoura enfiada no rabo.

— Sei quem ele é, mas não o conheço de verdade.

— Ele não é bonito? Eu o vi ontem à noite na casa do pai.

— Policiais riquinhos são um saco, mas eu conheço um sujeito legal que está interessado em você.

— É mesmo? Quem?

— Um homem chamado Ellis Loew. É promotor público interino.

Joan sorriu, franziu a testa.

— Ouvi quando ele fez um discurso uma vez no Rotary Club. Ele não é judeu?

— É, mas veja o lado bom. Ellis é republicano e está em ascensão.

— Ele é legal?

— Claro. É um amor.

Joan cutucou a árvore; um pouco de neve de mentira caiu rodopiando.

— Bom, diga para ele me ligar. Diga que estou com a agenda cheia, mas ele pode esperar na fila.

— Obrigado, Joanie.

— Obrigada a *você*, Miles Standish. Olhe, acho que papai está me chamando. Tchau, Jackie!

Joan se afastou; Jack se preparou para contar mais lorota — talvez o caso Mitchum, uma versão mais branda. Uma voz suave:

— Sr. Vincennes. Olá.

Jack se virou. Karen Morrow num vestido de noite verde, os

ombros com gotas de chuva. Na última vez em que ele a vira, ela era uma garota alta demais, boba demais, forçada a agradecer a um policial que havia intimidado um traficante de drogas. Quatro anos depois só permanecia válido o alta demais — o restante era uma mudança de menina para mulher.

— Karen, quase não reconheci você.

Karen sorriu.

— Tenho de dizer que você ficou linda, mas já deve ter ouvido isso antes.

— Não vindo de você.

Jack riu.

— Como foi a faculdade?

— Um épico, e não é uma história para contar enquanto estou congelando. Falei aos meus pais para dar a festa dentro de casa, pois não me acostumei com o frio mesmo tendo vivido na Inglaterra. Tenho um discurso preparado. Quer me ajudar a alimentar os gatos do vizinho?

— Estou de serviço.

— Conversando com minha irmã?

— Eu conheço um sujeito que está caído por ela.

— Coitado. Não, coitada da Joanie. Merda, isso não está acontecendo como eu planejei.

— Merda, então vamos alimentar os tais gatos.

Karen sorriu e mostrou o caminho, cambaleando, saltos altos na grama. Trovão, raio, chuva — Karen chutou longe os sapatos e correu descalça. Jack a alcançou na varanda do vizinho — molhada, aos risos.

Ela abriu a porta. Uma luz estava acesa no saguão; Jack olhou para ela — tremendo, arrepiada. Karen sacudiu água do cabelo.

— Os gatos estão lá em cima.

Jack tirou o blazer.

— Não. Quero ouvir seu discurso.

— Tenho certeza de que você sabe o que é. Tenho certeza de que um monte de gente já lhe agradeceu.

— Você não.

Karen estremeceu.

— Merda. Desculpe, mas isso não está acontecendo como eu planejei.

Jack pôs o paletó nos ombros dela.

— Você recebia os jornais de Los Angeles na Inglaterra?

— Recebia.

— E lia sobre mim?

— Lia. Você...

— Karen, algumas vezes eles exageram. Inventam coisas.

— Está me dizendo que as coisas que li eram mentira?

— Não exatamente... Não, não eram.

Karen se virou.

— Bom. Eu sabia que eram verdade, então aqui está seu discurso, e não olhe para mim, porque estou sem jeito. Um: você me afastou das bolinhas. Dois: você convenceu meu pai a me mandar para outro país, onde eu tive uma excelente formação e conheci gente legal. Três: você prendeu o sujeito terrível que me vendeu as bolinhas.

Jack tocou-a; Karen se encolheu, afastando-se.

— Não, deixe-me dizer! Quatro: o que eu não ia mencionar é que Les Weiskopf dava bolas de graça para as garotas se elas dormissem com ele. Papai segurava minha mesada, e cedo ou tarde eu faria isso. De modo que... você manteve a porcaria da minha virtude intacta.

Jack riu.

— Eu sou a porcaria do seu herói?

— É, e eu estou com 22 anos e não sou do tipo que tem paixonites adolescentes.

— Bom, porque eu gostaria de levá-la para jantar uma hora dessas.

Karen girou. Seu rímel estava arruinado; ela havia engolido a maior parte do batom.

— É, mamãe e papai teriam um infarto, mas sim.

— Este é meu primeiro gesto estúpido em anos.

Um mês de merda.

Bud arrancou o janeiro de 1952 de seu calendário, contou as prisões por delitos graves. De 1º a 11 de janeiro: zero — ele trabalhava no controle da multidão numa locação de cinema; Parker queria um sujeito forte para afastar caçadores de autógrafos. 14 de janeiro: os espancadores dos policiais absolvidos das acusações de agressão, Helenowski e Brownell engolidos — o advogado dos chicanos fizera parecer que eles haviam instigado o negócio. Ameaça de processos cíveis; “conseguir um advogado?” rabiscado na data.

Dias 16, 19, 22 de janeiro: condicional para espancadores de esposas, visitas de boas-vindas ao lar. 23 a 25 de janeiro: tocaias para pegar um ladrão, ele e Stens agindo a partir de uma dica de Johnny Stomp, que simplesmente parecia saber das coisas; segundo um boato: ele trabalhava com chantagem. As atividades na terra das gangues numa calmaria estranha, Stomp se virando para não falir, Mo Jahelka — cuidando dos interesses de Mickey C. — provavelmente com medo de se esforçar demais. Sete prisões no total, bom para a cota dele, mas os jornais aproveitavam a confusão na delegacia, chamando-a de Natal Sangrento, e um boato se espalhou: o escritório da Promotoria procurou Parker, a comissão interna ia interrogar os homens que estavam na festa da véspera de Natal, o júri de instrução do condado pedia uma apresentação. Mais anotações: “conversar com Dick”, “advogado???” , “advogado quando???”.

A última semana do mês — alívio cômico. Dick fora de serviço, recuperando-se das bebedeiras numa clínica em Twenty-nine Palms; o chefe do esquadrão achava que ele fora ao enterro do pai em Nebraska — os rapazes fizeram uma coleta para mandar flores para uma funerária que não existia. Dois registros de delitos no dia 29:

violadores de condicional descobertos a partir de outra dica de Stomp — mas teria de enchê-los de porrada, sequestrá-los, arrancá-los da área do condado para a da prefeitura, de modo que o xerife não pudesse reivindicar a prisão. Dia 31: uma dança com Chick Nadel, um barman que estava retirando equipamentos do Moonglow Lounge. Uma batida de surpresa; Chick com vários rádios roubados; uma dica sobre os caras que roubaram o caminhão, entocados em San Diego, não tinha como fazer uma apreensão para o DPLA. Em vez disso, ele deu em cima de Chick: recebendo mercadorias roubadas, dez prisões no mês — pelo menos era uma contagem de dois dígitos.

Pura merda — direto para fevereiro.

De volta ao uniforme, seis dias cuidando do trânsito — ideia do Parker, o pessoal da Divisão de Detetives se revezando com a ronda uma semana por ano. Em ordem alfabética: sendo um “W”, ele ficava no fim da fila. O último a chegar só pega as sobras — choveu todos os seis dias.

Enchente no trabalho, um afogamento com as mulheres.

Bud folheou a caderneta de endereços. Lorene do Silver Star, Jane do Zimba Room, Nancy do Orbit Lounge — números de última hora. Elas levavam jeito: 30 e muitos anos, famintas — gratas por um sujeito mais jovem que as tratasse bem e lhes desse um gosto de que nem todos os homens eram uns merdas. Lorene era pesada — o colchão de molas sempre batia no chão. Jane tocava discos de ópera para dar o clima — pareciam gatos trepando. Nancy era uma bêbada, digna de fazer par numa ronda dos bares. Do tipo gasto — do tipo que acabava com tudo ao alcance ainda mais rápido do que ele.

— White, olhe isso.

Bud ergueu os olhos. Elmer Lentz estendeu a primeira página do *Herald*.

Manchete: “Vítimas de espancamento da polícia vão processar”.

Subtítulos: “Júri de Instrução pronto para ouvir depoimentos”, “Parker promete toda a colaboração do DPLA”.

— Isso pode significar encrenca — disse Lentz.

— Não fode, Sherlock.

Preston Exley terminou de ler.

— Edmund, as três versões são brilhantes, mas você deveria ter procurado Parker imediatamente. Agora, com toda a publicidade, essa revelação cheira a pânico. Está preparado para ser testemunha?

Ed ajustou os óculos.

— Sim.

— Está preparado para ser desprezado dentro do departamento?

— Estou. E estou preparado para qualquer demonstração de gratidão por parte de Parker.

Preston folheou as páginas.

— Interessante. É saudável passar a maior parte da culpa para os homens que já estão com as aposentadorias garantidas, e esse tal de policial White parece meio temível.

Ed sentiu arrepios.

— E é. A comissão interna vai me interrogar amanhã, e não vou gostar de contar o que ele fez com o mexicano.

— Tem medo de represálias?

— Na verdade, não.

— Não ignore seu medo, Edmund. Isso é fraqueza. White e o amigo dele, Stensland, se comportaram com uma negligência desprezível com as leis do departamento, e os dois são uns calhordas. Você está preparado para o interrogatório?

— Estou.

— Eles serão brutais.

— Sei disso, pai.

— Eles vão enfatizar sua incapacidade de manter a ordem e o fato de que deixou os policiais roubarem as chaves.

Ed ruborizou.

— O negócio estava ficando caótico, e se eu brigasse com aqueles homens criaria um caos ainda maior.

— Não eleve a voz nem se justifique. Nem comigo, nem com os homens da comissão interna. Isso faz com que você pareça...

Uma voz hesitante.

— Não diga “fraco”, pai. Não faça qualquer paralelo com Thomas. E não presuma que não conseguirei enfrentar a situação.

Preston pegou o telefone.

— Sei que você é capaz de cuidar de si mesmo. Mas é capaz de arrancar a gratidão de Bill Parker antes que ele a demonstre?

— Pai, uma vez você me disse que Thomas era seu herdeiro natural e que eu era seu herdeiro oportunista. O que isso lhe diz?

Preston sorriu, discou um número.

— Bill? Olá, é Preston Exley... É, ótimo, obrigado... Não, eu não teria ligado para seu número pessoal por isso... Não, Bill, é sobre meu filho Edmund. Ele estava de serviço na Delegacia Central, na noite de Natal, e eu acho que ele tem informações valiosas para você... Sim, esta noite? Certamente, ele estará lá... Sim, e lembranças a Helen... Sim, até logo, Bill.

Ed sentiu o coração martelando.

— Encontre o chefe Parker no Pacific Dining Car às 20 horas. Ele conseguirá uma sala privativa onde vocês possam conversar.

— Qual dos depoimentos mostro a ele?

Preston devolveu os papéis.

— Oportunidades como esta não acontecem com muita frequência. Eu tive o caso Atherton, você teve um gostinho com Guadalcanal. Leia o álbum de recortes da família e *lembre-se desses precedentes*.

— Sim, mas qual depoimento?

— Decida você. E tenha um bom jantar no Dining Car. O convite do supervisor é um bom sinal, e Bill não gosta de gente que come de modo afetado.

ED FOI PARA SEU APARTAMENTO, leu, lembrou-se. O álbum tinha recortes organizados em ordem cronológica; o que os jornais não diziam, ele tinha enterrado na lembrança.

1934 — o caso Atherton.

Crianças; mexicanas, negras, orientais — três do sexo masculino, duas do sexo feminino — são encontradas sem os membros, os troncos apareceram em ralos pluviais na área de Los Angeles. Os braços e as pernas tinham sido cortados; os órgãos internos

removidos. A imprensa chama o assassino de “Dr. Frankenstein”. O inspetor Preston Exley comanda a investigação.

Ele acha adequada a alcunha de Frankenstein; fios de raquetes de tênis foram encontrados em todas as cinco cenas dos crimes, a terceira vítima estava com pontos dados com agulha nas axilas. Exley conclui que o criminoso recria crianças com agulha e faca; começa a prender transviados, malucos, doidos libertados sob condicional. Tenta imaginar o que o assassino escolheria como rosto — e fica sabendo uma semana depois.

Wee Willie Wennerholm, astro infantil contratado por Raymond Dieterling, é sequestrado de uma escola mantida pelo estúdio. No dia seguinte seu corpo é encontrado nos trilhos da ferrovia Glendale — decapitado.

Em seguida uma descoberta: os administradores do Hospital Psiquiátrico de Glenhaven ligam para o DPLA — Loren Atherton, molestador de crianças com fixação em histórias de vampiros, tinha recebido condicional e fora mandado para Los Angeles havia dois meses — e ainda não se comunicara com o agente de condicional.

Exley localiza Atherton no submundo: tem um emprego como lavador de frascos num banco de sangue. Uma vigilância revela que ele rouba sangue, mistura com vinho barato e bebe. Os homens de Exley prendem Atherton num cinema do centro da cidade — masturbando-se durante um filme de terror. Exley invade seu quarto de hotel, acha várias chaves — de uma garagem abandonada. Vai lá — e encontra o inferno.

Um protótipo de criança envolvida em gelo seco: braços de menino negro, pernas de menino mexicano, tronco de menino chinês com genitália de menina e a cabeça de Wee Willie Wennerholm. Asas de pássaros costuradas às costas da criança. Equipamentos por perto: rolos de filme de terror, raquetes de tênis desmontadas, diagramas para criar crianças híbridas. Fotos de crianças em vários estágios de desmembramento, um closet/laboratório fotográfico com material de revelação.

Inferno.

Atherton confessa os assassinatos; é julgado, condenado, enforcado em San Quentin. Preston Exley guarda cópias das fotos dos mortos; mostra aos filhos policiais — para que conheçam a brutalidade dos crimes que exigem justiça absoluta.

Ed folheia o livro: passa pelo obituário de sua mãe, pela morte de Thomas. Afora os triunfos do pai, as únicas vezes em que os

Exley apareciam nos jornais eram quando alguém morria. Ele saía no *Examiner*: uma matéria sobre filhos de homens famosos lutando na Segunda Guerra Mundial. Assim como para o Natal Sangrento, havia mais de uma versão.

O *Examiner* publicou a versão que lhe garantiu a Cruz do Mérito em Serviço: o cabo Ed Exley, único sobrevivente de um pelotão arrasado em combate corpo a corpo, toma três trincheiras cheias de infantaria japonesa, 29 mortos no total. Se houvesse um oficial presente para testemunhar o ato, ele teria recebido a Medalha de Honra do Congresso. Versão número 2: Ed aproveita a oportunidade para sair numa missão de reconhecimento quando fica iminente uma carga de baionetas por parte dos japoneses, demora-se, volta e encontra o pelotão destruído e uma patrulha japonesa se aproximando. Esconde-se debaixo do sargento Peters e do soldado Wasnicki, sente os dois corpos sacudirem quando os japoneses os metralham; morde o braço de Wasnicki, arranca com os dentes a pulseira do relógio dele. Espera o escurecer, soluçando, coberto por cadáveres, com uma minúscula passagem entre os corpos alimentando-o de ar. Em seguida, a corrida aterrorizada para o quartel-general do batalhão — e parou ao ver outra cena de chacina.

Um pequeno templo xintoísta, numa clareira coberta por redes de camuflagem. Japoneses mortos sobre estrados, verdes de icterícia, emaciados. Cada um deles aberto da barriga até as costelas; espadas elaboradamente esculpidas, sujas de sangue, empilhadas ali perto. Suicídio em massa — soldados orgulhosos demais para se arriscarem à captura ou à morte por malária.

Três trincheiras cavadas no chão atrás do templo; armas por perto — fuzis e pistolas enferrujadas pela chuva pesada. Um lança-chamas enrolado em tecido camuflado — funcionando.

Pegou-o, sabendo apenas de uma coisa: não sobreviveria a Guadalcanal. Mandariam-no a outro pelotão; aquela demora na missão de reconhecimento não iria colar. Ele não poderia requisitar um trabalho no QG — seu pai diria que o ato fora uma covardia. Ele teria de viver com o desprezo — colegas do DPLA feridos, recebendo medalhas.

“Medalhas” levavam a “viagens de bonificação”, que levavam a reconstituições de cenas de crime. Ele viu a oportunidade.

Encontrou uma metralhadora japonesa. Arrastou os praticantes de haraquiri para as trincheiras, colocou as armas inúteis nas mãos

deles, arrumou-os de frente para uma abertura na clareira. Colocou a metralhadora lá, apontou para a abertura, deixou três balas no pente. Pegou o lança-chamas, incendiou os japoneses e o templo a ponto de nem mesmo um legista poder fazer reconhecimento. Montou a história, voltou ao QG do batalhão.

Patrulhas de reconhecimento confirmaram a história: Ed Exley lutando, armado com equipamento japonês, fritou 29 dos escrotos baixinhos.

A Cruz do Mérito em Serviço — a medalha era a segunda em importância oferecida pelo país. Uma viagem de bonificação por todo o estado, uma recepção de herói, a volta ao DPLA como campeão.

Uma espécie de respeito cauteloso por parte de Preston Exley.

— Leia o álbum de recortes da família. Lembre-se dos precedentes.

Ed afastou o livro, ainda inseguro de como falaria do Natal Sangrento — mas sabendo o que o velho quisera dizer.

As oportunidades aparecem facilmente — você paga por elas mais tarde.

Pai, eu sei disso desde que peguei aquele lança-chamas.

— Se o negócio chegar ao júri de instrução, você não vai se dar mal. E o promotor e eu vamos tentar impedir que ele chegue até lá.

Jack contou os favores em depósito. Dezesseis mil para a “caixinha” de corrupção de Loew — Miller Stanton ajudou-o a lubrificar a mão da turma de *Badge of Honor*. Ele próprio cutucou Brett Chase, uma ameaçazinha concisa — a revelação na *Hush-Hush* de sua veadice. Max Peltz pagou uma grana — Loew encobriu uma auditoria de impostos. Um favor de Cupido — esta noite o sujeito se encontra com a rabugenta Joan Morrow.

— Ellis, eu nem quero testemunhar. Vou falar amanhã com uns panacas da comissão interna, e o negócio *vai* parar no júri de instrução. Então resolva as coisas.

Loew brincou com sua corrente da Phi Beta.

— Jack, um prisioneiro agrediu você, e você respondeu à altura. Você está limpo. Além disso, você é uma espécie de figura pública, e os depoimentos preliminares recebidos dos advogados dos reclamantes dizem que quatro das vítimas de espancamento o reconheceram. Você vai testemunhar, Jack. Mas não vai se dar mal.

— Eu só pensei em deixar as coisas em sua mão. Mas se você pedir para eu entregar meus irmãos policiais, vou alegar uma porra de uma amnésia. *Compreende*, senhor advogado?

Loew se inclinou por cima da mesa.

— Nós não deveríamos discutir; estamos nos dando muito bem juntos. O policial Wendell White e o sargento Richard Stensland é que deveriam se preocupar, não você. Além disso, um passarinho me contou que você está com uma nova mulher em sua vida.

— Quer dizer que Joan Morrow lhe contou.

— É, e ela e os pais desaprovam abertamente. Você é 15 anos mais velho do que a garota, e seu passado é como uma colcha de retalhos.

Caddy, instrutor de esqui — garoto de orfanato, bom em servir gente rica.

— Joanie deu algum detalhe?

— Só que a garota tem uma paixonite maluca por você e acredita nos recortes de jornal a seu respeito. Eu garanti a Joan a veracidade dos recortes. Karen disse a Joan que até agora você se comportou como um cavalheiro. Acho difícil de acreditar.

— Isso termina hoje à noite, espero. Depois de nosso pequeno encontro duplo, vai acontecer a festa de fim de ano de *Badge of Honor* e um interlúdio em algum lugar.

Loew torceu a corrente sobre o colete.

— Jack, Joan está fazendo jogo duro ou realmente há tantos homens assim atrás dela?

Jack cutucou mais fundo.

— Ela é uma garota popular, mas todos aqueles astros de cinema não são de nada. Continue fazendo pressão.

— Astros de cinema?

— Não são de nada, Ellis. Bonitos, mas não são de nada.

— Jack, quero agradecer a você por vir junto esta noite. Tenho certeza de que você e Karen serão fantásticos para quebrar o gelo.

— Então vamos lá.

NO DON THE BEACHCOMBER'S — as mulheres esperando num reservado separado por biombos. Jack fez as apresentações.

— Ellis Loew, Karen Morrow e Joan Morrow. Karen, eles não formam um casal adorável?

— Olá — disse Karen, sem apertar a mão.

Seis encontros e tudo que ela dava eram beijos de boa-noite. Loew sentou-se perto de Joan; Joanie olhou-o de cima a baixo, provavelmente farejando sinais de que ele era judeu.

— Ellis e eu já somos bons colegas por telefone. Não é?

— Somos mesmo — Loew trabalhando a voz de tribunal.

Joan terminou a bebida.

— Como vocês dois se conheceram? A polícia trabalha com o Departamento da Promotoria?

Jack forçou uma gargalhada: eu sou o coletor de grana para o judeu aí.

— Nós montamos casos juntos. Eu consigo as provas, Ellis processa os bandidos.

Um garçom apareceu. Joan pediu um *islander punch*; Jack pediu café.

— *Beefeater martini* — disse Loew.

Karen pôs a mão sobre seu copo.

— Então esse negócio do Natal Sangrento vai tornar tensas as relações entre a polícia e o departamento do Sr. Loew. Não é provável?

Loew contra-atacou depressa.

— Não, porque o pessoal do DPLA quer tratamento severo para todos os que agiram mal. Certo, Jack?

— Claro. Acontecimentos assim criam uma imagem ruim para os policiais.

As bebidas chegaram — Joan tomou a dela em três goles.

— Você estava lá, não estava, Jack? Papai disse que você sempre vai àquela festa na delegacia. Pelo menos desde que sua segunda mulher o deixou.

Karen:

— *Joanie!*

— Eu estava lá — disse Jack.

— Você deu alguns safanões em nome da justiça?

— Para mim não valia a pena.

— Quer dizer que não iria gerar nenhuma manchete?

— Joanie, fique quieta, você está bêbada.

Loew passou o dedo na gravata; Karen cutucou um cinzeiro. Joan engoliu o restante da bebida.

— Os abstêmios sempre julgam tanto! Você costumava frequentar aquela festa depois que sua *primeira* mulher o abandonou, não é, sargento?

Karen agarrou o cinzeiro.

— Puta desgraçada!

Joan riu.

— Se você quer um herói policial, eu conheço um homem chamado Exley, que pelo menos arriscou a vida pelo país. Certo, Jack é legal, mas você não consegue ver o que ele é?

Karen jogou o cinzeiro — acertou a parede, depois o colo de Ellis Loew. Loew enfiou a cabeça num cardápio; Joanie, a puta, ficou puta da vida. Jack guiou Karen para fora do restaurante.

PARA A VARIETY INTERNATIONAL PICTURES — Karen xingando Joanie

sem parar. Jack estacionou perto do estúdio de *Badge of Honor*; música caipira no ar. Karen suspirou.

— Meus pais vão se acostumar com a ideia.

Jack acendeu a luz do painel. A garota tinha cabelos ondulados castanho-escuros, sardas, os dentes superiores um pouquinho proeminentes.

— Que ideia?

— Bem... de a gente se ver.

— O que vem acontecendo bem devagar.

— Isso é em parte minha culpa. Num minuto você me conta aquelas histórias maravilhosas, e no minuto seguinte simplesmente para. Eu tento adivinhar o que você pensa, e creio haver muitas coisas que você não pode me contar. Por isso imagino que você me acha muito nova, e aí recuo.

Jack abriu a porta.

— Continue ligando para mim e você não vai ser nova demais. E conte algumas das suas histórias, porque algumas vezes eu me canso das minhas.

— Trato feito? Minhas histórias depois da festa?

— Feito. E, a propósito, o que você acha de sua irmã e Ellis Loew?

Karen nem piscou.

— Ela vai se casar com ele. Meus pais farão vista grossa para o fato de ele ser judeu, porque é ambicioso e republicano. Ele vai tolerar as cenas de Joanie em público e espancá-la em casa. Os filhos dos dois serão um horror.

Jack riu.

— Vamos dançar. E não fique ofuscada com os astros, ou as pessoas vão te achar simplória.

Entraram de braços dados. Karen tinha os olhos brilhantes; Jack visualizou a melhor festa de fim de ano até então.

Spade Cooley e os rapazes no palco, Spade ao microfone com Burt Arthur Perkins, o Dois — o baixista era chamado assim por causa dos dois anos cumpridos nos trabalhos forçados: atos não naturais com cães. Spade fumava ópio; Dois usava heroína — um futuro arrocho patrocinado pela *Hush-Hush*. Max Peltz cumprimentando efusivo a equipe de câmeras; Brett Chase ao lado dele, falando com Billy Dieterling, o cameraman chefe. Os olhos de Billy em seu caso, Timmy Valburn, o rato Moochie no *Dream-a-Dream Hour*. Mesas encostadas na parede dos fundos — cobertas

com garrafas de bebidas, frios sortidos. Kikey Teitlebaum junto da comida — Peltz provavelmente contratara a *delicatessen* dela para o bufê da festa. Johnny Stompanato com Kikey, os ex-rapazes de Mickey Cohen ombro a ombro. Cada ator, técnico e agregado do *Badge of Honor* comendo, bebendo, dançando.

Jack levou Karen até a pista: giros num *pot-pourri* de músicas rápidas, apertos quando Spade passou para as baladas. Karen mantinha os olhos fechados; Jack mantinha os dele abertos — era melhor para curtir o sentimentalismo meloso. Sentiu um tapinha no ombro.

Miller Stanton interrompendo. Karen abriu os olhos e ficou boquiaberta: um astro da TV queria dançar com ela. Jack fez uma reverência.

— Karen Morrow, Miller Stanton.

Karen gritou acima da música:

— Oi! Eu vi todos aqueles filmes antigos do Raymond Dieterling que você fez. Você estava fantástico!

Stanton ergueu as mãos dela, dançando estilo quadrilha.

— Eu era um moleque! Jack, vá ver o Max; ele quer falar com você.

Jack foi para o fundo do estúdio — lugar calmo, a música abafada. Max Peltz lhe entregou dois envelopes.

— A bonificação da temporada e um incremento para o Sr. Loew. É do Spade Cooley.

O envelope de Loew era gordo.

— O que Cooley quer?

— Eu diria que a garantia de você não interferir com o hábito dele.

Jack acendeu um cigarro.

— Spade não me interessa.

— Não é um nome suficientemente importante?

— Seja gentil, Max.

Peltz se encostou nele.

— Jack, tente *você* ser gentil, porque sua reputação está ficando ruim no meio. As pessoas dizem que você é um incômodo que não participa do jogo. Você achacou Brett para o Sr. Loew, tudo bem, ele é uma porcaria de um veado, vai acabar se dando mal. Mas você não pode morder a mão que o alimenta, não quando metade das pessoas do meio fuma erva de vez em quando. Fique com os negros — os caras do *jazz* rendem boas matérias.

Jack olhou o estúdio ao redor. Brett Chase num grupinho: Billy Dieterling, Timmy Valburn — uma convenção de frescos. Kikey T. e Johnny Stomp batendo papo — Dois Perkins, Lee Vachss se juntando.

— Sério, Jack — disse Peltz. — Entre no jogo.

Jack apontou para os valentões.

— Max, o jogo é a minha vida. Está vendo aqueles sujeitos ali?

— Claro. O que é...

— Max, aquilo é o que o departamento chama de uma assembleia de criminosos conhecidos. Perkins é um ex-prisioneiro que fode com cachorros, e Abe Teitlebaum está sob condicional. O cara alto e de bigode é Lee Vachss, e foi contratado por Mickey C. para apagar pelo menos uma dúzia de pessoas. O bonitão é Johnny Stompanato. Duvido que tenha 30 anos, e possui uma ficha policial do tamanho de seu braço. O Departamento de Polícia de Los Angeles me dá o poder de prender aqueles escrotos sob suspeitas gerais, e eu sou considerado negligente em serviço se não fizer isso. Porque eu *estou* no jogo.

Peltz balançou o charuto.

— Então continue nele, mas *pianíssimo* com o negócio dos valentões. E olhe, Miller está cuidando da franguinha que trouxe. Meu Deus, você gosta das novas.

Boatos: Max e meninas de ginásio.

— Não tão novas quanto você.

— Ah! Vá embora, seu calhorda. A garota está procurando você.

Karen perto de um cartaz na parede: Brett Chase com o tenente Vance Vincent. Jack foi até lá; os olhos de Karen se iluminaram.

— Meu Deus, isso é tão maravilhoso! Diga quem é todo mundo!

Música altíssima — Cooley cantando, Dois Perkins martelando o contrabaixo. Jack dançou com Karen pela pista — até um canto atulhado de refletores. Um lugar perfeito — calmo, dava para olhar a turma toda.

Jack apontou para os presentes.

— Do Brett Chase você já sabe. Ele não dança porque é bicha. O velho com charuto é Max Peltz. É o produtor e dirige a maior parte dos episódios. Você dançou com Miller, portanto o conhece. Os dois caras com roupa de trabalho são Augie Luger e Hank Kraft — são contrarregras. A garota com a prancheta é Penny Fulweider, ela não poderia parar de trabalhar nem se quisesse — é a supervisora de roteiros. Você sabe como os cenários do programa são tão

modernistas? Bem, o cara louro do outro lado do palco da orquestra é David Mertens, cenógrafo. Algumas vezes dá para pensar que ele está bêbado, mas não é isso — ele tem uma espécie rara de epilepsia e toma remédios para isso. Ouvi dizer que ele teve um acidente e bateu com a cabeça, e o negócio começou assim. Ele tem umas cicatrizes no pescoço; talvez seja verdade. Ao lado dele está Phil Shenkel, assistente de direção, e o cara junto dele é Jerry Marsalas, o enfermeiro de Mertens. Terry Riegert, o ator que faz o capitão Jeffries, está dançando com aquela ruiva alta. Os caras perto do bebedouro são Billy Dieterling, Chuck Maxwell e Dick Harwell, a equipe de câmeras, e o resto são os acompanhantes para a festa.

Karen olhou-o fixamente.

— É o seu meio, e você adora. E você se importa com essas pessoas.

— Gosto delas, e Miller é um bom amigo.

— Jack, você não me engana.

— Karen, isso aqui é Hollywood. E 90 por cento de Hollywood é lorota.

— Estraga prazeres. Eu estou me preparando para ficar ousada, então não me ponha um freio.

Desafiando-o.

Jack mergulhou fundo; Karen se apoiou no beijo. Os dois sondaram, provaram, recuaram no mesmo instante — Jack quebrou o atordoamento.

Karen deixou as mãos ficarem onde estavam.

— Os vizinhos ainda estão de férias. Nós poderíamos ir alimentar os gatos.

— É... claro.

— Você me dá um conhaque antes de nós irmos?

Jack foi até a mesa de comida.

— Coisa boa, Vincennes — disse Dois Perkins. — Você tem um gosto igual ao meu.

Um branquelo magro vestido numa camisa preta de caubói com detalhes cor-de-rosa. As botas o deixavam com quase 2 metros de altura; as mãos eram enormes.

— Perkins, o negócio do qual você gosta vive farejando hidrantes.

— Talvez Spade não goste de saber que você fala assim comigo. Não com aquele envelope em seu bolso.

Lee Vachss, Abe Teitlebaum observando-os.

— Nem mais uma palavra, Perkins.

Dois mastigou um palito de dente.

— A putinha sabe que você se diverte sacaneando negros?

Jack apontou para a parede.

— Arregace as mangas, abra as pernas.

Perkins cuspiu o palito.

— Você não é tão maluco assim.

Johnny Stomp, Vachss, Teitlebaum — todos ao alcance dos ouvidos.

— Contra a parede, seu merda — disse Jack.

Perkins se inclinou sobre a mesa, as palmas das mãos na parede.

Jack arregaçou as mangas dele — picadas recentes —, esvaziou os bolsos. Maior bandeira: uma seringa hipodérmica. Uma multidão se formando — Jack aproveitou.

— As marcas de agulha e a seringa valem três anos na penitenciária estadual. Entregue o cara que vendeu a droga e você se livra.

Dois suava.

— Entregue na frente de seus amigos e você fica livre.

Perkins lambeu os lábios.

— Barney Stinson. Auxiliar de enfermagem no Queen of Angels.

Jack chutou as pernas dele.

Perkins caiu de cara nos frios sortidos; a mesa desmoronou no chão.

O salão soltou um suspiro profundo.

Jack caminhou para fora, os grupos se abrindo para deixá-lo passar. Karen, perto do carro, tremendo.

— Você tinha de fazer aquilo?

Ele suara completamente a camisa.

— É, tinha.

— Eu gostaria de não ter visto.

— Eu também.

— Ler sobre isso é uma coisa, ver é outra. Você poderia tentar...

Jack envolveu-a com os braços.

— Vou manter esse negócio separado de você.

— Mas ainda vai me contar as histórias?

— Não... Vou, claro.

— Eu gostaria que nós pudéssemos voltar no tempo esta noite.

— Eu também. Olha, você quer jantar?

— Não. Você ainda quer ver os gatos?

HAVIA TRÊS GATOS — uns bichos amigáveis que tentavam subir na cama enquanto eles faziam amor. Karen chamava o cinza de Pavimento, o malhado de Tigre, o magrinho de Ellis Loew. Jack aceitou a companhia — eles faziam Kathy rir, e Jack percebia que cada riso colo cava Dois Perkins mais para trás. Fizeram amor, falaram, brincaram com os gatos; Karen experimentou um cigarro — e tossiu a ponto de arrebentar os pulmões. Implorou por histórias; Jack pegou emprestado alguns feitos do policial Wendell White e teceu versões mais suaves dos próprios casos; o mínimo de violência policial, tudo muito açucarado — o generoso Grande V, protegendo crianças do flagelo das drogas. A princípio as mentiras eram difíceis — mas o calor de Karen as tornava cada vez mais fáceis. Perto do alvorecer, a garota cochilou; ele ficou desperto, os bichanos deixando-o louco. Desejava que ela acordasse para contar mais histórias; tinha pequenos tremores de preocupação: de que jamais lembrasse de novo todas as partes falsas, e ela o pegasse em contradição, isso acabaria com o arranjo entre os dois. O corpo de Karen ficava mais quente quando ela dormia; Jack se aconchegou mais. Dormiu consertando suas histórias.

Um corredor de 12 metros de comprimento, os dois lados com fileiras de bancos: gastos, empoeirados, retirados de algum depósito. Apinhados: homens em roupas comuns e uniformes, a maioria lendo — jornais que gritavam *Natal Sangrento*. Bud pensou nele e em Stens estampados na primeira página: apanhados pelos *cucarachas* e seus advogados. Ele recebeu às 4 horas da madrugada o comunicado de que deveria ser apresentar, pura tática de intimidação por parte da comissão interna. Dick do outro lado do corredor — vindo da clínica para recuperação de alcoólatras, direto para o caldeirão. Seis interrogatórios na comissão interna para cada um — nenhum dos dois abriu a boca para entregar ninguém. Uma reunião de Natal comum, todo o pessoal aqui — menos Ed Exley.

O tempo se arrastava, o tráfego fluía: a sala de interrogatório funcionando a toda. Elmer Lentz soltou uma bomba: o rádio disse que o júri exigia uma apresentação — todos os policiais que tinham estado na Delegacia Central em 25 de dezembro de 1951 deveriam se apresentar no dia seguinte, os prisioneiros estariam ali para identificar os agressores. A porta do chefe Parker foi aberta; Thad Green saiu.

— Policial White, por favor.

Bud se adiantou; Green acenou para que ele entrasse. Uma sala pequena: a mesa de Parker, cadeiras viradas para ela. Nada nas paredes, um espelho cinzento — talvez um vidro transparente pelo outro lado. O chefe atrás da mesa, de uniforme, quatro estrelas douradas nos ombros. Dudley Smith na cadeira do meio; Green atrás, na cadeira mais próxima de Parker. Bud ocupou o assento da berlinda — um lugar onde os três podiam vê-lo.

— Policial — disse Parker —, o senhor conhece o subchefe Green, e tenho certeza de que conhece o tenente Smith. O tenente vem atuando como meu conselheiro durante esta crise pela qual

passamos.

Green acendeu um cigarro.

— Policial, o senhor está recebendo uma última chance de cooperar. O senhor foi interrogado várias vezes pela comissão interna, e o tempo todo se recusou a cooperar. Normalmente seria suspensão dos serviços. Mas o senhor é um bom detetive, e o chefe Parker e eu estamos convictos de que seus atos na festa foram isentos de culpa. O senhor foi provocado, policial. Não foi violento de forma arbitrária, como a maioria dos acusados.

Bud começou a falar; Smith o interrompeu.

— Garoto, tenho certeza de que falo pelo chefe Parker nesta questão, de modo que vou tomar a liberdade de não fazer rodeios. É uma tremenda pena os seis vagabundos que agrediram nossos irmãos policiais não terem sido mortos a tiros no ato, e acho pouco a violência que eles sofreram. Mas, cá entre nós, policiais que não conseguem controlar impulsos não podem ser policiais, e os absurdos praticados pelos homens que estão aí fora tornaram digno de zombaria o Departamento de Polícia de Los Angeles. Isso não pode ser tolerado. Cabeças devem rolar. Nós precisamos de policiais que atuem como testemunhas cooperativas para diminuir o dano causado à imagem do departamento... Imagem que foi tremendamente melhorada sob a liderança do chefe Parker. Já temos uma importante testemunha policial, e o promotor interino Ellis Loew se mantém firme no desejo de não processar os policiais do DPLA — mesmo que o júri de instrução levante provas verdadeiras. Garoto, você vai testemunhar? Pelo departamento, não pela Promotoria.

Bud olhou para o espelho — sem dúvida estava sendo observado do outro lado — imaginando os panacas do Bureau tomando notas.

— Não, senhor, não vou.

Parker examinou uma folha de papel.

— Policial, o senhor pegou um homem pelo pescoço e tentou arrancar o cérebro dele. Isso é muito ruim, e mesmo tendo sido verbalmente provocado, o ato é mais expressivo do que a maioria das agressões feitas aos prisioneiros. Isso conta contra o senhor. Mas o senhor foi ouvido murmurando: “Isso é uma tremenda desgraça”, quando saiu do bloco de celas, o que conta a seu favor. Agora, o senhor entende que apresentar-se como testemunha voluntária poderia diminuir as desvantagens causadas por sua... imaginativa demonstração de força?

Um estalo: Exley é o garoto deles, *ele* me ouviu, trancado no depósito.

— Senhor, eu não vou testemunhar.

Parker ficou corado.

— Garoto — disse Smith —, vamos ser honestos. Eu admiro sua recusa em trair os colegas, e sinto que o que está por trás disso é a lealdade pelo seu parceiro. Admiro especialmente isso, e o chefe Parker me autorizou a lhe propor um acordo. Se você testemunhar sobre os atos de Dick Stensland e o júri de instrução autorizar o processo contra ele, Stensland não cumprirá pena em prisão, caso seja condenado. Temos a palavra de Ellis Loew. Stensland será afastado do departamento sem pensão, mas ela será paga confidencialmente, com dinheiro desviado do Fundo para Viúvas e Órfãos. Garoto, você vai testemunhar?

Bud olhou para o espelho.

— Senhor, eu não vou testemunhar.

Thad Green apontou para a porta.

— Apresente-se amanhã na sala de audiência do júri de instrução da Divisão 43 às 9 horas. Esteja preparado para participar de uma fila de identificação e para ser chamado a testemunhar. Caso se recuse a testemunhar, você receberá uma intimação e será suspenso do serviço enquanto aguarda o resultado de um julgamento interno. Saia daqui, White.

Dudley Smith sorriu — um sorriso muito pequeno. Bud esticou o dedo médio para o espelho.

Riscos e manchas no espelho através do qual estava olhando — as expressões ficavam borradas. Thad Green difícil de entender; Parker simples — tinha ficado com cores horríveis. Dudley Smith — lexófilo com sotaque forte —, calculado demais. Bud White, tranquilo *demais*. O chefe citou: “Isso é uma tremenda desgraça.” Um grande balão de pensamento surgiu: “Ed Exley é o dedo-duro.” A saudação com o dedo médio era apenas a cobertura do bolo.

Ed ligou o alto-falante; a estática estalou. O cubículo era quente — mas não sufocante como o depósito da Delegacia Central. Pensou nas últimas duas semanas.

Tinha bancado o durão com Parker, apresentando os três depoimentos, concordando em atuar como testemunha-chave do departamento. Parker considerou brilhante sua avaliação da situação, marca de um policial exemplar. Entregou a declaração menos danosa das três a Ellis Loew e o investigador preferido no Departamento da Promotoria, um jovem formado pela faculdade de Direito — Bob Gallaudet. A culpa foi desviada, mais que merecidamente, para o sargento Richard Stensland e o policial Wendell White; menos merecidamente aos três homens que estavam com as aposentadorias garantidas. A recompensa do chefe para sua testemunha exemplar: uma transferência para o esquadrão de detetives — uma tremenda promoção. Com a nota máxima no exame para tenente, dentro de um ano ele seria o tenente-detetive E. J. Exley.

Green saiu da sala; Ellis Loew e Gallaudet entraram. Loew e Parker conferenciaram; Gallaudet abriu a porta.

— Sargento Vincennes, por favor — o alto-falante jorrou estática.

Jack Lata de Lixo: elegante num terno de risca de giz. Sem amenidades — ocupou a cadeira do meio enquanto verificava o

relógio. Um olhar foi trocado — Lata de Lixo, Ellis Loew. Parker encarou o peixe novo, uma leitura fácil: puro desprezo. Gallaudet ficou parado junto à porta, fumando.

— Sargento — disse Loew —, vamos direto ao ponto. O senhor foi bastante cooperativo com a comissão interna, o que lhe dá crédito. Mas nove testemunhas o identificaram como o agressor de Juan Carbijal, e quatro prisioneiros da cela dos bêbados o viram carregar uma caixa de rum. O senhor vê, sua fama o precede. Até mesmo os bêbados leem os tabloides de escândalos.

Dudley Smith tomou a palavra:

— Garoto, nós precisamos de sua fama. Temos uma testemunha crucial que dirá ao júri de instrução que você só contra-atacou após ser agredido, e como isso é provavelmente verdade, outros testemunhos dos prisioneiros demonstrarão sua inocência. Mas precisamos que você admita que levou a bebida tomada pelos homens. Admita a infração interdepartamental e ficará apenas com um julgamento interno. O Sr. Loew garante que, se houver um indiciamento, ele será anulado.

Lata de Lixo ficou imóvel. Ed entendeu: Bud White trouxera a maior parte da bebida, ele está com medo de denunciá-lo.

— Haverá um grande abalo dentro do departamento — disse Parker. — Testemunhe, e você receberá apenas um julgamento interno, sem suspensão, sem rebaixamento. Eu lhe garanto um tapinha de leve: uma transferência para a Delegacia de Costumes durante um ano, mais ou menos.

Vincennes para Loew:

— Ellis, eu tenho de fazer mais alguma permuta com você por conta disso? Você sabe como para mim é importante trabalhar na Narcóticos.

Loew se encolheu. Parker disse:

— Nenhuma, e há mais. Você vai ter de participar da fila de identificação amanhã, e queremos que testemunhe contra o policial Krugman, o sargento Tucker e o policial Pratt. Todos os três já receberam as aposentadorias. Nossa testemunha-chave fará uma declaração ampla, mas você pode alegar ignorância com relação a perguntas dirigidas aos outros homens. Francamente, precisamos saciar o clamor do público por sangue dando a ele um pouco do nosso.

Dudley Smith:

— Duvido de que você já tenha sequer respirado de modo

estúpido, garoto. Não faça isso agora.

Jack Lata de Lixo:

— Aceito a proposta.

Sorrisos de todos. Gallaudet disse:

— Vou com o senhor quando for testemunhar, sargento. Almoço no Dining Car por conta do Sr. Loew.

Vincennes se levantou; Loew guiou-o até a porta.

Sussurros pelo alto-falante:

— ...e eu disse a Cooley que você não faria isso de novo.

— Certo, chefe.

Parker assentiu em direção ao espelho.

Ed entrou, direto para a cadeira da berlinda.

— Garoto — disse Smith —, você é a bola da vez.

Parker sorriu.

— Ed, mandei você assistir porque sua avaliação dessa situação foi bastante astuta. Alguma última ideia antes de testemunhar?

— Senhor, estou correto em presumir que qualquer indiciamento criminoso por parte do júri de instrução será impedido ou anulado durante o processo de pós-indiciamento por parte do Sr. Loew?

Loew fez uma careta. Ele havia posto a mão numa ferida — como seu pai tinha dito que faria.

— Senhor, estou correto nisso?

Loew, tratando-o com condescendência.

— Você cursou Direito?

— Não, senhor.

— Então seu estimado pai lhe deu bons conselhos.

Voz firme:

— Não, senhor, não deu.

— Vamos presumir que você esteja correto — disse Smith. — Vamos presumir que estejamos forçando nosso empenho na direção do que todos aqueles policiais leais desejam: nenhum irmão policial julgado publicamente. Presumindo isso, qual seu conselho?

O discurso ensaiado — palavra por palavra.

— O público irá exigir mais do que um veredicto do júri de instrução, táticas de adiamento e anulação de indiciamentos. Não vão bastar julgamentos internos, suspensões e uma grande transferência. Vocês disseram ao policial White que cabeças devem rolar. Eu concordo, e em nome do prestígio do chefe e do departamento, acho que precisamos de condenações por crime e sentenças de cadeia.

— Garoto, estou chocado com o prazer com que você acaba de dizer isso.

Ed para Parker:

— O senhor reergueu o departamento, depois de Horrall e Worton. Possui reputação exemplar e o departamento melhorou tremendamente. O senhor pode garantir que ele permaneça assim.

— Desembuche, Exley — disse Loew. — Exatamente o que nosso jovem oficial informante acha que devemos fazer?

Ed, os olhos em Parker:

— Anule os indiciamentos dos homens que estão terminando seus vinte anos de serviço. Torne públicas as transferências e dê julgamentos internos e suspensões para a maioria dos homens. Indicie Johnny Brownell, diga para ele requisitar um foro sem júri e consiga que o juiz o deixe sair com suspensão de sentença — o irmão dele era um dos policiais inicialmente agredidos. E indicie, julgue e condene Dick Stensland e Bud White. Garanta que cumpram pena na cadeia. Chute-os do departamento. Stensland é um bêbado miserável, White quase matou um homem e forneceu mais bebida do que Vincennes. Jogue-os aos tubarões. Proteja-se, proteja o departamento.

Silêncio, prolongado. Smith rompeu-o:

— Cavalheiros, o conselho do nosso jovem aqui é duro e hipócrita. Stensland tem arestas, mas Wendell White é um policial valioso.

— Senhor, White é um desgraçado homicida.

Smith começou a falar; Parker ergueu uma das mãos.

— Acho que vale considerar o conselho de Ed. Arrase com o júri de instrução amanhã, filho. Use um terno elegante e arrase com eles.

— Sim, senhor — Ed se forçou a não gritar sua alegria para os sacanas.

12

Luzes, linhas horizontais marcando as alturas: Jack em 1,80 metro; Frank Doherty, Dick Stens, John Brownell, os baixinhos; Wilbert Huff e Bud White completavam os seis. Vagabundos da Delegacia Central do outro lado do vidro, junto com policiais da Promotoria que anotavam nomes:

Um alto-falante guinchou:

— Perfil esquerdo. — Os seis homens se viraram. — Perfil direito. Rostos para a parede. Rostos para o espelho. À vontade, cavalheiros.

Silencio, e depois:

— Quatorze identificações para Doherty, Stensland, Vincennes, White e Brownell, quatro para Huff. Ah, merda, o amplificador está ligado!

Stens riu. Frank Doherty disse:

— Vá se foder, seu escroto.

White ficou inexpressivo — como se já estivesse na penitenciária agrícola protegendo Stens dos negros. O alto-falante:

— Sargento Vincennes para a sala 114; policial White, apresente-se na sala do chefe Green. O restante está dispensado.

Sala 114 — a de testemunhos do júri de instrução.

Jack foi na frente, passou pelas cortinas em direção à 114. Uma sala apinhada: reclamantes do Natal Sangrento, Ed Exley num terno novo demais, fios soltos nas mangas. Os garotos do Natal fungaram; Jack segurou Exley.

— Você é a testemunha-chave?

— Isso mesmo.

— Eu deveria saber. O que Parker está jogando para você?

— Jogando para mim?

— É, Exley. *Jogando para você*. O trato, a recompensa. Você acha que *eu* estou testemunhando de graça?

Exley ajeitou os óculos.

— Só estou cumprindo com o meu dever.

Jack riu.

— Você defende um lado, garoto de faculdade. Está ganhando alguma coisa com isso, para não ter de ficar junto das porras dos tiras sem patente que vão odiar você por ter dedurado. E se Parker lhe prometeu o Bureau, cuidado. Alguns caras do Bureau vão acabar entrando nesse negócio, e você terá de trabalhar com os amigos deles.

Exley se encolheu; Jack riu.

— É uma boa recompensa, devo admitir.

— Você é o especialista em recompensas, não eu.

— Logo, logo você vai ter um posto acima do meu, por isso preciso ser legal. Sabia que a nova namorada de Ellis Loew tem tesão por você?

Um meirinho chamou:

— Edmund J. Exley para a sala de audiência.

Jack piscou.

— Vá. E tire esses fios soltos do paletó, para não parecer um caipira.

Exley seguiu pelo corredor — ajeitando-se, puxando fios.

JACK FICOU MATANDO TEMPO — pensando em Karen. Dez dias desde a festa; a vida parecia cheia de ases. Ele tinha de se desculpar com Spade Cooley; Welton Morrow estava puto por conta dele com Karen — mas o acordo morno entre Joanie e Ellis quase servia como compensação. Os quartos de hotel eram um risco — Karen morava na casa dos pais, o apartamento dele era um buraco, vinha deixando de pagar aos garotos Scoggins para conseguir ficar no Ambassador. Karen adorava o romance ilícito; ele adorava que ela adorasse. Ases. Mas Sid Hudgens não havia telefonado e Los Angeles permanecia seca de heroína — nenhum divertimento para a Narcóticos. Um ano na administração pairava no horizonte como uma câmara de gás.

Ele se sentia como um lutador pronto para golpear. Os vagabundos do Natal o olhavam; o escroto que ele socara tinha uma tala no nariz — provavelmente algum advogado judeu o mandara usá-la. A porta da sala do júri de instrução estava escancarada; Jack foi até lá, olhou para dentro.

Seis jurados numa mesa de frente para o banco das testemunhas; Ellis Loew lançando perguntas — Ed Exley no banco.

Ele não mexia nos óculos; não hesitava na fala. Sua voz soava uma oitava abaixo do normal — e se mantinha firme. Magro, não fazendo o tipo policial; mesmo assim, tinha autoridade — e uma noção de tempo perfeita. Loew mandava armadilhas primorosas; Exley sabia que elas vinham, mas fingia surpresa. Quem o treinara havia feito um trabalho fantástico.

Jack captou detalhes, sentia Exley crescendo, um herói de guerra — não um maricas num bloco de celas cheio de arruaceiros. Loew estava adorando; as respostas de Exley mostravam esperteza: ele ficou em desvantagem, suas chaves haviam sido roubadas, fora trancado no depósito — é isso. Ele era um homem que sabia quem era, sabia a futilidade do heroísmo barato.

Exley abriu o bico: entregou Brownell, Huff, Doherty. Chamou Dick Stensland de pior dos piores, não piscou ao dedurar Bud White. Jack sorriu quando entendeu: tudo está retorcido para o nosso lado. Krugman, Pratt, Tucker, com a pensão segura — foram preparados — para o *seu* testemunho. Stensland e White — indo direto para o indiciamento. Que porra de desempenho!

Loew pediu um resumo final. Exley concordou: papo furado sobre justiça. Loew o dispensou; os jurados quase desfaleceram. Exley saiu mancando do banco de testemunhas — as pernas dormentes.

Jack encontrou-o do lado de fora.

— Você se saiu bem. Parker adoraria ver.

Exley esticou as pernas.

— Acha que ele vai ler a transcrição?

— Ele estará com ela dentro de dez minutos, e Bud White vai te foder se isso acabar com a vida dele. Ele foi chamado para a sala do Thad Green depois da fila de identificação, e pode apostar que Green lhe deu uma suspensão. É melhor rezar para ele conseguir um acordo e ficar no departamento, porque o sujeito não é um civil que você vai querer na sua cola.

— Por isso você não disse a Loew que ele levou a maior parte da bebida?

Um meirinho gritou:

— John Vincennes, cinco minutos.

Jack juntou um pouco de coragem.

— Vou dedurar três veteranos que estarão pescando no Oregon

na próxima semana. Perto de você, sou limpo. *E inteligente.*

— Nós dois estamos fazendo a coisa certa. Só que você se odeia por isso, e isso não é inteligência.

Jack viu Ellis Loew e Karen no fim do corredor. Loew se aproximou.

— Eu disse a Joan que você testemunharia hoje, e ela contou a Karen. Sinto muito, eu contei a Joan pedindo segredo. *Jack, sinto muito.* Eu disse a Karen que ela não poderia assistir na sala de audiência, que teria de ouvir pelo alto-falante na minha sala. *Jack, sinto muito.*

— É, judeu, você sem dúvida sabe como garantir uma testemunha.

Bud acalentava um uísque.

O barulho da vitrola automática o golpeava; ele estava no pior lugar do bar — um sofá perto dos telefones públicos. Seus velhos ferimentos de futebol latejavam — como a vontade de pegar Exley. Sem distintivo, sem arma, indiciamentos a caminho — a ruiva quarentona parecia a melhor coisa que ele já vira. Levou a bebida até lá.

Ela sorriu. O ruivo parecia falso — mas o rosto era gentil. Bud deu um sorriso.

— Isso que você está tomando é um *old fashioned*?

— É, e meu nome é Angela.

— Meu nome é Bud.

— Ninguém nasce com o nome de “Bud”.

— Quando lhe dão um nome como “Wendell”, você procura um apelido.

Angela riu.

— O que você faz, *Bud*?

— No momento estou meio entre dois trabalhos.

— É? Bem, e o que você *fazia*?

SUSPENSO! SEU ESCROTO BABACA OLHANDO OS DENTES DE UM CAVALO DADO!

— Eu não quis jogar bola com meu chefe. Angela, o que você diz...

— Quer dizer, algo como uma disputa sindical? Eu sou da Federação Unida dos Professores, e meu ex-marido era do Sindicato dos Caminhoneiros. É isso que você...

Bud sentiu uma mão no ombro.

— Garoto, posso dar uma palavra com você?

Dudley Smith. CHAME ISSO DE COMISSÃO INTERNA NA SUA COLA.

— Tem a ver com negócios, tenente?

— De fato. Dê boa-noite à sua nova amiga e junte-se a mim naquelas mesas dos fundos. Eu disse ao barman para baixar a música de modo que a gente possa conversar.

A música agitada diminuiu de volume; Smith se afastou. Um marinheiro estava de olho em Angela. Bud saiu preguiçosamente.

Aconchegante: Smith, duas cadeiras, uma mesa — um jornal cobrindo o tampo, um volume pequeno embaixo. Bud sentou-se.

— A comissão interna está me vigiando?

— Sim, e outros prováveis indiciados. Foi ideia do seu colega Exley. O garoto tem a atenção do chefe Parker e disse a ele que você e Stensland podem cometer atos impensados. Exley vilipendiou você e outros bons homens no banco das testemunhas, garoto. Eu li a transcrição. O testemunho dele foi alta traição e uma afronta desprezível a todos os policiais honrados.

Stens — entocado numa bebedeira:

— Esse jornal não diz que nós fomos indiciados?

— Não se precipite, garoto. Eu usei a minha parte da atenção do chefe Parker para fazer com que parassem de te seguir, de modo que você está com um amigo.

— Tenente, o que o senhor quer?

— Me chame de Dudley.

— *Dudley*, o que você quer?

Ho, ho, ho — um tenor maravilhoso.

— Garoto, você me impressiona. Admiro sua recusa em testemunhar e a lealdade para com seu parceiro, ainda que infundada. Admiro você como policial, particularmente o uso que faz da violência quando necessária ao trabalho, e fico muito impressionado com sua punição aos espancadores de mulheres. Você os odeia, garoto?

Grandes palavras — sua cabeça girava.

— É, eu odeio.

— E com bons motivos, julgando pelo que sei de seu passado. Você odeia algo mais tanto assim?

Punhos tão apertados que as mãos doíam.

— Exley. A porra do Exley. O Jack Lata de Lixo, ele também está lá. Dick Stens vai ficar com cirrose por conta daqueles dois que deduraram a gente.

Smith balançou a cabeça.

— Não o Vincennes, garoto. Ele serviu de escudo para o

departamento, e nós precisamos dele para entregar alguns corpos ao promotor. Ele só delatou homens perto da aposentadoria e assumiu a culpa pela bebida que você levou para a festa. Não, garoto, Jack não merece seu ódio.

Bud se inclinou sobre a mesa.

— Dudley, o que você quer?

— Quero evitar que você seja indiciado e quero que volte ao serviço, e tenho um modo de conseguir isso.

Bud olhou para o jornal.

— Como?

— Trabalhe para mim.

— Fazendo o quê?

— Não, primeiro mais perguntas. Garoto, você reconhece a necessidade de conter o crime, de mantê-lo ao sul de Jefferson, com os elementos de cor?

— Claro.

— E você acha que um certo elemento do crime organizado deveria ter a permissão de existir e perpetuar vícios aceitáveis que não prejudicam a ninguém?

— Claro, com a grana da caixinha política. O jogo tem de ser jogado um pouco assim. O que isso tem a ver...

Smith retirou o jornal — um distintivo e um 38 especial brilharam. Bud sentiu arrepios no couro cabeludo.

— Eu sabia que você tinha tutano. Acertou isso com Green?

— Sim, garoto, acertei... com Parker. Com a parte do ouvido dele que Exley não envenenou. Ele disse que, se o júri de instrução não fizer uma citação contra você, sua recusa em testemunhar não será punida. Agora pegue tudo antes que o proprietário chame a polícia.

BRILHANDO — Bud pegou seus bens.

— Não serei advertido?

Ho, ho, ho — zombando.

— Garoto, o chefe sabia que me fazia um favor de longo prazo, e estou satisfeito por você não ter lido o *Herald*.

— Como? — perguntou Bud.

— Ainda não, garoto.

— E quanto ao Dick?

— Ele está acabado, garoto. E não proteste, porque é inevitável. Ele vai ser advertido, indiciado e vai dançar miudinho. Ele é o bode expiatório do departamento, sob as ordens de Parker. E foi Exley

quem o convenceu a entregar Dick. Acusações de crime e pena de cadeia.

Estava quente — Bud afrouxou a gravata, fechou os olhos.

— Garoto, vou conseguir uma cama boa para o Dick na penitenciária agrícola. Conheço uma delegada lá que sabe resolver os problemas, e quando ele sair, garanto a ele uma vingança contra Exley.

Bud abriu os olhos; Smith estava com o *Herald* totalmente esparramado. A manchete: “Policiais indiciados pelo escândalo do Natal Sangrento”. Debaixo, uma coluna assinalada com um círculo: “O sargento Richard Stensland recebeu quatro acusações, três policiais veteranos foram advertidos, Lentz, Brownell, Huff, com duas advertências cada.” Sublinhado: “O policial Wendell White, 33 anos, não recebeu uma verdadeira advertência, ainda que várias fontes do escritório da Promotoria declarassem parecer iminente uma advertência por agressão em primeiro grau. O porta-voz do júri de instrução informou que quatro vítimas da violência policial modificaram os depoimentos anteriores, sobre o policial White tentar estrangular Juan Carbijal, 19 anos. O testemunho modificado contradizia diretamente o testemunho do sargento Edmund J. Exley, que sob juramento afirmou que White tentara ferir Carbijal. O testemunho do sargento Exley não foi considerado maculado, pois resultou em prováveis indiciamentos de sete outros policiais; entretanto, mesmo duvidando da credibilidade dos homens que se retrataram, os jurados consideraram isso suficiente para negar a advertência da Promotoria contra o policial White. O promotor interino Ellis Loew disse aos repórteres: ‘Algo suspeito aconteceu, mas não sei o que foi. Quatro retratações significam mais do que a declaração de uma testemunha, mesmo sendo uma testemunha esplêndida como o sargento Exley, um herói de guerra condecorado.’”

As letras do jornal num redemoinho.

— Por quê? — perguntou Bud. — Por que vocês fariam isso por mim? E como?

Smith amassou o papel.

— Garoto, eu preciso de você para um novo serviço que Parker me autorizou a levar adiante. É um destacamento de contenção, para atuar adjunto ao Departamento de Homicídios. Vamos chamá-lo de Destacamento de Vigilância, um nome inócuo para uma tarefa à qual poucos homens são adequados, mas para a qual você nasceu.

É um trabalho de músculos e tiros, e que implica fazer muito poucas perguntas. Garoto, está entende onde quero chegar?

— Em technicolor.

— Você será transferido da Central quando Parker anunciar a reorganização. Trabalhará para mim?

— Eu seria maluco se não o fizesse. Por quê, Dudley?

— Por que o quê, garoto?

— Você sacaneou o Ellis Loew para me ajudar, e todo mundo no Bureau sabe que vocês dois são unha e carne. Por quê?

— Porque eu gosto do seu estilo, garoto. Essa resposta basta?

— Acho que vou ter de aceitar. Agora vamos experimentar o “como?”

— Como o quê, garoto?

— Como você fez os chicanos se retratarem.

Smith colocou um soco-inglês sobre a mesa: lascado, sujo de sangue.

Calendário

1952

EXCERTO: *Los Angeles Mirror-News*, 19 de março:

ESCÂNDALO DA VIOLÊNCIA POLICIAL POLICIAIS DISCIPLINAM OS PARES ANTES QUE OS PIORES CULPADOS SEJAM JULGADOS

O chefe William H. Parker, do DPLA, prometeu buscar a justiça — “aonde quer que os trilhos da busca me levem” — na teia emaranhada de brutalidade policial e processos civis conhecida como o escândalo do Natal Sangrento.

Sete policiais foram indiciados por agressão, em resultado de suas ações na carceragem da Delegacia Central na manhã de Natal do ano passado. Esses policiais são:

Sargento Ward Tucker, indiciado por agressão em segundo grau.

Policial Michael Krugman, agressão em segundo grau e espancamento.

Policial Henry Pratt, agressão em segundo grau.

Sargento Elmer Lentz, agressão em primeiro grau e espancamento.

Sargento Wilbert Huff, agressão em primeiro grau e espancamento.

Policial John Brownell, agressão em primeiro grau e agressão com agravantes.

Sargento Richard Stensland, agressão em primeiro grau, agressão com agravantes, espancamento em primeiro grau e tumulto.

Parker não se estendeu sobre as acusações a serem feitas aos policiais indiciados, ou sobre a quantidade enorme de ações cíveis que as vítimas de espancamento Dinardo Sanchez, Juan Carbijal, Dennis Ric, Ezekiel Garcia, Clinton Rice e Reyes Chasco impetraram contra os policiais

individualmente e contra o Departamento de Polícia de Los Angeles. Ele anunciou que os policiais relacionados a seguir passariam por julgamentos interdepartamentais e, caso não provassem inocência, seriam seriamente disciplinados dentro do departamento:

Sargento Walter Crumley, sargento Walter Dukeshearer, sargento Francis Doherty, policial Charles Heinz, policial Joseph Hernandez, sargento Willis Tristano, policial Frederik Turentine, tenente James Frieling, policial Wendell White, policial John Heineke e sargento John Vincennes.

Parker encerrou a entrevista coletiva elogiando o sargento Edmund J. Exley, o policial da Divisão Central que se propôs a testemunhar diante do júri de instrução. “Foi preciso grande coragem para fazer o que Ed Exley fez”, disse o chefe. “O homem tem a minha maior admiração.”

EXCERTO: *Los Angeles Examiner*, 11 de abril:

CINCO INDICIAMENTOS DO NATAL SANGRENTO REJEITADOS; PARKER REVELA RESULTADOS DAS AÇÕES DA JUNTA DE JULGAMENTO

A Promotoria anunciou hoje que os futuros réus do escândalo de brutalidade policial no Natal Sangrento do ano passado não irão a julgamento. O policial Michael Krugman, o policial Henry Pratt e o sargento Ward Tucker, todos forçados a pedir aposentadoria pelo Departamento de Polícia de Los Angeles como resultado da acusação, tiveram os indiciamentos rejeitados na base de abandono de testemunha. O promotor interino Ellis Loew, designado para processá-los, explicou — “Muitas testemunhas secundárias que estavam presas na carceragem da Delegacia Central no Natal passado não puderam ser localizadas.”

Num evento relacionado, o chefe do DPLA, William H. Parker, anunciou os resultados da “reformulação maciça” do pessoal da polícia. Os seguintes policiais indiciados e não indiciados foram considerados culpados de várias infrações interdepartamentais relativas a seu comportamento na manhã do Natal passado:

Sargento Walter Crumley, seis meses de suspensão do

serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia de Hollenbeck.

Sargento Walter Dukeshearer, seis meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia da Newton Street.

Sargento Francis Doherty, quatro meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia de Wilshire.

Policial Charles Heinz, seis meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para o Destacamento de Southside Vagrant.

Policial Joseph Hernandez, quatro meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia da Rua 77.

Sargento Wilbert Huff, nove meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia de Wilshire.

Sargento Willis Tristano, três meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia da Newton Street.

Policial Frederik Turentine, três meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia de East Valley.

Tenente James Frieling, seis meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para o Bureau de Instrução da Academia do DPLA.

Policial John Heineke, quatro meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia de Venice.

Sargento Elmer Lentz, nove meses de suspensão do serviço, sem vencimentos, transferido para a Delegacia de Hollywood.

Policial Wendell White, sem suspensão, transferido para o Destacamento de Vigilância adjunto ao Departamento de Homicídios.

Sargento John Vincennes, sem suspensão, transferido para a Delegacia de Costumes.

EXCERTO: *Los Angeles Times*, 3 de maio:

RÉU DE ESCÂNDALO POLICIAL GANHA SUSPENSÃO DE SENTENÇA

O policial John Brownell, 38 anos, o primeiro policial de Los Angeles envolvido no escândalo do Natal Sangrento a enfrentar julgamento público, declarou-se culpado na citação realizada hoje e pediu ao juiz Arthur J. Fitzhugh para sentenciá-lo imediatamente pelas acusações de agressão em primeiro grau e agressão com agravantes.

Brownell é o irmão mais velho de Frank D. Brownell, um dos dois policiais feridos numa briga de bar com seis jovens na véspera de Natal. O juiz Fitzhugh, levando em conta que o policial Brownell estava sob tensão psicológica devido aos ferimentos sofridos pelo irmão e que fora desligado do Departamento de Polícia de Los Angeles sem pensão, leu o relatório do Departamento de Sursis, que recomendou suspensão formal da sentença, sem detenção. Em seguida sentenciou Brownell a um ano na prisão do condado, sentença suspensa, e ordenou que ele se apresentasse ao agente chefe de sursis, Randall Milteer.

EXCERTO: *Los Angeles Examiner*, 29 de maio:

STENSLAND CONDENADO — CADEIA PARA POLICIAL DE LOS ANGELES

...o júri formado por oito homens e quatro mulheres considerou Stensland culpado em quatro acusações: agressão em primeiro grau, agressão com agravantes, espancamento em primeiro grau e tumulto, acusações decorridas dos supostos maus-tratos infligidos pelo ex-detetive de polícia a prisioneiros da carceragem central durante o escândalo do Natal Sangrento do ano passado. Num testemunho mordaz, o sargento E. J. Exley, do DPLA, descreveu a “fúria de Stensland contra homens desarmados”. O advogado de Stensland, Jacob Kellerman, atacou a credibilidade de Exley, declarando que ele estava trancado num depósito durante o período em que aconteceu a maior parte dos eventos da madrugada. No final os jurados acreditaram no sargento Exley, e Kellerman, citando a suspensão de sentença recebida

pelo réu John Brownell, pediu que o juiz Arthur Fitzhugh se apiedasse de seu cliente. O juiz não cedeu. Sentenciou Stensland, já afastado do DPLA, a um ano na prisão do condado e o entregou à custódia dos auxiliares do xerife, que iriam escoltá-lo até o Wayside Honor Rancho. Enquanto era levado, Stensland gritou obscenidades para o sargento Exley, que não pôde ser encontrado para comentar a respeito.

ESPECIAL: *Cavalcade Weekend Magazine*,
Los Angeles Mirror, 3 de julho:

DUAS GERAÇÕES DA FAMÍLIA EXLEY SERVEM AO SUL

O primeiro detalhe a chamar a atenção em Preston Exley e seu filho Edmund é que eles não falam como policiais, ainda que Preston tenha servido no Departamento de Polícia de Los Angeles durante 14 anos e Ed esteja no DPLA desde 1943, pouco antes de ir para a guerra e receber a Cruz do Mérito em Serviço, no Teatro do Pacífico. De fato, antes da emigração do clã Exley para a América, a família formou gerações de detetives na Scotland Yard. De modo que o trabalho policial está no sangue do clã, mas ainda mais presente é a sede de aprimoramento.

A saber: Preston Exley tirou diploma de engenharia na USC, estudando à noite, enquanto durante o dia fazia a perigosa ronda no centro da cidade.

A saber: o falecido Thomas Exley, filho mais velho de Preston, teve as médias mais altas na Academia do DPLA, e uma placa em sua homenagem se encontra no prédio da administração da Academia. Tragicamente, Thomas foi morto cumprindo seu dever pouco depois de se formar. E mais: a segunda média mais alta foi recebida pelo próprio Ed Exley, formado com *summa cum laude* pela UCLA — aos 19 anos! — em 1941. As evidências remontam às gerações anteriores: os Exley não falam como policiais porque não são policiais típicos.

Os dois estiveram no noticiário recentemente. Preston, 58 anos, juntou-se ao mundialmente famoso produtor de desenhos animados e filmes e apresentador de programas de

TV Raymond Dieterling, para criar o Dream-a-Dreamland, o monumental parque de diversões que começou a ser construído há seis meses, com previsão de ser inaugurado em fins de abril do próximo ano. Preston Exley começou a carreira no ramo de construção civil depois de deixar o DPLA em 1936, levando consigo seu principal auxiliar, o tenente Arthur de Spain. Em sua espaçosa mansão em Hancock Park, Preston Exley falou com o correspondente do *Mirror*, Dick St. Germain:

“Eu tinha diploma em engenharia, e Art conhecia materiais de construção. Nós tínhamos as economias de toda uma vida, pegamos dinheiro emprestado com alguns investidores independentes que apreciavam a mentalidade ousada. Fundamos a Exley Construction e fizemos casas baratas, depois casas melhores, depois prédios de escritórios, e depois a rodo via de Arroyo Seco. Crescemos além de minhas expectativas mais otimistas. Agora o Dream-a-Dreamland, os sonhos de milhões de pessoas realizados em 80 hectares. De certo modo, é uma coisa difícil de suplantar.”

Exley sorriu.

“Ray Dieterling é um visionário. O Dream-a-Dreamland dará às pessoas a chance de viver os muitos mundos que ele criou em filmes e desenhos animados. A montanha chamada por ele de O Mundo de Paul é um perfeito exemplo. Paul Dieterling, filho de Ray, morreu tragicamente numa avalanche em meados da década de 1930. Agora haverá uma montanha para servir como uma benevolente homenagem ao rapaz, uma montanha que traz alegria às pessoas, com uma porcentagem dos lucros destinada a instituições de caridade para crianças. É uma coisa difícil de suplantar.”

Mas será que ele suplantará isso?

Exley sorriu de novo.

“Na semana que vem eu me reunirei com o Conselho de Supervisores do Condado de Los Angeles e com os deputados estaduais. O assunto será o custo do transporte de massa pelas vias expressas no sul da Califórnia e o melhor modo de ligar todo o sul por vias assim. Francamente, eu quero o serviço e estou pronto para oferecer uma proposta interessante ao condado.”

E depois?

Exley sorriu e suspirou.

“E depois há todos aqueles amigos políticos que vêm me infernizando. Eles acham que eu sou um candidato natural ao cargo de prefeito, governador, senador ou algo do gênero, mesmo eu insistindo que Fletcher Bowron, Dick Nixon e Earl Warren são meus amigos.”

Mas será que ele descarta a política?

“Eu não descarto nada. Estabelecer limites vai contra a minha natureza.”

E, como descobriram os nossos repórteres, seu filho Edmund, agora tenente-detetive da Delegacia de Hollywood do DPLA, tem o mesmo sentimento. Em destaque recentemente nos noticiários por testemunhar num julgamento relacionado ao escândalo policial do Natal Sangrento, Ed vê céus azuis à frente — mesmo planejando manter o trabalho policial como carreira única. Falando ao nosso correspondente no chalé da família em Lake Arrowhead, Ed Exley disse:

“Não quero nada além de ser um detetive valioso enfrentando casos desafiadores. Meu pai teve o caso Loren Atherton” — referência ao assassino de crianças que fez seis vítimas em 1934, inclusive o astro mirim Wee Willie Wennerholm — “e gostaria de estar em posição de trabalhar em casos de igual relevância. É importante estar no lugar certo na hora certa, e tenho uma necessidade profunda de resolver problemas e de criar a ordem a partir de uma situação caótica, aspecto que creio ser um bom impulso para um detetive.”

Sem dúvida Exley estava no lugar certo na hora certa no outono de 1943, quando, único sobrevivente de um ataque de baionetas contra seu pelotão, eliminou sozinho três trincheiras cheias de infantaria japonesa. Ele estava no lugar certo e na hora certa para a justiça quando corajosamente testemunhou contra colegas num enorme escândalo de brutalidade policial. Exley diz sobre os dois incidentes:

“Isso é passado, e no momento construo meu futuro. Recebo uma experiência sólida trabalhando na Delegacia de Hollywood; e meu pai, Art de Spain e eu passamos as noites ensaiando interrogatórios para me ajudar a aperfeiçoar as técnicas. Meu pai quer o mundo, mas eu só quero o máximo

que este Departamento de Polícia tem a oferecer.”

Preston Exley e Ed Exley sobrevivem a Thomas e Marguerite (*nascida Tibbetts*) Exley, a matriarca do clã, que morreu de câncer há seis anos. Será que eles sentem as perdas em sua vida pessoal?

Preston revelou:

“Meu Deus, sim, todos os dias. Ambos são insubstituíveis.”

Nessa questão Edmund foi mais reflexivo.

“Thomas era o Thomas. Eu tinha 17 anos quando ele morreu, e não creio que o tenha conhecido de fato. Com minha mãe foi diferente. Eu a conhecia, ela era gentil, corajosa e forte, e havia nela algo de triste. Sinto falta dela, e acho que a mulher com quem me casar provavelmente será igual a ela, apenas um pouco mais alegre.”

Duas gerações no perfil desta semana — dois homens que estão indo longe e servindo ao sul.

MANCHETE: *Los Angeles Times*, 9 de julho:

LOEW ANUNCIA CANDIDATURA À PROMOTORIA

MANCHETE: Página de Sociedade.

Los Angeles Herald-Express, 12 de setembro:

POMPA NO CASAMENTO DE LOEW E MORROW ATRAI HOLLYWOOD E MEIO JURÍDICO

EXCERTO: *Los Angeles Times*, 7 de novembro:

McPHERSON E LOEW NO TOPO DA PROMOTORIA: OS DOIS SE DEFRONTAM NA ELEIÇÃO NA PRIMAVERA

William McPherson, buscando o quarto mandato como promotor público de Los Angeles, enfrentará na eleição geral de março um homem em ascensão, o promotor interino Ellis Loew, os dois colegas liderando por ampla margem o grupo de oito candidatos.

McPherson, 56 anos, recebeu 38 por cento dos votos;

Loew, 41, recebeu 36 por cento. Seu rival mais próximo foi Donald Chapman, ex-diretor do Departamento de Parques, que tem 14 por cento. Os outros cinco candidatos, com pouquíssimas chances de vencerem, dividiram 12 por cento dos votos.

Numa entrevista coletiva reservada, McPherson previu uma campanha acirrada e enfatizou que é em primeiro lugar um funcionário público, e em segundo um candidato político. Loew, em casa com a esposa Joan, ecoou esses sentimentos, previu a vitória em março próximo e agradeceu o apoio dos eleitores em geral e da comunidade policial e jurídica em particular.

Calendário

1953

Relatório anual de aptidão, DPLA

Assinalado *Confidencial*, data: 3/1/53, preenchido pelo tenente Dudley Smith, cópias para as divisões de pessoal e administração:

2/1/53

RELATÓRIO ANUAL DE APTIDÃO

DATAS DE SERVIÇO: de 4/4/52 a 31/12/52

NOME: White, Wendell A., distintivo 916

POSTO: Policial (detetive) (funcionário público grau 4)

Divisão: Bureau de Detetives (Destacamento de Vigilância Adjunto ao Departamento de Homicídios)

COMANDANTE: Tenente Dudley L. Smith, distintivo 410.

Cavaleiros:

Este memorando serve tanto como relatório de aptidão sobre o policial White quanto como avaliação dos nove meses da existência do Destacamento de Vigilância. Dos 16 homens do esquadrão, considero White meu melhor policial. Até a presente data, ele tem sido atencioso, metuculoso, e trabalha longas horas sem reclamar. Tem um registro de frequência perfeito e trabalhou 18 horas por dia durante duas semanas seguidas. White foi transferido para a Vigilância sob as nuvens da infeliz confusão do Natal do ano passado, e o chefe interino Green, citando as quatro acusações de uso de força excessiva feitas contra ele, tinha algumas apreensões quanto à transferência (ou seja: temendo que a propensão de White para a violência e a natureza potencialmente violenta da tarefa formassem uma combinação desastrosa). Isso não se mostrou verdadeiro, e sem hesitar dou ao policial White conceito "A" em todas as categorias de aptidão. Ele sempre demonstra bravura

espetacular. Como exemplo, gostaria de citar várias instâncias do desempenho de White, acima e abaixo do chamado do dever.

1. 8/5/52. Durante a tocaia a uma loja de bebidas, o policial White (que tem ferimentos sofridos no futebol) caçou um suspeito armado durante quase um quilômetro. O suspeito disparou repetidamente em direção ao policial White, que não disparou de volta por medo de acertar civis inocentes. O suspeito pegou uma mulher como refém e encostou a arma em sua cabeça, e isso fez com que os policiais de apoio reunidos ao policial White parassem a perseguição. Então White seguiu por um beco lateral, enquanto os parceiros tentavam acalmar o suspeito. O suspeito recusou-se a soltar a mulher, e White atirou nele e o matou à queima-roupa. A mulher nada sofreu.

2. Várias instâncias. Uma das principais tarefas do Destacamento de Vigilância é contatar os prisioneiros que recebem condicional e voltam a Los Angeles e tentar convencê-los da bobagem que seria cometer crimes violentos em nossa cidade. O trabalho exige grande presença física, e o policial White, francamente, é fundamental para assustar criminosos endurecidos e fazer com que mantenham uma condicional dócil. Ele passou muitas horas de folga seguindo condenados sob condicional com registros de violência e é responsável pela prisão de John Cassese, o “Big Dog”, esturpador e assaltante duas vezes condenado. Em 20/7/52, enquanto vigiava Cassese dentro de um bar, White ouviu-o tentando convencer uma jovem menor de idade a se prostituir. Cassese tentou resistir à prisão, e o policial White o subjugou usando meios físicos. Mais tarde, White e dois outros policiais da Vigilância (sargento Michael Breuning, policial R. J. Carlisle) interrogaram Cassese sobre suas atividades pós-condicional. Cassese confessou o estupro e o assassinato de três mulheres. (Ver relatório de prisão 168-A da Divisão de Homicídios, datado de 22/7/52.) Cassese foi julgado, condenado e executado em San Quentin.

3. 18/10/52. Enquanto vigiava Percy Haskins, um condenado liberto sob condicional, o policial White observou Haskins reunido aos criminosos conhecidos Robert Mackey e Karl Carter Goff. Todos os três tinham longas fichas de

assalto à mão armada. White sentiu que um grande roubo estava sendo engendrado e agiu a partir dessa suposição. Seguiu Haskins, Mackey e Goff até um mercado na S. Berendo 1.683. Os três assaltaram o mercado, e White tentou prendê-los do lado de fora. Os três se recusaram a entregar as armas. White atirou, matando Goff e ferindo seriamente Mackey. Haskins se rendeu. Mais tarde Mackey morreu devido aos ferimentos e Haskins admitiu a culpa de assalto à mão armada, com antecedentes, e foi sentenciado à prisão perpétua.

Resumindo, o policial White cresceu muito e tem sido fundamental para transformar num enorme sucesso o Destacamento de Vigilância. Eu voltarei ao meu cargo regular na Homicídios em 15/3/53 e gostaria que o policial White se juntasse ao esquadrão como detetive de Homicídios. Em minha opinião, ele tem tudo para ser um excelente investigador.

Respeitosamente,
Dudley L. Smith, distintivo 410
Tenente, Divisão de Homicídios

Relatório anual de aptidão, DPLA

Assinalado *Confidencial*, data: 6/1/53, preenchido pelo capitão Russel Millard, cópias para as divisões de pessoal e administração:

6/1/53

RELATÓRIO ANUAL DE APTIDÃO

DATAS DE SERVIÇO: 13/4/52 a 31/12/52

NOME: Vincennes, John, distintivo 2.302

POSTO: Sargento-detetive (funcionário público grau 5)

DIVISÃO: Bureau de Detetives (Costumes)

COMANDANTE: Capitão Russell A. Millard, distintivo 5.009

Cavalheiros:

Conceito geral “D+” para o sargento Vincennes, junto com alguns comentários:

A. Como não bebe, Vincennes é excelente em operações de violação das leis de bebidas alcoólicas.

B. Vincennes ultrapassa seus limites quando o assunto são narcóticos, insistindo em fazer prisões por posse quando são encontradas drogas em cenas de crimes investigados pela Delegacia de Costumes.

C. Ele não confirmou meus temores de que iria negligenciar seus deveres na Costumes para oferecer auxílio ao seu mentor no Bureau, o tenente Dudley Smith. Isso serve de crédito para Vincennes.

D. Vincennes não se ressentiu pelo testemunho na questão das agressões no Natal, porque perdeu o estimado cargo na Narco e porque nenhum dos policiais que ele acusou especificamente foi para a cadeia.

E. Vincennes me pressiona continuamente para devolvê-lo à Narco. Eu não assinarei seus papéis de transferência até que ele resolva um caso importante na Delegacia de Costumes — essa é uma antiga estipulação de transferência na Costumes. Vincennes pediu que o promotor interino Ellis Loew exercesse pressão sobre mim para transferi-lo, e eu me recusei. Continuarei a me recusar, mesmo que Loew seja eleito promotor público.

F. Correm boatos de que Vincennes deixa vaziar informações internas para a revista de escândalos *Hush-Hush*. Eu o alertei: nunca deixe vaziar informações sobre nosso trabalho, caso contrário, vou arrancar seu couro.

G. Concluindo, Vincennes se mostrou um policial apenas adequado para a Delegacia de Costumes. Sua frequência é boa, seus relatórios são bem escritos (e, suspeito, aumentados com itens falsos). Sabe-se muito bem que ele opera com *bookmakers* e é competente em trabalhar em batidas contra a prostituição. Não negligenciou compromissos com o programa de TV, o que é um bom crédito. A Delegacia de Costumes provavelmente vai desbaratar uma rede de pornografia nos próximos meses, e Vincennes tem a chance de provar seu valor (e conseguir a transferência depois de resolver um caso importante). De novo, uma média geral “D +”.

Respeitosamente,
Russell A. Millard, distintivo 5.009
Oficial comandante
Delegacia de Costumes

Relatório anual de aptidão, DPLA

Assinalado *Confidencial*, data: 11/1/53, preenchido pelo tenente Arnold Reddin, Comandante, Divisão de Detetives — Esquadrão de Hollywood, cópias para as divisões de pessoal e administração:

11/1/53

RELATÓRIO ANUAL DE APTIDÃO

DATAS DE SERVIÇO: 1/3/52 a 31/12/52

NOME: Exley, Edmund J., distintivo 1.104

POSTO: Sargento-detetive (funcionário público grau 5)

DIVISÃO: Detetives (Esquadrão de Hollywood)

COMANDANTE: Tenente Arnold D. Reddin, distintivo 556

Cavalheiros:

A respeito do sargento Exley:

Este homem possui dons óbvios como detetive. É metuculoso, inteligente, parece não ter vida pessoal e trabalha até tarde. Tem apenas 30 anos e, nos nove meses como detetive, conseguiu uma brilhante ficha de prisões, com 95 por cento de condenação nos casos (principalmente pequenos crimes contra a propriedade) em que trabalhou. Prepara seus relatórios de forma minuciosa e sucinta.

Exley trabalha mal com parceiros e bem sozinho, por isso o mandei fazer interrogatórios desacompanhado. É um interrogador sem igual, e, segundo minha opinião, conseguiu algumas confissões milagrosas (sem força física). Tudo esteve muito bem, e a nota geral para Exley é um sólido “A”.

Mas ele é bastante odiado pelos colegas policiais, em resultado da atuação como informante nas comoções do Natal, e é desprezado por ter aceitado um cargo no Bureau como consequência disso. (Parece ser de conhecimento comum que Exley chegou ao Bureau de Detetives em resultado de sua atuação como informante.) Além disso, Exley não gosta de empregar a força com os suspeitos, e a maioria dos homens o considera covarde.

Exley passou na prova para tenente com notas muito altas, e provavelmente haverá uma vaga para ele. Acho que é jovem demais e inexperiente demais para ser tenente-detetive, e que essa promoção causaria grande ressentimento.

Ele seria um supervisor muito odiado.

Respeitosamente,
Tenente Arnold D. Reddin, distintivo 556

EXCERTO: *Los Angeles Daily News*, 9 de fevereiro:

**É OFICIAL: EXLEY, O REI DA CONSTRUÇÃO CIVIL,
INTERLIGARÁ O SUL COM SUPERVIAS EXPRESSAS**

Hoje a comissão de rodovias dos três condados anunciou que Preston Exley, ex-jornaleiro em São Francisco e policial de Los Angeles, é o homem que construirá o sistema de vias expressas para ligar Hollywood ao centro de Los Angeles, o centro a San Pedro, Pomona a San Bernardino, e South Bay ao vale de San Fernando.

“Os detalhes serão revelados em breve”, disse Exley por telefone ao *News*. “Amanhã darei uma entrevista coletiva pela televisão, e representantes do Legislativo estadual e da Comissão dos Três Condados estarão lá comigo.”

Número de fevereiro de 1953, revista *Hush-Hush*:

**PROMOTOR DE LOS ANGELES TIRA FOLGA DA
CAMPANHA — RELAXANDO COM MAGNÍFICA
MULATA!!!**

por Sidney Hudgens

Bill McPherson, promotor público da cidade de Los Angeles, gosta das altas e pernaltas, peitudas e picantes — e pardas. Do Sugar Hill no Harlem ao bairro negro de Los Angeles, o homem de 57 anos, casado e com três filhas adolescentes, é conhecido como o paizinho que gosta de distribuir a verde verba da caixinha — em inferninhos de negros onde os drinques são altos, o jazz é *cool*, a fumaça de maconha paira úmida e o romance inter-racial pulsa ao ritmo selvagem de um sax tenor uivante.

Está sacando, cara? Em plena campanha para a reeleição, a luta de sua vida política contra Ellis Loew, McPherson, o ás da guerra contra o crime, precisa de tempo para relaxar. Será

que ele vai à piscina do sóbrio Jonathan Club? Não. Será que ele leva a família ao Mike Lyman's ou ao Pacific Dining Car? Não. Aonde ele *vai*? A Strutter's Ball, em Darktown.

É o maior embalo ao sul de Jefferson, cara. Lá embaixo é um mundo diferente. Ondule o cabelo, ponha um terno roxo e caia na gandaia. O promotor Bill McPherson faz isso — toda noite de quinta-feira.

Mas vamos aos fatos. Marion McPherson, a sofrida rainha do lar do Bill de Darktown, acha que Billy Boy passa as noites de quinta olhando pesos-galo mexicanos se espancarem feito idiotas no Olympic Auditorium. Ela está erradíssima — nas noites de quinta Billy Malvadeza busca o *amour*, e não a pancadaria.

Fato número *uno*: Bill McPherson é frequentador assíduo do Minnie Robert's Casbah — o bordel negro mais elegante do sul de Los Angeles. Pode dizer que é fofoca, cara — mas ouvimos por aí que ele gosta do banho de leite a 35 dólares, dado por duas enormes belezas do Congo. Fato número *duo*: McPherson foi visto ouvindo Charlie “Bird” Parker (notório viciado) no Tommy Tucker's Playroom, no sétimo céu proporcionado pelo forte ponche do Playroom. Sua acompanhante naquela noite era uma tal de Lynette Brown, 18 anos, mulata malemolente com duas prisões por porte de maconha. Lynette contou a um correspondente secreto da *Hush-Hush*: “Bill gosta de negras. Ele diz: ‘Depois de você provar uma negra, não dá para voltar atrás.’ Ele gosta de jazz e gosta de fazer bem devagar. Ele é mesmo casado? Ele é mesmo promotor?”

Claro que é, doçura. Mas durante quanto tempo continuará sendo? Há um bocado de quintas-feiras entre hoje e o dia da eleição, e será que o Billy Malvadeza Bebop poderá controlar seus negros desejos até lá?

Lembre-se, cara leitora, que você soube primeiro aqui — extraoficialmente, na moita, e *muito* em segredo: *Hush-Hush*.

EXCERTO: *Los Angeles Herald-Express*, 1.º de março:

**POLICIAL DO NATAL SANGRENTO SAIRÁ LOGO DA
CADEIA**

Em 2 de abril, Richard Alex Stensland sai como homem livre da penitenciária agrícola de Wayside. Condenado ano passado sob quatro acusações de agressão relacionadas ao escândalo de brutalidade do Natal Sangrento de 1951, ele sai como um ex-policial com um futuro incerto.

O ex-parceiro de Stensland, o policial Wendell White, falou ao *Herald*. “Foi a escolha da sorte, aquele... lance do Natal. Eu estava lá, e poderia ter sido eu a ter me dado mal. Mas foi o Dick. Ele fez de mim um bom policial. Eu lhe devo isso e estou... furioso com o que aconteceu com ele. Ainda sou amigo de Dick e aposto que ele ainda tem muitos amigos no departamento.”

E parece que também na população civil. Stensland disse a um repórter do *Herald* que depois da libertação trabalhará para Abraham Teitlebaum, dono da Abe's Noshery, uma delicatessen em West Los Angeles. Perguntado se guarda mágoas contra alguma das pessoas que o mandaram para a cadeia, Stensland disse: “Só uma. Mas sou muito cumpridor da lei para fazer qualquer coisa a respeito.”

Los Angeles Daily News, 6 de março:

ESCÂNDALO TRANSFORMA CORRIDA PARA A PROMOTORIA NUMA VITÓRIA ESMAGADORA

Esperava-se uma disputa acirrada: o atual promotor público William McPherson contra o promotor interino Ellis Loew, e o vencedor ocuparia o cargo de combatente do crime durante os próximos quatro anos. Ambos fizeram campanha a partir dos temas: como usar do melhor modo o orçamento legal da cidade, como lutar contra o crime de modo mais eficaz. Ambos, previsivelmente, prometeram dar o máximo de si na luta contra o crime. O meio jurídico de Los Angeles considerava McPherson muito brando com o crime e muito liberal em termos gerais, e apoiou Loew. Os sindicatos deram apoio ao atual ocupante do cargo. McPherson contava com seu *status quo* e mostrava sua personalidade simpática, e Loew experimentou um papel de jovem enérgico que não deu certo: pareceu teatral e faminto por votos. Foi uma campanha de cavalheiros até chegar às bancas o número de

fevereiro da revista *Hush-Hush*.

A maioria das pessoas vê com um pé atrás a *Hush-Hush* e outras publicações escandalosas, mas era época de eleições. Um artigo alegava que o promotor McPherson, bem casado há 26 anos, se relacionava com moças negras. O promotor ignorou o texto, acompanhado de fotos suas com uma jovem negra, tiradas numa boate no sul de Los Angeles. A Sra. McPherson não ignorou a questão — e pediu divórcio. Ellis Loew não mencionou a questão em sua campanha, e McPherson começou a cair nas pesquisas. Até que, três dias antes da eleição, policiais deram uma batida no Lilac View Motel, na Sunset Strip, agindo a partir da dica de um “informante desconhecido”, que ligou falando de um encontro ilegal no quarto 9. O casal do encontro clandestino era o promotor McPherson e uma jovem prostituta negra, de 14 anos. Os policiais prenderam McPherson sob acusação de estupro e ouviram a história de Marvell Wilkins, uma menor com dois mandados de prisão.

Ela lhes disse que McPherson apanhou-a na South Western, ofereceu 20 dólares em troca de uma hora e a levou ao Lilac View. McPherson alegou amnésia: lembrava-se de ter tomado “vários martinis” num jantar com partidários no restaurante Pacific Dining Car e de em seguida ter entrado no carro. Não se recorda de nada depois disso. O resto é história: repórteres e fotógrafos chegaram ao Lilac View Motel pouco depois dos policiais, McPherson tornou-se notícia de primeira página, e na terça-feira Ellis Loew foi eleito promotor público numa vitória esmagadora.

Algo cheira mal nisso tudo. A imprensa marrom não deveria ditar o rumo de campanhas políticas, mesmo porque nós, do *Daily News* (declaradamente partidários de McPherson), nunca criticaríamos o direito de publicarem qualquer sujeira que desejassem. Tentamos localizar Marvell Wilkins, mas a garota, liberada da custódia, parece ter desaparecido da face da terra. Sem querer fazer acusações apressadas, nós, do *Daily News*, pedimos ao promotor eleito Ellis Loew que inicie uma investigação sobre isso, se não por outro motivo, por sua vontade de assumir o novo cargo sem nuvens negras pairando acima.

Parte II

O Massacre do Nite Owl

Toda a delegacia para ele.

Uma festa de aposentadoria no andar térreo — ele não foi convidado. O relatório semanal de crimes a ser lido, resumido, levado para o boletim — ninguém nunca se encarregava disso, sabiam que ele fazia melhor. Os jornais alardeando a inauguração do Dream-a-Dreamland — os outros policiais imitando a voz esganiçada do rato Moochie para ele, *ad nauseam*. Spade Cooley tocando na festa; o pervertido Dois Perkins andando pelos corredores. Meia-noite e totalmente sem sono — Ed lia, datilografava.

9/4/53: um travesti assaltou quatro lojas no Hollywood Boulevard, agrediu dois vendedores com golpes de judô. 10/4/53: um lanterninha do Grauman's Chinese foi morto a facadas por dois brancos — tinha mandado que eles apagassem os cigarros. Suspeitos ainda à solta; o tenente Reddin disse que ele era inexperiente demais para cuidar de um homicídio. Ed não pegou o serviço. 11/4/53: uma pilha de fichas criminais — várias vezes nas últimas duas semanas um grupo de rapazes negros num carro foi visto descarregando espingardas para o ar em Griffith Park Hills. Sem identificações, os garotos dirigiam um Mercury roxo cupê, 1948-50. 11/4 a 13/4/53: cinco roubos durante o dia, casas particulares ao norte do Boulevard, joias roubadas. Ninguém ainda foi designado para a investigação; Ed anotou: pegar o serviço, tirar impressões antes que os pontos de acesso sejam borrados. Hoje era dia 14 — ele poderia ter uma chance.

Terminou. A delegacia vazia o deixava feliz: ninguém que o odiasse, um lugar grande cheio de mesas e arquivos. Formulários oficiais nas paredes — espaços vazios que eram preenchidos quando se fazia uma prisão e obrigava alguém a confessar. As confissões podiam ser cifradas, nada além de uma admissão do crime. Mas se o

sujeito fosse torcido do jeito certo — se fosse amado e odiado exatamente no grau certo — ele contaria coisas — pequenos detalhes — que criariam uma realidade capaz de dar impulso ao caso e render aquelas informações a mais, com as quais se poderia dobrar o próximo suspeito. Art de Spain e seu pai lhe ensinaram a encontrar o ponto em que o sujeito começava a falar. Eles tinham caixas cheias de antigas transcrições de estenografia: estupradores de crianças, ladrões, a escória variada que havia confessado a eles. Art era capaz de dar socos na nuca do interrogado — mas usava mais a ameaça que o ato. Preston Exley raramente batia — considerava isso o criminoso derrotando o policial e criando desordem. Os dois liam respostas capciosas e faziam com que Ed adivinhasse as perguntas; davam-lhe um resumo de experiências criminosas comuns — estímulos para provocar o fluxo. Mostravam que os homens têm níveis de fraqueza aceitáveis porque outros homens os admitem, e níveis de fraqueza que produzem grande vergonha, algo para esconder de todos, menos de um brilhante confessor. Estimulavam seu instinto para a jugular da fraqueza. O instinto ficou tão forte que algumas vezes ele não conseguia se olhar no espelho.

As sessões iam até tarde — dois viúvos, um jovem sem mulher. Art tinha uma atração por assassinatos múltiplos — fez com que seu pai apresentasse repetidamente o caso Loren Atherton: sequestros causando pavor, relatos de testemunhas. Preston dava de má vontade as teorias psicológicas — queria que seu caso de glória permanecesse lacrado, completo, em sua mente. Os antigos casos de Art eram investigados — e ele colhia os esforços de três mentes fantásticas: confissões imediatas, 95 por cento de condenações. Mas até agora seu impulso para revelar conhecimentos criminosos não fora desafiado — muito menos mitigado.

Ed desceu até o estacionamento, sentindo o sono chegar.

— Quack, quack — atrás dele... Mãos o fizeram girar.

Um homem com máscara de criança — pato Danny. Um golpe de esquerda arrancou-lhe os óculos; um soco no rim o derrubou. Chutes nas costelas fizeram-no se encolher.

Ed se encolheu com força, levou chutes no rosto. Um flash espocou; dois homens afastaram-se: um imitando pato, outro rindo. Fácil identificar: o zurro de Dick Stensland, o passo manco de Bud White por conta dos ferimentos no futebol. Ed cuspiu sangue, jurou vingança.

Russ Millard falava ao Esquadrão 4 da Delegacia de Costumes — o tópico era pornografia.

— Revistas de fotos pornográficas, cavalheiros. Ultimamente várias delas vêm sendo encontradas em cenas de crimes colaterais: narcóticos, apostas ilegais e prostituição. Normalmente esse tipo de coisa é produzida no México, de modo que não faz parte de nossa jurisdição. Normalmente é uma atividade secundária do crime organizado, porque as grandes quadrilhas têm o dinheiro para produzir e as conexões para distribuir. Mas Jack Dragna foi deportado, e Mickey Cohen está na prisão e, de qualquer modo, é puritano demais, e Mo Jahelka está afundando sozinho. Fotos de sacanagem não são o estilo de Jack Whalen... Ele é um *bookmaker* querendo pôr as mãos num cassino em Vegas. E esse material encontrado é de qualidade boa demais para as gráficas da área de Los Angeles: a Delegacia de Costumes da Newton Street invadiu algumas; estão limpas, simplesmente não possuem instalações para produzir revistas desse quilate. Mas os cenários das fotos indicam que se originam em Los Angeles: dá para ver o que parece ser Hollywood Hills através de algumas janelas, e a mobília em muitos dos lugares lembra os típicos apartamentos baratos de Los Angeles. De modo que nosso trabalho é rastrear essa imundície até a fonte e prender quem produziu, posou e distribuiu.

Jack gemeu: o “Grande caso das revistas de punheta” de 1953. Os outros caras pareciam doidos para olhar as fotos, talvez para animar as esposas. Millard engoliu um remédio para o coração.

— Os caras da Newton Street interrogaram todo mundo envolvido com os crimes colaterais, e todos negaram serem donos do material. Ninguém nas gráficas sabe onde ele foi feito. As revistas foram mostradas no Bureau e nas delegacias de Costumes, e não tivemos qualquer identificação dos modelos. De modo que,

cavalheiros, procurem.

Henderson e Kifka estenderam as mãos; Stathis parecia à beira de babar. Millard passou a revista.

— Vincennes, há algum lugar onde você preferiria estar?

— Sim, capitão, na Divisão de Narcóticos.

— Ah! Algum outro lugar?

— Talvez trabalhando as putas com o Esquadrão 2.

— Resolva um caso importante, sargento. Eu adoraria assinar sua saída daqui.

Oohs, ahhs, risinhos, uh-la-lás; três homens balançavam a cabeça. Jack pegou as publicações.

Sete revistas, papel brilhante de boa qualidade, capas pretas lisas. Dezesesseis páginas cada: fotos coloridas, preto e branco. Duas revistas rasgadas ao meio; fotos explícitas: homens e mulheres, homens e homens, meninas e meninas. Closes de penetrações: hetero, veados, lésbicas com vibradores. As janelas revelando Hollywood; trepadas em camas Murphy, apartamentos baratos: paredes de estuque em relevo, sobre a mesa o fogareiro elétrico comum a cada moradia de solteiro em Los Angeles. Bem de acordo com a revista de sacanagem — mas as modelos não eram putas de olhos vítreos; eram bonitas, jovens com bons corpos — nuas, fantasiadas: vestidos elisabetanos, quimonos japoneses. Jack juntou as revistas rasgadas e conseguiu um bingo: Bobby Inge — um prostituto que ele prendera por posse de maconha — chupando um cara com um espartilho de barbatanas.

— Alguém familiar, Vincennes? — perguntou Millard.

Uma possibilidade.

— Nada, capitão. Mas onde vocês conseguiram essas revistas rasgadas?

— Elas foram encontradas numa lata de lixo atrás de um prédio de apartamentos em Beverly Hills. A síndica, uma senhora chamada Loretta Downey, encontrou e chamou o DP de Beverly Hills. Eles ligaram para nós.

— O senhor tem o endereço do prédio?

Millard verificou a ficha de evidências.

— Charleville, 9.849. Por quê?

— Eu achei que deveria fazer parte do serviço. Tenho boas conexões em Beverly Hills.

— Bom, o pessoal realmente chama você de “Lata de Lixo”. Tudo bem, procure em Beverly Hills. Henderson, você e Kifka

tentem localizar as pessoas que foram presas e estão nos relatórios dos crimes, e tentem descobrir *de novo* onde elas conseguiram o material... Já arranjo para vocês as cópias. Digam que não haverá acusações adicionais caso eles falem. Stathis, leve essa imundície às empresas de aluguel de roupas e veja se consegue identificar algo no estoque delas; depois descubra quem alugou as fantasias que os... artistas estão usando. Vamos tentar por aí primeiro... Se tivermos de procurar nos arquivos de fotos para tentar uma identificação, vamos perder uma semana. Estão dispensados, cavalheiros. Pé na estrada, Vincennes. E não se distraia no caminho... Aqui é a Delegacia de Costumes, não a de Narcóticos.

JACK PÔS O PÉ na estrada: ir ao setor de identificação, olhar o arquivo de Bobby Inge. Sua possibilidade se desenrolando: ir a Beverly Hills, encontrar a velha síndica, ver o que podia descobrir e achar uma pista quente que lhe dissesse o que ele já sabia — Bobby Inge era culpado de conspirar para distribuir material obsceno, um tremendo crime. Bobby iria dedurar os colegas astros e os caras que haviam tirado as fotos — surgia no horizonte um requerimento de transferência em grande estilo.

O dia estava fresco, com brisas; Jack pegou a Olympic direto para o oeste. Manteve o rádio ligado; um noticiário apresentava Ellis Loew: cortes de orçamento na Promotoria. Ellis falava sem parar; Jack mudou de estação — uma baboseira sobre Bill McPherson. Sintonizou uma alegre canção da Broadway; mesmo assim pensou nele.

A matéria da *Hush-Hush* fora ideia sua: McPherson gostava de putas negras, Sid Hudgens adorava escrever sobre sujeitos que comiam crioulas. Ellis Loew sabia, aprovou, considerou como sendo outro favor em depósito. A mulher de McPherson pediu divórcio; Loew estava satisfeito — ficou na frente nas pesquisas. Dudley Smith queria mais — e armou o flagrante.

Uma aposta fácil:

Dot Rothstein conhecia uma garota negra que estava passando uma temporada no reformatório por pegar homens na rua. Dot e a garota botavam as aranhas para brigar sempre que ela ia em cana. Dot convenceu a bandidazinha; Dudley e seu principal assecla, Mike Breuning, reservaram um quarto no Lilac View Motel: o mais notório antro de trepadas na Sunset Strip, área do condado onde o

promotor público seria apenas outro zé mané apanhado sem calças. McPherson foi a um jantar no Dining Car: Dudley colocou Marvell Wilkins — 14 anos, mulata, feiticeira — esperando do lado de fora. Breuning alertou o xerife de West Hollywood e a imprensa; o Grande V colocou hidrato de cloral no último martíni de McPherson. O promotor deixou o restaurante tonto, dirigiu o Cadillac por cerca de 1,5 quilômetro, parou na esquina de Wilshire com Alvarado e apagou. Breuning parou atrás dele com a isca: Marvell num vestido de noite. Pegou o volante do carro de McPherson, levou Bill Malvadeza e a garota até o lugar do encontro clandestino — e o resto é história política.

Não contaram a Ellis Loew — ele achou que simplesmente tivera sorte. Dot mandou Marvell para Tijuana com todas as despesas pagas — pelo orçamento da prisão feminina. McPherson perdeu a mulher e o cargo; a acusação de estupro foi retirada — Marvell não pôde ser localizada. Algo estalou dentro do Graaande V...

O estalo: um favor bem sujo em vista. Motivo: Dot Rothstein na ambulância em outubro de 1947 — ela sabia, Dudley provavelmente sabia. Se os dois sabiam, o jogo tinha de ser jogado de modo que o restante do mundo não soubesse — de modo que Karen não soubesse.

Jack era o herói havia um ano e meio; de alguma maneira, a cascata ficou real. Ele parou de mandar dinheiro para os filhos dos Scoggins, encerrando sua dívida em 40 mil — precisava de grana para cortejar Karen, estar com ela colocava-o a alguma distância do Malibu Rendez-vous. Joan Morrow Loew continuou insuportável; Welton e a patroa o aceitavam de má vontade — e Karen o amava a ponto de quase doer. Trabalhar na Delegacia de Costumes doía — o serviço era um saco, ele atuava contra drogas sempre que tinha oportunidade. Sid Hudgens não ligava tanto — agora ele não pertencia mais à Narco. Depois do negócio do McPherson, ele estava satisfeito — não sabia que era capaz de fazer outra chantagem.

Karen tinha as próprias mentiras — elas ajudavam a parecer verdadeira a pinta de herói dele. Poupança, casa na praia paga pelo papai, faculdade. Assunto de dileitante: ele estava com 38 anos, ela com 23. Com o tempo ela acabaria descobrindo. Queria se casar com ele, ele resistia; Ellis Loew como cunhado significaria trabalhar de coletor de suborno até morrer. Sabia por que seu papel de herói funcionava: Karen era a plateia que ele sempre quisera

impressionar. Sabia o que ela poderia engolir, o que não poderia; o amor de Karen moldara seu desempenho, de modo que Jack só precisava parecer natural — e manter alguns segredos escondidos.

O trânsito se arrastava; Jack virou para o norte na Doheny, para o oeste na Charleville. Número 9.849 — uma construção Tudor, de dois andares — a um quarteirão da Wilshire. Jack estacionou em fila dupla, verificou as caixas de correio.

Seis caixas: Loretta Downey, cinco outros nomes — três senhor e senhora, um homem, uma mulher. Jack anotou-os, caminhou até a Wilshire, encontrou um telefone público. Ligações para o Departamento de Identificação e para o número de informações do Departamento de Veículos; duas esperas. Nenhum registro criminal dos moradores; uma notável ficha de infrações de trânsito: Christine Bergeron, a senhorita da caixa de correio, quatro condenações por dirigir com imprudência, sem revogação de carteira. Jack conseguiu informações extras com o funcionário: a mulher tinha 37 anos, sua ocupação estava registrada como atriz/garçonete; em julho de 1952 trabalhava no Stan's Drive-in, em Hollywood.

Instintos: garçonetes não moram em Beverly Hills; talvez Christine Bergeron fizesse algo a mais para pagar o aluguel. Jack voltou ao 9.849 e bateu à porta assinalada “Síndico”.

Uma velhota apareceu.

— Sim, meu jovem?

Jack mostrou o distintivo.

— Polícia de Los Angeles, senhora. É sobre aquelas revistas que a senhora encontrou.

A velhota franziu os olhos por trás dos óculos de fundo de garrafa.

— Meu falecido esposo teria feito justiça pessoalmente. O Sr. Harold Downey não tolerava indecências.

— A senhora mesma achou as revistas, Sra. Downey?

— Não, meu jovem, foi a faxineira. *Ela* rasgou as revistas e jogou na lata de lixo, onde eu encontrei. Mais tarde interroguei Eula sobre isso, depois de ter ligado para a polícia de Beverly Hills.

— Onde Eula encontrou as revistas?

— Bom... eu... não sei se deveria...

Uma mudança brusca:

— Fale-me de Christine Bergeron.

Ummpf.

— Aquela mulher! E aquele garoto dela! Não sei quem é pior.

— Ela é uma moradora difícil?

— Ela recebe homens o tempo todo! Anda de patins com aquela roupa justa de garçonetel! Tem um filho imprestável, que nunca vai à escola! Tem 17 anos e é um malandro que vive saindo com vagabundos!

Jack estendeu uma foto de Bobby Inge; a velhota a trouxe para perto dos óculos.

— Sim, esse é um dos amigos do Daryl, gente desqualificada. Eu o vi se esgueirando por aqui uma dúzia de vezes. Quem é ele?

— Minha senhora, Eula encontrou essas revistas imorais no apartamento de Bergeron?

— Bem...

— Senhora, Christine Bergeron e o rapaz estão em casa agora?

— Não, ouvi os dois saindo há algumas horas. Desenvolvi um bom ouvido, para compensar a vista fraca.

— Se me deixar entrar no apartamento deles e eu encontrar mais algumas revistas dessas, a senhora pode receber uma recompensa.

— Bem...

— A senhora tem as chaves?

— Claro que tenho, eu sou a síndica. Bom, eu deixo você olhar se prometer não tocar em nada e se eu não tiver de pagar imposto sobre a recompensa.

Jack pegou a foto de volta.

— O que a senhora quiser.

A velha subiu a escada até os apartamentos do segundo andar. Jack foi atrás; a dona abriu a terceira porta.

— Cinco minutos, meu jovem. E seja respeitoso com os móveis; meu cunhado é dono do prédio.

Jack entrou. Sala arrumada, chão arranhado — provavelmente riscos feitos por patins. Móvelia de qualidade, gasta, malcuidada. Paredes nuas, sem TV, duas fotos emolduradas sobre a mesa — fotos de publicidade.

Jack verificou-as; a Sra. Downey ficou perto. Molduras iguais, de estanho — duas pessoas de boa aparência.

Uma mulher bonita — cabelos claros estilo pajem, olhos com um brilho barato. Um garoto bonito parecido com ela — muito louro, olhos grandes e estúpidos.

— São Christine e o filho?

— Sim, e os dois fazem um par atraente, isso tenho de admitir. Meu jovem, qual é a quantia da recompensa que você mencionou?

Jack ignorou-a e entrou no quarto: revistou as gavetas, o armário, debaixo do colchão. Nada de revista de sacanagem, nem drogas, nada suspeito — os *negligéés* eram a única droga que merecia ser cheirada.

— Jovem, os cinco minutos terminaram. E eu quero uma garantia escrita de que vou receber aquela recompensa.

Jack se virou, sorrindo.

— Eu mando pelo correio. E preciso de mais um minuto para verificar a caderneta de telefones.

— Não! Não! Eles podem voltar para casa a qualquer momento! Quero que você saia nesse instante!

— Só um minuto, senhora.

— Não, não, não! Saia imediatamente.

Jack foi para a porta. A bruxa velha falou:

— Você me lembra o policial daquele programa famoso de televisão.

— Eu ensinei tudo que ele sabe.

SENTIU UMA RAPIDINHA tomando forma.

Bobby Inge entrega os traficantes de pornografia, é preso, algum tipo de acusação paira sobre ele e Daryl Bergeron: o garoto é menor, Bobby é um fresco notório com uma ficha policial cheia de autuações por agir como alcoviteiro de homossexuais. É só apertar bem: confissões, suspeitos localizados, um monte de papelada para Millard. O Grande V dos grandes tempos desmonta a grande rede de pornografia e voa de volta para a Narcóticos como herói.

Para Hollywood, uma passada no Stan's Drive-in — Christine Bergeron deslizando nos patins. Mal-humorada, provocadora — do tipo quase puta, talvez do tipo que pose com um pau na boca.

Jack estacionou, leu a ficha de Bobby Inge. Dois mandados de prisão importantes: multas de trânsito, não comparecimento à citação de sursis. Último endereço conhecido, North Hamel, 1.424, West Hollywood — o coração do vale das bichas. Três bares de homos assinalados como “lugares frequentados por Inge”: Leo's Hideaway, Knight in Armor, B.J.'s Rumpus Room — todos no Santa Monica Boulevard, ali perto. Jack foi para a Hamel Drive, com as algemas abertas.

Uma vila de bangalôs perto da Strip: área do condado, “Inge — ap. 6” na caixa de correios. Jack encontrou o lugar, bateu, sem

resposta.

— Bobby, ei, doçura — um trinado em falsete; mesmo assim, nada. Uma porta trancada, cortinas fechadas... todo o lugar num silêncio de morte. Jack voltou ao carro, foi para o sul.

O bairro dos bares de veados: os antros frequentados por Inge ocupavam dois quarteirões. O Leo's Hideaway fechado até as 16 horas; o Knight in Armor vazio. O garçom deu uma de *vamp*.

— Bobby quem? — como se realmente não o conhecesse.

Jack foi ao B.J.'s Rumpus Room.

Estofado de couro artificial — paredes, teto, reservados perto de um palco pequeno. Veados no bar; o barman farejou policial imediatamente. Jack se aproximou, colocou as fotos viradas para cima.

O barman as pegou.

— É o Bobby não-sei-das-quantas. Ele aparece com frequência.

— Com que frequência?

— Ah, várias vezes por semana.

— À tarde ou à noite?

— Os dois.

— Quando ele esteve aqui a última vez?

— Ontem. Na verdade, foi mais ou menos a esta hora, ontem.

Você está...

— Eu vou sentar num daqueles reservados ali e esperar. Se ele aparecer, não fale de mim. Entendeu?

— Sim. Mas, olhe, você já esvaziou toda a pista de dança.

— Desconte dos impostos.

O barman deu um risinho; Jack foi até um reservado perto do palco. Uma visão abrangente: a porta da frente, a dos fundos, o balcão. A escuridão o encobria. Observou.

Rituais de acasalamento de bichas:

Olhares, *tête-à-tête*, saída pela porta. Um espelho acima do balcão: os frescos podiam se procurar, trocar olhares e desfalecer. Duas horas, meio maço de cigarros — nada do Bobby Inge.

A barriga roncava; a garganta estava áspera; as garrafas no bar sorriam para ele. Tédio a ponto de sentir coceiras: às 16 horas iria para o Leo's Hideaway.

16h53 — Bobby Inge entrou.

Ocupou um banco; o barman serviu-lhe uma bebida. Jack se aproximou.

O barman, assustado: olhos dardejando, mãos trêmulas. Inge

girou. Jack disse:

— Polícia. Mãos na cabeça.

Inge jogou a bebida nele. Jack sentiu gosto de uísque; o uísque queimou seus olhos. Ele piscou, cambaleou, caiu cego no chão. Tentou tossir, levantar-se, teve uma visão borrada: Bobby Inge havia sumido.

Correu para fora. Nada de Bobby na caçada, um sedã cantando pneus. Seu carro a dois quarteirões de distância.

O álcool violentando-o.

Jack atravessou a rua até um posto de gasolina. Entrou no banheiro dos homens, jogou o blazer numa lata de lixo. Lavou o rosto, passou sabão na camisa, tentou vomitar o gosto de bebida — não conseguiu. Água cheia de sabão na pia — engoliu-a, gargarejou, sentiu ânsias de vômito.

Recuperando os sentidos: seu coração parando de derrapar, as pernas se firmando. Tirou o coldre, enrolou-o em toalhas de papel, voltou ao carro. Viu um telefone público — e fez a ligação por instinto.

Sid Hudgens atendeu.

— *Hush-Hush*, extraoficialmente e em segredo.

— Sid, é Vincennes.

— Jackie, voltou para a Narco? Preciso de informações.

— Não, estou com um negócio na Costumes.

— Parada boa? Tem a ver com alguma celebridade?

— Não sei se é boa, mas, se ficar bom, o negócio é seu.

— Você está parecendo sem fôlego, Jackie. Esteve trepando?

Jack tossiu. Bolhas de sabão.

— Sid, estou atrás de umas revistas de sacanagem. De fotos. Fotos de fodas, mas as pessoas não parecem viciadas em drogas, e usam roupas caras. É um negócio bem feito, e achei que talvez você tivesse ouvido algo sobre isso.

— Não. Não, não ouvi xongas.

Depressa demais.

— E que tal um prostituto chamado Bobby Inge ou uma mulher chamada Christine Bergeron? Ela é garçonete de drive-in, talvez rode bolsinha por fora.

— Nunca ouvi falar deles, Jackie.

— Merda. Sid, e sobre traficantes de pornografias em geral. O que você sabe?

— Jack, eu sei que isso é uma merda secreta da qual não sei

nada. E o negócio com relação a segredos, Jack, é que todo mundo tem. Inclusive você. Falo com você mais tarde, Jack. Ligue quando tiver trabalho.

A linha emudeceu.

TODO MUNDO TEM SEGREDOS — INCLUSIVE VOCÊ.

Sid não era bem o Sid, sua frase de encerramento não era bem um alerta.

SERÁ QUE ELE SABE, PORRA?

Jack passou de carro pelo Stan's Drive-in, trêmulo, as janelas baixadas para eliminar o cheiro do sabonete. Christine Bergeron não estava à vista. De volta a Charleville, 9.849, toc-toc na porta do apartamento dela — ninguém atendeu, há uma folga entre a fechadura e o portal. Deu um empurrão; a porta abriu-se.

Uma trilha de roupas na sala. A foto emoldurada desaparecida.

Para o quarto, apavorado, a arma no carro.

Armários e gavetas vazios. A cama desfeita. Para o banheiro.

Creme dental e absorventes caídos no boxe. Prateleiras de vidro quebradas sobre a pia.

Fuga — estilo 15 minutos.

De volta a West Hollywood — depressa. A porta de Bobby Inge aberta facilmente; Jack entrou com o revólver na frente.

Limpeza número 2 — um trabalho melhor.

Sala de estar limpa, banheiro impecável, quarto mostrando gavetas vazias. Uma lata de sardinhas na geladeira. A lata de lixo da cozinha limpa, um saco de papel novo dentro.

Jack revirou o apartamento: sala, quarto, banheiro, cozinha — prateleiras derrubadas, tapetes arrancados, o vaso sanitário arrancado. Parou subitamente: latas de lixo, cheias, arrumadas dos dois lados da rua.

É lá ou em lugar algum.

Cerca de uma hora e vinte desde seu encontro com Inge: o escroto não iria correr direto para casa. Provavelmente percorreu a rua, voltou devagar, arriscou-se a sair deixando o carro estacionado no beco. Imaginou que a batida se devia aos seus antigos mandados ou ao trabalho com a revista de sacanagem; sabia que estava em perigo e não podia ser apanhado guardando pornografia. Não podia se arriscar a transportá-la no carro — os riscos eram grandes demais. O bueiro ou o lixo, perto do topo das latas, talvez mais rostos para serem identificados pelo Grande Jack Lata de lixo.

Jack chegou à calçada, enfiou-se nas latas de lixo — um

punhado de garotos riram dele. Uma, duas, três, quatro — duas deixadas perto da esquina. Sem tampa a última lata de lixo; papel preto e brilhante aparecendo.

Jack foi direto.

Três revistas de sacanagem bem em cima. Jack pegou-as, voltou correndo ao carro, folheou — os garotos arregalaram os olhos perto do para-brisa. As mesmas paisagens de Hollywood ao fundo, Bobby Inge com garotos e garotas, gente bonita e desconhecida trepando. Na metade da terceira revista as fotos enlouqueceram.

Orgias, trenzinhos ligando buraco a buraco, uma dúzia de pessoas num chão forrado com uma colcha. Membros decepados: esguichos vermelhos saindo de braços, pernas. Jack forçou a vista, os olhos cansados, o vermelho era tinta, as fotos retocadas. — os cortes nos membros eram falsos, sangue de tinta saindo em pequenos redemoinhos artísticos.

Tentou fazer alguma identificação; a perfeição obscena o distraía: nus sangrando tinta, nenhum rosto conhecido até a última página: Christine Bergeron e o filho trepando, de pé sobre patins num piso de madeira arranhada.

Uma foto largada em sua caixa de correio: o sargento Ed Exley sangrando e aterrorizado. Nada escrito atrás, não havia necessidade. Stensland e White tinham o negativo, garantia de que jamais iria tentar sacaneá-los.

Ed, sozinho no esquadrão às seis da manhã. Os pontos em seu queixo doíam; os dentes frouxos tornavam impossível comer. Cerca de trinta horas desde o momento — suas mãos ainda tremiam.

Vingança.

Não contou ao pai; não podia se arriscar à ignomínia de procurar Parker na Assuntos Internos. A vingança contra Bud White seria complicada: ele era o garoto de Dudley Smith, que lhe dera um lugar na Homicídios e o estava criando para ser seu capanga principal. Stensland era mais vulnerável: sob sursis, trabalhando para Abe Teitlebaum, um ex-assecla de Mickey Cohen. Um bêbado, implorando para voltar à cadeia.

Vingança — já sendo engendrada.

Dois homens do xerife comprados e pagos: um mergulho na poupança deixada pela mãe. Dois homens seguindo Dick Stens, dois homens na cola de sua menor violação de sursis.

Vingança.

Ed ficou trabalhando na papelada. Sua barriga roncou: nada de comida, calças frouxas pesando no coldre. Uma voz saiu pelo rádio: alta, fantasmagórica.

— Chamada ao esquadrão! Café Nite Owl, Cherokee 1824! Homicídios múltiplos! Ver os policiais! Código três!

Ed bateu com as pernas ao se levantar. Nenhum outro detetive de plantão — o negócio era seu.

CARROS-PATRULHA NA ESQUINA da Hollywood com a Cherokee;

policiais uniformizados bloqueando a área do crime. Nenhum à paisana em vista — ele podia ser o primeiro.

Ed parou, desligou a sirene. Um policial veio correndo.

— Há um monte de gente morta, talvez mulheres também. Eu encostei, parei para o café e vi um letreiro esquisito à porta: “Fechado por motivo de doença.” Cara, o Nite Owl *nunca* fecha. Estava escuro lá dentro, e eu percebi que era um negócio estranho. Exley, essa chamada não era sua, esse negócio tem que ser com o pessoal do centro, por isso...

Ed o empurrou para o lado, foi até a porta. Aberta, um letreiro colado: “Fechado por motivo de doença”. Ed entrou, memorizou.

Um interior comprido, retangular. À direita: uma fileira de mesas, quatro cadeiras em cada. A parede do lado com um mural de papel: corujas piscando, empoleiradas em letreiros de rua. Um piso de linóleo xadrez; à esquerda, um balcão — uma dúzia de bancos. Um corredor de serviço atrás dele, a cozinha nos fundos, diante da qual ficava o posto do cozinheiro: frigideiras, espátulas em ganchos, uma plataforma para colocar os pratos. À esquerda, à frente: uma caixa registradora.

Aberta, vazia — moedas no tapete ao lado.

Três mesas desarrumadas: comida espalhada, pratos virados; suportes de guardanapo, pratos quebrados no chão. Marcas de algo arrastado indo para a cozinha; um sapato alto junto a uma cadeira virada.

Ed entrou na cozinha. Comida semicrua, pratos quebrados, panelas no chão. Um cofre de parede atrás do balcão do cozinheiro — aberto, moedas espalhadas. Marcas de algo arrastado se cruzando com outras, manchas pretas de saltos terminando à porta de uma despensa de comida.

Escancarada, o fio desligado da tomada — nada de ar frio para preservar. Ed abriu.

Corpos — uma pilha encharcada no chão. Miolos, sangue e tiros de espingarda na parede. Sangue com 60 centímetros de profundidade sendo coletado numa vala de drenagem. Dúzias de cartuchos de espingarda flutuando no sangue.

JOVENS NEGROS NUM CUPÊ MERCURY 1948-50 VISTOS
DESCARREGANDO ESPINGARDAS PARA O AR EM GRIFFITH PARK
HILLS VÁRIAS VEZES NAS ÚLTIMAS DUAS SEMANAS.

Ed sentiu náuseas, tentou fazer uma contagem dos corpos.

Sem rostos discerníveis. Talvez cinco pessoas mortas em troca do

dinheiro da caixa registradora e do cofre e do que tinham com elas...

— Que porra.

Um sujeito com cara de recruta — pálido, quase verde.

— Quantos homens estão lá fora? — perguntou Ed.

— Eu... não sei. Um monte.

— Não fique enjoado, junte todo mundo para começar a recolher informações. Precisamos saber se um certo tipo de carro foi visto esta noite por aqui.

— S-s-senhor, há um homem do Bureau de Detetives que quer vê-lo.

Ed saiu. Amanhecendo: luz nova sobre uma cena de multidão. Guardas contendo repórteres; curiosos apinhados. Buzinas soavam; motocicletas faziam a interferência: ambulâncias atrapalhadas pela multidão. Ed procurou algum figurão da polícia; jornalistas gritando perguntas o atropelaram.

Empurrado para a calçada, encurralado de encontro a um carro de polícia. Flashes espocando pop pop pop — ele se virou para que os hematomas não aparecessem. Mãos fortes o seguravam.

— Vá para casa, garoto. Eu estou no comando aqui.

A primeira chamada para todo o Bureau, em todos os tempos — cada detetive baseado no centro da cidade ficando a postos. A sala de reuniões do chefe apinhada até o teto.

Thad Green, Dudley Smith perto de um microfone; os homens diante deles, coçando-se de vontade de ir. Bud procurou Ed Exley — uma chance de verificar os ferimentos. Nada do Exley — corria um boato de que fora ele o primeiro a receber o aviso do Nite Owl.

Smith pegou o microfone.

— Rapazes, todos vocês sabem por que estamos aqui. Deixando de lado a hipérbole do Massacre do Nite Owl, este é um crime hediondo que exige solução dura e rápida. A imprensa e o público vão cobrar isso, e como já temos algumas pistas consistentes, vamos responder a elas. “Havia seis pessoas mortas na despensa — três homens e três mulheres. Falei com o dono do Nite Owl, e ele me disse que três dos mortos eram provavelmente Patty Chesimard e Donna DeLuca, brancas, a garçonete do turno da noite e a caixa, e Gilbert Escobar, mexicano, cozinheiro e lavador de pratos. As outras três vítimas — dois homens, uma mulher — eram, com toda probabilidade, clientes. A caixa registradora e o cofre estavam vazios, e os bolsos e as bolsas das vítimas tinham sido limpos, o que significa que o motivo foi obviamente o roubo. A perícia está sendo feita agora — por enquanto não temos nada além de impressões de luvas de borracha na caixa registradora e na porta da despensa. Não sabemos a hora da morte das vítimas, mas o pouco número de clientes e outra pista que temos indicam três da madrugada como a hora dos assassinatos. Um total de 45 cartuchos Remington calibre 12 foram encontrados na despensa. Isso indica três homens com espingardas de cinco tiros, todos recarregando duas vezes. Não preciso dizer como esses 45 tiros foram gratuitos, rapazes. Estamos lidando aqui com bestas alucinadas.

Bud olhou ao redor. Ainda nada do Exley, cem homens tomando notas. Jack Vincennes num canto, sem bloco de anotações. Thad Green tomou a palavra.

— Nenhuma trilha de sangue levando ao lado de fora. Esperávamos pegadas para fazer eliminações, mas não encontramos nenhuma, e Ray Pinker, da perícia, diz que a demora será de pelo menos 48 horas. O legista afirma ser extremamente difícil identificar os clientes devido ao estado dos corpos. Mas temos uma pista quente. A Divisão de Hollywood pegou um total de quatro relatórios da cena do crime, de modo que ouçam bem. Nas últimas duas semanas um carro cheio de jovens negros foi visto com os rapazes descarregando espingardas para o ar no Griffith Park. Eram três e as espingardas eram de alavanca, como as usadas no massacre. Os vagabundos não foram presos, mas testemunhas oculares disseram que eles estavam num Mercury cupê modelo entre 1948 e 1950, roxo. E há apenas uma hora a equipe de levantamento do tenente Smith encontrou uma testemunha: um jornalista que viu um Mercury cupê roxo, 1948-50, estacionado na frente do Nite Owl ontem à noite por volta das três da madrugada.

A sala virou um tumulto: o maior barulho. Green pediu silêncio com um gesto.

— A coisa vai ficar melhor, escutem bem. Não há nenhum Mercury roxo entre 1948 e 1950 na lista quente; assim, é pouco provável que estejamos lidando com um carro roubado, e o Departamento Estadual de Trânsito nos deu uma lista de registros dos Mercurys entre 1948 e 1950 em todo o estado. O roxo era uma cor original nos cupês desses anos, e esses eram os modelos preferidos pelos negros. Mais de 1.600 estão registrados com negros na Califórnia, e no sul do estado há apenas alguns poucos registrados com brancos. Há 156 registrados com negros no condado de Los Angeles, e há quase cem de vocês aqui, homens. Temos uma lista compilada: endereços de casa e trabalho. O Esquadrão de Hollywood está cruzando dados com fichas policiais. Quero cinquenta duplas para examinar três nomes, cada uma. Uma linha telefônica especial está sendo instalada na Delegacia de Hollywood, de modo que, se precisarem de informações sobre endereços passados ou sobre gente ligada a essas pessoas, podem ligar para lá. Se tiverem suspeitos quentes, tragam aqui para a Central. Temos várias salas de interrogatório preparadas, junto com um homem para comandar os interrogatórios. O tenente Smith irá

passar as designações num segundo, e o chefe Parker gostaria de dar uma palavra com vocês. Alguma pergunta primeiro?

— Senhor, quem vai comandar os interrogatórios? — gritou um homem.

— O sargento Ed Exley — disse Green —, do Esquadrão de Hollywood.

Miados, vaias. Parker foi até o microfone.

— Já basta, cavalheiros, saiam e peguem os sujeitos. Usem de toda a força necessária.

Bud sorriu. A mensagem era: matem os crioulos.

A lista de Jack:

George NMI Yelburton, negro, South Beach, 9.781; Leonard Timothy Bidwell, negro, South Duquesne, 10.062; Dale William Pritchford, negro, South Normandie, 8.211.

O parceiro temporário de Jack: sargento Cal Denton, ex-guarda na penitenciária estadual do Texas.

No carro de Denton, indo para Darktown, o rádio zumbindo: baboseiras sobre o Massacre do Nite Owl. Denton falando sem parar: Leonard Bidwell era lutador, peso meio-médio, viu-o chegar ao décimo round com Kid Gavilan — era um crioulo durão. Jack pensava em sua passagem de volta para a Narco: Bobby Inge e Christine Bergeron sumidos, nada de pistas da pornografia para os outros caras do esquadrão. A foto da orgia — linda de certo modo. Suas pistas particulares, fodidas por conta de uns crioulos malucos que mataram seis pessoas em troca de algumas centenas de dólares. Ele ainda sentia o gosto da bebida, ainda ouvia Sid Hudgens: “Todo mundo tem segredos.”

Primeiro ligações para informantes: seus, de Denton. Bancas de engraxate, salões de bilhar, cabeleireiros, igrejas — informantes palmeados, pressionados, interrogados. O passeio em Darktown — papo sobre carro roxo e espingardas, turvo, distorcido gentalha afundada em vinho e tônico capilar. Quatro horas nisso, e nenhum nome quente, de volta aos nomes da lista.

South Beach, 9.781 — um barraco, um Merc 48 roxo no gramado. O carro estava sem rodas, um eixo enferrujado afundava na grama. Denton saiu.

— Talvez esse seja o álibi deles. Talvez tenham fodido o carro depois de fazer o serviço no Nite Owl, para que a gente pensasse que ele não poderia sair do lugar.

Jack apontou.

— Tem mato crescido enrolado à lona de freio. Ninguém foi nesse carro até Hollywood ontem à noite.

— Você acha?

— Acho.

— Tem certeza?

— Tenho.

Denton dirigiu até o endereço de South Duquesne — outro barraco. Um Mercury roxo na entrada de veículos — um carango de crioulo com saíotes de para-choque, borracha pendurada nos paralamas. “Pagãos roxos” escrito numa placa no capô. Pendurados na varanda: dois sacos de pancadas, um grande e um para treino de velocidade.

— Aí está o seu meio-médio.

Denton sorriu; Jack foi até lá, apertou a campainha. Latidos dentro — de um verdadeiro monstro. Denton ficou de lado: vigiando a entrada de veículos, um visor na porta.

Um negro abriu: magro, curvado para conter um mastim. O cão rosnou; o homem disse:

— Isso é porque não estou pagando a pensão? Isso é crime, merda?

— O senhor é Leonard Timothy Bidwell?

— Isso mesmo.

— E aquele carro ali é seu?

— É. E se vocês são policiais fazendo trabalho extra recuperando carros para a financeira, bateram na porta errada, porque meu neném foi pago com a bolsa que recebi pela luta perdida contra Johnny Saxton.

Jack apontou para o cachorro.

— Coloque-o dentro de casa e feche a porta, saia e ponha as mãos na parede.

Bidwell fez isso em ritmo lentíssimo; Jack o empurrou, girou-o. Denton se aproximou.

— Garoto, você gosta de espingardas calibre 12?

Bidwell balançou a cabeça.

— O quê? — Jack tentou uma mudança de rumo. — Onde você estava ontem à noite, às 3 horas da madrugada?

— Aqui em casa.

— Sozinho? Se estava trepando, você tem sorte. Diga que tem sorte, antes que meu colega fique puto.

— Eu tenho a custódia dos meus filhos durante a semana. Eles

estavam comigo.

— Eles estão aqui?

— Dormindo.

Denton o cutucou — a ponta do revólver nas costelas.

— Garoto, você sabe o que aconteceu ontem à noite? Um tremendo vodu, e não estou de sacanagem. Você tem uma espingarda?

— Cara, eu não preciso de nenhuma porra de espingarda.

Denton cutucou com mais força.

— Garoto, não use palavrões comigo. Agora, antes de a gente trazer os seus neguinhos aqui fora, vai me dizer a quem emprestou seu automóvel ontem à noite?

— Cara, eu não emprestei minha máquina pra ninguém!

— Então para quem emprestou as espingardas calibre 12? Garoto, explica isso.

— Cara, eu disse que não tenho espingarda!

Jack interferiu:

— Fale dos Pagãos Roxos. São um punhado de caras que gostam de carros roxos?

— Cara, isso é só o nome do nosso clube. Eu tenho um carro roxo, outros caras do clube também têm. Cara, do que vocês estão falando?

Jack pegou a folha do Departamento de Trânsito — todos os nomes dos donos de Mercurys datilografados.

— Leonard, você leu os jornais hoje de manhã?

— Não. Cara, o que está...

— Sssh. Você ouviu o rádio ou a televisão?

— Eu não tenho nenhum dos dois. O que é...

— Sssh. Leonard, nós estamos procurando três negros que gostam de sair atirando com espingardas, num Merc como o seu, 1948, 1949 ou 1950. Sei que você não machucaria ninguém, eu vi você lutar com Gavilan e gosto do seu estilo. Nós buscamos uns caras *maus*. Caras com um carro igual ao seu, caras que podem pertencer ao seu clube.

Bidwell deu de ombros.

— Por que eu deveria ajudar vocês?

— Porque eu vou soltar o meu parceiro se você não ajudar.

— É, e também vão me fichar como informante.

— Nada de ficha, e você não precisa dizer nada. Só olhe para esta lista e aponte. Aqui, leia.

Bidwell balançou a cabeça.

— Se eles são maus, então eu só vou dizer. Sugar Ray Coates é dono de um cupê 1949, uma máquina linda. Ele tem dois camaradinhas, Leroy e Tyrone. Sugar adora brincar com uma espingarda, ouvi dizer que ele treina atirando em cachorros. Ele tentou entrar no clube, mas nós recusamos porque ele é um lixo.

Jack verificou a lista — bingo em “Coates, Raymond, South Central, 9.611, quarto 114”. Denton pegou sua própria folha.

— Dois minutos daqui. Vamos lá, talvez a gente chegue primeiro.

Manchetes de heróis.

— Vamos lá.

HOTEL TEVERE: um sobrado em forma de L em cima de uma loja de qualquer coisa. Denton estacionou no pátio; Jack viu a escada para cima — só um andar com quartos, uma porta escancarada.

Subiram — um corredor curto, portas de aparência frágil. Jack pegou o revólver; Denton pegou duas armas: um 38 e uma automática num coldre de tornozelo. Contaram os números dos quartos; chegou o 114. Denton recuou; Jack recuou; chutaram no mesmo instante. A porta voou das dobradiças, revelando uma imagem clara: um rapaz negro pulando da cama.

O rapaz ergueu as mãos. Denton sorriu, apontou. Jack o bloqueou — dois disparos por reflexo arrebentaram o teto. Jack entrou correndo; o garoto tentou correr; Jack o agarrou: pancadas com a coroinha na cabeça. Sem mais resistência — Denton algemou as mãos dele nas costas. Jack colocou um soco-inglês e fechou o punho.

— Leroy, Tyrone. *Onde?*

O garoto cuspiu dentes.

— Um-dois-um — saiu, sangrento.

Denton puxou-o pelo cabelo.

— Não o mate, caralho! — disse Jack.

Denton cuspiu no rosto dele; gritos ressoaram no corredor. Jack correu para fora, virou no L, escorregou até parar diante do 121.

Porta fechada. Ruído de fundo — não havia como escutar. Jack chutou; a madeira lascou; a porta se abriu. Dois negros dentro — um dormindo numa cama, outro roncando num colchonete.

Jack entrou. Sirenes uivando perto. O garoto do colchonete

estremeceu — Jack o imobilizou com uma coronhada, apagou o outro com uma pancada antes que ele pudesse se mexer. As sirenes guincharam, morreram. Jack viu uma caixa sobre a penteadeira.

Cartuchos de espingarda: Remington calibre 12 de carga dupla. Uma caixa de cinquenta, faltando a maioria.

Ed folheou o relatório de Jack Vincennes. Thad Green observava, o telefone tocando no gancho.

Sólido, conciso — Lata de Lixo sabia escrever um bom resumo.

Três negros sob custódia: Raymond Coates, o Sugar Ray; Leroy Fontaine, Tyrone Jones. Tratados dos ferimentos recebidos por resistência à prisão; denunciados por outro negro — que descreveu Coates como um fanático por espingardas que gostava de atirar em cachorros. Coates constava da ficha do Departamento de Trânsito; o informante declarou que ele costumava andar com dois outros homens — “Tyrone e Leroy” — também moradores do Hotel Tevere. Os três foram presos vestindo roupas íntimas; Vincennes os entregou para policiais que chegaram em carros-patrulha para investigar tiros e revistou os quartos em busca de provas. Encontrou uma caixa de cinquenta unidades de cartuchos Remington calibre 12, de carga dupla, faltando mais de quarenta — mas nenhuma espingarda, nem luvas de borracha, nem roupas sujas de sangue, nem grandes quantias de dinheiro ou moedas e nenhuma outra arma. As únicas roupas nos quartos: camisetas sujas, cuecas, roupas bem passadas cobertas por celofane de lavanderia. Vincennes verificou o incinerador nos fundos do hotel; estava aceso — o gerente disse que viu Sugar Coates jogar um bocado de roupas lá dentro aproximadamente às 7 horas desta manhã. Vincennes disse que Jones e Fontaine pareciam inebriados ou sob a influência de narcóticos — dormiam enquanto eram dados tiros e durante o tumulto geral da prisão de Coates. Vincennes disse aos policiais que chegaram mais tarde para procurar o carro de Coates — não estava no estacionamento nem em lugar algum dentro de um raio de três quarteirões. Foi emitido um mandado de busca; Vincennes declarou que as mãos e os braços dos três suspeitos fediam a perfume — um teste de parafina seria inconclusivo.

Ed colocou o relatório sobre a mesa de Green.

— Estou surpreso por ele não os ter matado.

O telefone tocou — Green deixou tocar.

— Assim saem mais manchetes; ele está dormindo com a cunhada de Ellis Loew. E se os crioulos encharcaram as patas de perfume para despistar um teste com parafina, podemos agradecer a Jack; ele deu essa informação em *Badge of Honor*. Ed, você está preparado para isso?

O estômago de Ed pulou.

— Sim, senhor. Estou.

— O chefe queria que Dudley Smith trabalhasse com você, mas consegui convencê-lo do contrário. Por mais que ele seja bom, o sujeito não gosta de negros.

— Senhor, eu sei como isso é importante.

Green acendeu um cigarro.

— Ed, eu quero confissões. Quinze balaços recuperados no Nite Owl foram atirados à queima-roupa, de modo que, se tivermos as armas, teremos o caso. Quero a localização das armas, a localização do carro e confissões antes de indiciá-los. Temos 71 horas antes que eles vejam o juiz. Quero tudo resolvido até lá. *Limpo*.

Especificidades.

— Os garotos têm fichas?

— Excesso de velocidade e roubo de casas, os três. Voyeurismo para Coates e Fontaine. E eles não são garotos: Coates tem 22, os outros, 20. É um caso para câmara de gás, puro e simples.

— E o negócio do Griffith Park? Amostras de cartuchos para comparar, testemunhas dos sujeitos atirando com as espingardas.

— As amostras de cartuchos podem ser uma boa evidência de apoio, se pudermos encontrá-las e os negros não confessarem. O guarda do parque que fez as denúncias está vindo para tentar uma identificação. Ed, Arnie Reddin diz que você é o melhor interrogador que ele já viu, mas você nunca trabalhou em nada tão...

Ed se levantou.

— Eu vou conseguir.

— Se conseguir, filho, você terá meu cargo um dia.

Ed sorriu — o dente frouxo doía.

— O que aconteceu com seu rosto? — perguntou Green.

— Tropecei perseguindo um ladrão de loja. Senhor, quem falou com os suspeitos?

— Só o médico que fez a limpeza neles. Dudley queria Bud White para a primeira opção, mas...

— Senhor, eu não creio...

— Não me interrompa, eu ia concordar com você. Não, eu quero confissões *voluntárias*, de modo que White está fora. Você vai ter a primeira opção com os três. Será observado pelos espelhos e, se quiser um parceiro para encenar o policial bom e o policial mau, toque na gravata. Um grupo nosso estará ouvindo pelo alto-falante, e também haverá um gravador ligado. Os três estão em salas separadas, e se você quiser que um ouça o outro, sabe quais botões apertar.

— Vou quebrar a resistência deles.

SEU PALCO: UM CORREDOR que saía da carceragem da Homicídios. Três cubículos arrumados — com espelhos numa das paredes, ligados por alto-falantes —; apertando botões, um grupo de suspeitos poderia ouvir os colegas entregando uns aos outros. As salas: quadrados de 2 por 2 metros, mesas soldadas no chão, cadeiras aparafusadas. Na 1, 2 e 3: Sugar Ray Coates, Leroy Fontaine, Tyrone Jones. Fichas criminais pregadas à parede do lado de fora — Ed memorizou datas, locais, colegas conhecidos. Uma respiração profunda para superar o medo do palco — e entrou na porta número 1.

Sugar Ray Coates algemado a uma cadeira, vestido com roupa de brim larga, cortesia do condado. Alto, pele clara — quase um mulato. Um olho inchado e fechado; lábios estufados e partidos. Nariz amassado — as duas narinas suturadas.

— Parece que nós dois levamos uma surra — disse Ed.

Coates forçou a vista — com um olho, assombrado. Ed abriu as algemas, jogou cigarros e fósforos sobre a mesa. Coates flexionou os pulsos. Ed sorriu.

— Você é chamado de Sugar Ray por causa de Ray Robinson?

Sem resposta.

Ed ocupou a outra cadeira.

— Dizem que Ray Robinson pode dar quatro socos em um segundo. Eu não acredito.

Coates ergueu os braços — eles caíram, peso morto. Ed abriu o maço de cigarros.

— Eu sei, elas prendem a circulação. Você tem 22 anos não é?

— Diga o que quer — respondeu uma voz arranhada.

Ed olhou o pescoço dele, machucado, marcas de dedos.

— Um dos policiais andou esganando você?

Silêncio.

— O sargento Vincennes? O cara de roupa chique?

Silêncio.

— Não foi ele, hein? Foi Denton? O gordo com sotaque do Texas, que parece com Spade Cooley na TV?

O olho bom de Coates tremeu.

— É, sinto pena de você... O tal de Denton é de dar calafrios. Está vendo a *minha* cara? Denton e eu andamos nos estranhando.

Não engoliu.

— Um sacana aquele Denton. Sugar Ray, você e eu parecemos Robinson e LaMotta depois daquela última luta.

Ainda não engoliu.

— Então você tem 22 anos, certo?

— Cara, por que me pergunta isso?

Ed deu de ombros.

— Só para pôr os fatos em dia. Leroy e Tyrone têm 20 anos, de modo que não podem pegar pena capital. Ray, você deveria ter feito esse estrago há alguns anos. Pegava uma perpétua, um tempinho no reformatório, transferência para Folsom já como adulto. Arrumava uma mulherzinha, ficaria cercado por algumas daquelas boas crias de prisão.

“Mulherzinha” bateu fundo: as mãos de Coates tremeram. Ele pegou um cigarro, acendeu, tossiu.

— Eu nunca trepo com mulherzinha.

Ed sorriu.

— Sei disso, filho.

— Não sou seu filho, seu veado. A mulherzinha é você.

Ed riu.

— Você sabe como o negócio é feito, isso eu tenho de admitir. Você cumpriu pena em reformatório, sabe que sou o policial bonzinho tentando fazer você falar. Aquele escroto do Tyrone, eu quase acreditei nele. Denton deve ter atingido alguns dos meus parafusos soltos. Como pude acreditar numa frase daquelas?

— Diga o quê, cara. De que frase você tá falando?

— Nada, Ray. Vamos mudar de assunto. O que você fez com as espingardas?

Coates esfregou o pescoço — mãos trêmulas.

— Que espingardas?

Ed se aproximou.

— As que você e seus amigos usavam no Griffith Park.

— Não sei de nenhuma espingarda.

— Não? Leroy e Tyrone estavam com uma caixa de balas no quarto.

— Isso é coisa deles.

Ed balançou a cabeça.

— Aquele Tyrone é um mijão. Você esteve no Casitas Youth Camp com ele, não foi?

Uma encolhida de ombros.

— E daí, o que é que tem?

— Nada, Ray. Só estava pensando em voz alta.

— Cara, por que está falando do Tyrone? O negócio do Tyrone é do Tyrone.

Ed esticou a mão sob a mesa, encontrou o interruptor de áudio da sala 3.

— Sugar, Tyrone disse que você virou mulherzinha em Casitas. Você não podia se virar sozinho, por isso arranjou um branco grande para cuidar de você. Ele disse que te chamavam de “Sugar” porque você dava que era uma doçura.

Coates bateu na mesa. Ed apertou o interruptor.

— O que você diz, *Sugar*?

— Eu digo que eu *comia*! *Tyrone* é quem dava! Cara, eu era a porra do chefe do meu dormitório! E Tyrone, a mulherzinha! Tyrone dava em troca de doces! Tyrone adorava!

Desligando o interruptor.

— Ray, vamos mudar de assunto. Por que acha que você e seus amigos foram presos?

Coates pegou o maço de cigarros.

— Alguma denúncia mentirosa, talvez tenham dito que andei atirando dentro dos limites da cidade, alguma cascata assim. O que Tyrone diz sobre isso?

— Ray, Tyrone disse um bocado de coisas, mas vamos ao que interessa. Onde você estava ontem à noite às 3 horas da madrugada?

Coates acendeu um cigarro na guimba do outro.

— No meu quarto. Dormindo.

— Tinha usado algum bagulho? Tyrone e Leroy devem ter usado, porque estavam apagados enquanto os policiais prendiam

— você. Isso é que são parceiros de crime. Tyrone chama você de veadado, e ele e Leroy ficam dormindo enquanto você é espancado por um merda maluco. Eu achava que vocês, negros, eram ligados uns nos outros. Você estava drogado, Ray? Você não conseguiu suportar o que fez, aí arranhou um pouco de droga e...

— Suportar o quê! O que está dizendo? Tyrone e Leroy gostam de tomar bolas, eu não!

Ed apertou os interruptores 2 e 3.

— Ray, você protegia Tyrone e Leroy em Casitas, não é?

Coates soltou uma baforada.

— Você tá certo, eu protegia. Tyrone dava o rabo e Leroy vivia tão apavorado que quase se jogou do telhado e bebia até apagar. Crioulos estúpidos, não têm mais noção do que um cachorro.

Interruptores de volta ao lugar.

— Ray, ouvi dizer que você gosta de atirar em cachorros.

Dando de ombros.

— Cachorros não têm motivo pra viver.

— É? Você acha isso de pessoas também?

— Cara, o que você tá dizendo?

Interruptores ligados.

— Bom, você deve sentir o mesmo pelo Leroy e pelo Tyrone.

— Merda, Leroy e Tyrone são quase estúpidos demais para viver.

Interruptores desligados.

— Ray, onde estão as espingardas que vocês usaram para dar tiros no Griffith Park?

— Elas... eu não tenho nenhuma espingarda.

— Onde está o seu Mercury cupê 1949?

— Eu deixei... ele só está em segurança.

— Ora, Ray. Uma máquina daquela? Onde está? Eu manteria um carro assim trancado a sete chaves.

— Eu disse que está em segurança!

Ed deu um tapa na mesa — com as duas palmas.

— Você vendeu? Jogou num rio? É um carro usado num crime. Ray, você não acha...

— Eu não cometi crime nenhum!

— É o que você diz! Onde está o carro?

— Não vou dizer!

— Onde estão as espingardas?

— Não vou... eu não sei!

— Onde está o carro?

— Não vou dizer!

Ed tamborilou na mesa.

— Por quê, Ray? Você colocou as espingardas e as luvas de borracha no porta-malas? Está com carteiras, bolsas e sangue nos bancos? Escute, seu idiota filho da puta, eu estou tentando livrar você da câmara de gás, como seus amigos; eles são menores de idade e você, não, e alguém vai ter de fritar por conta desse...

— Eu não sei do que você tá falando!

Ed suspirou.

— Ray, vamos mudar de assunto.

Coates acendeu outro cigarro.

— Eu não gosto dos seus assuntos.

— Ray, por que você estava queimando roupas às sete da manhã?

Coates tremeu.

— O que você disse?

— Eu disse isso: você, Leroy e Tyrone foram presos hoje de manhã. Nenhum de vocês estava com as roupas usadas ontem à noite. Vocês foram vistos queimando uma pilha de roupas às 7 horas da manhã. Acrescente-se que você escondeu o carro no qual você, Tyrone e Leroy estiveram passeando ontem à noite. Ray, isso não está cheirando bem, mas se você me der algo bom para entregar ao promotor, isso fará com que eu pareça legal, e eu vou dizer: “Sugar Ray não era um escroto como os colegas veados dele.” Ray, só me dê algo.

— O quê, se eu sou inocente dessa baboseira que você tá tentando mandar pra cima de mim?

Ed ligou o 2 e o 3.

— Bom, você disse lances ruins sobre Leroy e Tyrone, deu a entender que eles são viciados. Vamos experimentar isso: onde eles conseguem a droga?

Coates olhou para o chão.

— O promotor odeia traficantes — disse Ed. — E você conheceu Jack Vincennes, o Grande V.

— Uma porra dum cara maluco.

Ed riu.

— É, Jack é meio maluco. Pessoalmente, eu acho que qualquer pessoa a fim de arruinar a vida com drogas deveria ter esse direito; estamos num país livre. Mas Jack é amiguinho do novo promotor, e

os dois têm o maior tesão em pegar traficantes. Ray, me entregue um para passar ao promotor. Só unzinho.

Coates curvou um dos dedos; Ed soltou os interruptores e se inclinou para a frente. Sugar Ray, um sussurro:

— Roland Navarette, vive em Bunker Hill. Tem um esconderijo para gente que viola a condicional, e vende bolas, e isso não é pra porra do promotor, é porque Tyrone abriu a porra da boca gorda dele.

Interruptores ligados.

— Certo, Ray. Você me disse que Roland Navarette vende barbitúricos para Leroy e Tyrone, então agora estamos fazendo algum progresso. E você está se cagando de medo, sabe que esse negócio rende câmara de gás, e nem me perguntou por que está aqui. Ray, você está com um enorme letreiro de culpado pendurado no pescoço.

Coates estalou os dedos; seu olho bom dardejou, piscou. Ed cortou o áudio.

— Ray, vamos mudar de assunto.

— Que tal beisebol, seu escroto?

— Não, vamos falar de xotas. Você trepou ontem à noite ou colocou o perfume em você mesmo para foder com o teste de parafina?

Tremores de *delirium tremens*.

— Onde você estava ontem às três da madrugada? — perguntou Ed.

Sem resposta, mais tremores.

— Toquei numa ferida, Sugar Ray? *Perfume? Mulheres?* Até mesmo um merda como você se importa com alguma mulher. Você tem mãe? Irmãs?

— Cara, não fala da minha mãe!

— Ray, se eu não conhecesse você, diria que estava protegendo a virtude de alguma garota boazinha. Ela era o seu álibi, vocês estavam embolados em algum lugar. Mas Tyrone e Leroy estão com esse mesmo perfume nas mãos, e eu aposto num estupro coletivo, aposto que você aprendeu sobre testes de parafina no reformatório, aposto que você tem decência suficiente para sentir alguma culpa por ter matado três mulheres inocentes.

— EU NÃO MATEI NINGUÉM!

Ed pegou o *Herald* daquela manhã.

— Patty Chesimard, Donna DeLuca e uma mulher não

identificada. Leia, enquanto eu faço uma pausa para respirar. Quando eu voltar, você terá a chance de me contar sobre isso e fazer um acordo que talvez salve sua vida.

Coates era a própria Cidade dos Tremores — todo comichões, brim encharcado. Ed jogou o jornal na cara dele e saiu.

Thad Green no corredor; Dudley Smith e Bud White no posto de escuta. Green disse:

— Temos uma confirmação do guarda-florestal: aqueles *eram* os caras no Griffith Park. E você foi fantástico.

Ed sentia o cheiro do próprio suor.

— Senhor, Coates ficou abalado com a referência a mulheres. Eu pude sentir.

— Eu também, então vá em frente.

— Conseguimos as armas ou o carro?

— Não, e o Esquadrão da Rua 77 está pressionando os parentes e os conhecidos deles. Vamos pegá-los.

— Quero cuidar do Jones em seguida. O senhor poderia fazer um favor para mim?

— É só dizer.

— Prepare Fontaine. Abra as algemas dele e deixe que leia o jornal.

Green apontou para o espelho número 3.

— *Ele* vai ceder logo. Sacana manhoso.

Tyrone Jones — chorando, uma poça de mijo no chão junto à cadeira. Ed afastou o olhar.

— Senhor, mande o tenente Smith ler o jornal no alto-falante dele, bem devagar, especialmente as frases sobre o carro ter sido visto junto ao Nite Owl. Quero esse cara preparado para se dobrar.

— Tudo certo — disse Green.

Ed verificou Tyrone Jones; pele escura, frágil, com marcas de varíola. Gemendo, algemado, grudado no chão.

Um apito do outro lado do corredor. Dudley Smith falou num microfone — movimentos silenciosos dos lábios. Ed se fixou em Jones.

O garoto retorceu-se, balançou, sacudiu-se como num filme que mostravam na academia: defeito numa cadeira elétrica, uma dúzia de choques antes de o sujeito fritar. Um apito agudo no extremo do corredor — Jones curvado, pernas esparramadas, queixo abaixado.

Ed entrou.

— Tyrone, Ray Coates entregou você. Disse que o Nite Owl foi

ideia sua, disse que você teve a ideia enquanto passeavam pelo Griffith Park. Tyrone, conte como foi. Eu acho que foi ideia do Ray. Ele obrigou você. Conte onde estão as armas e o carro, e podemos salvar sua vida.

Sem resposta.

— Tyrone, esse negócio rende câmara de gás. Se não falar comigo, estará morto dentro de seis meses.

Sem resposta — Jones mantinha a cabeça baixa.

— Filho, você só precisa dizer onde estão as armas e me contar onde Sugar deixou o carro.

Sem resposta.

— Filho, isso pode terminar dentro de um minuto. Você me conta e eu consigo que você seja transferido para uma cela de custódia sob proteção. Sugar não poderá pegá-lo, Leroy não poderá pegá-lo. O promotor vai manter você sob jurisdição estadual. *Você não irá para a câmara de gás.*

Sem resposta.

— Filho, seis pessoas estão mortas e alguém tem de pagar. Pode ser você ou pode ser o Ray.

Sem resposta.

— Tyrone, ele chamou você de veado. Disse que você é mulherzinha e homossexual. Disse que você dava o...

— EU NÃO MATEI NINGUÉM!

Uma voz forte — Ed quase pulou para trás.

— Filho, nós temos testemunhas. Temos provas. Coates está confessando agora mesmo. Está dizendo que você planejou o negócio todo. Filho, salve-se. As armas, o carro. *Diga onde estão.*

— Eu não matei ninguém!

— Sssh. Tyrone, sabe o que Ray Coates disse sobre você?

Jones levantou a cabeça.

— Eu sei que ele mentiu.

— Eu também acho que ele mentiu. Não acho que você seja veado. Acho que ele é veado, porque odeia mulher. Acho que ele gostou de matar aquelas mulheres. Acho que você se sentiu mal sobre...

— Nós não matamos mulher nenhuma!

— Tyrone, onde vocês estavam ontem, às 3 horas da madrugada?

Sem resposta.

— Tyrone, por que Sugar Ray escondeu o carro?

Sem resposta.

— Tyrone, por que vocês esconderam as espingardas que andaram usando no Griffith Park? Nós temos uma testemunha que os identificou fazendo isso.

Sem resposta. Jones balançou a cabeça — olhos fechados, derramando lágrimas.

— Filho, por que Ray queimou as roupas que vocês usaram ontem à noite?

Jones gemendo agora — igual a um animal.

— Elas estavam com sangue, não é? Vocês mataram seis pessoas, se sujaram. Ray fez a limpeza, amarrou as pontas, foi *ele* quem escondeu as armas, ele é o chefe, ele dá ordens desde a época em que você dava o cu em Casitas. Desembuche, desgraçado!

— NÓS NÃO MATAMOS NINGUÉM! EU NÃO SOU VEADO, PORRA!

Ed rodeou a mesa — andando depressa, falando devagar.

— Eis o que eu acho: Sugar Ray é o chefe, Leroy é só um marionete, você é o gordo que Sugar gosta de sacanear. Vocês estiveram juntos no reformatório, você e Sugar Ray foram apanhados porque gostavam de espiar. Sugar gostava de olhar as garotas, você de olhar os garotos. Vocês dois gostam de olhar gente branca, porque elas são o fruto proibido das pessoas de cor. Vocês tinham espingardas calibre 12, tinham o Merc 1949 tinindo, tinham umas bolas compradas com Roland Navarette. Estavam em Hollywood, área de brancos. Sugar sacaneava você, dizendo que você era veado, e você dizia que isso era só porque não havia garotas por perto. Sugar dizia: prove, prove, e vocês começaram a procurar. Vocês estavam ficando malucos, estavam todos viajando legal, é tarde da noite e não há nada para olhar, todas aquelas boas pessoas brancas com as cortinas fechadas. Vocês passam pelo Nite Owl, lá dentro têm umas pessoas brancas legais; e é simplesmente demais para suportar. A pobre da bicha gorda do Tyrone assume o controle. Guia os garotos para dentro do Nite Owl. Seis pessoas estão lá dentro — e três são mulheres. Você arrasta as donas para a despensa. Rouba a caixa registradora e faz o cozinheiro abrir o cofre. Pega as carteiras e as bolsas deles e joga um pouco de perfume nas mãos. Sugar diz: “Toque nas gatas, mulherzinha. Prove que não é veado.” Você não consegue, e por isso começa a atirar, e adora, porque finalmente você é mais do que um veadinho pobre, negro e gordo e...

— NÃO! NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO!

— Sim! Onde estão as armas? Confesse e entregue as provas, caralho, ou vai para a porra da câmara de gás!

— Não! Eu não matei ninguém!

Ed bateu na mesa.

— Por que afundaram o carro em algum lugar?

Jones sacudia cabeça, espirrando suor.

— Por que queimaram as roupas?

Sem resposta.

— De onde veio o perfume?

Sem resposta.

— Sugar e Leroy estupraram as mulheres antes?

— Não!

— Ah? Quer dizer que vocês três estupraram?

— Nós não matamos ninguém! Nós nem estávamos lá!

— Onde vocês estavam?

Sem resposta.

— Tyrone, onde vocês estavam ontem à noite?

Jones soluçou; Ed agarrou os ombros dele.

— Filho, você sabe o que vai acontecer se não falar. Então, pelo amor de Deus, admita o que fez.

— Não matei ninguém. Nenhum de nós. A gente nem estava lá.

— Filho, vocês fizeram isso.

— Não!

— Filho, vocês fizeram; então me conte.

— A gente não fez!

— Calma, agora. É só dizer; *bem devagar*.

Jones começou a balbuciar. Ed se ajoelhou perto da cadeira, ouvindo.

— Por favor, Deus, eu só queria perder minha virgindade. Não queria machucar ela, senão a gente teria de morrer. Não é certo punir o que a gente não fez... Talvez ela esteja bem, se ela não morreu eu não morro, porque eu não sou veado. — Sentiu-se zumbindo, cadeira elétrica, um letreiro em cima; ELES NÃO FIZERAM ISSO.

Jones entrou num devaneio — Jesus, Jesus, Jesus, Pai Divino. Ed foi para o cubículo número 2.

Fedor: suor, fumaça de cigarro. Leroy Fontaine — grande, escuro, cabelo esticado, pés sobre a mesa.

— Seja mais inteligente do que seus amigos — disse Ed. —

Mesmo que vocês a tenham matado, não é tão ruim quanto matar seis pessoas.

Fontaine beliscou o nariz — com um curativo, esparramado sobre metade do rosto.

— Essa merda do jornal não tem merda nenhuma a ver.

Ed fechou a porta, apavorado.

— Leroy, é melhor você esperar que ela tenha estado com vocês na hora que o legista determinou para as mortes.

Sem respostas.

— Ela era puta?

Sem resposta.

— Vocês mataram ela?

Sem resposta.

— Vocês queriam que Tyrone perdesse a virgindade, mas as coisas se descontrolaram. Não é?

Sem resposta.

— Leroy, se ela estiver morta e se ela era negra, vocês podem conseguir uma alegação. Se ela era branca, vocês podem ter uma chance. Lembre-se, nós podemos acusar vocês pelo Nite Owl, podemos fazer com que a acusação cole. A não ser que vocês nos convençam de que estavam em outro lugar fazendo algo ruim, vamos pegar vocês pelo que saiu no jornal.

Sem resposta — Fontaine limpava as unhas com um fósforo.

Uma grande mentira:

— Se vocês a sequestraram e ela ainda estiver viva, não será considerado crime hediondo. Não é pena capital.

Sem resposta.

— Leroy, onde estão as armas e o carro?

Sem resposta.

— Leroy, ela ainda está viva?

Fontaine sorriu — Ed sentiu gelo na espinha.

— Se ela ainda está viva, ela será o seu álibi. Não vou mentir, o negócio pode ficar ruim; sequestro, estupro, agressão. Mas se vocês provarem que não estiveram no Nite Owl, vão economizar tempo para nós, e a Promotoria vai gostar disso. Solte a língua, Leroy. Faça um favor a si mesmo.

Sem resposta.

— Leroy, olha como o negócio pode ir para os dois lados. Eu acho que vocês sequestraram uma garota. Fizeram ela sangrar no carro, por isso esconderam o carro. Ela sangrou nas roupas de

vocês, por isso queimaram as roupas, vocês se encheram com o perfume dela. Se não fizeram o negócio do Nite Owl, não sei por que esconderam as espingardas, talvez achassem que ela poderia identificar as armas. Filho, se essa garota está viva, ela é a única chance que vocês têm.

— Acho que ela está viva — disse Fontaine.

Ed sentou-se.

— *Você acha?*

— É, eu acho.

— Quem é ela? *Onde ela está?*

Sem resposta.

— Ela é negra?

— É mexicana.

— Qual é o nome dela?

— Não sei. Uma puta estilo universitária.

— Onde vocês a pegaram?

— Não sei. No Eastside.

— Onde vocês a agrediram?

— Não sei... um prédio antigo na Dunkirk.

— Onde estão o carro e as espingardas?

Sem resposta.

— Eu não sei. Sugar, ele viu isso.

— Se vocês não a mataram, por que Coates escondeu as espingardas?

Sem resposta.

— Por quê, Leroy? Por quê, filho? Diga.

Sem resposta.

Ed bateu na mesa.

— Diga, droga!

Fontaine bateu na mesa, com mais força.

— O Sugar, ele enfiou as armas nela! Ficou com medo de que elas servissem de prova!

Ed fechou os olhos.

— Onde ela está agora?

Sem resposta.

— Vocês a deixaram no prédio?

Sem resposta.

Olhos abertos.

— Vocês deixaram a garota em outro lugar?

Sem resposta.

Hiatos: nenhum dos três estava com dinheiro, pedir as provas do dinheiro deles — guardados quando Sugar queimou as roupas.

— Leroy, vocês venderam a garota? Trouxeram alguns camaradinhas para o tal lugar na Dunkirk?

— Nós... nós saímos com ela de carro.

— Onde? Para as casas de seus amigos?

— É.

— Em Hollywood?

— Nós não atiramos naquelas pessoas!

— Prove, Leroy. Onde vocês estavam às 3 horas da madrugada?

— Cara, eu não posso dizer!

Ed bateu na mesa.

— Então vocês vão queimar pelo Nite Owl!

— A gente não fez aquilo!

— Para quem vocês venderam a garota?

Sem resposta.

— Onde ela está agora?

Sem resposta.

— Vocês estão com medo de represálias? Vocês deixaram a garota em algum lugar, não foi? *Leroy, onde vocês deixaram a garota? Com quem deixaram ela, ela é a sua única chance de escapar da porra da câmara de gás!*

— Cara, não posso contar; o Sugar vai querer me matar!

— Leroy, onde ela está?

Sem resposta.

— Leroy, se você pegar um crime estadual, vai sair antes de Sugar e Tyrone.

Sem resposta.

— Leroy, vou arranjar para você uma cela individual, ninguém poderá machucá-lo.

Sem resposta.

— Você precisa contar, filho. Eu sou o único amigo que você tem.

Sem resposta.

— Leroy, você está com medo do sujeito com quem vocês deixaram a garota?

Sem resposta.

— Filho, ele não pode ser tão ruim quanto a câmara de gás. *Me diga onde a garota está.*

A porta se abriu com um estrondo. Bud White entrou, jogou

Fontaine contra a parede.

Ed congelou.

White pegou seu 38, soltou o tambor, largou algumas balas no chão. Fontaine tremia da cabeça aos pés; Ed continuou congelado. White recolocou o tambor, enfiou a arma na boca de Fontaine.

— Uma em seis. Onde está a garota?

Fontaine mastigou aço; White apertou o gatilho duas vezes: cliques, câmaras vazias. Fontaine escorregou parede abaixo; White puxou o revólver para trás, segurou-o pelo cabelo.

— *Onde está a garota?*

Ed continuou congelado. White puxou o gatilho — outro clique. Fontaine, arregalado:

— S-ss-sylvester F-fitch, 109 com Avalon, casa cinza, de esquina, por favor, não me machuque não...

White saiu correndo.

Fontaine desmaiou.

Sons de confusão no corredor — Ed tentou ficar de pé, não conseguia sentir as pernas.

Um cordão de quatro carros: dois oficiais, dois comuns. Sirenes desligadas a um quilômetro de distância; chegando na casa cinza de esquina.

Dudley Smith guiava o carro-patrolha da frente; Bud fazia a vigilância enquanto recarregava o revólver. Um flanco de quatro carros: as radiopatrolhas no beco, Mike Breuning e Dick Carlisle estacionados na rua — rifles apontados para a porta da casa cinza.

— Chefe, ele é meu — disse Bud.

Dudley piscou.

— Perfeito, garoto.

Bud foi por trás — pelo beco, pulou uma cerca. Na varanda dos fundos: porta de tela, por dentro tranca de gancho. Soltou a tranca com o canivete, entrou na ponta dos pés.

Escuridão, formas difusas: uma máquina de lavar, uma porta coberta por uma cortina — tiras de luz pelas frestas.

Bud forçou a porta — destrancada — abriu. Um corredor: luz vindo de dois cômodos laterais. Um tapete para abafar os passos; música para lhe dar mais cobertura. Foi na ponta dos pés até o primeiro cômodo, girou.

Uma mulher nua de pernas abertas sobre um colchão — amarrada com gravatas, uma gravata na boca. Bud entrou à toda no quarto seguinte.

Um mulato gordo numa mesa — nu, comendo flocos de milho Kellogg's. Ele largou a colher, ergueu as mãos.

— Não, senhor, eu não quero encrenca.

Bud atirou na cara dele, pegou um revólver reserva — bang bang a partir da linha de fogo do negro como se ele tivesse atirado primeiro. O sujeito caiu no chão esparramado — um ferimento de entrada de bala jorrando sangue. Bud colocou a arma reserva na mão dele; a porta da frente foi arrombada. Ele jogou flocos de

milho no defunto, chamou uma ambulância.

21

Jack olhava Karen dormir, deixando para trás a briga dos dois.

A foto do jornal a provocara: o Grande V e Cal Denton prendendo três vagabundos de cor — suspeitos do “crime do século” em Los Angeles. Denton arrastando Fontaine pela cabeça; o Grande V segurando os outros dois pelo pescoço. Karen disse que a fizeram se lembrar dos rapazes Scottsboro; Jack disse que salvara a vida deles, mas, agora que sabia do estupro da garota mexicana, desejava ter deixado Denton matá-los ali mesmo. A partir daí a discussão deteriorou.

Karen dormia enrolada, longe dele — com as cobertas apertadas, como se temesse que ele a agredisse. Jack olhava para ela enquanto se vestia; os últimos dois dias voltavam com força.

Estava fora do caso Nite Owl, de volta à Delegacia de Costumes. Os interrogatórios de Ed Exley aos poucos livraram os negros — faltando os depoimentos da mulher que eles haviam agredido. Bud White tinha brincado de roleta-russa — os três abriram o bico. Até agora não havia como saber se eles tiveram tempo de deixar a mulher, ir até o Nite Owl, voltar a Darktown e armar um estupro coletivo. Talvez Coates ou Fontaine tivessem deixado Jones encarregado da garota e seguido para os assassinatos com outros parceiros. Não tiveram a sorte de encontrar as armas; o Merc roxo de Coates continuava desaparecido. O dinheiro do restaurante não fora encontrado no hotel deles: os restos no incinerador estavam queimados demais para análise de sangue no tecido. O perfume nas mãos dos caras impediu um teste de parafina. Pressão gigantesca sobre o Bureau: resolvam depressa a porra do caso.

O legista tentava identificar os clientes mortos na lanchonete, trabalhando a partir de fichas de arcadas dentárias e das características físicas comparadas com os boletins de pessoas desaparecidas. Confirmados: o cozinheiro/lavador de pratos, a

garçonete, a caixa; nada ainda sobre os três clientes, as autópsias não revelavam abusos sexuais contra as mulheres. Talvez Coates/Jones/Fontaine não fossem os assassinos; Dudley Smith trabalhando — seus homens dando em cima de assaltantes, malucos liberados sob condicional, cada pirado de Los Angeles com chance de ter uma arma. O jornalista que tinha visto o Merc roxo diante do Nite Owl foi interrogado de novo; *agora* dizia que poderia ter sido um Ford ou um Chevy. Registros de Fords e Chevys verificados; agora o guarda-florestal que identificara os negros dizia não ter certeza. Ed Exley sugeriu a Green e a Parker que o carro roxo poderia ter sido deixado junto ao Nite Owl para colocar a culpa nos negros; Dudley descartou a teoria — achava que provavelmente não passava de coincidência. Um caso que parecia certo se desdobrava numa porrada de possibilidades.

Enorme cobertura da imprensa — Sid Hudgens já havia ligado —, zero menção às revistas de pornografia, nada do tipo “*Todo mundo tem segredos*”. Uma versão heroica da prisão em troca de 50 pratas — Sid desligou depressa.

O Nite Owl lhe custou um dia à investigação da pornografia. Ele checou no esquadrão: nenhuma pista, nenhum dos outros homens tinha rastreado a merda. Ele mesmo preencheu um relatório falso: nada sobre Christine Bergeron e Bobby Inge, nada sobre as outras revistas que encontrou.

Beijou o pescoço de Karen, esperando que ela acordasse e sorrisse.

Sem sorte.

PRIMEIRO UMA INVESTIGAÇÃO GERAL.

Charleville Drive, perguntas, sem sorte: nenhum dos inquilinos no prédio de Christine Bergeron ouviu a mulher e o filho se mudando; ninguém sabia sobre os homens que ela recebia. Os prédios próximos — a mesma coisa. Jack ligou para o ginásio Beverly Hills, ficou sabendo que Daryl Bergeron era um gazeteiro crônico que não comparecia às aulas fazia uma semana; o vice-diretor disse que o garoto era solitário, não causava encrencas — nunca estava na escola para causar encrencas. Jack não lhe disse que Daryl vivia cansado demais para causar encrencas: foder a mãe sobre patins exige muito esforço de um garoto.

Próximo telefonema: Stan’s Drive-in. O gerente disse que Chris

Bergeron se mandou anteontem, dois segundos depois de receber um telefonema. Não, ele não sabia quem havia ligado; sim, telefonaria para o sargento Vincennes caso ela aparecesse; não, Chris não confraternizava indevidamente com os fregueses nem recebia visitas enquanto trabalhava.

Para West Hollywood.

Casa de Bobby Inge, conversas — outros inquilinos e vizinhos. Bobby pagava o aluguel em dia, não se misturava, ninguém o viu indo embora. A bicha vizinha disse que ele “pegava na rua; não se relaciona va com ninguém em particular”. Jogando verde: “revistas de sacanagem”, “Chris Bergeron”, “o sacaninha do Daryl” — a bicha não reagiu.

West Hollywood era lugar morto — depois do B.J.’s Rumpus Room, Bobby não seria apanhado na região dos bares de veados. Jack pegou um hambúrguer, verificou a ficha policial de Inge — nenhum conhecido citado nela. Estudou sua pilha particular de pornografia, difícil se concentrar, as contradições nas fotos o distraíam.

Modelos atraentes, cenários vagabundos. Fantasias lindas que faziam você olhar duas vezes para uma cena homossexual nojenta. Fotos artísticas de orgia: sangue de tinta, corpos conectados sobre colchas — fotos que faziam você forçar a vista para ver formas femininas presas por coisas explícitas demais — a extravagância de órgãos sexuais fazia com que você quisesse ver as mulheres simplesmente nuas. Aquela merda era pornografia manufaturada em troca de dinheiro — mas em algum ponto do processo havia um artista envolvido.

Pensando.

Jack foi até uma papelaria, comprou uma tesoura, fita adesiva, um bloco de desenho. Trabalhou no carro: rostos cortados da revista, grudados ao papel, homens e mulheres separados, os que eram repetidos postos juntos para facilitar a identificação. Para o centro, ao Bureau, tentar: comparar fotos com as dos arquivos. Quatro horas forçando a vista: desgaste, zero identificação. Para a Delegacia de Hollywood, as fotos do Departamento de Costumes, outro zero; a subdelegacia do xerife em Hollywood significou o zero número 3. Afora Bobby Inge, suas belezas da sacanagem eram virgens — nenhuma ficha criminal.

16h30 — Jack sentiu suas opções se reduzindo depressa. Outra ideia: verificar Bobby Inge no Departamento de Trânsito; verificar

Chris Bergeron de novo — uma revisão completa na papelada. Inge mais uma vez no Departamento de Identificação — ver o que havia de novo na ficha dele.

Parou num telefone público, fez as ligações. Bobby Inge era limpo no Departamento de Trânsito: nenhuma citação, nenhuma ida ao tribunal. Papelada completa de Bergeron: datas de infrações de trânsito, nomes dos fiadores. Única atualização do Departamento de Identificação sobre Inge: um relatório de fiança de um ano atrás. Um nome riscado — ligando Bergeron a Inge.

Fiança por uma acusação de prostituição contra Inge — paga por Sharon Kostenza, Nort Havenhurst, 1.649, West Hollywood. A mesma mulher pagara uma fiança para Bergeron, por direção imprudente.

Jack ligou de novo para o Departamento de Identificação. Deu o nome de Sharon Kostenza e seu endereço — nenhum registro criminal na Califórnia. Pediu que o funcionário verificasse a lista dos 48 estados; isso demorou dez minutos.

— Sinto muito, sargento. Nada para este nome.

De volta ao Departamento de Trânsito; chocante: ninguém chamado Sharon Kostenza possuía ou já possuía uma carteira de motorista da Califórnia. Jack foi para North Havenhurst — o número 1.649 não existia.

Circuitos cerebrais: o prostituto Bobby Inge, Kostenza pagou sua fiança, prostitutas usavam nomes falsos, prostitutas posavam para fotos de sacanagem. North Havenhurst era havia muito uma área de prostíbulos...

Começou a bater às portas.

Uma dúzia de entrevistas rápidas; dicas sobre puteiros das proximidades. Dois na Havenhurst: 1.611, 1.564.

18h30.

O 1.611 aberto para negócios; o chefe não reagiu ao nome de Sharon Kostenza, Bobby Inge ou Bergeron. O mesmo aconteceu com relação aos rostos cortados das revistas de sacanagem — as garotas que trabalhavam na casa também não demonstraram reação. A madame do 1.564 cooperou — os nomes e os rostos eram grego para ela e suas putas.

Outro hambúrguer, de volta à Subdelegacia de West Hollywood. Um exame nos arquivos de apelidos: outro beco sem saída.

19h20 — mais nenhum nome para verificar. Jack foi para North Hamel, estacionou diante de uma vista: a porta de Bobby Inge.

Ficou de vigia. Nada de pedestres, o tráfego da rua era escasso — a Sunset Strip não iria se agitar durante horas. Esperou: fumando, com fotos de sacanagem na cabeça.

Às 20h46 um conversível com a capota coberta passou devagar junto ao meio-fio. Vinte minutos depois — mais uma vez. Jack tentou ler os números da placa — nada, escuro demais. Uma intuição: ele está procurando luzes nas janelas. Se estiver procurando nas de Bobby, vai ter.

Andou até o quintal, olhou ao redor — ninguém. As linguetas das almeças fizeram a porta abrir: dentes cortando madeira barata. Tateou em busca de um interruptor. Ligou.

A mesma sala limpa; o apartamento na mesma desarrumação. Jack sentou-se junto à porta, esperou.

O tempo do tédio se estendeu — quinze minutos, trinta, uma hora. Batidas à janela da frente.

Jack se abaixou: a porta, nível do olho. Fingiu voz de bicha.

— Está aberta.

Um garoto bonito entrou.

— Merda — disse Jack.

Timmy Valburn, vulgo rato Moochie — o caso de Billy Dieterling.

— Timmy, que porra você está fazendo aqui?

Valburn relaxou, um quadril impelido para a frente, sem medo.

— Bobby é meu amigo. Ele não usa drogas, se é isso que você veio procurar. E aqui não é meio fora da sua jurisdição?

Jack fechou a porta.

— Christine Bergeron, Daryl Bergeron, Sharon Kostenza. São seus amigos?

— Não conheço esses nomes. Jack, o que é isso?

— Você me diz, você está há horas arranjando coragem para bater aqui. Vamos começar com: onde está Bobby?

— Não sei. Eu estaria aqui se soubesse onde...

— Você anda com Bobby? Você tem alguma coisa com ele?

— Ele é só um amigo.

— Billy sabe sobre você e Bobby?

— Jack, você está sendo vil. *Bobby é um amigo*. Não acho que Billy saiba que nós somos amigos, mas somos só isso.

Jack pegou o bloco de anotações.

— Então tenho certeza de que vocês têm um bocado de amigos em comum.

— Não. Guarde isso, porque eu não conheço nenhum amigo de Bobby.

— Certo, então onde você o conheceu?

— Num bar.

— Diga o nome do bar.

— Leo's Hideaway.

— Billy sabe que você faz pegação pelas costas dele?

— Jack, não seja grosseiro. Eu não sou um criminoso que você pode espancar, sou um cidadão que pode acusá-lo de ter invadido este apartamento.

Mudança de assunto.

— Sacanagem. Revista de sacanagem, comum e homo. É disso que você gosta, Timmy?

Um pequeno tremor no olho — não propriamente uma piscada.

— Você se empolga com isso? Você e Billy levam esse tipo de merda para a cama?

Nenhuma piscada.

— Não seja vil, Jack. Não faz o seu estilo, mas seja gentil. Lembre-se do que eu sou para o Billy, lembre-se do que o Billy é para o programa que lhe dá a celebridade que você tanto quer. Lembre-se de quem Billy conhece.

Jack se moveu lentamente: as revistas de sacanagem e as fotos dos rostos numa cadeira, um abajur puxado para dar um foco de luz.

— Olhe essas fotos. Se reconhecer alguém, diga. É só isso que eu quero.

Valburn revirou os olhos, olhou. Primeiro os rostos: interrogativo, curioso. Em seguida, para as revistas com figuras fantasiadas — indiferente, bicha sofisticada. Jack ficou perto, olhos nos olhos.

A revista da orgia por fim. Timmy viu o sangue de tinta e continuou olhando. Jack viu uma veia do pescoço dele alterar-se.

Valburn deu de ombros.

— Não. Sinto muito.

Uma interpretação difícil — um ator hábil.

— Não reconheceu ninguém?

— Não.

— Mas reconheceu o Bobby.

— Claro, porque eu o conheço.

— Ninguém mais?

— Jack, realmente.

— Ninguém familiar? Ninguém que você tenha visto nos bares frequentados por gente do seu tipo?

— *Meu tipo*? Jack, você não está no meio há tempo suficiente para chamar as coisas pelos nomes e mesmo assim ser gentil a respeito?

Deixar passar.

— Timmy, você oculta seus pensamentos. Talvez venha fazendo o papel de rato Moochie há muito tempo.

— Que tipo de pensamento você está procurando? Eu sou ator, portanto me dê a minha deixa.

— Não pensamentos, *reações*. Você não piscou um olho para as imagens mais estranhas que já vi em 15 anos como policial. Tinta vermelha metida a artística jorrando de uma dúzia de pessoas trepando e se chupando. Isso para você é normal?

Um elegante dar de ombros.

— Jack, eu sou *très* Hollywood. Eu me visto de roedor para divertir crianças. Nada nesta cidade me surpreende.

— Não sei se engulo isso.

— Estou dizendo a verdade. Não conheço ninguém dessas fotos e não vi essas revistas antes.

— Gente do seu tipo conhece gente que conhece gente. Você conhece Bobby Inge, e ele estava nessas fotos. Quero ver o seu caderninho preto.

— Não.

— Sim, ou eu dou um pequeno assunto à *Hush-Hush* sobre você e Billy Dieterling como almas gêmeas. *Badge of Honor*, *Dream-a-Dream Hour* e bichas. Gosta disso como uma aposta acumulada?

Timmy sorriu.

— Max Peltz o demitiria por isso. Ele quer que você seja bonzinho. *Portanto seja bonzinho*.

— Você anda com a sua caderneta de endereços?

— Não. Jack, lembre-se de quem é o pai de Billy. Lembre-se de todo o dinheiro que você pode ganhar na indústria do cinema depois de se aposentar.

Puto agora, quase vendo vermelho.

— Entregue a carteira. Faça isso ou vou perder a cabeça e encostá-lo na parede.

Valburn deu de ombros, pegou uma carteira. Jack procurou o que desejava: cartões de visita, nomes e números em pedaços de

papel.

— Quero que devolva.

Jack lhe entregou a carteira.

— Claro, Timmy.

— Um dia, com sorte, você vai foder com tudo, Jack. Sabe disso?

— Já fodi, e ganhei dinheiro. Lembre-se disso se quiser me dedurar ao Max.

Valburn saiu andando — elegante.

PAQUERAS EM BAR DE BICHAS: nomes, números de telefones. Um cartão parecia familiar: “Fleur-de-lis. Vinte e quatro horas por dia — O que você deseja. HO-01239.” Nada escrito atrás — Jack revirou o cérebro, não conseguiu fazer a conexão.

Novo plano: ligar para os números, fazer o papel de Bobby Inge, jogar verde sobre as revistas de sacanagem — ver quem engolia. Ficar no apartamento, ver quem ligava ou aparecia: trabalho de longo prazo.

Jack ligou “Ted-DU-6831” — ocupado; “Geoff-CR-9640” — não engoliu a voz ciciante “Oi, Ted, aqui é o Bobby Inge”. “Bing-AX-6005” — ninguém atendeu; de volta ao “Ted” — “Bobby quem? Desculpe, acho que não conheço você.” “Jim”, “Nat”, “Otto”: ninguém atendeu; ele ainda não conseguia se lembrar do cartão estranho. Última tentativa: ligar para a linha de informações da Pacific Coast Bell.

Trim, trim.

— Aqui é a Srta. Sutherland.

— Aqui é o sargento Vincennes, do DPLA. Preciso do nome e do endereço de um número telefônico.

— O senhor não tem uma lista telefônica, sargento?

— Estou numa cabine telefônica, e o número que eu quero é Hollywood 01239.

— Muito bem. Espere na linha.

Jack esperou; a mulher voltou.

— Esse número não está cadastrado. A Bell está começando a cadastrar os assinantes de números de cinco dígitos, mas este ainda não consta da lista. Francamente, pode ser que nunca venha a constar, a mudança é muito lenta.

— Tem certeza disso?

— Claro que tenho.

Jack desligou. Primeira ideia: linha pirata. Os *bookmakers* tinham dessas — funcionários corruptos na P.C. Bell ligavam as linhas, impediam que os números fossem cadastrados. Serviço telefônico gratuito, as agências policiais não tinham como solicitar os registros, não havia como descobrir telefonemas recebidos.

Uma ligação por reflexo: a linha policial do Departamento de Trânsito.

— Sim? Quem está fazendo o pedido?

— Sargento Vincennes, DPLA. Endereço de Timothy V-A-L-B-U-R-N, homem branco, 20 e poucos anos. Acho que mora no Distrito Wilshire.

— Entendi. Por favor, espere.

Jack esperou; o funcionário voltou.

— É em Wilshire. South Lucerne 432. Diga, Valburn não é aquele homem-rato do programa do Dieterling?

— Isso mesmo.

— Bem... é... por que você está atrás dele?

— Posse de queijo contrabandeado.

CHEZ RATO: UMA ANTIGA CONSTRUÇÃO estilo provincial francês com acréscimos de novo-rico — holofotes, topiaria: Moochie, o resto do rebanho de Dieterling. Dois carros na entrada: o conversível Hamel, o Packard Caribbean de Billy Dieterling — um adereço do estacionamento de *Badge of Honor*.

Jack vigiou o lugar, meio cabreiro: os veados tinham ligações boas demais para serem queimados, o serviço da pornografia continuava num beco sem saída — “O que você desejar”: algum tipo de beco sem saída. Ele podia encarar Timmy e Billy, forçar a barra, espremer até conseguir os contatos deles: gente que conhecia gente que conhecia Bobby Inge — que sabia quem tinha feito aquela merda. Manteve o rádio ligado em volume baixo; canções de amor ajudaram a colocar os pensamentos nos lugares.

Queria rastrear aquela imundície porque parte dele se perguntava como uma coisa podia ser tão horrenda e tão linda e parte dele simplesmente curtia aquilo.

Começou a sentir comichões, ansioso para se mexer. Um soprano gutural o arrancou do carro.

Subindo pela entrada de veículos, rodeando os holofotes.

Janelas: fechadas, sem cortinas. Olhou dentro.

Bugigangas do rato Moochie em tudo que é canto, nada de Timmy e Billy. Bingo na última janela: os pombinhos quebrando o pau.

Um ouvido no vidro — só captou murmúrios. Uma porta de carro bateu; a campainha da porta fez blim-blom. Uma olhada — Billy indo para a frente da casa.

Jack continuou olhando. Timmy saracoteava com as mãos nos quadris; Billy trouxe de volta um cara grande e musculoso. O fortão espalhou mercadorias: frascos de comprimidos, um cheio de erva. Jack correu para a rua.

Um sedã Buick junto ao meio-fio — lama nas placas da frente e de trás. Portas trancadas — é chutar o vidro ou voltar para casa vazio.

Jack chutou a janela do motorista. Vidro sobre o seu butim no banco da frente — um único pacote de papel pardo.

Agarrou-o e correu para o carro.

A porta de Valburn se abriu.

Jack cantou pneus — para o leste na 5ª, zigue-zagues descendo para a Western e chegando a um estacionamento grande e iluminado. Abriu o saco.

Absinto — a prova no rótulo, líquido verde viscoso.

Haxixe.

Fotos em preto e branco: mulheres com máscaras de ópera chupando paus de cavalos.

“O que você desejar.”

— Ed, você foi brilhante no outro dia — disse Parker. — Eu desaprovo a intrusão do policial White, mas não posso reclamar dos resultados. Preciso de homens inteligentes como você e... de homens diretos como Bud. E quero vocês dois no caso Nite Owl.

— Senhor, não creio que White e eu possamos trabalhar juntos.

— Vocês não vão precisar. Dudley Smith está no comando da investigação, e White vai se reportar diretamente a ele. Dois outros homens, Mike Breuning e Dick Carlisle, vão trabalhar com White... como Dudley quiser. O Esquadrão de Hollywood estará no serviço, respondendo ao tenente Reddin, que por sua vez será subordinado a Dudley. Determinamos os contatos nas divisões, e cada homem do Bureau busca informantes. O chefe Green diz que Russ Millard quer ser destacado da Costumes para cuidar do show com Dud, de modo que esta é uma possibilidade. O que significa um total de 24 policiais em tempo integral.

— O que eu faço, especificamente?

Parker apontou para um gráfico do caso.

— Um: nós não encontramos as espingardas nem o carro de Coates, e até que a garota atacada por aqueles bandidos limpe a barra deles na questão da hora, temos de presumir que ainda são nossos principais suspeitos. Desde a pequena interferência de White, eles se recusam a falar, e foram fichados sob acusação de sequestro e estupro. Eu acho...

— Senhor, eu gostaria de tentar de novo com eles.

— Deixe-me terminar. Dois: nós ainda não temos a identidade das outras três vítimas. O Dr. Layman está trabalhando nisso em tempo integral, e estamos recebendo duzentos telefonemas por dia de pessoas preocupadas com gente desaparecida. Há uma chance remota de isso ser mais do que assassinato por causa de roubo e, se for o caso, quero você trabalhando nesse aspecto. Por enquanto,

— você atua como ligação com a perícia, a Promotoria e os contatos nas divisões. Quero que analise todos os dias cada relatório de campo, avalie-os e me diga pessoalmente o que acha. Quero resumos diários por escrito, com cópias para o chefe Green e para mim.

Ed tentou não sorrir — os pontos em seu queixo ajudavam.

— Senhor, posso dizer algumas coisas antes de continuarmos?

Parker se reclinou na cadeira.

— Claro.

Ed listou mais pontos.

— Um: que tal procurar amostras de cartuchos comparáveis no Griffith Park? Dois: se a garota limpar os suspeitos na questão da hora, o que aquele carro roxo fazia diante do Nite Owl? Três: qual é a probabilidade de encontrarmos as armas e o carro? Quatro: os suspeitos disseram que levaram primeiro a garota para um prédio na Dunkirk. Que tipo de provas conseguimos lá?

— Boas questões. Mas, um: amostras de cartuchos para comparar é uma possibilidade remota. Com armas carregadas pela culatra, os cartuchos podem ter sido expelidos para trás, para dentro do carro dos vagabundos, os locais citados nos relatórios criminais eram vagos, o Griffith Park é cercado de morros, tivemos chuvas e deslizamento de lama nas últimas duas semanas, e aquele guarda-florestal voltou atrás na identificação dos três. Dois: o jornalista que identificou o carro perto do Nite Owl diz agora que talvez fosse um Ford ou um Chevy, e assim nossas verificações de registro se transformaram num pesadelo. Se você está pensando que o carro foi plantado lá para desviar a investigação, acho isso sem sentido... Como alguém poderia plantá-lo lá? Três: o Esquadrão da Rua 77 está revirando o sul da cidade em busca do carro e das armas, dando em cima de todos os conhecidos dos sujeitos. E quatro: havia sangue e sêmen espalhados num colchão naquele prédio da Dunkirk.

— Tudo volta à garota — disse Ed.

Parker pegou um formulário.

— Inez Soto, 21 anos. Universitária. Está no Queen of Angels e acabou de sair da sedação hoje de manhã.

— Alguém falou com ela?

— Bud White foi com ela para o hospital. Ninguém falou com ela nas últimas 36 horas, e eu não invejo você pela tarefa.

— Senhor, posso fazer isso sozinho?

— Não. Ellis Loew quer processar os suspeitos por sequestro e estupro. Quer colocá-los na câmara de gás por isso; pelo Nite Owl ou por ambos. E quer um investigador da promotoria e uma policial presentes. Dentro de uma hora você irá encontrar Bob Gallaudet e uma matrona do xerife no Queen of Angels. Não preciso dizer que o rumo dessa investigação será determinado pelo que a Srta. Soto lhe contar.

Ed se levantou.

— Extraoficialmente — disse Parker —, você crê que os negros fizeram o serviço?

— Não tenho certeza, senhor.

— Você os livrou temporariamente. Achou que eu ficaria furioso com você por isso?

— Senhor, nós dois queremos a justiça absoluta. E o senhor gosta muito de mim.

Parker sorriu.

— Edmund, não pense demais no que White fez no outro dia. Você vale uma dúzia dele. Ele matou três homens no cumprimento do dever, mas isso não é nada comparado com o que você fez na guerra. Lembre-se disso.

GALLAUDET O RECEBEU do lado de fora do quarto da garota. O corredor fedia a desinfetante — familiar, sua mãe morreu um andar abaixo.

— Olá, sargento.

— Me chame de Bob, e Ellis Loew manda lembranças. Ele temia que os suspeitos fossem mortos a pancadas e que ele não pudesse processá-los.

Ed riu.

— Eles podem ser inocentados do Nite Owl.

— Não me importo, e Loew também não. Sequestro e estupro valem pena de morte. Loew quer esses caras no chão, e eu também, e você também vai querer, quando falar com a garota. De modo que aqui está a pergunta de 64 dólares: eles fizeram o negócio?

Ed balançou a cabeça.

— Baseado nas reações dos suspeitos, eu diria que não. Mas Fontaine disse que eles ficaram andando de carro com a garota. “Venderam a garota por aí”, foi a frase à qual ele reagiu. Acho que *poderia* ser Sugar Coates e uma pequena gangue, talvez dois dos

caras para quem eles a venderam. Nenhum dos três estava com dinheiro quando foram presos, e de qualquer modo, seja pelo Nite Owl ou o estupro coletivo, eu acho que o dinheiro está escondido em algum lugar, sujo de sangue... Como as roupas que Coates queimou.

Gallaudet assobiou.

— Então precisamos da palavra da garota sobre a hora e a identidade dos outros estupradores.

— Certo. E nossos suspeitos não querem abrir o bico, e Bud White matou a única testemunha que poderia nos ajudar.

— Esse tal de White é um escroto, não é? Não fique tão cabreiro, ter medo dele significa que você é sadio. Agora venha, vamos falar com a moça.

Entraram no quarto. Uma matrona do xerife bloqueava a cama — alta, gorda, cabelo curto puxado para trás.

— Ed Exley, Dot Rothstein — disse Gallaudet. A mulher assentiu, deu um passo para o lado.

Inez Soto.

Olhos pretos, o rosto cortado e arranhado. Cabelos escuros raspados na testa, suturas. Tubos nos braços, tubos sob as cobertas. Dedos cortados, unhas partidas — ela lutou. Ed viu sua mãe: careca, 30 quilos, num pulmão de aço.

— Srta. Soto — disse Gallaudet —, este é o sargento Exley.

Ed se encostou na grade da cama.

— Desculpe por não lhe darmos mais tempo para se recuperar, e vou tentar fazer isso o mais rápido possível.

Inez Soto o encarou — olhos escuros, vermelhos. Voz rouca:

— Eu não vou olhar mais nenhuma foto.

Gallaudet:

— A Srta. Soto identificou Coates, Fontaine e Jones a partir de fotos da polícia. Eu lhe disse que talvez precisássemos olhar mais fotos para identificar os outros homens.

Ed balançou a cabeça.

— Não será necessário agora. No momento, Srta. Soto, preciso que tente lembrar uma cronologia dos acontecimentos de duas noites atrás. Nós podemos fazer isso muito devagar, e por enquanto não precisaremos de detalhes. Quando estiver mais descansada, repassaremos isso. Por favor, quando se sentir preparada, comece dizendo quando os três homens a sequestraram.

Inez ajustou o corpo para trás, nos travesseiros.

— Eles não eram homens!

Ed agarrou a grade.

— Eu sei. E eles serão punidos pelo que lhe fizeram. Mas antes de podermos fazer isso temos de eliminá-los ou confirmá-los como suspeitos de outro crime.

— Eu quero que eles morram! Eu ouvi o rádio! *Eu quero que eles morram por aquilo!*

— Não podemos fazê-lo, porque nesse caso os outros que machucaram a senhorita ficarão livres. Temos de proceder do jeito certo.

Um sussurro rouco.

— O modo certo significa que seis pessoas brancas são mais importantes do que uma mexicana de Boyle Heights. Aqueles animais me rasgaram e fizeram coisas na minha boca. Enfiaram espingardas em mim. Minha família acha que eu sou a culpada disso porque não me casei com um *cholo* estúpido quando tinha 16 anos. Não vou lhe contar nada, *cabrón*.

— Srta. Soto — disse Gallaudet. — O sargento Exley salvou sua vida.

— Ele arruinou minha vida! O policial White disse que ele inocentou os *negritos* de uma acusação de assassinato! O policial White é o herói, ele matou o puto que meteu na minha bunda!

Inez soluçou. Gallaudet fez o sinal de interrupção. Ed foi até a loja de presentes — familiar, sua vigília da morte. Flores para o 875: buquês grandes e alegres todos os dias.

Bud chegou cedo no serviço, encontrou um memorando sobre a mesa.

19/4/53

Garoto:

Papelada não é o seu forte, mas preciso que você faça verificações de registro (duas) para mim. (O Dr. Layman identificou os três fregueses mortos.) Use o procedimento padrão que lhe ensinei e primeiro verifique o boletim 11 no quadro de avisos do esquadrão: ele coloca em dia o status geral do caso e detalha os serviços dos outros investigadores, o que impedirá você de realizar tarefas gratuitas e irrelevantes.

1. Susan Nancy Lefferts, branca, data de nascimento: 29/1/22, sem registro criminal. Natural de San Bernardino e chegada recentemente a Los Angeles. Trabalhava como vendedora na Bullock's Wilshire (verificação de histórico designada para o sargento Exley).

2. Delbert Melvin Cathcart, vulgo "Duke", branco, data de nascimento: 14/11/14. Duas condenações por tentativa de estupro, cumpriu três anos em San Quentin. Três prisões por cafetinagem, sem condenações. (Uma identificação difícil: etiquetas de lavanderia e o corpo comparado com os gráficos de medidas da prisão deram o resultado.) Sem emprego conhecido, último endereço registrado ficava na Vendome, 9.819, Distrito Silverlake.

3. Malcolm Robert Lunceford, vulgo "Mal", branco, data de nascimento: 2/6/12. Último endereço desconhecido, trabalhava como segurança na Mighty Man Agency, North Cahuenga, 1.680. Ex-policial do DPLA, lotado na Delegacia

de Hollywood durante a maior parte dos 11 anos de carreira. Demitido por incompetência em junho de 1950. Sabemos que era frequentador noturno do Nite Owl. Verifiquei a ficha pessoal de Lunceford e concluí que o sujeito era um policial desgraçado (recebeu “D” nos relatórios de aptidão por parte de cada comandante). Verifique todo papel existente sobre ele na Delegacia de Hollywood (Breuning e Carlisle estarão lá para ajudá-lo).

Resumo: ainda acho que os negros são os nossos homens, mas as fichas criminais de Cathcart e do ex-policial Lunceford sugerem que devem ser feitas verificações mais do que superficiais sobre o passado. Quero você como meu auxiliar nesse trabalho, um excelente batismo de fogo como detetive da Homicídios. Encontre-se comigo esta noite (21h30) no Pacific Dining Car. Vamos discutir o trabalho e questões afins.

D.S.

Bud verificou o principal quadro de avisos. Atulhado de material do Nite Owl: relatórios de campo, de autópsia, resumos. Encontrou o boletim 11, folheou.

Seis funcionários do Departamento de Pesquisa e Identificação destacados para verificar registros criminais e de infrações no trânsito; o Esquadrão da Rua 77 dando batidas nos bairros negros em busca das espingardas e do Merc de Ray Coates. Breuning e Carlisle arrochando pessoas conhecidas por gostarem de armas; a área ao redor do Nite Owl examinada com pente fino nove vezes, sem que se descobrisse sequer uma testemunha ocular. Os negros se recusavam a falar com os homens do DPLA, com os investigadores da Promotoria, com o próprio Ellis Loew. Inez Soto se recusava a cooperar para definir os horários; Ed Exley descartou uma sessão de interrogatório, disse que deveriam tratá-la com luvas de pelica.

Na parte inferior do quadro: fichas pessoais de Malcolm Lunceford no DPLA. Más notícias: Lunceford gostava de comer de graça, era um incompetente em termos gerais. Um registro pútrido de prisões; citado três vezes por negligência no dever. Foi feito um pedido interno de informações; quatro policiais que trabalharam com Lunceford responderam. Subornável/calhorda: bebia em serviço, achacava putas para ganhar chupadas, tentou achacar comerciantes de Hollywood em troca de “serviços de proteção” nas

horas vagas — deixando-o dormir nas lojas enquanto ele permanecia trancado fora do apartamento por não ter pagado o aluguel. Uma reclamação a mais e Lunceford foi chutado em junho de 1950; todos os policiais interrogados declararam que ele provavelmente não fora uma vítima deliberada no Nite Owl: como policial, era habituado aos cafés que funcionavam 24 horas — em geral para comer de graça; provavelmente estava no Owl às 3 horas da madrugada por ser ligado na doce Lucy, e o Nite Owl parecia quente e aconchegante.

Bud foi para a Delegacia de Hollywood — com Inez na mente, Dudley, Dick Stens junto com ela. Corajosa: ela tentou morder as amarras da maca para ir até Sylvester Fitch, morto e preso a uma cama no necrotério. Gritava: “Eu estou morta, quero que eles morram!” Ele a levou até a ambulância, encheu uma seringa com morfina, aplicou nela enquanto ninguém olhava. O pior de tudo deveria ter terminado — mas o pior ainda estava por vir.

Exley iria interrogá-la, fazê-la cuspir os detalhes, olhar para as fotos dos agressores sexuais até desmoronar. Ellis Loew queria um caso sem falhas — isso significava identificações ao vivo, testemunhos no tribunal. Inez Soto: a primeira grande testemunha para o mais ambicioso promotor que já aparecera no mundo — tudo que ele podia fazer era vê-la no hospital, dizer “Oi”, tentar abafar os golpes. Uma mulher corajosa empurrada para Ed Exley — alimento para um policial covarde.

De Inez para Stens.

Boa vingança: máscaras do pato Danny, Exley gemendo. A foto um bom seguro; Dick ainda fissurado em sangue — um gosto que lhe dizia que ele ainda estava em forma. Seu trabalho na delicatessen de Kikey T. era uma merda — o lugar era um conhecido antro de trambiqueiros, uma violação de condicional prestes a acontecer. Stens dormindo no carro, bebendo, jogando — a cadeia não ensinou merda nenhuma a ele.

Bud virou para o norte na Vine; a luz do sol captou seu reflexo no para-brisa. Sua gravata destacou-se: escudos do DPLA, número 2. O 2 era pelos homens que ele matara; teria de mandar fazer gravatas novas — com 3 para acrescentar Sylvester Fitch. Ideia de Dudley: *esprit de corps* para a Vigilância. Negócio elegante: as mulheres gostavam. Dudley era da pesada — nos dentes, no cérebro.

Bud devia a ele mais do que devia a Dick Stens — o sujeito

havia acobertado o Natal Sangrento, levava-o para a Vigilância, depois para a Homicídios. Mas quando Dudley Smith o treinava você pertencia a ele — e ele era tão mais inteligente do que qualquer outra pessoa que você nunca tinha certeza do que ele queria de você ou de como o estava usando — a merda se perdia naquela linguagem enfeitada. O negócio não chegava a machucar, mas você sentia; ficava apavorado ao ver como Mike Breuning e Dick Carlisle davam as almas para o sujeito. Dudley era capaz de dobrar você, fazer você se sentir um monte de argila úmida. Mas ele sempre deixava que você soubesse uma coisa: ele conhecia você melhor do que você se conhecia.

Nenhuma vaga na rua — todos os espaços tomados. Bud estacionou três quarteirões adiante, caminhou até o esquadrão. Nada do Exley, cada mesa ocupada: homens falando ao telefone, tomando notas. Um quadro de avisos gigantesco, todo sobre o Nite Owl — papéis criando volumes de 15 centímetros de espessura. Duas mulheres numa mesa, um quadro telefônico atrás delas, um letreiro aos pés: “Pedidos aos Departamentos de Investigações e de Trânsito.” Bud foi lá, falou acima do ruído dos telefones.

— Eu estou verificando Cathcart e quero o que vocês puderem conseguir, colegas conhecidos, aquilo tudo. Esse palhaço foi apanhado duas vezes por tentativa de estupro. Teve três prisões por cafetinagem, sem condenações, e quero que vocês verifiquem todos os esquadrões de Costumes da cidade e do condado, para ver se ele tem um dossiê. Se tiver, quero os nomes das garotas cafetinadas por ele. Se conseguirem nomes, peguem as datas de nascimento e verifiquem na Identificação, no Trânsito, nas condicionais do município e do condado, no presídio feminino. *Detalhes.* Entenderam?

As garotas atacaram o quadro telefônico; Bud atacou o quadro de avisos. Papéis com a etiqueta: “Vítima Lunceford”. Uma atualização: um policial do Esquadrão de Hollywood conversou com o chefe de Lunceford na Mighty Man Agency. Fatos: Lunceford ia ao Nite Owl praticamente todas as madrugadas — depois de sair do turno das 18h às 2h no Pickwick Bookstore Building; Lunceford era um típico segurança beberão, não possuía permissão de usar arma; não tinha inimigos conhecidos, nem amigos conhecidos, nem amigas, não se ligava aos colegas na Mighty Man, dormia numa barraca atrás do Hollywood Bowl. A barraca foi verificada, inventariada: um saco de dormir, quatro uniformes da Mighty Man,

seis garrafas de moscatel Old Monterey.

Adiós, seu merda — você estava no lugar errado na hora errada. Bud verificou os registros de prisão de Lunceford: 19 infrações pequenas em 11 anos como policial, riscar a vingança como motivo, matar seis para pegar um era um motivo que fedia. Exley ainda não estava por ali, nem Breuning ou Carlisle. Bud se lembrou do memorando de Dudley: verificar os arquivos da delegacia para achar o que houver sobre Lunceford.

Uma boa hipótese: cartões de interrogatório de campo preenchidos com o sobrenome do policial. Bud atacou a sala de depósito, puxou a gaveta “L” — nenhuma pasta para “Lunceford, policial Malcolm”. Uma hora verificando a possibilidade de arquivamento errado, do “A” ao “Z” — zero. Nenhum interrogatório de campo — estranho talvez o bêbado do Mal nunca tenha preenchido seus cartões de campo.

Quase meio-dia, hora de beliscar alguma coisa — um sanduíche, conversar com Dick. Carlisle e Breuning apareceram — comendo, tomando café. Bud encontrou um telefone livre, ligou para informantes.

Snake Tucker não ouviu nada; o mesmo com Fats Rice e Johnny Stomp. Jerry Katzenbach disse que foram os Rosenberg — do corredor da morte eles ordenaram os assassinatos, Jerry de volta às agulhas. Uma garota do Departamento de Identificação apareceu.

Entregou-lhe um papel.

— Não há muitos dados. Nenhum conhecido de Cathcart, não há detalhes além da ficha policial. Não consegui grande coisa sobre as acusações de crime por tentativa de estupro, a não ser que as meninas tinham 14 anos, eram louras e trabalharam na Lockheed durante a guerra. Minha aposta é que estavam em trânsito. A Delegacia Central de Costumes tinha um dossiê sobre Cathcart, com nove prostitutas suspeitas listadas. Procurei saber. Duas morreram de sífilis; três eram menores de idade e deixaram o estado sob regime de liberdade condicional, sobre duas não consegui saber nada. As outras duas estão nessa folha. Isso ajuda?

Bud acenou para Breuning e Carlisle.

— Sim, ajuda. Obrigado.

A funcionária se afastou; Bud verificou a folha que ela entregara; dois nomes circulados: Jane (vulgo “Pluma”) Royko, Cynthia (vulgo “Cindy Pecadora”) Benavides. Últimos endereços registrados, antros conhecidos: casas na Poinsettia e Yucca, salões de coquetel.

Os paus-mandados de Dudley se aproximaram.

— Os dois nomes aqui — disse Bud. — Deem uma geral, combinado?

— Essa verificação de histórico é baboseira — disse Carlisle. — Eu digo que foram os negros.

Breuning pegou a folha.

— Se Dud disse para a gente fazer, a gente faz.

Bud verificou as gravatas dos dois — cinco mortos no total. Breuning gordo, Carlisle magrelo — de algum modo eles pareciam gêmeos.

— Então, façam, certo?

ABE'S NOSHERY, SEM estacionamento, virar o quarteirão. O Chevy de Dick atrás, garrafas de bebida vazias no banco: violação de condicional número 1. Bud encontrou um espaço, foi lá e olhou pela janela: Stens bebendo Manischewitz, contando vantagem para ex-presidiários — Lee Vachss, Dois Perkins, Johnny Stomp. Um sujeito com pinta de policial comendo no balcão: uma mordida, um olhar para a reunião de criminosos conhecidos, outra mordida — gestos mecânicos. De volta à Delegacia de Hollywood — puto por ainda estar bancando a babá.

Esperando por ele: Breuning, duas figuras com caras de putas — morrendo de rir na sala de interrogatório. Bud bateu no vidro; Breuning saiu.

— Quem é quem? — perguntou Bud.

— A loura é Pluma Royko. Ei, você já ouviu aquela do elefante bem-dotado?

— O que você disse a elas?

— Disse que era uma verificação de rotina sobre Duke Cathcart. Elas leram os jornais, por isso não ficaram surpresas. Bud, foram os negros. Eles vão queimar por causa da puta mexicana. Dudley só está fazendo essa armação toda porque Parker quer um caso notório e ele ouve aquele vagabundo do Ed Exley com todo aquele blá-blá-blá...

Dedos rígidos no peito.

— Inez Soto não é puta, e talvez não tenham sido os negros. Portanto você e Carlisle façam um pouco de trabalho policial.

Submissão — Breuning saiu com o rabo entre as pernas, alisando a camisa. Bud entrou na sala. As putas tinham má aparência: uma

loura oxigenada, uma ruiva de hena, maquiagem demais sobre quilometragem demais.

— Então vocês leram os jornais de hoje — disse Bud.

— É — disse Pluma Royko. — Coitado do Dukey.

— Você não parece realmente lamentar por ele.

— Dukey era o Dukey. Era um sujeito barato, mas nunca batia na gente. Gostava de hambúrgueres com *chili*, e o Nite Owl tinha uns bons. Um *chiliburg* a mais e... descanse em paz, Dukey.

— Então vocês engoliram aquele papo de assalto seguido de morte, que saiu nos jornais.

Cindy Benavides assentiu. Pluma disse:

— Claro. Foi isso que aconteceu, não foi? Quero dizer, vocês não acham?

— Provavelmente. E quanto a inimigos? Dukey tinha algum?

— Não. Dukey era o Dukey.

— Com quantas outras garotas ele trabalhava?

— Só nós. Nós somos as últimas remanescentes do rebanho de Dukey.

— Ouvi dizer que Dukey já teve nove garotas. O que aconteceu? Disputa de cafetão rival?

— Moço, Dukey era um sonhador. Ele pessoalmente gostava de material novo. As garotas novas ficam chateadas e vão embora a não ser que o homem fique mau. Dukey podia ser mau com outros homens, mas nunca com mulheres. Descanse em paz, Dukey.

— Então Dukey devia ter alguma outra fonte. Duas garotas não bastariam para mantê-lo.

Pluma cutucou o esmalte da unha.

— Dukey estava ligado em um novo esquema comercial. Você vê, ele estava sempre armando algum tipo de esquema. Era um sonhador. E os esquemas deixavam ele feliz, faziam ele sentir que a grana pouca que Cindy e eu ganhávamos para ele não era tão ruim.

— Ele contou algum detalhe a vocês?

— Não.

Cindy gastou o batom, esfregando um lábio no outro.

— Cindy, ele contou alguma coisa a você?

— Não. — Um pequeno guincho.

— Nada sobre inimigos?

— Não.

— E namoradas? Dukey tinha alguma garota nova ultimamente?

Cindy pegou um lenço manchado.

— N-ão.

— Pluma, você acredita nisso?

— Acho que Dukey não estava falando com ninguém. Podemos ir agora? Quero dizer...

— Vão. Tem um ponto de táxi na rua.

As garotas saíram depressa; Bud lhes deu alguma dianteira, correu para o seu carro. Na Sunset, do outro lado do ponto de táxi; uma espera de dois minutos. Cindy e Pluma saíram.

Táxis separados, direções diferentes. Cindy partiu para o norte, pela Wilcox, talvez para casa — Yucca, 5.814. Bud pegou um atalho; o táxi chegou na hora. Cindy caminhou até um De Soto verde, foi para o oeste. Bud contou até dez, foi atrás.

Para Highland, o Cahuenga Pass para o vale, a oeste no Ventura Boulevard. Bud se manteve perto; Cindy dirigia pela pista do meio, depressa. Uma virada de último segundo num motel — quartos rodeando uma piscina suja.

Bud freou, fez o retorno, espiou. Cindy foi até um quarto do lado esquerdo, bateu. Uma garota — uns 15 anos, loura — deixou-a entrar. Material novo — como Duke Cathcart gostava.

Vigilância atenta.

Cindy saiu dez minutos depois — zum —, um retorno para Hollywood. Bud bateu à porta da garota.

Ela abriu — lacrimosa. Um rádio alardeava: “Massacre do Nite Owl”, “Crime do século no sul da Califórnia”. A garota se concentrou.

— Você é da polícia?

Bud confirmou com a cabeça.

— Quantos anos você tem, doçura?

Sem mais concentração — os olhos ficaram borrados.

— Doçura, qual é o seu nome?

— Kathy Janeway. Kathy com “K”.

Bud fechou a porta.

— Quantos anos você tem?

— Quatorze. Por que os homens sempre perguntam isso?

Um sotaque da pradaria.

— De onde você é?

— Dakota do Norte. Mas se você me mandar de volta eu fujo de novo.

— Por quê?

— Quer isso em Vista Vision? Duke dizia que um bocado de

sujeitos ficavam com tesão assim.

— Não seja tão durona, está bem? Eu estou do seu lado.

— Que piada.

Bud examinou o quarto. Ursos pandas, revistas de cinema, bata de colegial na penteadeira. Nada de material de puta, nem parafernália de drogas.

— Duke era bom para você?

— Ele não me obrigava a fazer com os caras, se é isso que você quer dizer.

— Quer dizer que você só fazia com ele?

— Não, quero dizer que meu pai fazia comigo, e um outro cara me obrigava a fazer com outros caras, mas Duke me tirou dele.

Intriga de cafetão.

— Qual é o nome do cara?

— Não! Eu não vou dizer, e você não pode me obrigar, e de qualquer modo eu esqueci!

— Qual dessas coisas, doçura?

— Eu não quero dizer!

— Sssh. Então Duke era bom para você?

— Não me mande calar. Duke era um ursinho panda, ele só queria dormir na mesma cama comigo e jogar cartas. Isso é tão ruim assim?

— Querida...

— Meu pai era pior! Meu tio Arthur era *muito* pior!

— Calma, está bem?

— Você não pode me obrigar!

Bud pegou as mãos dela.

— O que Cindy queria?

Kathy se afastou.

— Ela contou que Duke estava morto, o que qualquer idiota com um rádio já sabe. Disse que Duke falou que se algo acontecesse com ele, ela deveria cuidar de mim, e me deu 10 dólares. Disse que a polícia ficou chateando ela. Eu disse que 10 dólares não é muito, e ela se sentiu insultada e gritou comigo. E como você sabe que Cindy esteve aqui?

— Não importa.

— O aluguel aqui é 9 dólares por semana e eu...

— Eu arranjo um pouco mais de dinheiro se você...

— Duke *nunca* foi tão pão-duro comigo!

— *Kathy, acalme-se e me deixe fazer algumas perguntas, e talvez a*

gente pegue os sujeitos que mataram Duke. Certo? Hein?

Um suspiro de criança.

— Certo, tudo bem, pergunte.

— Cindy disse que Duke mandou ela cuidar de você caso acontecesse algo com ele — falou Bud, em tom suave. — Acha que ele imaginava isso?

— Não sei. Talvez.

— Por que talvez?

— Porque Duke andava nervoso ultimamente.

— Por que ele estava nervoso?

— Não sei.

— Você perguntou?

— Ele dizia: “São só os negócios.”

Pluma falando de Cathcart: “Ligado em algum novo esquema comercial.”

— Kathy, Duke estava começando algum negócio novo?

— Não sei. Duke dizia que as garotas não precisam de papo de trabalho. E eu *sei* que ele me deixou mais do que uma ninharia de 10 dólares.

Bud lhe entregou um cartão do Bureau.

— Esse é o número do meu trabalho. Ligue para mim, certo?

Kathy pegou um panda na cama.

— Duke era um tremendo bagunceiro e relaxado, mas eu não me importava. Ele tinha um sorriso bonito e uma cicatriz bonita no peito, e nunca gritava comigo. Meu pai e o tio Arthur sempre gritavam comigo, e Duke nunca. Isso não era uma coisa boa de se fazer?

Bud deixou-a com um aperto de mão. A meio caminho da rua, ouviu-a soluçando.

DE VOLTA AO CARRO, pensando no jogo de Cathcart até agora. O “novo esquema” de Duke e a intriga de cafetinagem eram possibilidades inexpressivas; os *chiliburgers* do Nite Owl tinham 99 por cento de chances de serem a tinta em sua sentença de morte. Um cafetão e um ex-policial corrupto como vítimas — estranho —, mas adequados para o Hollywood Boulevard 3 horas da madrugada. Chame isso de trabalho para Dudley — talvez Cindy estivesse ligada em algo mais do que a grana que guardou. Ele poderia arrancar o dinheiro dela, descobrir alguma coisa sobre a cafetinagem, amarrar

as pontas do lado Cathcart e pedir a Dud que o mandasse para Darktown. Simples — mas Cindy estava quem sabe onde, e Kathy o fez dançar segundo a música dela: um salvador sem ter aonde ir. Saltou para algo que faltava nos boletins: não houvera verificação no apartamento de Cathcart. Uma possibilidade de o caderno de putas de Duke estar lá — pistas sobre seu esquema e sobre o cafetão de quem ele comprara Kathy — uma boa coisa para matar o tempo.

Bud foi para a Cahuenga. Viu um sedã vermelho mantendo-se atrás — pensou tê-lo visto perto do motel. Acelerou, passou pela casa de Cindy — nenhum De Soto verde, nem sedã vermelho. Foi para a Silverdale olhando pelo retrovisor. Nenhum carro seguindo-o — só sua imaginação.

O endereço na Vendome, 9.819 parecia virgem — apartamento sobre uma garagem, atrás de uma pequena casa de estuque. Sem repórteres, sem cordas de isolamento da polícia, sem moradores tomando sol. Bud arrombou a porta com a mão.

Típico apartamento de solteiro: sala e quarto, banheiro, *kitchenette*. Luzes acesas para um rápido inventário — como Dudley ensinara.

Uma cama embutida baixada. Quadros baratos nas paredes. Uma cômoda, um closet. Sem portas no banheiro e na *kitchenette* — arrumados, limpos. Todo o lugar estava um brinco — não combinando com Kathy: “Duke era um tremendo bagunceiro e relaxado.”

Busca de detalhes — outro truque de Dudley. Um telefone sobre uma mesa de canto, olhar as gavetas: lápis, nenhum caderno de endereços, nenhum caderno de putas. Uma pilha de catálogos de páginas amarelas, um bastante folheado — Condado de Los Angeles, Condado de Riverside, Condado de San Bernardino, Condado de Ventura. O de San Berdoo era o único catálogo usado — folhas amassadas, lombada dobrada. Verificar as páginas amassadas: “Gráficas” folheadas. Uma conexão, provavelmente nada: vítima Susan Lefferts, nativa de San Berdoo.

Bud fotografou com os olhos, clique/clique/clique. Banheiro e cozinha imaculados; camisas bem dobradas na cômoda. O tapete limpo, um pouco manchado nos cantos. Um clique final: o apartamento tinha sido revistado, limpo — talvez por um profissional.

Examinou o closet paletós e calças despencando dos cabides. Cathcart tinha um guarda-roupa elegante... alguém remexera suas

becas ou este era o verdadeiro Duke... o relaxado de Kathy... e a pessoa que viera antes não se incomodou com as roupas.

Bud verificou cada bolso, cada peça de vestuário: fiapos, troco, nada quente. Um clique: um teste para verificar quem fez a limpeza. Desceu ao carro, pegou seu kit de evidências, empoeou: a cômoda era garantia de impressões latentes. Mais um clique: o pó mostra marcas de limpeza. O apartamento teve as impressões digitais limpas profissionalmente.

Bud guardou as coisas, saiu, pensou mais um pouco — guerra de cafetões, cliques, descliques —, Duke Cathcart tinha dois dragões no estábulo, não tinha estômago para cafetinar uma ninfeta de 14 anos... Era um desastre como cafetão. Tentou juntar o apartamento limpo de Duke com o Nite Owl — nenhuma engrenagem encaixou, as chances dos negros continuavam altas. Se a limpeza do apartamento tivesse a ver, ligá-la ao “novo esquema” de Cathcart — falara Pluma Royko —, ela saía daquilo tão limpa quanto Cindy Pecadora saía suspeita. Cindy em seguida — e ela devia dinheiro a Kathy.

O crepúsculo chegando. Bud foi para a casa de Cindy, viu o De Soto verde. Gemidos saindo por uma janela entreaberta — terminou de abrir, pulou para dentro.

Um corredor escuro, gemidos na porta adiante. Bud seguiu, olhou para dentro. Cindy e um gordo com meias, a cama em vias de quebrar. As calças do gorducho na maçaneta da porta. Bud pegou uma carteira, esvaziou-a, assobiou.

Cindy guinchou; o gordo continuou bombeando. Bud:

— SEU MERDA, O QUE ESTÁ FAZENDO COM MINHA MULHER?!!

As coisas aceleraram.

O gordo saiu correndo segurando o pau; Cindy mergulhou sob as cobertas. Bud viu uma bolsa, virou-a, pegou dinheiro. Cindy guinchava sem sentido. Bud chutou a cama.

— Os inimigos de Duke. Abra o bico, e eu não prendo você.

Cindy tirou a cabeça de baixo da coberta.

— Eu... não... sei... nada.

— O caralho que não sabe. Vamos experimentar isso: alguém invadiu o apartamento de Duke, me dê um suspeito.

— Eu... não... sei.

— Última chance. Você escondeu alguma coisa na delegacia, Pluma saiu limpa. Você foi para o motel de Kathy Janeway e a

embromou com 10 pratas. O que mais você guardou?

— Olha...

— Entregue.

— Entregar o quê?

— A nova armação de Duke e os inimigos dele. Diga quem era o cafetão de Kathy.

— Não sei quem era o cafetão dela!

— Então me entregue as outras duas informações.

Cindy enxugou o rosto — batom borrado, maquiagem arruinada.

— Só sei que havia um cara falando com garotas que pegavam homens em bares, agindo como se fosse o Duke. Você sabe, o mesmo tipo de frase, coisa do verdadeiro Duke. Ouvi dizer que estava tentando arrumar garotas para trabalhar para ele. Não falou comigo nem com Pluma, isso é assunto velho, ouvi há umas duas semanas.

Clique: “Esse cara” talvez fosse o que limpou o lugar. “Esse cara” usando as roupas de Cathcart.

— Continue.

— Foi só isso que eu ouvi, foi assim que eu ouvi.

— Como era o sujeito?

— Não sei.

— Quem lhe falou dele?

— Também não sei, eram só umas garotas batendo papo numa mesa na porcaria de um bar.

— Tudo bem, calma. O novo negócio do Duke. Entregue.

— Moço, era só outro sonho impossível do Duke.

— Então por que não me contou antes?

— Você conhece o velho ditado: “Não fale mal dos mortos”?

— Conheço. Você conhece as machonas da cadeia feminina?

Cindy suspirou.

— O sonho impossível número seis mil do Duke: tráfico de pornografia. Acha engraçado? Duke disse que ia vender essa pornografia esquisita. É só o que eu sei, nós tivemos uma conversa de dois segundos sobre o assunto e foi só isso que ele falou. Eu não pressionei porque conheço um sonho impossível quando vejo. Agora, quer sair daqui?

Papo correndo no Bureau: a Costumes trabalhando em pornografia.

— Que tipo de pornografia?

— Moço, eu disse que não sei, foi só uma conversa de dois

segundos.

— Você vai pagar a Kathy o que Duke deixou?

— Claro, bom samaritano. Dez aqui, dez ali. Se eu der todo o dinheiro de uma vez, ela vai gastar tudo em revistas de cinema.

— Talvez eu volte.

— Vou esperar ansiosa.

BUD FOI ATÉ UMA CAIXA de correio, mandou o dinheiro por entrega especial: Kathy Janeway, Orchid View Motel, cheio de selos e um bilhete amigável. Mais de quatrocentos — uma pequena fortuna para uma criança.

7 horas — matar tempo antes de encontrar Dudley. O Bureau para matar o tempo: Delegacia de Costumes, quadro de avisos do esquadrão.

Esquadrão 4 trabalhando na pornografia — Kifka, Henderson, Vincennes, Stathis —, quatro homens procurando revistas de sacanagem, todos dizendo não haver pistas. Ninguém nos arredores, ele poderia verificar de manhã, de qualquer modo, provavelmente não era nada. Andou até a Homicídios, ligou para a Abe's Noshery.

Stens atendeu.

— Abe's.

— Sou eu, Dick.

— Ah? Verificando como eu estou, *policial*?

— Qual é, Dick!

— Não, estou falando sério. Você agora é um homem do Dudley. Talvez Dud não goste das pessoas a quem eu sirvo carne em conserva. Talvez Dud queira informações, acha que eu falaria com você. Não parece que você seja mais dono de si próprio.

— Esteve bebendo, parceiro?

— Agora só bebo coisa legítima. Diga isso ao Exley. Diga que pato Danny quer dançar com ele. Diga que eu li sobre o velho e a porra do Dream-a-Dreamland. Diga que talvez eu vá à inauguração, pato Danny exige a presença do sargento Ed Exley, o chupador, para mais uma dança, caralho.

— Dick, você está saindo da linha.

— Estou cagando para o que você diz. Mais uma dança, pato Danny vai quebrar os óculos e morder a garganta dele...

— Dick, que droga...

— Ei, foda-se! Eu leio jornal, eu vi quem está trabalhando no

caso do Nite Owl. Você, Dudley S., Exley, o resto dos capangas do Dudley. Você está de parceria com o chupador que me botou pra escanteio, você está mamando no mesmo caso, de modo que se acha...

Bud jogou o telefone pela janela. Desceu para o estacionamento chutando coisas — depois o Quadro Geral o chutou.

Ele deveria ter dançado por conta do Natal Sangrento.

Dudley o salvou.

Ver Exley como o herói do Nite Owl ele mandaria Inez de volta ao inferno.

Estranheza no lado do Cathcart, o caso pode se ampliar, ser mais do que o assalto cometido por uma gangue de psicopatas. *Ele* poderia resolver o caso, desbancar Exley, trabalhar num ângulo para ajudar Stens. O que significava:

Não vasilinar a Delegacia de Costumes em busca de pistas da pornografia.

Esconder provas do Dudley.

SER UM DETETIVE POR CONTA PRÓPRIA — NÃO FICAR BATENDO CABEÇA.

Entupiu-se com o papo do bêbado para arranjar coragem:

Não parece que você seja dono de si próprio.

Não parece que você seja dono de si próprio.

Não parece que você seja dono de si próprio.

Estava apavorado.

Devia a Dudley.

Estava atravessando o caminho do único homem mais perigoso do que ele em toda a terra.

Ray Pinker caminhou com Ed pelo Nite Owl, reconstituindo.

— Bim, bam, aposto que aconteceu assim. Primeiro os três entram e mostram as armas. Um homem pega a garota da caixa, o garoto da cozinha e a garçonete. Esse cara acerta Donna DeLuca com a coronha da espingarda — ela estava de pé junto à caixa, e nós encontramos um pedaço de seu couro cabeludo no chão ali. Ela dá a ele o dinheiro da caixa e o da sua bolsa, ele a empurra, junto com Patty Chesimard, até a despensa, pegando Gilbert Escobar na cozinha, no caminho. Gilbert resiste — note as marcas, os potes e as panelas no chão. Uma batida na cabeça — bim, bam —, a pequena poça de sangue que você está vendo, delineada com giz. O cofre debaixo do balcão do cozinheiro é exposto, um dos três empregados o abre, note as moedas esparramadas. Bim, bam, Gilbert resiste mais um pouco, outra pancada com a coronha, note o círculo marcado 1-A no chão, encontramos três dentes de ouro ali, guardamos e comparamos: Gilbert Luis Escobar. As marcas de alguém sendo arrastado começam aqui, o velho Gil parou de lutar, bim, bam, o suspeito número 1 planta as vítimas 1, 2 e 3 dentro da despensa de comida.

De volta ao salão do restaurante — ainda lacrado três noites depois das mortes. Curiosos se comprimindo nas vitrines; Pinker continuou falando.

— Enquanto isso, os atiradores 2 e 3 arrebanham as vítimas 4 a 6. As marcas de sangue no chão voltando ao cofre, a comida esparramada e os pratos falam por si próprios. Talvez você não consiga ver porque o linóleo é escuro, mas há sangue debaixo das duas primeiras mesas: Cathcart e Lunceford, sentados separados, duas coronhadas. Sabemos quem estava ali pelos tipos sanguíneos. Cathcart cai perto da mesa 2, Lunceford na mesa 1. Agora...

— Vocês procuraram impressões nos pratos, para mais

confirmação? — interrompeu Ed.

Pinker assentiu.

— Manchas, duas impressões viáveis nos pratos sob a mesa de Lunceford. Foi assim que o identificamos — comparamos com as que ele tirou ao entrar para o DPLA. Cathcart e Susan Lefferts tiveram as mãos arrebetadas, não havia como verificar isso, e de qualquer modo os pratos deles ficaram manchados demais. Nós associamos Cathcart a uma ficha da arcada dentária parcial e à tabela de medidas tiradas na prisão; e Lefferts a uma ficha da arcada dentária completa. Agora, está vendo o sapato no chão?

— Sim.

— Bem, sob um estudo de ângulo, parece que Lefferts estava tentando alcançar Cathcart na mesa ao lado, mesmo os dois estando em mesas separadas. Puro pânico, ela obviamente não o conhecia. Ela começou a gritar, e um dos atiradores enfiou-lhe um chumaço de guardanapos na boca. Na autópsia o Dr. Layman encontrou um grande chumaço de papel na garganta dela. Segundo ele, Susan pode ter engasgado e sufocado assim que começaram os tiros. Bim, bam, Cathcart e Lefferts são arrastados até a despensa, Lunceford caminha, o pobre coitado provavelmente acha que é só um assalto. Na despensa, bolsas e carteiras são tomadas; encontramos um pedaço da carteira de motorista de Gilbert Escobar flutuando no sangue perto da porta, junto com seis bolas de algodão saturadas de cera. Os atiradores tiveram a ideia de proteger os ouvidos.

A última parte não se encaixava: os seus rapazes de cor eram impetuosos demais.

— Não parece que fosse um número suficiente de homens para fazer o serviço.

Pinker deu de ombros.

— Deu certo. Está sugerindo que uma ou mais de uma das vítimas conhecia um ou mais de um dos assassinos?

— Eu sei, é improvável.

— Quer ver a despensa? Tem de ser agora, nós prometemos ao dono que ele teria o lugar de volta.

— Eu vi naquela noite.

— Eu vi as fotos. Meu Deus, não dava para dizer que eram seres humanos. Você está trabalhando no histórico de Lefferts, não é?

Ed olhou pela vitrine; uma garota bonita acenou para ele. Cabelos escuros, latina — parecia Inez Soto.

— Isso mesmo.

— E?

— E eu passei um dia inteiro em San Bernardino e não cheguei a lugar algum. A mulher morava com a mãe, que estava meio sedada e não quis falar comigo. Conversei com conhecidos, e eles contaram que Sue Lefferts era uma insone crônica que ouvia o rádio a noite inteira. Não tinha namorado recente, nem jamais tivera inimigos. Verifiquei seu apartamento em Los Angeles; era exatamente o que se pode esperar de uma vendedora com 31 anos. Uma das pessoas de San Berdoo disse que ela era meio promíscua, uma afirmou que ela fazia dança do ventre num restaurante grego algumas vezes, para se divertir. Nada suspeito.

— O negócio volta sempre aos negros.

— É, volta.

— Alguma sorte com o carro ou as armas?

— Não, e o pessoal da rua 77 está verificando latas de lixo e bueiros em busca das bolsas e carteiras. E eu sei de uma abordagem que podemos usar para economizar um bocado de tempo de investigação.

Pinker sorriu.

— Procurar os cartuchos dos crioulos no Griffith Park?

Ed se virou para a vitrine — a garota parecida com Inez sumira.

— Se nós compararmos os cartuchos e eles forem iguais, então são os negros sob custódia ou três outros.

— Sargento, essa é uma hipótese bem remota.

— Eu sei, e vou ajudar.

Pinker olhou o relógio.

— São 22h30 agora. Vou encontrar os relatórios de ocorrência daqueles tiros, tentar descobrir os locais e encontro você com um esquadrão de sapadores amanhã ao amanhecer. No estacionamento do Observatório?

— Estarei lá.

— Preciso pedir permissão ao tenente Smith?

— Diga que eu mandei, certo? Estou subordinado diretamente ao Parker.

— Então no parque ao amanhecer. Use roupas velhas, será um trabalho sujo.

ED JANTOU COMIDA chinesa no Alvarado. Sabia por que estava indo naquela direção: o Queen of Angels ficava perto, Inez Soto podia

estar acordada. Tinha ligado para o hospital: Inez vinha se curando depressa, sua família não a visitara, a irmã telefonara, disse que a mãe e o pai a culpavam pelo pesadelo — roupas provocantes, jeito mundano. Ela estivera chorando e pedindo seus bichos de pelúcia; ele mandara a loja de presentes enviar alguns — presentes para aliviar a consciência —, queria-a como principal testemunha em seu primeiro grande caso de homicídio. E só queria que ela gostasse dele, que ela renegasse algumas palavras: “O policial White é o herói.”

Demorou-se com um último copo de café. Pontos, tratamento dentário — seus ferimentos melhoravam, diminuindo: sua mãe e Inez num único borrão. Ele recebera um relatório: Dick Stens andava com assaltantes conhecidos, apostava com *bookmakers*, pegava o salário em dinheiro vivo e frequentava bordéis. Quando seus homens o pegassem de jeito, ligariam para a Condicional do Condado e marcariam uma prisão.

Isso se tornava sem importância ao lado de “O policial White é o herói” e Inez Soto ardendo de ódio dele.

Ed pagou a conta e foi para o Queen of Angels.

BUD WHITE ESTAVA SAINDO.

Cruzaram-se junto ao elevador. White deu a primeira palavra.

— Dê um descanso à sua carreira e deixe-a dormir.

— O que você está fazendo aqui?

— Não querendo forçar uma testemunha. Deixe-a em paz, você terá sua chance.

— É só uma visita.

— Ela percebeu suas intenções, Exley. Não pode comprá-la com ursinhos de pelúcia.

— Você não quer que o caso seja resolvido? Ou só está frustrado porque não há mais ninguém para matar?

— Belas palavras para um dedo-duro.

— Você veio aqui para trepar?

— Em outras circunstâncias, eu acabaria com você por isso.

— Cedo ou tarde, vou pegar você e Stensland.

— A recíproca é verdadeira. Herói de guerra, hein? Aqueles japoneses devem ter rolado de barriga para cima para você.

Ed se encolheu.

White piscou.

Tremores — até chegar ao quarto dela. Ed olhou antes de bater.

Inez estava acordada — lendo uma revista. Bichos de pelúcia jogados no chão, uma criatura na cama: o esquilo Scooter como descanso de pé. Inez o viu, disse:

— Não.

Machucados desbotados, as feições retornando.

— Não o quê, Srta. Soto?

— Não, não vou falar com você.

— Nem mesmo umas poucas perguntas?

— Não.

Ed puxou uma cadeira.

— Você não parece surpresa em me ver aqui tão tarde.

— Não estou, você é do tipo sutil. — Ela apontou para os animais. — O promotor o reembolsa por isso?

— Não, isso saiu do meu bolso. Ellis Loew visitou você?

— Sim, e eu lhe disse que não. Disse que os três *negritos* putos andaram de carro comigo, pegaram dinheiro dos outros putos e me deixaram com o *negrito* puto que o policial White matou. Eu disse que não lembro ou não quero lembrar mais detalhes, ele pode ficar com isso, e é *absolutamente* só o que há.

— Srta. Soto, eu só vim dizer olá.

Ela riu na cara dele.

— Quer o resto da história? Uma hora depois, meu irmão Juan liga e diz que não posso voltar para casa, que eu desgracei a família. Então o puto do Sr. Loew liga e diz que pode me colocar num hotel se eu cooperar, e aí a loja de presentes me traz esses putos desses bichos e diz que são presentes do policial gentil de óculos. Fui para a faculdade, *pendejo*. Não acha que eu consigo seguir os acontecimentos?

Ed apontou para o esquilo Scooter.

— Você não o jogou fora.

— Ele é especial.

— Você gosta dos personagens de Dieterling?

— E se eu gostar?

— Só estou perguntando. E onde você coloca Bud White em sua cadeia de eventos?

Inez afofou os travesseiros.

— Ele matou um homem por mim.

— Ele matou por si mesmo.

— E aquele animal puto morreu assim mesmo. O policial White

só passa aqui para dizer olá. Ele me alerta sobre você e o Sr. Loew. Ele diz que eu devo cooperar, mas não força o assunto. Ele odeia você, homem sutil. Dá para ver.

— Você é uma garota inteligente, Inez.

— Você quer dizer “para uma mexicana”, eu sei disso.

— Não, você está errada. Você é apenas inteligente. E está se sentindo sozinha, ou teria pedido para eu ir embora.

Inez jogou a revista no chão.

— E daí se eu estiver?

Ed pegou-a. Folhas com cantos muito manuseados: uma matéria sobre o Dream-a-Dreamland.

— Vou recomendar que seja dado algum tempo para você se recuperar, e que quando essa confusão for a julgamento você tenha permissão para testemunhar por escrito. Se conseguirmos corroboração suficiente para o Nite Owl, a partir de outras fontes, talvez você nem precise testemunhar. E não vou voltar se você não quiser.

Ela o encarou.

— Ainda não tenho para onde ir.

— Você leu a matéria sobre a inauguração do Dream-a-Dreamland?

— Li.

— Você viu o nome “Preston Exley”?

— Vi.

— É meu pai.

— E daí? Eu sei que você é um garoto riquinho, gastando o dinheiro em bichos de pelúcia. E daí? Para onde eu vou?

Ed segurou a grade da cama.

— Tenho um chalé em Lake Arrowhead. Você pode ficar lá. Não vou tocar em você, e vou levá-la à inauguração do Dream-a-Dreamland.

Inez tocou na própria cabeça.

— E o meu cabelo?

— Eu lhe arranjo uma boina bonita.

Inez soluçou, abraçou o esquilo Scooter.

ED ENCONTROU OS SAPADORES ao amanhecer, grogue de sonhos: Inez, outras mulheres. Ray Pinker trouxe lanternas, pás, detectores de metal; ele conseguira que a Divisão de Comunicações fizesse um

apelo público: as testemunhas dos tiros no Griffith Park deveriam identificar os atiradores. Os locais citados no relatório de ocorrência tinham sido marcados — todos eram morros íngremes e cobertos de arbustos. Os homens cavaram, desenraizaram, examinaram com geringonças que repetiam tique, tique, tique — encontraram moedas, latas, um revólver 32. Horas vieram, foram; o sol atacou. Ed trabalhava duro — respirando poeira, arriscando-se a uma insolação. Seus sonhos voltavam, círculos levando de volta a Inez.

Anne, do baile da Marlborough School — os dois fizeram num Dodge 38, as pernas dele batendo nas portas. Penny, da turma de biologia na UCLA: ponche de rum na casa de sua fraternidade, uma rapidinha no quintal dos fundos. Uma série de patriotas promíscuas em sua viagem de bonificação, uma noite com uma mulher mais velha — despachante da Delegacia Central. Os rostos eram difíceis de lembrar; ele tentava e continuava vendo Inez — Inez sem machucados, sem camisola de hospital. Era atordoante, o calor era atordoante, ele estava imundo, exausto — a sensação era boa. Mais horas se passaram — ele não conseguia pensar em mulheres ou ter qualquer outro pensamento. Mais tempo, gritos a distância, a mão de alguém sobre seu ombro.

Ray Pinker segurando dois cartuchos disparados, e a foto de um cartucho de espingarda veio à tona. Exatamente iguais: marcas idênticas de percussor.

Dois dias desde que pegara o material do Fleur-de-Lis — não havia como dizer até onde ele poderia levar as coisas.

Dois dias, um suspeito: Lamar Hinton, 26 anos, preso por assalto à mão armada, uma condenação, dois anos em Chino — solto sob condicional em março de 1951. Emprego atual: instalador de telefones na P.C. Bell — seu agente de condicional suspeitava de que ele fazia hora extra instalando linhas piratas para *bookmakers*. Uma identificação por foto da polícia: Hinton era o sujeito musculoso na casa de Timmy Valburn.

Dois dias, nenhuma saída para seu impasse: um caso resolvido seria o caminho de Jack de volta à Narco; mas resolver *este* caso significaria Valburn e Billy Dieterling como testemunhas materiais — homossexuais com boas conexões que fariam sua carreira descer pelo ralo.

Dois dias revirando folhas — cada abordagem indireta dava em nada. Verificou relatórios dos casos colaterais, falou com os presos — mais negativas —, ninguém admitia ter comprado o material pornográfico. Um dia desperdiçado; nada na Costumes para ajudar as suas pistas: Stathis, Henderson, Kifka relataram zero, Millard estava tentando coquefiar o Nite Owl — a pornografia não estava em sua mente.

Dois dias desde então: na metade do segundo dia ele acertou fundo-o número pirata, Garoto Musculoso.

O telefone do Fleur-de-Lis fora da lista; uma ginástica cerebral levou à conexão — a primeira vez em que ele vira o cartão de visita.

Clique:

Noite de Natal, 1951, logo antes do Natal Sangrento. Sid Hudgens armou uma prisão por uso de maconha — ele pegou dois viciados, encontrou o cartão no apartamento deles, não pensou

nada a respeito.

Sid apavorado:

— Todos nós temos segredos, Jack.

Ele foi em frente assim mesmo, aquela corrente submarina empurrando-o: queria saber quem produzia as revistas — e por quê. Atacou o escritório de empregos da P.C. Bell, comparou registros com estatísticas físicas até encontrar Lamar Hinton — clique, clique, clique, clique...

Jack olhou o esquadrão ao redor — homens falando Nite Owl, Nite Owl, Nite Owl, o Grande V caçando revistas de punheta.

A foto da orgia.

Vertigem.

Jack caçou.

A ROTA DE HINTON: de Gower a La Brea, de Franklin ao Hollywood Reservoir. Suas instalações de manhã: Creston Drive, North Ivar. Jack encontrou Creston no mapa de seu carro: Hollywood Hills, um *cul-de-sac* na subida.

Foi para lá, viu o furgão da telefônica: estacionado junto a um pseudocastelo francês. Lamar Hinton num poste do outro lado da rua — gigantesco à luz do dia.

Jack estacionou, verificou o furgão — a porta de carga escancarada. Ferramentas, catálogos de telefone, discos do Spade Cooley — nada de envelopes de papel pardo suspeitos. Hinton o encarou; Jack se adiantou mostrando o distintivo.

Hinton desceu do poste: no mínimo 1,92 metro, louro, músculos em cima de músculos.

— Você é da condicional?

— Departamento de Polícia de Los Angeles.

— Então não tem a ver com minha condicional?

— Não, isso tem a ver com você cooperar para evitar uma violação de condicional.

— O que você...

— Seu agente de condicional não aprova de fato esse trabalho que você arranjou, Lamar. Ele acha que você pode começar a fazer algumas ligações piratas.

Hinton flexionou músculos: pescoço, braços, peito.

— Fleur-de-Lis “O que você desejar”. Se você deseja que não haja violação, fale. Se não falar, volta para Chino.

Uma última flexão.

— Você quebrou meu carro e entrou nele.

— Você é um tremendo Einstein. Agora, tem cérebro suficiente para ser informante?

Hinton se mexeu; Jack pôs uma das mãos no revólver.

— Fleur-de-Lis. Quem gerencia, como funciona, o que você vende? Dieterling e Valburn. Conte, e eu saio da sua vida em cinco minutos.

O musculoso pensou longamente: a camiseta estufou, franziu. Jack pegou uma revista de sacanagem — uma foto de orgia esparramada.

— Conspiração para distribuir material pornográfico, posse e venda de narcóticos proibidos. Eu tenho o suficiente para mandá-lo de volta a Chino até 1970, porra. Agora, você distribuiu esse material para o Fleur-de-Lis?

Hinton balançou a cabeça.

— S-s-sim.

— Garoto esperto. Agora, quem produziu?

— Eu n-não sei. Verdade, honestamente, eu n-não sei.

— Quem posou?

— Eu n-não sei, eu só entreguei.

— Billy Dieterling e Timmy Valburn. *Ande*.

— São s-só f-fregueses. Bichas, você sabe, eles gostam de fazer festa de veados.

— Você está se saindo muito bem, de modo que agora vem a grande pergunta. Quem...

— Policial, por favor, não...

Jack pegou seu 38, apontou-o.

— Quer entrar no próximo trem para Chino?

— N-não.

— Então responda.

Hinton se virou, agarrou o poste.

— P-pierce Patchett. Ele comanda o negócio. Ele é uma espécie de empresário legítimo.

— Descrição, número de telefone, endereço.

— Ele tem uns 50 e poucos anos. Eu a-acho que ele mora em B-brentwood e não sei o número dele porque sou pago p-pelo c-correio.

— Mais sobre Patchett. *Ande*.

— E-ele é o cafetão de garotas maquiadas como estrelas de

cinema. E-ele é rico. E-eu só me encontrei com ele uma vez.

— Quem apresentou vocês?

— Um tal de Ch-chester, que eu costumava ver em M-m-muscle Beach.

— Chester de quê?

— Não sei.

Hinton: encolhendo-se, flexionando — Jack achou que em mais alguns segundos ele se partiria.

— O que mais Patchett vende?

— M-montes de g-garotos e garotas.

— E o que há no Fleur-de-Lis?

— O q-que você d-deseja.

— Sem papo de vendedor, o quê, especificamente?

Mais puto do que apavorado.

— Garotos, garotas, bebida, drogas, revistas de fotos, material de sadomasoquismo!

— Calma aí. Quem mais faz as entregas?

— Eu e Chester. Ele trabalha de dia. Eu não gosto.!

— Onde Chester mora?

— Não sei!

— *Calma aí.* Um monte de gente boa com muito dinheiro usa o Fleur-de-Lis, certo?

— C-certo.

Os discos no furgão.

— Spade Cooley? Ele é freguês?

— N-não, eu só ganhei discos de graça porque fiz uma festa com um tal de Burt Perkins.

— Você conheceria ele. Nomes de alguns clientes. *Anda.*

Hinton se agarrou ao poste. Jack visualizou num segundo: o monstro virando-se, seis balas 38 não bastavam.

— Você vai trabalhar hoje à noite?

— V-vou.

— O endereço.

— Não... por favor.

Jack deu uma geral: carteira, troco, brilhantina, uma chave num bolsinho. Segurou a chave; Hinton bateu com a cabeça, bam, bam — sangue no poste.

— O endereço e eu vou embora.

Bam, bam — sangue na testa do monstro.

— Cheramoya, 5.261B.

Jack largou o lixo dos bolsos.

— Não apareça esta noite. Pode ligar para o seu agente de condicional e dizer que me ajudou, diga que quer ser apanhado por violação, consiga que ele o coloque em algum lugar. Você está limpo nesse negócio, e se eu conseguir pegar Patchett, vou fingir que uma das pessoas das revistas de sacanagem dedurou. *E se você limpar aquele lugar, você vai direto para Chino, porra!*

— M-mas você *d-disse*.

Jack correu para o carro, ligou. Hinton atacou o poste com as mãos limpas.

PIERCE PATCHETT, 50 e poucos anos, “uma espécie de empresário legítimo”.

Jack encontrou um telefone público, ligou para o Departamento de Identificação, para o de Trânsito. Encontrou: Pierce Morehouse Patchett, data de nascimento 30/6/1902, Grosse Pointe, Michigan. Sem registro criminal, Gretna Green, 1.184, Brentwood. Três pequenas infrações de trânsito desde 1931.

Não era muito. Sid Hudgens em seguida — foda-se a suspeita dele com a pornografia. Sinal de ocupado, uma ligação para Morty Bendish do *Mirror*.

— Seção Cidade, Bendish.

— Morty, é Jack Vincennes.

— O Grande V! Jack, quando é que você volta para o Esquadrão de Narco? Preciso de umas boas histórias sobre drogas.

Morty queria papo.

— Assim que eu conseguir que aquele careta do Russ Millard saia do meu pé e eu consiga resolver um caso para ele. E *você* pode ajudar.

— Continue falando, sou todo ouvidos.

— Pierce Patchett. O nome lhe diz alguma coisa?

Bendish assobiou.

— Sobre o que estamos falando?

— Ainda não posso dizer. Mas se o negócio acontecer, você vai ter a exclusiva.

— Você passa para mim antes de passar ao Sid?

— Sim. Agora eu sou todo ouvidos.

Outro assobio.

— Não há muita coisa, mas o que há é de primeira. Patchett é

um sujeito grande e bonito, com uns 50 anos, mas parece ter 38. Está há uns 25 anos em Los Angeles. É uma espécie de especialista em judô ou jiu-jitsu, é químico profissional ou se formou em química. Tem um monte de dinheiro, e eu sei que ele empresta grana para empresários a 30 por cento de juros e uma parte do negócios deles. Sei que ele bancou um bocado de filmes por debaixo dos panos. Interessante, não é? Agora, veja só: corre o boato de que ele é uma espécie de viciado periódico em heroína, que se limpa na clínica de Terry Lux. No total, você poderia chamá-lo de uma figura poderosa nos bastidores.

Terry Lux — cirurgião plástico das estrelas. Chefão do sanatório: curas de bebida e drogas, abortos, desintoxicação de heroína — os policiais olhavam para o outro lado, Terry tratava de graça os políticos de Los Angeles.

— É só isso que você tem, Morty?

— E não basta? Olha, o que eu não tenho, o Sid pode ter. Ligue para ele, mas lembre que eu fico com a exclusiva.

Jack desligou, ligou para Sid Hudgens. Sid atendeu.

— *Hush-Hush*. Extraoficialmente e na moita.

— É o Vincennes.

— Jackie! Tem uma boa fofoca do Nite Owl para o Sidinho?

— Não, mas vou ficar ligado.

— Alguma coisa sobre narcóticos, talvez? Quero fazer um número inteiro sobre viciados; negros músicos de jazz e astros de cinema, talvez ligar aos comunistas, esse caso Rosenberg deixou o público quente, com um termômetro enfiado na bunda. Gosta da ideia?

— É uma beleza. Sid, você já ouviu falar de um sujeito chamado Pierce Patchett?

Silêncio — segundos tiquetaqueando por tempo demais. Sid, parecido demais com o Sid.

— Jackie, só sei que o sujeito é muito rico e o que eu gosto de chamar de “crepuscular”. Ele não é veado, não é comunista, não conhece ninguém que eu possa usar em minha busca de fofocas. Onde ouviu falar dele?

Embromando-o — dava para sentir.

— Um vendedor de revistas de sacanagem me falou.

Estática — respiração sendo controlada.

— Jack, pornografia não tem nada a ver, é estritamente para gente triste que não consegue levantar o pau. Deixe isso de lado e

escreva quando tiver trabalho, *gabishe*?

Desligou — bang! —, uma porta se fechando, cortando você, uma linha que você não pode atravessar de novo. Jack foi para o Bureau, MALIBU RENDEZVOUS estampado naquela porta.

A CARCERAGEM DA Delegacia de Costumes estava vazia, só Millard e Thad Green no vestiário. Jack verificou o quadro de designações — mais ausência de pistas — foi até a sala de suprimentos, na moita. Destrancada — fácil pegar alguma coisa. A favor do vento: os chefões falando do Nite Owl.

— Russ, eu sei que você quer entrar. Mas Parker quer Dudley.

— Ele é muito instável com os negros, chefe. Nós dois sabemos.

— Você só me chama de “chefe” quando quer alguma coisa, capitão.

Millard riu.

— Thad, os sapadores encontraram cartuchos iguais no Griffith Park, e eu ouvi dizer que na rua 77 foram encontradas as carteiras e as bolsas. É verdade?

— Sim, há uma hora, num esgoto. Cobertas de sangue, impressões digitais limpas. A perícia comparou com o sangue das vítimas. Foram os negros, Russ. Eu sei.

— Não creio que sejam os que estão sob custódia. Você consegue imaginá-los deixando uma cena de estupro no lado sul, depois andando de carro com a garota para deixar os amigos abusarem dela e *depois* indo até Hollywood para fazer o serviço do Nite Owl, quando dois deles estão viajando com barbitúricos?

— É uma longa distância, devo admitir. Nós precisamos pegar os outros estupradores e conseguir fazer Inez Soto falar. Até agora ela se recusou. Mas Ed Exley está trabalhando com ela, e Ed Exley é muito bom.

— Thad, não vou deixar meu ego interferir. Sou um capitão, Dudley é tenente. Nós vamos dividir o comando.

— Eu me preocupo com seu coração.

— Um ataque cardíaco há cinco anos não faz de mim um aleijado.

Green riu.

— Vou falar com Parker. Meu Deus, você e Dudley. Que dupla!

Jack encontrou o que queria: um gravador, microfone para grampo telefônico, fones de ouvido. Saiu por uma porta lateral, sem

testemunhas.

ENTARDECER, CHERAMOYA AVENUE: Hollywood, a um quarteirão da Franklin, 5.261: um prédio Tudor, de quatro apartamentos, dois em cima, dois embaixo. Sem luzes — provavelmente tarde demais para encontrar Chester, o homem do dia. Jack apertou a campainha do B — sem resposta. Um ouvido à porta, uma escutada — nenhum som, ponto final. Entrar com a chave.

Grande prêmio: um olhar disse que Hinton jogava direto — nada de limpeza. A utopia da trepada pervertida — estantes do chão ao teto, atulhadas de mercadorias.

Maconha: em folhas, camarões de primeira. Bolas — benzedrina, nembutal, seconal, amarelinhas, azuizinhas. Drogas patenteadas: láudano, misturas à base de codeína, nomes atraentes: Dreamscope, Alvorecer em Hollywood, Luar Marciano. Absinto, álcool puro em frascos, garrafas, galões. Éter, pílulas de hormônio, envelopes de cocaína, heroína. Latas de filme, títulos de sacanagem: *Sr. Pau Grande, Amor anal, Estupro coletivo, Estuprador colegial, Clube do estupro, Virgem chupadora, Amor negro, Foda-me esta noite, O cuzinho delicioso de Susie, Garotos amando, Luxúria do vestiário, Chupe o machão, Jesus come o Papa, Paraíso dos chupadores, Os rabos quentes e os paus de aríete, Rex — o rottweiler tesudo*. Antigas revistas de sacanagem: mulheres chupando paus, rapazes chupando paus, *closes* de penetrações. Empoeiradas — nenhum item quente; espaços vazios, talvez a sacanagem boa, *a sacanagem dele*, estivesse antes ali: será que Lamar havia limpado *aquilo*? Por quê? O resto da merda era crime que rendia até o ano 2000. Fotos — imagens cândidas — astros de cinema pelados. Lupe Velez, Gary Cooper, Johnny Weissmuller, Carole Landis, Clark Gable, Tallulah Bankhead mostrando o pelame, cadáveres fazendo 69 em mesas de necrotério. Uma foto colorida: Joan Crawford trepando com um samoano notavelmente bem-dotado chamado “O.K. Freddy”. Vibradores, coleiras de cachorro, chicotes, correntes, nitrito de amila, calcinhas, sutiãs, anéis para o pau, cateteres, bolsas de enema, sapatos com saltos de 15 centímetros e um manequim coberto por um encerado — feito de massa de papelão, com lábios de borracha, pelos púbicos colados, uma xota feita com mangueira de jardim.

Jack encontrou o banheiro e mijou. Um espelho devolveu seu rosto: velho, estranho. Foi trabalhar: grampo no telefone, folhear a

pornografia antiga.

Material barato, provavelmente feito no México: penteados estilo *cucaracha* em modelos magros e com caras de viciados. Vertigem: sentiu-se tonto, como se houvesse um bagulho batendo bem. A droga nas prateleiras deixava-o salivando; misturou Karen com as fotos. Andou pela sala, pisou num lugar oco, puxou o tapete. Bingo num esconderijo maneiro: um porão, escadas levando a um espaço escuro e vazio.

O telefone tocou.

Jack ligou o grampo, atendeu.

— Oi, “O que você deseja” — imitando Lamar Hinton.

Clique, desligaram, não deveria ter usado o slogan. Meia hora se passou — o telefone tocou.

— Oi, é Lamar. — Voz casual.

Uma pausa, clique.

Fumando um atrás do outro — a garganta doía. O telefone tocou.

Experimentar um murmúrio.

— Sim?

— Oi, é o Seth, de Bel Air. Está a fim de trazer alguma coisa?

— Claro.

— Uma garrafa de absinto. Se vier rápido tem uma gorjeta boa.

— Uh... me dá o endereço de novo, tá?

— Quem poderia esquecer um endereço como o meu? Roscomere, 941, e não embrome.

Jack desligou. Trim trim de novo.

— Sim?

— Lamar, diga a Pierce que eu preciso... Lamar, é você, garotão? SID HUDGENS.

— Lamar — com um tremor.

— Uh, é. Quem é?

Clique.

Jack apertou o “Replay”. Hudgens falou, o reconhecimento espreitando.

SID CONHECIA PATCHETT. SID CONHECIA LAMAR.

SID CONHECIA O NEGÓCIO DO FLEUR-DE-LIS.

O telefone tocou — Jack ignorou. Pé na tábua — tirar o grampo, limpar o telefone, limpar toda a sujeira que ele havia tocado. Pela porta, de fininho — o ar da noite cutucando seus nervos.

OuvIU um carro sendo ligado.

Um tiro acertou a janela da frente; dois tiros na porta.

Jack sacou, disparou — o carro se mandando, faróis desligados.

Sem jeito: dois tiros acertaram uma árvore e lascaram madeira. Mais três, nenhum acertou, o carro rabeando. Portas se abrindo — testemunhas oculares.

Jack pegou seu carro — derrapando, sem faróis até a Franklin e um fluxo principal de tráfego. Sem identificar o carro do atirador: escuro, sem luzes, todos os carros ao redor se parecendo: esguios, estranhos. Um cigarro o acalmou. Foi direto em direção a oeste, para Bel Air.

Roscomere Road: tortuosa, morro acima, mansões com palmeiras na frente. Jack encontrou o 941, parou na entrada de veículos.

Circular, rodeando uma construção pseudoespanhola: um andar, teto baixo de ardósia. Carros enfileirados — um Jaguar, um Packard, dois Cadillacs, um Rolls. Jack saiu — ninguém apareceu. Ele se abaixou, anotou números de placas.

Cinco carros: luxuosos, nada de envelopes do Fleur-de-Lis sobre os bancos aveludados. A casa: janelas iluminadas, cortinas de seda. Jack subiu e olhou.

Soube que nunca esqueceria as mulheres.

Uma quase Rita Hayworth estilo *Gilda*. Uma quase Ava Gardner num vestido de baile verde-esmeralda. Uma quase Betty Grable — maiô de cetim, meias arrastão. Homens de *smoking* misturados — lixo de fundo. Ele não conseguia afastar os olhos das mulheres.

Sósias espantosas. Hinton falando de Patchett: “Ele é o cafetão de garotas maquiadas como estrelas de cinema.” “Maquiadas” não era bem o termo: chame essas mulheres de escolhidas, cultivadas, melhoradas por um especialista. Espantoso.

Veronica Lake atravessou a luz. Seu rosto não era tão próximo: ela apenas exsudava aquela graça de gata. Homens do fundo vieram em bando até ela.

Jack se comprimiu contra o vidro. Vertigem de pornografia, mulheres reais. Sid, aquela porta batendo, aquela frase. Foi para casa, vertigem ruim — doída, coçando, pulando. Viu um cartão da *Hush-Hush* em sua porta, “Malibu Rendez-vous” escrito atrás.

Viu manchetes:

COMBATENTE CONTRA AS DROGAS, DROGADO,
ATIRA EM CIDADÃOS INOCENTES!

CELEBRIDADE DA POLÍCIA INDICIADO POR
ASSASSINATOS!

CÂMARA DE GÁS PARA O GRANDE V! NAMORADA
RICA DIZ *AU REVOIR* NO CORREDOR DA MORTE!

Uma entrada de braços dados — Inez em seu melhor vestido e um véu para esconder os ferimentos. Ed manteve o distintivo à mostra — os fazia passar pela imprensa. Auxiliares ajudavam os convidados a formar filas — o Dream-a-Dreamland estava inaugurado.

Inez estava pasma: a respiração acelerada erguia o véu. Ed olhava para cima, para baixo, para o lado — cada detalhe o remetia ao pai.

Um grande passeio — rua Principal, EUA, 1920 — balcões de refrigerantes, vitrolas automáticas, figurantes dançarinos: o policial de serviço, um jornalista fazendo malabarismo com maçãs, mocinhas dançando *charleston*. O rio Amazonas: crocodilos motorizados, barcos de excursão na selva. Montanhas cobertas de neve; vendedores entregando arcos de cabelo com orelhas de camundongo. O monotrilha do rato Moochie, ilhas tropicais — hectares e hectares de magia.

Andaram de monotrilha: o primeiro carro, a primeira viagem. Alta velocidade, de cabeça para baixo, de cabeça para cima — Inez abriu o cinto de segurança rindo. O tobogã do Mundo de Paul; lanche: cachorro-quente, sorvete de casquinha, bolinhos de queijo do rato Moochie.

“Idílio no deserto”, “A casa maluca do Danny”, uma exposição sobre viagem sideral. Inez parecia estar ficando cansada: empanturrada de empolgação. Ed bocejou — sua noite maldormida cobrando seu preço.

Uma passagem tarde na delegacia: tiroteio em Cheramoya, nenhum perpetrador apanhado. Ele tinha de ir ao local: um prédio de apartamentos, tiros acertando um apartamento do primeiro andar. Estranho: 38, 45 recuperados, a sala inteira forrada de estantes — vazia, a não ser por alguma parafernália sadomasoquista — e sem telefone. O dono do prédio não podia ser rastreado; o

zelador disse que era pago pelo correio, cheques administrativos, ele tinha casa de graça e 100 dólares por mês, por isso estava feliz e não fazia perguntas — nem podia dizer o nome do inquilino. O estado do apartamento indicava uma limpeza rápida — mas ninguém viu nada. Quatro horas escrevendo relatórios — quatro horas roubadas do Nite Owl.

A exposição era uma chatice — uma migalha atirada à cultura. Inez apontou para o banheiro feminino; Ed saiu.

Um passeio VIP — Timmy Valburn guiando figurões. A primeira página do *Herald* chamou sua atenção: Dream-a-Dreamland, Nite Owl, como se nada mais importasse.

Tentou interrogar Coates, Jones e Fontaine — eles não queriam lhe dizer uma palavra. Testemunhas responderam ao apelo para identificar os atiradores do Griffith Park e não puderam identificar os três sob custódia: disseram que “não tinham certeza”. As verificações de veículos expandiram-se para os Fords e Chevys entre 1948 e 1950 — até agora nada quente. Brigando pelo comando do caso: o chefe Parker apoiava Dudley Smith. Thad Green dava força para Russ Millard. Nenhuma espingarda encontrada, nenhum traço do Merc de Sugar Ray. Carteiras e bolsas pertencentes às vítimas foram encontradas num esgoto a poucos quarteirões do Hotel Tevere — combine isso com os cartuchos iguais encontrados no Griffith Park e você tem o que os jornais não relataram: Ellis Loew intimidando Parker para intimidá-lo: “É tudo circunstancial até agora, então ponha o seu garoto Exley trabalhando na garota mexicana, parece que ele está chegando perto dela, faça com que ele a convença a uma sessão de interrogatório com pentotal, vamos pegar alguns detalhes suculentos do sequestro e fixar a hora do Nite Owl de uma vez por todas.”

Inez sentou-se ao seu lado. Eles tinham uma vista: as montanhas da Amazônia, feitas de massa.

— Você está bem? — perguntou Ed. — Quer voltar?

— O que eu quero é um cigarro, e eu nem fumo.

— Então não comece. Inez...

— Sim, vou mudar para o seu chalé.

Ed sorriu.

— Quando tomou essa decisão?

Inez ajustou o véu debaixo do chapéu.

— Vi um jornal no banheiro, e Ellis Loew falava de mim. Parecia feliz, por isso pensei em colocar alguma distância entre nós. Você

sabe, eu nunca lhe agradei a boina.

— Não precisa.

— Preciso, porque normalmente sou mal-educada com americanos que me tratam bem.

— Se está esperando o desfecho da piada, não há nenhum.

— Há, sim. E, oficialmente de novo, não vou falar daquilo com você, não vou olhar fotos e não vou testemunhar.

— Inez, eu mandei uma recomendação para deixarmos você descansar por enquanto.

— E “por enquanto” é um desfecho de piada, e o outro desfecho é que você está me defendendo, o que é bom, porque já fui mais bonita e nenhum mexicano quereria uma mexicana estuprada por uma gangue de *negritos* putos; não que eu desse em cima de mexicanos, de qualquer modo. Sabe o que é assustador, Exley?

— Eu já lhe disse, é Ed.

Inez revirou os olhos.

— Eu tenho um irmão abominável, chamado Eduardo, por isso vou chamar você de Exley. Sabe o que é assustador? O assustador é me sentir bem hoje porque esse lugar parece um sonho maravilhoso, mas sei que a vida ficará muito ruim de novo porque o que aconteceu é cem vezes mais real do que isso. Entende?

— Entendo. Mas, por enquanto, você deveria tentar confiar em mim.

— Não confio em você, Exley. Não “por enquanto”. Talvez nunca.

— Eu sou o único em quem você pode confiar.

Inez baixou o véu.

— Não confio em você porque não os odeia pelo que eles fizeram. Talvez ache que sim, mas você está ao mesmo tempo ajudando a sua carreira. O policial White os odeia. Ele matou um homem que me machucou. Não é tão inteligente quanto você, daí talvez eu confie nele.

Ed estendeu a mão — Inez se desviou.

— Eu quero que eles morram. *Absolutamente muerto. Comprende?*

— Eu *comprende*. Você *comprende* que o seu amado policial White é um capanga assassino?

— Só se você *comprende* ter ciúmes dele. Olhe, ah, meu Deus.

Ray Dieterling, seu pai. Ed se levantou; Inez se levantou com os olhos fascinados.

— Raymond Dieterling, meu filho Edward — disse Preston. —

Edmund, poderia apresentar esta jovem?

Inez direto para Dieterling.

— Senhor, é um prazer conhecê-lo. Eu sou... ah, não passo de uma grande fã.

Dieterling pegou sua mão.

— Obrigado, querida. E o seu nome?

— Inez Soto. Eu vi... ah, eu não passo de uma grande fã.

Dieterling sorriu, triste — a história da garota era manchete de primeira página. Virou-se para Ed:

— Sargento, é um prazer.

Um bom aperto de mão.

— É uma honra, senhor. E parabéns.

— Obrigado, e eu compartilho os parabéns com o seu pai. Preston, seu filho tem um bom olho para as damas, não é?

Preston riu.

— Srta. Soto, Edmund raramente mostrou tamanho bom gosto.

— Em seguida ele entregou a Ed um pedaço de papel. — Um policial do xerife ligou para casa procurando você. Eu peguei o recado.

Ed pegou o recado; Inez ruborizou por trás do véu. Dieterling sorriu.

— Srta. Soto, gostou do Dream-a-Dreamland?

— Sim, gostei. Ah, meu Deus, sim.

— Fico feliz, e quero que saiba que, quando desejar, você tem um bom emprego garantido aqui. Só precisa dizer.

— Obrigada, senhor, obrigada, senhor — Inez trêmula.

Ed firmou-a, olhou para o recado: “Stensland contando vantagem no Raincheck Room, W. Gage, 3.871. Reunião de criminosos, agente de condicional alertado. Esperando você — Keefer.”

Os sócios se afastaram, fazendo reverências; Inez acenou para eles.

— Eu levo você de volta — disse Ed mas primeiro tenho que dar uma paradinha.

VOLTARAM PARA LOS ANGELES, o rádio ligado, Inez batucando o ritmo no painel. Ed repassava cenas: Stensland esmagado com frases curtas. Uma hora até o Raincheck Room — Ed estacionou atrás de um carro não oficial do departamento do xerife.

— Serão apenas alguns minutos. Fique aqui, certo?

Inez assentiu. Pat Keefer saiu do bar; Ed desceu, assobiou.

Keefer se aproximou; Ed o guiou para longe de Inez.

— Ele ainda está lá?

— Está, bêbado como um gambá. Eu já ia desistir de você.

Um beco escuro perto do bar.

— Onde está o sujeito da condicional?

— Ele me disse para pegá-lo; esse lugar é jurisdição do condado.

Os colegas dele foram embora, de modo que é só ele.

Ed apontou para o beco.

— Traga-o para fora algemado.

Keefer entrou de novo; Ed esperou junto à porta do beco. Gritos, sons ocos, Dick Stens arrastado para fora; fedendo, desgrehado. Keefer puxou a cabeça dele para trás; Ed o acertou: para cima, para baixo, socos até o braço não aguentar mais. Stens caiu no chão com ânsias de vômito; Ed chutou-o na cara, tropeçou. Inez na calçada. A frase curta dela:

— O policial White é o capanga assassino?

Bud deu café à mulher — tirá-la dali, ir ver Stens na cadeia.

Carolyn não-sei-das-quantas, ela parecia bem no Orbit Lounge, a luz da manhã dava-lhe dez anos a mais. Ele a pegou num flash: tinha acabado de receber a notícia sobre Dick, se não conseguisse encontrar uma mulher, acharia Exley e o mataria. Ela não era ruim na cama — mas ele teve de pensar em Inez para aumentar o entusiasmo, isso o fez sentir-se barato, as chances de Inez realizá-lo por amor eram aproximadamente seis trilhões contra uma. Parou de pensar nela — o resto da noite foi toda de conversa ruim e conhaque.

— Acho que eu devo ir — disse Carolyn.

— Eu ligo para você.

A campainha tocou.

Bud acompanhou Carolyn. Do outro lado da tela: Dudley Smith e um detetive de West Valley — Joe DiCenzo.

Dudley sorriu; DiCenzo assentiu. Carolyn se mandou — como se soubesse que eles sabiam de tudo. Bud olhou para sua sala de visitas: o sofá-cama aberto, uma garrafa, dois copos.

DiCenzo apontou para a cama:

— Aí está o álibi dele, e de qualquer modo não creio que ele tenha feito o negócio.

Bud fechou a porta.

— Feito o *quê*? O que é, chefe?

Dudley suspirou.

— Garoto, trago más notícias. Ontem à noite uma juvenzinha chamada Kathy Janeway foi encontrada num quarto de motel, estuprada e espancada até a morte. Seu cartão de visita foi achado na bolsa dela. O sargento DiCenzo pegou a deixa, sabia que você era meu protegido e me ligou. Eu visitei a cena do crime, encontrei um envelope endereçado à Srta. Janeway e reconheci

imediatamente sua letra disforme. Explique com brevidade, garoto... O sargento DiCenzo está cuidando da investigação e quer você eliminado como suspeito.

Um choque — a pequena Kathy soluçando. Bud sacou suas mentiras rapidamente.

— Eu estava verificando o histórico de Cathcart, e uma puta que trabalhava para ele me contou que Janeway era a namorada mais recente de Cathcart, mas que ele não a prostituía. Falei com a garota, mas ela não sabia nada que valesse a pena ser reportado. Disse que a puta estava guardando o dinheiro que Cathcart tinha deixado para ela, mas que não queria soltá-lo. Eu dei um arrocho nela e mandei o dinheiro para a garota.

DiCenzo balançou a cabeça.

— Você arrocha putas com rotina?

Dudley suspirou.

— Bud tem uma fraqueza sentimental pelas mulheres, e acho o relato dele possível, dentro das limitações dessa limitação. Garoto, quem era essa “puta” que você mencionou?

— Cynthia Benavides, vulgo Cindy Pecadora.

— Garoto, você não incluiu uma menção a ela em qualquer dos relatórios que preencheu. E que têm sido bem escassos, devo acrescentar.

Mentiras: esconder a pornografia, o apartamento de Cathcart limpo, o cafetão que vendeu Kathy a Duke.

— Não achei que ela fosse importante.

— Garoto, ela é uma testemunha tangencial para o Nite Owl. E eu não lhe ensinei a ser detalhado em seus relatórios?

Furioso agora — Kathy numa mesa de necrotério.

— É, ensinou.

— E o que, exatamente, você conseguiu desde aquele nosso jantar, que foi quando você *deveria* ter falado da Srta. Janeway e da Srta. Benavides?

— Ainda estou verificando os possíveis conhecidos de Lunceford e Cathcart.

— Garoto, os conhecidos de Lunceford estão fora desta investigação. Você ficou sabendo alguma coisa sobre Cathcart?

— Não.

Dudley para DiCenzo:

— Garoto, está satisfeito porque Bud não é o seu homem?

DiCenzo pegou um charuto.

— Estou satisfeito. E estou satisfeito por ele não ser o homem mais inteligente da Terra. White, me diz uma coisa. Quem você acha que apagou a garota?

O sedã vermelho: o motel, Cahuenga.

— Não sei.

— Resposta sucinta. Joe, pode me dar alguns minutos a sós com meu amigo, por favor?

DiCenzo saiu fumando; Dudley se encostou na porta.

— Garoto, você não pode arrochar prostitutas em troca de dinheiro para pagar amantes menores de idade. Entendo sua ligação sentimental com as mulheres, e sei que este é um componente básico de seu lado policial, mas um envolvimento desse tamanho não pode ser tolerado, e a partir desse momento você está fora das investigações sobre Cathcart e Lunceford e de volta à relação entre o bairro negro e o caso. Bom, o chefe Parker e eu estamos convencidos de que os três negros sob custódia são os criminosos, ou, no máximo, outra gangue de negros é responsável. Ainda não temos as armas dos assassinatos nem o carro de Coates, e Ellis Loew quer mais provas para uma apresentação ao júri de instrução. Nossa bela Srta. Soto não quer falar, e receio que devamos insistir para que ela tome pentotal e passe por uma sessão de interrogatório. Seu trabalho é verificar dossiês e questionar criminosos sexuais negros conhecidos. Precisamos encontrar os homens que nossos três marginais deixaram que abusassem da Srta. Soto, e creio que o trabalho é a sua cara. Vai fazer isso para mim?

Grandes palavras — mais choques.

— Claro, Dud.

— Bom garoto. Vá para a Delegacia da Rua 77 e faça relatórios mais detalhados.

— Certo, chefe.

Smith abriu a porta.

— Eu faço essa reprimenda com muito afeto, filho. Sabe disso?

— Claro.

— Ótimo. Você está sempre nos meus pensamentos, garoto. O chefe Parker me deu aprovação para uma nova medida de contenção, e já designei Dick Carlisle e Mike Breuning. Assim que fecharmos o caso Nite Owl, vou pedir que você se junte a nós.

— Parece bom, chefe.

— Ótimo. E, garoto, tenho certeza de que você sabe que Dick Stensland foi preso e Ed Exley tomou parte nisso. Não vá retaliar.

Entende?

O SEDÃ VERMELHO... digamos que seja um talvez.

O apartamento de Cathcart revistado e limpo, as roupas reviradas — ?????

Cindy Pecadora: o sonho impossível de Duke com a pornografia.

Pluma Royko falando de Duke: “Ligado em algum novo esquema comercial.”

O sócia de Duke tentando recrutar garotas nos bares. A Delegacia de Costumes verificada: zero sobre a pornografia que estavam investigando. Jack V, o Lata de Lixo, o ás das matérias jornalísticas, chamado para uma transferência para o Nite Owl — disse que o trabalho era de segunda. O último resumo de Millard no comando: resolver o caso.

Mentiu para Dudley e foi em frente.

Se tivesse denunciado a pequena Kathy para o juiz de menores, ela estaria lendo uma revista de cinema em algum lugar.

O CAFETÃO QUE A VENDEU PARA DUKE: “O CARA ME OBRIGAVA A FAZER COM CARAS.”

EXLEY EXLEY EXLEY EXLEY EXLEY EXLEY EXLEY...

A FOLHA CORRIDA de Cindy Pecadora — quatro bares de putas listados. Primeiro, a casa dela — nada de Cindy. Hal’s Nest, o Moonmist Lounge, o Firefly Room, o Cinnabar na Roosevelt — nada de Cindy. Uma antiga história da Costumes: putas se reunindo no Tiny Naylor’s Drive-in — as garçonetes arranjavam clientes para elas. Ir para o Tiny’s, o De Soto de Cindy do lado de fora — uma bandeja de comida presa à porta.

Bud estacionou ao lado. Cindy o viu, derrubou a bandeja, levantou a janela. Vaam — o De Soto em marcha a ré. Bud correu, levantou o capô, arrancou o distribuidor — o carro morreu.

Cindy baixou o vidro.

— Você roubou meu dinheiro! Você arruinou meu almoço!

Bud largou uma nota de 5 dólares no colo dela.

— O almoço é por minha conta.

— Tremendo figurão! Tremendo perdulário!

— Kathy Janeway foi estuprada e espancada até a morte. Entregue o antigo cafetão dela, entregue os clientes dela.

Cindy encostou a cabeça no volante. A buzina soou; ela voltou

pálida, sem lágrimas.

— Dwight Gillette. Ele é uma espécie de negro que se passa por branco. Não sei nada sobre os antigos clientes dela.

— Gillette tem um carro vermelho?

— Não sei.

— Você tem o endereço dele?

— Ouvi dizer que ele mora num loteamento em Eagle Rock. É só para brancos, de modo que ele se finge. Mas eu sei que ele não matou ela.

— Como sabe?

— Ele é bicha. Tem cuidado com as próprias mãos, e nunca encosta numa garota.

— Mais alguma coisa?

— Ele usava uma faca. As garotas dele o chamam de Lâmina Azul, porque o nome dele é Gillette.

— Você não parece surpresa por Kathy ter dançado.

Cindy tocou os próprios olhos — totalmente secos.

— Ela nasceu para isso. Dukey a amaciou, por isso ela parou de odiar os homens. Mais uns anos, e ela teria aprendido. Merda, eu deveria ter tratado ela melhor.

— É, eu também.

EAGLE ROCK, VERIFICAÇÃO no Departamento de Identificação: Dwight Gillette, vulgo Lâmina, vulgo Lâmina Azul, Hibiscus, 3.245, Loteamento Eagle's Aerie. Seis prisões por suborno, sem condenações, listado como branco — se era negro, estava se disfarçando com estilo. Bud encontrou o loteamento: aconchegantes cubos de estuque, a Hibiscus era um ponto de primeira: uma vista enfumaçada de Los Angeles.

3.245: pintada de cor pêssego, flamingos de ferro no gramado, um sedã azul na entrada de veículos. Bud foi até lá, apertou a campainha — sinos tilintantes soaram.

Um sujeito amarelado apareceu. Uns 30 anos, baixo, gorducho, calças e camisa de seda.

— Ouvi pelo rádio, por isso achei que vocês apareceriam. O rádio disse que foi à meia-noite, e eu tenho um álibi. Ele mora um quarteirão adiante e posso trazê-lo num instante. Kathy era uma menina doce, e eu não sei quem faria uma maldade dessas. E vocês não costumam aparecer em duplas?

— Terminou?

— Não. Meu álibi é meu advogado, ele ainda mora a um quarteirão de distância e é muito bem colocado na American Civil Liberties Union.

Bud o empurrou para dentro de casa, assobiou.

O céu das bichas: tapetes fundos, estátuas de deuses gregos. Nus masculinos na parede — pintados em veludo.

— Bonito — disse Bud.

Gillette apontou para o telefone.

— Dois segundos, ou eu ligo para o meu advogado.

Jogando rápido.

— Duke Cathcart. Você vendeu Kathy para ele, não foi?

— Kathy era cabeça-dura, Duke me fez uma oferta, Duke morreu naquela coisa horrenda do Nite Owl, portanto não diga que eu sou suspeito daquilo.

Sem se abalar.

— Ouvi dizer que Duke estava vendendo pornografia. Você ouviu falar nisso?

— Pornografia é *déclassé*, e a resposta é não.

Mais sem se abalar.

— Diga o que falam do Duke. O que você ouviu dizer?

Gillette se levantou, projetando o quadril.

— Ouvi dizer que havia um cara perguntando pelo Duke, aparecendo como se fosse o Duke, talvez pensando em acabar com o prostíbulo dele, não que lhe restasse um grande prostíbulo, pelo que eu soube. Agora, por favor, quer me deixar em paz antes que eu ligue para o meu amigo?

O telefone tocou — Gillette foi para a cozinha, pegou uma extensão. Bud se aproximou devagar. Coisa boa: geladeira, fogão elétrico aceso no máximo: ovos, água fervendo, cozido.

Gillette estalou sons de beijinhos, desligou.

— Você ainda está aí?

— Belo lugar, Dwight. Os negócios devem ir bem.

— Os negócios estão excelentes, muito obrigado.

— Bom. Eu preciso de uma dica sobre os antigos clientes de Kathy, de modo que preciso que abra o seu livro de putas.

Gillette apertou um interruptor acima da pia. Um motor roncou; ele jogou cascas pelo buraco do triturador. Bud desligou o interruptor.

— Seu livro de putas.

— No, *nein*, *nyet* e nunca.

Bud deu-lhe um gancho na barriga. Gillette rolou, pegou uma faca, girou. Bud pulou de lado, chutou o saco dele. Gillette se dobrou ao meio; Bud apertou o interruptor do triturador de lixo. O motor guinchou; Bud enfiou pelo buraco a mão do veado com a faca.

PRRIIIII — a pia espirrou sangue, osso. Bud puxou a mão de volta, menos alguns dedos — PRRIIII cinquenta vezes mais alto. Os cotocos nos queimadores do fogão, cotocos na geladeira, chiando.

— ME DÊ A PORRA DO LIVRO DE PUTAS — através de uma câmara de eco com PRRRIIIII.

Os olhos de Gillette se revirando para trás.

— Gaveta... perto da TV... ambulância.

Bud largou-o, correu para a sala. Gavetas vazias, de volta à cozinha — Gillette no chão comendo papel.

Esganar: Gillette cuspiu uma página comida pela metade. Bud pegou a bola de papel, saiu meio cambaleando, a carne queimada fazendo-o engasgar. Alisou o papel: nomes, números de telefone — manchados, dois legíveis: Lynn Bracken, Pierce Patchett.

Jack à mesa, inventariando mentiras.

No trabalho: uma série de relatórios sem saída; zeros legítimos dos outros caras do esquadrão totalizavam a sorte: Millard queria largar o trabalho com a pornografia. Contar as ausências no serviço como mentiras — ele passara um dia inteiro caçando nomes que se ajustassem aos carros em Bel Air. Quatro nomes batiam; sem sorte numa agência de modelos especializada em sósias de estrelas de cinema — nenhuma das meninas chegava perto daquelas beldades. Deixar os nomes de lado, marcar o dia como um desperdício — Sid Hudgens tornava a investigação uma questão morta. Ele só queria ver as mulheres de novo — acrescentar esta às suas mentiras para Karen.

Os dois passaram a manhã na casa de praia dela. Karen queria fazer amor; ele recusou com uma cascata: estava distraído, pedira para ser destacado para o Nite Owl porque a justiça era importante demais. Karen tentou despi-lo; ele disse que sofrera uma luxação nas costas; não disse estar desinteressado porque só queria usá-la, conseguir que ela fizesse amor com outras mulheres, recriar situações das revistas de sacanagem. A maior mentira; não disse a ela que finalmente pisara em merda que não se transformava em perfume, que entrara numa jogada que poderia arremessá-lo para a porta da câmara de gás, que seu bilhete de volta à Narco dizia *adiós*, pombinhos — porque ela associaria 24 de outubro de 1947 a todas as suas outras mentiras, e seu mocinho cuidadosamente construído, o Grande V, iria se transformar em fumaça.

Não contou a ela que estava aterrorizado. Ela não sentiu — a fachada dele continuava firme.

Outras fachadas se mantinham — pura sorte.

Sid não ligara, seu exemplar mensal da *Hush-Hush* chegara em dia — sem bilhete, alguma fofoca sobre Max Peltz e meninas

adolescentes —, nada assustador. Ele verificou o relatório sobre os tiros no Fleur-de-Lis: o garoto esperto Ed Exley atendeu ao chamado. Exley estava pasmo: nenhuma ideia sobre os inquilinos da boca, as prateleiras limpas — só restando um pouco de merda de sadomasoquismo — o resto devia estar no esconderijo subterrâneo. Sem dúvida os tiros foram dados por Lamar Hinton — um brinde gratuito —, o Grande V estava fora do caso, o Grande V tinha uma nova missão.

Sid Hudgens conhecia Pierce Patchett e o Fleur-de-Lis; Sid Hudgens conhecia o Malibu Rendez-vous. Sid tinha uma porrada de dossiês de sujeiras arquivados. Trabalho do Grande V: encontrar o *seu* dossiê, destruí-lo.

Jack verificou sua lista, nomes associados a fotos do Departamento de Veículos.

Seth David Krugliak, dono da mansão de Bel Air — gordo, oleoso, advogado do pessoal do cinema. Pierce Morehouse Patchett, chefão do Fleur-de-Lis — Sr. Afabilidade. Charles Walker Champlain, banqueiro de investimentos — cabeça raspada, cavanhaque. Lynn Margaret Bracken, 29 anos — Veronica Lake. Sem ficha criminal.

— Olá, garoto.

Jack girou.

— Dud, como vai? O que o traz à Costumes?

— Uma confabulação com Russ Millard, meu colega no Nite Owl agora. E falando nisso, ouvi dizer que você quer participar.

— Ouviu certo. Dá para conseguir?

Smith passou-lhe uma folha mimeografada.

— Já consegui, garoto. Você vai se juntar à busca do carro de Coates. Cada garagem dentro do raio de alcance dessa folha deve ser verificada; com ou sem o consentimento do dono. Você deve começar imediatamente.

Um mapa: sul de Los Angeles, uma grade de ruas.

— Garoto, eu preciso de um favor pessoal.

— Diga.

— Quero que você siga Bud White. Ele se envolveu pessoalmente na morte infeliz de uma menina prostituta, e eu preciso que ele fique estável. Você, que é um grande perseguidor, pode ficar atrás dele às noites?

Bud Malvadeza — sempre parado em figuras desgarradas.

— Claro, Dud. Onde ele está trabalhando?

— Na Delegacia da Rua 77. Foi designado para arrochar negros com fichas de crimes sexuais. Está durante o dia na 77, e você também vai aparecer lá eventualmente.

— Dud, você é um salva-vidas.

— Poderia ser mais específico, garoto?

— Não.

Memorando:

“De: Chefe Parker. Para: Chefe Green, capitão R. Millard, tenente D. Smith, sargento E. Exley. Reunião: sala do chefe, 16 horas, 23/4/53. Assunto: Interrogatório da testemunha Inez Soto.”
Nota do seu pai: “Ela é maravilhosa, e Ray Dieterling ficou muito impressionado. Mas é uma testemunha material e mexicana, e eu o aconselho a não ficar ligado demais a ela. E sob nenhuma circunstância você deve viver com ela. A coabitação vai contra as regras do Departamento, e estar com uma mexicana pode prejudicar seriamente a sua carreira.”

Parker chutando.

— Ed, o caso do Nite Owl está se estreitando em volta dos negros sob custódia ou alguma outra gangue. Agora, corre o boato de que você se aproximou da garota Soto. O tenente Smith e eu julgamos imperativo que ela passe por um interrogatório para elucidar a questão da hora, quer isso signifique ou não um álibi para os três sob custódia, e que identifique os outros homens que a agrediram. Achamos que pentotal é o melhor modo de obter resultados, e o pentotal funciona melhor quando a pessoa está tranquila. Queremos que você convença a Srta. Soto a cooperar. Ela provavelmente confia em você, de modo que você terá credibilidade.

Inez pós-Stensland: chocada, pressionada para se mudar para Arrowhead.

— Senhor, acho que até agora todas as nossas provas são circunstanciais. Deveríamos conseguir mais corroborações antes de eu abordar a Srta. Soto, e eu gostaria de interrogar Coates, Jones e Fontaine de novo.

Smith riu.

— Garoto, eles se recusaram a falar com você no outro dia, e

agora estão com um defensor público comunista, que os aconselha a ficarem mudos. Ellis Loew quer uma apresentação ao júri de instrução... Nite Owl e sequestro... e você pode facilitar isso. Luvas de pelica não nos levaram a lugar algum com nossa bela Srta. Soto, e está na hora de parar de ficar paparicando a moça.

— Tenente, eu concordo com o sargento Exley — disse Russ Millard. — Se continuarmos com pressão na zona sul, vamos encontrar testemunhas do estupro e talvez encontremos o carro de Coates e as armas. Meus instintos me dizem que as lembranças que a garota tem daquela noite podem estar turvas demais para servir de alguma coisa, e se nós a fizemos lembrar, isso pode estragar sua vida mais do que já está estragada. Dá para visualizar Ellis Loew interrogando-a diante de um júri de instrução? Não seria muito bonito, não é?

Smith riu — direto para Millard.

— Capitão, você fez muita política para dividir esse comando comigo, e agora vem com uma sensibilidade de freira lamurienta. Essa é uma chacina brutal que exige solução rápida e dura, e não uma festa de irmãs de caridade. E Ellis Loew é um promotor brilhante e um homem compassivo. Tenho certeza de que ele vai cuidar com carinho da Srta. Soto.

Millard engoliu um comprimido, ajudou-o a descer com água.

— Ellis Loew é um bufão doido por manchetes, e não um policial, e ele não deveria determinar a direção dessa investigação.

— Meu capitão, julgo esse comentário praticamente sedicioso em sua...

Parker ergueu uma das mãos.

— Chega, cavalheiros. Thad, poderia levar o capitão Millard e o tenente Smith até o corredor e pagar um café para eles enquanto eu falo com o sargento aqui?

Green levou os dois para fora.

— Ed — disse Parker —, Dudley está certo.

Ed ficou quieto. Parker apontou para uma pilha de jornais:

— A imprensa e o público exigem justiça. Nós vamos ficar muito mal se não resolvermos isso logo.

— Eu sei, senhor.

— Você se importa com a garota?

— Sim.

— Sabe que cedo ou tarde ela terá de cooperar?

— Senhor, não a subestime. Ela é de aço por dentro.

Parker sorriu.

— Então vejamos quanto aço você possui. Convença-a a cooperar, e se tivermos corroboração suficiente para convencer Ellis Loew de que ele possui um júri de instrução que será um sucesso absoluto, eu coloco você na lista de promoção. Você será de imediato um tenente-detetive.

— E terei um comando?

— Arnie Reddin se aposenta mês que vem. Eu lhe dou o Esquadrão de Detetives de Hollywood.

Ed sentiu arrepios.

— Ed, você está com 31 anos. Seu pai só chegou a tenente aos 33.

— Deixe comigo.

Grupo dos pervertidos:

Cleotis Johnson, agressor sexual fichado, pastor da Nova Igreja Episcopal Metodista Santuário de São, tinha um álibi para a noite em que Inez Soto foi sequestrada: estava na cela dos bêbados da rua 77. Davis Walter Bush, agressor sexual fichado, álibi confirmado por uma dúzia de testemunhas: estavam num jogo de dados que durou a noite inteira na sala de recreação da Nova Igreja Episcopal Metodista Santuário de São. Fleming Peter Hanley, agressor sexual fichado, passou aquela noite na Emergência do Central: um travesti mordeu seu pau; uma equipe da emergência trabalhou para salvar o órgão, para que ele pudesse conseguir mais algumas condenações por sodomia e espancamento.

Grupo dos pervertidos, uma ligação para o hospital de Eagle Rock: Dwight Gillette deu entrada lá. Foi um escorregão: a bicha não o entregou.

Mais quatro agressores sexuais com álibis; uma passagem na carceragem do Palácio da Justiça. Stens voando alto em álcool — um carcereiro lhe deu um coquetel preparado no banheiro. Falando sem parar: Ed Exley, pato Danny comendo o rabo de Ellis Loew.

Casa, um banho de chuveiro, verificações no Departamento de Trânsito: Pierce Patchett, Lynn Bracken. Ligações — um colega que trabalha na Assuntos Internos, Delegacia de West Valley. Bons resultados: nenhuma denúncia do Gillette, três homens trabalhando no assassinato de Kathy.

Outro banho — ele ainda podia sentir o cheiro do dia no corpo.

BUD FOI PARA BRENTWOOD: arrochar Pierce Morehouse Patchett, sem ficha criminal — nome estranho para estar no caderno de um cafetão. Gretna Green, 1.184, grande mansão espanhola: toda rosa,

montes de ladrilhos.

Estacionou, desceu. Luzes da varanda se acenderam: foco suave num homem numa poltrona. Identificou as características de Patchett segundo o Departamento de Trânsito, parecia uma porrada de anos mais novo do que sua data de nascimento.

— O senhor é da polícia?

Suas algemas estavam penduradas no cinto.

— Sou. O senhor é Pierce Patchett?

— Sou. Está fazendo coleta para caridade da polícia? Na última vez vocês ligaram para o meu escritório.

Olhos injetados — talvez viajando em alguma coisa. Músculos de halterofilista, camisa apertada para mostrá-los. Voz tranquila — falava como se vivesse sentado no escuro esperando o aparecimento de policiais.

— Eu sou detetive da Homicídios.

— Ah? Quem foi morto, e por que acha que eu posso ajudá-lo?

— Uma garota chamada Kathy Janeway.

— Isso é só metade da resposta, senhor...

— Policial White.

— Sr. White, então. De novo, por que acha que eu posso ajudá-lo?

Bud puxou uma poltrona.

— O senhor conhecia Kathy Janeway?

— Não, não conhecia. Ela disse que me conhecia?

— Não. Onde estava ontem à meia-noite?

— Estava aqui, dando uma festa. Se for necessário, o que espero que não seja, eu lhe dou uma lista dos convidados. Por que...

Bud interrompeu:

— Delbert Cathcart, o Duke.

Patchett suspirou.

— Também não conheço. Sr. White...

— Dwight Gilette. Lynn Bracken.

Um grande sorriso.

— Sim, conheço essas pessoas.

— É? Então prossiga.

— Deixe-me interromper. Algum deles deu o meu nome?

— Eu arrochei Gilette para pegar o livro de putas dele. Ele tentou engolir a página onde estava o seu nome e o dessa tal de Bracken. Patchett, por que um cafetão de merda tem o seu número de telefone?

Patchett se inclinou para a frente.

— O senhor se importa com questões criminais periféricas ao assassinato de Janeway?

— Não.

— Então não se sentiria obrigado a reportá-las.

O escroto tinha estilo.

— Isso mesmo.

— Então ouça atentamente, porque só vou dizer uma vez, e se for repetido eu nego. Eu administro garotas de programa. Lynn Bracken é uma delas. Eu comprei Lynn de Gilette há alguns anos, e se Gilette tentou comer meu nome é porque ele sabe que eu odeio e temo a polícia, e achou — corretamente — que eu o esmagaria como a um inseto se percebesse que ele tivesse colocado a polícia em cima de mim. Agora, eu trato minhas garotas muito bem. Eu próprio tenho filhas, e a morte me levou uma menina ainda no berço. Não gosto da ideia de mulheres sendo machucadas e francamente disponho de muito dinheiro para desfrutar das delícias de que gosto. Essa Kathy Janeway morreu de um jeito horrível?

Espancada até a morte, sêmen na boca, no reto, na vagina.

— Sim, muito horrível.

— Então encontre o assassino, Sr. White. Tenha sucesso, e eu lhe dou uma bela recompensa. Se isso for contra a sua moral, eu doo o dinheiro para a instituição de caridade da polícia.

— Obrigado, mas não.

— É contra o seu código?

— Eu não tenho código. Fale de Lynn Bracken. Ela trabalha na rua?

— Não, por chamada. Gilette estava arruinando a garota com clientes ruins. Eu *sou* muito seletivo com quem minhas garotas andam, a propósito.

— Então o senhor a comprou do Gilette.

— Isso mesmo.

— Por quê?

Patchett sorriu.

— Lynn se parece muito com a atriz Veronica Lake, e eu precisava dela para completar meu pequeno estúdio.

— Que “pequeno estúdio”?

Patchett balançou a cabeça.

— Não. Eu admiro seu estilo intrometido e sinto que o senhor está em seu melhor comportamento, mas é só isso que vou lhe

fornecer. Eu cooperei, e se o senhor insistir, vou colocá-lo em contato com meu advogado. Agora, o senhor gostaria do endereço de Lynn Bracken? Duvido que ela saiba alguma coisa sobre a falecida Srta. Janeway, mas se quiser, eu ligo para ela e digo para cooperar.

Bud apontou para a casa.

— Eu tenho o endereço dela. O senhor conseguiu essa casa cafetinando garotas de programa?

— Eu sou um investidor. Tenho pós-graduação em química, trabalhei como farmacêutico durante vários anos e investi bem. “Empreendedor” é a palavra que me define. E não venha com gíria de criminosos, Sr. White. Não faça com que eu me arrependa de ter me nivelado ao senhor.

Bud observou-o. Apostava dois contra um que ele estava se nivelando, achava que policiais eram insetos com os quais valia a pena se nivelar de vez em quando.

— Certo, então vou encerrar.

— Por favor.

Pegando o caderno de anotações.

— O senhor disse que Gilette era o cafetão de Lynn Bracken, certo?

— Não gosto da palavra “cafetão”, mas é isso mesmo.

— Certo. Alguma outra garota era cafetinada antes nas ruas, por telefone?

— Não, todas as minhas garotas são modelos ou moças que salvei do sofrimento geral de Hollywood.

Mudando rápido:

— O senhor não lê muito jornal, certo?

— Certo. Tento evitar más notícias.

— Mas ouviu falar do Massacre do Nite Owl.

— Sim, porque não vivo numa caverna.

— O tal de Duke Cathcart foi uma das vítimas. Ele era cafetão, e ultimamente havia um sujeito fazendo perguntas sobre ele, tentando conseguir que garotas trabalhassem para ele. Bom, Gilette era cafetão de Kathy Janeway, e o senhor o conhece. Estou achando que talvez o senhor pudesse fazer negócios com outras pessoas que pudessem me dar alguma dica sobre isso.

Patchett cruzou as pernas, espreguiçou-se.

— Então o senhor crê que “esse cara” talvez tenha matado Kathy Janeway?

— Não, não acho isso.

— Ou acha que ele está por trás do negócio do Nite Owl. Eu pensava que uns jovens negros fossem os suspeitos dos assassinatos. Qual crime o senhor está investigando, Sr. White?

Bud agarrou a poltrona — o tecido se rasgou. Patchett ergueu as mãos, com as palmas para cima.

— A resposta às suas perguntas é não. Dwight Gilette é a única pessoa dessa laia com quem eu lidei. A prostituição de baixo nível não é meu campo de especialização.

— E quanto a invasão de domicílio e furto?

— Invasão de domicílio e furto?

— O apartamento de Cathcart foi revistado, e as paredes foram limpas.

Patchett deu de ombros.

— Sr. White, o senhor agora está falando sânscrito. Simplesmente não sei o que está dizendo.

— É? E quanto a pornografia? O senhor conhece Gilette, ele lhe vendeu Lynn Bracken, e vendeu Kathy Janeway para Cathcart, que supostamente iniciava um negócio de pornografia.

“Pornografia” acendeu alguma coisa nele — pequenos tremores nos olhos.

— Isso lhe diz algo? — perguntou Bud.

Patchett pegou um copo, girou cubos de gelo.

— Nada, e suas perguntas estão ficando cada vez mais disparatadas. Sua abordagem foi nova, por isso tolerei. Mas está me desgastando, e estou começando a achar que seus motivos para estar aqui são bastante nebulosos.

Bud se levantou puto da vida, não tinha nada para agarrar no sujeito.

— Uma de suas motivações secundárias é uma questão pessoal, não é? — perguntou Patchett.

— É.

— Se for a tal de Janeway, mantenho o que disse. Posso subornar mulheres para atividades ilícitas, mas elas são muito bem recompensadas, eu as trato muito bem e me certifico de que os homens com quem lidam demonstrarão todo o respeito. Boa noite, Sr. White.

PENSAMENTOS PARA A VIAGEM de carro: como foi que Patchett sacou

tão depressa a sua intenção, sua dissimulação de evidências saiu pela culatra — Dudley suspeitando, querendo saber até onde ele iria para prejudicar Exley. Lynn Bracken morava em Nottingham, perto de Los Feliz; achou o endereço fácil — um tríplice estilo moderno. Luzes coloridas saíam pelas janelas — olhou antes de tocar a campainha.

Vermelho, azul, amarelo — figuras atravessavam os fachos. Bud ficou assistindo a seu próprio show de sacanagem.

Uma Veronica Lake idêntica, nua da cabeça aos pés: esguia, peitos cheios. Loura — cabelo num corte pajem perfeito. Um homem se mexendo dentro dela, esforçando-se, curvando-se para encaixar.

Bud olhava; os sons da rua foram sumindo. Ele obliterou o homem, estudou a mulher: cada centímetro do corpo em cada tom de luz. Foi para casa com esta visão — nada além dela.

Inez Soto em sua porta.

Bud se aproximou. Ela disse:

— Eu estava na casa de Exley em Lake Arrowhead. Ele disse que não ia cobrar nada, depois apareceu e disse que eu tinha de tomar uma tal droga para lembrar. Eu recusei. Sabe que você é o único Wendell White no catálogo?

Bud ajeitou o chapéu dela, enfiou uma ponta solta do véu sob a aba.

— Como chegou aqui?

— Peguei um táxi. Cem dos dólares de Exley, de modo que ao menos ele serve para algo. Policial White, eu não quero lembrar.

— Doçura, você já lembrou. Venha, eu lhe arranjo um lugar.

— Quero ficar com você.

— Eu só tenho um sofá-cama.

— Por mim está bem. Acho que é preciso haver uma primeira vez de novo.

— Descanse e arranje para você um garoto de faculdade.

Inez se levantou.

— Eu estava começando a confiar nele.

Bud abriu a porta. A primeira coisa que viu foi o sofá-cama — desarrumado por Carolyn ou qualquer que fosse o nome. Inez desmoronou sobre ele — segundos depois dormia. Bud ajeitou-a, esticou-se no corredor usando o paletó como travesseiro. O sono demorou a vir — seu dia longo e estranho continuava repassando. Permanecia vendo Lynn Bracken; perto do amanhecer estremeceu e

encontrou Inez enrolada ao seu lado.
Deixou-a ficar.

Ele sabia que estava sonhando, sabia que não poderia parar. Continuava se encolhendo com a repetição constante.

Inez no chalé: “covarde”, “oportunista”, “me usando para ser promovido”. A última bomba ao sair pela porta: “O policial White é dez vezes mais homem do que você, com metade do cérebro e sem pai figurão.” Deixou-a ir, depois foi atrás: de volta a Los Angeles, à casa da família Soto. Três irmãos chicanos vieram com tudo; o velho Soto forneceu uma epígrafe: “Eu não tenho mais aquela filha.”

O telefone tocou. Ed rolou, atendeu.

— Exley.

— É Bob Gallaudet. Me dê os parabéns.

Ed afastou o sonho.

— Por quê?

— Passei na prova, o que faz de mim um advogado e investigador da Promotoria. Não está impressionado?

— Parabéns, e você não me ligou às 8 horas da manhã para contar isso.

— Está certo; portanto, ouça bem. Ontem à noite um advogado chamado Jake Kellerman ligou para Ellis Loew. Ele está representando duas testemunhas, dois irmãos, que afirmam ter uma ligação viável entre Duke Cathcart e Mickey Cohen. Dizem que podem resolver o Nite Owl. Eles receberam umas ordens de prisão por vender benzedrina, e Ellis está dando imunidade a eles com relação a isso, além de uma possível imunidade em qualquer acusação de conspiração que possa surgir da conexão deles com o Nite Owl. Vamos nos reunir no Mirimar Hotel dentro de uma hora — os irmãos e Kellerman, você, eu, Loew e Russ Millard. Dudley S. não estará presente. Ordens de Thad Green — ele acha que Millard é o melhor homem para a tarefa.

Ed saiu da cama.

— E quem são esses irmãos?

— Peter e Baxter Englekling. Já ouviu falar deles?

— Não. Vai ser um interrogatório?

Gallaudet riu.

— Você adoraria isso. Não, Kellerman vai ler uma declaração preparada, nós discutimos com Loew se vamos deixá-los passar para a jurisdição estadual e pegar a partir daí. Coloco você em dia. No estacionamento do Mirimar em quarenta e cinco minutos?

— Estarei lá.

QUARENTA E CINCO NA BUCHA. Gallaudet recebeu-o no saguão — sem aperto de mão, indo direto ao ponto:

— Quer ouvir o que nós temos?

— Manda ver.

Falaram andando.

— Eles estão esperando por nós, inclusive uma estenógrafa, e o que temos são Pete e Bax Englekling, 36 e 32 anos, moram em San Bernardino... quase gângsteres, acho que você poderia chamá-los assim. Os dois cumpriram pena no reformatório por vender maconha no início dos anos 1940 e, a não ser pelas ordens de prisão por vender bolas, eles permaneceram limpos. Têm uma gráfica legítima em San Berdoo, são o que você poderia chamar de gênios do maquinário, e o falecido pai deles era uma verdadeira figura. Olha só: ele era professor de química na faculdade e uma espécie de farmacêutico pioneiro que desenvolveu antigas drogas antipsicóticas. Impressionante, não é? Agora veja isso: o pai, que foi dessa para a melhor no verão de 1950, desenvolveu drogas para os velhos mafiosos... e Mickey C. era seu protetor no tempo em que atuava como guarda-costas.

— Isso não será monótono. Mas você implicaria Cohen no Nite Owl? Para começar, ele está na prisão.

— Exley, acho que são os negros sob custódia. Gângsteres *nunca* matam cidadãos inocentes. Mas, francamente, Loew gosta da ideia de um envolvimento da máfia. Vamos, eles estão esperando.

Na suíte 309, a reunião numa pequena sala. Uma mesa comprida — Loew e Millard diante de três homens: um advogado de meia-idade, perto de gêmeos de macacão — cabelos rareando, olhos lacrimosos, dentes ruins. Uma estenógrafa perto da porta do quarto,

com a máquina pronta para começar.

Gallaudet levou cadeiras. Ed cumprimentou todos com a cabeça, sentou-se perto de Millard. O advogado verificou papéis; os irmãos acenderam cigarros.

— Para os registros oficiais — disse Loew —, são 8h53, 24 de abril de 1953. Presentes estamos eu, Ellis Loew, promotor público da cidade de Los Angeles, o sargento Bob Gallaudet, do escritório da Promotoria, o capitão Russ Millard e o sargento Ed Exley, do Departamento de Polícia de Los Angeles. Jacob Kellerman representa Peter e Baxter Englekling, testemunhas potenciais no processo dos homicídios múltiplos perpetrados no Café Nite Owl em 14 de abril deste ano. O Sr. Kellerman lerá uma declaração feita por seus clientes, que será anexada à transcrição da estenógrafa. Como cortesia por essa declaração voluntária, a Promotoria retira o mandado judicial número 16.114, de 8 de junho de 1951, contra Peter e Baxter Englekling. Caso essa declaração resulte na prisão dos perpetradores dos múltiplos homicídios mencionados anteriormente, Peter e Baxter Englekling receberão imunidade quanto a processos em todas as questões relativas aos ditos, inclusive concurso de crimes, conspiração e infrações. Sr. Kellerman, seus clientes entendem o que foi dito?

— Sim, Sr. Loew, eles entendem.

— Eles entendem que podemos pedir que sejam submetidos a interrogatório depois da leitura da declaração?

— Sim.

— Leia a declaração, senhor advogado.

Kellerman pôs óculos bifocais.

— Eu eliminei os coloquialismos mais exóticos de Peter e Baxter e limpei a linguagem e a sintaxe; por favor, tenham isso em mente.

Loew ajeitou o colete.

— Somos capazes de discernir isso. Por favor, prossiga.

Kellerman leu:

— Nós, Peter e Baxter Englekling, juramos que esta declaração é totalmente verdadeira. No final de março deste ano, aproximadamente três semanas antes dos assassinatos no Nite Owl, fomos abordados em nossa empresa legítima, a Gráfica Speedy King, em San Bernardino. O homem que nos abordou era um tal de Delbert Cathcart, o “Duke”, que disse que ficara sabendo de nossos nomes com o “Sr. XY”, um conhecido da época em que cumprimos pena no reformatório. O Sr. XY informara a Cathcart que nós

tínhamos uma gráfica com uma máquina *offset* de alta velocidade, cujo projeto era criação nossa, o que era verdade. O Sr. XY também disse a Cathcart que estávamos sempre interessados em, abrem aspas, ganhar uma grana rápida, fecham aspas, o que também era verdade.

Risinhos. Ed escreveu: Vítima Susan Lefferts, de San Berdoo; conexão?

— Prossiga, Sr. Kellerman — disse Loew. — Somos todos capazes de rir e pensar ao mesmo tempo.

— Cathcart nos mostrou fotos de pessoas em atividades sexuais explícitas, algumas delas de natureza homossexual — disse Kellerman. — Algumas das fotos eram, abrem aspas, metidas a artísticas, fecham aspas. Isto é, pessoas em fantasias coloridas e tinta vermelha em relevo, pintada sobre algumas fotos. Cathcart contou ter ouvido dizer que podíamos produzir rapidamente revistas de alta qualidade, e dissemos que era verdade. Cathcart também declarou que várias revistas já estavam impressas, usando as fotos obscenas, e falou do custo envolvido. Nós sabíamos que podíamos fazer as revistas pela oitava parte daquele preço.

Ed passou um bilhete para Millard: “A Delegacia de Costumes não está trabalhando num caso de pornografia?” Os irmãos deram sorrisos tolos; Loew e Gallaudet cochicharam. Millard passou um bilhete de volta. “Sim — nenhuma pista com uma equipe de quatro homens. Uma pista fria para as revistas (‘com fantasias estranhas’, segundo a declaração). Estamos deixando-a de lado. Além disso, nenhum relatório de campo submetido até agora liga Cathcart à pornografia.”

Kellerman tomou água.

— Então Cathcart contou ter ouvido dizer que nosso falecido Franz “Doc” Englekling era amigo de Meyer Harris “Mickey” Cohen, mafioso de Los Angeles atualmente encarcerado na penitenciária da ilha McNeil. Dissemos que era verdade. Então Cathcart fez sua proposta básica. Disse que a distribuição das revistas pornográficas teria de ser, abrem aspas, muito reservada, fecham aspas, porque os, abrem aspas, malandros estranhos, fecham aspas, que tiraram as fotos e fizeram os retoques pareciam ter muita coisa para esconder. Ele não aprofundou o assunto. Contou que tinha acesso a uma rede de, abrem aspas, ricos pervertidos, fecham aspas, que pagariam grandes somas pelas revistas, e propôs também produzirmos, abrem aspas, sacanagem comum de foda e chupadas, fecham aspas, que

pudessem ser distribuídas em grande quantidade. Cathcart afirmou ter acesso a, abrem aspas, uma lista de pervertidos, fecham aspas, abrem aspas, viciados e putas, fecham aspas, para servir de modelos, e acesso a, abrem aspas, garotas de programa classudas, fecham aspas, que poderiam posar por uma ninharia se o, abrem aspas, paizinho delas, fecham aspas, concordasse. De novo, Cathcart não aprofundou nenhuma de suas afirmações, nem mencionou nomes ou locais específicos.

Kellerman virou a página.

— Cathcart disse que ele seria o procurador, caçador de talentos e intermediário. Nós cuidaríamos da manufatura das revistas. Também deveríamos visitar Mickey Cohen na ilha McNeil e conseguir que ele liberasse verbas para iniciar o negócio. Também solicitaríamos seu conselho sobre um sistema de distribuição. Em troca disso, Cohen receberia uma percentagem, abrem aspas, incrementada, fecham aspas.

Ed passou um bilhete: “Nenhum nome citado — é conveniente demais.”

— E o Nite Owl não é do estilo de Mickey — sussurrou Millard.

Bax Englekling deu um risinho; Peter cutucou o ouvido com um lápis. Kellerman leu:

— Nós visitamos Mickey Cohen em sua cela na McNeil aproximadamente duas semanas antes dos assassinatos no Nite Owl. Propusemos a ideia. Ele se recusou a ajudar e ficou muito irritado quando dissemos que a ideia tinha sido concebida por Duke Cathcart, a quem ele se referiu como, abrem aspas, um notório estuprador, fecham aspas. Em conclusão, nós achamos que os matadores empregados por Cohen perpetraram o Massacre do Nite Owl, um artifício de matar seis para pegar um, realizado a partir do ódio dele por Duke Cathcart. Outra possibilidade é Cohen ter falado na prisão sobre o esquema proposto por Cathcart e a história ter chegado ao rival de Cohen, Jack Whalen, o “Executor”, que, sempre procurando negócios ilegais, assassinou Cathcart e cinco inocentes como subterfúgio. Acreditamos que, se os assassinatos foram resultado de intriga devido a pornografia, nós também poderíamos nos tornar vítimas. Juramos que esse depoimento é verdadeiro e não foi obtido por coerção física ou mental.

Os irmãos aplaudiram. Kellerman disse:

— Meus clientes aceitam perguntas.

Loew apontou para o quarto.

— Depois de eu conversar com meus colegas.

Eles entraram; Loew fechou a porta.

— Conclusões. Bob, você primeiro.

Gallaudet acendeu um cigarro.

— Mickey Cohen, apesar das muitas faltas, não assassina pessoas sem mais nem menos, e Jack Whalen só está interessado em negócios de jogo. Eu acredito na história deles, mas tudo o que descobrimos sobre Cathcart faz com que ele pareça um sujeito patético incapaz de realizar um negócio tão grande assim. Digo que no máximo é um negócio secundário. Ainda acho que os negros fizeram o serviço.

— Concordo. Capitão, sua opinião.

— Há uma opção que me agrada, com grandes reservas — disse Millard. — *Talvez* Cohen tenha falado do negócio no pátio da McNeil, a história pode ter saído de lá e alguém ter assumido a partir disso. *Mas*, se esse negócio tem alguma conexão com pornografia, então os rapazes Englekling já teriam sido mortos ou abordados. Estou comandando há duas semanas uma investigação sobre revistas de sacanagem na Costumes, e meu esquadrão não ouviu nada sobre isso, e está dando de cara num muro após o outro. Acho que Ed e Bob deveriam conversar com Whalen, depois ir até a McNeil e falar com Mickey. Vou interrogar aqueles vagabundos na sala ao lado, e vou conversar com o meu pessoal da Costumes. Já li cada relatório de campo sobre o Nite Owl, e não há sequer uma menção a pornografia. Acho que Bob está certo. Estamos lidando com uma questão secundária.

— Concordo. Bob, você e Exley falem com Cohen e Whalen. Capitão, o senhor tem homens competentes no seu serviço?

Millard sorriu.

— Três homens competentes e Jack Vincennes, o Lata de Lixo. Sem ofensa, Ellis. Sei do envolvimento dele com a irmã de sua esposa.

Loew ruborizou.

— Exley, você tem algo a acrescentar?

— Bob e o capitão abordaram meus pontos de vista, mas há duas coisas que desejo mencionar. Um: Susan Lefferts era de San Berdoo. Dois, se não foram os negros sob custódia ou outra gangue, então o carro junto ao Nite Owl foi plantado, e estamos lidando com uma conspiração gigantesca.

— Eu acho que nós estamos com os assassinos. E, por falar nisso,

você está fazendo progresso com a Srta. Soto?

— Estou trabalhando.

— Trabalhe com mais empenho. Os bons esforços são para garotos colegiais, o que conta são os resultados. Ao trabalho, cavalheiros.

ED FOI PARA O SEU APARTAMENTO — uma mudança de roupas para a ida à McNeil. Encontrou um bilhete na porta.

Exley:

Ainda acho que você é tudo o que eu disse que era, mas liguei para casa e falei com minha irmã, e ela disse que você passou por lá e parecia obviamente preocupado com meu bem-estar, então estou abrandando um pouco. Você foi gentil comigo (quando não estava encobrindo histórias ou espancando pessoas), e talvez eu também seja uma oportunista e só esteja usando você como abrigo até melhorar e aceitar a oferta do Sr. Dieterling, e, portanto, como moro numa casa com telhado de vidro, não deveria jogar pedras em você. Isso é o mais próximo de uma desculpa que vou lhe dar, e continuarei me recusando a cooperar. Entendeu? O Sr. Dieterling falou a sério sobre um emprego no Dream-a-Dreamland? Farei compras hoje com o resto do dinheiro que você me deu. Ficar ocupada me faz pensar menos naquilo. Apareço esta noite. Deixe uma luz acesa.

Inez

Ed trocou de roupa e grudou sua chave extra na porta. Deixou uma luz acesa.

Jack em seu carro, esperando para seguir Bud White. Mãos mutiladas, roupas sujas — um turno arrombando portas de garagens, negros baratinados atrapalhando as equipes de busca —, atacando de cima de telhados e fugindo. Sem sorte com o Merc de Coates; a bomba de Millard ainda explodindo, sorte ele ter ouvido pelo telefone — caso contrário, teria cagado nas calças.

— Vincennes, duas testemunhas contataram Ellis Loew. Disseram que Duke Cathcart estava envolvido em algum esquema frustrado para vender aquelas revistas de sacanagem que nós estamos investigando. Eu acho que isso não tem ligação com o Nite Owl, mas você descobriu alguma coisa?

— Não.

Perguntou se os outros caras do esquadrão tinham se dado bem. Millard disse que não.

Ele não revelou que seus relatórios eram embromação. Nem que não se importava se o negócio da pornografia e o Nite Owl se duplicassem daqui até Marte. Não disse que ia ficar mansinho até estar com o dossiê de Sid Hudgens nas mãos e os negros cheirassem gás — culpados ou não.

Olhos na porta dos fundos do xadrez: policiais uniformizados arrastando tarados sexuais. Bud White dentro — serviço de porrada. Ontem à noite ele não o seguiu. Dudley ficou puto. Esta noite ficaria colado, depois atacaria Hudgens: apagar o Malibu Rendez-vous.

White saiu. Luz boa: Jack viu sangue na camisa dele. Ligou o carro, esperou.

Nenhuma luz colorida — luz branca por trás de cortinas fechadas. Bud apertou a campainha.

A porta se abriu — contraluz em Lynn Bracken.

— Sim? Você é o policial de quem Pierce me falou?

— Isso mesmo. Patchett contou qual era o assunto?

Ela manteve a porta aberta.

— Ele disse que você mesmo não tinha certeza, e que eu deveria ser honesta e cooperar.

— Você faz tudo o que ele manda?

— Faço.

Bud entrou.

— As pinturas são verdadeiras, e eu sou uma prostituta — disse Lynn. — Nunca ouvi falar de Kathy não-sei-das-quantas, e Dwight Gilette nunca abusaria sexualmente de uma mulher. Se ele fosse matar uma, usaria uma faca. Ouvi falar do tal de Duke Cathcart, essencialmente era um perdedor com um fraco por meninas novas. E isso é tudo o que tenho a dizer.

— Terminou?

— Não. Eu não tenho informações sobre as outras garotas de Dwight, e tudo o que sei sobre o negócio do Nite Owl é o que li nos jornais. Satisfeito?

Bud quase riu.

— Você e Patchett *sabem* falar. Ele ligou para você ontem à noite?

— Não, hoje de manhã. Por quê?

— Não importa.

— Seu nome é policial White, não é?

— Sou Bud.

Lynn riu.

— *Bud*, você acredita no que Pierce e eu contamos?

— Sim, bastante.

— E sabe por que estamos sendo condescendentes com vocês?

— Usando palavras assim, você pode me deixar furioso.

— Sim. Mas você sabe.

— É, eu sei. Patchett administra putas, talvez outros negócios por debaixo do pano. Você não quer que eu a coloque no relatório sobre isso.

— É. Seus motivos são egoístas, por isso estamos cooperando.

— Quer um conselho, Srta. Bracken?

— É Lynn.

— Srta. Bracken, eis o meu conselho. Continue cooperando e não tente me subornar, me ameaçar ou me foder, senão eu coloco você e Patchett afundados em merda até as orelhas.

Lynn sorriu. Bud captou — Veronica Lake em algum filme que ele tinha visto, Alan Ladd vem da guerra para encontrar a puta da esposa morta.

— Quer uma bebida, *Bud*?

— Sim, uísque puro.

Lynn foi até a cozinha, voltou com dois copos.

— Estão fazendo algum progresso sobre a morte da garota?

Bud engoliu o dele.

— São três homens trabalhando no caso. Foi um crime sexual, de modo que vão pegar os tarados de sempre. Farão uma investigação decente durante uma ou duas semanas e depois vão deixar de lado.

— Mas você não vai deixar de lado.

— Talvez, talvez não.

— Por que está tão preocupado?

— Questão antiga.

— Questão antiga e pessoal?

— É.

Lynn bebericou o uísque.

— Só estou perguntando. E quanto ao negócio do Nite Owl?

— Está sendo fechado nos crio... negros que nós prendemos. É uma foda de uma confusão.

— Você adora dizer “foda”.

— Você fode por dinheiro.

— Tem sangue na sua camisa. Faz parte do seu trabalho?

— Faz.

— Você gosta?

— Quando eles merecem.

— Quer dizer, homens que machucam mulheres.

— Garota esperta.

— Eles mereceram hoje?

— Não.

— Mas você fez mesmo assim.

— É, como a meia dúzia de caras com quem você trepou hoje.

Lynn riu.

— Na verdade, foram dois. Extraoficialmente, você bateu no Dwight Gillette?

— Extraoficialmente, eu enfiei a mão dele no triturador de lixo.

Sem ficar boquiaberta, sem hesitar.

— Você gostou?

— Bem... não.

Lynn tossiu.

— Estou sendo uma anfitriã ruim. Gostaria de se sentar?

Bud sentou-se no sofá; Lynn sentou-se a menos de um metro de distância.

— Os detetives da Homicídios são diferentes. Você é o primeiro homem que conheço em cinco anos que não diz no primeiro minuto que eu sou parecida com Veronica Lake.

— Você é melhor do que Veronica Lake.

Lynn acendeu um cigarro.

— Obrigada. Não contarei à sua amiga que você disse isso.

— Como sabe que eu tenho uma amiga?

— Seu paletó está horrível e fede a perfume.

— Você está errada. Isso foi eu tentando escapar de uma cantada.

— Coisa que você...

— É coisa que eu raramente faço, caralho. Continue cooperando, Srta. Bracken. Fale de Pierce Patchett e desse negócio dele.

— Extraof...

— É, extraoficialmente.

Lynn fumou, bebericou o uísque.

— Bom, deixando de lado o que ele fez por mim, Pierce é um homem da Renascença. Mexe com química, sabe judô, cuida do corpo. Adora ter mulheres lindas submetidas a ele. Teve um casamento fracassado, uma filha que morreu muito pequena. É muito honesto com as garotas, e só deixa a gente sair com homens ricos e de bom comportamento. Portanto pode chamar isso de

complexo de herói. Pierce adora mulheres bonitas. Adora manipulá-las e ganhar dinheiro com elas, mas também há afeto real. Quando conheci Pierce, contei que minha irmãzinha foi morta por um motorista bêbado. Ele chorou. Pierce Patchett é um empresário duro, e sim, ele administra garotas de programa. Mas é um bom homem.

Parecia correto.

— O que mais Patchett faz?

— Nada ilegal. Ele junta empresários e filmes. Aconselha as garotas em questões de negócios.

— Pornografia?

— Meu Deus, Pierce não. Ele gosta de *fazer*, não de olhar.

— Ou de vender?

— É, ou de vender.

Quase bom demais — como se a hipótese da pornografia precisasse ser totalmente limpa.

— Estou começando a pensar que você está se esforçando demais para me convencer. Tem de haver alguma perversão aí. Ser cafetão é um negócio, mas você faz esse cara parecer Jesus, caralho. Vamos começar com o “pequeno estúdio” de Patchett.

Lynn apagou o cigarro.

— Suponha que eu não queira falar disso?

— Suponha que eu entregue você e Patchett para a Delegacia de Costumes?

Lynn balançou a cabeça.

— Pierce acha que você está trabalhando em uma vingança pessoal, que é seu interesse eliminá-lo como suspeito no que quer que você esteja investigando e ficar quieto sobre os negócios dele. Ele acha que você não vai denunciá-lo, que seria estupidez fazer isso.

— Estúpido é o meu apelido. O que mais Patchett acha?

— Ele está esperando você mencionar dinheiro.

— Eu não aceito subornos.

— Então por que...

— Talvez eu só esteja curioso, porra.

— Então que seja. Você sabe quem é o Dr. Terry Lux?

— Claro, ele tem uma clínica de desintoxicação em Malibu. É sujo até o tutano.

— Correto nas duas afirmações, e também é cirurgião plástico.

— Ele fez uma plástica em Patchett, não é? Ninguém da idade

dele parece tão novo.

— Não sei disso. O que Terry Lux *faz* é mudar o rosto das garotas para o pequeno estúdio de Pierce. Temos Ava, Kate, Rita e Betty. Leia isso como Gardner, Hepburn, Hayworth e Grable. Pierce encontra garotas razoavelmente parecidas com estrelas de cinema, Terry faz cirurgias plásticas para que fiquem exatamente iguais. Chame-as de as concubinas de Pierce. Elas dormem com Pierce e com clientes escolhidos — homens que podem ajudá-lo a juntar filmes com empresários. Perverso? Talvez. Mas Pierce pega uma parte dos ganhos das garotas e investe para elas. Faz com que as garotas deixem essa vida aos 30 anos — sem exceção. Não as deixa usarem drogas e não abusa delas, e eu devo muito a ele. Será que sua mentalidade de policial pode entender essas contradições?

— Jesus Cristo, caralho.

— Não, Sr. White. Pierce Morehouse Patchett.

— Lux cortou você para ficar igual a Veronica Lake?

Lynn tocou o cabelo.

— Não. Eu recusei. Pierce me amou por isso. Na verdade eu sou morena, mas o resto sou eu.

— E quantos anos você tem?

— Faço 30 no próximo mês, e vou abrir uma loja de roupas. Está vendo como o tempo muda tudo? Se me encontrar daqui a um mês, não serei uma puta. Serei uma morena não muito parecida com Veronica Lake.

— Jesus Cristo.

— Não, Lynn Margaret Bracken.

Rápido demais — quase num jorro.

— Olha, quero ver você de novo.

— Está pedindo um encontro?

— É; porque não posso pagar o que Patchett cobra.

— Você poderia esperar um mês.

— Não, não posso.

— Então chega de papo furado. Não quero ser suspeita de nada.

Bud fez uma marca de verificação no ar: Patchett riscado de Kathy e do Nite Owl.

— Feito.

Cela de Mickey Cohen.

Gallaudet riu: cama forrada de veludo, estantes aveludadas, cômoda com banqueta estofada com veludo. Calor entrando por uma abertura na parede — estado de Washington, ainda frio em abril. Ed estava cansado: falaram com Jack Whalen, o “Executor”, eliminaram-no como suspeito, voaram mil milhas. Uma da madrugada — dois policiais esperando um mafioso psicopata que estava jogando baralho tarde da noite. Gallaudet deu um tapinha no buldogue de estimação de Cohen: Mickey Cohen Jr., elegante num suéter de veludo. Ed verificou as anotações feitas sobre Whalen.

O rival falara sem parar — não conseguiram calá-lo. Whalen riu da teoria dos Englekling, fez digressões sobre o crime organizado em Los Angeles.

Atividade da máfia numa calmaria geral desde que Mickey C. foi em cana. Visão de quem está por dentro: o poder de Mickey quebrado, o dinheiro do banco suíço levado para longe — grana com a qual reconstruir. Morris Jahelka, subchefe de Cohen, recebendo um feudo — prontamente ferrou com tudo, investindo mal, sem verbas para pagar aos homens. Whalen disse que *ele* próprio estava indo bem e ofereceu sua teoria sobre Cohen.

Achou que Mickey estava espalhando franquias de *bookmaker*, agiotagem, drogas e prostituição — com gente pequena, escolhida a dedo, com quem eles poderiam lidar; quando recebesse condicional ele consolidaria, pegaria o dinheiro que os homens das franquias haviam investido para ele, reconstruiria o império. Whalen baseou sua teoria em hipóteses: Lee Vachss, ex-pistoleiro de Cohen, parecia ter passado para a honestidade; Johnny Stompanato e Abe Teitlebaum também — duas figuras tortas que não poderiam andar em linha reta. Imagine os três ainda no ramo — talvez salvaguardando os interesses de Cohen. O chefe Parker — com

medo de que a calmaria pudesse levar a máfia a ultrapassar os seus limites — acabara de estabelecer uma linha de frente contra bandidos de fora da cidade: Dudley Smith e dois assecclas armaram a barraca num motel em Gardena: espancaram membros de gangues até quase a morte, roubaram o dinheiro deles para instituições de caridade da polícia, puseram-nos de volta no ônibus, trem, avião ou o que quer que eles tenham usado para chegar — tudo muito na moita.

Whalen concluiu:

Ele tinha a permissão de atuar porque alguém precisava proporcionar serviços de jogatina, caso contrário um punhado de independentes malucos colocariam Los Angeles na merda. “Contenção” — palavra usada por Dudley S. — dizia tudo: a polícia sabia que ele só atirava quando atiravam nele; ele *estava* no jogo. A ideia de ele e Mike matando gente por causa de revistas de punheta era pura baboseira. Mesmo assim, tudo parecia calmo demais, alguma merda tinha de estar sendo preparada.

Mickey Cohen Jr. latiu; Ed ergueu os olhos. Mickey Cohen entrou, segurando uma caixa de biscoitos para cachorro.

— Nunca matei ninguém que não merecesse ser morto segundo os padrões de nosso modo de vida — disse ele. — Nunca distribuí merda obscena para ser usada com o objetivo de masturbação e só tive uma confabulação com Pete e Bax Englekling por conta de minha admiração por seu falecido pai, que Deus tenha a sua alma, mesmo ele sendo um alemão escroto. Não mato pessoas inocentes porque é um *mitzvah* não matar, e porque eu cumpro os Dez Mandamentos, a não ser quando é ruim para os negócios. Warden Hopkins me disse por que vocês estão aqui e eu os fiz esperar porque vocês devem ser uns asnos estúpidos por acharem que eu fiz esse serviço maligno e estúpido, obviamente trabalho de crioulos estúpidos. Mas como Mickey Junior gosta de vocês eu vou lhes dar cinco minutos do meu tempo. Venha para o papai, *bubeleh!*

Mickey Jr. uivou. Cohen se ajoelhou no chão, colocou um biscoito na própria boca. O cão correu até ele, agarrou o biscoito, beijou-o. Mickey focinhou a fera; Cohen Jr. guinchou, mijou. Ed viu um homem na passarela: Davey Goldman, principal contador de Mickey, na McNeil cumprindo sua própria pena por fraude fiscal.

Goldman se afastou.

— Mickey, os irmãos Englekling contaram que você ficou louco quando eles falaram que Duke Cathcart estava por trás da ideia

deles — disse Gallaudet.

Cohen cuspiu farelo de biscoito.

— Você conhece a velha expressão “soltar fumaça pelo nariz”?

— Sim — disse Ed —, mas e quanto a outros nomes? Os Englekling mencionaram outro nome além de Cathcart?

— Não, e Cathcart e eu nunca nos encontramos. Ouvi dizer que ele tinha fama de estuprador, assim o julguei a partir disso. A Bíblia diz: “Não julgueis para não serdes julgados”, portanto, como estou disposto a ser julgado, eu digo: “Julgue, oh, Mickeyzinho.”

— Você deu algum conselho aos irmãos, quanto a estabelecer um sistema de distribuição?

— Não! Deus e meu amado Mickey Jr. são testemunhas. Não!

— Mick, eis a pergunta-chave: você falou disso no pátio? Com quem mais você falou disso? — perguntou Gallaudet.

— Não falei com ninguém! As revistas de punheta vêm do pecado e da fome! Eu até expulsei o Davey quando aqueles irmãos *meshugeneh* apareceram! Davey é os meus ouvidos, por aí vocês veem a que ponto eu respeito a virtude cardeal do segredo!

— Ed — disse Gallaudet —, eu liguei para Russ Millard enquanto você falava com o guarda. Ele disse que verificou o negócio da pornografia com os rapazes da Costumes, e eles não conseguiram nada. Nada do Cathcart, nenhuma pista sobre as revistas. Russ repassou todos os relatórios de campo do Nite Owl e não obteve nada. Bud White verificou o histórico de Cathcart, e ele não relatou nada. Ed, Susie Lefferts, de San Berdoo, é só uma coincidência. Cathcart não conseguiria aprontar um negócio de pornografia, caso tentasse. Na realidade, os Englekling estão querendo retirar um mandado antigo e fazer um show.

Ed assentiu. Mickey Cohen abraçou Mickey Cohen Jr.

— Pais e filhos são alimentos para o pensamento, e não são uma verdadeira festa? Meu filho canino e eu, o velho Dr. Franz e os dele, lixo branco de dentes ruins. Franz era um gênio da química, fez invenções fantásticas para gente mentalmente perturbada. Quando um barco cheio de heroína foi roubado de mim há muito tempo, pensei em Franz, e em como, se eu tivesse o cérebro dele, em vez desse gênio poético, teria recriado meu próprio pó branco para vender. Vão para casa, garotos. Revistas sujas não resolverão um caso de assassinato para vocês. Foram os negros.

Garrafas: uísque, gim, conhaque. Letreiros piscando: Schlitz, Pabst Blue Ribbon. Marinheiros bebendo cerveja gelada, gente feliz botando pra quebrar. O apartamento de Hudgens a um quarteirão de distância — a bebida lhe daria colhões. Ele sabia antes de seguir Bud White — agora tinha mil vezes mais razão.

— Última rodada — gritou o barman.

Jack engoliu o refrigerante, apertou o copo contra o pescoço. O dia o atacou — de novo.

De acordo com Millard, Duke Cathcart estava envolvido em algum esquema para vender a pornografia *dele*.

Bud White visita Lynn Bracken, uma das putas sócias. Fica lá dentro duas horas; a puta o leva até a porta. Ele segue White até sua casa, começa a pensar em provas: White conhece Bracken, ela conhece Pierce Patchett, ele conhece Hudgens. Sid sabe sobre o Malibu Rendez-vous; Dudley Smith provavelmente sabe. Motivo do grande Dud para a vigilância: White saiu da linha por conta da morte de uma puta.

Letreiros de cerveja pulsando: monstros de néon. Soco-inglês no carro, Sid poderia ser dobrado, soltar seu dossiê...

Jack partiu: casa de Hudgens, sem luz acesa, o Packard de Sid junto ao meio-fio. A porta — o soco-inglês como aldrava.

Trinta segundos — nada. Jack tentou a porta — sem facilidade — forçou com os ombros. A porta abriu num estalo.

Aquele cheiro.

Câmara lenta: lenço na mão, arma na mão, cotovelo na parede... O interruptor, nada de impressões digitais. Interruptor para baixo, luzes acesas.

Sid Hudgens apagado no chão — um tapete encharcado de preto, o chão escorregadio com uma gosma de sangue.

Braços e pernas cortados, projetando-se do tronco em ângulos

esquisitos.

Aberto da virilha ao pescoço, ossos aparecendo em branco em meio ao vermelho.

Arquivos abertos atrás dele — pastas jogadas numa área limpa do tapete.

Jack mordeu os braços para sufocar os gritos.

Sem rastros de sangue, digamos que o assassino saiu pela porta dos fundos. Hudgens nu, coberto de vermelho-preto. Membros fora do tronco, fios de gosma nos pontos dos cortes, redemoinhos como nas revistas de sacanagem com sangue pintado...

Jack saiu correndo.

Ao redor da casa, descendo pela entrada de veículos. A porta dos fundos: escancarada, jorrando luz. Dentro: um chão escorregadio com água — sem marcas de sangue, rastros limpos. Entrou, encontrou sacolas de compras debaixo da pia. Passos trêmulos até a sala de estar. Arquivos de dossiês: pastas, pastas, pastas — uma, duas três, quatro, cinco sacolas —, duas viagens até o carro.

Uma rua quieta de Los Angeles às 2h20 da madrugada, acalmem-se, tremores.

Cinquenta trilhões de pessoas tinham motivos. Ninguém sabia que ele vira as revistas com sangue pintado. As mutilações seriam descartadas — detalhe de psicopata.

Ele tinha de encontrar seu dossiê.

Jack apagou as luzes, serrou a porta da frente com as algemas — deixe que pensem que foi um ladrão. Partiu, sem destino, só dirigindo.

SÓ DIRIGIR O DESGASTOU. Encontrou o anúncio de um hotel, um lugar de lençóis quentes: Cabana de Descanso do Oscar.

Pagou o aluguel por uma semana, levou as sacolas para dentro, tomou um banho e vestiu de novo as roupas fedorentas. Um lugar de baratas: insetos, gordura na parede acima da cama. Cheirou-se: fedor evoluindo para inhaca. Trancou a porta, escavou a sujeira dos dossiês.

Números antigos da *Hush-Hush*, recortes, documentos roubados da polícia. Dossiês: Montgomery Cliff como o menor pau de Hollywood, Errol Flynn como agente nazista. Um item quente: Flynn e um escritor homossexual chamado Truman Capote. Comunistas, simpatizantes do comunismo, celebridades com taras

sexuais, indo de Joan Crawford ao ex-promotor Bill McPherson. Montes de viciados: merda sobre Charlie Parker, Anita O'Day, Art Pepper, Tom Neal, Barbara Payton, Gail Russell. Artigos da *Hush-Hush* intactos: “Laços entre a máfia e o Vaticano!!!”, “Fina frescura: ‘Rock’ Hudson é realmente uma ‘Rockette?’” “Alerta aos maconheiros: cuidado com os aviões de Hollywood.” Dossiês completos, brandos demais para ser o material secreto de Hudgens — comunistas, veados, lésbicas, drogados, sátiros, ninfomaníacas, misóginos, políticos comprados pela máfia.

Nada sobre o sargento Jack Vincennes.

Nada sobre *Badge of Honor* — uma grande fixação de Hudgens —, ele sabia que Sid tinha um dossiê sobre Brett Chase.

Estranho.

Mais estranho: a *Hush-Hush* publicara uma matéria difamando Max Peltz — não havia nada sobre ele.

Nada sobre Pierce Patchett, Lynn Bracken, Lamar Hinton, Fleur-de-Lis.

Jack mediu sua pilha de imundícies. Grande — digamos que o assassino fosse um ladrão de dossiês; se pegou dossiês, não foram muitos — a pilha dele parecia que ia entupir os arquivos.

ÁLIBI.

Jack enfiou os dossiês no armário. “Não perturbe” à porta; de volta ao seu apartamento.

5h10 da manhã.

Debaixo da aldrava: “Jack — lembre-se de nosso encontro na quinta”. “Jack, doçura — você está hibernando? Bjs, K.” Ele entrou, pegou o telefone, discou 888.

— Emergência policial.

Um sotaque de quem está por dentro das coisas.

— Cara, quero informar um assassinato. Se estou mentindo, quero que minha mãe morra.

— Senhor, isso é legítimo?

— É, se eu estou m...

— Qual é o seu endereço?

— Meu endereço é lugar nenhum, mas eu ia roubar uma casa, e aí vi o corpo do cara.

— Senhor...

— South Alexandria, 421, pegou?

— Senhor, onde...

Jack desligou, tirou a roupa, deitou-se na cama. Imaginou uns

vinde minutos para a chegada dos uniformizados, dez para identificarem Hudgens. Eles ficam pasmos, acham que é um grande caso, ligam para a Homicídios. O encarregado pensa na chefia, tira um chefe da cama. Thad Green, Russ Millard, Dudley S. — todos pensarão de imediato no Grande V — seu telefone tocava dentro de uma hora.

Jack ficou deitado — suando num jogo de lençóis limpos. Trim trim — às 6h58.

Jack bocejando.

— Sim?

— Vincennes, é Russ Millard.

— Sim, capitão. Que horas são? O que...

— Não importa. Sabe onde Sid Hudgens mora?

— Sei, lá em Chapman Park. Capitão, o que...

— South Alexandria, 421. *Agora*, Vincennes.

BARBA, BANHO, ROUPAS que ficassem secas. Quarenta minutos até a cena — uma porrada de carros de policiais no gramado de Sid Hudgens. Homens do necrotério erguendo sacos plásticos: sangue, pedaços de corpo.

Jack estacionou no gramado. Um auxiliar de enfermagem saiu empurrando uma maca: gosma enrolada em panos. Russ Millard perto da porta; dois recém-chegados — Don Kleckner, Duane Fisk — junto à entrada de veículos. Patrulheiros afastavam espectadores; repórteres atulhavam a calçada. Jack foi até Millard.

— Hudgens? — sem choque demais, um profissional.

— É, o seu chapa. Meio mastigado, creio. Um ladrão ligou avisando. Ele ia roubar a casa, aí viu o corpo. Marcas de arrombamento no portal, de modo que engoli a história. Não olhe dentro se você tiver comido.

Jack olhou. Sangue seco, silhuetas em fita adesiva branca: braços, pernas, tronco — os pontos de amputação marcados.

— Alguém *odiava* o cara — disse Millard. — Vê aquelas gavetas ali? Acho que o assassino matou pelos dossiês. Mande Kleckner ligar para o editor da *Hush-Hush*. Ele vai abrir o escritório e entregar cópias do material recente em que Hudgens estava trabalhando.

O velho Russ queria um comentário. Jack fez o sinal da cruz: a primeira vez desde o orfanato, de onde aquela porra tinha vindo.

— Vincennes, você era amigo dele. O que acha?

— Acho que ele era uma escória! Todo mundo odiava o sujeito! Você tem todo mundo em Los Angeles como suspeito!

— Calma, *calma aí*. Eu sei que você passava informações para Hudgens, sei que vocês dois faziam negócios. Se a gente não resolver isso em alguns dias, vou querer uma declaração.

Duane Fisk discursando para Morty Bendish — fazendo reserva num furo de reportagem do *Mirror*.

— Vou mandar ver — disse Jack. — O que acha que vou fazer, impedir o progresso de uma investigação oficial?

— Seu senso de dever é admirável. Agora, falemos de Hudgens. Garotas? Garotos? Do que ele gostava?

Jack acendeu um cigarro.

— Ele gostava de sujeira, de escândalos. Era um tremendo degenerado. Talvez ele tocasse bronha enquanto lia sua própria revista de imundícies, não sei.

Don Kleckner se aproximou, com um exemplar da *Hush-Hush* aberto: “Magnata da TV gosta de olhar — E não só isso!!! E rainhas adolescentes fazem a cena para ele!!!”

— Capitão, comprei na banca da esquina. E o editor disse que Hudgens estava preparando uma matéria sobre *Badge of Honor*.

— Isso é bom. Don, comece a interrogar a vizinhança. Vincennes, venha cá.

Para o gramado.

— Esse negócio está sempre voltando para pessoas que você conhece — disse Millard.

— Sou policial e estou em Hollywood. Conheço um monte de gente e sei que Max Peltz gosta de menininhas. E daí? Ele tem 60 anos e não é assassino.

— Decidiremos mais tarde. Você está trabalhando no Nite Owl, certo? Procurando o carro de Coates?

— É.

— Então volte para lá agora e se apresente ao Bureau às 14 horas. Vou pedir que algumas pessoas do *Badge of Honor* apareçam para um interrogatório amigável. Você pode ajudar a lubrificar as engrenagens.

Billy Dieterling, Timmy Valburn — “gente que ele conhecia” chegando perto.

— Claro, vou estar lá.

Morty Bendish veio correndo.

— Jackie, isso significa que agora ficarei com *todas* as suas exclusivas?

INVASÕES DE GARAGENS, negros jogando frutas — trabalho *verdadeiro* na volta ao hotel. Ele estava no meio de Darktown quando decidiu.

Virou para leste, estacionou perto do Royal Flush. O Buick de Claude Dineen sobre blocos de madeira — provavelmente estava transando bagulho no banheiro dos homens.

Jack entrou. Tudo congelou: o Grande V significava encrenca. O barman serviu um Old Forester duplo; Jack engoliu — interrompendo cinco anos de abstinência. A bebida esquentou-o. Ele chutou a porta do banheiro dos homens.

Claude Dineen erguendo os olhos.

Jack chutou-o de costas no chão, arrancou a seringa de seu braço. Uma cabriola, sem resistência — Claude permanecia no sétimo céu. Bingo: benzedrina em embalagem metálica. Ele engoliu as bolas a seco, jogou a seringa dentro do vaso sanitário.

— Estou de volta.

CHEGOU AO HOTEL EMBALADO, no pique para descobrir ângulos diferentes. Segundo exame dos dossiês.

Nada de novo se destacou; um instinto zumbia: Hudgens não mantinha seus dossiês “segretos” em casa. Se o assassino o matou por um dossiê específico, primeiro tentou torturá-lo para obter a localização. O assassino não olhou um monte de dossiês — os arquivos não poderiam conter muito mais do que ele roubara. O dossiê do Grande V ainda estava por aí — se o assassino o encontrasse, poderia guardá-lo, poderia jogá-lo fora.

Salto: Hudgens/Patchett conectados, pornografia/Costumes chuta a conexão. Pôr de lado a conexão Cathcart/Nite Owl: Millard/Exley disseram que não tinha a ver — negativas de Whalen e Mickey C., Cathcart nunca conseguiu levar adiante seu negócio com sacanagem. Relatório de Millard: os irmãos Englekling não sabiam quem tirara as fotos; Cathcart pegou algumas das revistas de sacanagem, ficou maluco com um esquema temerário. Pondo isso de lado, o que ele tinha era:

Bobby Inge, Christine e Daryl Bergeron — sumidos. Lamar Hinton, o provável atirador no Fleur-de-Lis — sem dúvida, desaparecido. Timmy Valburn, cliente do Fleur-de-Lis, arrochado

por ele — uma ligação com Billy Dieterling, um cameraman de *Badge of Honor*, pegá-lo na festa de interrogatório de Millard — *fique calmo em relação a isso*. Digamos que Timmy tenha contado a Billy sobre o arrocho; Billy estava lá quando ele arrebentou o carro de Hinton, *fique calmo*, as bichas tinham porradas de vantagens a perder se admitissem a ligação com o Fleur-de-Lis — de cuja existência Russ Millard não fazia ideia.

Pensando sem parar, fumando um cigarro atrás do outro.

As mutilações no corpo de Hudgens eram iguais às poses retocadas com tinta nas revistas de sacanagem que ele encontrara do lado de fora do apartamento de Bobby Inge. *Nenhum outro policial vira essas revistas especificamente* — Millard viu o defunto, marcou os membros cortados como simples amputações.

Hudgens o alertou para ficar longe do Fleur-de-Lis. Lynn Bracken era puta do Patchett — talvez ela conhecesse Sid.

Jogada imprevisível: Dudley Smith mandou que ele seguisse Bud White. O motivo: White pirado pelo assassinato de uma puta. Bracken era puta, Patchett era cafetão de putas. Mas: *Dudley não mencionou qualquer ligação com o Nite Owl ou a pornografia — Patchett/Bracken/pornografia/Fleur-de-Lis e o caralho a quatro eram provavelmente grego para ele. Os irmãos Englekling/Cathcart descartados, pornografia/Patchett/Bracken/Fleur-de-Lis/Hudgens de algum modo abriram caminho na incrível gosma interdivisional gerada pela papelada do Nite Owl*.

Nas nuvens: benzedrina, lógica de policial. 11h20 — matar tempo antes de ir ao Bureau. Duas pistas verdadeiras — Pierce Patchett, Lynn Bracken.

Bracken estava mais perto.

JACK FOI AO APARTAMENTO de Lynn, acomodou-se atrás do carro dela. Dar-lhe uma hora, agir pela intuição se ela sair.

Tempo voando na benzedrina; a porta de Bracken ficou fechada. 12h33 — um garoto arremessou um jornal contra ela. Se Morty Bendish tivesse contado a história e aquele garoto arremessasse o *Mirror*...

A porta se abriu; Lynn Bracken pegou o jornal, voltou bocejando. O jornaleiro passou, carregando sacolas à vista: Los Angeles *Mirror-News*. Esteja lá, Morty.

Bangue! — Bracken bateu a porta, correu para o carro. Ligou-o,

virou para o oeste na Los Feliz. Jack lhe deu dois segundos de dianteira, foi atrás.

Sudoeste: da Los Feliz para a Western e para a Sunset, seguindo a Sunset direto — 16 quilômetros acima do limite de velocidade. As chances: uma corrida apavorada até a casa de Patchett, ela não queria usar o telefone.

Jack virou para o sul, pegou um atalho, chegou à Gretna Green, 1.184, queimando pneu. Uma imensa mansão espanhola, gramado gigante na frente — Lynn Bracken ainda não aparecera.

O coração descompassando: esqueceu o que se paga ao tomar bolinhas. Estacionou, verificou a casa: ninguém do lado de fora ou por perto. Até a porta, uma espiada na lateral — encontrar algumas janelas.

Tudo fechado. Um jardineiro trabalhando nos fundos — não tinha como dar a volta sem ser visto. Uma porta de carro bateu; Jack correu até uma janela da frente: fechada, uma fresta na cortina, por onde dava para olhar.

A campainha tocou; Jack tentou enxergar dentro. Patchett foi até a porta, abriu. Lynn Bracken jogou o jornal contra ele — zoom num dueto de pânico: movimentos labiais mudos, medo grande demais. Jack encostou uma orelha no vidro — só ouviu o próprio coração batendo. Não precisava de som: eles não sabiam que Sid estava morto, estavam apavorados assim mesmo, não o haviam matado.

Foram para a sala ao lado — cortinas fechadas, não havia como olhar ou ouvir. Jack correu para o carro.

CHEGOU AO BUREAU dez minutos atrasado. A Delegacia de Homicídios atulhada com *Badge of Honor*: Brett Chase, Miller Stanton, o cenógrafo, David Mertens, Jerry Marsalas, seu enfermeiro — um banco comprido apinhado. De pé: Billy Dieterling, a equipe de câmeras, meia dúzia de homens com pastas de executivo: sem dúvida advogados. A equipe parecia nervosa; Duane Fisk e Don Kleckner andavam de um lado para o outro segurando pranchetas. Nada de Max Peltz, nada de Russ Millard.

Billy D. encarou-o ameaçador; o resto do pessoal acenou. Jack acenou de volta; Kleckner apontou para ele.

— Ellis quer ver você. Cabine número 6.

Jack foi para lá. Loew olhava para um espelho na parede —

havia um detector de mentiras junto ao vidro. Tempo de polígrafo: Millard interrogando Peltz, Ray Pinker trabalhando na máquina.

Loew o viu.

— Eu preferiria que Max não tivesse de passar por isso. Dá para resolver?

Protegendo um contribuinte da caixinha.

— Ellis, não tenho papo com Millard. Se o advogado de Max o aconselhou a fazer isso, ele terá de fazer.

— Dudley pode resolver?

— Dud também não tem papo com ele. Millard faz o gênero zeloso. E antes que você pergunte, não sei quem matou Sid e não me importo. Max tem algum álibi?

— Tem, mas ele preferiria não usar.

— Quantos anos ela tem?

— É bem nova. Será que...

— Sim, Russ iria fichá-lo por isso.

— Meu Deus, tudo isso por causa de uma escória como o Hudgens.

Jack riu.

— Senhor promotor, uma das pequenas sujeiras dele o elegeu.

— Sim, a política forma estranhas parcerias na cama, mas duvido que ele seja pranteado. Você sabe, nós não conseguimos nada. Conversei com aqueles advogados do lado de fora, e todos me garantiram que seus clientes têm álibis válidos. Eles darão declarações e serão eliminados, o resto das pessoas de *Badge of Honor* apresentará os álibis, e então só teremos o resto de Hollywood para investigar.

Uma abertura.

— Ellis, quer um conselho?

— Sim, dê sua visão adequadamente cínica.

— Deixe isso correr. Vá fundo no Nite Owl, é isso que o público quer ver solucionado. Hudgens era um merda, a investigação vai ser um show de merda, e nós nunca pegaremos o assassino. Vamos deixar correr.

A porta se abriu; Duane Fisk pôs os dois polegares para baixo.

— Sem sorte, Sr. Loew. Todos têm álibis, e parecem bons. O legista estimou o horário da morte de Hudgens entre meia-noite e uma da madrugada, e esse pessoal todo estava à vista em outros lugares. Vamos procurar corroboração, mas acho que não adianta.

Loew assentiu; Fisk se retirou.

— Deixa para lá — disse Jack.

Loew sorriu.

— Qual é o seu álibi? Você estava na cama com minha cunhada?

— Eu estava na cama sozinho.

— Não me surpreende; Karen disse que ultimamente você anda mal-humorado e sumido. Você parece tenso, Jack. Está com medo de que seu acordo com Hudgens seja levado a público?

— Millard quer um depoimento, eu vou dar. Você acha que Sid e eu tínhamos um pacto de lealdade?

— Claro. Junto de Dudley Smith, eu e vários outros coroinhas de igreja. Você está certo sobre Hudgens, Jack. Vou passar o caso para Bill Parker.

Um bocejo — as bolinhas começavam a perder o efeito.

— É um caso de merda, e você não vai querer ser o promotor nele.

— É, já que a vítima facilitou *minha* eleição, e ele pode ter contado que você revelou a ele os, abrem aspas, desejos escusos do Sr. McPherson. Jack...

— Sim, vou manter o nariz abaixado, e se seu nome aparecer em algum papel, eu o destruo.

— Bom rapaz. E se eu...

— Sim, há uma coisa. Rastreie os relatórios sobre a investigação. Sid mantinha uns dossiês secretos, e se seu nome estiver em algum lugar, vai ser lá. E se eu tiver uma pista do local, estarei lá com um fósforo.

Loew, pálido.

— Feito, e falo com Parker hoje à tarde.

Ray Pinker bateu no espelho, apertou um gráfico contra o vidro: linhas gêmeas riscadas por agulhas — nada de flutuações loucas. Pelo alto-falante:

— Inocente, mas não quis dar o álibi. Ele estava *en flagrante*?

Loew sorriu. Russ Millard falou em voz alta:

— Vá trabalhar, Vincennes. Na investigação do Nite Owl, se você recorda. Até agora seu programa maluco de TV não rendeu nada, e eu quero uma declaração escrita sobre seus negócios com Hudgens. Às 8 horas de amanhã.

O bairro negro o chamava.

PARA O SUL, até a 77. Jack tomou outra bola e pegou o mapa de

buscas; o sargento de plantão disse-lhe que os negros estavam ficando ferozes, alguns agitadores comunistas tinham enfiado uma pulga no rabo deles; mais ataques com lixo, os policiais estavam indo verificar as garagens em grupos de três: um detetive e dois guardas, equipes em lados opostos da rua. Encontrar seus rapazes na esquina da 116 com Wills — eles trabalhavam com um homem a menos desde o meio-dia.

As bolas fizeram efeito — Jack disparou de novo para o alto. Foi para a 116 com Wills: uma fileira de prédios vagabundos, janelas cobertas com papelão. Becos sujos, uma brigada de bicicletas: garotos negros juntando frutas. Seus rapazes adiante: dois guardas à esquerda, dois uniformizados e um à paisana à direita. Armados: alicates e rifles. Jack estacionou, transformou a equipe da esquerda num trio.

Puro trabalho de merda.

Bater à porta, obter permissão para revistar a garagem. Três quartos dos moradores fingiam-se de desentendidos; de volta à garagem, abrir a porta, cortar o cadeado. Os policiais do lado direito não pediam licença — iam direto com os alicates, olhavam, mostravam as ferramentas para os garotos nas bicicletas. Os garotos do lado esquerdo tentavam parecer maus; um garoto jogou um tomate por cima da cabeça dos homens. Os uniformizados atiraram por cima da cabeça dele — pegando um ninho de pombo, lascando uma palmeira. Garagem empoeirada após garagem empoeirada após garagem empoeirada — nenhum Merc 49 com placa DG 114.

Crepúsculo, um quarteirão de casas desertas — janelas quebradas, quintais cheios de mato. Jack começou a se sentir mal: dentes doloridos, pontadas no peito. Ouviu gritos alucinados na rua; a equipe do lado direito disparou tiros. Olhou para seus parceiros — então todos saíram em disparada.

O Santo Graal numa garagem infestada de ratos: um Merc 49 roxo, todo incrementado. Placa da Califórnia DG 114 — registrada em nome de Raymond Coates, o Sugar Ray.

Os guardas abriram garrafas.

Dois garotos apareceram de bicicleta: a pintura incrementada, um gato branco no bico.

Os caras do lado esquerdo começaram a fazer a dança da chuva.

Jack espiou por uma janela. Três espingardas no piso entre os bancos: calibre grosso, provavelmente 12.

Gritos — de ensurdecer; tapas nas costas — de doer os ossos. Os

garotos gritavam juntos; um guarda deixou ele beber na garrafa dele. Jack tomou um longo gole, esvaziou a arma contra uma lâmpada da rua, apagou-a com o último disparo. Gritos, uivos loucos; Jack deixou os garotos brincarem de sacar rápido com seu revólver. Sid Hudgens tocou uma campainha dentro dele — Jack tomou um longo gole, afastou-o.

Uma sala particular no Pacific Dining Car. Dudley Smith, Ellis Loew, Bud do outro lado da mesa. Mãos cheias de bolhas, três dias dando porrada: agressores sexuais borrados em sua cabeça.

— Garoto — disse Dudley —, nós encontramos o carro e as espingardas há uma hora. Sem impressões, mas um dos percussores se encaixa exatamente aos cartuchos niquelados que achamos no Nite Owl. Tiramos as bolsas e as carteiras das vítimas de dentro de um bueiro perto do Tevere Hotel, o que significa que estamos muito perto de um caso incontestável. Mas o Sr. Loew e eu queremos o negócio todo. Queremos confissões.

Bud empurrou o prato. Tudo voltava aos negros — impedindo seu ataque contra Exley.

— Então vocês vão botar o garoto inteligente em cima dos pretos de novo.

Loew balançou a cabeça.

— Não, Exley é brando demais. Quero que você e Dudley os interroguem, dentro da cadeia, amanhã de manhã. Ray Coates esteve na enfermaria com infecção no ouvido, mas vão lhe dar alta amanhã de manhã. Quero você e Dud lá bem cedinho, por volta das 7 horas.

— E que tal Carlisle e Breuning?

Dudley riu.

— Garoto, você é uma presença muito mais assustadora. Esse serviço é a cara de “Wendell White”, assim como outra designação que consegui há pouco. Uma na qual você ficará interessado.

— Policial — disse Loew —, até agora o caso tem sido do Exley, mas você pode compartilhar a glória. E lhe farei um favor em troca.

— É?

— É. Dick Stensland recebeu indiciamento por seis violações de condicional. Faça isso, e eu retiro essas acusações e o coloco diante

de um juiz indulgente. Ele vai ser sentenciado a no máximo noventa dias.

Bud se levantou.

— Trato feito, Sr. Loew. E obrigado pelo jantar.

Dudley sorriu.

— Até amanhã às 7 horas, garoto. E por que está saindo tão depressa, vai ter um encontro quente?

— É. Com Veronica Lake.

ELA ABRIU A PORTA, toda Veronica: vestido reluzente, madeixa loura sobre um dos olhos.

— Se você tivesse ligado antes, eu não estaria tão ridícula.

Parecia nervosa. A tintura estava saindo: desigual, escura nas raízes.

— Um encontro ruim?

— Um banqueiro de investimentos de quem Pierce quer um favor.

— Você fingiu bem?

— Ele estava tão absorto em si mesmo que nem precisei fingir.

Bud riu.

— Quando você estiver com 30 anos, pode fazer apenas pela emoção.

Lynn riu, ainda nervosa, poderia tocá-lo primeiro, só para ter o que fazer com as mãos.

— Se os homens não tentarem ser Alan Ladd, eles até podem conseguir a verdadeira Lynn Margaret.

— Vale a espera?

— Você sabe que sim, e está se perguntando se Pierce mandou que eu fosse receptiva.

Ele não conseguia pensar numa resposta.

Lynn tocou em seu braço.

— Fico feliz por você ter pensado nisso, e gosto de você. E se você esperar no quarto eu lavo a Veronica e aquele banqueiro.

ELA VEIO NUA, MORENA, o cabelo ainda molhado. Bud forçou-se a ir devagar, demorar-se com os beijos, como se ela fosse uma mulher solitária que ele desejasse amar até a morte. Lynn jogou com o tempo dele: os beijos devolvidos, os toques. Bud continuava pensando que ela estava fingindo — apressou-se para sentir o gosto

dela, para saber.

Lynn gemeu, pôs as mãos dele nos seios, estabeleceu um ritmo para seus dedos. Bud foi atrás, adorou quando ela gemeu e gozou sem parar, gatilho sensível. Verdadeiro — tão verdadeiro, que ele esqueceu de si mesmo; ouviu algo como: “Dentro de mim, por favor, dentro de mim.” Ele se esfregou com força na cama, entrou nela, manteve as mãos nos seios como ela ensinara. Duro dentro dela — deixou-se ir, enquanto as pernas dela pulsavam e os quadris o empurravam acima dos lençóis — em seguida, o rosto dele apertando cabelos úmidos, os braços dos dois entrelaçados com força.

Descansaram, falaram. Lynn comentou sobre seu diário; mil páginas remontando ao ginásio em Bisbee, Arizona. Bud falou sobre o Nite Owl, no trabalho dando porradas de manhã — acertando em alvo parado, serviço que não suportava muito. O olhar de Lynn dizia: “Então largue”; ele não tinha resposta, por isso falou sobre Dudley, da garota estuprada e de coração partido que estava gamada nele, de como esperava uma virada no Nite Owl para que ele pudesse usá-lo para arrebentar o sujeito que tanto odiava. Lynn falou de volta com pequenos toques; Bud contou que por enquanto estava deixando o caso de Kathy de lado, era fácil demais ficar maluco — maluco como o que fizera com Dwight Gilette. Lynn perguntou sobre sua família; ele disse que “não tinha”; repassou seu trabalho fora da lei: Cathcart, o apartamento dele revirado, o sonho de vender pornografia, as Páginas Amarelas de San Berdoo abertas em gráficas, fazendo pensar no pedido de barganha dos irmãos Englekling, depois desfazendo, de volta aos vagabundos de cor que estavam em cana. Sabia que ela estava ciente do que se tratava: ele se sentia frustrado porque não era tão inteligente, não era de fato um detetive da Homicídios — era o cara que eles traziam para fazer outros caras se cagarem de medo. Depois de um tempo, a conversa esvaiu-se — Bud sentiu-se inquieto, puto consigo mesmo por ter falado tanto tão rápido. Lynn pareceu sentir: curvou-se e deixou-o maluco com a boca. Bud acariciou seu cabelo, ainda um pouco úmido, feliz por ela não ter de fingir com ele.

Provas — os pertences das vítimas encontrados perto do Hotel Tevere; localizados o Merc de Coates e as espingardas: verificação da perícia na arma que fazia aquelas marcas estranhas. Nenhum júri de instrução na Terra iria se recusar a declarar homicídio em primeiro grau. O caso Nite Owl estava resolvido.

Ed comeu na mesa da cozinha, escrevendo um relatório: o último resumo para Parker. Inez no quarto, quarto dela agora, ele não conseguiu arrumar coragem para dizer: “Deixe-me dormir com você, veremos como as coisas andam, esperar um pelo outro.” Ela estivera mal-humorada — lendo livros sobre Raymond Dieterling, arranjando coragem para pedir emprego ao sujeito. As notícias sobre as armas não a animaram — mesmo significando que não precisaria prestar testemunho. Provas — seus ferimentos tinham curado, não havia dor física a distraí-la. Ela continuava sentindo tudo acontecer.

O telefone tocou; Ed atendeu. Um clique extra — Inez atendendo no quarto.

— Alô?

— Russ Millard, Ed.

— Capitão, como vai?

— Dos sargentos para cima eu sou Russ, filho.

— Russ, você ouviu falar do carro e das armas? A história do Nite Owl.

— Não exatamente, e foi por isso que liguei. Acabei de falar com um tenente do xerife, meu conhecido, um sujeito do Bureau de Detenções. Ele me disse que ouviu um boato. Dudley Smith vai levar Bud White para arrancar a porradas as confissões dos nossos rapazes. Amanhã de manhã cedo. Eu mandei transferi-los para outro bloco de celas onde eles não poderão pegá-los.

— Jesus Cristo.

— O próprio salvador. Filho, eu tenho um plano. Vamos para lá cedo, falamos das novas provas e tentamos conseguir confissões legítimas. Você banca o sujeito mau, e eu banco o salvador.

Ed ajustou os óculos.

— A que horas?

— Digamos, 7 horas?

— Tudo bem.

— Filho, isso significa transformar Dudley num inimigo.

O telefone do quarto estalou.

— Então que seja. Russ, vejo você amanhã.

— Durma bem, filho. Preciso de você alerta.

Ed desligou. Inez na porta, usando o roupão dele — enorme nela.

— Você não pode fazer isso comigo.

— Você não deveria ouvir a conversa dos outros.

— Eu estava esperando um telefonema da minha irmã. Exley, você não pode.

— Você queria que eles fossem para a câmara de gás; eles vão. Você não queria testemunhar, agora duvido de que precise.

— Quero que eles sintam dor. Quero que sofram.

— Não. Está errado. Esse é um caso que exige justiça absoluta.

Ela riu.

— A justiça absoluta cabe em você exatamente como esse roupão cabe em mim, *pendejo*.

— Você conseguiu o que queria, Inez. Deixe estar e continue com sua vida.

— Que vida? Morando com você? Nunca vamos nos casar, você é tão cheio de deferência comigo que dá vontade de gritar e cada vez que me convenço de que é um cara razoavelmente decente, você faz algo que me obriga a dizer: *Madre mia*, como posso ser tão idiota? E agora me nega isso? *Essa besteirinha?*

Ed segurou o relatório.

— Dúzias de homens ajudaram a montar este caso. Aqueles animais estarão mortos no Natal. *Todos*, Inez. Absolutamente. Não basta?

Ela riu com mais intensidade.

— Não. Dez segundos, e eles dormem. Durante seis horas eles me espancaram, me foderam e enfiaram objetos em mim. Não, não basta.

Ed se levantou.

— Então você vai deixar Bud White estragar nosso caso. Ellis Loew provavelmente arranjou isso, Inez. Ele está pensando numa apresentação sem falhas para o júri de instrução, um julgamento de dois dias com ele estrelando na metade do tempo. Ele vai colocar em risco o que já conseguiu. Seja esperta e reconheça.

— Não, reconheça você que a solução está vindo. Os *negritos* morrem porque é assim que é. Eu sou só uma testemunha de quem ninguém precisa mais, por isso talvez amanhã o policial White dê alguns socos para fazer a minha justiça.

Ed apertou os punhos.

— White é uma desgraça de um policial e um filho da puta escorregadio que abusa das mulheres.

— Não, ele é só um cara que chama pau de pau e pedra de pedra, e não olha para seis lados antes de atravessar a rua.

— Ele é um merda. *Mierda*.

— Então ele é o meu *mierda*. Exley, eu *conheço* você. Você não está nem aí para a justiça, você só se importa consigo mesmo. Você só vai fazer isso amanhã para prejudicar o policial White e só porque está consciente de que ele sabe quem você é. Você me trata como se quisesse me amar, depois não me dá nada, a não ser dinheiro e contatos sociais, coisas que você tem de sobra e das quais não vai sentir falta. Você não se arrisca por mim, e o policial White arrisca a vida *estúpida* dele e não mede as consequências, e quando eu melhorar você vai querer foder comigo e me colocar em algum lugar onde não seja visto em público comigo, o que é nojento para mim, e se não há outro motivo, eu amo o estúpido policial White porque ele pelo menos tem o bom-senso de saber quem você é.

Ed foi até ela.

— E quem eu sou?

— Só um covarde que foge da raia.

Ed ergueu um punho, encolheu-se quando ela se encolheu. Inez tirou o roupão. Ed olhou, olhou para outro lado — para a parede e suas medalhas do exército, emolduradas. Um alvo — ele as jogou para o outro lado da sala. Não foi suficiente. Apontou o punho para uma janela, recuou, em vez disso deu o soco nas cortinas macias e almofadas.

Jack acordou vendo sacanagem.

Karen em fotos de orgia — Veronica Lake fazendo amor com ela. Sangue: fotos de foda como fotos de legista, mulheres lindas encharcadas de sangue. A primeira imagem real que ele viu foi o amanhecer — e depois o carro de Bud White estacionado perto do apartamento de Lynn Bracken.

Lábios rachados, dor nos ossos da cabeça aos pés. Engoliu as últimas bolas, trouxe de volta seus últimos pensamentos antes de ter apagado.

Nada nos dossiês, Patchett e Bracken suas únicas pistas para Hudgens. Patchett tinha serviçais morando na casa. Bracken morava sozinha — ele iria abordá-la quando White deixasse sua cama.

Jack imaginou um relatório da vigilância — mentiras para engambelar Dudley Smith. Uma porta bateu — som parecendo de tiro. Bud White foi até o carro dele.

Jack se empertigou no banco. O carro se afastou, segundos, outro tiro/porta batendo. Rápida olhada: Lynn Bracken saindo.

Até o carro dela, em direção a Los Feliz, para o leste. Jack foi atrás: pista da direita, mantendo-se recuado. Tráfego esparsos no início da manhã: parece que a mulher está distraída demais para vê-lo.

Para o leste, entrando na Glendale. Norte na Brand, encostou no meio-fio diante de um banco. Jack virou a esquina, procurando um ponto de observação — a loja da esquina, uma mercearia, caixas de leite empilhadas junto à porta.

Agachou-se, olhou a calçada. Lynn B. estava falando com um homem: sujeito baixinho, nervoso e trêmulo. Ele abriu o banco e empurrou-a para dentro; um Ford e um Dodge estavam parados mais adiante — não havia como ver os números das placas. Lamar Hinton saiu carregando caixas.

Dossiês, dossiês, dossiês — tinha de ser.

Bracken e o cara do banco carregavam caixas: uma corrida até o Dodge e o Packard de Lynn. O cara fechou o banco, ligou o Ford e fez um retorno em direção ao sul; Hinton e Bracken formaram uma fila — indo para o norte em carros separados.

Segundos fizeram tique tique tique — Jack contou até dez, foi atrás.

Alcançou-os a 1,5 quilômetro dali — costurando, chegando perto, deixando-se ficar para trás —, pela Glendale em direção ao Centro, para o norte, para as montanhas. O tráfego diminuiu; Jack encontrou um ponto de observação: uma vista clara da estrada que subia. Parou, observou: os carros continuaram subindo, pegaram uma bifurcação, desapareceram.

Seguiu a rota deles até uma área de acampamento, mesas de piquenique, churrasqueiras. Dois carros atrás de uma fileira de pinheiros; Bracken e Hinton carregando caixas — o Sr. Músculos com uma lata de gasolina pendurada.

Jack escondeu seu carro, aproximou-se por trás de alguns arbustos. Bracken e Hinton soltaram a carga: papel numa grande churrasqueira. Deram-lhe as costas; Jack correu, agachado.

Eles voltaram, outra carga: Bracken com um isqueiro, os braços de Hinton cheios. Jack se levantou, chutou, usou o revólver para bater — os bagos, esquerda/direita/esquerda na cara. Hinton caiu largando papel; Jack quebrou os braços dele — joelhos nos cotovelos, puxões nos pulsos.

Hinton ficou branco — chegando o choque.

Bracken estava segurando a lata de gasolina e um isqueiro.

Jack ficou na frente da churrasqueira, o 38 apontado.

Impasse.

Lynn segurou a lata, a tampa frouxa, soltando vapores. Flique — uma chama no isqueiro — Jack apontou — direto na cara dela.

Impasse.

Hinton tentou se arrastar. A mão de Jack com a arma começou a tremer.

— Sid Hudgens, Patchett e Fleur-de-Lis. Sou eu ou Bud White, e eu posso ser comprado.

Lynn apagou a chama, baixou a gasolina.

— E quanto a Lamar?

Hinton: pateando na terra, cusbindo sangue, Jack baixou a arma.

— Ele vai sobreviver. E ele atirou em mim, de modo que estamos quites.

— Ele não atirou em você. Pierce... eu simplesmente sei que ele não atirou.

— Então quem foi?

— Não sei. Verdade. E Pierce e eu não temos ideia de quem matou Hudgens. Só ficamos sabendo pelos jornais de ontem.

A churrasqueira — dossiês no carvão.

— É a merda particular de Hudgens, não é?

— É.

— É e vá em frente.

— Não, vamos falar do seu preço. Lamar contou a Pierce sobre você, e Pierce achou que você era aquele policial que sempre aparece nas publicações sensacionalistas. Então, como você disse, você pode ser comprado. Agora, por quanto?

— O que eu quero está nesses dossiês.

— E o que você...

— Eu sei de você e das outras garotas que Patchett administra. Sei tudo sobre o Fleur-de-Lis e a merda que Patchett vende, inclusive as revistas de sacanagem.

Nenhuma hesitação — a mulher mostrou um rosto de pedra.

— Algumas revistas de sacanagem de vocês têm fotos retocadas com tinta. Vermelha, como sangue. Eu vi fotos do corpo de Hudgens. Ele foi cortado para parecer aquelas fotos.

O rosto de pedra foi mantido.

— Então agora você vai me perguntar sobre Pierce e Hudgens.

— É, e quem retocou as fotos nas revistas.

Lynn balançou a cabeça.

— Não sei quem fez as revistas, Pierce também não. Ele comprou em atacado, de um mexicano rico.

— Acho que não acredito em você.

— Não me importo. Você quer dinheiro também?

— Não, e estou apostando que quem produziu aquelas revistas matou Hudgens.

— Talvez alguém excitado com as fotos o tenha matado. Você se importa? Por que será que estou apostando que Hudgens tinha sujeiras a seu respeito e que é isso que está por trás de todo esse negócio?

— Garota esperta. E eu aposto que Patchett e Hudgens não jogavam golfe ou...

Lynn o interrompeu.

— Pierce e Sid estavam planejando um negócio juntos. Não vou dizer nada além.

Extorsão — tinha de ser.

— E aqueles dossiês eram para isso?

— Sem comentário. Eu não olhei os dossiês, e vamos manter isso como está e garantir que ninguém saia machucado.

— Então conte o que aconteceu no banco.

Lynn observou Hinton tentando se arrastar.

— Pierce sabia que Sid mantinha seus dossiês pessoais em cofres naquela agência do Bank of America. Depois de termos lido sobre o assassinato, Pierce achou que a polícia localizaria os dossiês. Você vê, Sid tinha dossiês sobre os negócios de Pierce — negócios que policiais legítimos desaprovavam. Pierce subornou o gerente para deixar que nós pegássemos o material. E aqui estamos.

Jack sentiu cheiro de papel, de carvão.

— Você e Bud White.

Lynn fechou os punhos, apertou-os contra as pernas.

— Ele não tem nada a ver com isso.

— Conte assim mesmo.

— Por quê?

— Porque não visualizo vocês dois como o tema mais quente de 1953.

Um sorriso vindo do fundo de lugar nenhum — Jack quase sorriu de volta.

— Nós vamos fazer um acordo, não vamos? — disse Lynn. — Uma trégua?

— Sim, um pacto de não agressão.

— Então que isso faça parte dele. Bud procurou Pierce, investigando o assassinato de uma garota chamada Kathy Janeway. Ele conseguiu o nome de Pierce e o meu com um sujeito conhecido da garota. Claro que nós não a matamos, e Pierce não queria um policial por perto. Ele me disse para ser boazinha com Bud... E agora estou começando a gostar dele. E não quero que você conte nada a ele. *Por favor.*

Ela até implorava com classe.

— Trato feito, e você pode dizer a Patchett que o promotor acha que o caso Hudgens vai dar em nada. Está sendo colocado em fogo brando, e se eu achar o que quero naquela pilha, o dia de hoje não aconteceu.

Lynn sorriu — dessa vez ele sorriu de volta.

— Vá cuidar do Hinton.

Ela foi até ele. Jack mergulhou nas pastas, encontrou etiquetas, continuou cavando. Passando pelos Ts, olhando os Vs, pronto. “Vincennes, John.”

Relatos de testemunhas oculares: gente honesta que estava na praia aquela noite. Gente boa que o viu apagar o Sr. e a Sra. Harold J. Scoggins, gente boa que contou a Sid em troca de grana, gente boa que não contou às “autoridades” por medo de “se envolver”. Os resultados do exame de sangue que Sid subornou o médico para suprimir: o Grande V atulhado de maconha, benzedrina, álcool. Sua própria declaração enquanto estava dopado na ambulância: confissões de uma dúzia de extorsões. Prova conclusiva: Jack V. tinha apagado dois cidadãos inocentes do lado de fora do Malibu Rendez-vous.

— Coloquei Lamar de volta no meu carro. Vou levá-lo a um hospital.

Jack se virou.

— Isso é bom demais para ser verdade. Patchett tem cópias, certo?

Aquele sorriso de novo.

— Sim, para o trato dele com Hudgens. Sid deu cópias de cada dossiê, menos dos que ele tinha sobre o próprio Pierce, que queria as cópias como sua apólice de seguro. Tenho certeza de que ele não confiava em Sid, e como temos todos os dossiês de Hudgens aqui, estou certa de que os de Pierce estão aí.

— É, e vocês têm uma cópia do meu.

— Sim, Sr. Vincennes. Temos.

Jack tentou imitar aquele sorriso.

— Tudo o que sei sobre você, Patchett, os negócios dele e de Sid Hudgens vão para um depoimento, cópias *múltiplas* para *múltiplos* cofres de banco. Se algo acontecer comigo ou com gente minha, eles vão para o DPLA, para o promotor e o *Los Angeles Mirror*.

— Estamos empatados, então. Você quer acender o fósforo?

Jack fez uma reverência. Lynn jogou os dossiês, os incendiou. Papel chiou, virou bolas de fogo — Jack olhou até os olhos arderem.

— Vá para casa e durma, sargento. Está com uma aparência terrível.

NÃO PARA A CASA DELE — para a de Karen.

Dirigiu até tonto, ligado. Começou a sentir necessidade de fechar para balanço: dívidas ruins se resolviam de modo ruim, começar do zero. Teve a ideia como tivera a ideia de arrochar Claude Dineen. Não disse as palavras, não ensaiou. Ligou o rádio para manter a ideia viva.

Um anunciante em voz séria:

“...e agora o lado sul de Los Angeles é o foco da maior caçada humana na história da Califórnia. Repetimos: há uma hora e meia, logo depois do alvorecer, Raymond Coates, Tyrone Jones e Leroy Fontaine, acusados de serem os assassinos no massacre do Nite Owl, escaparam da carceragem do Palácio da Justiça, no centro de Los Angeles. Os três tinham sido removidos para um bloco de celas com segurança mínima, a fim de esperarem um novo interrogatório, e escaparam usando lençóis amarrados para descer de uma janela no segundo andar. Aqui, gravados logo depois da fuga, estão os comentários do capitão Russell Millard, do Departamento de Polícia de Los Angeles, cossupervisor da investigação do caso Nite Owl.”

“... Eu... assumo toda a responsabilidade por este incidente. Fui eu quem ordenou que os três suspeitos fossem postos numa unidade de segurança mínima. Eu... todos os esforços serão feitos para recapturá-los com toda a presteza. Eu...”

Jack desligou o rádio. Encerramento: a carreira do zeloso Russ Millard. Chamada: todo o Bureau arrancado da cama para a batida policial. Bocejou o restante do caminho até a casa de Karen, tocou a campainha vendo tudo em duplicata.

Karen abriu.

— Doçura, *onde você tem andado?*

Jack segurou algumas madeixas do cabelo dela.

— Quer casar comigo?

— Quero.

Ed, parado na esquina da 1.^a com Olive. A espingarda do pai como apoio, uma repassada em sua intuição.

Sugar Ray Coates: “Roland Navarette, mora em Bunker Hill. Tem um esconderijo para gente que viola condicional.”

Dica sussurrada: os alto-falantes não captaram, é improvável que Coates se lembrasse de ter dito isso. Departamento de Identificação, a foto de Navarette, o endereço: uma casa de cômodos na metade da Olive, a 800 metros da carceragem do Palácio da Justiça. Uma fuga ao alvorecer — não poderiam chegar a Darktown sem ser vistos. Imaginar que os quatro estejam armados.

Apavorado — como Guadalcanal em 1943.

Fora da lei — ele não informara sobre a pista.

Ed foi até a metade do quarteirão. Uma casa vitoriana, de madeira: quatro andares, tinta descascando. Subiu a escada da frente, verificou as caixas de correio: R. Navarette, 408.

O paletó encobrindo a espingarda. Um corredor comprido, elevador com frente de vidro, escada. Subir aquela escada. Não conseguia sentir os próprios passos. Patamar do quarto andar — ninguém à vista. Até o 408, largar o paletó. Inez gritando fizera com que ele tomasse coragem — chutou a porta.

Quatro homens comendo sanduíche.

Jones e Navarette à mesa. Fontaine no chão. Sugar Coates perto da janela, palitando os dentes.

Sem armas à vista. Ninguém se mexeu.

Sons estranhos — “Vocês estão presos” soando estrangulado. Jones levantou as mãos. Navarette levantou as mãos. Fontaine cruzou as mãos atrás da cabeça.

— O gato comeu sua língua, mulherzinha? — perguntou Sugar Ray.

Ed apertou o gatilho: uma vez, duas — os balaços arrancaram as

pernas de Coates. Coice — Ed se apoiou no portal, apontou. Fontaine e Navarette se levantaram gritando; Ed APERTOU o gatilho, arrebentou-os disparando em leque. Coice, bem forte: metade da parede de trás desmoronou.

Sangue espirrou grosso — Ed tropeçou, enxugou os olhos. Viu Jones chegar ao elevador.

Correu atrás dele: escorregou, tropeçou, chegou. Jones estava apertando botões, gritando orações — a centímetros do vidro, “Por favor, Jesus”. Ed apontou à queima-roupa, apertou duas vezes. Vidro e balas arrancaram a cabeça dele.

Pernas fortes agora, uma porrada de gritos de civis ao redor.

Ed desceu a escada correndo, encontrou uma multidão: policiais uniformizados, à paisana. Mãos bateram nas suas costas; homens gritaram seu nome. Uma voz perto:

— Millard está morto. Ataque cardíaco no Bureau.

Chuva no funeral. Um serviço religioso à beira do túmulo: o discurso fúnebre feito por Dudley Smith, as últimas palavras de um pastor.

Todos os homens do Bureau compareceram: ordens de Thad Green. Parker convocou a imprensa: uma pequena cerimônia depois de enterrarem Russ Millard. Bud observou Ed Exley consolando a viúva — seu melhor perfil para as câmeras.

Uma semana de câmeras, manchetes: Ed Exley, “O maior herói de Los Angeles” — o grande corajoso da Segunda Guerra Mundial, o homem que trucidou os responsáveis pela chacina do Nite Owl e seu cúmplice. Ellis Loew disse à imprensa que os três haviam confessado antes de fugir — ninguém mencionou que os negros estavam desarmados. Ed Exley estava feito.

O discurso do pastor ganhou energia. A viúva começou a chorar — Exley passou um braço pelo ombro dela. Bud se afastou.

Raios, mais chuva — Bud se enfiou na capela. A festa de Parker estava preparada: tablado, cadeiras, uma mesa com sanduíches. Mais raios — Bud olhou pela janela, viu o caixão baixar à terra. Das cinzas às porras das cinzas — Stens pegou seis meses, os mexericos tomavam Exley e Inez um item tórrido: mate quatro negros, ganhe a garota.

Os acompanhantes do enterro começaram a se movimentar — Ellis Loew escorregou, caiu de bunda. Bud se ligou nas coisas boas: Lynn, a Delegacia de West Valley cuidando do assassinato de Kathy. Por enquanto deixe a merda ruim de lado.

Na capela: capas e guarda-chuvas largados, uma corrida em busca de lugares. Parker e Exley ficaram de pé junto ao tablado. Bud se esparramou numa cadeira ao fundo.

Repórteres, blocos de anotação. Nas cadeiras da primeira fila: Loew, a viúva Millard, Preston Exley — notícias quentes para o

Dream-a-Dreamland.

— Esta é uma ocasião triste — falou Parker ao microfone —, uma ocasião de luto. Nós pranteamos um homem gentil e bom e um policial dedicado. Lamentamos sua partida. A perda do capitão Russell A. Millard é a perda da Sra. Millard, da família Millard e de todos nós que estamos aqui. Será difícil de suportar, mas nós suportaremos. Há uma passagem da qual me recordo de algum ponto nos anais da literatura. Essa passagem é: “Se não houvesse Deus, como eu poderia ser um capitão?” Deus é quem nos ajudará a atravessar o sofrimento e a perda. O Deus que permitiu a Russ Millard se tornar capitão, seu capitão — disse ele.

Parker pegou um pequeno estojo de veludo.

— E a vida continua através de nossas perdas. A perda de um policial esplêndido coincide com a emergência de outro. Edmund J. Exley, sargento-detetive, construiu uma ficha brilhante em seus dez anos no Departamento de Polícia de Los Angeles, três desses dedicados a serviço do Exército dos Estados Unidos. Ed Exley recebeu a Cruz do Mérito em Serviço por sua coragem no Teatro do Pacífico, e na semana passada demonstrou espetacular bravura no cumprimento do dever. É um privilégio entregar a ele a maior honraria que este Departamento de Polícia pode outorgar: nossa Medalha do Valor.

Exley deu um passo adiante. Parker abriu o estojo, pegou um medalhão de ouro pendurado numa fita de cetim azul e colocou ao redor do pescoço dele. Os dois se apertaram as mãos — Exley estava com lágrimas nos olhos. Flashes espocaram, repórteres rabiscaram, nenhum aplauso. Parker bateu de leve no microfone.

— A Medalha do Valor é uma elevadíssima expressão de estima, mas não tem aplicações práticas no dia a dia. Deixando de lado as ramificações espirituais, ela não recompensa o ganhador com o desafio de trabalho policial bom e duro. Hoje vou utilizar uma prerrogativa de chefe raramente usada e recompensar Ed Exley com *trabalho*. Estou promovendo-o dois níveis acima, a capitão, e designando-o comandante itinerante do Departamento de Polícia de Los Angeles, cargo anteriormente ocupado por nosso muito amado colega Russ Millard.

Preston Exley se levantou. Os civis se levantaram; os homens do Bureau ficaram na deles — Thad Green mostrou-lhes dois polegares. Aplausos esparsos, sem ânimo. Ed Exley ficou de pé empertigadíssimo; Bud continuou esparramado na cadeira. Pegou o

revólver, beijou-o, soprou fumaça de mentira do cano.

Um casamento de gala ao ar livre, serviço presbiteriano — o velho Morrow se encarregou de tudo e marcou a data — 19 de junho de 1953: o Grande V entra na força.

Miller Stanton de padrinho; Joanie Loew — encharcada de ponche de champanha — dama de honra. Dudley Smith o ponto alto da recepção — histórias, canções gaélicas. Parker e Green vieram a pedido de Ellis Loew; o garoto capitão Ed Exley apareceu. O círculo social dos Morrow completava a lista de convidados — inchando o gigantesco pátio dos fundos do velho Welton até quase explodir.

Votos de casamento para o fechamento dos seus negócios. Dívidas ruins resolvidas de modo bom: novos dias no calendário, seu “depoimento apólice de seguros” guardado em 14 cofres de diferentes bancos. Votos assustadores: ele se obrigou a subir ao altar.

Parker enterrou o assassinato de Hudgens. Bracken e Patchett estavam no empate. Dudley cancelou sua vigilância a White, engoliu seus relatórios fajutos: nada de Lynn, White percorrendo bares à noite. Vigiou a casa de Lynn durante dois dias, parecia que ela tinha algo com Bud — que sempre foi um escroto.

Como ele.

O pastor disse as palavras; eles disseram as palavras; Jack beijou a noiva. Abraços, tapas nas costas — gente desejando boa sorte afastou um do outro. Parker demonstrou algum calor; Ed Exley trabalhava a multidão, nem sinal de sua garota mexicana. Apelidos agora: Ed Espingarda, Ed do gatilho. Maior herói de Los Angeles, sorrisos no casamento de um policial arrecadador de grana para caixinha.

Jack encontrou um lugar acima da piscina — uma pequena elevação com vista para a festa. Duas pessoas destacavam-se: Karen,

Exley. Dê-lhe crédito: ele aproveitou a oportunidade, fez o departamento parecer ousado. Ele mesmo não teria estômago — ou fúria — para isso.

Exley. White. Ele próprio.

Jack numerou segredos: o dele, o que quer que vivesse naquela fronteira em que a pornografia tocava um defunto colecionador de escândalos e roçava de leve o Massacre do Nite Owl. Pensou em Bud White, Ed Exley. Fez uma oração de dia de casamento: o Nite Owl morto e enterrado, passagem segura para homens implacáveis apaixonados.

Calendário

1954

EXCERTO: *Los Angeles Herald-Express*, 16 de junho:

EX-POLICIAL PRESO POR SÉRIE DE ROUBOS COM ASSASSINATOS

Richard Alex Stensland, 40 anos, ex-detetive de polícia de Los Angeles e réu do escândalo policial do Natal Sangrento de 1951, foi preso no início desta manhã, acusado de seis assaltos à mão armada e dois assassinatos em primeiro grau. Foram presos com ele, em seu esconderijo em Pacoima, Dennis Burns, o “Fuinha”, 43 anos, e Lester John Miciak, 37 anos. Os outros homens foram acusados de quatro assaltos à mão armada e dois assassinatos em primeiro grau.

A batida policial foi liderada pelo capitão Edmund J. Exley, comandante itinerante do Departamento de Polícia de Los Angeles, atualmente encarregado de chefiar a Divisão de Roubos do DPLA. Auxiliando o capitão Exley estavam os sargentos Duane Fisk e Donald Kleckner. Exley, cujo testemunho no escândalo do Natal Sangrento mandou Stensland para a cadeia em 1952, disse aos repórteres: “Testemunhas identificaram fotos dos três homens. Temos provas conclusivas de que esses homens foram responsáveis por roubos em seis lojas de bebidas em Los Angeles, inclusive a Sol’s Liquors, no Distrito de Silverlake, em 9 de junho. O proprietário daquela loja e seu filho foram assassinados a tiros durante o assalto, e testemunhas colocam Stensland e Burns na cena do crime. O interrogatório intensivo dos suspeitos será iniciado logo, e esperamos resolver muitos outros roubos que até hoje estão sem solução.”

Stensland, Burns e Miciak não ofereceram resistência durante a prisão. Foram levados à carceragem do Palácio de Justiça, onde Stensland foi impedido de atacar o capitão

Exley.

MANCHETE: *Los Angeles Mirror-News*, 21 de junho:

**STENSLAND CONFESSA, DESCREVE REINO DE
TERROR E ASSALTOS**

MANCHETE: *Los Angeles Herald-Express*, 23 de setembro:

**ASSASSINOS DA LOJA DE BEBIDAS CONDENADOS:
PENA DE MORTE PARA EX-POLICIAL**

EXCERTO: *Los Angeles Times*, 11 de novembro:

**STENSLAND MORRE PELOS HOMICÍDIOS DA LOJA
DE BEBIDAS — O ASSASSINO ERA EX-POLICIAL**

Às 10h30 da manhã de ontem, Richard Stensland, 41 anos, ex-policia de Los Angeles, morreu na câmara de gás da Prisão de San Quentin pelos assassinatos de Solomon e David Abramowitz, em 9 de junho. As mortes aconteceram durante um assalto a uma loja de bebidas. Stensland foi condenado e sentenciado em 22 de setembro e se recusou a apelar da sentença.

A execução ocorreu de modo tranquilo, ainda que Stensland parecesse ébrio. Presentes junto à imprensa e policiais da prisão estavam dois detetives do DPLA: o capitão Edmund J. Exley, responsável pela captura de Stensland, e o policial Wendell White, ex-parceiro do assassino condenado. O policial White visitou Stensland em sua cela no corredor da morte na véspera da execução e passou a noite com ele. O guarda assistente B. D. Terwilliger negou que o policial White tenha fornecido álcool a Stensland e que White tenha assistido à execução bêbado. Stensland agrediu verbalmente o capelão da prisão, que estava presente, e suas últimas palavras foram obscenidades dirigidas ao capitão Exley.

Calendário

1955

Revista *Hush-Hush*, exemplar de maio de 1955:

QUEM MATOU SID HUDGENS?

A justiça na Cidade dos Anjos Decaídos nos lembra de uma frase daquele sensacional show negro *Porgy and Bess*. Como “um homem”, essa é “uma coisa antiga”. Por exemplo: se você for um contribuinte com boas conexões com a caixinha do pérfido promotor Ellis Loew e você for assassinado — cuidado, assassino!!! —, o chefe de polícia de Los Angeles, William H. Parker, não poupará esforços para descobrir o bandido que o colocou no trem noturno para o Grande *Adiós*. Mas se você for um jornalista corajoso que escreve para esta revista e for fatiado até virar ração de cachorro na própria sala — regozije-se, assassino!!! —, o chefe Parker e seus mongoloides moralistas misantropos irão sentar-se sobre as mãos (gastas de contar dinheiro de subornos) e assobiar “a justiça é uma coisa antiga”, enquanto o assassino assobia a valsa da liberdade.

Já se vão dois anos desde que Sid Hudgens foi cruelmente trucidado em sua sala de estar em Chapman Park. Há dois anos o DPLA tem as mãos (pegajosas, atulhadas de suborno) cheias com o infame caso dos assassinatos no Nite Owl, resolvido quando um de seus membros fez justiça com as próprias mãos (insuplantavelmente ambiciosas, oportunistas) e atirou nos atiradores mandando-os para o Grande *Au Revoir*. O assassinato de Sid Hudgens foi entregue a dois detetives bajuladores com um total de zero caso de homicídio resolvido. Claro que não encontraram o assassino ou os assassinos; passaram a maior parte dos dias aqui na redação da *Hush-Hush* lendo números antigos em busca de pistas, tomando café com bolinhos e de olho nas graciosas

assistentes editoriais que ocorrem em bando à *Hush-Hush*, porque nós sabemos onde estão enterrados os corpos...

Nós da *Hush-Hush* medimos a pulsação da Cidade dos Anjos Decaídos e *investigamos* por conta própria a morte de Sid. Não chegamos a lugar algum e fazemos ao Departamento de Polícia de Los Angeles as seguintes perguntas:

O apartamento de Sid foi saqueado. O que aconteceu com os dossiês ultrassecretos que Sid supostamente guardava — fofocas escaldantes demais até para nós mesmos publicarmos?

Por que o promotor Ellis Loew, eleito em grande parte graças à força de um artigo da *Hush-Hush* expondo os pecadilhos de seu então opositor, coçou as nossas costas em troca e usou seu empenho legal para que o assassinato de Sid fosse deixado de lado?

O célebre policial John “Jack” Vincennes, o famoso Grande V, flagelo das drogas, era amigo íntimo de Sid e foi responsável por muitas das revelações do jornalista sobre a ameaça dos narcóticos. Por que Jack (altamente ligado a Ellis Loew — *nós* não mencionaremos a expressão “coletor para a caixinha”, mas sentimo-nos livres para *pensar* nela) não investigou o assassinato por conta própria, por amizade ao seu amado amigo Sid?

Questões irrespondíveis por enquanto — a não ser que você, leitor, levante a voz. Procure se inteirar nos próximos números — e lembre-se, caro leitor, de que você ouviu primeiro aqui: *Hush-Hush*, extraoficialmente e na moita.

Revista *Hush-Hush*, exemplar de dezembro de 1955:

VIGILANTES DA JUSTIÇA: CUIDADO COM A COMBINAÇÃO LOEW/VINCENNES!!!

Nós já pisamos demais em ovos, caro leitor. Em nosso exemplar de maio, marcamos o segundo aniversário do abominável assassinato do grande redator da *Hush-Hush*, Sid Hudgens. Lamentamos o fato de essa morte continuar sem solução, cutucamos gentilmente o Departamento de Polícia de Los Angeles, o promotor Ellis Loew e seu cunhado, o

sargento Jack Vincennes do DPLA, para que fizessem algo a respeito, formulamos algumas perguntas pertinentes e não obtivemos resposta. Sete meses se passaram sem que a justiça fosse feita, de modo que aqui vão mais algumas perguntas:

Onde estão os ultracintilantes e sensacionais arquivos secretos — dossiês quentes demais para serem publicados até mesmo pela escaldante *Hush-Hush*?

Será que o promotor Loew cerceou a investigação do assassinato de Hudgens porque o valoroso Sid publicou uma denúncia contra o produtor/diretor de *Badge of Honor*, Max Peltz, e sua atração por meninas adolescentes, e Peltz contribuiu (com valores de cinco dígitos) para a campanha de Loew à Promotoria em 1953?

Será que Loew ignorou nossos pedidos de justiça porque está ocupado demais trabalhando em sua campanha de reeleição para 1957? Será que Jack “não mencionaremos a expressão ‘coletor para a caixinha’” Vincennes está de novo arrochando celebridades de Hollywood em troca de colaborações para o cunhado Ellis e com isso se torna incapaz de investigar a morte de Sid?

Mais sobre o Grande V:

Será que Vincennes, o supremo combatente às drogas, está desfrutando da esposa mais nova e rica, que o persuadiu a deixar sua amada Divisão de Narcóticos, mas agora se aborrece com o trabalho no perigoso Destacamento de Vigilância do DPLA????

Combustível para o pensamento, caro leitor — e uma cutucada suave pedindo justiça ainda que tardia. A busca de justiça para Sid Hudgens continua. Lembre-se, caro leitor, você ouviu primeiro aqui: *Hush-Hush*, extraoficialmente e na moita.

Calendário

1956

Exemplar “Vigilância contra o crime”

Revista *Hush-Hush*, número de outubro de 1956:

**SECA NA GANGUELÂNDIA ENQUANTO SE
APROXIMA A CONDICIONAL DE COHEN: SERÁ
QUE A FARTURA SE SEGUIRÁ À FOME COM A
VOLTA DE MICKEY?**

Você, caro leitor, provavelmente não percebeu, pois é um cidadão cumpridor das leis que conta com a *Hush-Hush* para mantê-lo em dia com o lado obscuro e sensacional da vida. Esta publicação tem sido acusada de cínica, mas também somos sinceros no desejo de informá-lo sobre os perigos do crime, organizado ou não, e é por isso que este periódico oferece regularmente um exemplar chamado “Vigilância contra o crime”. Este mês oferecemos um *pot-pourri* passavelmente palpável centrado na maliciosa atividade ou falta de atividade da máfia de Los Angeles, concentrado no atualmente encarcerado Meyer Harris Cohen, 43 anos, também conhecido como o misantropo Mickeyzinho, o inimitável Mickey C.

Mick repousa na penitenciária federal da ilha McNeil desde novembro de 1951 e deve ser solto sob condicional em algum momento do próximo ano, certamente no fim de 1957. Todos vocês conhecem a reputação de Mickey: ele é o agitado cavalheirozinho que governou o submundo de Los Angeles de meados de 1945 até 1951, até que o Tio Sam o pegou por evasão fiscal. Ele é um ganhador de manchetes, é um figurão, vamos ser honestos: ele é admirável. E está na McNeil, congelando os bagos na suposta cela de pelúcia, com seu buldogue de estimação Mickey Cohen Jr., mantendo os pezinhos quentes, e com seu contador, Davey Goldman,

também condenado por fraude fiscal, numa cela ao lado. A atividade da Ganguelândia em Los Angeles tem — desfrutado, *sofrido* — uma estranha calma desde que Mickey levou seus pijamas para o Caixa-Prego, e nós da *Hush-Hush*, a partir de muitas fontes anônimas, temos uma teoria quanto ao que está acontecendo. Ouça atentamente, caro leitor: extraoficialmente e muito na moita.

Novembro de 1951: *adiós*, Mickey, leve uma escova de dentes e não se esqueça de escrever. Antes de pegar o Expresso da Ilha McNeil, Mickeyzinho informa ao seu segundo em comando, Morris Jahelka, que ele (Mo) permanecerá como chefe titular do Reino Cohen, que Mickey dividiu como “empréstimo de longo prazo” entre vários empresários legítimos, não criminosos, em quem ele confia, para ser discretamente administrado por capangas de fora da cidade numa base drasticamente reduzida. Mickey pode parecer um bufão maligno, mas o menininho da Sra. Cohen tem a cabeça no lugar.

Está acompanhando nosso comprimento de onda até aqui, caro leitor? Sim? Bom, agora ouça ainda com mais atenção.

Mickey continua languidamente em sua cela, levando a vida da prisão, e o tempo passa. Mick recebe percentagens de seus “franqueados”, mandadas diretamente para bancos suíços, e quando for solto sob condicional receberá os “pagamentos de devolução” e terá o Reino Cohen devolvido numa bandeja. Irá reconstruir seu império do mal, e os dias felizes estarão de volta.

Tão grande é o poder do ubíquo Mickey C., que há vários anos nenhum gângster em ascensão tenta tomar conta de seus negócios mantidos em calma, na *siesta*. Mas Jack Whalen, o Executor, conhecido jogador/homem violento, de algum modo conhece o plano de Mickey de deixar os cães adormecidos roncarem enquanto é mantido de molho e a polícia gira agradecidamente os polegares, sem ter ninhós da máfia para serem invadidos. Whalen não ataca o diminuído Reino Cohen — simplesmente monta um reino rival, estritamente de apostas, sem medo de represálias.

Enquanto isso, o que aconteceu com alguns dos principais capangas do Mickeyzinho? Bom, Mo Jahelka mantém livros em triplicata com a contabilidade dos franqueadores, às dos

números como é; enquanto Davey Goldman, preso com o chefe, passeia com Mickey Cohen Jr. no pátio da prisão McNeil. Abe Teitlebaum, principal capanga de Cohen, é dono de uma delicatessen que serve sanduíches gordurosos com nomes de comediantes do Borscht Belt e Lee Vachss, o Sr. Fura-Gelo, vende remédios patenteados. O nosso misantropo predileto a serviço de Mickey, Johnny Stompanato (algumas vezes conhecido como “Oscar” por conta de seu apêndice do tamanho do troféu da Academia), tem um caso tórrido e longo com Lana Turner e pode ter voltado ao antigo modo de vida pré-Cohen: cometendo extorsão e chantagem. Presumindo que Whalen e Mickey não entrem em choque após a libertação de Mick, os fatos vão nos conformes. Amizade na Ganguelândia?

Talvez não.

Item: em agosto de 1954, John Fisher Diskant, suposto franqueado de Cohen, foi morto a tiros diante de um motel em Culver City. Nenhum suspeito, nenhuma prisão, situação atual: o caso repousa no arquivo aberto do Departamento de Polícia de Culver City.

Item: maio de 1955: dois supostos chefes da prostituição, ambos franqueados de Cohen — Nathan Janklow e George Palevsky — são mortos a tiros diante da Torch Song Tavern em Riverside. Sem suspeitos, sem prisões, situação atual: o xerife de Riverside diz que o caso foi fechado por falta de provas.

Item: julho de 1956: Walker Ted Turow, conhecido traficante de drogas que recentemente declarara seu desejo de “vender pó branco em grandes quantidades e se tornar um chefe da área”, é encontrado morto a tiros em casa, em San Pedro. Você já adivinhou: sem pistas, sem suspeitos, sem prisões, situação atual com a Delegacia de Harbor do DPLA: arquivo aberto, não estamos prendendo o fôlego.

Agora, vejam bem, crianças: todos esses quatro fulanos, ligados ou supostamente ligados a gangues, foram mortos por grupos de três pistoleiros. Os casos mal foram investigados, porque as respectivas agências investigadoras consideraram as vítimas sem importância, gente cuja morte não merecia justiça. Gostaríamos de poder dizer que os relatórios de balística indicam que as mesmas armas foram usadas nos três

assassinatos, mas não foram — ainda que o *modus operandi* dos assassinos tenha sido com pistolas 30-30 em todas as três vezes. E nós da *Hush-Hush* sabemos que não foi realizado qualquer esforço entre as agências para pegar os assassinos. Na verdade, nós da *Hush-Hush* somos os primeiros a ligar os crimes em teoria. Tsk, tsk. Nós sabemos que Jack Whalen e seus principais protegidos têm álbis tão fortes quanto pinças de caranguejo e que Mickey C. Cohen e Davey G. foram interrogados e não fazem ideia de quem são os bandidos. Intrigante, certo, caro leitor? Até agora, nenhum movimento direto foi feito para tomar conta do Reino Cohen durante a *siesta*, mas soubemos que o capanga de Mickey, Morris Jahelka, fez as malas e se mudou para a Flórida, morrendo de medo...

E logo o Mickeyzinho receberá condicional. O que acontecerá então?????

Lembre-se, caro leitor, você viu primeiro aqui: *Hush-Hush*, extraoficialmente e muito na moita.

Calendário

1957

RELATÓRIO CONFIDENCIAL DO DPLA:

Compilado pela Divisão de Assuntos Internos, datado de
10/2/1957.

Investigador: sargento D. W. Fisk, distintivo 6.129, DAI.
Realizado a pedido do chefe interino Thad Green, chefe de
detetives.

Assunto: White, Wendell A., Divisão de Homicídios.

Senhor:

Quando iniciou esta investigação o senhor declarou espanto com o fato de o policial White ter passado na prova para sargento com altas notas depois de duas tentativas fracassadas e nove anos no Bureau, especialmente à luz da recente promoção a capitão do tenente Dudley Smith. Investiguei profundamente o policial White e encontrei muitos itens contraditórios que devem interessar-lhe. Como o senhor já tem acesso ao registro de prisões e à ficha pessoal do policial White, vou me concentrar apenas nesses itens.

1. White, solteiro e sem família próxima, está intimamente envolvido nos últimos anos, em base esporádica, com Lynn Margaret Bracken, 33 anos. Corre o boato (não confirmado por registros policiais) de que esta mulher, dona da Veronica's Dress Shop em Santa Monica, é ex-prostituta.

2. White, que foi trazido para a Delegacia de Homicídios pelo tenente Smith em 1952, obviamente não se transformou no investigador superior que o (atualmente) capitão Smith presumia que ele viesse a ser. Seu trabalho no Destacamento de Vigilância em 1952-1953, sob o comando do tenente Smith, foi lendário, claro, e resultou em White ter matado dois homens no cumprimento do dever. Desde que matou (em abril de 1953) Sylvester Fitch, suspeito colateral do caso

Nite Owl, White serviu sob o comando do tenente/capitão Smith com pouca distinção formal. Entretanto (espantosamente), não tem havido reclamações contra ele por uso excessivo de força (ver as fichas pessoais de White entre 1948-51, com os registros das reclamações anteriormente descartadas). Sabe-se que durante aqueles anos, e até a primavera de 1953, White visitava espancadores de esposas que estivessem sob condicional e os agredia verbal e/ou fisicamente. Evidências apontam para o fato de que essas atitudes ilegais não voltaram a acontecer durante quase quatro anos. White continua instável (como o senhor sabe, ele recebeu uma reprimenda do Departamento por quebrar uma janela a socos na Delegacia de Homicídios quando soube que seu ex-parceiro, o sargento R. A. Stensland, fora sentenciado à morte), mas sabe-se que algumas vezes ele tem evitado trabalhar com o Esquadrão Antimáfia do tenente/capitão Smith, prejudicando seu relacionamento com Smith, seu mentor no Bureau. Citando a natureza violenta do serviço, White teria afirmado: “Não tenho mais estômago para esse tipo de coisa.” Interessante, quando se vê a reputação e o passado de White.

3. Na primavera de 1956, White tirou nove meses de licença e férias acumuladas quando o capitão E. Exley esteve, em seu serviço rotativo, como comandante da Homicídios. (Existe um conhecido ódio entre White e o capitão Exley, decorrente do caso de brutalidade no Natal de 1951.) Durante o tempo fora de serviço, White (cujos números na Academia indicam inteligência apenas mediana e instrução de primeiro grau abaixo da média) fez cursos de criminologia e perícia na USC e cursou (à sua própria custa) e passou no seminário de “Procedimentos de Investigação Criminal” do FBI em Quântico, Virgínia. White fracassara duas vezes na prova para sargento antes de embarcar nesses estudos, e em sua terceira tentativa passou com nota 89. Seu posto de sargento deve chegar antes do fim do ano de 1957.

4. Em novembro de 1954, R. A. Stensland foi executado em San Quentin. White pediu e recebeu permissão para assistir à execução. Passou a noite da véspera da execução no corredor da morte, bebendo com Stensland. (Disseram-me que o guarda assistente fingiu não ver essa infração das

regras em nome do status de Stensland como ex-policial.) O capitão Exley também compareceu à execução, e não se sabe se ele e White trocaram palavras antes ou depois do evento.

5. Guardei o item mais interessante para o final. É interessante no sentido em que ilustra a tendência contínua (e talvez crescente) de White em se envolver exageradamente em questões relativas a mulheres vítimas de agressões e (agora) assassinadas. Isto é, White tem demonstrado curiosidade indevida em vários assassinatos de prostitutas não resolvidos, que ele acredita serem interligados: assassinatos ocorridos na Califórnia e em várias partes do oeste nos últimos anos. Os nomes, as datas e os locais de falecimento são:

Jane Mildred Hamsher, 8/3/1951, San Diego

Kathy Janeway, 19/4/1953, Los Angeles

Sharon Susan Palwick, 29/8/1953, Bakersfield, Califórnia

Sally de Wayne, 2/11/1955, Needles, Arizona

Chrissie Virginia Renfro, 16/7/1956, São Francisco

White disse a outros policiais da Homicídios achar que semelhanças nas evidências apontam para um único assassino, e viajou (à própria custa) às cidades listadas acima, onde aconteceram os crimes. Naturalmente os detetives com quem White falou consideraram-no um chato e se mostraram relutantes em lhe passar informações, e não se sabe se ele progrediu para a solução de quaisquer dos casos acima. O tenente J. S. DiCenzo, comandante do Esquadrão da Delegacia de West Valley, declarou achar que a fixação de White na morte de prostitutas remonta à época do caso Nite Owl, quando White se preocupou pessoalmente com a morte de uma jovem prostituta (Kathy Janeway) que ele conhecia.

6. No todo, foi uma investigação surpreendente. Pessoalmente, admiro a iniciativa e a persistência de White em alcançar o posto de sargento e sua tenacidade (ainda que indevida) com a questão dos homicídios de prostitutas. Uma lista das entrevistas que me serviram de referência seguirá num memorando, à parte.

Respeitosamente,
Sargento D. W. Fisk, 6.129, DAI

RELATÓRIO CONFIDENCIAL, DPLA:

Compilado pela Divisão de Assuntos Internos, datado de
11/3/1957.

Investigador: sargento Donald Kleckner, distintivo 688, DAI,
realizado a pedido de William H. Parker, chefe de polícia.

Assunto: Vincennes, John, sargento, Destacamento de
Vigilância.

Senhor:

O senhor declarou que desejava explorar, à luz do desempenho cada vez pior do sargento Vincennes em serviço, a conveniência de lhe oferecer a aposentadoria precoce por estresse, antes do vigésimo aniversário de sua entrada para o DPLA em maio de 1958. Considero esta medida inadequada no momento. Admito, Vincennes é um óbvio alcoólatra; também admito, o alcoolismo lhe custou o trabalho em *Badge of Honor* e com isso custou uma pequena fortuna em considerações promocionais para o DPLA. De novo admito, aos 42 anos ele é velho demais para trabalhar em tarefas de alto risco como as do Destacamento de Vigilância. Quanto ao seu desempenho cada vez pior, ele só vem deteriorando porque Vincennes era, durante seu tempo na Divisão de Narcóticos, um policial corajoso e inspirado. A partir das entrevistas, concluí que ele não bebe em serviço e que o desempenho em decadência pode ser resumido pela “lentidão” e pelos “reflexos ruins”. Além disso, se Vincennes rejeitar uma oferta de aposentadoria precoce, minha opinião é de que o comitê de pensões irá apoiá-lo.

Sei que o senhor julga Vincennes uma desgraça de policial. Concordo, mas aconselho-o a considerar a ligação deste com o promotor Loew. O departamento precisa de Loew para processar nossos casos, como o seu novo auxiliar, o capitão Smith, irá lhe dizer. Vincennes continua a solicitar verbas e a fazer mandados para Loew, e se Loew, como é esperado, for reeleito na próxima semana, ele provavelmente intercederá caso o senhor decida forçar Vincennes a sair do departamento. Minha recomendação é a seguinte: manter Vincennes na Vigilância até maio de 1958, quando um novo comandante está programado para se revezar, com seus próprios policiais substitutos, e então colocá-lo em tarefas

sem importância numa divisão de ronda até chegar a data da aposentadoria, em 15/5/58. Nessa época, humilhado pela volta ao serviço uniformizado, Vincennes provavelmente poderá ser persuadido a deixar o departamento com a máxima presteza.

Respeitosamente
Donald J. Kleckner, DAI

MANCHETE: *Los Angeles Times*, 15 de março:

**LOEW REELEITO POR GRANDE MAIORIA; SERÁ
QUE EM SEGUIDA VIRÁ A ASSEMBLEIA
ESTADUAL?**

EXCERTO: *Los Angeles Times*, 8 de julho:

**MICKEY COHEN FERIDO EM ATAQUE NO PÁTIO
DA PRISÃO**

Autoridades da prisão federal da ilha McNeil anunciaram que ontem os mafiosos Meyer Harris “Mickey” Cohen e David “Davey” Goldman foram feridos num violento ataque à luz do dia.

Cohen e Goldman, ambos candidatos à condicional em setembro, assistiam a um jogo de *softball* no pátio da prisão quando três agressores encapuzados usando canos e estoques feitos à mão partiram para cima deles. Goldman foi furado duas vezes no ombro e espancado violentamente na cabeça, e Cohen escapou com ferimentos superficiais. Os médicos da prisão disseram que os ferimentos de Goldman são sérios e que ele pode ter sofrido danos cerebrais irreparáveis. Os agressores escaparam, e neste momento está sendo realizada uma investigação ampla para descobrir quem são. O administrador da McNeil, R. J. Wolf, disse: “Acreditamos que este foi o que chamam de contrato de morte, em que dois internos foram contratados por fontes externas. Será utilizado todo o empenho para chegar ao fundo deste incidente.”

Revista *Hush-Hush*, exemplar de outubro de 1957:

**MICKEY COHEN DE VOLTA A LOS ANGELES!!!
SERÁ QUE OS SEUS BONS E VELHOS TEMPOS
VIERAM PARA FICAR???**

Ele era o mais exótico mafioso que a Cidade dos Anjos Decaídos já tinha visto, meu chapa — e ver sua atuação no Mocambo ou no Troc era como ver o papai Stradivarius arrancar um violino do tronco de uma árvore. Ele contava piadas escritas por Davey Goldman, passava envelopes gordos para os coletores das caixinhas do departamento do xerife e fazia uma maldosa Lindy pular quando apertava Audrey Anders ou as outras franguinhas vistosas que ciscavam nos salões. Olhares dardejavam para a mesa dele e as damas examinavam sub-repticiamente seu principal guarda-costas, Johnny Stompanato, e pensavam: “Será que ele é realmente *tão* grande?” Puxa-sacos, capangas, bobos alegres, chatos e curiosos em geral passavam perto do Mickeyzinho, para ser recompensados com piadas, um tapinha nas costas, uma dádiva. O Mick era mão-aberta com crianças aleijadas, cães vadios, o Exército da Salvação e o United Jewish Appeal. Além disso, o Mick cuidava de apostas, agiotagem, jogos, prostituição e drogas e matava uma média de 12 pessoas por ano. Ninguém é perfeito, certo, meu chapa? Você larga aparas de unha no chão do banheiro, Mickey manda gente pelo trem noturno para a cidade dos pés juntos.

Olha só, meu chapa: também tentaram matar Mickey!!! Um homem tão notável assim? Não!!! Sim, meu chapa, o vento que venta aqui é o mesmo que venta lá. O problema é que o Mick tem mais vidas do que o gato do ditado, estava sempre se desviando de bombas, balas e dinamite, enquanto as pessoas ao redor caíam mortas. Sobreviveu a seis anos na penitenciária da ilha McNeil, inclusive a um ataque recente com canos e estoques — e agora está de volta! Prepare-se, Sy Devore: o Mickeyzinho vai passar aí para pegar algumas dúzias de ternos novos; vendedoras de cigarros do Trocadero e do Mocambo, aprontem-se para algumas gorjetas de cem pratas. Mickey e seu séquito baixarão logo na Sunset Strip e

— *muito na moita* — sim, senhoras, Johnny Stompanato é *tão* grande assim, mas só tem olhos para Lana Turner, e corre o boato de que ultimamente ele e Lana têm feito mais do que apenas carinhos...

Mas voltando ao Mickey C. Os ávidos leitores da *Hush-Hush* lembrar-se-ão de nosso exemplar “Vigilância contra o crime”, de outubro de 1956, onde especulávamos sobre a “calmaria” baixada sobre a Ganguelândia desde que Mick foi para o xilindró. Bom, ocorreram certas mortes *ainda* sem solução, e quanto ao ataque com canos e estoques que feriu Mickey e transformou seu capanga Davey Goldman num vegetal? Bem... os internos encapuzados que tentaram mandar Mickey e seu homem para a cidade dos pés juntos nunca foram descobertos...

Chamem isso de aviso, crianças: ele é um sujeito notável, é a cor local até *n* graus, é o maravilhoso, malévolo benévolo Mickeyzinho. É difícil de matar porque gente inocente acaba recebendo o chumbo quente com o nome dele gravado. Mickey voltou, e sua velha gangue pode estar sendo refeita. Meu chapa, quando estiver percorrendo os clubes da cintilante e pecaminosa Sunset Strip, traga um colete à prova de balas, para o caso de Meyer Harris Cohen estar sentado por perto.

EXCERTO: *Los Angeles Herald-Express*, 10 de novembro:

O MAFIOSO COHEN SOBREVIVE A ATENTADO A BOMBA

Hoje de manhã uma bomba explodiu sob a casa do mafioso Mickey Cohen, solto sob condicional. Cohen e a mulher, Lavonne, não se feriram, mas a bomba destruiu um closet que abrigava trezentos ternos feitos sob medida para Cohen. O buldogue de estimação de Cohen, dormindo ali perto, teve um ferimento na cauda tratado no Westside Veterinary Hospital e recebeu alta. Cohen não pôde ser encontrado para fazer comentários.

Carta confidencial, adendo ao relatório externo de

investigação exigido para todos os comandantes recém-chegados à Divisão de Assuntos Internos, Departamento de Polícia de Los Angeles. A pedido do chefe William H. Parker.

29/11/1957

Caro Bill:

Meu Deus, nós fomos sargentos juntos! Parece que foi há um milhão de anos, e você estava certo. Eu realmente gostei da chance de voltar brevemente atrás e bancar o detetive de novo. Senti-me ligeiramente traçoeiro entrevistando policiais pelas costas de Ed e Preston, mas de novo você estava certo: primeiramente em sua política geral de validação externa à agência para os chefes da AI recém-chegados, e em segundo lugar ao escolher um ex-policial predisposto a gostar de Ed Exley para interrogar colegas policiais a respeito do sujeito. Diabo, Bill, nós dois amamos Ed. O que me deixa feliz em afirmar que, deixando a investigação básica de lado (ela é realizada pelo Bureau da Promotoria, não é?), não tenho nada além de aspectos positivos a relatar.

Falei com vários homens do Bureau de Detetives e com vários policiais uniformizados. Há um consenso: Ed Exley é muito respeitado. Alguns policiais consideraram insensato ele ter atirado nos suspeitos do Nite Owl, muitos consideraram esse um ato de coragem, e poucos o chamaram de intencionalmente espetacular. Qualquer que seja o correto, minha opinião é de que Ed Exley é mais lembrado pelo fato e que em grande parte isso ofuscou os maus sentimentos gerados por ele ao atuar como informante no caso do Natal Sangrento. O salto que Ed deu de sargento a capitão provocou grandes ressentimentos, mas considera-se que ele provou sua capacidade como comandante itinerante: o sujeito liderou sete divisões em menos de cinco anos, estabeleceu muitos contatos valiosos e ganhou o respeito geral dos homens sob seu comando. Bill, sua preocupação básica: de que a natureza dele, de “não pertencer à turma”, provocaria raiva quando se divulgasse que ele iria comandar a Divisão de AI, parece até agora infundada. Corre o boato de que Ed assumirá a AI no início de 1958, e presume-se tacitamente que ele irá atuar com vigor no cargo. Acho que sua reputação de seriedade e inteligência irá fazer com que

muitos policiais potencialmente não confiáveis se mantenham na linha.

Sabe-se também que Ed passou na prova para a promoção a inspetor; é o primeiro na lista de promoção. Aqui surgem algumas notas de desacordo. Prevê-se a aposentadoria de Thad Green nos próximos anos, e que Ed pode ser escolhido para substituí-lo como chefe de detetives. A grande maioria dos homens com quem falei expressaram a opinião de que o capitão Dudley Smith, mais velho, muito mais experiente e com mais liderança, deveria ficar com o cargo.

Algumas observações pessoais para complementar seu relatório externo: (1) O relacionamento de Ed com Inez Soto é fisicamente íntimo, mas sei que ele jamais violará as regras departamentais coabitando com ela. A propósito, Inez é uma moça ótima. Ficou muito amiga de Preston, de Ray Dieterling e minha, e o trabalho dela como relações-públicas no Dream-a-Dreamland é quase brilhante. E daí se ela é mexicana? (2) Falei sobre Ed com os sargentos Fisk e Kleckner, do AI — os dois trabalharam sob o comando dele na Divisão de Roubos, são jovens parecidos com Exley e estão positivamente em êxtase com a possibilidade de seu herói se tornar seu comandante. (3) Como alguém que conhece Ed Exley desde a infância, e como ex-policial, digo oficialmente: ele é tão bom quanto o pai, e estou disposto a apostar que se você fizesse as contas, veria que ele resolveu mais casos importantes do que qualquer outro detetive do DPLA em qualquer época. Também estou disposto a apostar que ele sabe deste expedientezinho afetuoso que você criou: todos os bons policiais têm redes de informações.

Encerro pedindo um favor. Estou pensando em escrever um livro de memórias dos meus anos no departamento. Seria possível pegar emprestado o dossiê do caso Loren Atherton? Sem que Preston e Ed soubessem, por favor — não quero que pensem que fiquei metido a besta na velhice.

Espero que este pequeno adendo lhe seja útil. Lembranças a Helen, e obrigado pela oportunidade de ser policial de novo.

Sinceramente,
Art de Spain

BOLETINS DE TRANSFERÊNCIA DO DPLA

1. Policial Wendell A. White, da Divisão de Homicídios para o Esquadrão de Detetives da Delegacia de Hollywood (para assumir o posto de sargento), efetivação em 2/1/1958.

2. Sargento John Vincennes, do Destacamento de Vigilância para a Guarda da Delegacia de Wilshire, a ser efetivado quando for designado um policial substituto, mas não após 15/3/1958.

3. Capitão Edmund J. Exley para posto permanente: Comandante, Divisão de Assuntos Internos, efetivação em 2/1/1958.

Parte III

Assuntos internos

O Dining Car estava numa ressaca de ano-novo: papel crepom pendurado, letreiros com “1958” perdendo purpurina. Ed ocupou seu reservado predileto: uma vista do salão, sua imagem num espelho. Marcou a hora — 15h24, dois de janeiro de 1958. Deixe que Bob Gallaudet chegue tarde — qualquer coisa para estender o momento.

Dentro de uma hora, a cerimônia: o capitão E. J. Exley assume um posto permanente — comandante, Divisão de Assuntos Internos. Gallaudet estava trazendo os resultados de sua validação externa — o Bureau da Promotoria examinara a vida pessoal dele com uma lente de aumento. Ele passara — sua intimidade era absolutamente limpa, ter apagado os garotos do Nite Owl suplantara aquela atuação como dedo-duro no Natal Sangrento — ele sabia disso havia anos.

Ed bebericou café, olhos no espelho. Seu reflexo: um homem faltando um mês para completar 36 anos, mas aparentando 45. Cabelo louro transformado em grisalho; rugas na testa. Inez dizia que seus olhos estavam ficando menores e mais frios; os óculos de aro fino faziam-no parecer duro. Ele lhe dissera que duro era melhor do que mole — os capitães jovens precisavam de ajuda. Ela rira — isso acontecera havia alguns anos, quando os dois ainda riam.

Ele situou a conversa: final de 1954, Inez analítica: “Você foi um monstro em ir ver o tal de Stensland morrer.” Um ano e meio depois do Nite Owl; hoje faz quatro anos e nove meses. Um olhar no espelho, um pensamento naqueles anos — e no que ele tivera com Inez.

Seus assassinatos tinham afastado Bud White: quatro mortes ofuscavam uma morte. Naqueles primeiros meses ela era toda dele: ele se mostrara à altura das expectativas de Inez. Comprara-lhe uma

casa no quarteirão; ela gostava do sexo gentil que faziam; aceitara a oferta de emprego de Ray Dieterling, apaixonado por Inez e sua história: uma linda vítima de estupro abandonada pela família tinha tudo a ver com as perdas dele — divorciado uma vez, viúvo uma vez, o filho Paul morto numa avalanche, o filho Billy um homossexual. Ray e Inez se tornaram pai e filha — colegas, amigos íntimos. Preston Exley e Art de Spain se juntaram a Dieterling na devoção — um círculo de homens durões e uma mulher que os deixava agradecidos pela chance de serem gentis.

Inez ficou amiga de um reino de fantasia: os construtores, a segunda geração — Billy Dieterling, Timmy Valburn. Um grupinho que gostava de bater papo: faziam fofocas sobre Hollywood, zombavam das fraquezas dos homens. A palavra “homens” fazia-os cair em explosões de risos. Zombavam de policiais e brincavam de charadas numa casa comprada pelo capitão Ed Exley.

Todos os pensamentos voltavam a Inez.

Depois das mortes, Ed tinha pesadelos: eles seriam inocentes? A fúria impotente fizera seu dedo apertar o gatilho; a decisão dramática fizera o departamento ficar com uma imagem tão boa que fatos pequenos como “desarmados” e “não perigosos” jamais chegariam à superfície para esmagá-lo. Inez aplacou seus medos com uma declaração: os estupradores levaram-na para a casa de Sylvester Fitch no meio da noite e a deixaram lá — o que lhes dava tempo para ir ao Nite Owl. Ela nunca disse isso à polícia porque não queria relatar as coisas especialmente terríveis que Fitch lhe fizera. Ele se sentiu aliviado: mortos *culpados* alcançaram a justiça com sua fúria.

Inez.

O tempo passou, o brilho embaçou — a dor dela e o heroísmo dele não poderiam sustentá-los. Inez sabia que Ed jamais se casaria com ela: policial de alto posto, mulher mexicana — suicídio profissional. O amor deles era sustentado por fios frágeis; Inez ficou distante — na prática era uma amante antiga. Duas pessoas moldadas por acontecimentos extraordinários, um poderoso elenco de apoio: os mortos do Nite Owl, Bud White.

O rosto de White na sala verde: puro ódio, enquanto Dick Stensland sugava gás. Uma olhada em Dicky Stens morrendo, um olhar em sua direção, nenhuma palavra necessária. Chegou a época da licença, de modo que os dois não teriam de trabalhar juntos quando ele assumisse a Homicídios. Havia ultrapassado o irmão,

ficado mais próximo do pai. Sua ficha de casos importantes era espantosa; em maio ele seria inspetor, dentro de alguns anos concorreria com Dudley Smith pelo cargo de chefe de detetives. Smith sempre lhe dera carta branca e um respeito cauteloso envolvido em desprezo — e Dudley era o homem mais temido do DPLA. Saberia ele que este rival só temia a vingança perpetrada por um policial/troglodita sem cérebro para ser imaginativo?

O bar estava se enchendo: pessoal da Promotoria, algumas mulheres. A última vez com Inez fora ruim — ela simplesmente servira ao homem que pagava a hipoteca. Ed sorriu para uma mulher alta — ela se virou para outro lado.

— Parabéns, capitão. Você está mais limpo do que um escoteiro.

Gallaudet sentou-se — tenso, nervoso.

— Então por que está tão sério? Ora, Bob, nós somos parceiros.

— *Você* está limpo, mas Inez foi posta sob vigilância durante duas semanas, só por rotina. Ed... ah, merda, ela está dormindo com Bud White.

A CERIMÔNIA — um grande borrão.

Parker fez um discurso: os policiais estavam sujeitos às mesmas tentações dos civis, mas precisavam controlar melhor as necessidades mais básicas para servir de exemplo moral para uma sociedade cada vez mais solapada pela influência ampla do comunismo, do crime, do liberalismo e da torpeza moral. Um exemplo moralmente elevado era necessário para comandar a divisão que atuava como garantia da moralidade da polícia, e o capitão Edmund J. Exley, herói de guerra e herói do caso Nite Owl, era esse homem.

Ele próprio fez um discurso: mais papo furado sobre moralidade. Duane Fisk e Don Kleckner desejaram sorte; Ed leu as mentes deles através do borrão ao redor: queriam os cargos de assistente. Dudley Smith piscou, fácil de ler: “Eu serei o próximo chefe de detetives — não você.” As desculpas para sair demoraram séculos — ele chegou à casa dela com o borrão clareando.

6 horas — Inez chegava em casa por volta das 7 horas. Ed entrou, esperou com as luzes apagadas.

O tempo arrastava-se; Ed olhava os ponteiros do relógio se movendo. 6h50 — uma chave na porta.

— Exley, você está se escondendo? Vi seu carro aí fora.

— Sem luzes. Não quero ver sua cara.

Barulhos, chaves chocalhando, uma bolsa largada no chão.

— E não quero ver aquele lixo aveadado do Dreamland que você colou nas paredes.

— Está falando das paredes da casa pela qual você pagou?

— Quem está dizendo é você.

Sons: Inez se encostando na porta.

— Quem lhe contou?

— Não importa.

— Você vai arruiná-lo por isso?

— A *ele*? Não, não há como fazer isso sem parecer ainda mais idiota do que já fui. E pode dizer o nome dele.

Sem resposta.

— Você o ajudou na prova para sargento? Ele não tinha cérebro para passar sozinho.

Sem resposta.

— Quanto tempo? Quantas fudas pelas minhas costas?

Sem resposta.

— Quanto tempo, sua puta?

Inez suspirou.

— Uns quatro anos. Esporadicamente, quando nós precisávamos de um amigo.

— Quer dizer, quando você não precisava de mim?

— Quero dizer, quando eu ficava exausta de ser tratada como vítima de estupro. Quando me aterrorizava ao ver até onde você era capaz de ir para me impressionar.

— Eu tirei você de Boyle Heights e lhe dei uma vida.

— Exley, você começou a me apavorar. Eu só queria ser uma garota que se encontrava com um cara, e Bud me deu isso.

— Não diga o nome dele nesta casa.

— Quer dizer, na *sua* casa?

— Eu lhe dei uma vida decente. Você estaria amassando *tortillas* numa pedra se não fosse por mim.

— Querido, você parece tão bem quando fica mal-humorado!

— Quantas outras mentiras, Inez? Quantas outras mentiras além dele?

— Exley, vamos parar com isso.

— Não, me dê uma lista.

Sem resposta.

— Quantos outros homens? Quantas outras mentiras?

Sem resposta.

— Diga.

Sem resposta.

— Sua puta escrota, depois de tudo que eu fiz por você. *Diga.*

Sem resposta.

— Eu deixei você ficar amiga do meu pai. *Preston Exley é seu amigo por minha causa.* Com quantos outros homens você trepou pelas minhas costas? Quantas outras mentiras depois do que eu fiz por você?

— Você não quer saber — disse Inez, em voz baixa.

— Quero sim, sua puta escrota.

Inez se afastou da porta.

— Eis a única mentira que conta, e é toda para você. Nem mesmo meu doce Bud sabe, de modo que espero que ela faça você se sentir especial.

Ed se levantou.

— Mentiras não me apavoram.

Inez riu.

— *Tudo* apavora você.

Sem resposta.

Inez, calma.

— Os *negritos* que me machucaram não poderiam ter matado o pessoal no Nite Owl porque ficaram comigo a noite inteira. Nunca saíram de perto de mim. Eu menti porque não queria que você se sentisse mal por assassinar quatro homens por mim. E quer saber qual é a *grande* mentira? Você e sua preciosa justiça absoluta.

Ed saiu pela porta, as mãos nos ouvidos para sufocar o som trovejante. Escuro, frio do lado de fora — viu Dick Stens preso com correias e morto.

Bud verificou seu novo distintivo: “Sargento” onde costumava ficar “Policial”. Pôs os pés sobre a mesa, disse adeus à Homicídios.

Seu cubículo estava uma bagunça — cinco anos de papelada. Dudley disse que a transferência para o Esquadrão de Hollywood era apenas temporária — sua ascensão a sargento chocara os chefões, Thad Green estava criticando seu show ao socar a janela: Dick Stens indo para a sala verde, golpes de esquerda/direita no vidro. Uma troca justa: ele jamais se tornou um solucionador de casos porque os únicos que interessavam eram casos fechados e descartados. O ruim da transferência: deixar o quartel-general do Bureau significava não ter acesso imediato a relatórios sobre cadáveres — um bom modo de se manter em dia com o caso de Kathy Janeway e a fileira de mortes de putas que ele sabia estarem ligadas.

Objetos para levar:

A placa com seu nome — “Sargento Wendell White”, uma foto de Lynn: morena, adeus Veronica Lake.

Uma foto do Esquadrão Antimáfia: ele e Dud no Victory Hotel. Material do Esquadrão Antimáfia — soco-inglês, cassete de couro cheio de bilhas — deveria deixá-los para trás.

Objetos a serem mantidos trancados:

Seus diplomas dos cursos no FBI e na perícia técnica; o legado de Dick Stensland: seis mil de sua parte no roubo. As últimas palavras de Dick — um bilhete passado por um guarda.

Parceiro,

Lamento as coisas ruins que fiz. Lamento especialmente as pessoas que feri quando era policial e que entraram no meu caminho quando eu me sentia maligno e os caras do Natal e o homem da loja de bebidas e o filho dele. É tarde

demais para mudar tudo isso. Então só posso dizer que sinto muito, o que não significa nada que preste. Vou tentar receber minha punição como homem. Continuo pensando que poderia ter sido você e não eu quem fez o que eu fiz, que foi somente a sorte e eu sei que você já pensou o mesmo. Eu gostaria que lamentar significasse mais quando é com gente como você e eu. Eu paguei o músico e orientei a dança e tal, mas Exley fez o músico continuar tocando quando não era preciso, e se eu tenho um último pedido é que você cobre a parte dele e que não seja estúpido nem faça algo idiota como eu teria feito. Use seu cérebro e aquele dinheiro que eu lhe disse onde encontrar e apronte uma boa para ele, uma boa em nome do sargento Dick Stens. Boa sorte, parceiro. Mal posso acreditar que quando você ler isso vou estar morto.

Dick

Duplamente trancados na gaveta de baixo:

Seu dossiê sobre as mortes de Janeway e das putas, seu dossiê particular sobre o Nite Owl — totalmente segundo o manual, como ele aprendera na escola.

Dois casos que provavam ser ele um detetive de verdade; o golpe de Dick contra Ed Exley. Tirou-os, leu-os de novo — material de universitário, totalmente.

As ligações com Janeway.

Quando a paixão esfriou com Lynn, ele começou a procurar emoções que o deixassem ligado. Procurar mulheres não resolvia — o mesmo com o caso esporádico com Inez. Falhou duas vezes na prova para sargento, pagou os cursos com a grana de Dick, trabalhou em meio expediente no Esquadrão Antimáfia: encontrando trens, aviões, ônibus, levando supostos bandidos para o Victory Hotel, espancando-os e acompanhando-os de volta para aviões, trens, ônibus. Dud chamava isso de “contenção”; ele dizia que era demais para suportar e mesmo assim gostava de se olhar no espelho. Os bons casos nunca caíam em suas mãos na Homicídios: Thad Green os pegava, dava para outros sujeitos. As aulas lhe ensinaram dados interessantes sobre perícia, psicologia e procedimento criminal — decidiu aplicar o que aprendera num caso antigo que ainda borbulhava dentro dele: a morte de Kathy Janeway.

Leu o dossiê preparado por Joe DiCenzo: nenhuma pista,

nenhum suspeito, caso descartado, considerado crime sexual aleatório. Leu a reconstituição feita pela autópsia: Kathy espancada até a morte, socos no rosto, um homem com anéis nos dois dedos. Sêmen B+ na boca, no reto, na vagina — três ejaculações separadas, o sacana se demorou. Teve uma ideia sustentada por casos antigos: um criminoso sexual assim não mata apenas uma vez e fica na dele.

Começou a vasculhar jornais — o tipo de procedimento que antes odiava.

Nenhum crime semelhante resolvido e não resolvido em qualquer lugar nos arquivos do DPLA e do xerife — a busca demorou oito meses. Abriu caminho por outras agências policiais — usando o dinheiro de Stens como apoio. Zero em Orange, San Bernardino; quatro meses e algo no DP de San Diego: Jane Mildred Hamsher, 19 anos, prostituta, morta em 8 de março de 1951, o mesmo método e o estupro triplo: sem pistas, sem suspeitos, caso fechado.

Leu dossiês do DPLA e do DPSD sobre *modus operandi* e não chegou a lugar algum; lembrou-se de Dudley mandando-o sair do caso Janeway — brigando com ele por ter ficado maluco por espancadores de mulheres. Mesmo assim, foi em frente; encontrou algo a partir de um telegrama enviado a três estados: Sharon Susan Palwick, 20 anos, prostituta, morta em 29 de agosto de 1953, Bakersfield, Califórnia. Mesmas especulações: sem suspeitos, sem pistas, caso fechado. Dud jamais mencionou o teletipo — se é que sabia da existência deste.

Foi a San Diego e Bakersfield — leu dossiês, chateou detetives que tinham trabalhado nos casos. Estavam entediados com o serviço, e chegaram às vias de fato com ele. Tentou reconstituir a hora e o lugar: quem estava nas cidades nas datas dos assassinatos. Verificou antigos registros de trem, ônibus e avião, não conseguiu nomes que se ajustassem, mandou telegramas para os três estados requisitando informações sobre o *modus operandi* do assassinato, pedindo que o informassem caso o assassino usasse o *modus operandi* outra vez. Nada resultou desse pedido de informações; três registros de cadáveres pingaram com o passar dos anos: Sally de Wayne, 17, prostituta, Needles, Arizona, 2 de novembro de 1955; Chrissie Virginia Renfro, 21, prostituta, São Francisco, 14 de julho de 1956; Maria Waldo, 20, prostituta, Seattle, havia dois meses: 28 de novembro de 1957. Os policiais chegaram tarde, tiveram os

mesmos resultados: nada. Cada ângulo, cada abordagem segundo o manual foi feita — e nada. Kathy Janeway e cinco outras prostitutas estupradas, espancadas — casos abertos apenas para ele.

Um dossiê de 116 páginas, beco sem saída, para levar ao Esquadrão de Hollywood — seu próprio caso, morto por enquanto.

E seu caso principal — páginas e páginas que ele sempre verificava. O caso de Dick Stens: pregos no caixão de Ed Exley. Sentia arrepios só de dizer as palavras.

O caso Nite Owl.

O fato de ter iniciado o trabalho com Janeway o trouxe de volta: a conexão entre Duke Cathcart e a pornografia, evidências escondidas, material interno para foder com Exley. Na época o tempo esteve contra ele: Bud não foi suficientemente esperto para ir atrás, os negros escaparam, Exley atirou neles. O caso Nite Owl estava encerrado — esquecidas as esquisitices que o envolviam. Anos se passaram; ele voltou ao caso Janeway, descobriu uma fileira de outros. E a pequena Kathy o fazia pensar no Nite Owl, Nite Owl, Nite Owl.

Trabalho cerebral.

De volta a 1953, Dwight Gillette e Cindy Benavides — conhecidos de Kathy Janeway — lhe disseram que um cara aparecia como Duke Cathcart, falando em pegar o negócio de cafetinagem de Cathcart. Que “negócio de cafetinagem”? — Duke só tinha duas mulheres ruins em seu prostíbulo, mas falava em entrar no ramo de pornografia — a princípio parecia o sonho impossível de um tremendo sonhador impossível —, mas ficou validado quando os irmãos Englekling contaram a história de Cathcart tê-los procurado com um trato: eles imprimiriam a pornografia, ele a distribuiria, os dois procurariam Mickey Cohen para financiar.

Corta para os fatos:

Ele esteve no apartamento de Duke depois do Nite Owl. Estava tudo arrumado e as digitais tinham sido limpas; as roupas de Duke tinham sido revistadas. As Páginas Amarelas de San Bernardino folheadas — especialmente as páginas de gráficas. Pete e Bax Englekling eram donos de uma gráfica em San Berdoo; Susan Nancy Lefferts vítima do Nite Owl, era de San Berdoo.

Corta para o relatório do legista:

O patologista baseou a identificação do corpo de Cathcart em duas referências: *fragmentos* de dentadura comparados com os registros dentários de Cathcart na prisão e o paletó esporte com o

monograma “DC” que ele estava usando. Os fragmentos de dentadura eram material padrão das prisões na Califórnia — qualquer ex-presidiário com pena cumprida no estado poderia ter plástico como aquele na boca.

Corta para o pouco que ele descobriu sozinho:

Kathy Janeway mencionou uma cicatriz “bonitinha” no peito de Duke. Não ouve menção a essa cicatriz em qualquer parte do relatório do Dr. Layman — e o peito de Cathcart não fora destruído por chumbo de espingarda. Uma última contradição: o defunto do Nite Owl media 1,72 metro; na ficha de medidas de Cathcart na prisão constava 1,74 metro.

Conclusão:

Alguém se fingindo de Cathcart fora morto no Nite Owl.

Corta para:

Pornografia.

Cindy Benavides contou que Duke estava se preparando para vender; a Delegacia de Costumes estava investigando pornografia na época — ele lera os relatórios do Esquadrão 4 — nenhum dos homens informou sobre pistas, Russ Millard morreu; o trabalho com revistas de sacanagem foi posto de lado. Os irmãos Englekling relataram sua história sobre a abordagem de Cathcart, como visitaram Mickey Cohen na prisão, como ele se recusou a bancar o negócio. Eles pensaram que Cohen ordenara as mortes no Nite Owl por convicções morais de merda — ideia ridícula —, mas e se algum tipo de plano para o Nite Owl foi começado com Mick? Exley apresentou um relatório dizendo que ele e Bob Gallaudet conversaram sobre essa teoria, mas aí os negros escaparam — e o Nite Owl foi imputado a eles.

Corta para:

Sua teoria.

E se Cohen tivesse contado a algum vagabundo da prisão sobre o plano de Cathcart/Englekling — ou se o assecla Davey Goldman contasse? E se o vagabundo tivesse saído sob condicional, falando em acabar com o prostíbulo de Duke quando na verdade só levantava subsídios para fazer o papel de Duke? E se ele matou Duke, roubou algumas de suas roupas e terminou no Nite Owl por acaso — porque Duke frequentava o lugar, ou mais provavelmente — *como parte de algum tipo de reunião criminosa que acabou mal, os assassinos indo embora, voltando com espingardas, estourando o falso Cathcart e cinco inocentes para fazer com que parecesse um assalto?*

Falha em sua teoria até agora:

Ele verificara os registros de condicional da McNeil: só negros, latinos e brancos grandes demais ou pequenos demais para serem o imitador de Cathcart foram soltos entre a ocasião do encontro de Cohen com os irmãos Englekling e o Nite Owl. Mas — Cohen poderia ter falado sobre a proposta de Cathcart, a história poderia ter vazado para o lado de fora, a imitação poderia ser quatro ou cinco vezes mais distante.

Teorias sobre teorias, teorias provando que ele possuía cérebro para se chamar de detetive:

Digamos que as mortes no Nite Owl resultassem de intrigas sobre pornografia. Isso significava que os negros eram inocentes, que os verdadeiros assassinos plantaram as espingardas no carro de Ray Coates — demonstrando que o Merc roxo visto fora do Nite Owl era uma coincidência — os assassinos não podiam saber que três negros tinham sido vistos recentemente atirando no Griffith Park e que seriam considerados os suspeitos naturais. De algum modo, os assassinos encontraram o carro de Coates antes do DPLA — e plantaram as espingardas, limpas de impressões digitais. Isso poderia ter acontecido de diversos modos diferentes.

1. Coates, na cadeia, poderia ter dito ao seu advogado a localização do carro; os assassinos ou um representante deles poderiam tê-lo abordado em troca da informação — ou tê-lo coagido a fazer Coates falar.

2. Os negros poderiam ter falado da localização a um dos seus colegas prisioneiros — talvez um prisioneiro plantado pelos assassinos.

3. Sua predileta, porque era a mais simples: os assassinos eram mais espertos do que o DPLA, fizeram a própria busca às garagens, verificaram primeiro as garagens por trás de casas abandonadas — ao passo que a polícia fez a busca por regiões.

Ou os negros contaram para outros presos, que foram soltos e abordados pelos assassinos; ou — improvável — um policial traidor contou a eles como era a busca aos quarteirões. Impossível verificar tudo: a carceragem do Palácio de Justiça havia destruído os arquivos de 1935 a 1955 para ter mais espaço.

Ou os negros eram realmente culpados.

Ou era outro grupo de negros andando por aí, atirando para o ar no Griffith Park, matando seis pessoas no Nite Owl. O Ford/Chevy/Merc 1948-1950 nunca foi localizado porque a pintura roxa foi feita

em casa, jamais citada num formulário do Departamento de Trânsito.

Trabalho cerebral de um cara que nunca julgou ter muito cérebro — e ele não achava que uma gangue de negros era culpada pelas mortes porque...

Os irmãos Englekling venderam a gráfica em meados de 1954, depois desapareceram da face da Terra. Há dois anos ele mandou um boletim de “paradeiro”: sem resultado, não houvera resultado positivo nos boletins de cadáveres que ele vinha rastreando por todo o estado; nada dos irmãos, nem defuntos que poderiam ser o verdadeiro Duke Cathcart. E... há seis meses, investigando em San Berdoo, ele conseguira uma pista quente.

Encontrou um morador de San Berdoo que vira Susan Nancy Lefferts com um homem que se ajustava à descrição de Duke Cathcart — duas semanas antes das mortes no Nite Owl. Mostrou a ele algumas fotos de Cathcart; o sujeito disse: “Parecido, mas não é ele.” A perícia no Nite Owl dissera que Susan Nancy “se esticou” para tocar o homem sentado na mesa ao lado: Duke Cathcart, na verdade o imitador, supostamente desconhecido dela. Por que os dois estavam sentados em *mesas diferentes*? E mais: ele tentou entrevistar a mãe de Sue Lefferts, havia uma chance de identificar o namorado por meio dela. Ela se recusou a falar com ele.

Por quê?

Bud empacotou tudo: lembranças, cinco quilos de papel. Tudo parado por enquanto — nenhuma pista nova sobre as prostitutas, o Nite Owl morto até que ele encontrasse Mike Cohen. Indo para o elevador — *adiós*, Homicídios.

Ed Exley passou, encarando-o.

Ele sabe sobre Inez e eu.

Tocaia: Hank's Ranch Market, rua 52 com Central. Um letreiro sobre a porta: "Trocamos cheques do Seguro Social." Dia do alívio, 3 de janeiro — gente que recebeu os cheques, jogando dados na calçada. O Esquadrão de Vigilância 5 recebeu uma dica — uma informante anônima contou que o namorado e o colega dele roubariam o mercado, ela estava puta com o namorado por ele ter comido a irmã dela. Jack no carro, vigiando a porta, o sargento John Petievich estacionado na 52 — irritado como se quisesse matar alguém.

Almoço: salgadinhos industrializados, vodca pura. Jack bocejou, espreguiçou-se, avaliou as chances: Aragon *versus* Pimentel, o que Ellis Loew queria — deveria encontrá-lo numa festa política esta noite. A vodca queimava seu estômago; ele estava com uma tremenda vontade de mijar.

Buzinadas curtas — o sinal. Petievich apontou para a calçada. Dois homens brancos entraram no mercado.

Jack atravessou a rua. Petievich veio. Uma parada na porta, olhada para dentro. Os ladrões junto à caixa, de costas para a porta — revólveres apontados, mãos livres cheias de dinheiro.

Nenhum proprietário. Nenhum cliente. Uma espada no corredor mais distante — sangue e cérebro na parede. SILENCIADOR. HOMEM PELA PORTA DOS FUNDOS. Jack atirou nos ladrões pelas costas.

Petievich gritou; passos pela porta dos fundos; Jack disparou às cegas, foi atrás. Garrafas quebraram acima de sua cabeça: tiros sem direção, tiros com silenciador — sem ruído, sons abafados. Pelo corredor mais distante, dois bêbados mortos, uma porta fechando. Petievich disparou, explodiu a porta — um homem correu pelo beco. Jack esvaziou sua arma; o homem pulou uma cerca. Gritos da calçada; jogadores de dados comemorando. Jack recarregou, pulou

a cerca, chegou num quintal dos fundos. Um *dobermann* pulou sobre ele, rosnando, batendo os dentes junto ao seu rosto — Jack atirou nele cara a cara. O cão vomitou sangue; Jack ouviu tiros, viu a cerca explodir.

Dois policiais uniformizados chegaram correndo ao quintal. Jack largou sua arma; eles atiraram mesmo assim — longe — arrebatando tábuas da cerca. Jack levantou as mãos.

— Polícia! Polícia! Eu sou policial!

Eles vieram devagar, revistaram-no — recrutas imberbes. O garoto mais alto encontrou sua identidade.

— Ei, Vincennes. Você era uma espécie de figurão, não era?

Jack acertou-o a frio: um joelho nos bagos. O garoto caiu; o outro ficou boquiaberto.

Jack saiu procurando um lugar para beber.

ENCONTROU UM BAR com vitrola automática, pediu uma fileira de doses. Duas doses cortaram os tremores; mais duas o transformaram num mestre dos brindes.

Aos homens que acabei de matar: desculpe, na verdade eu sou melhor matando civis desarmados. Estou sendo espremido para a aposentadoria, por isso pensei em apagar uns bandidos de verdade antes de completar meus vinte anos de serviço.

À minha mulher: você pensou que tinha se casado com um herói, mas cresceu e descobriu que estava errada. Agora quer estudar Direito e ser uma advogada como papai e Ellis. Não precisou suar pelo dinheiro: papai comprou a casa, papai melhora o nível do seu casamento, papai vai pagar o curso. Quando você ler o jornal e vir que seu marido apagou dois ladrões maus, vai pensar que são as primeiras marcas na arma dele. Errado: em 1947, Jack, o flagelo das drogas, estourou duas pessoas inocentes, o grande segredo que ele quase quer revelar, só para devolver um pouco de vida ao casamento.

Jack engoliu mais três doses. Foi para onde sempre ia quando tinha uma certa quantidade de álcool no organismo — de volta a 1953 e à pornografia.

Sentia-se em segurança na chantagem: seus depoimentos como seguro, a morte de Hudgens enterrada — a *Hush-Hush* a ressuscitou, não chegou a lugar algum. Patchett e Bracken jamais o abordaram — tinham as cópias do dossiê do Grande V compilado por Sid,

mantiveram o seu lado da barganha. Ele ouviu dizer que Lynn e Bud White ainda se viam; já dava para chamar a puta inteligente e Patchett de lembrança — más notícias daquela primavera de sangue. O que o impulsionava eram as revistas pornográficas.

Guardou-as num cofre de banco. Sabia que estavam lá, sabia que elas o excitavam — sabia que amá-las estragaria seu casamento. Jogou-se de cabeça no casamento, construindo paredes para mantê-los a salvo daquela primavera. Uma série de dias sóbrios ajudava; o casamento ajudava. Nada que ele fizesse mudava as coisas — Karen só ficara sabendo quem ele era.

Karen o vira arrochar Dois Perkins; ele disse “crioulo” na frente dos pais dela. Ela entendeu que as matérias sobre ele nos jornais eram mentiras. Viu-o bêbado, puto da vida. Ele odiava os amigos dela; seu único amigo — Miller Stanton — sumira de vista quando ele saiu do *Badge of Honor*. Ficou entediado com Karen, corria para a pornografia, ficava maluco com ela.

Tentou identificar de novo os modelos que posaram — continuou sem resultados. Foi a Tijuana, comprou outras revistas de sacanagem — nada. Saiu à procura de Christine Bergeron, não conseguiu encontrá-la, mandou telegramas que não renderam nada. Não havia como conseguir o material de verdade — decidiu falsificá-lo.

Comprava putas, arrochava garotas de programa. Aprontava-as para parecerem as garotas das revistas. Juntava três ou quatro de uma vez, correntes de corpos sobre colchas. Mandava vestirem fantasias, coreografava. Imitava as fotos, tirava suas próprias fotos, recapturava; algumas vezes pensava na foto com sangue e se apavorava: exatamente iguais às mutilações num assassinato.

As mulheres de verdade nunca o empolgavam como as fotos; o medo impedia-o de procurar o Fleur-de-Lis — ir direto à fonte. Não conseguia descobrir qual o medo de Karen — por que ela não o abandonava.

Um último drinque — *adieu*, maus pensamentos.

Jack fechou a conta, voltou ao carro. Sem calotas, limpadores de para-brisa quebrados. Fita de cena do crime ao redor do Hank's Ranch Market; dois carros-patrolha no estacionamento. Nenhum bilhete de reprimenda no para-brisa — os vândalos provavelmente o roubaram.

CHEGOU NO AUGUE DA FESTA: Ellis Loew, uma suíte apinhada de figurões republicanos. Mulheres em vestidos de noite; homens de temos escuros. O Grande V: roupa de algodão, camisa esporte suja de sangue de cachorro.

Jack chamou um garçom, pegou um martíni na bandeja. Fotos emolduradas na parede atraíram seu olhar.

Progresso político: *Harvard Law Review*, a eleição de 1953, uma foto notória: Loew dizendo à imprensa que os assassinos do Nite Owl confessaram antes de escapar. Jack riu, derrubou gim, quase engasgou com a azeitona. Atrás dele:

— Você costumava se vestir muito melhor.

Jack se virou.

— Eu era uma espécie de figurão.

— Tem uma desculpa para a sua aparência?

— Tenho. Matei dois homens hoje.

— Sei. Mais alguma coisa?

— Sim. Atirei neles pelas costas, apaguei um cachorro e me mandei antes que meus superiores aparecessem. E eis uma notícia especial: estive bebendo. Ellis, isso está azedando, de modo que vamos ao ponto. Quem você quer que eu toque?

— Jack, baixe a voz.

— O que é, chefe? O Senado ou a Assembleia Estadual?

— Jack, não é hora de discutir isso.

— Claro que é. Diga a verdade. Você está se preparando para as eleições de 1960.

Loew, na moita:

— Certo, é o Senado. Eu tinha uns favores a pedir, mas seu estado atual impede que eu peça. Conversaremos quando você estiver melhor.

Uma plateia agora: toda a suíte.

— Ora, estou morrendo de vontade de recolher grana para a sua caixinha. Quem eu vou arrochar primeiro?

— *Sargento, baixe a voz.*

Levante essa voz.

— Seu escroto, eu cago onde você respira. Eu coloquei Bill McPherson para escanteio para você, dei uma porrada nele e o coloquei na cama com aquela garota negra; caralho, eu mereço saber quem você deseja que eu sacaneie em seguida.

Loew, um sussurro rouco:

— Vincennes, você está acabado.

Jack jogou gim na cara dele.

— Meu Deus, eu espero que sim, caralho.

— ...E nós somos mais do que os exemplos morais dos quais o chefe Parker falou outro dia. Somos a linha divisória entre o velho trabalho policial e o novo, o velho sistema de promoções por pistolão junto à imposição da lei pela intimidação e um novo sistema emergente: a polícia de elite, avaliadora imparcial de sua autoridade em nome de uma justiça séria e sem preconceitos, que pune seus membros com vigor caso eles se mostrem abaixo dos padrões morais elevados que uma polícia de elite exige. E, finalmente, somos os protetores da imagem que o público faz do Departamento de Polícia de Los Angeles. Saibam disso quando lerem reclamações interdepartamentais contra seus irmãos policiais e sentirem vontade de perdoar. Saibam disso quando eu lhes mandar investigar um homem com quem vocês já trabalharam e de quem gostam. Saibam que nosso trabalho é a justiça séria, absoluta, custe o que custar.

Ed fez uma pausa, olhou para os seus homens: 22 sargentos, 2 tenentes.

— Agora as questões práticas, cavalheiros. Na época do meu antecessor, o tenente Phillips e o tenente Stinson supervisionavam com autonomia as investigações de campo. A partir de agora, assumirei o comando direto do campo, com o tenente Phillips e o tenente Stinson atuando alternadamente como meus executivos. As reclamações e os pedidos de informação que chegarem passarão primeiro pela minha sala, vou ler o material e fazer as designações de acordo. O sargento Kleckner e o sargento Fisk atuarão como meus assistentes pessoais e irão se reunir comigo todos os dias às 7h30. Tenente Stinson e tenente Phillips, por favor, encontrem-se comigo em minha sala dentro de uma hora, para discutirmos o comando das investigações atuais. Estão dispensados, cavalheiros.

A reunião dispersou-se em silêncio; a sala se esvaziou. Ed

repassou seu discurso, as expressões principais. “Justiça absoluta” voltou com a voz de Inez.

Esvaziar cinzeiros, ajeitar cadeiras, arrumar o quadro de avisos. Desenrolar as flâmulas junto à estante, tirar a poeira delas. De volta ao discurso, a voz de seu pai: “Abaixo dos padrões morais elevados que uma polícia de elite exige.” Há dois dias, seu discurso teria sido verdadeiro. A revelação de Inez Soto o transformava numa mentira.

Flâmulas com bordas douradas. Oportunismo folheado a ouro: ele matou aqueles homens com uma raiva de homem fraco. Como assassinos do Nite Owl, eles davam significado àquela fúria: a justiça absoluta exercida corajosamente. Ele distorceu o significado para apoiar a fala do público: você é o maior herói de Los Angeles, vai até o topo e mais além. A vingança de Bud White, o homem estúpido demais para captá-la: um simples par de chifres acompanhado pelas poucas palavras de uma mulher faziam-no desfiar mentiras até o topo, tentando descobrir um modo de transformar a glória azeda em real.

Ed entrou em sua sala: limpa, arrumada — nenhum pedido para ele assinar. Formulários de reclamações sobre a mesa — sentou-se, trabalhou.

Jack Vincennes em grande encrenca.

3/1/1958: enquanto participava de uma emboscada com o Destacamento de Vigilância, Vincennes atirou e matou dois assaltantes à mão armada — pistoleiros que haviam assassinado três pessoas num mercado na zona sul. Vincennes caçou um terceiro assaltante, perdeu-o, foi abordado por dois guardas que não sabiam que ele era policial. Os guardas dispararam contra Vincennes, presumindo-o membro da quadrilha; Vincennes largou a arma e se deixou ser revistado — em seguida, agrediu um dos policiais e sumiu da cena do crime antes da chegada dos reforços da Homicídios e do legista. O terceiro suspeito permaneceu livre; Vincennes foi a uma reunião política em homenagem ao promotor Ellis Loew, seu cunhado. Supostamente bêbado, agrediu verbalmente Loew e jogou bebida no rosto do promotor — diante dos convidados.

Ed folheou o dossiê pessoal de Vincennes. Aposentadoria em maio de 1958 — adeus, Jack Lata de Lixo — você chegou perto. Pilhas de relatórios dele para o Esquadrão de Narcóticos: completos, detalhados a ponto de parecerem falsos. Nas entrelinhas: Vincennes gostava de achar pequenos contraventores envolvidos com drogas

— especialmente celebridades de Hollywood e músicos de jazz —, consubstanciando um velho boato: ele ligava para a revista *Hush-Hush*, pedindo que ela comparecesse às prisões que fazia. Vincennes foi transferido para a Delegacia de Costumes como parte das reformas posteriores ao Natal Sangrento; outra pilha de relatórios: operações contra *bookmakers* e infrações com bebidas, nenhum zelo, muito texto forjado. Trabalho na Costumes na primavera de 1953: Russ Millard comandando a divisão, uma investigação de pornografia concomitante com o Nite Owl. E uma grande anomalia: designado para investigar a pornografia, Vincennes repetidamente relatava não ter pistas, comentava que os outros homens no serviço não tinham conseguido nada, duas vezes deu opinião favorável ao abandono da investigação.

Comportamento contraditório de Jack V.

A pornografia roçava com o Nite Owl.

Ed pensou.

Os irmãos Englekling, Duke Cathcart, Mickey Cohen. A pornografia descartada como pista viável para o Nite Owl — três negros mortos, caso encerrado.

Ed leu o dossiê de novo. Anos de relatórios falsos, uma investigação sem relatórios. Vincennes voltou para a Narco em julho de 1953 — voltou aos velhos tempos, continuou neles até o fim de seu serviço na Vigilância.

Tremenda anomalia.

Coincidindo com o Nite Owl.

Primavera de 1953, outra conexão: Sid Hudgens foi assassinado — caso sem solução. Ed apertou o interfone.

— Sim, capitão?

— Susan, descubra quem, além do sargento Vincennes, integrava o quarto esquadrão na Delegacia de Costumes em abril de 1953. Faça isso e em seguida os localize.

Meia hora para os resultados. Sargento George Henderson, policial Thomas Kifka, aposentados; sargento Lewis Stathis, trabalhando na Defraudações. Ed ligou para o comandante dele; Stathis entrou dez minutos depois.

Um homem corpulento — alto, encurvado. Nervoso — uma chamada da Assuntos Internos, vindo do nada, era de assustar. Ed apontou para uma cadeira.

— Senhor — disse Stathis —, isso é sobre...

— Sargento, não tem nada a ver com você. Tem a ver com um

policial com quem você trabalhou na Costumes.

— Capitão, minha passagem pela Costumes foi há anos.

— Eu sei, do final de 1951 ao verão de 1953. Você foi transferido enquanto eu ia para lá, no comando rotativo. Sargento, qual era a sua proximidade no trabalho com Jack Vincennes?

Stathis sorriu.

— Por que está sorrindo? — perguntou Ed.

— Bem, eu li no jornal que Vincennes apagou aqueles dois ladrões, e corre o boato no Bureau de que ele desapareceu da cena sem dizer nada. É uma grande infração, então sorri porque tinha imaginado que ele fosse o sujeito da Costumes em quem o senhor estava interessado.

— Sei. E você trabalhou com ele?

Stathis balançou a cabeça.

— Jack era do tipo individualista. O senhor sabe, tocava uma música diferente. Algumas vezes nós trabalhávamos na mesma tarefa, mas só isso.

— Seu esquadrão trabalhou numa investigação de pornografia na primavera de 1953, lembra disso?

— Sim, foi uma tremenda perda de tempo. Revistas de imundície, um desperdício de tempo.

— Você mesmo não relatou qualquer pista.

— É, nem o Lata de Lixo ou os outros caras. Russ Millard foi levado para o caso Nite Owl, e o caso das revistas de pornografia ficou de lado.

— Lembra de Vincennes ter agido de modo estranho na época?

— Na verdade, não. Lembro que ele só aparecia no esquadrão em horas estranhas e que Russ Millard e ele não se gostavam. Como eu disse, Vincennes era um solitário. Não fazia amizade com os caras do esquadrão.

— Lembra se Millard fez pedidos específicos ao esquadrão quando dois irmãos donos de uma gráfica apareceram com algumas informações?

Stathis assentiu.

— É. Algo a ver com o Nite Owl que não deu em nada. Todos nós dissemos ao velho Russ que as revistas não podiam ser associadas a nada.

Uma intuição secando.

— Sargento, o departamento estava agitado com o Nite Owl na época. Dá para lembrar como Vincennes reagiu a isso? Algum

comportamento fora do normal?

— Senhor, posso ser direto?

— Claro.

— Bom, então vou lhe dizer que sempre achei Vincennes um policial infame e subornável. Deixando isso de lado, lembro dele um pouco nervoso na época da investigação das revistas de pornografia. Quanto ao Nite Owl, eu diria que ele ficou entediado com o trabalho. Ele estava junto no momento da prisão daqueles negros, estava lá quando nossos rapazes encontraram o carro com as espingardas e ainda assim parecia entediado.

Voltando de novo: sem fatos, só instintos.

— Sargento, pense. O comportamento de Vincennes na época do Nite Owl e da investigação sobre a pornografia. Algo fora do comum com ele. *Pense*.

Stathis deu de ombros.

— Talvez sim, mas não acho que tenha a ver...

— Diga, mesmo assim.

— Bom, na época Vincennes tinha um cubículo ao lado do meu, e algumas vezes dava para ouvir muito bem o que se falava. Eu estava na minha mesa e ouvi parte de uma conversa, ele e Dudley Smith.

— E?

— E Smith pediu a Vincennes para seguir Bud White. Disse que White se envolvera pessoalmente com o homicídio de uma prostituta, e não queria que ele fizesse nada de errado.

Arrepios na pele.

— O que mais você ouviu?

— Ouvi Vincennes concordar, e o resto não deu para entender.

— Isso foi durante a investigação do Nite Owl?

— Sim, senhor. Bem no meio.

— Sargento, você lembra de Sid Hudgens, o homem da revista de escândalos, que foi morto naquela época?

— Sim, não foi resolvido.

— Lembra de Vincennes falar sobre o caso?

— Não, mas corria o boato de que ele era amigo de Hudgens.

Ed sorriu.

— Obrigado, sargento. Isso foi extraoficial, mas não quero que você repita nossa conversa. Entendeu?

Stathis se levantou.

— Não vou repetir, mas eu me sinto mal com relação a

Vincennes. Ouvi dizer que ele vai completar os vinte anos daqui a alguns meses. Talvez ele tenha sumido do lugar às pressas porque ficou abalado por ter matado os ladrões.

— Bom dia, sargento.

ALGO ESTRANHO, errado.

Ed sentou-se com a porta aberta. Flâmulas com bordas douradas do lado de fora — as oportunidades batiam.

Vincennes podia ter alguma sujeira sobre Bud White.

Instintos: Lata de Lixo apavorado na primavera de 1953.

Conectar o “trabalho das revistas de sacanagem” com o Owl.

A acusação de Inez Soto: ele matou três homens inocentes.

Se ele livrasse a barra de Vincennes na investigação para a Assuntos Internos...

Ed apertou o interfone.

— Susan, ligue-me com o promotor Loew.

— Tenho meus próprios problemas com que me preocupar — disse Mickey Cohen. — O *fershtunkener* caso Nite Owl e essas *fershtunkener* revistas de imundície são tão desconhecidos para mim quanto a Bíblia, outra coisa que nunca li. Esse papo me chateou há cinco anos, agora está ainda mais distante do meu interesse. Eu tenho meus próprios problemas, como cuidar de meu pobre neném.

Bud olhou. Um buldogue desenxabido perto da lareira do Mickeyzinho — ganindo, a cauda machucada.

— Este é Mickey Cohen Jr., meu herdeiro que não vai durar muito neste mundo canino. Ele sobreviveu a um atentado a bomba em novembro, ainda que um bom número dos meus ternos feitos pelo Sy Devore não tenham sobrevivido. O coitado do rabo dele continua infeccionado e o apetite dele anda péssimo. Policiais ressuscitando assuntos velhos não é bom para a saúde dele.

— Sr. Cohen...

— Eu gosto de um homem que se dirige a mim com decoro. Como foi mesmo que disse que era o seu nome?

— Sargento White.

— Sargento White, então. Vou lhe dizer que não há fim para a tristeza em minha vida. Sou como Jesus, seu salvador góí, carregando o peso do mundo nas costas. Na prisão, uns bandidos *fershtunkener* atacaram a mim e ao meu auxiliar Davey Goldman. Davey teve o cérebro desarrumado, recebeu condicional e fica andando por aí, em público, com o *shlong* pendurado de fora; é grande, eu não o culpo por fazer propaganda, mas os policiais de Beverly Hills não são tão esclarecidos, e agora ele cumpre 90 dias em observação no hospício de Camarillo. Como se não fosse sofrimento bastante para seu *yiddisher* Jesus suportar, imagine que enquanto eu estava na prisão alguns colegas que cuidavam dos meus interesses foram postos para escanteio por pessoas

desconhecidas. E agora meus antigos rapazes não querem voltar para mim. Meu Deus, Kikey T., Lee Vachss, Johnny Stompanato...

Pôr fim à falação.

— Eu conheço Johnny Stomp.

Cohen foi ao teto.

— *Fershtunkener* Johnny, o sobrenome dele é Judas daquele best-seller, a Bíblia! Lana Turner é sua Jezebel e não sua Maria Madalena, o pau dele o obriga a correr atrás dela como se fosse um cajado de achar água. Certo, ele é mais bem-dotado ainda do que Davey G., mas, abençoado Jesus, eu o tirei da vida de extorsionário de terceira e o transformei em meu guarda-costas, e agora ele se recusa a se alistar de novo, prefere mexer com gordura na porra da delicatessen de Kikey e andar com Dois Perkins, que, pelo que sei, gosta de esconder o salame com membros da comunidade canina. Você disse que seu nome é White?

— Isso mesmo, Sr. Cohen.

— Wendell White? *Bud* White?

— Sou eu.

— Menino, por que não disse?

Cohen Jr. mijou na lareira.

— Eu não sabia que o senhor tinha ouvido falar de mim.

— Ouvi, as notícias correm. Dizem que você é o garoto de Dudley Smith. Dizem que você, Dud e uns dois outros rapazes mantiveram Los Angeles em segurança para a democracia enquanto a chamada seca do crime estava acontecendo. Um motel em Gardena, umas porradas nos rins, va va vuuum! Talvez agora, se eu conseguir que meus antigos rapazes parem de mexer com gordura e de andar com comedores de cachorros, eu possa colocar os negócios de novo nos trilhos. Eu deveria ser bom com vocês, para que você e Dud sejam bons para mim. Então, que negócio é esse de rever o Nite Owl?

Seu discurso — ensaiado:

— Ouvi dizer que os irmãos Englekling procuraram o senhor na McNeil, que eles falaram do trato com Duke Cathcart. Eu estava pensando que talvez o senhor ou Davey Goldman poderiam ter falado disso no pátio, e que a história tenha vazado assim.

— Impossível, porque nunca contei a Davey. Verdade, eu sou bem conhecido por minhas confabulações na cela, mas jamais contei a nenhuma alma na Terra. Disse isso ao tal de Exley quando papeamos sobre o assunto há anos. E eis uma ideia, um prêmio do

Mickeyzinho. É minha opinião que revistas de sacanagem só são um item de alto lucro pelo qual vale matar inocentes caso já exista um mercado de alto lucro. Desista da porra do Nite Owl, aqueles *shvartzes* mortos pelo garoto herói provavelmente fizeram o serviço.

— Não creio que Duke Cathcart tenha sido morto no Nite Owl. Acho que foi um cara fazendo o papel dele. Acho que o cara matou Cathcart, assumiu sua identidade e terminou no Nite Owl. Eu estava pensando que todo o negócio pode ter começado na McNeil.

Cohen revirou os olhos.

— Não comigo, menino, porque não contei a ninguém, e não posso imaginar Pete e Bax parando para espalhar a notícia no pátio. Onde morava esse palhaço do Cathcart?

— Silverlake.

— Então escave os Silverlake Hills. Talvez encontre um belo defunto antigo.

Um relâmpago — San Berdoo, a mãe de Sue Lefferts em casa olhos dardejando para o porão.

— Obrigado, Sr. Cohen.

— Esqueça do *fershtunkener* Nite Owl.

Cohen Jr. deu uma fungada na virilha de Bud.

SAN BERNARDINO, Hilda Lefferts. Da última vez ela o dispensou rapidamente; dessa vez, ele ia falar do namorado: Susan Nancy foi vista com um sujeito que se parecia com a descrição de Cathcart — pressionar, intimidar.

Uma corrida de duas horas. A autoestrada de San Berdoo entraria em funcionamento logo — reduziria o tempo da viagem à metade. Do Exley Sênior para o Junior: o covarde sabia sobre ele e Inez, o olhar no outro dia indicara com clareza. Os dois se davam tempo. Mas se as coisas saíssem ao seu jeito, ele atacaria com mais força — Exley *nunca* imaginaria que ele tinha cérebro suficiente.

Hilda Lefferts morava num pardieiro: um barraco de madeira com um porão anexo. Bud se aproximou, verificou a caixa de correio. Bom material para intimidação: cheque de pensão da Lockheed, cheque do seguro social, cheque de aposentadoria do condado. Apertou a campainha.

A porta se entreabriu. Hilda Lefferts olhou por cima da corrente.

— Eu disse antes, vou repetir. Não comprarei o que você está vendendo, de modo que deixe minha pobre filha descansar em paz.

Bud mostrou os cheques.

— A aposentadoria do condado disse para eu ficar com isso até a senhora cooperar. Sem papo, não tem grana.

Hilda guinchou; Bud arrebentou a corrente, entrou. Hilda recuou.

— Por favor, eu preciso desse dinheiro.

Susan Nancy sorriu de quatro paredes: poses de *vamp* numa boate.

— Ora, seja boazinha, certo? Lembra do que tentei perguntar da última vez? Susan tinha um namorado aqui em San Berdoo, logo antes de se mudar para Los Angeles. A senhora pareceu assustada quando falei antes, está parecendo assustada agora. *Ande*. Cinco minutos sobre isso, e vou embora. E ninguém vai saber.

Hilda, circuito com o olhar: os cheques, o porão.

— Ninguém?

Bud entregou o da Lockheed.

— Ninguém. *Ande*. Eu lhe dou os outros dois depois que a senhora contar.

Hilda falou direto para a filha, a foto perto da porta:

— Susie, você me disse que tinha conhecido o homem num salão de coquetel, e eu disse que não aprovava. Você disse que ele era um homem gentil que tinha pagado a dívida com a sociedade, mas não quis me dizer o nome. Vi você com ele um dia, e você o chamou de Don, ou Dean, ou Dick ou Dee, e ele disse: “Não, Duke. Se acostume com isso.” Então eu saí um dia e a velha Sra. Jansen viu você com o homem aqui na casa, e achou que tinha ouvido uma balbúrdia...

Olha só: “dívida com a sociedade” equivale a “ex-presidiário”.

— A senhora ficou sabendo o nome do homem?

— Não... Eu...

— Susan conhecia dois irmãos chamados Englekling? Eles moravam aqui em San Bernardino.

Hilda franziu os olhos em direção à foto.

— Ah, Susie. Não, creio que não conheço o nome.

— O namorado de Susan mencionou alguma vez “Duke Cathcart” ou um negócio de pornografia?

— Não! Cathcart era o nome de um dos homens mortos onde Susie morreu, e Susie era uma boa moça que nunca se associava a imundícies.

Bud entregou o cheque da aposentadoria do condado.

— Calma agora. Fale da balbúrdia.

Hilda, lágrimas brotando.

— Eu cheguei em casa no dia seguinte, e pensei ter visto sangue seco no chão do porão. Eu tinha acabado de mandar construir com o dinheiro do seguro do meu marido. Susan e o homem voltaram e pareciam nervosos. O homem se arrastou debaixo da casa e ligou para um telefone de Los Angeles, e depois ele e Susan saíram. Uma semana depois ela foi morta... e... eu, bem, eu pensei que todo aquele comportamento suspeito significava que as mortes... eu só pensei em conspirações e represálias, e quando aquele homem bom que se tornou um grande herói apareceu uns dias depois para investigar, eu só fiquei quieta.

Arrepios: o namorado de Susie Lefferts é o imitador de Cathcart. “A balbúrdia”: o namorado mata Cathcart — provavelmente em San Berdoo para conversar com os Englekling. Susie no Nite Owl, vigiando algum tipo de reunião, o namorado fazendo o papel de Cathcart — o que significava que os assassinos jamais tinham visto cara a cara o verdadeiro Cathcart.

O NAMORADO SE ARRASTANDO DEBAIXO DA CASA.

Bud pegou o telefone, ligou para Los Angeles: P.C. Bell, informações para a polícia. Um funcionário atendeu.

— Sim, quem está requisitando?

— Sargento W. White, DPLA. Estou em San Bernardino, no telefone Ranchview 04617. Preciso de uma lista de todos os telefonemas dados desse número para Los Angeles entre 20 de março e 12 de abril de 1953. Pegou?

— Peguei.

Mais de dois minutos depois, o funcionário de volta:

— Três telefonemas, sargento, 2 de abril e 8 de abril, para mesmo número, HO-21118. É um telefone público, esquina de Sunset com Las Palmas.

Bud desligou. Telefonemas para uma cabine a 800 metros do Nite Owl; o negócio ou o encontro sendo marcado — cautela extra.

Hilda ficou remexendo um lenço de papel. Bud viu uma lanterna na mesinha de canto. Pegou-a, correu com ela.

Do lado de fora, para o porão, um espaço pequeno no alicerce — apertado. Embaixo, entrando.

Terra, pedaços de madeira, mais adiante um saco de aniagem comprido. Cheiros: naftalina, podre. Arrastando-se sobre os cotovelos até o saco — naftalina e podre ficando mais forte. Cutucou o saco, viu o ninho de ratos explodirem.

Todos em volta dele: ratos cegos pela luz.

Bud rasgou a aniagem. Enfiar a lanterna, ratos, um crânio sujo de cartilagem. Largar a lanterna, rasgar com as mãos, ratos e naftalinas em sua cara. Um rasgo grande, um buraco de bala no crânio, o esqueleto da mão saindo por uma manga — “DC” na flanela.

Ele se arrastou para fora sugando o ar. Hilda Lefferts estava ali. Seus olhos diziam: “Por favor, meu Deus, aquilo não.”

Ar puro; a luz clara do dia quase ofuscante. A luz branca deu-lhe uma ideia — seu golpe contra Exley.

Um vazamento para uma revista de escândalos. Um cara da *Whisper* lhe devia — era uma revista comunista, eles adoravam comunistas e negros e odiavam policiais.

Hilda, a ponto de se cagar nas calças.

— Havia... algo... aí embaixo?

— Só uns ratos. Mas quero que a senhora fique quieta. Vou trazer umas fotos para a senhora olhar.

— Posso pegar aquele último cheque?

O envelope — sujo de bosta de rato.

— Aqui. Com os cumprimentos do capitão Ed Exley.

Uma bela sala de interrogatório — sem cadeiras aparafusadas, sem cheiro de mijo. Jack olhou para Ed Exley.

— Eu sabia que estava numa merda, mas não sabia que merecia o próprio figurão.

Exley:

— Você provavelmente está se perguntando por que não foi suspenso.

Jack se espreguiçou. Seu uniforme o incomodava — ele não o usava desde 1945. Exley parecia horripilante — magro, cabelos grisalhos, óculos sem aro que faziam os olhos dele aparecerem de modo brutal.

— Eu pensei nisso. Acho que Ellis refletiu um pouco sobre a reclamação que fez. Má publicidade e tal.

Exley balançou a cabeça.

— Loew considera você prejudicial à carreira e ao casamento dele, e deixar aquela cena de crime e agredir o policial já bastam para garantir uma suspensão e uma dispensa.

— É? Então por que não fui suspenso?

— Porque por enquanto eu intercedi com Loew e o chefe Parker. Alguma outra pergunta?

— Sim, onde estão o gravador e a estenógrafa?

— Não quero isso aqui.

Jack puxou a cadeira.

— Capitão, o que o *senhor* quer?

— Vou lhe devolver a pergunta. Você quer jogar a carreira pelo vaso sanitário ou gostaria de ficar por aí uns meses e embolsar seus vinte anos?

Fácil: o rosto de Karen quando contou a ela.

— Certo, faço o jogo. Agora, o que você quer?

Exley se inclinou para perto.

— Na primavera de 1953 seu amigo Sid Hudgens foi assassinado. Dois detetives que trabalharam no caso com Russ Millard me disseram que você se referiu a Hudgens como “escória” e que parecia visivelmente agitado na manhã em que o corpo foi descoberto. Durante esse período Dudley Smith pediu para você seguir Bud White, e você concordou. Nessa época o caso Nite Owl estava ativo, e você atuou numa investigação de pornografia para a Costumes e repetidamente informou não possuir pistas, quando seu procedimento antigo era atulhar cada relatório com “tapa-buracos”. Durante esse tempo, dois homens, Peter e Baxter Englekling, ofereceram evidências de uma suposta ligação da pornografia com o Nite Owl. Russ Millard o questionou sobre isso, você continuou com a rotina de “sem pistas”. Durante toda a investigação da pornografia, você insistiu repetidamente que o serviço fosse posto de lado. Os mesmos dois detetives, os sargentos Fisk e Kleckner, ouviram você insistir para que Ellis Loew tirasse o pé do acelerador da investigação do caso Hudgens, e um dos seus colegas na Costumes lembra-se de você estar atipicamente nervoso ao longo de todo o caso da pornografia e de que ficava ausente do esquadrão durante períodos estranhamente longos. Junte isso tudo para mim, certo, Jack?

Dez admissões de culpa — ele sabia que estava hesitando, piscando, retorcendo-se.

— Como... diabo... você...

— Não importa. Agora vamos à sua interpretação do que eu quero.

Jack respirou fundo.

— Certo, eu segui Bud White. Dud receava que ele pirasse por conta da morte de uma puta, porque White tinha essa tendência, quando se tratava de uma garota nova. Certo, então eu o segui e não descobri nada que valesse a pena. Você e White se odeiam, todo mundo sabe. Você acha que algum dia ele vai tentar pegá-lo pelo que fez com Dick Stensland, e assim vai limpar minha barra com Loew e Parker em troca de alguma sujeira sobre ele. *É isso que você quer?*

— Digamos que isso é 20 por cento, e me dê algo que ficou sabendo sobre White.

— Como por exemplo?

— Que tal ele e mulheres?

— White gosta de mulheres, o que não é novidade.

— O DAI fez uma avaliação pessoal de White quando ele passou na prova para sargento. De acordo com o relatório, ele se encontrava com uma mulher chamada Lynn Bracken. White a conhecia em 1953?

Jack deu de ombros.

— Não sei. Nunca ouvi esse nome.

— Vincennes, seu rosto diz que você é um mentiroso, mas deixe a tal de Bracken de lado, ela não me interessa. White estava se encontrando com Inez Soto durante o tempo em que o seguiu?

Ele quase gargalhou.

— Não, não enquanto eu o segui. É por isso que você está tão abalado? Acha que White e sua...

Exley ergueu a mão.

— Não vou perguntar se você matou Hudgens, não vou fazer você remontar aquela primavera para mim, não agora e talvez nunca. Só me dê sua opinião sobre uma coisa. Você estava enfiado até as orelhas na investigação da pornografia e trabalhou no Nite Owl. Crê que os três negros foram os assassinos?

Jack recuou um pouco — afastar-se daqueles olhos.

— Há pontas soltas, eu sabia na época. Se não foram os três que você pegou, talvez fossem outros negros, talvez eles soubessem onde Coates escondera o carro e tenham plantado as espingardas. Talvez o fato tenha ligação com a pornografia. Você se importa? Aqueles negros estupraram sua mulher, então o que você fez estava certo. O que tem a ver, capitão?

Exley sorriu. Jack entendeu: um homem colocando um dos pés num abismo, apoiado numa perna.

— Capitão, o que é que isso...

— Não, meus motivos são meus, e eis o que penso a princípio: Hudgens tinha alguma ligação com a pornografia e possuía um dossiê sobre você. Eis por que você estava metido naquela confusão.

Areia movediça.

— É, eu fiz uma coisa ruim uma vez. Você sabe... merda, algumas vezes eu acho... algumas vezes acho que não me importo mais se alguém descobrir.

Exley se levantou.

— Já descartei as reclamações contra você. Não haverá junta de julgamento, nem acusações. Parte do acordo que fiz com o chefe Parker estipula sua aposentadoria voluntária em maio. Eu disse que você concordaria e o convenci de que você merece a pensão

integral. Ele não questionou meus motivos, e também não quero que você questione.

Jack se levantou.

— E em troca?

— Se o Nite Owl escancarar, você e tudo que você sabe me pertencem.

Jack estendeu a mão.

— Meu Deus, você se transformou num filho da puta frio.

Calendário

FEVEREIRO-MARÇO DE 1958

Revista *Whisper*, exemplar de fevereiro de 1958:

HOMEM ERRADO MORTO NA CHACINA DO NITE OWL? TEIA DE MISTÉRIOS SE ESPALHA...

Você lembra do bafafá do Nite Owl, não é? Em 14 de abril de 1953 três assassinos entraram com espingardas no agradável Café Nite Owl, perto do Hollywood Boulevard, numa ensolarada Los Angeles, roubaram e assassinaram três funcionários e três fregueses e saíram aparentemente com 300 dólares, que, divididos por seis, significam umas 50 pratas por vida. O Departamento de Polícia de Los Angeles se jogou no caso com um zelo característico, prendeu três jovens negros sob a suspeita de terem cometido os crimes e, além disso, os acusou de terem sequestrado e estuprado uma jovem mexicana. O DPLA não tinha muita certeza se os três negros — Raymond “Sugar Ray” Coates, Tyrone Jones e Leroy Fontaine — haviam cometido os assassinatos no Nite Owl, mas tinham certeza de que os jovens eram os estupradores de Inez Soto, 21 anos, estudante universitária. A investigação do caso Nite Owl prosseguiu, com grande publicidade e grande pressão para que o DPLA resolvesse o “crime do século” em Los Angeles.

O DPLA seguiu pistas infrutíferas durante duas semanas, depois descobriu as armas do crime dentro do carro de Ray Coates, guardado numa garagem abandonada, no sul de Los Angeles. Pouco depois disso Coates, Jones e Fontaine escaparam da carceragem do Palácio da Justiça...

Entra em cena um jovem detetive de polícia: o sargento Edmund J. Exley, do DPLA. Herói da Segunda Guerra Mundial, formado pela UCLA, delator dos colegas no escândalo de brutalidade policial conhecido como Natal

Sangrento de 1951 e filho do magnata das construções Preston Exley, construtor do gigantesco Dream-a-Dreamland de Raymond Dieterling e do enorme sistema de autoestradas do sul da Califórnia. O enredo fica mais intrincado...

Item: o sargento Exley estava apaixonado por Inez Soto, a vítima dos estupros.

Item: o sargento Ed Exley localizou e matou a tiros Raymond Coates, Tyrone Jones e Leroy Fontaine, com — justiça poética — uma espingarda.

Item: uma semana depois o sargento Ed Exley foi promovido (duas patentes acima!!!) a capitão, uma grande recompensa pela solução do tipo “justiça na ponta da espada” de um caso que o DPLA precisava resolver rapidamente para garantir a perpetuação de sua (inflada?) reputação.

Item: o *capitão* Ed Exley (um garoto rico e com uma grande poupança deixada pela falecida mãe) logo se tornou muito íntimo de Inez Soto e lhe comprou uma casa a um quarteirão do seu apartamento.

Item: nós da *Whisper* sabemos de boa fonte que Raymond Coates, Leroy Fontaine, Tyrone Jones e o homem que os escondia — Roland Navarette — estavam desarmados quando Ed Exley os matou... e, agora, quase cinco anos depois das mortes no Nite Owl, o enredo fica ainda mais intrincado...

Agora, a *Whisper* é a publicação mais oprimida dentre as que o jornalismo tradicional chama de “imprensa marrom”. Nós não somos a poderosa *Hush-Hush*, estamos sediados perto de Nova York, e nosso alvo é principalmente a Costa Leste. Mas temos nossas fontes em Los Angeles, e dentre elas está um corajoso detetive particular que deseja permanecer anônimo. Este homem é obcecado pelo caso Nite Owl há anos, investigou-o intensamente e chegou a algumas revelações espantosas. Este homem, a quem chamaremos de “Detetive X”, falou com o correspondente da *Whisper* e revelou o seguinte:

Revelação do Detetive X: durante a investigação do caso Nite Owl, dois irmãos, *Peter e Baxter Englekling*, gráficos de San Bernardino, Califórnia, fizeram às autoridades um relato de como *Delbert “Duke” Cathcart*, vítima do Nite Owl, os

procurou com um plano de imprimir material pornográfico, depois teorizaram que os assassinatos do Nite Owl eram resultado de intrigas no submundo da pornografia. O DPLA descartou a teoria dos irmãos na pressa de ligar o crime aos negros, e agora os Englekling parecem ter desaparecido da face da Terra...

Revelação do Detetive X: a Sra. Hilda Lefferts, mãe de *Susan Nancy Lefferts, vítima do Nite Owl*, nascida e criada em San Bernardino, contou ao Detetive X que, imediatamente antes dos assassinatos, a filha tinha um namorado misterioso e anônimo muito parecido com Duke Cathcart, e ela até mesmo ouviu-o dizer a Susan Nancy: “Me chame de Duke. Acostume-se com a ideia”!!! A Sra. Lefferts não pôde identificar o homem a partir de fotos que o Detetive X lhe mostrou. Em seguida X desenvolveu o que consideramos uma teoria excelente e excitante!

Teoria de X: achamos que o misterioso namorado matou Duke Cathcart numa tentativa de tomar conta de seu negócio com pornografia, passou a fazer o papel de Duke Cathcart e foi parar no café Nite Owl para fazer negócios com três homens que perpetraram a chacina. Susan Nancy estava sentada perto, para ver o namorado fazer o negócio. O Detetive X dá as seguintes evidências inatacáveis como prova:

A Sra. Lefferts disse que o namorado se parecia com Duke Cathcart.

O corpo identificado como Cathcart estava mutilado demais para ser corretamente identificado. A identificação final do legista se baseou na restauração *parcial* da dentadura comparada com os registros dentários de Cathcart na prisão — e outros registros da prisão dizem que a altura de Cathcart era 1,72 metro, ao passo que o corpo descoberto no Nite Owl media 1,74 metro. No todo, uma prova inconfundível de que um imitador, e não Duke Cathcart, foi morto no Café Nite Owl...

Excitantes extrapolações que, pelo que acreditamos, levarão a algumas revelações extremamente interessantes e irão exasperar o feliz Departamento de Polícia de Los Angeles e talvez inocentem os três negros erroneamente acusados das mortes no Nite Owl. Nós da *Whisper* insistimos em que a

Promotoria de Los Angeles mande exumar os corpos das vítimas do Nite Owl, nós acusamos o capitão Ed Exley do assassinato a sangue-frio de quatro vítimas da sociedade e pedimos expressamente ao DPLA: redimam seus antigos malfeitos em nome da justiça! Reabram o caso Nite Owl!!!

EXCERTO: *São Francisco Chronicle*, 27 de fevereiro:

ASSASSINATOS EM GAITSVILLE DEIXAM POLÍCIA PERPLEXA

Gaitsville, Califórnia, 27 de fevereiro de 1958 — Um estranho assassinato duplo deixou os cidadãos de Gaitsville, uma pequena cidade 110 quilômetros ao norte de São Francisco, apavorados — e o xerife do condado de Marin perplexo.

Há dois dias, os corpos de Peter e Baxter Englekling, 41 e 37 anos, foram descobertos em seu apartamento, ao lado da gráfica onde trabalhavam como tipógrafos. Os dois irmãos, nas palavras do tenente Eugene Hatcher, da Delegacia do Xerife do Condado de Marin, eram “personagens de reputação duvidosa, com ligações com o crime”. O tenente declarou com cautela para o repórter do *Chronicle* George Woods:

“Os irmãos Englekling tinham ficha criminal por tráfico de drogas. Certo, eles estavam limpos havia vários anos, mas continuavam sendo personagens de reputação duvidosa. Por exemplo, eles trabalhavam na gráfica usando nomes falsos, mas, pelo visto, estamos diante de um caso de tortura para obter informações.”

Os irmãos Englekling trabalhavam na Rapid Bob's Printing, na East Verdugo Road, em Gaitsville, e moravam no prédio ao lado. O patrão, Robert Dunkquist, 53 anos, conhecia os dois como Pete e Bax Girard e descobriu os corpos na manhã de terça-feira. “Pete e Bax trabalhavam para mim há um ano e eram extremamente pontuais. Quando se atrasaram para o trabalho na terça eu soube que havia algo. Além disso, a oficina tinha sido saqueada, e eu queria a ajuda deles para encontrar os culpados.”

Os irmãos Englekling, cujas verdadeiras identidades

foram reveladas por uma verificação de digitais por meio de teletipo, foram mortos a tiros, e o tenente Hatcher tem certeza de que o assassino usou um revólver 38 com silenciador. “Nosso especialista em balística encontrou aparas de aço nas balas retiradas das vítimas. Isso indica o uso de um silenciador e também o motivo de os vizinhos não terem ouvido tiros.”

O tenente Hatcher não quis revelar o estado atual da investigação, mas declarou que todas as abordagens estão sendo utilizadas. Afirmou que as duas vítimas foram torturadas antes de receber os tiros, mas não quis descrever a cena do crime. “Queremos guardar essa informação”, disse ele. “Algumas vezes lunáticos em busca de publicidade confessam crimes assim, mesmo não os tendo cometido. Manter os fatos guardados ajuda a separar os culpados dos inocentes.”

Peter e Baxter Englekling não têm parentes vivos, que se saiba, e os corpos estão no setor de medicina legal de Gaitsville. O tenente Hatcher pediu que todos que possam ter informações sobre os homicídios contatem o Departamento do Xerife do Condado de Marin.

EXCERTO: *São Francisco Examiner*, 1º de março:

VÍTIMAS DE ASSASSINATO LIGADAS A CÉLEBRE CRIME EM LOS ANGELES

Peter e Baxter Englekling, vítimas de assassinato em Gaitsville, Califórnia, em 25 de fevereiro, foram testemunhas materiais no famoso caso dos assassinatos do Nite Owl, que ocorreu em Los Angeles em abril de 1953, revelou hoje o tenente Eugene Hatcher, da Delegacia do Xerife de Marin.

“Recebemos uma informação anônima ontem”, disse o tenente Hatcher ao *Examiner*. “Um homem apenas passou a dica e em seguida desligou. Nós verificamos com a Promotoria de Los Angeles, e disseram que era verdade. Não creio que isso tenha qualquer ligação com o nosso caso, mas liguei para o Departamento de Polícia de Los Angeles e perguntei. Eles não me deram importância, então que se danem.”

EXCERTO: *Los Angeles Daily News*, 6 de março:

**O NITE OWL RESSUSCITADO — NOVAS
REVELAÇÕES CHOCANTES APONTAM PARA A
HIPÓTESE DE INOCENTES MORTOS**

Esta é uma história feia. O *Daily News*, francamente o único jornal de Los Angeles que se preocupa em revelar os fatos e o único jornal do sul com orgulho de denunciar a corrupção política e administrativa, não tem medo de contar essas histórias. Esta agora abala a imagem de herói de um homem considerado por muitos um perfeito exemplar da lei e da ordem, e quando os heróis possuem pés de barro, nós do *Daily News* acreditamos ser nosso dever expor suas falhas ao exame público. As questões aqui são importantes, tão notáveis quanto o crime que as provocou, por isso estamos francamente revirando a lama. A lama: o tristemente famoso caso Nite Owl — seis pessoas brutalmente atacadas e mortas a espingarda num café em Hollywood em abril de 1953 — foi resolvido incorretamente, a um grande custo para a justiça. Queremos ver o caso reaberto e a verdadeira justiça alcançada.

Raymond Coates, Leroy Fontaine e Tyrone Jones — vocês se lembram desses nomes? — eram os três jovens negros, criminosos e agressores sexuais, sem dúvida, que foram encarcerados indevidamente pelo Departamento de Polícia de Los Angeles. Presos pouco depois dos assassinatos no Nite Owl, ofereceram um álibi infernal: não poderiam ter cometido os assassinatos porque estavam envolvidos no estupro coletivo de uma jovem chamada Inez Soto. Eles abusaram da Srta. Soto num prédio deserto no sul de Los Angeles, depois confessaram que andaram de carro com ela e a “venderam” aos amigos para mais abusos sexuais. Deixaram a Srta. Soto com um homem chamado Sylvester Fitch, e um policial do DPLA o matou enquanto libertava corajosamente a jovem.

A vítima se recusou a cooperar com a investigação policial, que na época centrava-se no imperativo de estabelecer onde Coates, Jones e Fontaine se encontravam na hora das mortes no Nite Owl. Estariam com ela e os outros

supostos estupradores (nenhum dos quais, além de Fitch, foi identificado)? Teriam tempo de ir do sul de Los Angeles até Hollywood, cometer os crimes no Nite Owl, depois voltar para lhe infligir mais agressões? Estaria ela consciente durante todo o período de sua degradação?

Perguntas não respondidas — até agora.

A investigação policial se espalhou por duas frentes: a busca de provas que corroborassem Jones, Coates e Fontaine como os assassinos e a busca de evidências gerais, trabalho policial padrão baseado na suposição de que os três jovens eram culpados somente de sequestro e estupro, mas não de assassinato. A Srta. Soto continuou se recusando a cooperar. As duas frentes investigativas perderam o sentido quando Coates, Jones e Fontaine escaparam da cadeia e foram mortos a tiros pelo herói mencionado antes: o sargento Edmund Exley, do DPLA.

Formado numa universidade, herói da Segunda Guerra Mundial, filho do ilustre Preston Exley, Ed Exley usou o caso do Nite Owl como trampolim para uma implacável ambição pessoal. Foi promovido a capitão aos 31 anos, e neste momento está para se tornar inspetor — aos 36, o mais jovem na história do DPLA. Ele é mencionado — com quase tanta frequência quanto o pai, todo-poderoso das construções — como potencial candidato a um cargo político pelo Partido Republicano. Alguns boatos persistentes o rodeiam: que os homens que ele matou encontravam-se desarmados, que o promotor Ellis Loew sonhou com a confissão que Coates, Jones e Fontaine supostamente teriam feito antes de escapar. O que em geral não se sabe é que Exley estava apaixonado por Inez Soto, que concordou com a falta de cooperação da moça durante a investigação e que mais tarde comprou uma casa para a jovem e está intimamente envolvido com ela há quase cinco anos.

E agora dois fatos recentes escancararam o caso Nite Owl.

Em 1953, dois homens, irmãos, se ofereceram como testemunhas materiais dos assassinatos no Nite Owl. Esses homens, Peter e Baxter Englekling, afirmaram que uma trama envolvendo pornografia era o elemento fundamental para o massacre no café, a partir de um esquema imaginado por uma das vítimas: o ex-presidiário Delbert “Duke”

Cathcart. O DPLA optou por ignorar essa informação. Até que, quase cinco anos depois, Peter e Baxter Englekling são cruelmente mortos na pequena cidade de Gaitsville. As mortes, ocorridas em 25 de fevereiro, não foram resolvidas, por uma completa ausência de pistas. Mas uma questão há muito sem resposta estava para ser respondida.

Na Penitenciária de San Quentin, um prisioneiro negro chamado Otis John Shortell leu um relato num jornal de São Francisco sobre as mortes dos irmãos Englekling, um relato que mencionava a tênue relação deles como caso Nite Owl. O artigo fez Otis John Shortell pensar. Ele requisitou uma audiência com o diretor-assistente e fez uma confissão espantosa.

Otis John Shortell, cumprindo pena por várias acusações de assalto a carros e francamente desejando uma redução de sentença como recompensa pela cooperação, confessou ser um dos homens a quem Coates, Fontaine e Jones “venderam” Inez Soto. Estava com a Srta. Soto e os três rapazes entre as 2h30 e 5 horas da madrugada em que aconteceram os assassinatos no Nite Owl, *durante todo o período dos assassinatos*. Ele contou ao diretor-assistente que nunca se apresentou para inocentar os três por medo de ser acusado de estupro. Depois declarou que Coates tinha uma grande quantidade de drogas no carro e que esse foi o motivo de jamais ter revelado sua localização à polícia. Shortell anunciou uma conversão recente ao cristianismo pentecostal como o motivo para finalmente confessar, mas as autoridades da prisão ficaram em dúvida. Shortell pediu um teste com detector de mentiras para provar a veracidade e fez quatro exames num polígrafo. Passou em todos os testes. O advogado de Shortell, Morris Waxman, mandou ao *Daily News* e ao DPLA cópias autenticadas dos relatórios dos testes. Nós elaboramos este artigo. O que o DPLA vai fazer?

Nós rejeitamos a injustiça da justiça feita com uma espingarda. Rejeitamos os motivos do pistoleiro Ed Exley. Desafiamos abertamente o Departamento de Polícia de Los Angeles a reabrir o caso Nite Owl.

EXCERTO: *Los Angeles Times*, 11 de março:

NITE OWL: CRESCE O CLAMOR PÚBLICO

Um rebuliço de eventos não relacionados e o incêndio provocado por uma série de matérias no *Los Angeles Daily News* estão pressionando o Departamento de Polícia de Los Angeles a reabrir a investigação do caso dos assassinatos no Nite Owl em 1953.

O chefe William H. Parker, do DPLA, disse: “A controvérsia não passa de um barril de pólvora com estopim molhado. É um monte de bobagens. O testemunho de um criminoso degenerado e um duplo assassinato sem qualquer relação não constituem motivo para reabrir um caso resolvido com sucesso há cinco anos. Eu apoiei as ações de Ed Exley em 1953 e as apoio agora.”

As referências do chefe Parker aludem aos assassinatos de Peter e Baxter Englekling em 25 de fevereiro, testemunhas materiais da investigação original do Nite Owl, e o testemunho recente de Otis John Shortell, prisioneiro em San Quentin, que afirmou estar com os três homens acusados do assassinato durante o tempo em que teriam ocorrido os crimes no Nite Owl. Citando os testes com o detector de mentiras realizados na prisão, o advogado Morris Waxman declarou: “Os polígrafos não mentem. Otis é um homem religioso que carrega um grande fardo de culpa por não ter defendido homens inocentes há cinco anos, e agora quer a justiça. Ele deu às três vítimas mortas um álibi validado por um detector de mentiras, e agora quer ver punidos os verdadeiros assassinos. Não deixarei de divulgar essa questão até que o DPLA concorde em cumprir seu dever e reabra o caso.”

Richard Tunstell, editor de cidade do *Los Angeles Daily News*, ecoou o mesmo sentimento: “Nós estamos com os dentes cravados em algo importante. Não vamos soltar.”

MANCHETES

Los Angeles Daily News, 14 de março:

ACUSAMOS: O DPLA ENCOBRE O NITE OWL

Los Angeles Daily News, 15 de março:
CARTA ABERTA AO PISTOLEIRO EXLEY

Los Angeles Times, 16 de março:
**DEFENSOR DE PRESO ENTREGA PETIÇÃO AO
PROCURADOR-GERAL DO ESTADO PARA
REABERTURA DO CASO NITE OWL**

Los Angeles Herald-Express, 17 de março:
**PARKER À IMPRENSA: NITE OWL É CASO
ENCERRADO**

Los Angeles Daily News, 19 de março:
**CIDADÃOS EXIGEM JUSTIÇA — PIQUETES DIANTE
DO DPLA**

Los Angeles Herald-Express, 20 de março:
**PARKER/LOEW EM SITUAÇÃO DELICADA
GOVERNADOR KNIGHT: NITE OWL É UM “BARRIL
DE PÓLVORA”**

Los Angeles Mirror News, 20 de março:
**AS RECOMPENSAS DA MORTE — FOTOS
EXCLUSIVAS DO NINHO DE AMOR DE EXLEY E
SOTO**

Los Angeles Examiner, 20 de março:
**TELEFONES DA POLÍCIA NÃO PARAM: CIDADÃOS
VERBALIZAM OPINIÕES SOBRE O NITE OWL**

Los Angeles Times, 20 de março:
PARKER APOIA EXLEY E FICA FIRME: “NADA DE

REABRIR O NITE OWL”

Los Angeles Daily News, 20 de março:

**A JUSTIÇA DEVE PREVALECER! EXIGIMOS QUE A
POLÍCIA PRESTE CONTAS! REABRAM AGORA O
CASO NITE OWL!**

Parte IV

Destino: necrotério

O telefone tocou: chance de vinte contra um de ser a imprensa. Ed atendeu mesmo assim.

— Alô?

— Bill Parker, Ed.

— Como vai, senhor? E obrigado por aquela declaração no *Times*.

— Eu fui sincero, filho. Nós vamos endurecer esse negócio e depois deixar passar. Como Inez está recebendo tudo? A publicidade, quero dizer.

— Meu pai disse que ela está na casa de Ray Dieterling em Laguna. E nós rompemos há alguns meses. Não estava dando certo.

— Sinto muito. Mas Inez é uma garota corajosa. Comparado com o que ela passou, deve ser moleza.

Ed esfregou os olhos.

— Não tenho certeza de que isso vá passar.

— Acho que vai. A polícia de Gaitsville não cooperará com os homicídios dos Englekling, e aquele negro em Quentin não tem nenhum valor como testemunha. O teste de polígrafo dele parece válido, mas o advogado é um porta de cadeia, só está interessado em tirar o cliente de...

— Senhor, deixando tudo de lado, não acho que os homens que matei foram os responsáveis pelo Nite Owl e...

— Não me interrompa e não me diga que você é um suicida tão ingênuo a ponto de julgar que a reabertura do caso sirva para algo. Agora, estou esperando isso passar e o procurador-geral lá em Sacramento também. Má publicidade, petições de justiça e tal *sempre* alcançam um pico e passam.

— E se não passar?

Parker suspirou.

— Se o procurador-geral ordenar uma investigação especial

bancada pelo estado, eu entro com uma injunção contra ele pelo DPLA e realizo uma investigação nossa sobre ele. Tenho todo o apoio de Ellis Loew nessa estratégia; mas isso *vai* passar.

— Não tenho certeza de que quero que passe.

Serviço do Esquadrão Antimáfia: quarto 6. Victory Motel. Bud, Mike Breuning, um garoto de São Francisco algemado na cadeira — Joe Sifakis, três prisões por agiotagem, assaltou um trem na Union Station. Breuning trabalhava com a mangueira; Bud olhava.

Mil e quatrocentos na cômoda — doação para a instituição de caridade da polícia. Um discurso do tipo “saia da cidade” sendo feito em força total — restaurações dentárias voando. Bud olhou o relógio — 16h20 — Dudley estava atrasado. Sifakis gritou.

Bud entrou no banheiro. Quatro paredes obscenas: versinhos sexuais, alguns datados. Ano de 1953 — pensou no Nite Owl imediatamente. Apavorante: o Nite Owl sendo alvo de muitas notícias, Dud queria falar com ele. Abriu a torneira da pia — para cobrir os gritos. Testou sua ligação com o Nite Owl, julgou estar totalmente seguro.

Ninguém sabia que ele deixara a história vazar para a *Whisper* — se alguns figurões soubessem, ele teria ouvido comentários — e o defunto de Cathcart ainda estava debaixo da casa. Ninguém sabia que ele dera a dica ao xerife de Gaitsville sobre a ligação dos Englekling com o Nite Owl. Ajuda da sorte: os irmãos mortos, o negro em San Quentin — possivelmente um álibi legítimo. Ele permanecia limpo com relação às evidências que suprimira em 1953 — se Dudley tivesse a mínima ideia de que ele estava escondendo coisas, provavelmente acharia que eram relativas à sua fixação com a morte de Kathy. Dud fora supervisor do Nite Owl, desejaria que o tumulto passasse — uma reabertura o faria parecer um imbecil coadjuvante — o degrau do herói idiota Ed Exley. Parker estava tentando impedir a reabertura, digamos que as chances seriam de 5 para 1, 5 para 1 de que Exley sairia fedendo...

Sifakis gritando — a porta tremeu.

Bud enfiou a cabeça na pia. Um rabisco perto do espelho: Meg

Greunwitz trepa bem — AX-74022. Nomes de garotas nas paredes; semana passada o xerife de Los Angeles encontrou uma puta morta, acrescentá-la à lista: Lynette Ellen Kendrick, 21 anos, assassinada em 17 de março de 1958. Espancada, lacerações provocadas por anel, estupro por três buracos — os policiais do condado não lhe dariam tempo de...

Sifakis começou a balbuciar. O banheiro ficou quente demais para suportar.

Bud saiu. Sifakis, num frenesi:

— ...e eu sei de coisas, eu *ouço* coisas. Como, olha só, com o Mick de fora a temporada está aberta. Os negócios ficavam numa lentidão esquisita quando ele estava dentro, mas umas turmas de pistoleiros pegaram os sujeitos que cuidavam das franquias dele, aí uns caras independentes, três pistoleiros banguê-banguê, eles apagaram homens do Mickey e os que estavam tentando acabar com o negócio de agiotagem dele. Todo mundo respeitava Dud S. como um cara que fazia tréguas, mas agora ele não faz porra nenhuma. Você quer prender uma puta? Hein? Hein? Quer uma boa dica sobre...

Breuning parecia entediado. Bud foi até o pátio: capim, cerca de arame farpado. Quatorze quartos vazios — o DPLA comprou a propriedade por um preço barato.

— Garoto.

Dudley na calçada. Bud acendeu um cigarro, foi até lá.

— Garoto, desculpe o atraso.

— Não faz mal, você disse que era sério.

— É, é tudo aquilo. O que está achando do Esquadrão de Hollywood, garoto? É do seu agrado?

— Eu gostava mais da Homicídios.

— Ótimo. Vou providenciar para que você volte em breve para lá. E está gostando do espetáculo do amigo Exley ridicularizado em tudo que é canto?

A fumaça o fez tossir.

— É claro. É uma pena que o caso não vá ser reaberto e realmente fazer ele se sentir embaraçado. Não que eu queira ver você pegando a rebarba.

Dudley riu.

— Entendo os conflitos inerentes ao seu ponto de vista. E também sinto uma certa ambivalência, especialmente depois que um passarinho em Sacramento me contou que o procurador-geral

vai pressionar para que o caso seja reaberto. Ellis Loew preparou uma injunção para a possibilidade de a situação ficar feia, por isso acho seguro presumir que mais uma vez o Nite Owl é a nossa batata quente. Lutas políticas, garoto. Os democratas vermelhos resolveram assumir a questão dos negros acusados erroneamente e pretendem levantar o assunto nas eleições primárias, e o advogado-geral, que é republicano, saiu de banda e contra-atacou. Garoto, você tem alguma informação sobre o Nite Owl que não apresentou a mim?

Pronto, preparado.

— Não.

— Ah, ótimo. Deixando isso de lado, eu tenho uma tarefa para você aqui no Victory esta noite. Um homem muito grande e musculoso precisa levar uma dura e, francamente, Mike e Dick não têm presença para impressioná-lo de forma adequada. É um mundo pequeno, garoto — creio que esse cara conhecia nosso amigo Duke Cathcart em 1953. Talvez ele possa lhe dar alguma informação sobre a sua fixação, Kathy Janeway. O destino da bela Kathy ainda o preocupa, garoto?

Bud engoliu — em seco.

— Garoto, esqueça o que eu perguntei. Fixações assim são como prostitutas: podem se regenerar, mas as velhas manias permanecem. Hoje, 22 horas, garoto. E anime-se. Eu tenho um trabalho extracurricular para você em breve, trabalho capaz de reacender seus antigos hábitos temíveis.

Bud piscou.

Dudley sorriu, foi para o quarto 6.

Prostituta é igual a Lynn. O papo furado sobre Janeway é igual a exatamente quanto?

Joe Sifakis gritou — através de quatro paredes, até o fim do pátio.

Gallaudet lhe passou as novidades: o escritório do procurador-geral estava pronto para fazer pressão por uma reabertura: financiada pelo estado, comandada pelo estado. Ellis Loew estava preparado para usurpar a investigação deles — o DPLA comprando de volta o Nite Owl. Hora de revolver tudo.

Ed num café em La Brea. A dívida de Jack Vincennes, papelada sobre a mesa: Nite Owl, anotações sobre o caso Hudgens.

Marca de verificação: será que o homem de San Quentin estava falando a verdade? Provavelmente, sim — quaisquer que fossem os motivos.

Marca de verificação: será que as mortes dos irmãos Englekling tinham ligação com o Nite Owl? Não havia como dizer antes de o xerife de Marin compartilhar suas informações.

Marca de verificação: o carro roxo perto do Nite Owl. Uma intuição: era um veículo inocente, os verdadeiros assassinos seguiram a publicidade, localizaram o carro de Ray Coates antes do DPLA, plantaram as espingardas. Isso significava — espantosamente — que haviam plantado os cartuchos deflagrados no Griffith Park. Os registros do Palácio da Justiça entre 1935 e 1955 haviam sido destruídos — se os assassinos receberam a informação como parte de uma conexão na cadeia, provavelmente seria impossível descobrir essa conexão. Mandar Kleckner e Fisk investigarem a fundo cada possibilidade lógica relativa ao carro roxo e às espingardas plantadas.

Marca de verificação: vítima Malcolm Lunceford, ex-policia! do DPLA/guarda de segurança bêbado. Estaria ligado a alguma conspiração criminosa que resultou no massacre do Nite Owl? Resposta: pouco provável — ele era freguês antigo do Nite Owl, sempre no fim da noite.

Ed tomou café, pensou: PODER. Abuso: o DAI era autônomo

dentro e fora do departamento; mandaria Fisk e Kleckner trabalharem na direção de uma possível reabertura — pelo DPLA ou por ele próprio. Vincennes admitiu ter seguido Bud White e mentiu sobre o fato de White conhecer sua namorada esporádica — Lynn Bracken na primavera de 1953. Lynn Bracken estava sob certa vigilância; Fisk mandou um relatório.

Diziam que a mulher era ex-prostituta; sócia de uma loja de roupas em Santa Monica. Seu sócio: Pierce Morehouse Patchett, 56 anos. Kleckner conseguiu um relatório financeiro: Patchett emergiu como um investidor rico que cafetinava garotas de programa para os homens com quem fazia negócios. O interessante:

Patchett era dono de um prédio de apartamentos em Hollywood. Um tiroteio estranho aconteceu lá — na época do Nite Owl. Ele próprio tinha atendido ao chamado: nenhum suspeito preso, equipamento de sadomasoquismo num apartamento do andar térreo marcado com balas. O zelador disse que não conhecia o dono do prédio — era pago pelo correio, suspeitava de que uma empresa testa de ferro lhe mandava os cheques de pagamento. Sabia o primeiro nome do inquilino do apartamento — “Lamar”, um cara “grande e louro”. O zelador culpava Lamar pelos tiros; um relatório posterior da Delegacia de Hollywood declarava que desde o incidente Lamar não fora mais visto. Incidente fechado.

Lata de Lixo estava atrasado. Passar para as anotações sobre Hudgens.

Trabalho de carnicheiro, nenhum forte suspeito. Hudgens era amplamente odiado. Uma investigação frouxa — as suspeitas caíram brevemente sobre Max Peltz e a equipe de *Badge of Honor* — a *Hush-Hush* publicou um artigo “denunciando” Peltz e sua luxúria por adolescentes. Peltz passou num teste de polígrafo; o restante da “equipe” apresentou álibis. Nas entrelinhas: Parker considerava a vítima uma escória, liquidou sumariamente o caso.

Nada do Lata de Lixo. Ed pegou a folha com os álibis.

Max Peltz em pleno crime por tentativa de estupro — estava implícito, nenhuma acusação formal. A roteirista Penny Fulweider estava em casa com o marido; Billy Dieterling tinha álibi: Timmy Valburn. O cenógrafo David Mertens — um homem doente sofrendo de epilepsia e outros males — possuía um álibi proporcionado por Jerry Marsalas, seu enfermeiro. O astro Brett Chase numa festa; o coadjuvante Miller Stanton também. Não deu em nada — mas a morte de Hudgens tinha um papel central para Vincennes, naquela

primavera de 1953.

Lata de Lixo apareceu, sentou-se. Sem preliminares:

— Você vai puxar o negócio de volta?

— Encontro-me amanhã com Parker. Tenho certeza de que ele vai anunciar a reabertura.

Vincennes riu.

— Então não fique tão triste. Se você é suficientemente maluco para querer isso, pelo menos finja que está feliz.

Ed colocou seis cartuchos sobre a mesa.

— Três desses eu recuperei de seu último treino de tiro ao alvo, três eu peguei num armário de provas da Delegacia de Hollywood. Marcas idênticas. Abril de 1953, Jack. Lembra daquele tiroteio em Cheramoya?

Lata de Lixo agarrou a mesa.

— Vá em frente.

— Pierce Patchett é dono daquele prédio em Cheramoya, e esconde muito bem esse fato. Foi encontrado material de sadomasoquismo lá dentro, e Patchett é conhecido de Lynn Bracken, namorada de Bud White, que você negou conhecer. Na época você estava trabalhando numa investigação de pornografia para a Costumes, e pornografia e material de sadomasoquismo são farinha do mesmo saco. Na última vez em que conversamos você admitiu que Hudgens tinha um dossiê a seu respeito e que foi este o motivo de você estar tão envolvido na época. Eis meu grande salto, de modo que me corrija se eu estiver errado. Bracken e Patchett eram conhecidos de Hudgens.

Vincennes apertou as mãos — a mesa tremeu.

— E você é um escroto inteligente. E daí?

— Então Bud White conhecia Hudgens?

— Não, não creio...

— O que White tem a ver com Patchett e Bracken?

— Não sei. Exley, olha...

— Não, *olha* você. E me responda. Você pegou de volta o dossiê de Hudgens a seu respeito?

Lata de Lixo suando.

— É, peguei.

— Com quem?

— Com a tal de Bracken.

— Como conseguiu com ela?

— Ameaça de depoimento. Escrevi um depoimento sobre ela e

Patchett, tudo que consegui descobrir sobre os dois. Fiz várias cópias e coloquei em cofres de bancos.

— E você...

— É, ainda estou com eles. E eles continuam com cópias do dossiê sobre mim.

Adivinhação educada:

— E Patchett estava vendendo a pornografia que você estava investigando?

— É. Exley, olha...

— Não, Vincennes, *olha* você. Ainda tem cópias das revistas de sacanagem?

— Eu tenho os depoimentos e as revistas. Se você os quiser, eu quero minha supressão de evidências apagada. E metade das honras do Nite Owl.

— Um terço. Não há como resolver o caso sem White.

Quarto 6 no Victory. Dudley, um cara musculoso e repulsivo acorrentado na cadeira. Dot Rothstein folheando uma *Playboy*. Bud observou-a, espiando a mulher pelada: uma policial machona vestida com macacão da Hughes Aircraft.

Dudley pegou uma ficha policial.

— Lamar Hinton, 31 anos. Uma condenação por assalto à mão armada, ex-empregado de companhia telefônica, com fortes suspeitas de instalar linhas piratas para Jack Whalen, o Executor. Violador da condicional desde abril de 1953. Garoto, acho que é seguro me referir a você como ligado ao crime organizado, e portanto alguém que precisa de reabilitação para estar na sociedade civil.

Hinton lambeu os lábios; Dudley sorriu.

— Você se apresentou pacificamente, o que lhe serve de crédito. Não veio fazendo discurso sobre seus direitos humanos, o que, como você não tem nenhum, revela sua inteligência. Agora, meu trabalho é deter e conter o crime organizado em Los Angeles, e descobri que a força física costuma ser a medida corretiva mais persuasiva. Garoto, eu farei as perguntas, e você as responderá. Se eu ficar satisfeito com as respostas, o sargento Wendell White permanecerá na cadeira dele. Agora, por que você desapareceu da condicional em abril de 1953?

Hinton gaguejou. Bud bateu com as costas da mão — olhos na parede para não precisar ver. Esquerda/direita/esquerda/direita/esquerda/direita — Dot fez o sinal para parar.

Cessar fogo. Dudley:

— Um pequeno lembrete para mostrar o que o sargento White é capaz de fazer. Agora, daqui em diante vou aceitar sua gagueira. Você se lembra da pergunta? Por que desapareceu da condicional em abril de 1953?

Gag-gag-gaguejando: Hinton com os olhos apertados.

— Garoto, estamos esperando.

Hinton:

— T-t-tive d-de s-s-sair da ci-cidade.

— Ah, fantástico. E o que precipitou sua necessidade de sair?

— S-só p-problema c-c-com mu-mulher.

— Garoto, não acredito.

— V-v-verdade.

Dudley assentiu. Bud bateu com as costas da mão — empurrando, fingindo força total.

— Esse garoto suporta um bocado de sofrimento — disse Dot. — Vamos lá, doçura, facilite as coisas para você. Abril de 1953. Por que se mandou da cidade?

Bud ouviu Breuning e Carlisle no quarto ao lado. O negócio bateu na sua cabeça: abril de 1953 — o Nite Owl.

— Garoto, eu superestimei a força da sua memória, de modo que deixe-me ajudar um pouco. Pierce Patchett. Você era conhecido dele na época, não era?

Bud, arrepios: supressão de evidências, ele não poderia saber da existência de Patchett.

Hinton se retorceu, se sacudiu.

— Ah, fantástico, acho que tocamos num ponto fraco.

Dot suspirou.

— Meu Deus, esses músculos. Eu deveria ter músculos assim.

Dudley uivou.

Sufocar os arrepios: ele está trabalhando na reabertura — talvez Hinton faça parte. *Se ele soubesse de minha dança das evidências eu não estaria aqui.*

Dot bateu em Hinton com um cassete: braços, joelhos. Os músculos receberam de modo estoico: sem gritos, sem gemidos.

Dudley riu.

— Garoto, você tem uma grande resistência ao desconforto. Comente o seguinte, por favor: Pierce Patchett, Duke Cathcart e pornografia. Seja conciso ou o sargento White vai testar essa resistência.

Hinton, sem gaguejar:

— Foda-se, seu veado irlandês.

Ho, ho, ho.

— Garoto, você é um tremendo comediante. Wendell, mostre ao nosso amigo do crime organizado sua opinião sobre piadas não

solicitadas.

Bud pegou o cassete de Dot.

— O que o senhor deseja, chefe?

— Cooperação total e dócil.

— Isso tem a ver com o Nite Owl? O senhor falou de Duke Cathcart.

— Quero uma cooperação total e dócil em todos os tópicos. Você tem alguma objeção?

— Só faça o serviço, White — disse Dot. — Meu Deus, eu deveria ter uns músculos assim.

Bud se aproximou.

— Deixe-me fazer um solo com ele. Só dois minutos.

— Uma volta aos seus velhos métodos, garoto? Já faz um tempo desde que você demonstrava entusiasmo por esse tipo de serviço.

— Vou deixar ele pensar que pode me aguentar, depois acabo com ele — sussurrou Bud. — Você e Dot esperem lá fora, certo?

Dudley assentiu, saiu com Dot. Bud aumentou o volume do rádio: um comercial, carros usados no Yeakel Olds.

Hinton sacudiu as correntes.

— Foda-se você, foda-se aquele irlandês e foda-se aquela machona da porra.

Bud puxou uma cadeira.

— Eu não gosto desse negócio, de modo que você deve ser bonzinho e me dar algumas respostas na moita e eu digo ao homem para soltar você. Sacou? Nada de acusação por violação de condicional.

— Foda-se.

— Hinton, eu acho que você conhece Pierce Patchett, e talvez conheça Duke Cathcart. Você pode me contar alguma coisa por fora e eu...

— Vá foder a sua mãe.

Bud jogou Hinton e a cadeira do outro lado do quarto. A cadeira caiu de lado — lascas se soltaram. Prateleiras desmoronaram — o rádio quebrou, soltando estática.

Bud levantou a cadeira com uma das mãos. Hinton mijou nas calças. Bud se ouviu falando, uma voz estranha com um sotaque diferente.

— Me dê alguma pista sobre cafetinagem, garoto. Cathcart, um crioulo chamado Dwight Gilette; os dois cuidavam de uma garota chamada Kathy Janeway. Ela foi apagada, e eu não gostei disso.

Tem alguma informação sobre eles, garoto?

Olhos nos olhos — os de Hinton arregalados. Sem gagueira, não deixe esse animal nervoso.

— Senhor, eu trabalhava de motorista para o Sr. Patchett, eu e um tal de Chester Yorkin. Nós só entregávamos umas... umas mercadorias ilegais... e Cathcart, não faço a menor ideia de quem seja. Ouvi dizer que Gilette era veado, só sei que ele arranjava putas para as festas de Spade Cooley. Quer dados sobre Spade? Eu sei que ele fuma ópio, é um viciado degenerado. Está tocando no El Rancho agora, arroche ele. Mas não conheço nenhum assassino de putas e não conheço nenhuma garota chamada Kathy Janeway.

Bud balançou a cadeira — Hinton continuou dedurando:

— Senhor, o Sr. Patchett administra garotas de programa. Mulheres lindas, todas preparadas para parecerem estrelas de cinema. A predileta era uma puta linda, Lynn, parecida com...

Bud foi direto na cara dele. A cara ficou vermelha, homens grandes o envolveram — braços ao redor — erguendo-o. O teto despençou, pedaços de estuque em redemoinho, ficando pretos.

PERGUNTAS E RESPOSTAS através do negrume, gritos e gemidos através de névoa — uma parede que escondia rostos. Revistas de sacanagem, Cathcart, Pierce P. — o turbilhão não conseguia atravessar. Um esforço para ouvir “Lynn Bracken”, nada sobre o nome, o negrume ficando muito mais negro. Mickey Cohen, 1953 e por que você fugiu — ele tentou arrancar a névoa para aquele nome. Guinchos que o faziam se enterrar na maciez — imagens de Lynn espalhadas ao redor.

Lynn loura e puta, morena e ela mesma. Lynn sabendo do negócio dele com Inez. “Seja gentil com ela e me poupe dos detalhes.” Lynn escrevendo um diário enquanto ele não tinha coragem de lê-lo porque sabia que tinha o rabo preso com ela. Lynn pensando dois passos na frente dele, entrando e saindo de sua vida, enquanto ele entrava e saía da dela. Aquela névoa preta latejando — perguntas, respostas. Silêncio negro, redemoinhos de estuque clareando.

Quarto 7 no Victory: camas para os rapazes do Esquadrão Antimáfia. A porta para o 6 escancarada.

Bud rolou da cama, levantou-se. A cabeça latejava, o maxilar doía, havia rasgado o travesseiro tentando se enfiar nele. Nada do

Hinton, nem Dot, nem Dudley e os rapazes. 1h10 da madrugada — sem ter como descobrir perguntas e respostas.

Dirigiu para casa tonto, exausto demais para pensar. Abriu a porta bocejando — a luz do teto se acendeu. Algo/alguém o agarrou.

Algemas nos pulsos. Ed Exley, Jack Vincennes — na frente dele. Uma olhada de lado: Fisk e Kleckner — uns merdas da AI — segurando seus braços.

Exley deu-lhe um tapa. Fisk agarrou-lhe o pescoço, enfiou um dedo na sua carótida.

Uma pasta de papel na cara. Exley:

— A Assuntos Internos fez uma investigação pessoal quando você chegou a sargento, de modo que já sabemos sobre Lynn Bracken. Vincennes seguiu você em 1953, e colocou você, Bracken e Pierce Patchett neste depoimento aqui. Você arrochou Patchett por conta do homicídio de Kathy Janeway e esteve em toda a investigação do Nite Owl como uma praga. Preciso do que você sabe, e se não cooperar, vou iniciar imediatamente uma investigação da AI sobre sua supressão de evidências. O departamento precisa de um bode expiatório para a antiga investigação do Nite Owl — e eu sou valioso demais para assumir o papel. Se você não cooperar, vou usar cada gota do meu tutano para arruiná-lo.

O aperto na garganta afrouxou — Bud tentou se afastar. Kleckner e Fisk apertaram de novo.

— Seu escroto, vou matar você, caralho.

Exley riu.

— Acho que não, e se você entrar no jogo, sua dissimulação de evidências vai ser descartada, você vai receber parte da glória e um pequeno prêmio: uma ligação com as mortes daquelas putas que lhe interessam tanto.

A névoa negra voltando.

— Lynn?

— Ela é nosso primeiro interrogatório; com pentotal. Se estiver limpa, sai livre.

Ele não sabia da *Whisper*, eu ainda tenho aquele defunto em San Berdoo.

— E quando acabar seremos só nós dois.

Nada de dormir — o depoimento de Vincennes não queria deixar. O telefonema despertador do qual ele não precisava: um repórter às 6 horas da manhã. Notícias no rádio: especulações sobre a reabertura, um mano a mano com seu pai — o sistema de autoestradas quase pronto, o herói do Nite Owl agora um vilão. Piquetes no estacionamento — comunistas exigindo justiça.

Cedo — para a reunião mais importante da sua carreira.

A sala de reuniões de Parker estava pronta — blocos de anotação sobre a mesa. Ed escreveu “Patchett”, “Bracken”, “O ‘negócio’ de Patchett com Hudgens — extorsão?”; sublinhou “Fotos pornográficas iguais às mutilações de Hudgens — mandar Vincennes trazer as revistas de sacanagem para o Bureau”. A colaboração de White: “Patchett ligado em pornografia em 1953”, “Patchett/irmãos Englekling e o passado do pai químico”; “o apartamento de Duke Cathcart revistado e as Páginas Amarelas de San Berdoo folheadas (na parte de gráficas)”. White ainda escondia informações — ele sabia.

Depoimento sublinhado: “Patchett envolvido (com o ramo de negócios do Fleur-de-Lis) em distribuição (direcionada) de pornografia que a Costumes estava investigando em 1953, Cathcart desenvolveu um esquema de distribuição da pornografia, ligada às mutilações do corpo de Hudgens.”

Conclusão:

Uma série densa de conspirações criminosas de pelo menos cinco anos resultando em nada menos do que quatro e talvez chegando a uma dúzia de crimes importantes.

Os outros apareceram — Parker, Dudley Smith, Ellis Loew. Cumprimentos de cabeça, sentando-se rápido.

— Vamos reabrir — disse Parker. — O advogado-geral quer usurpar o serviço, mas Ellis emitiu uma ordem de contenção contra

eles, o que deve nos garantir duas semanas. Temos duas semanas para resolver o caso e recuperar o respeito perdido. Temos duas semanas antes de Sacramento vir até aqui e transformar a gente em alvo de escárnio geral. Quero esse caso resolvido, legalmente inviolável e nas mãos do júri de instrução dentro de 12 dias. Entenderam, cavalheiros?

Cabeças confirmando ao redor.

— Eu, pessoalmente, estou numa situação difícil aqui — disse Loew —, já que Coates, Jones e Fontaine *confessaram* a mim. Pensando bem, devo admitir que eles eram rapazes estúpidos e ingênuos, psicologicamente suscetíveis à sugestão, de modo que...

— Ellis, isso são águas passadas — interrompeu Smith. — Nós simplesmente pegamos os negros errados, não os que dispararam aquelas espingardas no Griffith Park. Os verdadeiros culpados são alguns caras de Darktown metidos a besta, que sabiam onde Coates guardava o carro e depois plantaram as espingardas lá. Garotos que conheciam bem o bairro dos negros e simplesmente foram mais rápidos do que nós para localizá-lo. O carro roxo visto perto do Nite Owl foi só uma coincidência que os assassinos aproveitaram. Acho que o carro do Griffith Park era roubado ou de fora do estado, e de qualquer modo isso não é aplicável. Temos de começar dando batidas na zona sul de novo.

Ed sorriu — a atitude de Smith se ajustava ao seu plano.

— Concordo em essência, e coloquei um dos meus homens da AI para verificar antigos registros de veículos. Mas será que não estamos colocando o carro na frente dos bois? Será que primeiro não deveríamos estabelecer uma cadeia de comando?

Loew tossiu.

— Ed, o fato de você ter matado aqueles bandidos foi um ato nobre, independente dos seus motivos. Mas creio que lhe dar o comando só deixaria a imprensa e o público mais ressentidos. Talvez você devesse assumir um papel secundário na investigação.

Ultraje total.

— Estou cansado de ser o bandido no noticiário das 18 horas e estou cansado de ver minha vida sexual nos jornais. Além disso, sou o melhor detetive no...

Parker interveio.

— Você é o melhor detetive que nós temos, e entendo sua necessidade de diminuir seus prejuízos. Mas Ellis está certo; para você isso é muito pessoal. Eu dei o comando a Dudley. Ele vai

recrutar uma equipe da Homicídios e de vários esquadrões e trabalhar a partir daí.

— E eu? Eu recebo uma parte do caso?

Parker assentiu.

— Vou lhe dar qualquer coisa razoável.

O tiro final.

— Quero a chance de levantar minhas próprias evidências com autonomia da AI. Quero usar meus auxiliares pessoais da AI e dois policiais de minha escolha para fazer o trabalho de campo.

— Por mim, tudo bem. Dudley?

— Sim, acho que é justo. Garoto, quem você tem em mente para o trabalho de campo?

— Jack Vincennes e Bud White.

Smith quase engasgou.

— Companheiros estranhos — disse Parker —, mas este é um caso estranho. Doze dias, cavalheiros. Nem um minuto a mais.

Jack acordou no sofá, escreveu um bilhete para Karen.

Doçura;

Está certo, eu sacaneei o Ellis. Mas essa droga de sofá durante dois meses não é justo, e se o departamento pode me perdoar, você também deveria fazer o mesmo. Não bebo há seis semanas, o que você saberia se olhasse no calendário do meu armário. Não espero que você ache que isso resolve tudo entre a gente, mas me dê um pouco de crédito por tentar. Eu vou tentar — você quer entrar para a faculdade de Direito, fantástico, mas aposto que vai odiar. Em maio eu me aposento, talvez receba o cargo de chefe de polícia em alguma cidadezinha perto de alguma boa faculdade de Direito. Vou tentar, mas me alivie, porque este gelo todo está me deixando maluco, e neste momento não posso me dar o luxo de ficar maluco, porque fui destacado para voltar a trabalhar à paisana em algo que é importante demais para mim. Provavelmente ficarei trabalhando até tarde na semana que vem, mas vou ligar e ver como você anda.

J.

Vestiu-se, esperou o telefone tocar. Café na cozinha, um bilhete de Karen.

J.

Eu tenho sido uma megera ultimamente. Desculpe, e acho que nós deveríamos tentar resolver algumas coisas. Você estava dormindo quando cheguei em casa; se não estivesse teria convidado você para o *boudoir*.

Beijos,
K.

P.S.: Uma garota no trabalho me mostrou uma revista que achei que poderia interessá-lo. Sei que você conhece aquele tal de Exley, do qual a revista fala, e certamente tem a ver com o que anda saindo nos jornais ultimamente.

Sobre a mesa: *Whisper* — “Toda a sujeira que merece ser publicada.” Jack folheou, sorrindo, achou uma matéria grande sobre o Nite Owl.

Material exagerado — “Detetive particular corajoso”, “Um sócia de Duke Cathcart”, especulação sobre pornografia. Ed Exley andando sobre brasas — Exley tremendamente odiado. Um estalo: “Detetive particular.” Bud White sacaneia Exley — um exemplar de fevereiro lançado em janeiro, antes de os irmãos Englekling serem apagados e aquele negro em Quentin apresentar o álibi. Circulação na Costa Leste, provavelmente não era possível achar aquele trapo em Los Angeles. Exley e os figurões não poderiam tê-la visto — caso contrário, *ele* teria ouvido comentários.

O telefone tocou — Jack atendeu.

— Exley?

— Sim, e você está oficialmente convocado. White falou com Lynn Bracken. Ela concordou com o pentotal, e quero que você a traga. Ela vai estar esperando naquele restaurante chinês, na frente do Bureau, daqui a uma hora. Encontre-a lá e a traga para a AI, e se ela tiver um advogado, livre-se dele.

— Olhe, eu vi uma coisa que você deveria ver.

— Apenas traga a mulher.

A MULHER CINCO ANOS pós-queima dos arquivos — Lynn Bracken tomando chá no Al Wong's. Jack olhou-a pela janela.

Ainda era uma mulher de parar o trânsito. Morena agora, uma beleza com uns 35 anos, atraindo olhares. Ela o viu. Jack sentiu arrepios: seu dossiê.

Ela saiu.

— Eu não queria que isso acontecesse — disse Jack.

— Você deixou. E não está com medo do que eu sei sobre você?

Esquisito: parecia calma demais a cinco minutos de ser arrojada.

— Aquele capitão assustador está cuidando de mim. Se o negócio for revelado, aposto que ele vai dar um jeito.

— Não faça nenhuma aposta que não possa bancar. E só estou fazendo isso porque Bud disse que ia se dar mal se eu não fizesse.

— O que mais Bud lhe disse?

— Coisas ruins sobre o seu capitão assustador. Podemos ir agora? Quero acabar logo com isso.

Atravessaram a rua, subiram a escada do Bureau. Fisk os recebeu do lado de fora da AI, levou-os para a sala de Exley. Um cenário assustador: o assustador capitão Ed Exley. Ray Pinker, uma mesa coberta com material médico — frascos, seringas. Um polígrafo — para o caso de o soro da verdade falhar.

Pinker encheu uma seringa. Exley apontou uma cadeira para Lynn.

— Por favor, Srta. Bracken.

Lynn sentou-se. Pinker passou um algodão em seu braço direito, prendeu um torniquete. Exley, todo eficiente:

— Não sei o que Bud White lhe disse, mas essencialmente esta é uma investigação que envolve várias conspirações criminosas interrelacionadas. Se você nos der informações viáveis, estamos preparados para lhe dar imunidade em qualquer acusação criminal que a senhorita possa receber.

Lynn fechou o punho.

— Não sei mentir direito. Podemos acabar logo com isso, por favor?

Pinker pegou seu braço e injetou a droga. Exley ligou um gravador. Lynn ficou com os olhos sonolentos — não totalmente zonga com o pentotal. Exley falou num microfone:

— Testemunha Lynn Bracken, 22 de março de 1958. Srta. Bracken, por favor, conte de cem até um.

Engrolada desde o início:

— 100, 99, 98, 97, 96...

Pinker verificou os olhos dela, assentiu. Jack pegou uma cadeira. Ainda calma demais — dava para sentir.

Exley tossiu.

— Vinte e dois de março de 1958, presentes com a testemunha estamos eu, o sargento Duane Fisk, o sargento John Vincennes e o químico-legista Ray Pinker. Duane, transcreva em taquigrafia.

Fisk pegou um bloco.

— Srta. Bracken — disse Ed —, quantos anos você tem?

Voz ligeiramente engrolada.

— Trinta e quatro.

- E sua ocupação?
- Empresária.
- Você é dona da Veronica's Dress Shop em Santa Monica?
- Sim.
- Por que escolheu o nome Veronica's?
- Uma piada pessoal.
- Por favor, seja mais clara.
- É um nome que vem da minha vida antiga.
- Especificamente como?

Um sorriso sonolento.

— Quando eu era prostituta, me maquiava para ficar parecida com Veronica Lake.

- Quem a convenceu a fazer isso?
- Pierce Patchett.
- Sei. Pierce Patchett matou um homem chamado Sid Hudgens em abril de 1953?

— Não. Quero dizer, não sei. Por que ele faria isso?

— Você sabe quem era Sid Hudgens?

— Sim. Ele escrevia para uma revista de escândalos.

— Patchett conhecia Hudgens?

— Não. Quero dizer, se conhecesse, ele teria me dito, um homem famoso assim.

Mentira — ela não podia estar totalmente dominada pela droga. Ela tinha de saber que ele percebeu sua mentira — ela pensava que ele iria encobri-la para se proteger.

Exley:

— Srta. Bracken, sabe quem matou uma garota chamada Kathy Janeway, na primavera de 1953?

— Não.

— Conhece um homem chamado Lamar Hinton?

— Conheço.

— Por favor, mais detalhes.

— Ele trabalhava para Pierce.

— Fazendo o quê?

— Como motorista.

— E quando foi isso?

— Há vários anos.

— Sabe onde Hinton está agora?

— Não.

— Seja mais detalhada em sua resposta, por favor.

— Não sei. Ele foi embora, não sei para onde.

— Hinton tentou matar o sargento Jack Vincennes em abril de 1953?

— Não.

Na época ela lhe dissera que não.

— Quem tentou matá-lo?

— Não sei.

— Quem mais trabalhava ou trabalha como motorista de Patchett?

— Chester Yorkin.

— Por favor, seja mais detalhada.

— Chet, Chester Yorkin, mora em algum lugar em Long Beach.

— Pierce Patchett suborna mulheres para se prostituírem?

— Sim.

— Quem matou as seis pessoas no Café Nite Owl em abril de 1953?

— Não sei.

— Pierce Patchett vende uma variedade de mercadorias ilegais por meio de um serviço chamado Fleur-de-Lis?

— Não sei.

Tremenda mentira. Suspeita no rosto: veias pulsando.

Exley:

— O Dr. Terry Lux realiza operações plásticas nas prostitutas de Patchett para aumentar a semelhança com estrelas de cinema?

Veias relaxando.

— Sim.

— Na verdade, Patchett atua como olheiro de garotas de programa?

— Sim.

— Patchett distribuía pornografia cara e artística durante a primavera de 1953?

— Não sei.

Nós dos dedos brancos. Jack pegou um bloco, escreveu: "Patchett é um cobra da química. L.B. está mentindo e acho que ela tomou droga para contrabalançar o pentotal. Pegar amostra de sangue."

— Srta. Bracken...

Jack passou o bilhete. Exley examinou, passou para Pinker, que preparou uma seringa.

— Srta. Bracken, Patchett possui dossiês secretos de Sid

Hudgens?

— Não s...

Pinker agarrou o braço de Bracken, enfiou a agulha. Lynn se sacudiu; Exley a agarrou. Pinker tirou a agulha; Exley apertou Lynn contra a cadeira. Ela se sacudiu e chutou — Fisk foi por trás e a algemou. Cuspindo agora — acertou no rosto de Exley. Fisk a arrastou até o corredor.

Exley enxugou o rosto — vermelho, pintalgado.

— Eu não tinha certeza. Achei que ela podia estar confusa.

Jack lhe entregou a *Whisper*.

— Eu sabia melhor que você como Lynn deveria responder. Capitão, deveria ver isso.

Assustador: o rosto vermelho, aqueles olhos. Exley leu a matéria, rasgou a revista ao meio.

— White fez isso. Vá a San Bernardino e fale com a mãe de Sue Lefferts. Eu vou dobrar aquela puta.

SAN BERDOO NUM átimo: Exley dobrando aquela puta parecia uma apresentação de slides. “Hilda Lefferts” na lista telefônica, endereço, a casa: tábuas brancas, um puxado de blocos de concreto.

Uma velhota molhando o gramado. Jack estacionou, emendou a *Whisper* rasgada. A velha o viu e disparou feito um coelho — direto para a porta.

Ele correu. Ela guinchou.

— Deixe minha Susie descansar em paz!

Jack estampou a *Whisper* na cara dela.

— Um policial de Los Angeles falou com você, certo? Um cara grande, 40 e poucos anos? Você disse que sua filha teve um namorado que parecia Duke Cathcart, logo antes do Nite Owl. Ele disse a ela: “Se acostume a me chamar de Duke.” O policial mostrou fotos, e você não conseguiu identificar o namorado. Certo? Leia aqui e diga.

Ela leu, depressa, semicerrando os olhos à luz do sol.

— Mas ele disse que era policial, e não detetive particular. As fotos que ele me mostrou pareciam tiradas na polícia, e não foi culpa minha eu não conseguir identificar o namorado de Susie. E quero declarar oficialmente que Susie era virgem quando morreu.

— Madame, tenho certeza de que ela era...

— E quero dizer oficialmente que aquele policial, ou o que quer

que ele fosse, olhou no porão novo da minha casa e não encontrou nada fora do normal. Meu jovem, você é policial, não é?

Jack balançou a cabeça — o negócio custou a se encaixar.

— Minha senhora, o que está dizendo?

— Estou dizendo que o senhor detetive particular, ou o que quer que ele fosse, entrou debaixo da minha casa há dois meses, ou algo assim, porque eu disse que o namorado de Susan Nancy fez a mesma coisa logo depois da confusão que eles tiveram com este outro moço, logo antes daquele negócio do Nite Owl com o qual vocês vivem me atormentando; que Susie e as outras vítimas descansem em paz. Ele só encontrou ratos, nenhum sinal de coisa errada, ali.

Ali.

A velhota apontou para uma abertura pequena no chão — ali.

Não podia ser, caralho. Bud White não tinha cérebro para deixar uma carta tão alta escondida.

Jack levou uma lanterna lá para baixo — Hilda Lefferts ficou olhando, ali. Cheiro de terra, podridão, naftalina — luz em terra, ratos, olhos de ratos brilhando. Aniagem, naftalina, ossos cobertos de cartilagem, um crânio com um buraco entre os olhos.

Ed olhava Lynn Bracken através do vidro espelhado.

Kleckner a estava interrogando, um bom disfarce de Sr. Mau — o próprio. Ela recebera mais pentotal; Ray Pinker estava examinando seu sangue. Três horas numa cela não a haviam dobrado — ela ainda estava mentindo com estilo.

Ed aumentou o volume do alto-falante. Kleckner:

— Não estou dizendo que não acredito, só estou dizendo que minha experiência de policial demonstra que os cafetões costumam odiar mulheres; então não engulo Patchett como um grande filantropo.

— Você precisa ver o passado dele, como ele perdeu a filhinha no berço. Tenho certeza de que sua mentalidade de policial pode entender o princípio de causa e efeito, mesmo que não aceite.

— Então falemos do passado dele. Você descreveu Patchett como um financista com raízes em Los Angeles há mais de trinta anos. Disse que ele reúne empresários para fazer negócios; seja específica sobre o tipo de negócios.

Lynn suspirou — pura ostentação.

— Negócios para financiar filmes, negócios com propriedades e empreitadas. Eis uma informação para todos vocês, fãs de cinema, na plateia: Pierce contou que financiou alguns dos primeiros curtas de Raymond Dieterling.

Maravilha: o cafetão da namorada de Bud White conhecia o coleguinha de Preston Exley. Kleckner trocou a fita. Ed examinou a puta.

Linda — e boa parte disso devia-se ao fato de que não era perfeita. Seu nariz era pontudo demais; tinha rugas de expressão na testa. Ombros grandes, mãos grandes — lindamente formadas, muito mais espantosas por serem grandes. Olhos azuis que provavelmente dançavam quando um homem dizia a palavra certa;

possivelmente pensava que Bud White dispunha de uma integridade primitiva e o respeitava por não tentar impressioná-la com dons que não possuía. Vestia-se de modo sutil, porque sabia que assim impressionava mais as pessoas que ela queria impressionar; considerava a maioria dos homens fracos e confiava em que seu cérebro a faria superar qualquer adversidade. Suposições levando a uma intuição: junte o cérebro dela com o antídoto em seu organismo e você ficava com uma testemunha imune ao pentotal, dissimulando com impunidade — e estilo.

— Capitão, telefonema para o senhor. É Vincennes.

Fisk trouxe o telefone, esticado na ponta do fio. Ed atendeu.

— Vincennes?

— É, e ouça atentamente, porque aquela matéria da revista de escândalo era verídica, e há muito mais.

— White?

— É, White era aquele detetive particular de mentira e ele arrochou a velha Lefferts há dois meses. Ela contou a história do namorado da filha parecido com Duke Cathcart e outra história maravilhosa.

— O quê?

— Escute só. Duas semanas antes do Nite Owl, uma vizinha viu Susie e o namorado sozinhos na casa e ouviu os dois armarem um bafafá com outro cara. Mais tarde, naquele mesmo dia, o namorado foi visto se arrastando debaixo da casa. Agora, quando White arrochou a velha, ligou para a P.C. Bell e verificou os registros dos telefonemas da casa para Los Angeles, entre meados de março e meados de abril de 1953. Eu fiz a mesma coisa e fiquei sabendo de três ligações, todas para um telefone público em Hollywood, perto do Nite Owl. Agora, se você acha que isso é quente...

— Que droga...

— Capitão, *escute*. White se arrastou debaixo da casa e disse à vovozinha que não havia nada lá. Eu fui lá embaixo e encontrei um defunto, envolvido em naftalina para eliminar o fedor e com uma porra de um buraco de bala na cabeça. Chamei o doutor Layman para San Berdoo. Ele trouxe a ficha da arcada dentária de Duke Cathcart, da prisão, a cópia do instituto médico-legal. Era perfeitamente idêntica. A primeira identificação estava errada, foi feita a partir de uma dentadura parcial, como dizia a matéria da revista. Porra, não consigo acreditar que White juntou tudo isso e simplesmente deixou o defunto lá. Capitão, você ainda está aí?

Ed agarrou Fisk.

— Onde está Bud White?

Fisk pareceu apavorado.

— Ouvi dizer que ele foi para o norte com Dudley Smith. O xerife de Marin decidiu liberar as informações sobre os Englekling.

De volta ao Lata de Lixo.

— Aquele artigo dizia que a mulher viu algumas fotos.

— É. White trouxe algumas fotos em que tinham escrito “Arquivos do Bureau Estadual”. Bom, nós dois sabemos que é fácil pegar as fotos do estado, então acho que White não queria trazer a mulher para verificar nossos livros. De qualquer modo, ela não conseguiu identificar o namorado, e se o namorado era um dos defuntos do Nite Owl, nós vamos identificá-lo, porque Nort Layman tirou fragmentos da arcada dentária dele em 1953. Levo ela para aí? Mostro os nossos livros?

— Faça isso.

Fisk pegou o telefone. Ray Pinker se aproximou, trazendo uma ficha de exame químico.

— Prestilfiozina, capitão. É uma droga antipsicótica experimental, extremamente rara, usada para tranquilizar pacientes mentais violentos. Algum profissional aplicou na nossa amiga, porque somente alguém com conhecimentos específicos saberia que o composto de fiozina poderia inibir o pentotal. Capitão, você deveria sentar, parece que vai ter um infarto.

Patchett: um mago da química; o pai dos irmãos Englekling; um químico que desenvolveu compostos antipsicóticos. A puta de Bud White do outro lado do espelho — sozinha agora, com um gravador rodando.

Ed entrou. Lynn disse:

— Você de novo?

— Isso mesmo.

— Não tem de me acusar ou me soltar?

— Não pelas próximas 68 horas.

— Não está violando meus direitos constitucionais?

— Neste caso os direitos constitucionais foram deixados de lado.

— *Neste caso?*

— Não banque a sonsa. Este caso tem a ver com Pierce Patchett distribuindo pornografia, inclusive revistas com fotos exatamente iguais às mutilações numa vítima de assassinato; para ser mais específico, o falecido sócio dele, Sid Hudgens. Este caso tem uma

das supostas vítimas do Nite Owl ligado a uma conspiração para distribuir aquela pornografia e o seu amigo Bud White escondendo provas importantes sobre quem era a verdadeira vítima. Agora, White disse para você cooperar e você veio aqui sob influência de uma droga para contrabalançar o pentotal. Isso conta contra você, mas você ainda pode poupar a si própria e ao White um bocado de problemas, se cooperar.

— Bud pode cuidar de si mesmo. E você está com uma aparência terrível. Seu rosto está todo vermelho.

Ed sentou-se, desligou o gravador.

— Você nem sentiu a dose, sentiu?

— Senti como se tivesse tomado quatro martínis, e quatro martínis só me deixam bem mais lúcida.

— Patchett mandou você sem um advogado para ganhar tempo, eu sei. Ele sabe que você foi chamada como parte da reabertura do caso Nite Owl, então sabe que ele é pelo menos uma testemunha material. Pessoalmente, não o vejo como um assassino. Eu sei muito sobre vários empreendimentos de Patchett, e você pode poupar a ele muitos problemas se cooperar comigo.

Lynn sorriu.

— Bud disse que você era bem inteligente.

— O que mais ele disse?

— Que você era um homem fraco e raivoso, competindo com seu pai.

Deixar passar.

— Então vamos nos concentrar na minha inteligência. Patchett é químico, e posso estar indo longe demais, mas aposto que ele estudou com Franz Englekling, um farmacologista que desenvolveu drogas como o composto antipsicótico aplicado em você para combater o pentotal. Englekling tinha dois filhos, que foram assassinados no mês passado no norte da Califórnia. Esses dois homens se apresentaram durante a investigação inicial do Nite Owl e mencionaram um, abrem aspas, paizinho, fecham aspas, com acesso a um bocado de, abrem aspas, garotas de programa de alta classe, fecham aspas. Obviamente Patchett, obviamente ligado a um futuro mercador de pornografia chamado Duke Cathcart, uma das supostas vítimas do Nite Owl. Obviamente Patchett está misturado nesse negócio todo e pode enfrentar uma encrenca da qual ele não precisa, e você pode ajudá-lo a ficar de fora.

Lynn acendeu um cigarro.

— Então você é muito, muito inteligente.

— Sim, e sou um detetive muito bom, com cinco anos de provas escondidas a partir das quais trabalhar. Sei de seu episódio da queima dos dossiês, sei do proposto plano de extorsão entre Patchett e Hudgens. Li o depoimento que Vincennes barganhou com você, e sei tudo sobre os vários empreendimentos de Patchett, inclusive o Fleur-de-Lis.

— Então está presumindo que Pierce tem uma informação muito prejudicial sobre Vincennes.

— Sim, e que o promotor e eu vamos abafar no interesse de proteger a reputação do Departamento de Polícia de Los Angeles.

Agitação: Lynn deixou o cigarro cair, atrapalhou-se com o isqueiro.

— Você e Patchett não podem ganhar — disse Ed. — Eu tenho 12 dias para resolver esse caso, e se não puder fazer isso, vou começar a procurar indiciamentos subsidiários. Há pelo menos uma dúzia de coisas que posso ligar a Patchett, e acredite, se eu não resolver este caso, farei de tudo para me sair bem.

Lynn o encarou. Ed encarou-a de volta.

— Patchett fez você, não foi? Você era uma líder de torcida de Bishee, Arizona, e uma puta. Ele lhe ensinou como se vestir, falar e pensar, e eu estou muito impressionado com os resultados. Mas tenho 12 dias para impedir que minha vida desça pelo ralo e se não conseguir isso, levo você e Patchett juntos.

Lynn ligou o gravador.

— Da puta de Pierce Patchett, oficialmente. Não tenho medo de você e nunca amei Bud White mais do que agora. Fico feliz em saber que ele escondeu provas e se deu melhor do que você, e você é um idiota por subestimá-lo. Eu tinha ciúmes por saber que ele dormia com Inez Soto, mas agora respeito o bom-senso da coitada em deixar um covarde moral em troca de um homem.

Ed apertou “apagar”, “parar”, “começar”.

— Oficialmente, faltam 67 horas, e meu próximo interrogatório não será tão cordial.

Kleckner abriu a porta, entregou-lhe uma pasta de papel.

— Capitão, Vincennes trouxe a tal de Lefferts. Eles estão verificando fotos, e ele disse que o senhor ia querer isso.

Ed saiu. Uma pasta grossa — pornografia em papel brilhante.

As revistas de cima: gente jovem e bonita, ação explícita, fantasias exóticas. Algumas cabeças tinham sido cortadas e coladas

de volta — segundo o depoimento —, Jack tentou identificar os modelos a partir de fotos da polícia, e achou que os cortes facilitariam o serviço. Material ofensivo/artístico — como Lata de Lixo tinha dito.

Os livros de baixo — capas pretas — achados por Lata de Lixo na lata de lixo. As primeiras fotos retocadas com tinta — vermelho elaborado jorrando de corpos desmembrados, modelos ligados de orifício em orifício. A semelhança com o homicídio: um rapaz com os membros arreganhados, em sincronia com as fotos da cena do crime de Hudgens.

Mais do que espantoso — e quem armara as poses pornográficas assassinara Hudgens.

Ed chegou à última revista, congelou. Um garoto bonito nu, de braços abertos — tinta/sangue jorrando de seu tronco. Familiar, familiar demais, não de uma foto de Hudgens tirada pelo legista. Ele virou páginas e chegou a uma página dupla: garotos, garotas, membros cortados tocando-se, padrões em tinta ligando-os.

E ELE SOUBE.

Correu pelo corredor até a Homicídios, encontrou os registros de 1934, encontrou “Atherton, Loren, homicídio (múltiplo)”. Três pastas grossas, e as fotos — tiradas pelo próprio Dr. Frankenstein.

Crianças logo depois do desmembramento.

Os braços e as pernas ligeiramente afastados dos troncos.

Papel encerado branco sob os corpos.

Sangue pintado com o dedo ao redor dos membros, vermelho sobre branco, padrões intrincados idênticos às fotos pornográficas, membros decepados, abertos como os de Hudgens.

Ed machucou os dedos batendo no armário. Disparou para Hancock Park.

UMA FESTA NA MANSÃO de Preston Exley: empregados estacionando carros, música nos fundos — provavelmente uma comemoração no jardim de rosas. Ed entrou pela porta da frente e parou — a biblioteca de sua mãe havia desaparecido.

Substituindo-a: um espaço longo eclipsado por uma maquete — quilômetros de rodovias sobre cidades de papel machê. Marcas de direção nos perímetros — todo o sistema de autoestradas.

A perfeição — ela o arrancou da névoa de fotos pornográficas. Barcos no porto de San Pedro, as montanhas San Gabriel, carros

minúsculos sobre o asfalto. O maior triunfo de Preston Exley a ponto de se completar.

Ed empurrou um carro — do litoral ao pé das montanhas. A voz de seu pai:

— Pensei que você estaria trabalhando na Central Sul hoje.

Ed se virou.

— O quê?

Preston sorriu.

— Pensei que você estaria trabalhando para contrabalançar a última notícia ruim na imprensa.

Uma coisa não se encaixava na outra — as fotos de Atherton voltaram.

— Pai, desculpe, mas não sei do que está falando.

Preston riu.

— Nós nos vemos tão pouco ultimamente que esquecemos as amenidades.

— Pai, há algo...

— Desculpe, eu estava me referindo à declaração de Dudley Smith hoje ao *Herald*. Ele disse que a reabertura da investigação se concentra na zona sul, que você estava procurando outra gangue de negros.

— Não, não é assim que está sendo feito.

Preston pôs uma das mãos em seu ombro.

— Você parece apavorado, Edmund. Não parece um policial de alto posto, e não veio aqui para minha comemoração pelo fim das obras.

A mão estava quente.

— Pai, afora o pessoal do departamento, quem mais viu as fotos de Atherton?

— Agora eu é que digo “o quê?”. Está se referindo às fotos do dossiê do caso? As que eu mostrei a você e Thomas há alguns anos?

— Sim.

— Filho, do que você está falando? Aquelas fotos são provas lacradas do DPLA, nunca foram liberadas para a imprensa ou o público. Agora diga...

— Pai, o Nite Owl está ligado a vários outros crimes importantes, e as gangues de negros não têm nada a ver com isso. Um deles é...

— Então explique as evidências da maneira como lhe ensinei. Eu tive casos como...

— Ninguém teve um caso como este antes. Eu sou um detetive melhor do que você *jamais* foi, e eu *nunca* tive um caso como este.

Preston apertou as mãos — Ed sentiu os ombros ficarem entorpecidos.

— Sinto muito, mas é verdade, e eu tenho um homicídio com mutilação acontecido há cinco anos ligado ao caso Nite Owl que confirma isso. A vítima foi cortada de modo *idêntico* às vítimas de Loren Atherton e de modo *idêntico* a algumas fotos pornográficas retocadas com tinta, que têm ligação com o Nite Owl. O que significa que ou alguém viu as fotos de Atherton e as imitou ou que você pegou o suspeito errado em 1934.

O homem nem mesmo piscou.

— Loren Atherton era indubitavelmente culpado, com uma confissão e confirmação testemunhal. Você e Thomas viram as fotos, e duvido seriamente que elas tenham saído da Delegacia de Homicídios no centro da cidade. A não ser que você admita a hipótese de um policial assassino, o que acho absurdo, a única explicação é que Atherton tenha mostrado as fotos a alguma pessoa ou pessoas antes da prisão. *Você* pegou os homens errados em seu caso de glória — eu não cometi esse erro. *Pense* antes de levantar a voz para o seu pai.

Ed deu um passo atrás — suas pernas esbarraram na maquete, quebraram um trecho da autoestrada.

— Desculpe, eu devia estar pedindo o seu conselho, não competindo com você. Pai, há algo que você não me contou sobre o caso Atherton?

— Desculpas aceitas, e não, não há. Você, Art e eu repassamos o caso constantemente durante o nosso período de seminários, e espero que você o conheça tão bem quanto eu.

— Atherton tinha *algum* conhecido?

Preston balançou a cabeça.

— Enfaticamente, não. Ele era o próprio modelo de um solitário psicótico.

Respiração profunda.

— Eu quero interrogar Ray Dieterling.

— Por quê? Porque um dos astros-mirins dele foi morto por Atherton?

— Não, porque uma testemunha identificou Dieterling como conhecido de um criminoso que pode ter relação com o Nite Owl.

— Há quanto tempo?

- Uns trinta anos.
- O nome dessa pessoa?
- Pierce Patchett.

Preston deu de ombros.

— Nunca ouvi falar nele e não quero que você incomode Raymond. Enfaticamente, não; um conhecimento há trinta e tantos anos não vale incomodar um homem da estatura de Ray Dieterling. *Eu* pergunto ao Ray sobre ele e lhe digo depois. Isso basta?

Ed olhou para a maquete. Hipnótica: Los Angeles gigantesca, a Exley Construction envolvendo-a. As mãos de seu pai, suaves agora.

— Filho, você chegou muito longe e ganhou todo o meu respeito. Está sendo agredido por causa de Inez e dos homens que você matou, e acho que está suportando com muita força. Mas, por enquanto, quero que pense nisso: o caso Nite Owl o levou aonde você está agora, e uma solução rápida na reabertura irá mantê-lo lá. Investigações de homicídios colaterais, por mais que sejam envolventes, podem distraí-lo seriamente do objetivo principal e destruir sua carreira. Lembre-se disso, por favor.

Ed apertou as mãos do pai.

— Justiça absoluta. Lembra-se disso?

As duas cenas dos crimes lacradas — a gráfica, o apartamento ao lado. Um policial de Marin — sujeito gordo chamado Hatcher. Um cara do laboratório falando sem parar.

Cena de crime 1: sala dos fundos da Rapid Bob's Printing. Bud observava Dud o tempo todo, voltando ao discurso *dele*: “Nós achamos que você ia matá-lo, por isso interrompemos. Desculpe se fomos inconvenientes, mas você pegou pesado. Hinton é ligado a um pessoal muito ruim, e no devido tempo eu esclareço melhor.”

Ele não pressionou mais — Dud podia saber coisas a seu respeito.

Lynn sob custódia.

O tapa de Exley na cara.

O sujeito do laboratório apontou para uma estante caída.

— ...certo, de modo que a frente da oficina parecia satisfatória, e o criminoso não se incomodou com ela. Encontramos guimbas de cigarro num cinzeiro aqui, duas marcas diferentes, então vamos presumir que os irmãos Englekling estavam fazendo hora extra. Vamos presumir que o criminoso conseguiu abrir a porta da frente, veio até aqui na ponta dos pés e caiu em cima deles. Impressões de luva na maçaneta da porta, de modo que isso sustenta essa hipótese. Ele entra, faz nossos rapazes abrirem aqueles armários que eu mostrei, e não encontra o que quer. Fica puto e joga aquela estante no chão, impressões de luvas na quarta prateleira indicam um homem destro e de altura mediana. Os irmãos abrem as caixas que caíram — temos um bocado de impressões borradas indicando que Pete e Bax estavam meio em pânico nessa hora. Assim, o criminoso obviamente não encontrou o que queria e foi com os nossos rapazes até o apartamento deles. Cavalheiros, sigam-me.

Pela porta, atravessando um beco. O cara do laboratório levava uma lanterna; Bud seguiu mais atrás.

Lynn tranquila — convencida de que podia vencer o soro da verdade com o cérebro.

Dud provavelmente tinha suas próprias pistas — mas continuava falando nos negros.

— Observem a terra no caminho — disse o homem do laboratório. — Na manhã em que os corpos foram encontrados, nossa equipe técnica descobriu e fotografou três conjuntos de pegadas muito rasas para que pudessem ser feitos moldes. Dois conjuntos caminhando na frente de outro, o que indica caminhada na ponta de uma arma.

Até o pátio de um bangalô. Dudley num silêncio de pedra — no avião ele mal abrira a boca.

Será que a *Whisper* daria resultado?

Jogar o defunto debaixo da casa contra Exley — COMO?

Fita na porta — Hatcher arrancou-a. O homem do laboratório abriu com uma chave mestra. Luzes dentro — Bud entrou primeiro.

Uma bagunça — tudo periciado.

Manchas de sangue num carpete — marcadas com fita. Tubos de vidro no chão — circulados, guardados em sacos transparentes para provas. Espalhados: negativos fotográficos — dezenas — superfícies rachadas, esquálidas. Cadeiras viradas, uma cômoda caída de lado, um sofá com o estofado rasgado. Enfiado no rasgo maior: um saco de papel impermeável com uma etiqueta: heroína.

O cara do laboratório falava:

— Aqueles tubos contêm produtos químicos que identificamos como drogas psicotrópicas. A maioria dos negativos estava borrada demais para que fossem identificados, mas pudemos deduzir que na maior parte eram fotos pornográficas. As imagens estavam queimadas com produtos químicos tirados da geladeira na cozinha: nossos garotos tinham toda uma gama de soluções corrosivas. Aqui proponho uma hipótese: Peter e Baxter Englekling foram torturados antes de levarem os tiros que os mataram — isso sabemos. Acho que o assassino mostrou a eles cada negativo, fez perguntas, depois queimou-os; e queimou as fotos. O que estaria procurando? Não sei, talvez quisesse identificar os participantes das fotos. Encontramos uma lente de aumento debaixo do sofá, por isso agora estou teorizando. Além disso, observem o saco onde está escrito “heroína”, brotando do sofá. O conteúdo, claro, nós guardamos. Quatro sacos no total, num esconderijo seguro. O assassino deixou para trás uma pequena fortuna em droga vendável.

Dentro da cozinha, mais caos, a geladeira aberta — cheia de tubos, frascos marcados com símbolos químicos. Empilhados perto da pia: algo parecido com chapas de impressão.

O técnico apontou para a bagunça.

— Outra hipótese, cavalheiros. Em meu relatório sobre a cena do crime vocês observarão que citei nada menos do que 26 substâncias químicas diferentes encontradas aqui. O assassino torturou Pete e Bax Englekling com substâncias químicas e ele sabia quais produtos escaldariam a carne. Eu diria que o método de tortura foi uma questão de oportunidade; daí aposto que o sujeito teve formação em engenharia, medicina ou química. Agora ao quarto.

Bud pensou: PATCHETT.

De volta ao quarto, gotas de sangue pelo corredor. Um quarto pequeno, um matadouro de 3x3 metros.

Duas silhuetas de corpos — uma sobre a cama, outra no chão, sangue seco ligava os dois lugares. Pedacos de lençóis amarrados nas guardas da cama; mais panos no chão, usados para amarrar; círculos de fita nos lençóis da cama, no chão, numa mesa de cabeceira perto da cama. Um buraco de bala circulado numa parede: uma exposição da perícia num quadro de cortiça: mais negativos queimados.

Homem do laboratório:

— Só impressões de luvas e dos Englekling nos negativos. Nós verificamos cada um deles, depois colocamos a maior parte nos locais originais. Os que estão no quadro foram encontrados aqui no quarto, que, como vocês podem ver, foi o local das torturas e das mortes. Bom, esses pequenos círculos na cama e em outros lugares indicam trechos de tecido de tronco, de braço e de perna arrancados pelos produtos químicos, e se vocês olharem o chão de perto, poderão ver pedaços de carpete queimado por respingos dos produtos químicos. Cada um dos irmãos recebeu dois tiros de um revólver 38 equipado com silenciador. Os fragmentos retorcidos das balas comprovam o silenciador, além de ninguém ter ouvido os tiros. O buraco de bala na parede é nossa única pista de verdade, e é fácil reconstituir o que aconteceu. Bax Englekling se libertou de suas amarras, agarrou o revólver, disparou um tiro e feriu o assassino antes que ele pudesse pegar a arma de volta e atirasse nele. A bala que tiramos da parede continha pele de um homem branco e pelo grisalho, além de sangue O positivo. Os dois

Englekling tinham sangue AB negativo, por isso sabemos que o criminoso foi acertado. Os pingos de sangue vão até a sala, e os negativos que ele pegou para olhar mostram que o ferimento não foi sério. O pessoal do tenente Hatcher encontrou uma toalha encharcada em sangue O positivo no esgoto da rua, era o torniquete usado por ele. Minha última hipótese é que esse sacana realmente estava ligado nos negativos.

— E não conseguimos nada — disse Hatcher. — Entrevistamos as pessoas da vizinhança inúmeras vezes, não temos testemunhas e aqueles irmãos desgraçados não tinham um único conhecido que pudéssemos encontrar. Fomos a consultórios médicos, emergências de hospitais, estações de trem, aeroportos e estações de ônibus procurando alguém que tivesse visto um homem ferido, e não conseguimos nada. Se os irmãos tinham algum caderno de telefones, ele foi levado. Ninguém viu ou ouviu nada. Como diz meu colega cientista aí, nosso cara realmente estava ligado naqueles negativos, o que pode... e eu quero enfatizar o “pode”... ter a ver com o fato de nossas vítimas terem se apresentado para testemunhar naquele caso Nite Owl de vocês. Na época eles tinham uma teoria sobre revistas de imundície, não é?

— Tinham sim — disse Dudley —, mas sem muito fundamento.

— E os jornais de Los Angeles dizem que vocês reabriram o caso.

— Sim.

— Capitão, lamento o fato de não termos decidido cooperar com vocês antes, mas deixe isso de lado. O senhor tem algum dado sobre os novos aspectos do seu caso que eu possa usar?

Dudley sorriu.

— O chefe Parker me autorizou a ler uma cópia do seu dossiê do caso. Ele disse que, se eu encontrasse evidências de ligação com os nossos homicídios, ele liberaria uma transcrição do depoimento dos irmãos Englekling em 1953.

— Que, pelo que o senhor diz, é relacionado a pornografia, com o que o nosso caso sem dúvida também é.

Dudley acendeu um cigarro.

— Sim, se é que não tem a ver também com heroína.

Hatcher fungou.

— Capitão, se o nosso garoto gostasse de lamber pó branco, ele teria roubado o material guardado naquele sofá.

— Sim, ou então o assassino era apenas um psicopata com a boca espumando, que desenvolveu uma reação psicopática aos

negativos; por razões insondáveis. Francamente, o ângulo da heroína me interessa. Vocês têm alguma evidência de que os irmãos estavam vendendo ou produzindo a droga?

Hatcher balançou a cabeça.

— Nenhuma; e para o *nosso* caso, não creio que isso tenha a ver. Vocês têm algum ângulo ligado à pornografia nessa reabertura?

— Não, pelo menos por enquanto. Repetindo: depois de ler o seu dossiê, manterei contato.

Hatcher — pronto para explodir:

— Capitão, o senhor veio até aqui para obter as nossas evidências e não tem nada para dar em troca?

— Eu vim aqui a pedido do chefe Parker, que oferece colaboração integral se o seu caso garantir reciprocidade.

— Belas palavras, *sahib*, mas não gosto do tom delas.

O negócio ficando feio — Dudley mostrou um grande sorriso adulator. Bud saiu até a calçada, parou junto ao carro alugado.

Apavorado, pronto para IR.

Dudley veio andando; Hatcher e o homem do laboratório trancaram a gráfica.

— Não estou entendendo você ultimamente, chefe — disse Bud.

— Desde quando, garoto?

— Digamos, desde ontem à noite com Hinton.

Dudley riu.

— Ontem à noite você era o seu eu antigo e cruel. Isso aqueceu meu coração e me convenceu de que você continua apto ao trabalho extracurricular que eu programei.

— Que trabalho?

— No devido tempo.

— O que aconteceu com Hinton?

— Soltamos o rapaz bem castigado e aterrorizado com o sargento Wendell White.

— É, mas por que vocês estavam arrochando o cara?

— Garoto, você tem os seus segredos extracurriculares, eu tenho os meus. Em breve faremos uma sessão de esclarecimento.

IR EMBORA.

— Não. Só quero saber em que pé nós dois estamos no caso Nite Owl. Agora.

— Edmund Exley, garoto. Nós dois estamos aí.

— O quê? — metido no pânico até as orelhas.

— *Edmund Jennings Exley*. Ele é a sua razão de ser desde o Natal

Sangrento, e é por ele que você não conta certos detalhes. Eu gosto de você, por isso respeito suas omissões. Agora devolva meu afeto e respeite minha falta de esclarecimento nos próximos 12 dias e você o verá destruído.

— O que você vai... — voz de menininho.

— Você nunca deu crédito a ele, então vou dizer. Como homem ele é menos do que irrisório, mas como detetive é muito melhor até do que eu. Pronto. Deus e você testemunharam um elogio a um homem que eu desprezo. Agora você vai respeitar minhas omissões? Como eu respeito as suas?

Mais do que IR.

— Não. Só me diga o que quer que eu faça, porra. Só explique.

Dudley gargalhou, sorriu.

— Não faça nada por enquanto, mas ouça. Eu descobri que Thad Green vai se aposentar para assumir a Guarda de Fronteira dos EUA no fim dessa primavera. Nosso novo chefe dos detetives vai ser Edmund Exley ou eu. O futuro posto de inspetor garante a ele o caminho interno, e Parker o prefere pessoalmente. Eu planejo usar certos aspectos das evidências que nós dois escondemos para resolver o Nite Owl em tempo recorde, me estabelecer como o novo figurão e arruinar Exley nesse processo. Garoto, me dê mais alguns dias e eu lhe garanto sua vingança pessoal.

O negócio era White/Dudley *versus* Exley.

Nada a contestar.

Mais do que IR: as migalhas que ele havia passado para Exley, a promessa de Exley — ligação, as mortes das putas.

— Chefe, há algum prêmio para mim nisso?

— Além da queda do nosso amigo?

— Sim.

— E em troca de uma revelação total? Além do que você deu a Exley como parte de seu acordo como agente de campo?

Meu Deus, o que o cara sabia!

— Certo.

Ho Ho Ho.

— Garoto, você é duro na barganha, mas será que um inquérito especial do Chefe dos Detetives bastaria? Digamos que sobre múltiplos homicídios acontecidos em várias jurisdições?

Bud estendeu a mão.

— Feito.

— Fique longe de Exley e arrume um quarto bom e limpo no

Victory. Vou procurá-lo dentro de um dia, mais ou menos.

— Você leva o carro, eu tenho negócios em São Francisco primeiro.

GASTOU 40 PRATAS num táxi, atravessou a Golden Gate viajando em adrenalina. Envolvimento duplo: um trato ruim para sobreviver, depois um trato bom para vencer — crescendo em importância. Exley tinha informações internas e o triste Jack Lata de Lixo; Dudley tinha dicas internas que beiravam a transmissão de pensamento. Reviravolta: ele mentira a Dudley para queimar Exley; cinco anos depois o homem cobra: mentiras esquecidas, dois policiais carregando a mesma tocha. São Francisco luminosa a distância, a voz de Dudley Smith: “Edmund Jennings Exley.” Arrepio só de dizer o nome.

Saindo da ponte, uma parada num telefone público. Interurbano, o número de Lynn, dez toques, ninguém atendeu. 21h10, de assustar — ela deveria voltar do Bureau para casa ao entardecer.

Do outro lado da cidade: Departamento de Polícia de São Francisco, Sede da Divisão de Detetives. Bud estendeu o distintivo, entrou.

A Homicídios no terceiro andar — setas pintadas na parede guiaram-no. Escada que estalava, uma enorme sala do esquadrão. Calmaria do turno da noite: dois homens junto ao café.

Eles vieram. O mais novo apontou para o distintivo.

— Los Angeles, hein? Posso ajudar em algo?

Bud mostrou a identidade.

— Vocês receberam uma informação de homicídio igual ao que um colega meu recebeu na Delegacia do Xerife de Los Angeles. Ele pediu para dar uma olhada no dossiê de vocês.

— Bom, o capitão não está aqui agora. Talvez você devesse tentar de manhã.

O mais velho verificou sua identidade.

— Você é o cara ligado às mortes de prostitutas. O capitão disse que você ficou telefonando e que é um tremendo pé no saco. Qual é o problema, arranjou outra?

— É. Lynette Ellen Kendrick, condado de Los Angeles, semana passada. Vamos lá, dez minutos com o dossiê de vocês e eu me mando.

O mais novo:

— Ei, qual é? Se o capitão quisesse que você visse o dossiê, teria mandado um convite.

O mais velho:

— O capitão é um escroto. Qual é o nome e a data da morte da nossa vítima?

— Chrissie Virginia Renfro, 16 de julho de 1956.

— Bom, então eu lhe digo o que fazer. Vá à sala de registros, virando o corredor, encontre o armário de casos não resolvidos de 1956 e vá até a letra R. Não tire nada e se mande antes que o garoto aqui tenha uma enxaqueca. Entendeu?

— Entendi.

FOTOS DE AUTÓPSIA: cortes, closes do rosto — massa desfigurada, não um rosto de verdade, fragmentos de anel incrustados nos málares. Fotos em grande angular: o corpo, encontrado no apartamento de Chrissie — um pardieiro diante do St. Francis Hotel.

Relatórios de interrogatórios com pervertidos — os transviados locais arrochados, soltos por falta de provas. Fetichistas, cafetões sádicos, o próprio cafetão de Chrissie — na cadeia de São Francisco quando Chrissie foi apagada. Cheiradores de calcinhas, estupradores, os clientes regulares de Chrissie — todos com álibis, nenhum nome que aparecesse nos outros dossiês lidos por ele.

Relatórios de entrevistas: moradores locais, hóspedes do St. Francis. Seis folhas dando em nada, uma interessante.

16/7/56: um carregador do St. Francis disse aos detetives que assistiu ao último show de Spade Cooley no salão do hotel Lariat e viu Chrissie Virginia Renfro cambaleando — “talvez drogada” — indo para o prédio onde morava.

Interessante — Bud ficou imóvel, pensou.

Pegue Lynette Ellen Kendrick, morta semana passada em Los Angeles. Pegue uma informação não relacionada: Lamar Hinton colocando a merda no ventilador. Pegando: Dwight Gilette — ex-cafetão de Kathy Janeway — fornecia putas para as festas de Spade Cooley. Spade fumava ópio, era um “drogado degenerado”. Spade estava em Los Angeles, tocando no El Rancho Klub na Strip — a 1,5 quilômetro do apartamento de Lynette Kendrick.

Primeiro problema: Spade não devia ter ficha — não havia como verificar seu tipo sanguíneo — ele participava do grupo de voluntários do xerife Biscailuz — isso servia como boa divulgação

—, ninguém com ficha policial tinha permissão de participar.

Continuar catando, verificar o relatório do legista, “Conteúdo da corrente sanguínea”. Página 2, algo quente — “comida não digerida, sêmen, grande quantidade de ópio disperso na comida, depois comprovado por resíduos nos dentes”.

Bud ergueu os braços — como se pudesse atravessar o telhado e agarrar a lua. Bateu no teto, voltou à terra pensando — esse não devia ser um trabalho para fazer sozinho, estava escondendo do Exley, Dudley simplesmente não se importava. Viu um telefone, bateu no teto, desceu com um parceiro.

Ellis Loew — crimes sexuais o deixavam babando.

Pegou o telefone.

Hilda Lefferts apontou para uma foto.

— Esse. Esse é o namorado de Susan Nancy. Agora você me leva para casa?

Bingo — um tipo atarracado e durão, um verdadeiro sócia de Duke Cathcart. Dean van Gelder, branco, nascido em 4/3/21. Medida 1,74 metro, 80 quilos, olhos azuis, cabelos castanhos. Uma condenação por assalto à mão armada — junho de 1942 — de 10 a 20 anos, solto de Folsom em junho de 1952, cumpriu a sentença mínima — sem condicional. Nenhuma prisão a mais — confirmar a teoria de Bud White —, Van Gelder foi morto no Nite Owl.

— É isso — disse Hilda. — *Dean*. Susan Nancy o chamou de “Dean”, mas ele disse: “Não. Se acostume a me chamar de Duke.”

— Tem certeza?

— Tenho. Seis horas olhando essas fotos aterradoras e você me pergunta se eu tenho certeza? Se eu quisesse mentir teria apontado alguém há horas. *Por favor*, policial. Primeiro o senhor encontra um cadáver debaixo da minha casa, depois me obriga a olhar essas fotos. Agora, por favor, pode me levar para casa?

Jack balançou a cabeça, negando. Pensar mais: quem? Van Gelder, Cathcart, Nite Owl. Uma aposta acumulada fazia sentido — os irmãos Englekling, Cathcart, um contato com Mickey Cohen — em cana em 1953. Pegou o telefone, discou para a telefonista.

— Telefonista.

— Telefonista, é uma emergência policial. Preciso falar com alguém da administração da Penitenciária Federal McNeil, Puget Sound, Washington.

— Sim. Qual é o seu nome?

— Sargento Vincennes. Departamento de Polícia de Los Angeles. Diga que estou investigando um homicídio.

— Sei. Os circuitos para o estado de Washington estão...

— Merda. Eu estou no MADison 60042. Poderia...

— Vou tentar fazer sua ligação agora, senhor.

Jack esperou. Quarenta segundos pelo relógio da parede —
trrimmm trrimmm.

— Vincennes.

— Diretor interino Warden Cahill, da McNeil. Isso tem a ver com um homicídio?

Hilda Lefferts estava bufando — Jack lhe deu as costas.

— Sim, e eu só preciso de uma resposta. Tem um lápis?

— Claro.

— Certo. Preciso saber se um branco chamado Dean van Gelder, são duas palavras separadas no sobrenome, visitou algum preso na McNeil entre fevereiro e abril de 1953. Só preciso de um sim ou não e o nome de quem ele visitou.

Um suspiro.

— Certo, por favor, espere. Pode demorar um pouco.

Jack ficou contando os minutos — Cahill voltou depois de uns 12.

— Positivo. Dean van Gelder, nascido em 4/3/21, visitou o preso David Goldman em três ocasiões: 27/3/53, 1/4/53 e 3/4/53. Goldman estava na McNeil acusado de evasão fiscal. Talvez você tenha ouvido falar...

Pensar em Davey G — homem do Mickey Cohen. Pensar na última visita de Van Gelder — duas semanas antes do Nite Owl, a mesma época em que os irmãos Englekling tentaram cooptar Mickey Cohen — o encontro no qual eles contaram o esquema da pornografia. O cara da prisão continuou falando — Jack desligou na cara dele. O caso Nite Owl começava se agitar.

Ed levou Lynn Bracken para casa, uma última tentativa antes de prendê-la. Ela protestou, depois topou: seu dia à base de soro da verdade, antídoto e intimidação estava aparente — ela parecia em frangalhos, exausta. Pode chamá-la de inteligente, forte e quimicamente fortalecida; não entregou nada a não ser migalhas sobre Pierce Patchett — independente de como tenha conseguido isso. Patchett sabia que apenas a droga não bastaria; Lynn contou sua história de garota de programa — e Patchett tinha de ter advogados esperando para o caso de aquelas migalhas se transformarem em indiciamentos. O dia da reabertura fora insano: Dudley Smith em Gaitsville, enquanto seus cães vasculhavam Darktown; o corpo achado por Vincennes debaixo da casa e a identificação de Dean van Gelder — que visitara Davey Goldman antes do Nite Owl. Bud White sumido, depois a informação para a *Whisper* aparecendo — fora um idiota em confiar nele por um segundo. Tudo com o que ele podia contar: ele era um detetive profissional acostumado a enfrentar o caos.

Mas o caso Atherton e seu pai entrando no jogo eram outro negócio. Agora ele se sentia suspenso, com um único instinto o impulsionando: o Nite Owl tinha uma vida que ultrapassava a vontade de qualquer detetive — e a capacidade de tornar seu horror conhecido, quer ele estivesse ou não ali para sondar evidências, quer ele fosse capaz de fazer planos ou de simplesmente agarrar-se à sela durante a corrida.

Ele tinha um plano para trabalhar Bracken e Patchett.

Lynn soprou anéis de fumaça pela janela.

— Mais dois quarteirões e vire à esquerda. Pode parar ali, eu moro na esquina.

Ed freou.

— Uma última pergunta. No Bureau você deu a entender que

sabia que Patchett e Sid Hudgens planejavam uma extorsão.

— Não me lembro de ter endossado essa declaração.

— Você não negou.

— Eu estava cansada e chateada.

— Você endossou, implicitamente. E está no depoimento de Jack Vincennes.

— Então talvez Vincennes tenha mentido sobre essa parte. Ele era uma tremenda celebridade. Você também não o chamaria de dramaturgo escrevendo em causa própria?

Uma abertura.

— Sim.

— E acha que pode confiar nele?

Tristeza falsa brotando.

— Não sei. Ele é o meu ponto fraco.

— Então aí está. O senhor vai me prender, Sr. Exley?

— Estou começando a achar que não adiantaria. O que White disse quando lhe falou para comparecer ao interrogatório?

— Só para ir numa boa. Você mostrou o depoimento de Vincennes a ele?

A verdade — para deixá-la agradecida.

— Não.

— Fico feliz, porque tenho certeza de que está cheio de mentiras. Por que não mostrou a ele?

— Porque ele é um detetive limitado, e quanto menos souber, melhor. Além disso, ele é protegido de um oficial rival que trabalha no caso, e eu não quero White passando informações para ele.

— Está falando de Dudley Smith?

— Sim. Você o conhece?

— Não. Mas Bud fala dele frequentemente. Acho que tem medo dele, o que significa que Smith deve ser um homem poderoso.

— Dudley é brilhante e maligno até os ossos, mas eu sou melhor. Bem, já é tarde.

— Posso lhe servir uma bebida?

— Por quê? Você cuspiu na minha cara hoje.

— Bom, dadas as circunstâncias...

O sorriso dela fez o dele sair fácil.

— Dadas as circunstâncias, uma bebida.

Lynn saiu do carro. Ed a observou se movendo: saltos altos, um dia de merda — mas seus pés mal tocavam o chão. Ela o levou até o prédio, abriu a porta de baixo e acendeu uma luz.

Ed entrou. Exóticos — os tecidos, a arte. Lynn chutou os sapatos longe e serviu conhaque; Ed sentou-se num sofá — puro veludo.

Lynn juntou-se a ele. Ed pegou sua bebida, tomou. Lynn aqueceu o copo com as mãos.

— Sabe por que eu o convidei?

— Você é inteligente demais para tentar forçar um acordo, então imagino que esteja apenas curiosa a meu respeito.

— Bud o odeia mais do que me ama ou a qualquer outra pessoa. Estou começando a ver o motivo.

— Na verdade não quero a sua opinião.

— Eu estava pensando em fazer um elogio.

— Alguma outra hora, certo?

— Então vou mudar de assunto. Como Inez Soto está lidando com a publicidade? Ela está em todos os jornais.

— Mal, e não quero falar nela.

— Você se irrita por eu saber tanto a seu respeito. Não tem informações para competir.

Inverter a pressão.

— Tenho o depoimento de Vincennes.

— Do qual, pelo que suspeito, você duvida.

Mudar o enfoque.

— Você falou que Patchett financiou alguns dos primeiros filmes de Raymond Dieterling. Pode ser mais específica?

— Por quê? Porque seu pai é ligado a Dieterling? Está vendo as desvantagens de ser filho de um homem famoso?

Sem piscar, um toque hábil com a faca.

— É só uma pergunta de policial.

Lynn deu de ombros.

— Pierce falou isso comigo de passagem, há alguns anos.

O telefone tocou — Lynn o ignorou.

— Estou vendo que você não quer falar de Jack Vincennes.

— Estou vendo que você quer.

— Ultimamente não tenho visto muito sobre ele nos jornais.

— É porque ele jogou na lama tudo que tinha. *Badge of Honor*, a amizade com Miller Stanton, tudo. O assassinato de Sid Hudgens não ajudou, já que a *Hush-Hush* devia metade dos escândalos aos arrochos de Vincennes.

Lynn bebericou o conhaque.

— Você não gosta de Jack.

— Não, mas há uma parte do depoimento dele na qual acredito

totalmente. Patchett possui cópias dos dossiês particulares de Sid Hudgens, inclusive uma sobre o próprio Vincennes. Você faria um bem a si mesma admitindo.

Se ela fosse morder a isca, começaria agora.

— Não posso admitir, e na próxima vez em que conversarmos estarei com um advogado. Mas posso dizer que creio saber o que um dossiê desses conteria.

O primeiro golpe havia penetrado.

— E?

— Bom, acho que o ano foi 1947. Vincennes se envolveu num tiroteio na praia. Ele estava drogado e matou a tiros duas pessoas inocentes, marido e mulher. Minha fonte tem a confirmação, inclusive o testemunho de uma policial presente na ambulância e a declaração autenticada do médico que tratou dos ferimentos de Jack. Minha fonte dispõe dos resultados dos exames de sangue que mostram as drogas no organismo dele e testemunhos de pessoas que não se apresentaram à polícia. É esse tipo de informação que você esconderia para proteger seu colega policial, capitão?

O Malibu Rendez-vous: o caso de glória do Lata de Lixo. O telefone tocou — Lynn deixou tocar.

— Meu Deus — disse Ed, sem necessidade de fingir.

— Sabe, quando eu lia sobre Vincennes sempre achava que ele tinha alguns motivos muito obscuros para perseguir usuários de drogas, de modo que não fiquei surpresa ao descobrir isso. E, capitão?, se Pierce realmente tivesse cópias, tenho certeza de que ele as teria destruído.

A primeira mordida dela fora falsa — Ed aproveitou para mentir.

— Eu sei que Jack adora drogas, esse boato corre no Bureau há anos. Sei que você está mentindo sobre os dossiês e sei que Vincennes faria tudo para ter o dele de volta. Você e Patchett não deveriam subestimá-lo.

— Como você subestimou Bud White?

O sorriso dela veio como um alvo — ele pensou por um segundo que a havia acertado. Ela riu antes que ele pudesse; ele se inclinou para a frente e em vez de rir a beijou. Lynn recuou, depois devolveu o beijo; os dois rolaram para o chão arrancando as roupas. O telefone tocou — Ed o chutou fora do gancho. Lynn o puxou para dentro dela; os dois rolaram, mexeram-se juntos, derrubaram móveis. Terminou tão rápido quanto começara — ele pôde sentir

Lynn chegando ao auge. Chegaram lá com segundos de diferença, bastante bom, descanso. A história dele revelada entre suspiros, como se fosse um fardo pesado demais para carregar.

Jack Vincennes era um policial corrupto, drogado e instável demais para ser controlado. Ele faria de tudo para ter seu dossiê de volta, precisava pegar aquele dossiê. O capitão E. J. Exley tinha de usá-lo pelo que ele sabia — mas Vincennes vivia drogado, bêbado, estava ficando psicótico com relação a ele...

Bud chegou a Los Angeles de madrugada, no ônibus da meia-noite vindo de São Francisco. Sua cidade parecia estranha, nova — como tudo mais em sua vida.

Pegou um táxi e cochilou; o tempo todo acordava pensando em Ellis Loew: “Parece um grande caso, mas múltiplos homicídios são um negócio complicado, e Spade Cooley é uma figura bem conhecida. Vou colocar a equipe da Promotoria nisso e *you* fique de fora por enquanto.” Corta para Lynn: telefonemas, o telefone fora do gancho, abafado. Estranho, mas do feitio dela — quando queria dormir, queria dormir.

Ele não conseguia acreditar em sua vida, era simplesmente espantosa demais.

O táxi o deixou. Bud encontrou um bilhete à porta — “Sargento Duane W. Fisk” no timbre do papel.

Sargento White,

O capitão Exley quer vê-lo imediatamente (algo relativo à revista *Whisper* e um cadáver debaixo de uma casa). Compareça à AI assim que voltar a Los Angeles.

Bud riu, preparou uma mala: roupas, papelada — os assassinatos das putas, o Nite Owl — para o caso de Dudley pedir. Jogou o bilhete no vaso sanitário, mijou em cima.

FOI DE CARRO para Gardena, até o Victory: um quarto com lençóis limpos, fogão portátil, sem manchas de sangue nas paredes. Foda-se o sono — preparou café, trabalhou.

Tudo o que sabia sobre Spade Cooley — meia página.

Cooley era violinista/cantor, de Oklahoma, magro, pouco menos de 50 anos. Ele fizera alguns discos de sucesso, seu programa de TV

foi atração durante um tempo. Seu baixista, Burt Arthur Perkins, vulgo Dois, cumpriu pena por sodomia com cães, e supostamente conhecia uma porrada de mafiosos.

Sobre a investigação:

Lamar Hinton disse que Spade fumava ópio; Spade havia tocado no Lariat Room em Frisco — na frente do local de morte de Chrissie Renfro. Crissie morreu com ópio no organismo; atualmente Spade tocava no El Rancho Klub em Los Angeles, perto do apartamento de Lynette Ellen Kendrick. Lamar Hinton disse que Dwight Gillete — ex-cafetão de Kathy Janeway — fornecia putas para as festas de Spade.

Circunstancial — mas interessante.

Um telefone preso à parede — Bud pegou, ligou para o Departamento de Medicina Legal.

— Perícia médica, Jensen.

— É o sargento White, procurando o Dr. Harris. Sei que ele está ocupado, mas diga que é rápido.

— Espere, por favor. — Clique, clique, clique.

— Sargento, o que é desta vez?

— Uma coisa sobre o seu relatório de autópsia.

— Você nem mesmo é policial do condado.

— Conteúdo do estômago e do sangue de Lynette Kendrick. Por favor, está bem?

— Isso é fácil, porque Kendrick recebeu nosso prêmio de melhor estômago do mês. Está pronto? Salsicha alemã, batata frita, Coca-Cola, ópio, esperma. Jesus, que última ceia!

Bud desligou. Ellis Loew disse para ficar de fora. Kathy Janeway disse VÁ EM FRENTE.

FOI DE CARRO PARA A STRIP, montou o *modus operandi*.

Primeiro o El Rancho Klub, fechado, “Spade Cooley e sua Cowboy Rhythm Band todas as noites”. Uma foto de divulgação junto à porta: Spade, Dois Perkins, três outros branquelos com cara de caipiras. Nenhum dedo com anéis pesados; um carimbo na parte de baixo: “Representados pela Nat Penzler Associates, North La Cienega, 653, Los Angeles.”

Do outro lado da rua: Hot Dog Hut, no cardápio, cachorros-quentes de salsicha alemã e batata frita. Seguindo a Strip passando por Crescent Heights: conhecida área de prostitutas. Um quilômetro

e meio para o sul, até a Melrose com Sweetzer: o apartamento de Lynette Ellen Kendrick.

Fácil:

Spade pegou-a tarde, sem testemunhas. Estava com a comida e a droga, sugeriu que ficassem a noite toda, levou Lynette para casa. Os dois ficaram altos, comeram — Spade espancou-a até a morte, depois a estuprou três vezes.

Bud seguiu para o sul, até La Cienega. Número 653: um prédio com estrutura de madeira. “Nat Penzler Associates”, perto da caixa de correio. A porta se abriu; uma garota dentro fazendo café.

Bud entrou. A garota disse:

— Sim, posso ajudá-lo?

— O chefe está?

— O Sr. Penzler está no telefone. Eu posso ajudá-lo?

Uma porta interna — “N.P.” em latão. Bud a empurrou; um velho gritou:

— Ei! Eu estou telefonando! Quem é você, um cobrador? Ei, Gail, dê uma revista a esse palhaço!

Bud mostrou o distintivo. O homem desligou o telefone, empurrou a cadeira para trás.

— Você é Nat Penzler? — perguntou Bud.

— Pode me chamar de Natsky. Está procurando um agente? Eu poderia lhe arranjar papéis de capanga. Você tem aquele jeito de homem de Neandertal que está na moda.

Deixar passar.

— Você é agente de Spade Cooley, certo?

— Certo. Quer entrar para a banda de Spade? Spade ganha muita grana, mas minha faxineira negra canta melhor do que ele, então talvez eu lhe consiga uma vaga, talvez como segurança no El Rancho, pelo menos. Tem muita mulher lá, garoto. Um touro como você poderia ser espremido, fervido e lavado a seco.

— Terminou, vovô?

Penzler ficou vermelho.

— Para você é Sr. Natsky, seu homem das cavernas.

Bud fechou a porta.

— Preciso ver a agenda de shows de Cooley desde 1951. Vai querer fazer isso de boa vontade ou não?

Penzler se levantou, bloqueando os arquivos.

— Acabou o show, Godzilla. Eu nunca divulgo informações sobre clientes, nem sob ameaça de intimidação. Então se mande e

volte para almoçar um dia desses, digamos no dia de São Nunca.

Bud arrancou o fio do telefone da parede; Penzler abriu a gaveta de cima.

— Nada de brutalidade, por favor, homem das cavernas! Meu melhor trabalho é feito com meu rosto!

Bud folheou pastas de papel, encontrou “Cooley, Donnell Clyde”, jogou sobre a mesa. Uma foto caiu sobre o borrador: Spade, quatro anéis em dez dedos. Folhas cor-de-rosa, folhas brancas, depois folhas azuis — registros de shows, agrupados por ano.

Penzler ficou ao lado, murmurando. Bud comparou datas.

Jane Mildred Hamsher, 8 de março de 1951, San Diego — Spade estava lá, no El Cortez Sky Room. Abril de 1953, Kathy Janeway, a Cowboy Rhythm Band no Bido Lito’s — sul de Los Angeles. Sharon, Sally, Chrissie Virginia, Maria, até Lynette: Bakersfield, Needles, Arizona, São Francisco, Seattle, de volta a Los Angeles, mudavam os nomes do pessoal listado nos cartões de pagamento: Dois Perkins tocava baixo na maior parte do tempo, os caras do sax e da bateria iam e vinham, Spade Cooley *sempre* comandando, naquelas cidades nas datas das mortes.

Folhas azuis com pingos molhados — seu próprio suor.

— Onde a banda está hospedada?

— No Biltmore, e você não ficou sabendo disso com Natsky.

— Tudo bem, porque é assassinato em primeiro grau, e eu não estive aqui.

— Eu sou como a esfinge, juro. Meu Deus, Spade e aquele pessoal de terceira. Meu Deus, sabe quanto ele ganhou ano passado?

ELE TELEFONOU PASSANDO a pista para Ellis Loew; Loew foi ao teto:

— Eu disse para você ficar de fora! Eu tenho três homens *civilizados* trabalhando nisso e vou dizer a eles o que você conseguiu, mas fique de fora e volte ao Nite Owl, *está me entendendo?*

Ele entendia: Kathy Janeway continuava dizendo VÁ EM FRENTE.

O Biltmore.

Forçou-se a dirigir devagar, estacionar perto da porta dos fundos, perguntar educadamente ao funcionário onde poderia encontrar o grupo do Sr. Cooley.

— Na suíte El Presidente, nono andar.

Bud disse “obrigado” tão calmo que tudo entrou em câmera lenta, por um segundo achou que estava nadando.

A escada era como nadar corrente acima — a pequena Kathy continuava dizendo MATE-O. A suíte: portas duplas, filigranas de ouro — águias, bandeiras americanas. Ele sacudiu as maçanetas, as portas se abriram.

Cenário elegante para lixo humano — três caipiras desmaiados no chão. Garrafas vazias, cinzeiros virados, nada do Spade.

Portas internas — pela da direita saíam ruídos. Bud chutou-a.

Dois Perkins na cama assistindo a desenhos animados. Bud pegou o revólver.

— Onde está Cooley?

Perkins enfiou um palito na boca.

— Enchendo a cara por aí, que é o que eu vou fazer também. Quer vê-lo, venha ao El Rancho hoje à noite. Há chances de ele aparecer.

— Que porra, ele é o artista principal.

— Na maioria das vezes. Mas Spade anda inconstante ultimamente, então eu tenho tomado o lugar dele. Canto tão bem quanto ele e sou mais bonito, então ninguém se importa. Agora, quer sair daqui e me deixar sozinho com a minha diversão?

— Onde ele está bebendo?

— Guarde esse revólver, Júnior. O pior crime que você vai conseguir com ele é o não pagamento da pensão das crianças, e Spade sempre paga, cedo ou tarde.

— Porra nenhuma, esse caso é assassinato em primeiro grau, e ouvi dizer que ele gosta de ópio.

Perkins cuspiu o palito.

— O que você disse?

— Putas. Spade gosta de garotas novas?

— Ele não gosta de matar as garotas, só brinca de esconder a salsicha, como você e eu.

— *Onde ele está?*

— Cara, eu não sou dedo-duro.

Golpes com o revólver — Perkins gritou, cuspiu dentes. A TV ficou alta: crianças gritando e pedindo sucrilhos. Bud atirou na tela.

Dois entregou:

— Verifique as bocas de ópio em Chinatown e, por favor, porra, me deixe em paz!

Kathy disse MATE-O. Bud pensou em sua mãe pela primeira vez em anos.

O médico falou:

— Eu contei isso ao capitão Exley, e lhe disse que uma entrevista com o Sr. Goldman provavelmente seria infrutífera: o homem simplesmente não fica lúcido a maior parte do tempo. Mas como ele insistiu em mandá-lo aqui, vou ver de novo.

Jack olhou ao redor. Camarillo era um lugar assustador: bandos de malucos, trabalho de arte de malucos nas paredes.

— Por favor. O capitão quer uma declaração dele.

— Bom, vai ter sorte se conseguir. No mês de julho passado o Sr. Goldman e seu colega Mickey Cohen foram atacados com facas e tubos de ferro na prisão McNeil. Aparentemente por agressores não identificados, e Cohen ficou relativamente incólume, enquanto o Sr. Goldman sofreu danos cerebrais. Os dois receberam condicional no final do ano passado, e o Sr. Goldman começou a se comportar de modo inconstante. No fim de dezembro foi preso por urinar em público em Beverly Hills, e o juiz ordenou que permanecesse 90 dias em observação aqui. Nós estamos com ele desde o Natal, e acabamos de recomendar mais 90 dias. Francamente, não podemos fazer nada por ele, e a única coisa misteriosa é que o Sr. Cohen o visitou e se ofereceu para transferir o Sr. Goldman para uma instituição particular à sua própria custa, mas o Sr. Goldman se recusou e pareceu aterrorizado com ele. Não é estranho?

— Talvez não. Onde ele está?

— Do outro lado dessa porta. Seja gentil, por favor. O sujeito era um gângster, mas hoje em dia não passa de um triste ser humano.

Jack abriu a porta. Uma pequena sala acolchoada; Davey Goldman num longo banco acolchoado. Precisava se barbear; fedia a desinfetante. Davey com o queixo frouxo folheando uma *National Geographic*.

Jack sentou-se ao lado dele — Goldman se afastou.

— Esse lugar é uma merda — disse Jack. — Você deveria ter deixado Mickey tirá-lo daqui.

Goldman tirou meleca do nariz. Comeu.

— Davey, você está chateado com Mickey?

Goldman estendeu a revista — negros nus balançando lanças.

— Bonito, e quando começarem a mostrar gente branca eu vou ver. Davey, lembra de mim? Jack Vincennes? Eu trabalhava na Narco do DPLA, e nós costumávamos nos esbarrar na Strip.

Goldman coçou o saco. Sorriu, baixa voltagem, ninguém em casa.

— Isso é uma representação? Ora, Davey. Você e Mick se conhecem há um tempão. Você sabe que ele tomaria conta de você.

Goldman esmagou um inseto invisível.

— Não mais.

A voz de homem havia sumido — ninguém podia fingir tão bem.

— Diga, Davey, o que aconteceu com Dean Van Gelder? Lembra dele? Ele costumava visitá-lo na McNeil.

Goldman tirou meleca do nariz, limpou nos pés.

— Dean van Gelder — disse Jack. — Visitou você na McNeil em 1953, na época em que aqueles dois caras, Pete e Bax Englekling, visitaram Mickey. Agora você está com medo de Mickey, e Van Gelder apagou um cara chamado Duke Cathcart e também foi apagado durante a porra do mundialmente famoso Massacre do Nite Owl. Sobrou algum cérebro em você para falar disso?

Nenhuma luz piscou.

— Vamos, Davey. Conte, você não vai se sentir tão triste. Fale com o titio Jack.

— Holandês! Escroto holandês! Mickey deveria saber como me machucar, mas não sabe. *Hub rachmones*, Meyer, *hub rachmones*, Meyer Harris Cohen *te absolvo* de meus pecados.

A boca falava — o resto dele parecia morto. Jack tentou adivinhar: Van Gelder era o holandês, de ídiche para latim, algo como traição.

— Ande, continue. Confesse ao padre Jack e eu tornarei tuuudo muito melhor.

Goldman tirou meleca do nariz; Jack o instigou.

— Diga!

— O holandês ferrou tudo!

????? — talvez — um contrato feito na prisão para apagar Duke Cathcart.

— Ferrou o quê? Diga!

Goldman, monótono:

— Os garotos da franquia mandaram seus três pistoleiros blip blip blip. A porra da diminuição de produção não agrada, Mickey acha que vai pegar o peixe, mas o gato irlandês pegou o peixinho e Mickey não tem tutano nos ossos, ele é carne morta para o monstro que faz miau. *Hub rachmones*, Meyer, eu podia confiar em você, não neles, está tudo acabado, mas não para nós, *te absolvo*...

??????????

— Quem são esses caras de quem você está falando?

Goldman cantarolou uma musiquinha, fora de tom, familiar. Jack captou a melodia: “Take the ‘A’ Train”.

— Davey, *fale comigo*.

Davey cantou.

— Bumpa — bump bump bump bump bump bump bump bump o trem bonitinho bump bump bump bump o trem bonitinho.

???????????????? — pior, como se o cérebro dele tivesse paredes de veludo.

— Davey, apenas fale.

Papo de doido:

— Bzz, bzz bzz falando aparelho para ouvir. Betty, aparelho do Benny para escutar, aparelho do Barney. *Hub rachmones* Meyer meu querido amigo.

???????? talvez algo:

Os Englekling se encontraram com Cohen *na cela dele*, falaram sobre o esquema de pornografia de Duke Cathcart. Mickey jurou que não contou a ninguém. Goldman descobriu a respeito, decidiu interferir, despachou Dean van Gelder para apagar Cathcart — ou talvez comprar o negócio. ?????? — Como — ?????? — SERÁ QUE ELE TINHA UM GRAMPO PLANTADO NA CELA DE COHEN?

— Davey, *fale do grampo*.

Goldman começou a cantarolar “In the Mood”.

O médico abriu a porta.

— Pronto, Sr. policial. O senhor já incomodou este homem suficientemente.

EXLEY AUTORIZOU PELO TELEFONE: uma ida à McNeil para evidências de aparato de grampeamento na ex-cela de Mickey Cohen. O aeroporto de Ventura ficava a alguns quilômetros de distância —

ele voaria até Puget Sound, pegaria um táxi para a penitenciária. Bob Gallaudet conseguiria um homem do Bureau da Prisão, para servir como elemento de ligação — os administradores da McNeil paparicavam Cohen, provavelmente recebiam suborno pelos serviços, poderiam não cooperar sem um empurrão. Exley achou a teoria do grampo meio remota; reclamou do sumiço de Bud White — Fisk e Kleckner o estavam procurando, o sacana provavelmente tinha fugido por conta da matéria na *Whisper* e do corpo em San Berdoo — Fisk lhe deixou um bilhete, falando da descoberta. Parker disse que Dudley Smith estava estudando o dossiê dos Englekling e em breve faria um relatório; Lynn Bracken ainda estava segurando o jogo. Jack perguntou:

— O que vamos fazer?

— No Dining Car à meia-noite — disse Exley. — Vamos conversar.

O assustador capitão Ed ficando agourento.

Jack foi de carro até Ventura, pegou o voo — Exley ligou antes, reservando a passagem. Uma aeromoça ofereceu jornais; ele pegou um *Times* e um *Daily News* e leu sobre o Nite Owl.

Os garotos de Dudley estavam vasculhando Darktown, prendendo criminosos negros conhecidos, procurando os *verdadeiros* vagabundos que costumavam atirar no Griffith Park. Pura baboseira: quem plantou as armas no carro de Ray Coates plantou as cápsulas iguais no parque, sabendo da localização pela imprensa — apenas profissionais teriam cérebro e colhões para fazer isso. Mike Breuning e Dick Carlisle estavam com um posto de comando na Delegacia da Rua 77 — todo o esquadrão e mais vinte homens extras destacados da Homicídios para trabalhar no caso. Não havia como os culpados serem negros malucos — tudo começava a se parecer de novo com 1953. O *Daily News* mostrava fotos: a Central Avenue apinhada de negros carregando cartazes, a casa que Exley comprou para Inez Soto. Uma foto maravilhosa no *Times* — Inez diante da casa de Dieterling em Laguna, protegendo os olhos dos flashes.

Jack continuou lendo.

O escritório do procurador-geral fizera uma declaração: Ellis Loew fora mais rápido do que eles impetrando um mandado de injunção, mas eles continuavam interessados no caso e iriam interceder quando o mandado expirasse — a não ser que o DPLA resolvesse a bagunça do Nite Owl para a satisfação do júri de

instrução do Condado de Los Angeles dentro de um período adequado. O DPLA divulgou um *press-release* — uma embromação detalhada sobre o estupro coletivo de Inez Soto acompanhada de um relato caloroso mostrando como o capitão Ed Exley a ajudou a reconstruir sua vida. O pai de Exley recebeu uma referência: o *Daily News* falou do término da construção do sistema de autoestradas do sul da Califórnia e contou um boato recente — o Grande Preston em breve anunciaria sua candidatura ao governo do estado, faltando apenas dois meses e meio para a primária do Partido Republicano, estratégia de anúncio na última hora para capitalizar o falatório gerado pela inauguração do sistema rodoviário. Será que a má publicidade sobre o filho na imprensa o prejudicaria?

Jack avaliou suas próprias chances. Estava de novo com Karen porque ela via que ele estava tentando; o melhor modo de manter tudo nos lugares era completar seus vinte anos, pegar a pensão, sair de Los Angeles. Os próximos dois meses seriam uma corrida desviando-se de balas: a reabertura, o que Patchett e Bracken tinham sobre ele. Resultados que não dava para adivinhar — para um corredor ele estava apavorado e cansado — e começando a sentir-se velho. Exley tinha em mente outras corridas — reuniões durante o jantar não eram de seu feitio. Bracken e Patchett podiam negociar a sujeira dele; Parker poderia escondê-la para proteger o departamento. Mas Karen saberia, e o que restava do casamento iria afundar — porque ela mal conseguia aceitar que se casara com um bêbado e um coletor de dinheiro para a caixinha. “Assassino” era uma bala da qual os dois não conseguiriam se desviar.

Três horas voando; três horas preso, pensando. O avião pousou em Puget Sound: Jack pegou um táxi até a McNeil.

Horrível: um monólito cinzento sobre uma ilha de rocha cinza. Paredes cinza, névoa cinza, arame farpado à beira da água cinzenta. Jack saltou na guarita do guarda: o porteiro verificou sua identidade, assentiu. Portões de aço deslizaram para dentro da pedra.

Jack entrou. Um homenzinho magro o recebeu diante de outra porta.

— Sargento Vincennes? Eu sou o agente Goddard, Bureau da Prisão.

Um bom aperto de mão.

— Exley contou qual é o assunto?

— Bob Gallaudet contou. Você está no Nite Owl e em casos

relacionados, e acha que a cela de Cohen pode ter sido grampeada. Nós estamos procurando evidências que apoiem essa teoria, que eu não acho tão absurda.

— Por quê?

Caminharam curvando-se contra o vento — Goddard falava acima do ruído.

— Cohen tinha um tratamento de rei aqui, Goldman também. Privilégios até as nuvens, visitas sem limite e pouco exame dos objetos trazidos para dentro das alas dele, de modo que um grampo pode ter sido plantado. Está pensando que Goldman atravessou o caminho de Mickey?

— Mais ou menos.

— Bom, poderia ser. As celas são relativamente próximas, numa ala que Mickey requisitou, porque metade das celas tinha o encanamento arruinado, e não dava para colocar prisioneiros lá. Você vai ver, eu esvaziei e tranquei o corredor inteiro.

Barreiras de controle, os blocos: seis andares de corredores ligados por passarelas. Subindo até um corredor — oito celas vazias.

— É a cobertura — disse Goddard. — Lugar calmo, com pouca gente e uma boa sala para os rapazes jogarem cartas. Um informante diz que Cohen dava a aprovação para os presos que ficavam aqui. Dá para imaginar a desfaçatez?

— Meu Deus, você é bom — disse Jack. — E rápido.

— Bom, Exley e Gallaudet são importantes, e os poderes estabelecidos não tiveram tempo para se preparar. Agora veja as mercadorias que eu trouxe.

Na mesa da sala: pés de cabra, talhadeiras, marretas, uma haste fina com um gancho na ponta. Sobre um cobertor: um gravador, um emaranhado de fios.

— Primeiro nós revistamos essa fileira de celas. Admito que é uma possibilidade remota, mas trouxe um gravador, para o caso de encontrarmos alguma fita.

— Eu diria que é uma hipótese. Goldman e Cohen receberam condicional no outono passado, mas foram espancados em julho, e Davey teve o cérebro embaralhado. Acho que se era ele quem monitorava a fita, talvez estivesse com a cabeça ruim demais para tirar o gravador.

— Chega de papo. Vamos fuçar.

FUÇARAM.

Goddard marcou uma linha do duto de aquecimento na cela de Cohen até o duto da cela de Goldman, riscou uma linha nos tetos das duas celas intermediárias, começou a sondar com uma marreta e uma talhadeira. Jack arrancou uma placa de proteção do duto na parede de Mickey, bateu com o gancho dentro do túnel. Nada além de paredes ocas e finas, não havia fios dentro. Frustrante: era o local lógico para colocar um microfone. O calor saía pelo duto; Jack mudou de ideia, Washington era frio, o aquecimento estaria ligado a maior parte do tempo, abafando a conversa. Verificou as paredes e o teto à procura de outros condutos — nada —, depois a área ao redor da abertura. Massa plástica aplicada de modo irregular, com buracos para pinos junto à placa protetora; bateu com a machadinha até metade da parede cair e um pequeno microfone coberto de massa, preso a um fio, soltar-se. Cinco segundos depois Goddard apareceu ali segurando a outra ponta do fio, ligada a um gravador envolvido em plástico.

— A meio caminho entre as celas, um pequeno esconderijo perto da abertura de ventilação. Vamos ouvir, certo?

LEVARAM PARA A SALA DE ESTAR. Goddard ligou seu gravador, trocou os carretéis, apertou botões — fita gravada.

Estática, um cão latindo, “Calma, calma, *bubeleh*” — voz de Mickey Cohen.

— Deixam-no manter um cachorro na cela — disse Goddard. — Só na América!

Cohen: “Pare de lamber seu *schnitzel*, preciosinho.” Mais latidos, um longo silêncio, clique, desligando.

— Eu estava medindo o tempo — disse Goddard. — Microfone ativado por voz. Cinco minutos e ele se desliga automaticamente.

Jack limpou os restos de massa das mãos.

— Como Goldman conseguia mudar a fita?

— Ele devia ter algum tipo de gancho, como o que lhe dei. A grade da ventilação dele estava solta, de modo que sabemos que alguém andava cutucando ali. Meu Deus, esse negócio ficou lá durante quanto tempo? E Goldman tinha de ter ajuda, essa não é uma operação que possa ser feita por um homem só. Escute, ouviu esse clique?

Outro clique, uma voz estranha: “Quanto? Vou mandar aquele

guarda fazer a aposta.”

Cohen: “Mil em Basilio, aquele porquinho-da-índia é cruel. E dê uma passada na enfermaria e veja o Davey, meu Deus, aqueles bandidos o transformaram num vegetal, juro que vou viver para vê-los transformados em purê de legumes.”

Vozes sobrepostas, murmúrios, Mickey falando palavras carinhosas, o cão latindo.

Identificando a época: Goldman e Cohen tinham sido atacados; Mickey fez uma aposta antecipada na luta entre Robinson e Basilio no final de setembro, quando a luta aconteceu, ele já estava solto — saiu antes de as disparidades nas apostas baixarem.

Clique desligando, clique ligando, 46 minutos de Mickey jogando cartas com pelo menos mais dois homens, murmurando, dando a descarga no vaso sanitário. A fita quase terminada; clique desligando, clique ligando, a porra do cachorro latindo.

Mickey: “Seis anos e dez meses aqui e perder o valioso cérebro de Davey logo antes de sair. Tanto problema para levar para casa. Mickey Jr., pare de lamber seu *putz*, seu *faigeleh*.”

Uma voz estranha: “Arranje uma cadela para ele, aí ele não vai precisar disso.”

Cohen: “Meu Deus, tão ágil e tão talentoso como Heifetz ao violino é esse cão com o *schlong* dele, e bem-dotado como Johnny Stompanato. E falando nisso, eu li a coluna de Hedda Hopper e vi Johnny se arrastando atrás de Lana Turner. Para ele estar grudado há tanto tempo, ela deve ter uma xota de chinchila.”

O homem de voz estranha riu.

Cohen: “Já chega, seu puxa-saco, guarde um pouco para Jack Benny. Do Johnny eu preciso agora, não posso localizar Johnny porque ele está brincando de afogar o ganso com estrelas de cinema. Os meus franqueados estão sendo mortos e eu preciso de Johnny para descobrir quem está por trás, mas aquele pé de mesa louco por xerecas não está em lugar nenhum! Quero aqueles escrotos apagados! Quero que os merdas que machucaram Davey encerrem a residência nessa terra!”

Mickey tossiu, tossiu, tossiu.

Voz estranha: “E quanto a Lee Vachss e Abe Teitlebaum? Você podia colocar os dois nisso.”

Cohen: “Você é um confidente de merda, mas sabe jogar baralho. Não, Abe ficou mole demais, mexe demais com gordura na delicatessen dele, tem tantos nódulos de gordura nas artérias a

ponto de inspirar um ataque, e Lee Vachss ama demais a morte para ter discernimento. Lana deve ter uma tremenda xota, igual a *cashmere*.”

A fita acabou. Goddard disse:

— Sem dúvida Mickey tem um estilo verbal, mas o que isso tudo tem a ver com o caso Nite Owl?

— O que acha de “nada”?

Agora uma das paredes de seu estúdio era um gráfico: pessoas relacionadas ao caso Nite Owl conectadas por linhas horizontais, linhas verticais ligando-as a um grande pedaço de papelão dividido em blocos de informações — eventos retirados do depoimento de Vincennes. Ed fazia anotações nas margens; o telefonema de seu pai ainda martelava em sua cabeça: “Edmund, vou me candidatar a governador. Sua recente notoriedade pode ter me prejudicado, mas deixe isso de lado. Não quero o caso Atherton ressuscitado na imprensa e ligado aos seus vários casos e não quero que Ray Dieterling seja incomodado. Mande para mim todas as suas investigações nesse sentido, e resolveremos entre nós dois.”

Ele concordou. Era exasperante. Fazia-o sentir-se uma criança — assim como dormir com Lynn Bracken o fez sentir-se um homem em busca de prostitutas. E surgiam no gráfico muitos nomes ligados a Dieterling.

Ed cruzou linhas.

Sid Hudgens ligado à pornografia com tinta que Vincennes encontrou em 1953; a pornografia ligada a Pierce Patchett. Uma linha até: Christine Bergeron, seu filho Daryl e Bobby Inge, modelos que posaram para a pornografia e desapareceram praticamente na mesma ocasião do Nite Owl. Mandar Fisk e Kleckner iniciarem uma nova busca para localizá-los; tentar identificar os outros modelos — mais uma vez. Deixar de lado a linha ligando a pornografia/Hudgens ao caso Atherton, o ex-inspetor Preston Exley faria indagações discretas quando ele pedisse.

Uma linha teórica — de Pierce Patchett até Duke Cathcart. Lynn Bracken havia negado, mentira, o depoimento de Vincennes colocava Patchett vendendo a pornografia que Cathcart planejava distribuir — *mas quem a produziu?* De Hudgens a Patchett e Bracken: o traficante de sacanagem ficou apavorado com o fato de

Vincennes estar fuçando o Fleur-de-Lis; Lynn disse a Jack que Patchett e Hudgens estavam planejando um serviço juntos, agora ela negava, outra mentira. Ele precisava de outro gráfico só para colocar as mentiras — não tinha uma sala com tamanho suficiente para isso.

Mais linhas:

De Davey Goldman para Dean van Gelder para Duke Cathcart e Susan Nancy Lefferts — incompreensíveis até que Vincennes fizesse o relatório da ilha McNeil, e Bud White, obviamente escondido, fosse questionado sobre o que estaria escondendo. Linhas vocacionais — Patchett, os irmãos Englekling e o pai deles tinham conhecimento de química; Patchett, um reputado consumidor de heroína, possuía ligações com o cirurgião plástico Dr. Terry Lux, dono de uma clínica de recuperação para bêbados e drogados. O relatório de Dudley Smith para Parker declarava que Peter e Baxter Englekling foram torturados até a morte com substâncias químicas corrosivas, sem mais qualquer detalhe. Conclusão: o elo para decifrar cada linha interligada tinha de ser Patchett — suas putas, seus modelos posando para pornografia, Patchett era o canal para o homem que tinha feito as fotos pornográficas com sangue, que matou Hudgens e formava a linha final que remontava a 1934 e ao caso de glória do seu pai.

Linhas demais para ignorar.

Patchett financiara os primeiros filmes de Dieterling. O filho de Dieterling, Billy, e seu namorado Timmy Valburn usavam o Fleur-de-Lis; Valburn era conhecido de Bobby Inge. Billy trabalhava no *Badge of Honor*, o primeiro foco da investigação do homicídio de Hudgens. O astro de *Badge of Honor*, Miller Stanton, fora astromirim de Dieterling mais ou menos na mesma época em que Wee Willie Wennerholm fora assassinado — por Loren Atherton? Linhas cortadas — de Atherton até a pornografia, até Hudgens; linhas de coincidência convenientes demais para não interferir na lealdade familiar — 17 anos pós-Atherton, Preston Exley constrói o Dream-a-Dreamland.

O governador Exley. O chefe de detetives Exley.

Ed pensou em Lynn, sentiu o gosto dela, estremeceu. Um salto rápido para Inez — uma nova linha a utilizar.

Foi para Laguna Beach.

A IMPRENSA NUM ENXAME: empoleirada junto aos carros, jogando cartas no gramado de Ray Dieterling. Ed rodeou o quartoirão, caminhou, correu.

Eles o viram, correram atrás. Ele chegou à porta, bateu a aldrava. A porta se abriu — direto para Inez.

Ela bateu-a, trancou-a. Ed entrou na sala de estar — o Dream-a-Dreamland sorria ao redor.

Bibelôs, estátuas de porcelana: Moochie, Danny, Scooter. Fotos na parede: Dieterling e crianças aleijadas. Cheques carimbados plastificados — quantias de seis dígitos para lutar contra doenças infantis.

— Está vendo? Eu tenho companhia.

Ed se virou para ela.

— Obrigado por me deixar entrar.

— Eles estão tratando você pior do que a mim, então julguei que lhe devia isso.

Ela parecia pálida.

— Obrigado. E você sabe que tudo vai passar, como da última vez.

— Talvez. Você está terrível, Exley.

— As pessoas vivem me dizendo isso.

— Então talvez seja verdade. Olhe, se quiser ficar e conversar um pouco, tudo bem, mas por favor não fale do Bud ou de toda esta *mierda* que está acontecendo.

— Eu não estava planejando isso, mas conversa mole nunca foi o nosso forte.

Ela se levantou. Ed abraçou-a; ela segurou seus braços e se afastou. Ed tentou sorrir.

— Vi alguns fios de cabelo grisalho. Quando você estiver com a minha idade, provavelmente estará tão grisalha quanto eu. Que tal isso, como conversa mole?

— Mole demais, e eu posso fazer melhor. Preston está se candidatando a governador, a não ser que seu famoso filho arruine as chances. Vou ser coordenadora da campanha dele.

— Papai governador. Ele disse que eu arruinaria suas chances?

— Não, porque nunca diz coisas ruins a seu respeito. Tente fazer o possível para não magoá-lo.

Repórteres do lado de fora — Ed ouviu-os rindo.

— Também não quero ver papai magoado. E você pode me ajudar a impedir isso.

— Como?

— Um favor. Um favor entre nós dois, ninguém mais precisa saber.

— O que é? Explique.

— É muito complicado, e envolve Ray Dieterling. Você conhece o nome Pierce Patchett?

Inez balançou a cabeça.

— Não, quem é ele?

— É uma espécie de investidor, só posso dizer isso. Preciso que você use o seu acesso ao Dream-a-Dreamland para verificar as ligações financeiras entre ele e Dieterling. Desde o final dos anos 1920, muito discretamente. Você faria isso para mim?

— Exley, isso está parecendo coisa da polícia. E o que tem a ver com o seu pai?

Ricocheteando: duvidando do homem que o formou.

— Papai pode estar com algum problema fiscal. Preciso que você verifique os registros financeiros de Dieterling em busca de alguma menção a ele.

— Encrenca ruim?

— É.

— Verificar desde 1950, mais ou menos? Quando eles começaram a planejar o Dream-a-Dreamland?

— Não, desde 1932. Eu sei que você viu os livros da Dieterling Productions e sei que pode fazer isso.

— E vou receber explicações?

Mais ricochete.

— No dia da eleição. Qual é, Inez! Você o ama quase tanto quanto eu.

— Certo. Pelo seu pai.

— Sem outro motivo?

— Certo, pelo que você fez por mim e pelos amigos que você me deu. E se isso parece cruel, sinto muito.

Um relógio do rato Moochie marcou dez horas.

— Preciso ir — disse Ed. — Tenho uma reunião em Los Angeles.

— Saia pelos fundos; acho que ainda estou ouvindo os urubus.

O RICOCHETE FOI ACOMODADO enquanto ele voltava.

Chame de procedimento padrão de eliminação.

Se seu pai realmente conhecia Ray Dieterling durante a época do

caso Atherton, tinha um motivo válido para não revelar isso, provavelmente sentia-se embaraçado por fazer negócios com um homem com quem esbarrara antes durante o processo da investigação de um terrível assassinato. Preston Exley acreditava que a amizade entre policiais e civis influentes era prejudicial ao conceito de justiça imparcial e absoluta, e se ele se sentisse abaixo dos próprios padrões, era compreensível não querer os fatos revelados.

Acomodado com amor e respeito.

Ed chegou cedo ao Dining Car; o *mâitre* disse que seu convidado o estava esperando. Foi para seu reservado predileto — uma área isolada atrás do bar. Vincennes estava lá, segurando um carretel de fita magnética.

Ed se sentou.

— Essa fita é de um grampo?

Vincennes empurrou o carretel sobre a mesa.

— É, cheia de Mickey C. abrindo a boca sobre besteiras que não têm nada a ver com o Nite Owl. Uma pena, mas acho que podemos determinar que Davey traiu Mickey, e creio que ele deve ter ouvido os Englekling oferecendo a Mick a proposta de Cathcart. Ele gostou da ideia e mandou Van Gelder apagar Duke. E só consigo chegar até aí.

O cara parecia exausto.

— Bom trabalho, Jack. Verdade, estou falando sério.

— Obrigado, e me chamar pelo primeiro nome foi demais.

Ed pegou um cardápio, abriu o jogo:

— É meia-noite, e eu não estou a fim de sutilezas.

— Você está armando algum esquema. O que conseguiu com Bracken?

— Só mentiras. E você está certo, sargento. A ponta do caso na McNeil está morta por enquanto.

— E?

— E amanhã vou atacar Patchett. Estou mantendo a AI isolada de Dudley e seus homens, e trazendo Terry Lux, Chester Yorkin e cada bomba que Fisk e Kleckner conseguirem encontrar sobre Patchett.

— É, mas e quanto a Bracken e Patchett?

Ed viu Lynn nua.

— Bracken tentou anular o depoimento que você escreveu. Ela dedurou você sobre aquela encrenca em Malibu, e eu fiz com que

ela contasse tudo.

Lata de Lixo bateu com a cabeça sobre os punhos fechados. Ed falou:

— Eu disse a ela que você faria qualquer negócio para pegar o dossiê de volta. Disse que você ainda adora drogas e está devendo a alguns *bookmakers*. Que está para enfrentar uma junta de julgamento e que quer acabar com os negócios de Patchett.

Vincennes levantou a cabeça — pálido, os punhos cerrados.

— Então me diga que você vai anular o que há no dossiê.

Ed levantou o cardápio. Debaixo: heroína, benzedrina, um canivete de mola, uma automática 9 milímetros.

— Você vai arrochar Patchett. Ele usa heroína, então ofereça um pouco. Se você quiser tomar uma bola para se animar, tudo bem. Você vai atrás dele para pegar o dossiê de volta e descobrir quem fez a pornografia pintada com sangue e matou Hudgens. Estou preparando um roteiro para ser seguido, e você vai recebê-lo amanhã à noite. Vai deixar Patchett se cagando de medo e vai fazer tudo que for preciso para conseguir o que nós dois queremos. Sei que pode fazer isso, de modo que não me obrigue a ameaçá-lo.

Vincennes sorriu. Ele quase tocou o acorde: o Grande V dos velhos tempos.

— E se der errado?

— Mate-o.

A fumaça de ópio batia na sua cabeça; o papo dos chinas batia ainda pior:

— Spade não aqui, meu loja ter autorização polícia, eu pago eu pago!

Tio Ace Kwan mandou-o ao Gordo Dewey Shin, que o mandou a uma fileira de antros na Alameda — Spade esteve lá, mas tinha sumido.

— Eu pago! Eu pago!

Tente no Tio Minh, Tio Chin, Tio Chan. O périplo por Chinatown, ele demorou horas para entender, empurrado de inimigo para inimigo. Tio Danny Tao pegou uma espingarda; ele arrancou-a, usou-a para arrochar o velho, mesmo assim não conseguiu informação. Spade esteve lá, tinha ido embora — e se ele inspirasse mais um bafo de ópio sabia que ia se enrolar e morrer ou começar a atirar. O desfecho da piada: ele arrochava Chinatown em busca de um homem chamado Cooley.

Chinatown dando em nada por enquanto.

Bud ligou para o Bureau da Promotoria, deu ao esquadrão suas pistas sobre Perkins/Cooley; o homem bocejou, anotou entediado. Para a Strip; a Cowboy Rhythm Band no palco, nada do Spade, ninguém o via havia dois dias. Clubes de música caipira, bares, boates — ninguém viu Donnell Clyde Cooley. Uma da madrugada, caralho, sem ter para onde ir, a não ser a casa de Lynn — “Onde você esteve?” e uma cama.

Começou a chover — um pé-d’água. Bud contava as luzes de ré, para ficar acordado: pontos vermelhos, hipnotizantes. Chegou à Nottingham Drive quase apagado — tonto, os membros entorpecidos.

Lynn na varanda, olhando a chuva. Bud correu até lá; ela estendeu os braços. Ele escorregou, firmou-se no corpo dela.

Ela deu um passo atrás.

— Fiquei preocupado — disse Bud. — Fiquei ligando para você ontem à noite antes de as coisas enlouquecerem.

— Enlouquecerem como?

— De manhã. É uma história longa demais. Como é que...

Lynn tocou seus lábios.

— Eu contei a eles fatos sobre Pierce, fatos que você já sabe, e estava ficando triste com a chuva e pensando em contar mais.

— Mais o quê?

— Estou achando que acabou para o Pierce. De manhã, doçura. Nossas duas histórias no café da manhã.

Bud se encostou no parapeito da varanda. Um raio iluminou a rua — e lágrimas secas no rosto de Lynn.

— O que é, querida? É Exley? Ele forçou a sua barra?

— É Exley, mas não o que está pensando. E sei por que você o odeia tanto.

— O que quer dizer?

— Que ele é o oposto de todas as coisas boas que você é. Ele é mais parecido comigo.

— Não entendi.

— Bom, é uma credibilidade que ele tem por ser tão calculista. Eu comecei odiando-o porque você o odeia, depois ele me fez perceber detalhes sobre o Pierce, só por ser quem ele é. Falou o que não precisava falar, e minhas reações me surpreenderam.

Mais raios; Lynn parecia terrivelmente triste.

— Por exemplo?

— Por exemplo: Jack Vincennes está enlouquecendo e tem uma espécie de vingança contra Pierce. E eu não me importo tanto quanto deveria.

— Como é que você ficou tão amiga do Exley?

Lynn riu.

— *In vino veritas*. Sabe, doçura, você tem 39 anos e eu vivo esperando que você fique exausto de ser quem é.

— Esta noite estou exausto.

— Não é isso que eu quero dizer.

Bud acendeu a luz da varanda.

— Vai me contar o que aconteceu com você e Exley?

— Nós só conversamos.

A maquiagem dela estava marcada pelas lágrimas — era a primeira vez que a via sem estar linda.

— Então me conte.

— De manhã.

— Não, agora.

— Querido, estou tão cansada quanto você.

O pequeno sorriso dela disse tudo.

— Você dormiu com ele.

Lynn olhou para o outro lado. Bud bateu nela — uma vez, duas, três vezes. Lynn encarou direto os golpes. Bud parou quando viu que não conseguiria dobrá-la.

O DAI — apinhado.

Chester Yorkin, o homem da entrega do Fleur-de-Lis, enfiado no cubículo 1; no 2 e no 3, Paula Brown e Lorraine Malvasi, putas de Patchett — Ava Gardner e Rita Hayworth. Lamar Hinton, Bobby Inge, Christine Bergeron e o filho não puderam ser encontrados; o mesmo com relação aos modelos das revistas — Fisk e Kleckner não conseguiram identificá-los nas fotos da polícia. No cubículo 4: Sharon Kostenza, seu verdadeiro nome era Mary Alice Mertz, encontrada a partir do depoimento de Vincennes — a mulher que uma vez pagou a fiança para tirar Bobby Inge da prisão e que também pagou fiança para Chris Bergeron. No cubículo 5: o Dr. Terry Lux e seu advogado — o grande Jerry Geisler.

Ray Pinker parado, segurando um antídoto contra drogas — até agora nenhum dos peixes novos parecia drogado.

Dois policiais guardando o esquadrão — interrogatórios confidenciais — estrita autonomia da AI.

Kleckner e Fisk pressionando Mertz e a falsa Ava — armados com cópias do depoimento, fotos de sacanagem, um resumo do caso. Yorkin, Lux e a falsa Rita esperando.

Ed trabalhava em sua sala: a terceira versão do roteiro para Vincennes. Um pensamento o incomodava: se Lynn Bracken tivesse feito um relatório integral a Patchett, ele teria escondido aquelas pessoas antes que a polícia pudesse trazê-las — assim como Inge, Bergeron e o filho dela haviam desaparecido imediatamente após o Nite Owl. Duas possibilidades: ela estava armando alguma coisa diferente ou a trepada dos dois a deixara confusa e ela estava imóvel, tentando imaginar aonde aquilo iria. A primeira hipótese era mais provável: aquela mulher tivera o último momento de incerteza quando nascera.

Ainda podia sentir o gosto dela.

Ed desenhou linhas no papel. Inez verificando conexões entre Dieterling, Patchett e seu pai — a ideia continuava fazendo-o se encolher. Dois homens da AI procurando White — apreender o sacana e dobrá-lo. Billy Dieterling e Timmy Valburn deviam ser interrogados — com luvas de pelica, eles tinham prestígio, grana. Uma linha até a morte de Hudgens e o negócio de Hudgens/Patchett — o depoimento de Vincennes declarava que os arquivos de Hudgens sobre *Badge of Honor* estavam desaparecidos na ocasião de sua morte, coisa anômala, o programa era uma fixação de Hudgens. O pessoal do *Badge of Honor* tinha álbis para o assassinato — mas estava sendo programada uma nova leitura do caso.

Metade de seu labirinto de casos sugeria extorsão.

Uma linha até uma questão externa: Dudley Smith, ficando maluco por uma rápida solução em Darktown. Uma linha até um boato: Thad Green prestes a assumir a Guarda de Fronteira dos EUA em maio. Uma linha teórica: Parker escolheria o novo chefe de detetives apenas baseado no caso Nite Owl — ele ou Smith. Dudley poderia mandar White de volta para quebrar sua autonomia; riscar todas as linhas para manter *seu* caso lacrado.

Kleckner entrou.

— Senhor, a tal de Mertz não quer cooperar. Só diz que usa o pseudônimo de Sharon Kostenza e que paga fiança para o pessoal de Patchett quando eles são acusados por questões externas. Ninguém *nunca* foi preso trabalhando para ele, sabemos disso. Ela diz não poder identificar as pessoas das fotos e não reagiu àquela abordagem sobre extorsão que o senhor me pediu para usar. Não reagiu nada ao Nite Owl; e eu acredito nela.

— Solte-a, quero que ela vá até Patchett e o deixe em pânico. O que Duane conseguiu com Ava Gardner?

Kleckner passou-lhe uma folha de papel.

— Um monte de informações. Eis os pontos altos, e a entrevista está gravada.

— Bom. Vá amaciar Yorkin para mim. Leve uma cerveja para ele e banque a babá.

Kleckner saiu sorrindo. Ed leu o memorando de Fisk.

Testemunha Paula Brown, 25/3/58

1. A testemunha revelou os nomes de numerosos clientes de P.P., que pedem prostitutas e prostitutos (seguem num

memorando separado e em fita gravada).

2. Não pôde identificar as pessoas das fotos (parece dizer a verdade).

3. O gancho da extorsão a fez falar.

a) P.P. dava prêmios aos prostitutos e prostitutas para conseguirem que os clientes revelassem detalhes íntimos de suas vidas.

b) P.P. obriga prostitutos e prostitutas a se aposentarem aos 30 anos (aparentemente é uma mania).

c) Quando vão às casas dos clientes, P.P. manda as prostitutas deixarem portas/janelas abertas de modo que homens com máquinas fotográficas possam fazer fotos comprometedoras. Além disso, as prostitutas tiram moldes de cera das fechaduras das portas de alguns clientes ricos.

d) P.P. manda um famoso cirurgião plástico (T. Lux, obviamente) operar prostitutas e prostitutos para parecerem astros de cinema e assim ganhar mais dinheiro.

e) Os prostitutos extorquem dinheiro de homossexuais casados e dividem com P.P.

f) Entediada com as perguntas sobre o Nite Owl (certamente não tem ideia de quem possa ser o culpado).

Perversão espantosamente audaciosa.

Ed foi até a fileira de cubículos, verificou os espelhos. Fisk e a falsa Ava conversando; Kleckner e Yorkin tomando cerveja. Terry Lux lendo uma revista, Jerry Geisler furioso. Lorraine Malvasi sozinha numa nuvem de fumaça. Perversão espantosamente audaciosa — a mulher tinha o rosto de Rita Hayworth até os ossos, até o penteado de *Gilda*.

Abriu a porta. Rita/Lorraine se levantou, sentou-se, acendeu um cigarro. Ed lhe entregou o memorando de Fisk.

— Por favor, leia isso, Srta. Malvasi.

Ela leu, mordendo o batom dos lábios.

— E daí?

— E daí você confirma ou não?

— E daí eu tenho direito a um advogado.

— Não durante 72 horas.

— Você não pode me manter aqui tanto tempo.

Tinha um sotaque ruim de Nova York.

— Aqui não, mas podemos manter você na cadeia feminina.

Lorraine mordeu uma unha, tirou sangue.

— Você não pode.

— Claro que posso. Sharon Kostenza está sob custódia, portanto ela não pode pagar sua fiança. Pierce Patchett está sob vigilância, e sua amiga Ava acabou de contar isso que você leu aqui. Ela falou primeiro, e eu só quero que você complete algumas lacunas.

Um pequeno soluço.

— Não posso.

— Por que não?

— Pierce foi tão bom com...

Interrompendo-a.

— Pierce está acabado. Lynn Bracken o entregou. Ela está sob proteção da polícia, e eu posso ir até ela para obter as respostas ou posso economizar trabalho e perguntar a você.

— Não posso.

— É melhor poder, porque você está ligada a 11 crimes, só no depoimento de Paula Brown. Está com medo das machonas da prisão?

Sem resposta.

— Deveria estar, mas as matronas são piores. Umas sapatonas peludas, usando vibradores. Sabe o que elas fazem com aqueles...

— Certo, certo, certo! Certo, eu conto!

Ed pegou um bloco, escreveu “cronologia”.

Lorraine:

— Não é culpa do Pierce. O cara obrigou ele a fazer.

— Que cara?

— Não sei. Verdade, no duro, não sei.

“Cronologia” sublinhada.

— Quando você começou a trabalhar para Pierce Patchett?

— Aos 21 anos.

— Diga o ano.

— 1951.

— Ele mandou Terry Lux fazer uma operação em você?

— Foi! Para me deixar mais bonita!

— Calma, por favor. Bom, há um segundo você disse que um cara...

— Não sei quem é o cara! Não posso dizer o que eu não sei!

— Sssh, por favor. Agora, você confirmou o depoimento de Paula Brown e disse que um “cara”, *cuja identidade você não conhece*, coagiu Pierce para os planos de extorsão detalhados naquele

depoimento. Está certo?

Lorraine apagou o cigarro, acendeu outro.

— É. Extorsão é como chantagem, certo, então sim.

— Quando, Lorraine? Você sabe *quando* “esse cara” abordou Patchett?

Ela contou nos dedos.

— Há cinco anos, em maio.

“Cronologia” sublinhada com força.

— Quer dizer, maio de 1953?

— É, sei porque meu pai morreu naquele mês. Pierce nos chamou e disse que a gente tinha de fazer, ele não queria, mas o cara estava segurando ele pelos você-sabe-o-quê. Ele não disse o nome do cara e eu acho que nenhum de nós sabia.

“Cronologia”: um mês depois do Nite Owl.

— Pense rápido, Lorraine. A noite do massacre do Nite Owl. Lembra disso?

— O quê? Umas pessoas foram mortas, não é?

— Não importa. O que mais Patchett disse quando chamou vocês?

— Nada.

— *Nada* mais sobre Patchett e extorsão? Lembre-se, não estou perguntando se você fez isso. Não estou pedindo para se incriminar.

— Bom, mais ou menos uns três meses antes disso eu ouvi Veronica — quero dizer, Lynn — e Pierce conversando. Ele disse que ele e aquele cara da revista de escândalos que foi morto depois iam fazer um negócio de arrocho em que Pierce contaria a ele sobre os segredos dos nossos clientes; pequenos... você sabe, fetiches, e o cara ia ameaçar os clientes de saírem na *Hush-Hush*. Você sabe, ou pagavam ou saíam na revista de escândalos.

Teoria da extorsão comprovada. Um instinto: em algum nível Lynn jogava limpo, não tinha falado a Patchett para se preparar — ele jamais teria deixado o pessoal vir.

— Lorraine, o sargento Kleckner mostrou algumas fotos pornográficas a você?

Uma confirmação com a cabeça.

— Eu disse a ele e vou dizer a você. Não conheço nenhuma pessoa, e aquelas fotos me deram arrepios...

Ed saiu. Duane Fisk no corredor.

— Bom trabalho, senhor. Quando o senhor arrancou a parte do “um cara”, eu fui falar com Ava. Ela confirmou, e confirmou que

não sabia a identidade dele.

Ed assentiu.

— Diga a ela que Rita e Yorkin foram fichados, depois libere-a. Quero que ela volte para Patchett. Como Kleckner está se saindo com Yorkin?

Fisk balançou a cabeça.

— Aquele garoto é durão. Está praticamente desafiando Don a fazê-lo falar. Ei, onde está Bud White agora que nós precisamos dele?

— Engraçado, mas pare por aí. E agora quero que você leve Lux e Geisler para almoçar. Lux está aqui voluntariamente, portanto seja gentil. Diga a Geisler que este é um caso de grande conspiração com homicídios múltiplos, e diga que Lux vai receber toda imunidade em qualquer acusação subsidiária, em troca da cooperação, e uma promessa assinada de que não precisará testemunhar em juízo. Diga que isso já está escrito, e que se ele quiser comprovação, deve ligar para Ellis Loew.

Fisk assentiu, foi até o cubículo 5. Ed verificou o espelho do número 1.

Chester Yorkin se engraçando para o espelho: fazendo caretas, mostrando o pau. Magrelo, com um topete sobre os olhos, escorrendo brilhantina. Vergões nos braços, talvez marcas antigas de agulhas.

Ed abriu a porta.

— Ei, eu conheço você — disse Yorkin. — Eu li sobre você.

Picadas confirmadas — tecido cicatricial nos vergões.

— Eu tenho aparecido nos noticiários.

Risinhos.

— Esse é antigo, cara-pálida. Você dizendo algo do tipo: “Eu nunca atiro em suspeitos, porque aí o policial se rebaixa ao nível do criminoso.” Quer ouvir minha resposta? Eu nunca deduro, porque todos os policiais são escrotos que gozam fazendo as pessoas falarem.

— Terminou? — A frase clássica de Bud White.

— Não. O rato Moochie come o cu do seu pai.

Apavorado, mas fez: uma cotovelada na traqueia. Yorkin ofegou; Ed foi por trás dele, algemou-o, empurrou-o no chão.

Apavorado, mas com mãos firmes: olha, pai, sem medo.

Yorkin se encostou num canto.

Apavorado, outro gesto do Bud Malvadeza: uma cadeira, um

giro no ar, a cadeira arrebitada na parede logo acima da cabeça do suspeito. Yorkin tentou se encolher para longe; Ed chutou-o de volta ao canto. Devagar agora: não deixe a voz falhar, não deixe os olhos amaciarem por trás dos óculos.

— *Tudo*. Quero saber sobre a pornografia e as outras merdas que você vendia no Fleur-de-Lis. *Tudo*. Comece com essas marcas nos braços e por que um homem inteligente como Patchett confia num drogado como você. E saiba agora mesmo: Patchett está acabado, e eu sou o único que pode oferecer um trato a você. *Está entendendo?*

Yorkin balançou a cabeça sim, sim, sim.

— Piloto de testes! Eu viajava para ele! Piloto de testes!

Ed abriu as algemas.

— Diga isso de novo.

— Cobaia.

— O quê?

— Eu deixava ele fazer testes comigo. De vez em quando, um pouquinho de cada vez.

— Comece de novo. Devagar.

Yorkin tossiu.

— Pierce pegou uma heroína roubada de um negócio entre Cohen e Jack Dragna há alguns anos. Um tal de Buzz Meeks deixou um bocado com uns caras, Pete e Bax Englekling, só uma amostra, e eles deram para o pai deles, que era uma espécie de mago da química. Ele era professor de Pierce na faculdade, entregou a droga para ele e morreu, ataque cardíaco, por aí. Um outro cara, não sei o nome dele, portanto não pergunte, matou Meeks ou algo do tipo. Ele pegou o resto da droga, uns 9 quilos. Pierce há anos desenvolve compostos com o material. Ele quer criar uma mais barata, mais segura e melhor. Eu só... eu só tomo umas picadas como teste.

Linhas espantosas se cruzando.

— Você fazia entregas para o Fleur-de-Lis há cinco anos, não é?

— É, certo.

— Você e Lamar Hinton.

— Não vejo Lamar há anos, você não pode me acusar das merdas do Lamar!

Ed pegou a outra cadeira, brandiu-a.

— Eu não quero fazer isso. Me dê uma resposta e, se eu gostar, fico lhe devendo. É um teste, e você é piloto de testes, então deve passar nele. Quem atirou em Jack Vincennes do lado de fora da boca em Hollywood, em 1953?

Yorkin se encolheu.

— Eu. Pierce me mandou apagar ele. Eu não devia ter feito aquilo drogado. Fodi com tudo, e Pierce ficou puto.

Patchett ferrado: tentativa de assassinato de um policial.

— O que ele fez com você por causa disso?

— Ele me testou de um jeito ruim. Me deu todas aquelas substâncias que ele disse que tinha de eliminar. Me obrigou a fazer todos aqueles voos ruins, caralho.

— Então você o odeia por isso.

— Cara, Pierce não é uma pessoa comum. Eu odeio o cara, mas também gosto dele.

Ed afastou a cadeira.

— Você lembra dos assassinatos do Nite Owl?

— Claro, foi há anos. O que tem a ver...

— Não importa, e aqui vai o mais importante. Se você conseguir me explicar, eu lhe dou uma declaração de imunidade, por escrito, e coloco você sob proteção da polícia até Patchett se ferrar. Pornografia, Chester. Lembra daquelas revistas de orgia que o Fleur-de-Lis vendia há cinco anos?

Yorkin balançou a cabeça: sim.

— O sangue de tinta nas fotos, lembra?

Yorkin sorriu — agora doido para dedurar.

— Conheço bem aquela história. Pierce vai mesmo se ferrar?

Dez horas para o roteiro de Vincennes.

— Talvez esta noite.

— Então foda com ele por todos aqueles voos ruins.

— Chester, só me conte, devagar.

Yorkin se levantou, mexeu as articulações das pernas.

— Sabe um negócio escroto do Pierce? Ele dizia todos aqueles lances perto de mim, quando eu estava voando, como se eu fosse inofensivo porque não podia lembrar de nada que ele dizia.

Ed pegou o bloco de anotações.

— Tente contar em ordem.

Yorkin esfregou a garganta, tossiu.

— Certo, Pierce tinha um bocado de garotas antigas que ele mandou andar, foi mais ou menos quando nós estávamos distribuindo revistas de fotos. Um cara, não sei o nome dele, convenceu umas garotas e os caras delas a posarem nas fotos. Fez revistas com elas e procurou Pierce para pedir dinheiro para espalhar as revistas, você sabe, ele prometeu uma parte ao Pierce.

Pierce gostou da ideia, mas não queria expor as garotas ou os caras delas. Comprou um bocado das revistas do cara para vender no Fleur-de-Lis, você sabe, só uma distribuição restrita, como ele dizia, como um teste de mercado, ele achou que controlaria o material assim.

Linhas antigas se cruzando: a distribuição restrita não era assim tão restrita, a Delegacia de Costumes havia recuperado exemplares jogados fora — Vincennes no caso.

— Continue, Chester.

— Bom, o cara que fez o material, de algum modo ele conseguiu com Pierce informações sobre os irmãos Englekling, que eles tinham uma gráfica e sempre estavam a fim de dinheiro. Ele arranjou um testa de ferro, e o testa de ferro procurou os dois irmãos. Você sabe, um plano para aumentar o negócio e distribuir.

O testa de ferro: Duke Cathcart. Linhas em zigue-zague de Cohen para os irmãos, dos irmãos para Patchett, de volta num desvio: Mickey na ilha McNeil — e aí Goldman e Van Gelder. *Linha da heroína para a pornografia.*

— Chester, como você sabe tudo isso?

Yorkin riu.

Eu estava numa tremenda viagem e Pierce, afundado no pó branco até o nariz. Ele soltava tudo para mim, igual a quando a gente fala com um cachorro.

— Então Patchett e a pornografia não deram em nada, certo? Ele só estava interessado em vender a heroína.

— Porra nenhuma. Sabe aquele cara que trouxe os 9 quilos para Pierce há anos? Bem, ele era fissurado na sacanagem. Tinha listas com um monte de ricos pervertidos e um monte de contatos na América do sul. Ele e Pierce usaram as fotos originais durante anos, depois mandaram fazer umas revistas novas não sei onde nem com quem. Colocaram aquela merda num armazém em algum lugar, não sei onde, só esperando. Acho que Pierce esperava algo esfriar.

Nenhuma linha nova se cruzava. Uma expressão se acomodava: *motivo: lucro*. A pornografia em si era uma possibilidade; 10 quilos de heroína *processada* significavam milhões.

— Mais uma coisa — disse Yorkin —, caso você esteja em dúvida se deve fazer o trato comigo. Pierce tem um cofre ligado a uma armadilha na casa dele. Ali tem dinheiro, drogas, todo tipo de porcaria guardada.

Ed continuava pensando DINHEIRO.

Yorkin:

— Ei, fale comigo! Quer o endereço da boca nova? Linden, 8.819, Long Beach. Exley, fale comigo!

— Vai ter bife na sua cela, Chester. Você merece.

LINHAS NOVAS — Ed pegou os resumos de Fisk e Kleckner, acrescentou as revelações de Yorkin e Malvasi.

Heroína e pornografia ligadas por uma linha. “O cara” que fez as revistas de sacanagem: assassino de Sid Hudgens, o testa de ferro dele era Duke Cathcart — morto por Dean van Gelder, encomendado à morte ou apenas metido no negócio por Davey Goldman — que soube da proposta da pornografia através do grampo na cela de Mickey Cohen. Cohen onipresente — sua heroína roubada terminou com os Englekling e com “o cara” que levou os 9 quilos de heroína para Patchett processar, “o cara”, que também amava pornografia e convenceu Patchett a produzir novas revistas a partir dos protótipos de 1953. Um instinto: Cohen era o Sr. Droga havia oito anos, entrando e saindo da cadeia, um ponto focal que nunca colocava a própria mão no redemoinho de casos. Uma linha até uma conclusão: os assassinatos no Nite Owl eram no mínimo semiprofissionais, uma tentativa de tirar os negócios de heroína e pornografia de Patchett. Cathcart, tentando distribuir a sacanagem por conta própria, era o foco dos assassinatos. Será que ele deu uma falsa ideia de sua importância às pessoas erradas, ou será que os assassinos pegaram Van Gelder deliberadamente, sabendo ou não que ele estava se fingindo de Cathcart? Linhas para a intriga do crime organizado, no mínimo semiprofissionais, com todas as linhas para a máfia mortas ou incapacitadas: Franz Englekling e filhos mortos, Davey Goldman um vegetal, Mickey Cohen pasmo com o que acontece ao redor dele. Uma linha-pergunta: quem apagou Peter e Baxter Englekling? A linha do terror: Loren Atherton, 1934. Como poderia ser?

Fisk bateu à porta.

— Senhor, eu trouxe Lux e Geisler de volta.

— E?

— Geisler me deu uma declaração escrita.

— Leia.

Fisk pegou uma folha.

— “Quanto à minha relação com Pierce Morehouse Patchett, eu,

Terence Lux, médico, dou a seguinte declaração reconhecida em cartório. A saber: meu relacionamento com Pierce Patchett é profissional; isto é, eu realizei cirurgias plásticas em vários conhecidos e conhecidas dele, aperfeiçoando semelhanças já existentes para criar semelhanças exatas com diversos atores e atrizes famosos. Boatos não confirmados dizem que Patchett emprega esses jovens com objetivo de prostituição, mas não tenho qualquer prova conclusiva de que isso seja verdade. Juro que o dito é verdade” etc.

— Não está suficientemente bom — disse Ed. — Duane, leve Yorkin e Rita Hayworth para o outro lado da rua e fiche os dois. Por cooperação e cumplicidade, e deixe em branco as datas de prisão. Deixe que deem um telefonema cada um, depois vá a Long Beach e invada o número 8.819 da Linden. É uma boca do Fleur-de-Lis, e tenho certeza de que Patchett limpou tudo, mas vá mesmo assim. Se encontrar o lugar virgem, arrebente tudo e deixe a porta aberta.

Fisk engoliu em seco.

— É... senhor? Arrebentar tudo? E não colocar as datas do fichamento dos nossos suspeitos?

— *Arrebente tudo. Faça uma declaração. E não questione minhas ordens.*

— É... sim, senhor.

Ed fechou a porta, tocou o interfone para Kleckner.

— Don, traga o Dr. Lux e o Sr. Geisler.

Pelo interfone, alto:

— Sim, senhor. — Sussurrou: — Eles estão putos, capitão. Achei que o senhor deveria saber.

Ed abriu a porta. Geisler e Lux entraram — bruscos.

Nada de apertos de mão.

— Francamente — disse Geisler —, aquele almoço nem começou a cobrir as horas que eu terei de cobrar do Dr. Lux. Acho repreensível o fato de ele ter vindo voluntariamente e ter sido mantido por tanto tempo.

Ed sorriu.

— Desculpe. Aceito a declaração formal que os senhores ofereceram, e na verdade não tenho perguntas para o Dr. Lux. Só tenho um favor a pedir e um favor grande para dar em troca. E mande-me a sua conta, Sr. Geisler. O senhor sabe que eu posso pagá-la.

— Sei que o seu pai pode. Prossiga, por favor. Até agora o

senhor está mantendo o meu interesse.

Ed para Lux:

— Doutor, eu sei quem o senhor conhece e o senhor sabe quem eu conheço. E eu sei que o senhor cuida de curas legais para viciados em morfina. Ajude-me com uma coisa e eu lhe ofereço minha amizade.

Lux limpou as unhas com um bisturi.

— O *Daily News* diz que você está em obsolescência.

— Estão equivocados. Pierce Patchett e heroína, doutor. Eu aceito boatos e não vou perguntar as suas fontes.

Geisler e Lux se acotovelaram — a um passo fora da porta, sussurros. Lux abriu o jogo:

— Ouvi dizer que Pierce está ligado a algumas figuras muito más que querem controlar o tráfico de heroína em Los Angeles. Ele é um tremendo químico, você sabe, e há anos desenvolve uma mistura especial. Hormônios, drogas antipsicóticas, um tremendo preparado. Ouvi dizer que deixa a heroína comum no chinelo, e ouvi dizer que está pronto para ser manufaturado e vendido. Um ponto na minha coluna, capitão. Jerry, aceite a palavra do sujeito e lhe mande a minha conta.

SEMI-PROFISSIONAL, PROFISSIONAL — suas novas linhas diziam HEROÍNA. Ed ligou para Bob Gallaudet, deixou uma mensagem com a secretária dele: o Nite Owl talvez esteja sendo resolvido — ligue-me. Uma foto em sua mesa o atraía: Inez e seu pai em Arrowhead. Ligou para Lynn Bracken.

— Alô?

— Lynn, é Exley.

— Meu Deus, olá.

— Você não foi procurar Patchett, foi?

— Você achou que eu iria? Você armou comigo para que eu fosse?

Ed virou a foto para baixo.

— Quero que você saia de Los Angeles, por cerca de uma semana. Eu tenho uma casa em Lake Arrowhead, você pode ficar lá. Vá esta tarde.

— Pierce vai...

— Mais tarde eu lhe conto.

— Você vai aparecer lá?

Ed verificou o roteiro para Vincennes.

— Assim que eu resolver uma coisa. Você esteve com White?

— Ele veio e foi embora, e não sei onde está. Ele está bem?

— Está. Não, merda, não sei. Encontre-me no Fernando's, no lago. Fica perto da minha casa. Pode ser às 18 horas?

— Vou estar lá.

— Pensei que seria difícil convencer você.

— Eu já me convenci de um monte de coisas. Deixar a cidade torna tudo mais fácil.

— *Por quê*, Lynn?

— Creio que a festa acabou. Você acha que manter a boca fechada é um ato de heroísmo?

Bud acordou no Victory. Crepúsculo do lado de fora da janela — ele dormira metade da noite e um dia. Esfregou os olhos; Spade Cooley voltou imediatamente à sua cabeça. Sentiu cheiro de fumaça de cigarro, viu Dudley sentado perto da porta.

— Pesadelos, garoto? Você se mexeu um bocado.

Pesadelo: Inez sacaneada pela imprensa, culpa dele — do que ele fez para pegar Exley.

— Garoto, em repouso você me fez lembrar minhas filhas. E você sabe que gosto de você tanto quanto delas.

Ele havia suado nos lençóis.

— Em que pé está o serviço? O que vem em seguida?

— Em seguida, escute. Há muito tempo estou envolvido em conter o crime violento, para que um dia eu e meus colegas possamos ter uma dispensa lucrativa, e este dia está chegando. Como colega, você vai compartilhar disso. Haverá coisas importantes em nossas mãos, garoto. Imagine os meios de manter os negros imundos sedados e extrapole a partir daí. Um italiano turbulento com quem você lidou no passado está envolvido, e acho que você pode ser particularmente útil para mantê-lo na linha.

Bud se espreguiçou, estalou os nós dos dedos.

— Estou falando da reabertura do caso. Fale claro, certo?

— Edmund Jennings Exley: é o que posso dizer claramente. Ele está tentando provar acusações ruins contra Lynn, garoto. Sal em todas as feridas que ele provocou em você.

Fios zumbindo.

— Você sabia sobre nós. Eu devia saber.

— Há pouquíssimo que eu não sei, e não há nada que eu não faria por você. O covarde do Exley tocou as duas únicas mulheres que você já amou, garoto. Pense em grandes maneiras de machucá-lo.

Eles fizeram amor imediatamente — Ed sabia que teriam de falar se não fizessem, Lynn parecia sentir o mesmo. O chalé estava com cheiro de mofo, a cama desfeita — da última vez com Inez. Ed deixou as luzes acesas: quanto mais visse, menos pensaria. Isso o ajudou durante o ato; contar as sardas de Lynn o impedia de chegar ao auge. Retardar o ato, os dois, compensando a vez em que haviam caído do sofá. Lynn estava com equimoses; Ed sabia que tinham sido provocadas por Bud White. Para um ato na corda bamba eles foram suaves; o longo abraço depois parecia um pagamento por suas mentiras. Quando comesçassem a falar, não parariam nunca. Ed se perguntou quem diria “Bud White” primeiro.

Lynn disse. Bud era o fulcro que a convencera a mentir para Patchett: a investigação policial era uma piada, eles se agarravam a qualquer coisa. White sabia dos negócios menos escusos de Patchett, Lynn tinha medo de que ele se desse mal caso Pierce contra-atacasse. Pierce poderia tentar comprar a amizade dele, achava que todo mundo tinha um preço, não sabia que seu Wendell não podia ser comprado. Bud a fez pensar; quanto mais pensava, mais sofria; um certo capitão de polícia beijando uma certa ex-prostituta, no único momento em que ela o teria deixado, fazia aumentar a sensação de fim de festa, Pierce me criou, mas no íntimo ele é ruim, se eu o abandonar talvez tenha de volta algumas das virtudes que ele matou em mim. Ed se encolheu diante das palavras, sabia que não poderia devolver a honestidade dela — agora Jack Vincennes iria sem apoio, ele contara com Lynn para levar Patchett ao pânico, além de Fisk revirando o depósito, além do pessoal dele convocado e preso. Lynn reagia àquele silêncio com palavras — trechos de seu diário, seu pronunciamento era uma revelação para amantes fugitivos. Engraçado, triste — velhos truques ridicularizados, um monólogo sobre putas garçonetes de

lanchonetes drive-in, que quase o fez rir. Lynn falando de Inez e Bud White — ele a amava de vez em quando, e principalmente a distância, porque a fúria dela era pior do que a dele, exauria-o, uma noite aqui e outra lá era tudo que ele conseguia suportar. Sem ciúmes — assim o próprio ciúme dele saltava, quase o forçava a gritar perguntas: heroína e extorsão, perversão espantosamente audaciosa, quanto você sabe? O presente dado por ela não iria abandoná-lo; as mãos macias em seu peito faziam-no emitir uma equivalência em honestidade antes de começar a interrogar ou mentir só para ter o que dizer.

Começou falando da família, uma espiral do passado ao presente. Eddie, o garoto da mamãe, Thomas, o garoto de ouro, o aperto que ele passou quando o irmão ficou na frente de seis balaços. Ser um policial/nobre numa longa linhagem de detetives da Scotland Yard. Inez, quatro homens mortos por pura fraqueza; Dudley Smith ficando maluco para encontrar um bode expiatório adequado, que Ellis Loew e o chefe Parker pudessem aceitar como panaceia. Uma corrida mental para alcançar o grande Preston Exley em sua glória intratável, e como a pornografia retocada com tinta se ligava a um jornalista escandaloso, as vivissecções realizadas com crianças, e seu pai e Raymond Dieterling há 24 anos. Uma pressa até não restar nada a dizer e Lynn fechar seus lábios com um beijo e ele dormir tocando as marcas no corpo dela.

O Grande V, policial patife — dar a Exley o crédito pela boa escolha de papéis. Ele sincronizou seu telefonema com a invasão do depósito do Fleur-de-Lis.

— Sim, eu falo com você — disse Patchett. — Hoje às 23 horas, e venha sozinho.

Ele usava um equipamento de gravação preso num colete à prova de balas.

Levava um embrulho de heroína, um canivete de mola, uma automática 9 milímetros. A benzedrina de Ed jogada no vaso, ele não precisava daquele sofrimento.

Foi até lá, apertou a campainha — tremendo medo do palco.

Patchett abriu a porta. Olhos escuros miúdos, como Exley previra — nariz de viciado.

Jack, seguindo o roteiro:

— Olá, Pierce — cheio de desprezo.

Patchett fechou a porta. Jack jogou a droga na cara dele. Ela bateu nele, caiu no chão.

Dar um tempo.

— Só uma oferta de paz. De qualquer modo, não está à altura da merda que você testou em Yorkin. Você sabia que meu cunhado é promotor em Los Angeles? Ele é um prêmio que você leva se fizer um trato comigo.

— Onde você conseguiu isso? — Patchett calmo, o negócio no nariz dele não o deixaria demonstrar medo.

Jack pegou o canivete, coçou o nariz com a lâmina. Sentiu sangue, lambeu-o com um dedo — Oscar de psicopata.

— Eu arrochei uns negros. Você sabe tudo sobre isso, não é? A revista *Hush-Hush* costumava me colocar nas matérias. Você e Sid Hudgens eram ligados havia muito tempo, de modo que você deve saber.

Sem medo.

— Você causou encrenca para mim há cinco anos. Eu ainda tenho a cópia daquele dossiê a seu respeito, e creio ser justo dizer que você rompeu sua parte no trato. Presumo que tenha mostrado o depoimento aos seus superiores.

Corte de faca: a ponta da lâmina na palma da mão, um pequeno empurrão para fazê-la recuar no cabo. Mais sangue, uma frase-chave de Exley:

— Eu estou muito além de você no quesito informação. Sei sobre a heroína que você pegou de Cohen e Dragna e o que você vem fazendo com ela. Sei da pornografia que você estava vendendo em 1953 e sei tudo sobre as extorsões com as putas. E só quero meu dossiê e algumas informações. Você me dá isso e eu ponho na geladeira tudo que o capitão Exley tem.

— Que informação?

O roteiro, ao pé da letra:

— Eu fiz um trato com Hudgens. O trato era a destruição do meu dossiê e 10 mil em grana viva em troca de umas sujeiras que eu sabia sobre os figurões do DPLA. Eu sabia que Sid ia armar um esquema de chantagem com você, e já sabia do Fleur-de-Lis; você sabe que isso é verdade. Sid foi morto antes que eu pudesse pegar a grana e o dossiê, e acho que o assassino os pegou. Preciso do dinheiro porque serei expulso do departamento antes do tempo de receber a pensão, e quero que o escroto que me roubou morra. Você não *produziu* as revistas de sacanagem em 1953, mas quem produziu matou Sid e me roubou. Me dê o nome e eu sou seu.

Patchett sorriu. Jack sorriu — outro empurrão antes de sair dando porrada com o revólver.

— Pierce, o Nite Owl tinha a ver com pornografia e heroína suas. Quer dançar nessa?

Pierce pegou um revólver, atirou nele três vezes. Disparos com silenciador — as balas despedaçaram o equipamento de gravação, caíram do colete.

Mais três tiros — dois no colete, um errou.

Jack trombou numa mesa, voltou apontando. Um escorregão, Patchett em cima dele, dois disparos errados, perto. Patchett em sua cara, o canivete aberto, um golpe às cegas, um grito — a lâmina acertando.

A mão esquerda de Patchett grudada na mesa. Outro grito, a mão direita dele agindo — uma seringa hipodérmica nela. A agulha

junto à veia, golpe, zuuuuum para um lugar bom. Alto como tiro de rifle: “Não, Abe, não, Lee, não!” Chamas, fumaça, rolando para longe do sofrimento, de modo que ele pudesse viver para amar aquela agulha de novo, talvez ver o homem engraçado com a mão grudada na mesa por um canivete.

O relógio em sua cabeça estava pirado, o relógio de pulso havia parado de funcionar — ele não tinha certeza se era quarta-feira ou quinta. Sua “revelação” sobre o Nite Owl consumira toda uma noite — Dudley estava tão à sua frente que nem mesmo tomava notas. O sujeito o deixou à meia-noite, impelido pela linguagem audaciosa, sem acompanhante para o baile do policial violento. O acompanhante de Dud era Exley: resolver o Nite Owl e arruinar a carreira dele, o segundo lugar ficava com Bud White Malvadeza: “Pense em grandes maneiras de machucá-lo.” Ele só conseguia pensar em assassinato — uma troca justa por Lynn; matar um capitão do DPLA era a mola de seu relógio partindo — mais um trecho de tempo distorcido e ele faria isso. Em algum momento no início da manhã Kathy Janeway o acertou — Kathy como era na época. Ele lhe arranjou um acompanhante para a estranha madrugada: o homem que a matara.

E Spade Cooley o fez se levantar.

Foi ao Biltmore, falou com a Cowboy Rhythm Band — Spade continuava sumido, Dois Perkins estava se autopromovendo. O plantonista noturno na Promotoria não lhe deu trela — eles ainda permaneciam no caso? Outro arrocho em Chinatown, uma passada em seu apartamento — dois caras da AI parados num carro em frente. Uma comida rápida numa lanchonete, a madrugada chegando, uma pilha de *Heralds* lhe disse que era sexta-feira. Uma manchete sobre o Nite Owl: negros reclamando da brutalidade policial, o chefe Parker prometendo justiça.

Sentia-se cansado num segundo, ligado no outro. Tentou acertar o relógio pelo rádio; as mãos estavam presas; jogou um Gruen de 100 dólares pela janela. Cansado, viu Kathy; ligou-se, viu Exley e Lynn. Foi para a Nottingham Drive verificar carros.

Nenhum Packard branco — e Lynn sempre estacionava no

mesmo lugar.

Bud rodeou o prédio, nenhum sinal do Plymouth azul de Exley. Uma vizinha trazendo leite.

— Bom dia — disse ela. — O senhor é amigo da Srta. Bracken, não é?

A velha enxerida — Lynn dizia que ela espiava dentro dos quartos.

— Isso mesmo.

— Bom, como o senhor pode ver, ela não está.

— É, e a senhora não sabe onde ela está.

— Bem...

— Bem o quê? Viu Lynn com um homem? Alto, de óculos?

— Não, não vi. E veja como fala, meu rapaz. *Bem o quê!*... ora.

Bud mostrou-lhe o distintivo.

— *Bem o quê*, minha senhora? A senhora ia me contar uma coisa.

— Até você ficar alterado, eu ia contar para onde a Srta. Bracken tinha ido. Ouvi quando ela falou com o zelador ontem à noite. Estava perguntando como chegar lá.

— *Lá, onde?*

— Lake Arrowhead, e eu teria dito antes de você ficar todo alterado.

A CASA DE EXLEY, Inez falou dela, um chalé cheio de bandeiras: americana, estadual, do DPLA. Bud foi para Lake Arrowhead, seguiu pela beira do lago, encontrou: bandeiras ao vento, nada do Plymouth azul. O Packard de Lynn na entrada de veículos.

Uma corrida até a varanda, subir os degraus num salto. Bud quebrou uma janela, destrancou a porta. Nenhuma reação ao ruído — só uma sala mofada, decorada para parecer uma cabana de caça.

Entrou no quarto. Fedor de suor, manchas de batom na cama. Chutou os travesseiros jogando penas no ar, virou o colchão, viu um caderno com capa de couro embaixo. As *Letras escarlates* de Lynn, sem dúvida — ela falava do diário havia anos.

Bud pegou-o, estava pronto para rasgar — junto à lombada, como o velho truque com catálogos telefônicos. O cheiro fez com que ele parasse — se não olhasse, seria um covarde.

Virou até a última página. Letra de Lynn, tinta preta e grossa, a caneta de ouro que ele lhe comprara.

26 de março de 1958

Mais sobre E.E. Ele acaba de sair e pude ver que estava chateado por tudo que me disse ontem à noite. Parecia vulnerável à luz da manhã, cambaleando até o banheiro sem os óculos. Senti pena de Pierce e de seu azar em encontrar esse homem essencialmente apavorado e implacável. E.E. faz amor como o meu Wendell, como se nunca quisesse terminar, porque quando termina ele tem de voltar a ser o que é. Talvez ele seja o único homem que conheci e que é tão comprometido quanto eu, que seja tão inteligente, circunspecto e cauteloso a ponto de a gente ver as engrenagens internas sempre girando, e assim desejar sempre conversar no escuro, para que aquele rosto seja menos complexo. Ele é tão inteligente e pragmático que faz W.W. parecer infantil, e com isso menos heroico do que realmente é. E considerando seu dilema, minha traição à amizade e ao apoio de Pierce parece francamente imatura. Este homem foi tão obsessivamente submisso ao pai, durante tanto tempo, que o dilema disso deve influenciar cada passo que ele dá, e entretanto ele dá os passos, o que me espanta. E.E. não se aprofunda muito em especificidades, mas a questão básica é que algumas das revistas pornográficas mais artísticas que Pierce vendia há cinco anos têm diagramas iguais às mutilações no corpo de Sid Hudgens e aos ferimentos nas vítimas de um assassino chamado Loren Atherton, que foi preso por Preston Exley nos anos 1930. P.E. anunciará em breve a candidatura ao governo, e E.E. agora considera que seu pai resolveu incorretamente o caso Atherton e deu a entender que suspeita de que P.E. estabeleceu relações de negócios com Raymond Dieterling na época daquele caso (uma das vítimas de Atherton era um astro-mirim de Dieterling). Outro dilema estranho: E.E., meu *três* inteligente pragmático, considera seu pai um grande exemplo moral e paradigma da eficácia e está apavorado em aceitar a incompetência normal e o interesse comercial racional dentro das fronteiras do comportamento humano aceitável. Ele tem medo de que a solução dos “casos relacionados com o Nite Owl” revele a falibilidade de P.E. ao mundo e destrua suas chances de concorrer ao governo, e obviamente está com mais medo ainda de ter de aceitar o pai como um ser mortal,

fato especialmente difícil, já que ele jamais se aceitou como um. Mas irá adiante com seus casos, no fundo ele parece bastante decidido. Por mais que eu o ame, na mesma situação meu Wendell simplesmente atiraria em todos os envolvidos, depois procuraria alguém um pouco mais inteligente para separar os cadáveres, como aquele irlandês educado que ele sempre menciona, Dudley Smith. Falarei mais sobre esta e outras questões pertinentes depois de uma caminhada, do desjejum e de três xícaras de café forte.

Agora ele rasgou — na lombada, couro e papel picotados.

O telefone, direto para o DAI. Trim, trim.

— Assuntos Internos, Kleckner.

— É White. Chame o Exley.

— White, você está encrenc... — uma nova voz na linha. — É o Exley. Onde você está, White?

— Arrowhead. Acabei de ler o diário de Lynn e soube de toda a história sobre o seu velho, Atherton e Dieterling. *Toda a porra da história.* Vou atrás de um suspeito, e quando eu encontrá-lo o seu papai estará no noticiário das 18 horas.

— Eu faço um trato com você. Escute.

— Nunca.

DE VOLTA A LOS ANGELES, a velha rotina atrás do Spade: Chinatown, a Strip, o Biltmore, o terceiro circuito desde que o tempo enlouquecera. Os chinas estavam começando a parecer a Cowboy Rhythm Band, os caras do El Rancho estavam ficando com olhos puxados. Cada antro conhecido verificado triplamente, três vezes tudo — a não ser pelo único contato com o agente dele.

Bud foi para a Nat Penzler Associates. A porta interna estava aberta-o Sr. Nat comia um sanduíche. Deu uma mordida e disse:

— Ah, merda.

— Spade não vem comparecendo aos shows. Ele deve estar lhe custando uma grana.

Penzler baixou uma das mãos atrás da mesa.

— Homem das cavernas, se você soubesse o sofrimento que os clientes me causam...

— Você não parece tão preocupado.

— As coisas ruins sempre aparecem.

— Sabe onde ele está?

Penzler levantou a mão.

— Acho que está no planeta Plutão, com o seu amigo Jack Daniels.

— O que você estava fazendo com a mão?

— Coçando o saco. Quer o emprego? Eu pago 500 pratas por semana, mas você precisa dar 10 por cento para o seu agente.

— Onde ele está?

— Está nas vizinhanças de um lugar que eu não sei. Fale comigo semana que vem e escreva quando tiver cérebro.

— Assim, é?

— Homem das cavernas, se eu soubesse, iria esconder de um sujeito violento igual a você?

Bud chutou-o para fora da cadeira. Penzler caiu no chão; a cadeira girou, virou. Bud entrou debaixo da mesa, puxou um embrulho enrolado com barbante. Um pé em cima, um puxão no nó — calças de caubói pretas e limpas.

Penzler se levantou.

— Lincoln Heights. O porão do Sammy Ling's, e você não ficou sabendo pelo Natsky.

LING'S CHOW MEIN: um buraco na Broadway perto de Chinatown. Área de estacionamento atrás; uma entrada dos fundos dando para a cozinha. Nenhum acesso externo para o porão, vapor saindo por uma abertura de ventilação no subsolo. Bud rodeou o lugar, ouviu vozes saindo pela abertura. Olha só o alçapão na cozinha.

Encontrou no quintal um sarrafo de 5x10 centímetros, foi pelos fundos. Dois chinas fritando carne, um velho depenando um pato. Verificar o alçapão, fácil: erguer o estrado perto do fogão.

Eles o observaram. Os chinas mais novos falavam apressadamente; Papa-san acenou para que se calassem. Bud mostrou o distintivo.

O velho esfregou os dedos:

— Eu pago! Eu pago, eu pago! Você ir embora!

— Spade Cooley, Papa. Vá lá embaixo e diga a ele que Natsky trouxe a roupa lavada. Depressa.

— Spade paga! Você deixa em paz! Eu pago! Eu pago!

Os garotos vieram ao redor. Papa-san balançou o cutelo.

— Você ir agora! Ir agora! Eu pago!

Bud fixou uma linha no chão. Papa pisou nela.

Bud girou o sarrafo — Papa foi apanhado na cintura. Caiu sobre o fogão, o rosto bateu num queimador, o cabelo pegou fogo. Os garotos atacaram; Bud acertou suas pernas num único golpe. Eles caíram no chão embalados — Bud esmagou suas costelas. Papa enfiou a cabeça na pia, atacou com a cabeça queimada e preta.

Um giro e um golpe nos joelhos — Papa caiu agarrando o cutelo. Bud pisou na mão dele, quebrou-lhe os dedos — Papa soltou o instrumento, gritando. Bud arrastou-o até o fogão, chutou o estrado. Abriu o alçapão, arrastou o velho escada abaixo.

Fumaça: ópio, vapor. Bud chutou Papa-san para que ficasse quieto. Através da fumaça: fumadores de ópio sobre colchões.

Bud abriu caminho a chutes por entre eles. Todos chinês — grunhiam, suavam, sugavam de volta à terra dos sonhos. Fumaça: em seu rosto, entrando pelo nariz. Respirando fundo e recebendo-a nos pulmões. Vapor como um farol: um banho turco nos fundos.

Foi chutando até a porta. Através de uma névoa: Spade Cooley nu, três garotas nuas. Risinhos, braços e pernas retorcidos — uma orgia num banco de ladrilhos escorregadios. Spade tão embalado em mulheres que não era possível acertá-lo direto.

Bud apertou um interruptor de parede. O vapor parou, a névoa foi desaparecendo. Spade olhou. Bud pegou o revólver.

MATE-O.

Cooley se mexeu primeiro: um escudo, duas garotas apertadas com força. Bud se aproximou — puxando braços, pernas; unhas arranhando seu rosto. As garotas escorregaram, cambalearam, foram para a porta.

— Jesus, Maria e José — disse Spade.

Fumaça dentro dele, produzindo sua própria terra dos sonhos. Os últimos ritos, prolongar o momento.

— Kathy Janeway, Jane Mildred Hamsher, Lynette Ellen Kendrick, Sharon...

Cooley gritou:

— DROGA, É O PERKINS!

O momento se encaixou — Bud viu sua arma meio engatilhada. Cores giravam ao redor; Cooley falava em ritmo de metralhadora.

— Eu vi Dois com essa última garota, essa tal de Kendrick. Sei que ele gostava de machucar putas, e quando essa última garota apareceu morta na TV, eu perguntei a ele sobre isso. Dois gosta de me matar de medo, daí eu me enfurnei aqui. Moço, o senhor tem de

acreditar em mim.

Flashes de cor: Dois Perkins, totalmente maligno. Uma cor piscando — turquesa, as mãos de Spade.

— Aqueles anéis, onde você os conseguiu?

Cooley puxou uma toalha sobre o colo.

— Dois faz os anéis. Ele carrega um kit de trabalhos manuais enquanto viaja. Ele faz piadas vagas sobre isso há anos, dizendo como os anéis protegem as mãos dele para o trabalho íntimo, e agora sei o que ele quer dizer.

— Ópio. Ele pode conseguir?

— Aquele merda caipira rouba minha droga! Moço, o senhor tem de acreditar em mim!

Começando.

— As datas das mortes colocam você no lugar certo para fazer os serviços. Só *você*. Sua agenda de shows mostra caras diferentes viajando com você, então como é que você....

— O Dois, ele é meu empresário de viagens desde 1949, ele sempre viaja comigo. Moço, o senhor tem de acreditar.

— *Onde ele está?*

— Não sei!

— Namoradas, colegas, outros pervertidos. *Diga*.

— Aquele filho da puta miserável não tem amigos que eu saiba, só aquele merda do Johnny Stompanato. Moço, o senhor tem de acreditar...

— Eu acredito. Você acredita que eu mato você se assustar o cara e fizer ele fugir de mim?

— Louvado seja Deus, acredito.

Bud caminhou para dentro da fumaça. Os chinês continuavam cochilando. Papa mal conseguia respirar.

NO DEPARTAMENTO DE IDENTIFICAÇÃO, sobre Perkins:

Nenhum processo na Califórnia, limpo em sua condicional no Alabama — havia passado entre 1944 e 1946 em cana por sodomia com animais. Músico viajante, sem endereço fixo. Conhecido de Johnny Stompanato — e também de Lee Vachss e Abe Teitlebaum — todos gângsteres. Bud desligou, lembrou-se de uma conversa com Jack Vincennes — ele havia arrojado Dois numa festa do *Badge of Honor* — Johnny, Teitlebaum e Vachss estavam com ele.

Luvas de pelica: Johnny costumava ser seu informante, Johnny o

odiava, temia-o.

Bud ligou para o Departamento de Trânsito, conseguiu o número do telefone de Stomp — dez toques, ninguém atendeu. Mais dois lugares não atenderam: a Cowboy Rhythm Band na Biltmore, o El Rancho. A delicatessen de Kikey Teitlebaum em seguida — Kikey e Johnny eram unha e carne.

Uma ida até a Pico, afastando a fúria. Uma decisão se firmando: pegue Perkins sozinho, mate-o. Depois Exley.

Bud estacionou, olhou pela vitrine. Uma tarde fraca, lucro certo: Johnny Stomp e Kikey T. numa mesa.

Entrou. Os dois o viram, sussurraram. Anos sem vê-los — Abe estava mais gordo, Stomp ainda magro como uma galinha-d'angola.

Kikey acenou. Bud pegou a cadeira, levou-a. Stomp falou:

— Wendell White. Como vão as coisas, *paesano*?

— Complicadas. Como vão as complicações com Lana Turner?

— Cada vez mais complicadas. Quem lhe disse?

— Mickey C.

Teitlebaum riu.

— Deve estar com um buraco do tamanho do túnel da rua 3. Johnny está partindo para Acapulco com ela hoje, e eu, eu me viro com Sadie cinco-dedos. White, o que o traz aqui? Não o vejo desde que Dick Stens trabalhava para mim.

— Estou procurando Dois Perkins.

Johnny batucou na mesa.

— Então fale com Spade Cooley.

— Spade não sabe onde ele está.

— Então por que pergunta a mim? Mickey lhe disse que eu e Dois somos amigos?

Nenhuma pergunta ritual: o que você quer com ele? E o gordo Kikey quieto demais.

— Spade disse que vocês se conheciam.

— Que a gente se conhece está certo. Há muito tempo, *paesano*, por isso lhe digo que não vejo Dois há anos.

Mudança de assunto.

— Você não é meu *paesano*, seu carcamano chupador de pau.

Johnny sorriu, talvez aliviado, mais uma vez o velho jogo de policial e informante. Uma olhada para Kikey — o gordo ficando assustado.

— Abe, você é chapa do Perkins, certo?

— Porra nenhuma. Dois é pirado demais para mim. Ele é só um

cara para dizer olá de vez em quando.

Mentira — a ficha de Perkins dizia outra coisa.

— Então talvez eu esteja confuso. Sei que vocês são amigos do Lee Vachss, e ouvi dizer que ele e Dois são unha e carne.

Kikey riu — falso demais.

— Que sacanagem. Johnny, acho que o Wendell aqui está realmente confuso.

— Aqueles dois são igual a óleo e água — disse Stomp. — Unha e carne? Que piada.

Defendendo Vachss sem motivo.

— Vocês dois é que são a piada. Eu achei que vocês fossem me perguntar qual era o problema.

Kikey empurrou o prato de lado.

— Já lhe ocorreu que a gente simplesmente não se importa?

— É, mas vocês adoram fofocas.

— Então conte a fofoca.

Um boato: Kikey matou um cara a pancada porque o chamou de judeu.

— Vou fofocar, é um belo dia e eu não tenho nada melhor a fazer do que bater papo com um carcamano seboso e um judeu gordo.

Abe fez ho-ho-ho, agarrou seu braço como se dissesse “ah, moleque”.

— Você é um escroto. Por que está procurando Dois?

Bud o segurou também, com força.

— Não é da sua conta, judeuzinho. — Mandar outro assunto para o Johnny. — O que você anda fazendo agora que Mickey saiu?

Tap, tap, tap — um anel rosa numa garrafa de Schlitz.

— Nada que lhe interesse. Estou contendo as coisas, portanto não se preocupe. O que *you* está fazendo?

— Estou na reabertura do Nite Owl.

Johnny batucou com força demais — a garrafa quase virou. Kikey, ficando mais pálido:

— Você não acha que o Dois Perkins...

Stompanato:

— Qual é, Abe. Dois culpado do Nite Owl? Que piada.

— Preciso mijar — disse Bud, e foi até o banheiro. Fechou a porta, contou até dez, abriu uma fresta. Os dois merdas falando sem parar — Abe enxugando o rosto com um lenço. Deixe as peças se encaixarem.

Intuição: Dois culpado do Nite Owl.

Jack V. viu Vachss, Stomp, Kikey e Perkins numa festa — talvez um ano antes do Nite Owl.

Uma prisão do Esquadrão Antimáfia, uma dica do Joe Sifakis: gangues de *três* homens apagando os franqueadores de Cohen, usando capuzes. O Victory Motel zumbindo com força.

Bud pegou sua arma, deixou-a cair, pegou-a de novo.

“Contendo.”

A palavra predileta de Dudley — “contenção”.

O discurso dele no motel: “contenção”, “dispensa lucrativa”, “um italiano turbulento com quem você lidou no passado” — Johnny Stomp era um velho informante que o odiava. Dud doido por sua “revelação total”; a prisão de Lamar Hinton — um arrocho para obter informações sobre o Nite Owl, Dot Rothstein lá, prima de Kikey Teitlebaum...

Bud lavou o rosto, saiu de volta calmo.

— Foi boa? — disse Stomp.

— Foi, e você está certo. Estou atrás de Dois por conta de uns mandados antigos, mas tive uma intuição sobre o Nite Owl.

Johnny calmo:

— É mesmo?

Kikey calmo:

— Outros negros, não é? Tudo que eu sei foi o que li nos jornais.

Bud:

— Talvez, mas se não foram outros negros, então aquele carro roxo junto ao Nite Owl foi plantado. Cuidado, rapazes. Se virem o Dois, digam para ele me ligar no Bureau.

Johnny calmo batucando na garrafa.

Kikey calmo tossiu, o suor brotou.

Bud calmo, não tão calmo: para o carro, virar a esquina até um telefone público. O número da polícia na P.C. Bell, uma porra de uma longa espera.

— Hm... sim, quem está requisitando?

— Sargento White, DPLA. É um serviço de rastreamento.

— Para quando, sargento?

— *Para agora.* É prioridade de homicídio, linhas particulares e telefones públicos de um restaurante. *Agora.*

— Um segundo, por favor.

Cliques-cliques-cliques de transferência — outra mulher.

— Sargento, do que, exatamente, o senhor necessita?

Nada do Bud calmo.

— A Abe's Noshery, na esquina da Pico com Veteran. Todas as ligações a partir de lá, em todos os telefones, nos próximos 15 minutos, cacete. Moça, não me embrome agora.

— Não podemos iniciar os rastreamentos, policial.

— Só veja para quem são os telefonemas, que droga.

— Bom, se é uma prioridade de homicídio. Em que número o senhor está agora?

Bud leu o número.

— GRanite 48112.

Umpf.

— Quinze minutos, então. E da próxima vez nos dê mais antecedência.

Bud desligou — Dudley Dudley Dudley Dudley — tempo difícil interrompido por trrrrrim. Pegou o telefone, atrapalhou-se com ele, segurou-o.

— Sim?

— Dois telefonemas. Um para DUnkirk 32758 — uma tal de Sra. Dot Rothstein é dona do número. O segundo para AXminster 46811, residência de um tal Dudley L. Smith.

Bud largou o fone. A funcionária continuou falando de algum local seguro e calmo que ele jamais veria de novo — nada de Lynn, nenhuma segurança num distintivo.

O capitão Dudley Liam Smith culpado do Nite Owl.

Jack Vincennes confessou.

Confessou ter comido uma garota no Orfanato St. Anatole, ter matado o Sr. e a Sra. Harold J. Scoggins. Confessou ter destruído Bill McPherson usando uma negrinha quente, ter plantado drogas em Charlie Parker, ter arrochado viciados para a revista *Hush-Hush*. Tentou sair da cama e erguer as mãos para formar a *Via Crucis*. Balbuciou algo como *rub rachmones*, Mickey e bump bump bump o trem que... Confessou ter batido em drogados, recolhido dinheiro para a caixinha de Ellis Loew. Implorou que a esposa o perdoasse por trepar com putas que se pareciam com as mulheres das revistas de sacanagem. Confessou que adorava drogas e era incapaz de amar Jesus.

Karen Vincennes ficou parada chorando: não podia ouvir, tinha de ouvir. Ed tentou afastá-la — ela não deixou. Ele ligou para o Bureau de perto de Arrowhead; Fisk lhe deu a dica: Pierce Patchett morto a tiros na noite anterior, sua mansão incendiada, queimada até os alicerces. Bombeiros descobriram Vincennes no quintal dos fundos — inalação de fumaça, rasgos no colete à prova de balas. Levaram-no à recepção do Central, um médico tirou uma amostra de sangue. Resultado: Lata de Lixo num teste de voo, um composto de heroína e droga antipsicótica. Ele viveria, ficaria bem — quando acabasse o efeito da droga em seu organismo.

Uma enfermeira passou um pano molhado no rosto de Vincennes; Karen amassou um lenço de papel. Ed verificou o memorando de Fisk: “Inez Soto ligou. Nenhuma informação sobre R.D. Negócios. R.D. suspeitando das indagações??? — ela não foi clara. — D.W.”

Ed amassou o papel, jogou-o fora. Vincennes entrou lá sem qualquer apoio — enquanto ele se aninhava com Lynn. Alguém matou Patchett, deixou os dois para morrerem queimados.

Queimados como Exley pai e Exley filho — Bud White segurando a tocha.

Ele não conseguia olhar para Karen.

— Capitão, eu tenho um assento.

Fisk no corredor. Ed saiu, afastou-o da porta.

— O que é?

— Nort Layman terminou a autópsia. A causa da morte de Patchett foram cinco balas 30-30 disparadas de dois rifles diferentes. Ray Pinker fez testes de balística e identificou a semelhança com um antigo boletim do condado de Riverside. Caso de maio de 1955, não solucionado e sem pistas, eu verifiquei. Dois homens mortos do lado de fora de uma taverna. Parecia serviço de gangues.

Tudo chegando à heroína.

— É só isso que você conseguiu?

— Não. Bud White estourou um antro de drogas em Chinatown e espancou quatro chineses quase até a morte. Chegou lá fazendo perguntas, mostrou o distintivo e enlouqueceu. Um dos sujeitos identificou a foto dele. Thad Green ligou para a AI e eu peguei o chamado. Ordem para pegá-lo, senhor? Eu sei que o senhor o quer, e o chefe Green disse que a ordem é sua.

Ed quase riu.

— Não, nenhuma ordem para pegá-lo.

— Senhor?

— Eu disse não, então se mande. E você e Kleckner façam o seguinte para mim. Contatem Miller Stanton, Max Peltz, Timmy Valburn e Billy Dieterling. Faça-os ir à minha sala hoje às 20 horas para interrogatório. Diga a eles que *eu* sou o chefe da investigação, e que se eles não quiserem publicidade, não tragam advogados. E me consiga um dossiê da Homicídios sobre o antigo caso Loren Atherton. Lacre-o, sargento, não quero que você o olhe.

— Senhor...

Ed se virou. Karen junto à porta, de olhos secos.

— Você acha que Jack fez aquelas coisas?

— Acho.

— Ele não deve saber que eu sei. Você promete não dizer a ele?

Ed assentiu, olhou dentro do quarto. O Grande V implorava a comunhão.

Uma sala de arquivos no Departamento de Trânsito — caixas empilhadas até a altura do ombro. Uma busca de confirmação — sobre a última intuição relativa a Johnny e Kikey. Olhar por dentro, por trás, em volta — ele estava tão alto que podia pensar tudo e examinar os registros ao mesmo tempo.

Digamos que Stomp, Teitlebaum e Lee Vachss foram os pistoleiros do Nite Owl; que tenham sido eles a gangue que matou os gângsteres em ascensão e os franqueados de Cohen. Dois Perkins fazia parte da gangue — os outros não sabiam que ele matava putas a porrada... Iriam considerar isso uma merda amadora, não iriam tolerar. Dudley era o líder — não podia ter qualquer outro posto. Toda aquela oferta de serviço era apenas uma tentativa de recrutá-lo; a prisão de Lamar Hinton era Dud amarrando as pontas soltas pelo lado de Patchett — digamos que Patchett e Smith eram uma espécie de associados, digamos que Hinton está morto, Breuning e Carlisle fazem parte da gangue. “Conter”, “contido”, “contenção”, “dispensa lucrativa”. Digamos que seja Dudley tentando controlar os crimes em Los Angeles — e colocar um novo grupo de negros como os responsáveis pelo Nite Owl.

Bud revirou caixas: registros de veículos, início de abril de 1953. Pensamento de estudante: ele achava que o carro junto ao Nite Owl tinha sido plantado; as espingardas no carro de Coates, os cartuchos no Griffith Park, também plantados — os assassinos acompanhavam o caso, tiveram sorte com o Merc, encontraram alguns negros para levar a culpa. Errado — conspiradores do DPLA estavam no serviço. Leram relatórios criminais, empolgaram-se com alguns negros que andavam disparando espingardas — colocar o ônus sobre eles —, acharam que os policiais que fossem fazer a prisão iriam matá-los, caso encerrado.

Por isso arranjaram um carro parecido com o da descrição do

relatório criminal. Certificaram-se de que fosse visto junto ao Nite Owl. Eles não roubariam um carro — policiais não se arriscariam a uma prisão tarde da noite. Não compraram um carro roxo — compraram de outra cor e o pintaram.

Bud continuou trabalhando. Não havia lógica na confusão de arquivos: Mercs, Chevies, Cadillacs, Los Angeles, Sacramento, São Francisco, quem registrou o carro teria usado nome falso. Uma sorte: a raça, a data de nascimento e as características físicas de quem registrou estão na cópia do documento de compra. Fatos que serviriam para eliminar, como ele aprendera na escola: Mercs 1948-1950, compradores do sul da Califórnia, características ajustáveis a Dudley, Stomp, Vachss, Teitlebaum, Perkins, Carlisle e Breuning. Horas escavando, uma pilha com vários centímetros de altura — então um registro estranho pareceu quente.

Merc cupê 1948 cinza, comprado em 10 de abril de 1953. Registrado em nome de: Margaret Louise March, branca, data de nascimento 23/7/18, olhos e cabelos castanhos, 1,74 metro, 97 quilos. Endereço: East Oxford, 1.804, Los Angeles. Número de telefone: NORmandie-32758.

De quente para escaldante — características da gorda Dot Rothstein. A Oxford corria de norte para sul, não de leste para oeste. O telefonema da Noshery para Dot — DU-32758 — a machona idiota colocou o próprio número com um código diferente.

E comprou tinta roxa.

Bud guinchou, deu socos no ar, chutou caixas. Dois casos resolvidos no mesmo dia — se alguém acreditasse nele. Todo enfeitado e sem festa para ir. Evidências circunstanciais sobre Dudley — nenhuma prova concreta. Dudley também estava posicionado para cair, ninguém se importaria se isso acontecesse.

A não ser Exley.

Uma tocaia na casa onde ele cresceu. Não podia entrar e questionar o pai; não poderia pedir a ajuda dele. Não poderia dizer a ele que confessara segredos a uma mulher — dando assim a um inimigo brutal os meios para o parricídio. Trazia consigo o dossiê do caso Atherton — nele não havia nada que Ed realmente não soubesse, o homem que produziu as revistas pornográficas e matou Sid Hudgens sabia dos assassinatos de Atherton, talvez fosse o próprio assassino — verdades que Preston Exley negaria por orgulho. Ele não poderia entrar; ele não poderia parar de pensar. Revolveu a memória em vez disso.

Seu pai comprara a casa para sua mãe; na verdade era apenas um acréscimo ao orgulho dele — os Exley voando alto na classe média. Nunca punham luzes de Natal no gramado — Preston Exley dizia que era hábito de gatinha. Thomas caía das varandas — e tinha estilo para não chorar. Seu pai lhe deu uma festa de “volta da guerra” — só foram convidados o prefeito, os vereadores e homens do DPLA que poderiam dar força à sua carreira.

Art de Spain caminhou até o carro dele, parecendo frágil, um braço enfaixado. Ed o viu se afastar no veículo, o homem do seu pai, seu tio holandês. Lembrança: Art dizia que ele não era feito para ser detetive.

A casa parecia grande e fria. Ed voltou ao hospital.

LATA DE LIXO estava de pé, fazendo uma declaração para Fisk. Ed olhou da porta.

— ...e eu seguia o roteiro de Ed. Não lembro exatamente o que eu disse, mas Patchett pegou um revólver e atirou em mim. Aquela merda de arma que Ed me deu falhou, Patchett me enfiou uma agulha de injeção. Então ouvi tiros e: “Não, Abe, não, Lee, não.” E

agora vocês sabem tanto quanto eu.

Do corredor, em voz alta:

— Abe Teitlebaum, Johnny Stompanato e Lee Vachss. Eles são responsáveis pelo Nite Owl. Coloque Dois Perkins como parte da gangue e se preparem para se cagar de medo quando eu disser quem mais eu descobri.

Ed sentiu o cheiro do suor, do hálito. White o empurrou para dentro — firme, não muito rude.

— Vamos deixar o nosso negócio de lado por um minuto. Ouviu o que eu disse?

Os nomes batiam: capangas de gangue, uma linha não muito ruim para a HEROÍNA. White parecia insano — desgrenhado, um fanático.

— Senhor, quer que eu... — disse Fisk.

Ed encolheu os ombros — White baixou as mãos como se tivesse recebido a deixa.

— Dois minutos, *capitão*.

Apavorado — *seja um capitão*.

— Duane, vá tomar um café. White, me convença antes que eu o prenda pelos chineses.

Fisk saiu. Ed disse:

— Jack, você fica. White, mantenha o meu interesse.

White fechou a porta. Desarrumado: roupas manchadas, mãos sujas de tinta.

— Bom ter ouvido o rádio falando de você, Lata de Lixo. Não sabia que você estava aqui, eu poderia ter tentado fazer tudo sozinho.

Vincennes, na cama parecendo enjoado.

— Fazer o *quê*? Abe, Lee. Você acha que Teitlebaum e Vachss apagaram Patchett, fale.

Ed:

— Você está parecendo um psicopata, White. Faça de conta que está anotando uma cronologia de ocorrência.

White sorriu — puro camicase.

— Eu vinha investigando há anos uma série de assassinatos de putas. Começou com uma menina, Kathy Janeway. Ela foi apagada em 1953, na época do Nite Owl. Era namorada de Duke Cathcart.

Ed assentiu.

— Conheço a história. A AI fez uma investigação pessoal sobre você quando você passou na prova para sargento.

— Ah, é? O que você não sabe é que meu caso foi resolvido há algumas horas. Para mim o assassino era Spade Cooley; a banda dele estava em todas as cidades e ocasiões em que as putas foram mortas. Eu estava errado. Cooley entregou o verdadeiro assassino: Burt Arthur Perkins.

— Acredito que Dois seja assassino de mulheres — disse Vincennes. — Ele é errado até os ossos.

— Você deveria saber — disse White —, porque Cooley disse que ele era chapa do Johnny Stompanato, e por volta de 1952 você me contou que arrochou o cara porque ele andava com Johnny Stomp, Kikey T. e Lee Vachss. Cooley me disse que Johnny e Dois eram unha e carne, por isso fui procurar Johnny.

— Certo — disse Ed —, então você foi atrás do Stompanato.

White acendeu um cigarro.

— Porra nenhuma. Agora vou lhe dizer que Dudley Smith vem me usando há anos em serviços de porrada para o Esquadrão Antimáfia. Você sabe como ele fala? “Contenção” é uma de suas palavras prediletas. Conter o crime, conter isso, conter aquilo. Ele vinha me sondando, oferecendo trabalho por fora, e numa noite dessas falou que eu podia ser útil mantendo o “italiano turbulento” na linha. Johnny Stomp tem medo de mim; ele era meu informante e eu costumava arrochá-lo de verdade. Você sabe que Dud é um suposto pacificador das gangues. Bom, numa noite dessas ele, Carlisle e Breuning estavam trabalhando num tal de Lamar Hinton no Victory, supostamente um serviço do Esquadrão Antimáfia. Baboseira; Dud só perguntava a ele sobre coisas do Nite Owl, pornografia, Pierce Patchett.

Ed, arregalado: isso não pode estar vindo.

— Então você foi atrás do Stompanato à procura do Perkins.

— Isso. Fui até a *deli* de Kikey, e Johnny estava lá com Kikey. Perguntei a Johnny sobre o Dois, e Johnny ficou todo esquisito. Kikey ficou ainda mais, e os dois mentiram e disseram que Dois é só um conhecido distante. Negaram que ele seja unha e carne com Lee Vachss, quando eu sei que é. Johnny usou a palavra “contenção”, que não é uma palavra do tipo dele. Aqueles caras cheios de comportamento esquisito, aí eu disse que estava trabalhando na reabertura do Nite Owl, e eles quase se cagaram. Dois culpado do Nite Owl? Ho, ho, ho. Eu saí, fui até um telefone público e pedi que a P.C. Bell rastreasse durante 15 minutos todas as ligações feitas a partir da *deli*. Dois telefonemas: um para Dot Rothstein, amiga do

Dudley e prima de Kikey, outra para a casa de Dudley.

— Puta que o pariu, cacete — disse Vincennes.

Ed levou uma das mãos à arma... Errado... White era um policial.

— Me dê alguma prova.

White jogou o cigarro pela janela.

— Não foram os negros que fizeram, por isso Dud e a gangue dele plantaram um carro perto do Nite Owl. Eu fui ao Departamento de Trânsito e verifiquei os registros de abril de 1953, dessa vez à procura de pessoas brancas. Dot Rothstein comprou um Merc 1948, cinza, em 10 de abril. Nome falso, endereço falso, mas a vaca estúpida usou os dígitos verdadeiros do número do telefone dela.

Vincennes parecia completamente pasmo. Ed se fixou numa linha de pensamento para não gritar DUDLEY.

— Logo antes do Nite Owl eu estava trabalhando tarde na Delegacia de Hollywood. Spade Cooley tocava numa festa de aposentadoria no andar de baixo, e eu vi Burt Perkins andando pelos corredores. Experimente esta teoria: Mal Lunceford, ex-guarda do DPLA. Suponha que ele seja a vítima esquecida do Nite Owl, e lembre-se de que ele trabalhou na Delegacia de Hollywood durante a maior parte do tempo que passou no departamento. Agora, será que um dos atiradores tinha algo contra Lunceford? Será que naquela noite na delegacia Perkins estava retirando esses registros comprometedores? Será que os conspiradores sabiam que Lunceford era frequentador regular do Nite Owl e planejaram o ataque contra Cathcart, ou o sócio de Cathcart, de modo que pudessem apagá-lo também?

White respondeu.

— Dudley me colocou para investigar o passado de Lunceford — respondeu White — provavelmente porque achava que eu ia foder com tudo. Eu procurei as fichas pessoais antigas de Lunceford e não consegui encontrar nenhuma. Compro essa teoria.

Para além de gritando DUDLEY — Ed segurou a onda. Vincennes:

— Fisk me contou sobre Patchett, como ele pegou a heroína que seria negociada entre Cohen e Dragna, como ele e um sujeito mau, desconhecido, que obviamente era Dudley, se preparavam para vendê-la. Agora, eu sei com certeza que Dud serviu de guarda-costas naquele negócio, e houve um boato que circulou durante

anos: de que Dud liderou o grupo que matou o tal de Buzz Meeks, que tinha roubado a droga. Fisk diz que Patchett ficou com a maior parte do pó branco apanhado, um pouco foi para os irmãos Englekling e seu pai e um pouco para o sujeito mau que era obviamente Dudley. Certo, de modo que o que estou pensando é: será que Lunceford poderia estar naquele grupo? Será que foi *naquele* momento que Dudley pegou a droga?

White balançou a cabeça — para ele era novidade.

— Me coloque em dia sobre isso, porque tenho uma pista que pode ter alguma ligação. Dud estava falando sobre essa merda de contenção, e disse alguma coisa sobre manter os negros sedados, o que para mim parece heroína.

— Considere isso encerrado por enquanto — disse Ed. — Jack, trabalhe pelo lado de Goldman, Van Gelder. Junte tudo com as nossas novas pistas.

Lata de Lixo se levantou, firmou-se na cabeceira da cama.

— Certo, suponhamos que Davey G. estava no negócio com Dudley, Stompanato, Kikay, Vachss e Dot. Não sei como qualquer um deles podia confiar num psicopata como Dois, mas foda-se. De qualquer modo, todos eles estão conspirando contra Mickey C. White, você não sabe disso, mas Goldman tinha um grampo na cela de Mickey na McNeil. Aposto que Dudley e seus amigos estavam com Davey desde o início, mas foda-se, independentemente de como tenha acontecido, Davey ouviu os irmãos Englekling abordarem Mickey com a proposta de Duke Cathcart para produzir material pornográfico.

Ed ergueu uma das mãos.

— Chester Yorkin disse que o sujeito que levou para Patchett o grosso da heroína... Vamos presumir que tenha sido Dudley... era louco por pornografia e “tinha contatos na América do Sul e listas de pervertidos”. Eu sempre me perguntei sobre o lucro da pornografia, e agora a conexão com Dudley faz o negócio parecer mais viável.

— Deixe-me continuar — disse Vincennes. — Depois da guerra Dud trabalhou com o Departamento de Serviços Estratégicos no Paraguai, e comandou a Delegacia de Costumes por volta de 1939, daí eu sei que ele possuía esses contatos, mas vamos deixar isso de lado. No momento temos Goldman indo procurar Smith e Stompanato, falando do plano de vender pornografia. Todo mundo, especialmente Dud, gosta da ideia, e eles decidem usurpar o

negócio. Por conta própria, só para garantir, não sei, Davey manda Dean van Gelder, que o visitara na prisão, falar com Cathcart. Van Gelder decide tomar para si próprio o negócio de prostitutas de Duke e o trabalho com a pornografia. Ele tinha sido visto por Davey cara a cara, mas o pessoal de fora da prisão não o conhecia. Por se achar parecido com Cathcart, presumiu poder se passar por ele e armar seu próprio negócio. Na época em que a impostura foi descoberta, ele estava se dando muito bem com os homens do lado de fora para que Davey se importasse com o que ele havia feito. Por isso Van Gelder se mudou para San Berdoo, para ficar perto dos irmãos Englekling. Aí se apaixonou por Sue Lefferts e apagou Duke. Ele sabia o nome de pelo menos um dos homens do lado de fora, ligou da casa de Lefferts para eles, para um telefone público, e pediu uma reunião. Bancou o durão e sugeriu um lugar público, achou que Sue poderia ficar perto e que ele estaria em segurança. Um dos caras do lado de fora juntou Lunceford com o Nite Owl e disse: vamos nos encontrar lá. Dud ou um dos seus rapazes procurou Patchett logo antes do Nite Owl e lhe disse para amarrar as pontas do seu lado. Patchett não sabia exatamente o que iria acontecer, mas mandou Chris Bergeron, o filho dela e Bobby Inge se mandarem da cidade justo quando eu estava começando a investigar a pornografia para a Delegacia de Costumes.

Uma sala com ar-condicionado — Ed sentia cada palavra aumentar a temperatura.

— Deixe-me sugerir uma cronologia, começando logo depois que Van Gelder, fazendo o papel de Cathcart, contata os homens do lado de fora. Agora, nós sabemos que Dudley adora pornografia, sabemos que ele estava sentado em cima de 9 quilos de heroína desde a negociação entre Cohen e Dragna. Experimentem essa teoria: ele invade o apartamento de Cathcart e descobre alguma coisa que o leva a Patchett, alguma coisa que inclui o seu passado como químico e sua conexão com o velho Dr. Englekling. Ele vai até Patchett, os dois fazem um acordo: processar a heroína, vender a pornografia. Ele fica pasmo ao ver que Patchett estava pensando do mesmo jeito, que ele já conseguira parte do pó do Dr. Englekling. Agora Dudley quer que Cathcart seja morto, e Mal Lunceford silenciado por algum motivo; e quer deixar Patchett aterrorizado. Ele é um policial, e leu sobre aqueles negros atirando com espingardas no Griffith Park. Ele marca o encontro no Nite Owl sabendo que Lunceford vai estar lá, e Jack está certo: ele foi

ambíguo, mas disse a Patchett para se livrar de suas pontas soltas. Prosseguindo: a investigação se amplia mais do que Dudley imagina; porque os negros não são mortos durante a prisão, e não confessam. Ele coloca White para investigar o passado de Cathcart, e provavelmente *não sabe* que Perkins matou a menina Janeway, mas não quer que White se envolva na investigação geral: quer que ele fique longe de possíveis conexões entre Cathcart e o Nite Owl.

Todos os olhos em Bud White, o fanático:

— Certo, Dudley me colocou para investigar Cathcart porque achava que ferraria com tudo. Mas eu chequei o apartamento de Duke e vi que todas as impressões digitais tinham sido limpas, imaginei que alguém havia remexido em suas roupas. Os caras de Dudley limparam o lugar, mas não tocaram nas listas telefônicas, e eu vi que a listagem das gráficas de San Berdoo tinha sido examinada. Agora, eu tenho uma teoria. Quando eu estava investigando Cathcart, conheci Kathy Janeway num motel lá no vale. Dois dias depois ela é estuprada e morta. Quando saí do motel, achei que estava sendo seguido, mas depois me esqueci disso. Acho que quem me seguia era Dois Perkins. Acho que Dud colocou gente seguindo os conhecidos de Cathcart, só para se manter em dia com a investigação, o que explica como ele sempre sabia tanto sobre tudo que eu mantive em segredo. De modo que o Dois, que é um psicopata estuprador, vê Kathy e vai atrás dela. Talvez Dudley soubesse que ele a matou, talvez não soubesse. De qualquer modo, ele vai pagar, caralho.

Vincennes acendeu um cigarro, tossiu.

— Nós não temos provas, mas eu tenho mais coisas para acrescentar. Um: o Dr. Layman tirou cinco balas 30-30 do corpo de Patchett, iguais às usadas num crime de gangue em Riverside, que não foi resolvido. Quando Davey Goldman falava maluquices em Camarillo, disse algo sobre três pistoleiros. Falou outras coisas que ficam rodando na minha cabeça, mas não fazem sentido. Exley, você escutou aquela fita que eu encontrei na McNeil?

Ed confirmou.

— Você está certo, não há nada importante, só uma menção de passagem a alguns assassinatos cometidos por gangues.

White:

— Há um bocado de crimes desses não resolvidos. Eu sei a razão; num interrogatório feito pelo Esquadrão Antimáfia, um suspeito abriu o bico sobre detalhes relacionados a eles. Sempre três

pistoleiros; os franqueados de Cohen e gângsteres em ascensão sendo mortos. Moleza: Stompanato, Vachss e Teitlebaum mantendo tudo sob controle para a condicional de Mickey C. Eles queriam manter a calma para o trabalho de contenção, e achavam que quando Mickey saísse iriam testar sua força e ou matá-lo ou usá-lo. Minha aposta é que decidiram matá-lo. Eles mandaram arrebentar Cohen e Goldman dentro da prisão; no caso do Davey, só para garantir. A casa de Mickey foi bombardeada, e Mickey sobreviveu. Eles vão apagá-lo e não demora muito, e vão conter muito bem, porque Dud é o Senhor Esquadrão Antimáfia e ele tem a porra do... qual é a palavra? Mandato?... de Parker para manter longe os bandidos de fora da cidade. Dá para acreditar, caralho?

Lata de Lixo riu.

— Boa, garoto, boa. E todos os assassinatos estavam pavimentando o caminho para Dud vender a heroína de Patchett. Ele recebeu o comando na reabertura do caso, de modo a poder encontrar alguns outros negros, e está disposto a vender a droga. Ele tem o material pornográfico armazenado, e não alertou Patchett sobre a investigação porque já estava planejando matá-lo. Não tocou em Lynn Bracken porque achou que Patchett não contava a ela as suas piores sujeiras. Deixou que ela viesse ser interrogada porque achou que ela conseguiria emperrar a parte da investigação sob o comando de Exley.

Lynn Bracken.

Ed piscou, foi em direção à porta.

— E ainda não sabemos quem produziu o material pornográfico e matou Hudgens. Ou os irmãos Englekling, o que não parece um trabalho de profissional. White, você foi até Gaitsville com Dudley, e ele fez um relatório frouxo sobre...

— Foi outro serviço de psicopata. Havia heroína por lá, e o assassino simplesmente deixou para trás. Ele torturou os irmãos com produtos químicos e queimou um punhado de negativos de pornografia com soluções ácidas. O laboratório disse que o assassino provavelmente estava tentando identificar as pessoas das fotos. O material de química me fez pensar em Patchett, mas depois julguei que ele já saberia quem eram as pessoas nas fotos. Na verdade não creio que a heroína dele tenha alguma ligação com a nossa heroína; há anos os irmãos eram traficantes de drogas esporádicos. Químicos e traficantes de drogas, e se Patchett quisesse a droga deles, teria roubado. Acho que os irmãos foram mortos por

alguém... não sei, de fora de toda essa confusão.

Lata de Lixo suspirou.

— *Não há prova.* Patchett e toda a família Englekling estão mortos, e Dud provavelmente matou Lamar Hinton. Você não conseguiu nada no depósito do Fleur-de-Lis, e o pequeno entrevero de White com Stompanato e Teitlebaum significa que agora Dudley foi alertado e está cuidando de suas pontas soltas. Acho que não temos propriamente um caso.

Ed pensou.

— Chester Yorkin me contou que Patchett tinha um cofre ligado a uma armadilha, do lado de fora de sua casa. No momento a casa está sendo guardada; o Esquadrão de West Los Angeles tem uma equipe lá. Dentro de um dia mais ou menos eu vou render a guarda. Naquele cofre pode haver algo que incrimine Dudley.

— Mas e agora? — perguntou White. — Não temos nenhuma prova, e Stompanato parte hoje para Acapulco com Lana Turner. E agora? Fazer o quê?

Ed abriu a porta — Fisk estava do lado de fora tomando café.

— Duane, volte a entrar em contato com Valburn, Stanton, Billy Dieterling e Peltz. Marque o encontro no Statler, no centro da cidade, às 20 horas. Ligue para o hotel e peça três suítes, depois ligue para Bob Gallaudet e mande ele telefonar para cá, diga que é urgente.

Fisk foi procurar um telefone.

— Você está atacando o lado de Hudgens — disse Vincennes.

Ed deu as costas para White.

— *Pense.* Dudley é um policial. Nós precisamos de provas, e podemos conseguir esta noite.

— Eu fico com o Stanton. Nós éramos amigos.

Uma linha ligando; um astro-mirim de Dieterling, Preston Exley.

— Não... quero dizer, você está em condições?

— O caso é meu também, capitão. Já cheguei até aqui, enfrentei Patchett por você e quase fui morto.

Avaliar o risco.

— Certo, você fica com o Stanton.

Lata de Lixo esfregou o rosto. Pálido, barbado.

— Será que eu... quero dizer, quando Karen esteve aqui e eu estava inconsciente... Será que eu...

— Ela não sabe nada que você não queira que ela saiba. Agora vá para casa, quero conversar com White.

Vincennes saiu — dez anos mais velho em um dia.

— O lado de Hudgens é baboseira — disse White. — Agora está voltado para Dudley.

— Não. Primeiro precisamos ganhar um pouco de tempo.

— Protegendo o papai? Meu Deus, e eu me achava idiota com as mulheres.

— *Pense só.* Pense no que Dudley é e no que significa derrubá-lo. Pense, e eu faço um trato com você.

— Eu disse que *nunca*.

— Você vai gostar desse. Você fica quieto sobre o meu pai e o caso Atherton; e eu deixo você ficar com Dudley e Perkins.

White riu.

— Prender os sujeitos? Eu já tenho os dois de qualquer modo.

— Não. Eu deixo você matá-los.

A regra de Exley era exasperante: nada de pancadas. Billy e Timmy eram importantes demais para levar porrada. O negócio de ir para um motel fazer o jogo de policial bom/policial mau era irritante — eles deveriam é estar arrochando Dudley no Victory. Bob Gallaudet ficou com Max Peltz; Lata de Lixo estava dando um aperto em Miller Stanton. Exley deu a Gallaudet as últimas notícias — tudo menos o caso Atherton. Ele achava que poderia processar Dudley Smith; Exley não lhe disse que Dud e Dois Perkins estavam com a cabeça a prêmio. A porra do Exley não queria deixá-lo sair de sua vista — levou-o passo a passo através de cada parte do caso, como se os dois fossem parceiros que pudessem confiar um no outro. Depois de tudo junto, o caso era espantoso, Exley tinha um cérebro do caralho, mas era estúpido se não soubesse de uma coisa: depois de Dudley e Dois, o próximo era Preston Exley. Fácil: Dick Stens não teria feito de outro modo.

Bud observava — uma fresta na porta do banheiro.

Os veados sentados lado a lado; o Sr. Policial Bom parecia hesitar. Sim, eles compravam droga do Fleur-de-Lis; sim, eles conheciam Pierce Patchett “socialmente”. Sim, Pierce consumia heroína, nós ou vimos boatos de que ele vendia revistas pornográficas — mas *nós* nunca gostamos desse tipo de coisa. Luvas de pelica: as bichas acreditavam que estavam tendo o tratamento especial no hotel por causa da morte de Patchett. O capitão Exley nunca seria mau — Preston Exley ia concorrer ao governo do Estado, Ray Dieterling dava o apoio financeiro.

Exley, em voz alta:

— Cavalheiros, há um antigo homicídio que pode ter alguma ligação com a morte de Patchett.

Bud entrou. Exley disse:

— Este é o sargento White. Ele tem algumas perguntas para

vocês, em seguida acho que nós poderemos terminar.

Timmy Valburn suspirou.

— Bom, não estou surpreso. Miller Stanton e Max Peltz estão no final do corredor, e na última vez em que a polícia interrogou todos nós foi quando aquele homem terrível, o Sid Hudgens, foi morto. Por isso, *eu* não estou surpreso.

Bud puxou uma cadeira.

— Por que você diz “terrível”? Você o matou?

— Ah, sargento, *não brinca*. Eu pareço um assassino?

— É, parece. Um cara que ganha a vida fazendo o papel de um rato tem de ser capaz de tudo.

— Sargento, *não brinca*.

— Além disso, *you* não foi chamado na época da investigação do caso Hudgens. Billy contou a respeito? Uma conversazinha no travesseiro, talvez?

Billy Dieterling para Exley:

— Capitão, não gosto do tom de voz deste homem.

— Sargento, vá com calma.

Bud riu.

— O roto falando do esfarrapado, mas dane-se. Cada um de vocês apresentou um alibi para o outro no caso do Hudgens, agora já se passaram cinco anos e cada um de vocês serviu de alibi para o outro no caso Patchett. Isso me deixa desconfiado. A minha opinião sobre os veados é que eles não conseguem ficar na mesma cama durante cinco minutos, quanto mais cinco anos.

Valburn:

— Você é um animal.

Bud pegou uma folha.

— Álibis no caso Hudgens. Você e Billy na cama juntos, Max Peltz comendo alguma puta adolescente. Miller Stanton numa festa onde, por acaso, também estava o seu amigo bicha Brett Chase. Até agora temos uma verdadeira equipe do *Badge of Honor*. David Mertens, o cenógrafo, está em casa com o enfermeiro, de modo que ele também talvez seja bicha. O que eu quero...

Exley, pegando a deixa:

— Sargento, controle a sua linguagem e vá direto ao ponto.

Valburn mais calmo; Billy D. fingia tédio. Mas algo na última frase o cutucou — seus olhos passaram do policial bom para o policial mau.

— O ponto é que Sid Hudgens estava interessado no *Badge of*

Honor na época em que foi morto. Patchett é morto cinco anos depois, e ele era parceiro de Hudgens. Esses dois homossexuais aqui estão ligados ao *Badge of Honor*, e eles soltaram detalhes íntimos sobre os negócios de Patchett. Capitão, se o bicho anda como pato, fala como pato e grasna como pato, então ele é um pato... e não um rato.

— Quac, quac, seu idiota — disse Valburn. — Capitão, quer dizer a este homem com quem ele está lidando?

Exley, sério:

— Sargento, esses cavalheiros não são suspeitos. Vieram voluntariamente para esta conversa.

— Bem, que merda, senhor, não vejo qualquer diferença.

Exley, exasperado:

— Cavalheiros, para terminar isso de uma vez por todas, por favor contem ao sargento. Algum de vocês dois *conhecia* Sid Hudgens pessoalmente?

Duas cabeças balançando “não”. Bud foi fundo — poesia de Exley.

— Se o bicho guincha como um rato e rebola, é um rato veado. Capitão, *pense*. Esses caras compravam droga no Fleur-de-Lis e admitiram saber que Patchett consumia heroína e vendia pornografia. Eles conheciam os negócios de Patchett, mas dizem que não sabiam que Patchett e Hudgens eram sócios. Eu digo que nós devemos conversar com eles sobre os pequenos empreendimentos de Patchett e ver o que eles sabem de verdade.

Exley ergueu as mãos — fingindo desamparo.

— Então mais algumas questões específicas, cavalheiros. De novo, qualquer detalhe ilegal que vocês admitam será desconsiderado e não sairá dessa sala. O senhor entende, sargento?

Brilhante para caralho: levá-los a dizer quem produziu a pornografia retocada com sangue. Lata de Lixo disse que Timmy ficou assustado com o negócio — tinha mostrado a ele em 1953. Dar o crédito a Exley pela coragem — quanto mais perto chegavam da pornografia, mais perto chegavam do pai dele e do caso Atherton.

— Certo, senhor.

Timmy e Billy se entreolharam: gente boa sendo importunada por gentinha. Exley sinalizou:

— E, sargento. Eu farei as perguntas.

— Sim, senhor. Vocês dois contem a verdade. Eu vou saber se

estiverem mentindo.

Exley suspirou.

— Só algumas perguntas. Primeiro, vocês sabiam que Patchett oferecia garotas de programa para as pessoas com quem ele estava fazendo negócio?

Dois “sim” com a cabeça.

— Ele gerenciava rapazes também — disse Bud. — Vocês dois alguma vez compraram material de fora?

Exley:

— Nem mais uma palavra, sargento.

Timmy escorregou mais para perto de Billy.

— Não vou me dignar a responder a esta última pergunta.

Bud piscou.

— Você é bonitinho. Se alguma vez eu entrar em cana, espero que você esteja na minha cela.

Billy fez mímica de que cuspiu no chão. Exley revirou os olhos — Deus nos salve desse gentio.

— Prosseguindo. Vocês sabiam que Patchett empregava um cirurgião plástico para alterar o rosto de suas prostitutas para que parecessem estrelas de cinema?

Timmy disse “sim”, Billy disse “sim”. Exley sorriu como se isso fosse coisa cotidiana.

— Vocês também sabiam que esses prostitutas, de ambos os sexos, cometiam outros crimes sob o comando de Patchett?

Fazer com que eles chegassem à “extorsão”. A parceria entre Patchett e Hudgens. Exley lhe contara a história: Lorraine/Rita disse que “um cara” obrigava Patchett a chantagear “clientes”, justo quando Pierce estava para começar a parceria com Hudgens — *logo depois das mortes no Nite Owl*. Uma ideia surgindo — talvez uma ligação de volta com Dudley.

— Respondam ao capitão, seus merdas.

— Ed, faça com que ele pare — disse Billy. — Verdade, isso já foi longe demais.

Bud riu.

— Ed? Opa, eu esqueci, chefe. O seu papai é amiguinho do papai dele.

Exley ficou puto de verdade — ruborizado, tremendo.

— White, cale a boca.

As bichas adoraram — sorrisos, risinhos abafados.

— Cavalheiros — disse Exley —, por favor, respondam à

pergunta.

Timmy deu de ombros.

— Seja específico. Que outras “atividades criminais”?

— Especificamente chantagem.

Duas pernas se esfregaram rapidamente — Bud captou de imediato. Exley tocou a gravata — VÁ COM TUDO.

Ideias: Johnny Stomp como “um cara”. Johnny Stomp é um velho artista da chantagem, sem um meio de vida claro. Lorraine Malvasi disse que os arrochos remontavam a maio de 1953 — a gangue de Dudley já tinha se juntado com Patchett.

— É, *chantagem*. Sujeitos casados, pervertidos e veados são propensos a isso. É como um risco ocupacional. Algum de vocês já foi achacado por um de seus parceirinhos de brincadeiras?

Agora Billy revirou os olhos.

— Nós não nos relacionamos com prostitutas. Do sexo masculino ou feminino.

Bud puxou a cadeira mais para perto.

— Bom, o seu namoradinho aqui conhecia um michê chamado Bobby Inge. Se o bicho grasna como um pato, é um pato. Então, quac, quac, e abra o bico.

Exley, sério:

— Cavalheiros, os senhores sabem o nome de alguma pessoa que tenha trabalhado se prostituindo para Patchett?

Billy falou na bucha:

— Ele é um grosso, e nós não temos de responder a essas perguntas.

— É o caralho. Vocês rastejam na sarjeta, têm de conhecer alguns ratos. Já ouviram falar de um pervertido bonitinho chamado Daryl Bergeron? Já ficaram a fim de uma mulher e procuraram a mãe dele? Daryl procurava. Jack Vincennes, o Lata de Lixo, tinha uma revista de pornografia com fotos dos dois trepando e andando de patins. Vocês estão flutuando em esgoto, seus veados sacanas filhos da puta, então...

Valburn:

— Ed, faça com que ele pare!

Exley:

— Sargento, já basta!

Bud, tonto, como se alguém dentro de sua cabeça estivesse lhe passando as falas:

— Para o diabo você. Esses sacanas sabem de todos os esquemas

do Patchett. Um deles é astro da TV, outro tem um papai famoso. Duas bichas cheias de dinheiro e totalmente maduras para serem arrojadas. Não lhe parece que eles estão bancando os espertos?

Exley — VÁ COM CALMA — um dedo no colarinho.

— O sargento White tem alguma razão, mas eu peço desculpas pelo modo que ele a expressa. Cavalheiros, oficialmente. Algum de vocês tem qualquer conhecimento de esquemas de extorsão envolvendo Pierce Patchett e/ou seus prostitutos e prostitutas?

— Não — disse Timmy Valburn.

— Não — disse Billy Dieterling.

Bud estava pronto para sussurrar.

Exley se inclinou para a frente.

— Algum de vocês já foi ameaçado de chantagem?

Mais dois “não” — dois veados suando numa sala fresca. Bud sussurrou:

— Johnny Stompanato.

As bichas congelaram. Bud falou:

— Sujeira sobre o *Badge of Honor*. Era isso que ele queria?

Valburn começou a falar — Billy sinalizou para ele ficar quieto.

Exley: DEVAGAR.

O homem da cabeça tonta disse NÃO.

— Ele tinha sujeiras sobre seu pai? O grande escroto do Raymond Dieterling?

Exley fez o sinal para cortar. O homem da cabeça tonta mostrou o rosto: Dick Stens sugando gás.

— *Sujeira*. Wee Willie Wennerholm, Loren Atherton e os assassinatos das crianças. O *seu pai*.

Billy tremeu. Apontou para Exley.

— O pai *dele*!

Olhares em quatro direções — interrompidos por Valburn soluçando. Billy o ajudou a se levantar, abraçou-o. Exley disse:

— Saiam. Agora. Vocês podem ir.

Ele parecia mais triste do que furioso ou apavorado.

Billy ajudou Timmy a sair. Bud foi até a janela. Exley deu alguns passos, falou num microfone:

— Duane, Valburn e Dieterling estão saindo. Você e Don devem segui-los.

Bud o observou — era um pouco mais alto, metade do seu corpo. Algo o fez dizer:

— Eu não devia ter feito aquilo.

Exley olhou pela janela.

— Vai acabar logo. Tudo.

Bud olhou para baixo. Fisk e Kleckner estavam perto da porta; as bichas chegaram à calçada correndo. Os homens da AI foram atrás — um ônibus os reteve. O ônibus partiu — nada de Billy e Timmy. Fisk e Kleckner ficaram parados na rua parecendo estúpidos.

Exley começou a rir.

Algo fez Bud rir.

Eles repassavam os velhos tempos; Stanton bebia champanhe do serviço de quarto. Jack soltou seu discurso: Patchett/Hudgens, pornografia, heroína, o Nite Owl. Dava para ver que Miller sabia alguma coisa; dava para ver que ele queria abrir o bico.

Toques antigos: como ele ensinou Miller a bancar o policial; como levou Miller até a Central Avenue para trepar e terminou arrochando Art Pepper. Gallaudet enfiou a cabeça no quarto. Disse que Max Peltz estava limpo — as histórias de Max comeram mais uma hora. Miller ficou pensativo — 1958 seria a última temporada do programa. Uma pena os dois terem perdido contato, o Grande V estava doido demais, um pária na indústria de entretenimento. White e Exley discutindo no quarto ao lado — Jack foi direto ao ponto:

— Miller, há alguma história que você está louco para me contar?

— Não sei, Jack. É papo velho.

— Essa confusão é velha *demais*. Você conhecia Patchett, não é?

— Como sabe disso?

— Só adivinhei. E o dossiê do capitão dizia que Patchett bancou alguns dos filmes antigos de Dieterling.

Stanton olhou para seu copo — vazio.

— Certo, eu conheço Patchett há muito tempo. É uma tremenda história, mas não vejo em que ela se relaciona com o assunto em que você está interessado.

Jack ouvia a discussão no cômodo ao lado.

— Eu só sei que você está louco para me contar desde que falei a palavra “Patchett”.

— Droga, perto de você eu não me sinto um policial. Sinto-me como um ator gordo em vias de perder o seu programa.

Jack olhou para o outro lado — interromper o cara.

— Você sabe que eu era o garoto gordinho das séries do Dieterling há muito tempo — disse Stanton. — Willie Wennerholm, Wee Willie, era o grande astro. Eu costumava ver Patchett na escola do estúdio, e sabia que ele era uma espécie de sócio de Dieterling, porque o nosso professor era apaixonado por ele e contava a todos os garotos quem ele era.

— E?

— E Wee Willie foi sequestrado da escola e esquartejado pelo Dr. Frankenstein. Você conhece o caso, foi famoso. A polícia pegou um tal de Loren Atherton. Disseram que ele matou Willie e todas aquelas crianças. Jack, essa é a parte difícil.

— Então conte depressa.

Muito depressa.

— O Sr. Dieterling e Patchett vieram falar comigo. Me deram tranquilizantes e contaram que eu tinha de ir com um garoto mais velho visitar uma delegacia de polícia. Eu tinha 14 anos, o mais velho tinha uns 17. Patchett e o Sr. Dieterling ensaiaram comigo, e nós fomos para a delegacia. Conversamos com Preston Exley, na época ele era detetive. Nós contamos a ele exatamente o que o Sr. Patchett e o Sr. Dieterling mandaram contar: que tínhamos visto Atherton rondando a escola do estúdio. Nós identificamos Atherton e Exley acreditou em nós.

Uma pausa de ator.

— Cacete. *E?* — disse Jack.

Mais devagar.

— Eu nunca mais vi o garoto mais velho, nem consigo lembrar o nome dele. Atherton foi condenado e executado, e não pediram que eu fosse testemunhar no julgamento. Deve ter sido em 1939. Eu ainda fazia parte do elenco de Dieterling, mas era um garoto ingênuo. O Sr. Dieterling mandou um pequeno contingente do estúdio ir à inauguração da autoestrada de Arroyo Seco, só para fazer publicidade. Preston Exley já era um grande empreiteiro, e ele cortou a fita. Eu ouvi o Sr. Dieterling, Patchett e Terry Lux, você o conhece, conversando.

Arrepios.

— Miller, prossiga.

— Nunca vou esquecer o que eles disseram, Jack. Patchett falou para Lux: “Eu tenho os produtos químicos para impedi-lo de machucar qualquer pessoa, e você fez uma plástica nele.” Lux disse: “E eu vou arranjar um guardião para ele.” Nunca vou esquecer o

som da voz do Sr. Dieterling. Ele falou: “E eu dei a Preston Exley, além de Loren Atherton, um bode expiatório no qual ele acredita. E acho que agora o sujeito me deve demais para me prejudicar.”

Jack tocou o próprio corpo — pensou que parara de respirar. Respirando atrás dele — tensos. Os olhos em Exley e White junto à porta, um do lado do outro, congelados.

Agora todas as suas linhas se cruzavam em tinta.

Mutilações em tinta vermelha. Um tinteiro derramando sangue. Personagens de desenho animado numa marquise com Raymond Dieterling, Preston Exley, um elenco de astros do crime. Cores de tinta: vermelho; verde para o dinheiro do suborno. Preto para o luto — o elenco de apoio composto por mortos. White e Vincennes sabiam. Provavelmente contariam a Gallaudet — ele chutou-os do hotel sabendo disso. Poderia alertar ou não seu pai, e o fim seria o mesmo. Poderia continuar ou ficar sentado nessa sala e olhar sua vida explodir na televisão.

Longas horas — não conseguia estender a mão para o telefone. Ligou a TV, viu o pai numa cerimônia numa autoestrada. Enfiou o revólver na boca, enquanto o sujeito mastigava lugares-comuns. O gatilho meio puxado para trás — passando para um comercial. Esvaziou quatro câmaras, girou o cilindro, encostou o cano na cabeça. Apertou o gatilho duas vezes, câmaras vazias, não conseguia acreditar no que havia feito. Jogou o revólver pela janela — um bêbado pegou-o na calçada, atirou para o céu. Ele riu, soluçou, socou a mobília.

Mais horas fazendo nada.

O telefone tocou — Ed pegou-o às cegas.

— É... sim.

— Capitão, está aí? É o Vincennes.

— Estou aqui. O que é?

— Eu estou no Bureau com White. Nós recebemos uma dica e fomos atrás. North New Hampshire, 2.206, a casa de Billy Dieterling. Billy e um sujeito desconhecido mortos. Fisk já apareceu aqui. Capitão, *você está aí?*

Não, não, não — sim.

— Eu vou... vou pra aí.

- Tudo bem. E, a propósito, White e eu não contamos a Gallaudet o que Stanton disse. Achei que você deveria saber disso.
- Obrigado, sargento.
- Agradeça ao White. É com ele que você tem de se preocupar.

FISK O RECEBEU LÁ — uma casa imitando o estilo Tudor, iluminada por faróis carros oficiais, carros do laboratório de medicina legal no gramado.

Ed correu; Fisk resumiu:

— Uma vizinha ouviu os gritos, esperou meia hora e ligou. Viu um homem sair correndo, entrar no carro de Billy Dieterling e partir. Ele bateu numa árvore no fim do quarteirão, saiu do carro e correu. Peguei uma declaração. Homem, branco, 40 e poucos anos, estatura mediana. Senhor, prepare-se.

Flashes espocando dentro.

— *Lacre o caso aqui.* Nada da Homicídios, nenhum policial de delegacia. Nem imprensa, e não quero que Dieterling pai descubra. Mande Kleckner lacrar o carro e ir pegar Timmy Valburn para mim. *Encontre-o. Agora.*

— Senhor, eles escaparam da nossa vigilância. Eu me sinto mal com isso, parece ter sido culpa nossa.

— Não importa, só faça o que eu mandei.

Fisk correu até o seu carro; Ed entrou, olhou.

Billy Dieterling numa poltrona branca encharcada de vermelho. Uma faca na garganta; duas facas na barriga. O escalpo no chão, preso no tapete com um furador de gelo. A pouco mais de um metro de distância: um homem com cerca de 40 anos — estripado, eviscerado, facas nas bochechas, dois garfos de cozinha nos olhos. Cápsulas de drogas se encharcando em sangue no chão.

Nenhuma mutilação artística — o seu homem já ultrapassara isso.

Ed entrou na cozinha. Patchett para Lux em 1939: “Eu tenho as substâncias químicas para impedi-lo de machucar alguém, e você fez uma plástica nele.” Armários virados; garfos e colheres no chão. Ray Dieterling em 1939: “Um bode expiatório no qual ele acredita.” Pegadas sangrentas entrando e saindo — o seu homem fez viagens para pegar mais adornos. Lux: “Vou arranjar um guardião para ele.” Um pedaço de escalpo na pia. “Preston Exley agora era um grande empreiteiro.” Uma marca sangrenta de mão na parede, uma

fantástica paixão psicótica por assassinato.

Ed forçou a vista diante da marca da mão — as impressões apareciam claramente. Esquecimento de psicopata: o seu homem apertou a mão ali para deixar uma assinatura.

De volta à sala. Jack Lata de Lixo entre meia dúzia de técnicos de laboratório. Clarão de flash fotográfico, nada do Bud White.

— O outro homem é Jerry Marsalas — disse Lata de Lixo. — É enfermeiro, e é mais ou menos um guardião de um cara da equipe de *Badge of Honor*. David Mertens, o cenógrafo. Muito quieto, tem epilepsia ou algo do tipo.

— Cicatrizes de cirurgia plástica?

— Em todo o pescoço e nas costas. Eu o vi sem camisa uma vez.

Técnicos num enxame agora — Ed guiou Vincennes até a varanda. Ar fresco, faróis brilhantes.

— Mertens tem a idade certa para ser o garoto mais velho de quem Stanton estava falando — disse Vincennes. — Lux o cortou, para que Miller não o reconhecesse nos estúdios. Todas aquelas marcas nas costas, ele pode ter sido cortado um monte de vezes. Meu Deus, com que cara você está! Vai levar isso até o final?

— Não sei. Quero mais um dia para ver o que podemos conseguir sobre Dudley.

— E ver se White tenta acertar você. Ele podia ter contado toda a história a Gallaudet, mas não fez isso.

— White é tão maluco quanto qualquer um metido nesse negócio.

Lata de Lixo riu.

— É, como você. Chefe, se você e Gallaudet querem que essa confusão tenha um processo judicial adequado, é melhor trancar aquele garoto. Ele está decidido a matar Dudley e Dois e, acredite, ele vai fazer isso.

Ed riu.

— Eu disse que ele podia.

— Você *deixaria que ele...*

Interrompê-lo:

— Jack, faça o seguinte: vigie a casa de Mertens e veja se consegue encontrar White, depois...

— Ele está caçando Perkins, como é que eu...

— Apenas tente encontrá-lo. E, com ou sem ele, encontre-se comigo na casa de Mickey Cohen amanhã às 9 horas. Vamos falar do Dudley com ele.

Vincennes olhou ao redor.

— Não estou vendo ninguém da Homicídios aqui.

— Você e Fisk receberam o chamado, então a Homicídios não sabe. O negócio é nosso até a imprensa tomar conhecimento.

— Não é para prender Mertens?

— Vou chamar metade da AI. Ele é um psicótico babão. Vamos pegá-lo.

— Suponha que eu o encontre. Você não quer que ele fale dos velhos tempos, não com o seu pai fazendo parte disso.

— Pegue-o vivo. Quero falar com ele.

— Em termos de maluquice, White não deve nada a você.

ED LACROU.

Ligou para o chefe Parker, contou que tinha um duplo homicídio relacionado à AI, e que estava mantendo em segredo a identidade das vítimas. Acordou cinco homens da AI, informou-os sobre David Mertens, mandou que fossem procurá-lo. Fez com que a vizinha que deu o alarme tomasse um sedativo, fosse para a cama e promettesse não dizer o nome “Billy Dieterling” para a imprensa. A imprensa chegou — ele a embromou dizendo que os mortos não tinham sido identificados e os mandou embora. Foi até o fim do quarteirão e examinou o carro — Kleckner estava tomando conta dele. Era um Packard Caribbean com as rodas da frente sobre o meio-fio, o para-choque enfiado numa árvore. O banco do motorista, o painel e a alavanca de câmbio — sangrentos; impressões perfeitas com sangue do lado de fora do para-brisa. Kleckner arrancou as placas; Ed lhe disse para guiar o carro para a casa, guardá-lo e juntar-se aos que estavam fazendo a busca. Ligações de cortesia a partir de um telefone público: para o comandante da vigilância na Delegacia da Rampart, o legista de plantão no necrotério municipal. Uma mentira: Parker queria sigilo durante 24 horas com relação aos assassinatos — nenhuma declaração à imprensa, nenhum relatório de autópsia divulgado. Eram 3h40 da madrugada, nenhum figurão da Homicídios em cena — Parker lhe deu carta branca.

Lacrado.

Ed voltou à casa. Quieta — nenhum repórter, nenhum curioso. Silhuetas com fita adesiva — nenhum cadáver. Técnicos pegando impressões digitais, colocando evidências em sacolas. Fisk na porta da cozinha — parecendo nervoso.

— Senhor, encontrei Valburn. Inez Soto está com ele. Fui até Laguna numa intuição. O senhor disse que Inez o conhecia.

— O que Valburn lhe disse?

— Nada. Disse que só falaria com o senhor. Eu o apertei, e ele chorou no caminho. Disse que está pronto para fazer uma declaração.

Inez apareceu. Coberta de tristeza, as unhas roídas até sair sangue.

— Eu culpo você por isso. Culpo você por forçar Billy a isso.

— Não sei o que quer dizer, mas peço desculpas.

— Você me mandou espionar Raymond. Agora você fez isso.

Ed foi na direção dela. Ela deu-lhe um tapa, acertou-o.

— Deixe-nos em paz!

Fisk segurou-a, levou-a para fora. Gentil — mãos macias, voz baixa. Ed seguiu pelo corredor olhando os quartos.

Valburn no estúdio, tirando fotos das paredes. Olhos brilhantes e vítreos, uma voz clara demais:

— Se eu ficar fazendo coisas, estarei bem.

A foto de um grupo de pessoas caiu no chão.

— Preciso de uma declaração total.

— Ah, você vai ter.

— Mertens matou Hudgens, Billy e Marsalas, além de Wee Willie e aquelas outras crianças. Eu preciso do motivo. Timmy, olhe para mim.

Timmy pegou uma foto emoldurada.

— Nós estávamos juntos desde 1949. Tínhamos nossas pequenas indiscrições, mas sempre ficamos juntos e nos amávamos. Não faça um discurso sobre pegar esse assassino, Ed. Eu simplesmente não poderia suportar. Vou lhe dizer o que você quer saber, mas tente não ser *déclassé*.

— Timmy...

Valburn jogou a foto na parede.

— David Mertens, seu desgraçado!

Vidro se espatifando. A foto caiu virada para cima: Raymond Dieterling segurando um tinteiro.

— Comece com a pornografia. Jack Vincennes falou com você há cinco anos, e ele achou que você estava escondendo alguma coisa.

— Essa é outra acusação?

— Não a transforme numa.

Timmy ajeitou uma pilha de fotos emolduradas.

— Jerry Marsalas mandou David criar aquela... imundície estranha. Jerry era um homem muito mau. Ele tinha sido companheiro de David há anos, e regulava as drogas que o mantinham... relativamente normal. Algumas vezes aumentava e reduzia as dosagens e mandava David fazer obras de arte comerciais, para poder ficar com o dinheiro. Raymond pagava a Jerry para cuidar de David. Arranjou o trabalho para David em *Badge of Honor* para que Billy pudesse cuidar dele também — Billy comandava a equipe de câmera desde que o programa começara.

— Não ponha o carro na frente dos bois — disse Ed. — Onde Marsalas e Mertens encontravam pessoas para posar?

Timmy abraçou suas fotos.

— Fleur-de-Lis. Marsalas usava o serviço havia anos. Ele comprava garotas de programa quando estava com grana, e conhecia um monte das antigas garotas de Pierce e um monte de... gente sexualmente aventureira de quem as garotas falavam. Ele descobriu que um bocado dos clientes do Fleur-de-Lis tinham uma inclinação para pornografia especializada, e convenceu algumas das antigas garotas de Pierce a deixar que ele olhasse suas festas sexuais. Jerry tirava fotos, David tirava fotos, e Jerry aumentou o consumo de drogas de David e o obrigou a fazer os retoques. O sangue de tinta foi ideia de David. Jerry contratou um diretor de arte de estúdio para fazer a arte-final das revistas e as levou para Pierce. Está me acompanhando? Não sei o que *você* sabe.

Ed pegou seu bloco de anotações.

— Miller Staton contou à gente alguns detalhes. Patchett e Dieterling eram sócios na época dos assassinos do caso Atherton, e você sabe que eu vejo Mertens como o culpado deles. Vá em frente. Se eu precisar esclarecer algo, digo.

— Certo — disse Timmy. — Se você não sabe, as fotos pintadas eram semelhantes aos ferimentos nas vítimas do caso Atherton. Pierce não sabia disso quando viu as revistas, acho que só policiais viram as fotos dos crimes. Ele também não sabia que David Mertens era a nova identidade do assassino de Wennerholm, então, quando Marsalas armou o plano para vender as revistas e foi procurar financiamento com Pierce, ele simplesmente pensou que eram revistas pornográficas que comprometiam suas prostitutas e seus clientes. Recusou a oferta de Marsalas, mas comprou algumas revistas para vender pelo Fleur-de-Lis. Então Marsalas procurou um

tal de Duke Cathcart, que foi procurar os tais dos irmãos Englekling. Ed, o Sr. Fisk deu a entender que isso tem a ver com o caso Nite Owl, mas eu não...

— Mais tarde eu lhe digo. Você está falando sobre o início de 1953, e até agora estou acompanhando. Simplesmente continue contando na ordem.

Timmy pousou suas fotos.

— Então Patchett foi procurar Sid Hudgens. Ele e Hudgens iam ser sócios num negócio de extorsão, do qual não sei nada, e Pierce contou a Hudgens sobre Marsalas e o material pornográfico. Hudgens mandou verificar Marsalas, e ficou sabendo que ele era frequentador dos estúdios de *Badge of Honor*, o que o interessou, porque ele queria desde sempre escrever uma matéria sobre o programa na *Hush-Hush*. Pierce deu a Hudgens algumas das revistas que ele pegara no Fleur-de-Lis, e Hudgens procurou Marsalas. Exigiu informações sobre os astros do programa e ameaçou divulgar os negócios de pornografia caso ele não cooperasse. Jerry deu informações leves sobre Max Peltz, e pouco depois isso apareceu na revista. Então Hudgens foi assassinado, e é claro que foi Jerry quem colocou David nisso. Ele baixou a dosagem da droga e o deixou maluco. David voltou ao seu antigo... ao modo como ele matou as crianças. Marsalas fez isso porque tinha medo de que Hudgens continuasse tentando extorqui-lo. Ele foi com David e roubou os dossiês de Hudgens sobre *Badge of Honor*, inclusive um dossiê incompleto de Hudgens sobre ele e David. Não creio que ele soubesse que Pierce possuía as cópias dos dossiês que ia usar com Hudgens no negócio de chantagem, ou que Pierce soubesse qual era o banco onde Hudgens guardava os dossiês originais.

Três perguntas-chaves surgindo; primeiro, mais corroboração.

— Timmy, quando Vincennes o interrogou há cinco anos, você agiu de modo suspeito. Na época você sabia que Mertens produzia o material pornográfico?

— Sabia, mas não sabia quem David *era*. Só sabia que Billy ficava de olho nele, por isso não disse nada ao Jack.

Pergunta número 1:

— Como você sabe tudo isso? Tudo o que me contou.

Os olhos de Timmy ficaram vítreos de novo.

— Descobri esta noite. Depois do hotel, Billy quis que fossem explicadas aquelas insinuações terríveis sobre o policial a respeito de Johnny Stompanato. Billy sabia da maior parte da história havia

anos, mas queria conhecer o resto. Nós fomos à casa de Raymond em Laguna. Raymond estava a par dos acontecimentos mais recentes por meio de Pierce, e contou toda a história a Billy. Eu só ouvi.

— E Inez estava lá.

— Isso mesmo, ela ouviu tudo. Ela culpa você, doçura. Por abrir a caixa de Pandora e tal.

Ela sabia, seu pai provavelmente sabia. Revelação total praticamente pública.

— Então Patchett fornecia a droga que manteve Mertens dócil durante todos esses anos.

— Sim, ele é fisiologicamente doente. Tem inflamações periódicas no cérebro, e é então que fica mais perigoso.

— E Dieterling deu a ele o trabalho em *Badge of Honor* para que Billy pudesse vigiá-lo.

— É. Depois do assassinato de Hudgens, Raymond leu sobre as mutilações e as achou parecidas com as dos antigos assassinatos das crianças. Contatou Patchett, que, ele sabia, era amigo de Hudgens. Raymond revelou a Pierce a identidade de David, e Pierce ficou apavorado. Raymond estava com medo de afastar David de Jerry, e ele vinha pagando uma quantia extraordinária a Jerry para manter David drogado.

Pergunta-chave número 2:

— Você esteve esperando essa, Timmy: por que Ray Dieterling assumiu todos esses problemas pelo David?

Timmy virou uma foto — Billy, um homem com rosto inchado.

— David é filho ilegítimo de Raymond. É meio-irmão de Billy, e olhe para ele. Terry Lux o cortou tantas vezes que ele ficou tão horrível em comparação ao meu doce Billy que quase não dá para olhar.

Entrando no sofrimento — Ed interrompeu antes que ele passasse do ponto.

— O que aconteceu esta noite?

— Esta noite Raymond contou a Billy tudo o que faltava, até a história de Sid Hudgens; ele não sabia nada disso. Billy me fez ficar com Inez em Laguna. Disse que ia tirar David da casa de Jerry e livrá-lo das drogas. Deve ter tentado, e Marsalas deve ter retaliado. Eu vi aqueles comprimidos no chão... e, ah, Deus, David simplesmente deve ter enlouquecido. Não podia entender quem era bom e quem era mau, e simplesmente...

Três:

— No hotel você reagiu à menção a Johnny Stompanato. Por quê?

— Stompanato vinha chantageando os clientes de Pierce fazia anos. Ele me pegou com outro homem e arrancou de mim parte da história de Mertens. Não muito, só que Raymond pagava para manter David em condições sociáveis. Isso... isso foi antes de eu saber mais. Stompanato vem preparando um dossiê para arrancar o couro de Raymond. Vem ameaçando Billy com bilhetes, mas não creio que saiba quem David é. Billy estava tentando convencer o pai a mandar matá-lo.

O sol atravessou uma janela — atingiu Timmy quando suas lágrimas irromperam. Ele segurou a foto de Billy, com uma das mãos cobrindo o rosto de David.

Um cara da AI rendeu-o às 7 horas — puto porque ele estava dormindo, encolhido junto à porta e com o revólver na mão. A casa continuava virgem — nada de David Mertens louco por sangue. O cara da AI disse que Mertens continuava sumido; ordens do capitão Exley: encontrar-se com ele e Bud White na casa de Mickey Cohen às 9 horas. Jack foi até um telefone público, com uma intuição.

Uma ligação para o Bureau — Dudley Smith “de licença resolvendo uma emergência de família”. Breuning e Carlisle trabalhando “fora do estado” — o tenente do Esquadrão da Delegacia da Rua 77 era o chefe temporário da investigação do caso Nite Owl. Uma ligação para a cadeia feminina. A delegada Dot Rothstein numa “licença resolvendo emergência de família”. A intuição; eles não tinham nada além de teorias, as pontas soltas de Dudley estavam sendo cortadas.

Jack foi para casa, afastando um sonho: as arengas de Davey Goldman e seu cérebro empastelado. Digamos que o “holandês” fosse Dean van Gelder, o “gato irlandês” Dudley. “Os garotos das franquias pegaram seus três pistoleiros, blip blip blip” — digamos que esses fossem os atiradores — Stompanato, Vachss, Teitlebaum — apagando gângsteres. “Bump bump bump bump bump o trem que...” — ??????? Maluco — talvez a droga de Patchett ainda estivesse provocando algum vodu.

O carro de Karen não estava lá. Jack entrou, viu colocados sobre a mesinha de centro: passagens aéreas, um bilhete.

J.,

Havaí, e veja a data: 15 de maio, o dia em que você se torna oficialmente um pensionista. Dez dias e dez noites para nos conhecermos de novo. Jantar esta noite. Fiz reservas no Perino's, e se ainda estiver trabalhando, ligue para que eu

possa cancelar.

Bjos,
K.

P.S. Sei que você está se perguntando, por isso vou dizer. Quando estava no hospital você falou enquanto dormia. Jack, eu sei o pior que poderia saber, e não me importo. Nós nunca precisaremos discutir isso. O capitão Exley ouviu você e acho que ele também não se importa. (Ele não é tão mau quanto você disse.)

Muitos beijos,
K.

Jack tentou chorar — não conseguiu. Barbeou-se, tomou banho, vestiu uma calça e seu melhor paletó esporte — sobre uma camisa havaiana. Foi para Brentwood pensando que tudo ao redor parecia novo.

EXLEY NA CALÇADA, segurando um gravador. Bud White na varanda — a AI deve tê-lo encontrado. Jack completou o trio.

White se aproximou.

— Acabo de falar com Gallaudet — disse Exley. — Ele disse que, sem provas concretas, não podemos procurar o Loew. Mertens e Perkins ainda estão por aí, e Stompanato está no México com Lana Turner. Se Mickey não nos der nada que preste, eu vou direto ao Parker. Revelação total sobre o Dudley.

Da porta:

— Vocês vêm ou não? Se querem me causar sofrimento, causem sofrimento dentro de casa.

Mickey Cohen num roupão e usando chapeuzinho de judeu.

— Última chamada para causar sofrimento. Vocês vêm?

Subiram. Cohen fechou a porta, apontou para um pequeno caixão dourado.

— Meu falecido herdeiro canino, Mickey Cohen Jr. Distraíam-me de minha tristeza, seus policiais góis escrotos. O funeral vai ser hoje no Monte Sinai. Eu subornei o rabino para dar ao meu amado uma despedida humana. Os *shmendriek* no cemitério acham que vão enterrar um anão. Falem comigo.

— Nós viemos contar quem vem matando os seus franqueados — disse Exley.

— Que franqueados? Continue nesse tom e eu vou reivindicar a

Quinta Emenda. E que traquitana de fita é essa que você está segurando?

— Johnny Stompanato, Lee Vachss e Abe Teitlebaum. Eles fazem parte de uma gangue e pegaram a heroína que você perdeu na transação com Jack Dragna em 1950. Eles vêm matando os seus franqueados e tentaram matar você e Davey Goldman na McNeil. Eles bombardearam a sua casa e não o pegaram, mas cedo ou tarde vão conseguir.

Cohenriu.

— Certo, aqueles velhos companheiros estão longe da minha vida e não parecem muito dispostos a se juntarem a mim de novo. Mas eles não têm inteligência para conseguir foder com o Mickeyzinho.

White:

— Davey Goldman estava trabalhando com eles. Mas foi jogado para escanteio quando tentaram apagar vocês dois na McNeil.

Mickey Cohen lívido.

— Não! Nunca em seis mil milênios Davey faria isso comigo! Nunca! Vocês estão falando de sedição comparável ao comunismo!

— Nós temos provas — disse Jack. — Davey grampeou a sua cela. Foi assim que vazou a história dos irmãos Englekling e sabe-se lá o que mais.

— Mentiras! Combinem Davey com os outros e vocês ainda assim não terão voltagem para me matar!

Exley ligou o gravador — a fita girou. Rrrrr, rrrrr. “Meu Deus, tão ágil e tão habilidoso como Heifetz ao violino é esse cão com o *schlong* dele, e bem-dotado como...”

Cohen bateu no teto.

— Não! Não! Nenhum homem nesta terra é capaz de me sacanear assim!

Exley apertou botões. “Lana deve ter uma tremenda xota...” — parou, ligou — um jogo de cartas, uma descarga num vaso sanitário. Mickey chutou o caixão.

— Certo! Eu acredito!

Jack:

— Agora você sabe por que Davey não queria deixar que você o colocasse numa casa de repouso.

Cohen enxugou o rosto com o solidéu.

— Nem mesmo Hitler é capaz de maldades assim. Quem poderia ser tão inteligente e tão implacável?

— Dudley Smith — disse White.

— Ah, Jesus Cristo. Nele eu poderia acreditar. Não... Diante das vistas de meu amado falecido, digam que estão mentindo.

— Um capitão do DPLA? Isso é verdade, Mick.

— Não, nisso eu não acredito. Deem-me provas, deem-me evidências.

— Mickey — disse Exley —, nos dê você alguma.

Cohen sentou-se sobre o caixão.

— Acho que sei quem tentou me apagar e ao Davey na prisão. Coleman Stein, George Magdaleno e San Bonventre. Eles estão indo para San Quentin, num transporte vindo de outras cadeias. Quando chegarem, vocês poderiam falar com eles, perguntar quem colocou a minha cabeça e a de Davey a prêmio. Eu ia apagá-los, mas não consegui um preço bom, aqueles assassinos da prisão são uns ladrões.

Exley guardou o gravador e a fita.

— Obrigado. Quando o ônibus chegar, nós vamos estar lá.

Cohen gemeu.

— Kleckner deixou um memorando — disse White. — Kikey e Lee Vachss devem se encontrar na *deli* hoje de manhã. Eu digo que a gente deve arrochar os dois.

— Vamos fazer isso — disse Exley.

Abe's Noshery: as mesas cheias, Kikey T. na caixa. White se encostou na vitrine.

— Lee Vachss numa mesa à direita.

Ed pôs uma das mãos no coldre — vazio — sua brincadeira com o suicídio. Lata de Lixo abriu a porta.

Sininhos. Kikey olhou, enfiou a mão sob a caixa registradora. Ed viu Vachss se agitar, como se estivesse alisando as calças. Metal luzindo junto à cintura.

Pessoas comiam, conversavam. Garçonetes circulavam. Lata de Lixo foi em direção à caixa; White encarou Vachss. O metal reluziu: debaixo da mesa e subindo.

Ed empurrou White para o chão.

Kikey e Vincennes sacaram.

Fogo cruzado — seis tiros — a vitrine estourou, Kikey acertou uma pilha de enlatados. Gritos, corridas em pânico, tiros às cegas — Vachss atirando feito louco na direção da porta. Um velho caiu tossindo sangue; White se levantou atirando, alvo móvel — Vachss virando na direção da cozinha. Uma sobressalente na cintura de White — Ed foi até lá, pegou-a.

Dois atiradores contra Vachss. Ed disparou — Vachss girou agarrando o ombro. White disparou e errou; Vachss tropeçou, arrastou-se, levantou-se — seu revólver na cabeça de uma garçoneite.

White foi na direção dele. Vincennes circulou pela esquerda; Ed pela direita. Vachss estourou o cérebro da mulher à queima-roupa.

White disparou. Vincennes disparou. Ed disparou. Ninguém acertou — o corpo da mulher recebeu os tiros. Vachss começou a recuar. White correu; Vachss limpou miolos da cara. White esvaziou sua arma — todos os tiros na cabeça.

Gritos, uma correria em direção à porta, um homem

empurrando cacos de vidro da vitrine. Ed correu até o balcão, pulou por cima.

Kikey no chão, sangue jorrando dos ferimentos no peito. Ed apontou para o rosto dele.

— Me entregue o Dudley. Me entregue o Dudley pelo Nite Owl.

Sirenes soando alto. Ed pôs a mão em concha sobre um ouvido, curvou-se para baixo.

— Grande. Cacete, garoto.

Mais perto.

— Quem matou os caras no Nite Owl?

Gorgolejos de sangue.

— Eu. Lee. Johnny Stomp. Dois dirigiu.

— *Abe, me entregue o Dudley.*

— Grande, garoto.

Sirenes num volume brutal. Gritos, passos.

— O Nite Owl. *Por quê?*

Kikey tossiu sangue.

— Droga. Revistas de fotos. Cathcart tinha de ser apagado. Lunceford sabia quem pegou a droga e costumava ir ao Nite Owl. O homem disse para assustar Patchett. Dois coelhos com uma cajadada: Duke e Mal. Mal queria dinheiro porque sabia quem estava de posse.

— Me entregue o Dudley. Diga que Dudley Smith era seu parceiro.

Vincennes se agachou. O restaurante ressoava: milhões de vozes. Sangue no balcão — Ed pensou em David Mertens. Um clarão — a escola do estúdio de Dieterling — a 1,5 quilômetro da casa de Billy D.

— Abe, ele não pode machucar você.

Kikey começou a sufocar.

— Abe...

— Pode machucar muito pode muito.

Sumindo — Lata de Lixo bateu no peito dele.

— Seu escroto, dê alguma coisa para a gente!

Kikey murmurou, pegou uma estrela de ouro no pescoço.

— *Mitzvah.* Johnny quer os caras da cadeia fora. Trem Q. Dot tem armas.

Vincennes, parecendo enlouquecido:

— É um trem, não é um ônibus. Vai haver uma fuga. Davey G. Sabia disso, ele estava falando sem sentido. Exley, o trem que... o

trem Q. Cohen disse que os caras que fizeram o serviço da cadeia estão nele.

Ed se agarrou àquilo, pegou.

— VOCÊ LIGUE.

Lata de Lixo saiu correndo. Ed se levantou, respirou o caos: policiais, vidro despedaçado, uma ambulância estacionada de ré e os corpos sendo carregados através da vitrine. Bud White gritando ordens, uma garotinha com o vestido cheio de sangue comendo um *doughnut*.

Lata de Lixo voltou — mais enlouquecido.

— O trem saiu de Los Angeles há 10 minutos. Trinta e dois prisioneiros num vagão, e o telefone a bordo está desligado. Liguei para Kleckner e pedi que encontrasse Dot Rothstein. Isso foi armado, capitão. Não foi Kleckner quem deixou aquele memorando para White — certamente foi o Dudley.

Ed fechou os olhos.

— Exley...

— Certo, você e White vão até o trem. Eu vou ligar para o xerife e para a Guarda da Ferrovia e pedir que eles preparem uma distração.

White se aproximou, piscou para Ed. Falou:

— Obrigado pelo empurrão.

Pisou no rosto de Kikey T. até ele parar de respirar.

Uma escolta de motocicleta recebeu-os, disparou com eles pela autoestrada de Pomona. Metade do caminho era em subida: dava para ver os trilhos da Califórnia Central, o único trem correndo para o norte — um cargueiro, carga de prisioneiros no terceiro vagão —, janelas gradeadas, portas reforçadas com aço. As ruas nos arredores de Fontana — subindo os morros acima dos trilhos — e um pequeno exército esperando.

Nove carros-patrolha, 16 homens com máscaras de gás e bombas de efeito moral. Atiradores de elite nos morros, dois com metralhadoras, três sujeitos com granadas de fumaça. Na entrada da curva, um grande cavalete sobre os trilhos.

Um policial lhes entregou espingardas e máscaras de gás.

— O colega de vocês, Kleckner, ligou para o posto de comando, disse que a tal de Rothstein estava morta em casa. Ou ela se enforcou ou alguém fez isso. De qualquer modo, temos de presumir que ela colocou as armas no trem. Há quatro guardas e seis funcionários da ferrovia a bordo. Nós vamos ficar preparados com a fumaça e pedimos a senha — cada grupo tem a sua. Se ouvirmos a senha, gritamos um alerta e esperamos. Se não ouvirmos, entramos.

Um apito de trem soou. Alguém gritou:

— Agora!

Os atiradores de elite se prepararam. Os homens do gás abraçaram o chão. A equipe de fogo correu para trás de uma fileira de pinheiros — Bud encontrou uma árvore ali perto. Jack tomou posição ao lado dele.

O trem fez a curva — freios acionados, fagulhas nos trilhos. A locomotiva parou — com o nariz encostado na obstrução.

Megafone:

— É o xerife! Identifique-se com a senha!

Silêncio — uns 10 segundos. Bud mirou a janela da locomotiva

— um vislumbre de brim azul.

— É o xerife! Identifique-se com a senha!

Silêncio — em seguida um falso pio de pássaro.

Os homens do gás acertaram as janelas — granadas quebraram vidros, passaram por entre as barras. Metralhadoras foram disparadas contra o vagão três — pentes inteiros derrubaram a porta.

Fumaça, gritos. Alguém gritou:

— Agora!

Fumaça pela porta — homens de cáqui passando por ela. Um atirador de elite pegou um; alguém gritou:

— Não, eles são nossos!

Policiais entraram em bando no vagão — de máscaras, espingardas apontando. Jack agarrou Bud.

— Eles não estão naquele!

Bud correu, chegou à plataforma do vagão quatro. Abrir a porta — um guarda morto, prisioneiros correndo atarantados.

Bud disparou, engatilhou, disparou — três caíram, um apontou seu revólver. Bud engatilhou, disparou, errou — um caixote ao lado do homem explodiu. Jack pulou na plataforma — o preso deu um tiro. Jack foi acertado no rosto, girou, bateu nos trilhos.

O atirador correu. Bud engatilhou, a arma vazia. Largou a espingarda, pegou seu 38 — um, dois, três, quatro, cinco, seis tiros — nas costas, ele estava matando um homem morto. Barulho fora do carro — presos nos trilhos passando junto ao corpo de Lata de Lixo. Policiais atrás deles disparando de perto — tiros e sangue, ar preto/vermelho.

Uma bomba de fumaça explodiu — Bud correu para o número 5 engasgando. Tiroteio: sujeitos brancos com roupas de brim azul atirando em negros com roupas de brim azul, guardas de cáqui atirando em todos. Ele saltou do trem, correu para as árvores.

Corpos nos trilhos.

Presos apanhados, agachados.

Bud chegou aos pinheiros, chegou ao seu carro, partiu com ele por cima dos trilhos, arrastando os eixos. Numa vala, rabeando, pneus deslizando sobre cascalho. Um homem alto de pé junto de um carro. Bud viu quem ele era, apontou. O homem correu. Bud virou o carro, parou derrapando. Saiu — grogue, sangrando de uma batida no painel. Dois Perkins veio atirando.

Bud levou uma na perna, uma do lado do corpo. Duas passaram

por ele, uma o acertou no ombro. Outra não o atingiu — Perkins largou a arma, puxou uma faca. Bud viu anéis em seus dedos.

Dois golpeou. Bud sentiu o peito se rasgar. Tentou fechar os punhos, não conseguiu. Dois baixou o rosto, deu um riso de desprezo — Bud deu-lhe uma joelhada nos ovos e mordeu o seu nariz. Perkins guinchou; Bud mordeu o braço dele, jogou o peso do corpo.

Os dois caíram. Perkins fazia ruídos animais. Bud bateu com a cabeça dele, sentiu o braço ser arrancado da articulação.

Dois largou a faca. Bud pegou-a, cego pelos anéis que matavam mulheres. Largou a faca, espancou Perkins até a morte com as mãos feridas.

A propriedade de Patchett em ruínas — um hectare de fuligem e escombros. Pedços de madeira no gramado, uma palmeira queimada na piscina. A casa em si era só entulho — estuque desmoronado, cinzas encharcadas. Encontrar um cofre com uma armadilha dentro de um perímetro de 20 trilhões de centímetros quadrados.

Ed chutou o entulho. David Mertens pairava — ele tinha de estar lá, era perfeito demais.

O piso desmoronou sobre os alicerces — tábuas para serem afastadas. Pedços de madeira, montes de tecido encharcado — nenhum brilho de metal que indicasse nada. Um trabalho para dez homens durante uma semana, e um técnico para desmontar a armadilha. Dar a volta até o quintal.

Nos fundos uma varanda de cimento — uma laje com mobília frita. Cimento sólido, sem rachaduras, sem ondulações, sem acesso óbvio a um buraco seguro. A casa da piscina era outro monte de entulho.

Madeira com um metro de altura — trabalho demais se Mertens estivesse lá. Circular a piscina — cadeiras queimadas, uma plataforma de mergulho. Um pino de granada de mão flutuando na água.

Ed chutou a palmeira que flutuava. Pedços de porcelana nas folhas; um estilhaço de granada encravado no tronco. Abaixar-se, forçando a vista; cápsulas na água — quadrados pretos que pareciam tampas de detonador. Os degraus na parte rasa com reboco explodido — grades de metal aparecendo, mais pílulas. Verificar o gramado — grama queimada demais indo da piscina até a casa.

Acesso ao cofre. Protegido por granada e dinamite. As chamas chegando ao detonador, desmontando a armadilha — apenas talvez.

Ed pulou na água, puxou o reboco — comprimidos e bolhas chegaram à superfície. Com as mãos — reboco, água, bolhas, uma porta de metal. Erupções de comprimidos, pasta de papel debaixo de plástico, plástico sobre dinheiro e pó branco. Montes e montes e montes — e depois nada a não ser um buraco profundo e preto. Corridas respingando até o carro — o sol era forte ele estava quase seco quando terminou de carregar o material. Uma última viagem para o caso de ELE estar LÁ: pílulas subiam lá do fundo.

O AQUECEDOR DO CARRO o esquentou. Ele foi até a escola de Dieterling, atravessou a cerca.

Silêncio — sábado — sem aulas. Um pátio típico — cestas de basquete, quadras de *softball*. Rato Moochie em tudo — dos placares aos marcadores das bases.

Ed caminhou até o perímetro sul da cerca — a rota mais próxima a partir da casa de Billy Dieterling. Pedacos de pele na cerca de aramado — marcas de mãos subindo. Pontos escuros no asfalto desbotado — sangue, uma trilha fácil.

Do outro lado do pátio, escadas descendo até a porta da sala da caldeira. Sangue na maçaneta, uma luz acesa dentro. Ele pegou a arma sobressalente de Bud White, entrou.

David Mertens tremendo num canto. Uma sala quente — o homem suando em roupas ensanguentadas. Mostrou os dentes, retorceu a boca num guincho. Ed jogou as pílulas para ele.

Ele as agarrou, engoliu. Ed apontou para a sua boca, não conseguiu puxar o gatilho. Mertens o encarou. Algo estranho aconteceu com o tempo — deixou-os sozinhos. Mertens caiu no sono, os lábios enrolados sobre as gengivas. Ed olhou o rosto dele, procurou alguma indignação. Ainda não podia matá-lo.

O tempo voltou: do modo errado. Julgamentos, audiência sobre sanidade, Preston Exley vilipendiado por deixar esse monstro livre. O tempo duro com o gatilho — ele ainda não conseguia fazer.

Ed levantou o sujeito, carregou-o até o seu carro.

SANATÓRIO PACIFIC — Malibu Canyon. Ed disse ao guarda do portão que mandasse chamar o Dr. Lux — o capitão Exley queria pagar o seu favor.

O guarda apontou-lhe uma vaga. Ed estacionou, rasgou a camisa de Mertens. Brutal — o sujeito era uma cicatriz gigantesca.

Lux se aproximou. Ed pegou duas sacolas de pó, duas pilhas de notas de mil dólares, colocou-as sobre o capô, baixou a janela de trás.

Lux chegou, verificou o banco traseiro.

— Eu conheço esse trabalho. Esse aí é Douglas Dieterling.

— Assim, sem mais nem menos?

Lux deu um tapinha sobre o pó.

— Do finado Pierce Patchett? Não ficaremos indignados, capitão. As últimas coisas que ouvi a seu respeito indicam que você não era nenhum escoteiro. E o que você deseja?

— Que esse homem seja cuidado numa enfermaria trancada pelo resto da vida.

— Acho aceitável. Isso é compaixão ou desejo de poupar a reputação do nosso futuro governador?

— Não sei.

— Não é uma resposta típica de Exley. Esteja à vontade, capitão. Vou mandar meus auxiliares limparem isso aqui.

Ed caminhou até um terraço, olhou para o oceano. Sol, ondas — talvez alguns tubarões se alimentando. Um rádio soou atrás dele.

“...Outras notícias sobre a fuga frustrada do trem da prisão. Um porta-voz da guarda ferroviária disse aos repórteres que os mortos já somam 28 presos, sete guardas e funcionários da ferrovia. Quatro policiais do xerife foram feridos, e o sargento John Vincennes, célebre policial de Los Angeles e ex-conselheiro técnico do programa de TV *Badge of Honor*, foi morto. O parceiro do sargento Vincennes, sargento Wendell White do DPLA, está em estado crítico no Hospital Geral Fontana. White perseguiu e matou o homem que estava organizando a fuga, identificado como Burt Arthur ‘Dois’ Perkins, um artista de boates com conexões no submundo. Neste momento uma equipe de médicos está lutando para salvar a vida do valente policial, mas não é provável que ele sobreviva. O capitão George Rachlis da guarda rodoviária da Califórnia diz que essa tragédia...”

O oceano borrado através de suas lágrimas. White piscou e disse:

— Obrigado pelo empurrão.

Ed virou-se. O monstro, a droga, o dinheiro — haviam sumido.

O material escondido na piscina: 10 quilos de heroína, 871.400 dólares, cópias dos dossiês escandalosos de Sid Hudgens. E mais: fotos para chantagens, registros dos empreendimentos criminosos de Pierce Patchett. O nome “Dudley Smith” não aparecia — nem os de John Stompanato, Burt Arthur Perkins, Abe Teitlebaum, Lee Vachss, Dot Rothstein, do sargento Mike Breuning, do policial Dick Carlisle.

Coleman Stein, Sal Bonventre, George Magdaleno — mortos na invasão ao trem. Davey Goldman entrevistado de novo no Hospital Estadual de Camarillo — não pôde dar uma declaração coerente. O Departamento de Medicina Legal do Condado de Los Angeles determinou como suicídio a causa da morte de Dot Rothstein. David Mertens ficou trancado numa enfermaria no Sanatório Pacific. Parentes dos três cidadãos inocentes mortos na Abe’s Noshery abriram processos contra o DPLA por ter colocado pessoas em perigo. A invasão do trem recebeu cobertura nacional na imprensa, foi rotulada de “o massacre do brim azul”. Os prisioneiros sobreviventes contaram aos detetives do xerife que uma discussão entre os prisioneiros armados resultou em armas trocando de mãos — em pouco tempo cada prisioneiro do trem estava livre. As tensões raciais irromperam, abortando a fuga antes que as autoridades chegassem.

Jack Vincennes recebeu postumamente a Medalha do Valor do DPLA. Nenhum homem do DPLA foi convidado ao funeral — a viúva recusou uma audiência com o capitão Ed Exley.

Bud White se recusou a morrer. Ficou na Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital Geral Fontana. Sobreviveu a um choque maciço, trauma neurológico, à perda de mais de metade do sangue do corpo. Lynn Bracken ficou com ele. Ele não podia falar, mas respondia às perguntas balançando a cabeça. O chefe Parker

deu-lhe a Medalha do Valor. White tirou o braço de uma tipoia e jogou a medalha na cara dele.

Dez dias se passaram.

Um armazém em San Pedro queimou até os alicerces — restos de revistas pornográficas foram descobertos. Detetives rotularam o incêndio de “profissional e criminoso” e não informaram qualquer pista. O prédio era de propriedade de Pierce Patchett. Chester Yorkin e Lorraine Malvasi foram interrogados outra vez. Não deram qualquer informação importante, foram libertados.

Ed Exley queimou a heroína, guardou os dossiês e o dinheiro. Seu relatório final para o Nite Owl omitia qualquer menção a Dudley Smith e ao fato de que David Mertens, agora objeto de um boletim integral pelos assassinatos de Sid Hudgens, Billy Dieterling e Jerry Marsalas, também foi o assassino de Wee Willie Wennerholm e cinco outras crianças em 1934. O nome de Preston Exley não foi citado em qualquer contexto.

O chefe Parker deu uma entrevista coletiva. Anunciou que o caso Nite Owl fora resolvido, corretamente desta vez. Os atiradores eram Burt Arthur “Dois” Perkins, Lee Vachss, Abraham “Kikey” Teitlebaum — e o motivo era matar Dean van Gelder, um ex-presidiário que fingia ser o incorretamente identificado Delbert “Duke” Cathcart. As mortes foram concebidas como uma tática de aterrorização, tentativa de usurpar o vice-reino de Pierce Morehouse Patchett, ele próprio uma recente vítima de assassinato. O escritório do advogado-geral do Estado reviu o resumo de caso de 114 páginas, escrito pelo capitão Ed Exley, e anunciou estar satisfeito. Mais uma vez Ed Exley recebeu crédito por ter resolvido o caso dos assassinatos no Nite Owl. Foi promovido a inspetor numa cerimônia televisionada.

No dia seguinte Preston Exley anunciou que se candidataria à indicação para concorrer ao governo estadual pelo Partido Republicano. Ele disparou na dianteira de uma pesquisa realizada às pressas.

Johnny Stompanato voltou de Acapulco, foi morar na casa de Lana Turner em Beverly Hills. Ficou lá, nunca se aventurando do lado de fora, objeto de uma vigilância constante supervisionada pelos sargentos Duane Fisk e Don Kleckner. O chefe Parker e Ed Exley se referiam a ele como o “adendo” do Nite Owl — o criminoso vivo para ser dado ao público, agora que eles estavam temporariamente apaziguados com assassinos mortos. Quando

Stompanato saísse de Beverly Hills para a cidade de Los Angeles propriamente dita, seria preso. Parker queria uma prisão digna de primeira página, limpa — estava disposto a esperar por ela.

O caso Nite Owl e os assassinatos de Billy Dieterling e Jerry Marsalas continuavam sendo notícia. Jamais foram conectados especulativamente. Timmy Valburn se recusava a comentar. Raymond Dieterling divulgou uma nota para a imprensa expressando a tristeza pela perda do filho. Fechou o Dream-a-Dreamland durante o período de um mês de luto. Permaneceu recluso em sua casa de Laguna Beach, acompanhado da amiga e auxiliar Inez Soto.

O sargento Mike Breuning e o policial Dick Carlisle foram postos de licença forçada.

O capitão Dudley Smith permaneceu no centro do palco durante toda a rodada de entrevistas coletivas após a reabertura do caso e nas reuniões entre o DPLA e a Promotoria. Foi ele quem puxou os brindes na festa surpresa dada por Thad Green em homenagem ao inspetor Ed Exley. Não pareceu de qualquer modo abalado ao saber que Johnny Stompanato permanecia solto, que estava sob vigilância durante 24 horas por dia e portanto imune ao assassinato. Não pareceu se importar com a possibilidade de que Stompanato seria preso num futuro próximo.

Preston Exley, Raymond Dieterling e Inez Soto não contataram Ed Exley para parabenizá-lo por sua promoção e pela reversão das más notícias na imprensa.

Ed sabia que eles sabiam. Presumia que Dudley soubesse. Vincennes morto, White lutando para viver. Só ele e Bob Gallaudet sabiam — e Gallaudet não sabia nada relativo ao seu pai e ao caso Atherton.

Ed queria matar Dudley imediatamente.

Gallaudet dizia: mate-se, em vez disso, é isso que você estaria fazendo.

Decidiram esperar, fazer de modo certo.

Bud White tornava a espera insuportável.

Ele tinha tubos nos braços, talas nos dedos. Seu peito tinha trezentos pontos. Balas tinham despedaçado ossos, rasgado artérias. Ele tinha uma placa na cabeça. Lynn Bracken cuidava dele — ela não conseguia encarar Exley nos olhos. White não conseguia falar — não havia certeza de que ele falaria no futuro. Seus olhos eram eloquentes: Dudley. Seu pai. O que você vai fazer a respeito? Ele

vivia tentando fazer o sinal do V da vitória. Três visitas, Ed finalmente percebeu: o Victory, quartel-general do Esquadrão Antimáfia.

Foi para lá. Encontrou anotações detalhadas a respeito da investigação de White sobre as prostitutas. As anotações eram de um homem limitado tentando alcançar as estrelas, puxando para baixo a maioria delas. Os limites ultrapassados através de uma fúria brilhantemente insistente. Justiça absoluta — anônima, sem posto e glória. Uma única linha sobre os irmãos Englekling, que lhe disse que o assassino deles continuava livre. O quarto 11 no Victory — Wendell “Bud” White visto pela primeira vez.

Ed soube por que ele o mandou para lá — e prosseguiu.

Uma verificação na companhia telefônica, uma entrevista, foi tudo de que precisou. Confirmação, uma epígrafe para colocar em cima: justiça absoluta. O noticiário na TV disse que Ray Dieterling caminhava todos os dias pelo Dream-a-Dreamland — aliviando a tristeza num reino da fantasia deserto. Ele daria a Bud White um dia inteiro de sua justiça.

SEXTA-FEIRA SANTA, 1958. O noticiário da manhã mostrou Preston Exley entrando na Igreja Episcopal de St. James. Ed foi de carro até a prefeitura. Subiu para a sala de Ellis Loew. Ainda cedo — sem recepcionista. Loew à sua mesa, lendo. Ed bateu à porta.

Loew ergueu os olhos.

— Inspetor Ed. Puxe uma cadeira.

— Vou ficar de pé.

— Ah? Isso são negócios?

— Mais ou menos. No mês passado Bud White ligou para você de São Francisco e disse que Spade Cooley era um assassino sexual. Você garantiu que colocaria a equipe do Bureau da Promotoria no caso e não fez isso. Cooley deu mais de 15 mil dólares para a sua caixinha. Você ligou da sua casa em Newport para o Biltmore Hotel e falou com um membro da banda de Cooley. Disse para ele avisar a Spade e ao restante dos caras que um policial maluco ia aparecer e causar encrenca. White arrochou Dois Perkins, o verdadeiro assassino. Perkins mandou-o atrás de Spade, provavelmente achou que ele o mataria e o salvaria da prisão. Perkins foi alertado por você e se escondeu. Ficou sumido por tempo suficiente para transformar White num vegetal.

Loew, calmo:

— Você não pode provar nada disso. E desde quando está tão preocupado com White?

Ed largou uma pasta de papel sobre a mesa.

— Sid Hudgens tinha um dossiê sobre você. Extorsão para contribuição à caixinha, indiciamentos criminais que você descartou em troca de dinheiro. Ele tem o serviço sujo feito contra McPherson documentado, e Pierce Patchett tinha uma foto de você chupando o pau de um prostituto. Demita-se do cargo ou tudo isso vai ser divulgado.

Loew, branco feito um lençol.

— Eu levo você comigo.

— Faça isso. Eu adoraria o passeio.

ELE VIU DA AUTOESTRADA: Rocketland e o Mundo de Paul justapostos — uma espaçonave brotando de uma montanha, um grande estacionamento vazio. Tomou as ruas que levavam à entrada, mostrou o distintivo ao guarda. O homem assentiu, abriu o portão.

Duas figuras caminhavam pelo Grande Passeio. Ed estacionou, foi até eles. O Dream-a-Dreamland estava quieto a ponto de se poder ouvir um alfinete caindo.

Inez o viu — um giro, a mão no braço de Dieterling. Os dois sussurraram; Inez se afastou.

Dieterling virou-se.

— Inspetor.

— Sr. Dieterling.

— É Ray. E eu estou tentado a perguntar por que demorou tanto.

— Você sabia que eu vinha?

— Sim. Seu pai discordou e prosseguiu com os planos dele, mas eu não. E estou grato pela chance de dizer isso aqui.

O Mundo de Paul diante deles — neve de mentira ofuscando. Dieterling disse:

— Seu pai, Pierce e eu éramos sonhadores. Os sonhos de Pierce eram distorcidos, os meus eram gentis e bons. Os do seu pai eram implacáveis; como eu suspeito que sejam os seus. Você deveria saber disso antes de me julgar.

Ed se encostou num corrimão, deixou tudo se assentar. Dieterling falou para a sua montanha.

1920.

Sua primeira mulher, Margaret, morreu num acidente de automóvel — ela teve o seu filho Paul. 1924 — sua segunda esposa, Janice, deu à luz o filho Billy. Enquanto estava casado com Margaret, ele teve um caso com uma mulher perturbada chamada Faye Borchard. Ela lhe deu o filho Douglas em 1917. Ele lhe deu dinheiro para manter em segredo a existência do menino — Ray era um jovem cineasta em ascensão, queria a vida livre de complicações, estava disposto a pagar por isso. Só ele e Faye sabiam os fatos do nascimento de Douglas. Douglas conhecia Ray Dieterling como um amigo gentil.

Douglas cresceu com a mãe; Dieterling os visitava frequentemente, uma vida com duas famílias: a esposa Margaret morta, os filhos Paul e Billy abrigados com ele e a esposa Janice — uma mulher triste que acabou pedindo o divórcio.

Faye Borchard bebia láudano. Fazia Douglas assistir a desenhos animados pornográficos que Raymond produzia em troca de dinheiro, parte de um esquema com Pierce Patchett — dinheiro para financiar os negócios legítimos. Os filmes eram eróticos, horrendos — mostravam monstros voadores que estupravam e matavam. O conceito era de Patchett — ele colocava suas fantasias drogadas no papel, passava um tinteiro para Ray Dieterling. Douglas tornou-se obcecado com o voo e com suas possibilidades sexuais.

Dieterling amava seu filho Douglas — apesar das fúrias e dos surtos de comportamento estranho. Desprezava o filho Paul — que era mesquinho, tirânico, estúpido. Douglas e Paul se pareciam muito.

Ray Dieterling ficou famoso; Douglas Borchard ficou descontrolado. Ele morava com Faye, assistia aos pesadelos em desenho animado de seu pai — pássaros arrancando crianças dos pátios de escola —, fantasias de Patchett pintadas sobre filme. Chegou à adolescência roubando, torturando animais, escondendo-se em shows de *striptease* na zona dos marginais. Conheceu Loren Atherton na zona, aquele homem maligno encontrou um cúmplice.

A obsessão de Atherton era com o desmembramento; a obsessão de Douglas era o voo. Eles compartilhavam o interesse pela fotografia, sentiam-se sexualmente excitados com crianças. Desenvolveram a ideia de criar crianças a partir de suas próprias especificações.

Começaram a matar e a construir crianças híbridas, fotografando o trabalho enquanto era realizado. Douglas matava pássaros para arranjar asas para suas criações. Eles precisavam de um rosto lindo; Douglas sugeriu o de Wee Willie Wennerholm — seria uma homenagem gentil ao “tio Ray” — cujos antigos trabalhos ele achava tão excitantes. Sequestraram Willie, esquitejaram-no.

Os jornais chamavam o assassino de crianças de “Dr. Frankenstein” — presumia-se que havia apenas um assassino. O inspetor Preston Exley comandou a investigação policial. Soube de Loren Atherton, um molestador de crianças sob condicional. Prendeu Atherton, descobriu seu abatedouro numa garagem, sua coleção de fotos. Atherton confessou os crimes, disse que era trabalho apenas seu, não implicou Douglas e declarou o desejo de morrer como o Rei da Morte. A imprensa elogiou o inspetor Exley, ecoou seu apelo: os cidadãos que tivessem informações sobre Atherton deveriam se apresentar como testemunhas.

Ray Dieterling visitou Douglas. Sozinho em seu quarto, descobriu um baú cheio de pássaros mortos. Os dedos de uma criança envolvidos em gelo seco. Ele *soube* imediatamente.

E sentiu-se responsável — suas obscenidades para ganhar dinheiro rápido haviam criado um monstro. Abriu o jogo com Douglas, soube que ele podia ter sido visto na escola na época em que Wee Willie fora sequestrado.

Medidas protetoras:

Um psiquiatra subornado para ficar em silêncio diagnosticou Douglas: personalidade psicótica, a desordem composta por desequilíbrio químico no cérebro. Remédio: as drogas adequadas aplicadas durante toda a vida para mantê-lo dócil. Ray Dieterling era amigo de Pierce Patchett — um químico que lidava com esse tipo de drogas. Pierce para a proteção interna — o amigo de Pierce, Terry Lux, para a externa.

Lux cortou um rosto novo para Douglas. O advogado de Atherton fez parar o julgamento. Preston Exley continuava procurando testemunhas — uma busca muito divulgada. Ray Dieterling entrou em pânico — depois pensou num plano ousado.

Deu drogas a Douglas e ao jovem Miller Stanton. Instruiu os dois a dizerem que tinham visto Loren Atherton, *sozinho*, sequestrar Wee Willie Wennerholm... e que eles tinham tido medo de se apresentar até então — medo de que o Dr. Frankenstein os pegasse. Os garotos contaram a história a Preston Exley; ele acreditou; os dois

identificaram o monstro. Atherton não reconheceu seu amigo cirurgicamente alterado.

Dois anos se passaram. Loren Atherton foi julgado, condenado, executado. Terry Lux cortou Douglas de novo — destruindo sua semelhança com o garoto que testemunhou. Douglas viveu sedado por Pierce Patchett, num quarto num hospital particular, guardado por enfermeiros. Ray Dieterling teve mais sucesso ainda. Depois Preston Exley bateu à sua porta.

A notícia dele: uma menina, agora mais velha, tinha se apresentado como testemunha. Ela vira o filho de Dieterling, Paul, com Loren Atherton — na escola no dia em que Wee Willie foi sequestrado.

Dieterling soube que na verdade era Douglas — a semelhança dele com Paul era forte. Ofereceu uma grande quantidade de dinheiro a Exley para desistir. Exley aceitou o dinheiro — depois tentou devolvê-lo. Ele disse: “Justiça. Eu quero prender o garoto.”

Dieterling viu seu império arruinado. Viu o mesquinho e negligente Paul inocentado. Viu Douglas de algum modo capturado — destruído pela tristeza provocada por sua arte. Insistiu em que Exley ficasse com o dinheiro — Exley não protestou. Ray perguntou se não havia outro modo.

Exley lhe perguntou se Paul era culpado.

Raymond Dieterling disse: “Sim.”

Preston Exley disse: “Execução.”

Raymond Dieterling concordou.

Levou Paul para acampar na Sierra Nevada. Preston Exley estava esperando. Os dois drogaram a comida do garoto; Exley atirou nele enquanto ele dormia e o enterrou. O mundo pensou que Paul fora perdido numa avalanche — o mundo acreditou na mentira. Dieterling achou que iria odiar o sujeito. O preço da justiça em seu rosto lhe disse que ele era apenas outra vítima. Agora os dois compartilhavam uma ligação. Preston Exley saiu da polícia para construir prédios com o dinheiro sujo de Dieterling. Quando Thomas Exley foi morto, Ray Dieterling foi a primeira pessoa a ser chamada. Juntos os dois construíram coisas a partir do peso de seus mortos.

DIETERLING TERMINOU a narrativa:

— E isso tudo é o meu patético final feliz.

Montanhas, foguetes, rios — tudo parecia sorrir.

— Meu pai nunca soube de Douglas? Ele realmente achava que Paul era culpado?

— Sim. Você vai me perdoar? Em nome de seu pai.

Ed pegou uma divisa. Folhas de carvalho douradas — a insígnia de inspetor de Preston Exley. Um presente de segunda mão — Thomas tinha recebido primeiro.

— Não. Vou submeter um relatório ao júri de instrução do condado requisitando que você seja indiciado pelo assassinato de seu filho.

— Uma semana para colocar meus negócios em dia? Para onde eu poderia fugir, uma pessoa famosa como eu?

— Sim — disse Ed e caminhou para seu carro.

O MODELO DA AUTOESTRADA havia sumido, substituído por cartazes de campanha.

Art de Spain desempacotando panfletos, sem bandagem no braço, uma cicatriz de bala.

— Olá, Eddie.

— Onde está o papai?

— Ele vai voltar logo. E parabéns pelo cargo de inspetor. Eu deveria ter ligado para você, mas a vida anda agitada por aqui.

— Papai também não ligou. Vocês estão todos fingindo que está tudo bem.

— Eddie...

Um volume no quadril esquerdo de Art — ele ainda portava arma.

— Acabo de falar com Ray Dieterling.

— Nós não achamos que você fosse falar com ele.

— Dê-me sua arma, Art.

De Spain entregou-a pela coronha. Tarraxa para silenciador, Smith & Wesson 38.

— Por quê?

— Eddie...

Eddie tirou as balas.

— Dieterling me contou tudo. E na época você era o auxiliar de papai.

O homem parecia orgulhoso.

— Você conhece meu *modus operandi*, garoto. Foi por Preston.

Eu sempre fui o leal auxiliar dele.

— E você sabia sobre Paul Dieterling.

De Spain pegou a arma de volta.

— Sim, e eu sabia há anos que ele não era o verdadeiro assassino. Recebi uma informação por volta de 48. Dizia que o garoto estava em outro lugar na época do sequestro de Wennerholm. Eu não sabia se Ray tinha entregado Paul legitimamente ou não, e não poderia partir o coração de Preston dizendo que ele havia matado um menino inocente. Não poderia estragar sua amizade com Ray; isso o magoaria demais. Você sabe como o caso Atherton sempre me atraiu. Eu sempre quis saber quem matou aquelas crianças.

— E nunca descobriu.

De Spain balançou a cabeça.

— Não.

— Fale dos irmãos Englekling.

Art pegou um cartaz: Preston diante das estruturas metálicas de um prédio.

— Eu estava visitando o Bureau. Sei que foi em 1953. Vi umas fotos no quadro de avisos da Delegacia de Costumes. Jovens bonitos, entrelaçados num trenzinho. A disposição dos corpos me fez lembrar as fotos tiradas por Loren Atherton, e eu sabia que só Preston, eu e alguns outros policiais as tinham visto. Tentei rastrear as fotos e não cheguei a lugar algum. Pouco depois soube que os irmãos Englekling tinham dado aquele testemunho para a investigação do Nite Owl, falando do material pornográfico, mas vocês não seguiram a deixa. Eu achei que eles tinham uma pista, mas não consegui encontrá-los. No fim do ano passado recebi a informação de que eles estavam trabalhando numa gráfica perto de São Francisco. Fui falar com eles. Só queria descobrir quem tinha feito o material.

Anotações de White: tortura terrível.

— Só falar com eles? Eu *sei* o que aconteceu lá.

O orgulho terrível luzindo.

— Eles acharam que era um arrocho. A situação ficou feia. Eles tinham alguns negativos velhos, com pornografia, e eu tentei fazer com que identificassem as pessoas. Eles guardavam um pouco de heroína e drogas antipsicóticas. Disseram que conheciam um cafetão que colocaria no mercado uma mistura de pó branco que incendiaria o mundo, mas que eles podiam fazer melhor. Riram de

mim, me chamaram de “vovô”. Eu tinha a ideia de que eles deviam saber quem produzira aquela pornografia. Não sei... Sei que fiquei maluco. Acho que pensei que eles tinham matado todas aquelas crianças. Devo ter pensado que eles iriam magoar Preston de algum modo. Eddie, eles *riram* de mim. Achei que eram traficantes de drogas, que perto de Preston eles não eram nada. E esse velho acabou com os dois.

Ele rasgou o cartaz em pedacinhos.

— Você matou dois homens por nada.

— Não foi por nada. Por Preston. E imploro que você não conte nada a ele.

— Só outra vítima — talvez a vítima que a justiça deixe escapar.

— Eddie, ele não pode saber. E não pode saber que Paul Dieterling era inocente. Eddie, por favor.

Ed empurrou-o para o lado, atravessou a casa. As tapeçarias da mãe fizeram-no pensar em Lynn. Seu quarto antigo o fez pensar em Bud e Jack. A casa parecia imunda — dinheiro sujo comprado e pago. Foi para o andar de baixo, viu o pai junto à porta.

— Edmund.

— Vou prendê-lo pelo assassinato de Paul Dieterling. Vou passar dentro de alguns dias para levá-lo.

O homem não se abalou um milímetro.

— Paul Dieterling era um assassino psicopata que merecia a punição que eu lhe dei.

— Ele era inocente. E, de qualquer modo, foi assassinato em primeiro grau.

Nenhum resquício de remorso. Inabalável, inflexível, incólume, inflexível retidão.

— Edmund, neste momento você está bastante perturbado.

Ed passou por ele. Sua despedida:

— Maldito seja por tudo de ruim que fez comigo.

PARA O DINING CAR, no centro da cidade: um lugar iluminado e cheio de gente boa. Gallaudet no bar, tomando um martíni.

— Más notícias sobre o Dudley. Você não vai querer ouvir essa.

— Não pode ser pior do que algumas histórias que ouvi hoje.

— É? Bem, Dudley está livre como um passarinho. A filha de Lana Turner acaba de esfaquear Johnny Stompanato. A porra do Fisk estava de tocaia do outro lado da rua e viu o rabecão e o DP de

Beverly Hills levarem Johnny. Nenhuma testemunha contra o Dudley, nenhuma prova contra o Dudley. Grande, garoto.

Ed pegou o martíni, engoliu de uma talagada.

— Dudley vai se foder de qualquer modo. Eu estou com uma porrada do dinheiro de Patchett e vou queimar aquele escroto irlandês, nem que seja a última porra que eu faça na vida. *Garoto*.

Gallaudet riu.

— Posso fazer uma observação, inspetor?

— Claro.

— A cada dia você está mais parecido com Bud White.

Calendário

ABRIL DE 1958

EXCERTO: *Los Angeles Times*, 12 de abril:

JÚRI DE INSTRUÇÃO REVÊ AS PROVAS DO NITE OWL; DECLARA O CASO ENCERRADO.

Quase cinco anos desde a data do crime, a cidade e o condado de Los Angeles dão o adeus oficial ao “crime do século” no sul da Califórnia, o tristemente famoso caso dos assassinatos no Nite Owl.

Em 16 de abril de 1953 três atiradores entraram no café Nite Owl, no Hollywood Boulevard, e mataram a tiros três funcionários e três fregueses. O suposto motivo era roubo, e logo as suspeitas caíram sobre três jovens negros, que foram presos como suspeitos do crime. Os três — Raymond Coates, Tyrone Jones e Leroy Fontaine — escaparam da cadeia e foram mortos ao resistir à prisão. Os três supostamente haviam confessado ao promotor Ellis Loew antes da fuga, e o caso foi considerado resolvido.

Quatro anos e dez meses depois, um prisioneiro em San Quentin, Otis John Shortell, forneceu informações que levaram muitas pessoas a acreditar na inocência dos três jovens nos assassinatos do Nite Owl. Shortell disse que estava junto de Coates, Jones e Fontaine enquanto eles participavam do estupro coletivo de uma jovem, no momento exato da chacina no café. O testemunho de Shortell, verificado por meio de um detector de mentiras, criou um clamor público pela reabertura do caso.

O clamor cresceu ainda mais quando em 25 de fevereiro foram assassinados Peter e Baxter Englekling. Os irmãos, traficantes de drogas já condenados, tinham sido testemunhas materiais durante a investigação do caso Nite Owl em 1953, e na época contaram que os assassinatos

decorriam de uma rede de intrigas envolvendo material pornográfico. O assassinato dos Englekling continua sem solução. Nas palavras do tenente Eugene Hatcher, da Delegacia do Xerife de Marin, “Sem qualquer pista. Mas nós continuamos tentando.”

O caso Nite Owl foi reaberto, e foi revelada uma ligação com pornografia. Em 27 de março o rico investidor Pierce Morehouse Patchett foi morto a tiros em sua casa em Brentwood, e dois dias depois a polícia matou a tiros Abraham Teitlebaum, 49 anos, e Lee Peter Vachss, 44 anos, seus supostos assassinos. Mais tarde, no mesmo dia, ocorreu o tristemente famoso “massacre do brim azul”. Dentre os criminosos mortos estava Burt Arthur Dois Perkins, um cantor de boate com ligações no submundo. Teitlebaum, Vachss e Perkins seriam os assassinos do Nite Owl. O capitão Dudley Smith, do DPLA, falou a respeito:

“Os assassinatos do Nite Owl resultaram de um esquema fantasticamente elaborado para distribuir uma imundície pornográfica maligna e destruidora de almas. Teitlebaum, Vachss e Perkins estavam tentando matar o freguês do Nite Owl, Delbert ‘Duke’ Cathcart, um traficante de pornografia independente, e usurpar o negócio de pornografia de Pierce Patchett, já em andamento. Infelizmente, na verdade quem estava ali era um tal de Dean van Gelder, um criminoso que estava se passando por Cathcart. O caso Nite Owl servirá de testemunho dos cruéis caprichos do destino, e fico feliz por ele estar por fim solucionado.”

O então capitão, e atualmente inspetor Edmund Exley, que recebeu o crédito pela solução do caso Nite Owl após a reabertura, disse que o caso foi finalmente solucionado, apesar dos rumores de um quarto conspirador ter morrido abruptamente, justo quando estava para ser preso. “Isso é absurdo”, disse Exley. “Eu fiz um relatório detalhado para o júri de instrução e testemunhei amplamente. Eles aceitaram minhas descobertas. Terminou.”

A um grande custo. Thad Green, o chefe dos detetives do DPLA, que em breve irá se aposentar para assumir o comando da Guarda de Fronteira dos EUA, afirmou: “Em gastos diretos e no número de homens-hora empregados na investigação, o caso Nite Owl não tem igual. É um desses

casos que aparecem uma vez na vida, e o preço para resolvê-lo foi muito, muito alto.”

EXCERTO: *Los Angeles Mirror-News*, 15 de abril:

DEMISSÃO DE LOEW PROVOCA UM CHOQUE; OS BOATOS CORREM NO MEIO JURÍDICO

A especulação corre solta nos círculos jurídicos do sul da Califórnia: por que o promotor da cidade de Los Angeles, Ellis Loew, pediu demissão do cargo ontem, interrompendo uma carreira tão brilhante? Loew, de 49 anos, anunciou o pedido de demissão em sua entrevista coletiva semanal, citando a exaustão nervosa e o desejo de voltar à advocacia particular. Auxiliares próximos descreveram a demissão abrupta como espantosamente atípica. Todos na Promotoria estão pasmos: Ellis Loew parecia feliz, em forma, e com saúde perfeita.

O promotor criminal chefe, Robert Gallaudet, disse a este repórter: “Olhe, eu estou pasmo, e não fico pasmo com facilidade. Qual será o motivo oculto de Ellis? Não sei, pergunte a ele. E quando o conselho municipal indicar um promotor interino, espero que seja eu.”

Quando as ondas de choque se amainaram, vieram os elogios. O chefe William H. Parker, do DPLA, descreveu Loew como um “vigoroso e justo inimigo dos criminosos”, e o auxiliar de Parker, o capitão Dudley Smith, disse: “Vamos sentir falta de Ellis. Ele era um grande amigo da justiça.” O governador Knight e o prefeito Norris Poulson mandaram telegramas a Loew pedindo que reconsiderasse a decisão. O próprio Loew não pôde ser encontrado para tecer comentários.

EXCERTO: *Los Angeles Herald-Express*, 19 de abril:

SUICÍDIOS NO DREAM-A-DREAMLAND: TRISTEZA E PERPLEXIDADE CONTINUAM

Eles foram encontrados juntos no Dream-a-Dreamland,

temporariamente fechado devido ao luto pela morte do filho de um grande homem. Preston Exley, 64 anos, ex-policia de Los Angeles, grande construtor que recentemente entrou para a política; Inez Soto, 28 anos, diretora de publicidade no mais celebrado complexo de diversões do mundo e testemunha-chave do terrível caso dos assassinatos no Nite Owl. E Raymond Dieterling, 66 anos, pai da animação moderna, o gênio que praticamente criou o desenho animado, o homem que construiu o Dream-a-Dreamland como tributo a um filho perdido tragicamente. O mundo todo e Los Angeles em particular expressaram grande tristeza e perplexidade.

Foram encontrados na semana passada, juntos, no Grande Passeio do Dream-a-Dreamland. Não havia qualquer bilhete, mas o legista do condado, Frederick Newbarr, imediatamente descartou a possibilidade de crime e estabeleceu o suicídio como causa das mortes. Os meios: os três ingeriram quantidades fatais de uma rara droga antipsicótica. A notícia provocou expressões de tristeza — o presidente Eisenhower, o governador Knight e o senador William Knowland estavam entre os que ofereceram condolências aos membros amados dos três. Exley e Dieterling deixaram fortunas: o magnata das construções deixou seu império empresarial para o auxiliar de longa data, Arthur de Spain, e os bens financeiros, no valor de 17 milhões de dólares, para o filho Edmund, oficial da polícia de Los Angeles. Dieterling deixou suas posses mais do que imensas para um fundo legal, com instruções para dividir os fundos e os lucros futuros do Dream-a-Dreamland entre várias instituições de caridade infantil. Com os aspectos legais cuidados, e o choque e a perplexidade mal se abatendo, começaram a irromper as especulações sobre os motivos dos suicídios.

A Srta. Soto tinha uma ligação romântica com o filho de Preston Exley, Edmund, e recebera alguma publicidade recentemente devido ao seu envolvimento com o caso Nite Owl. Raymond Dieterling estava perturbado pelo assassinato recente de seu filho William. Mas Preston Exley celebrara recentemente seu maior triunfo, o término do sistema de autoestradas do sul da Califórnia, e acabara de anunciar a candidatura ao governo do estado. Uma pesquisa realizada

pouco antes de sua morte mostrou que ele corria na frente, e provavelmente receberia a indicação do Partido Republicano. Não parecia ter motivo lógico para tirar a própria vida. As pessoas mais próximas de Preston Exley — Artur de Spain e o filho Edmund — recusaram-se a comentar.

Cartas de condolências e flores inundam o Dream-a-Dreamland e a casa de Preston Exley em Hancock Park. Bandeiras estão a meio mastro em todo o estado da Califórnia. Hollywood chora a perda de um colosso do cinema. A pergunta “Por quê?” está em milhões de lábios.

Preston Exley e Ray Dieterling eram gigantes. Inez Soto era uma garota enérgica e de sorte que se tornou auxiliar e amiga íntima de ambos. Antes de suas mortes, os três fizeram alterações nos testamentos, declarando que queriam ser sepultados juntos, no mar. Ontem isso aconteceu, sumariamente, sem serviço religioso e sem convidados. O chefe de segurança do Dream-a-Dreamland cuidou dos arranjos e não quis revelar o local onde os corpos foram repousar. A pergunta “Por quê?” continua em milhões de lábios.

O prefeito Norris Poulson não sabe por quê. Mas oferece um panegírico adequado. “Muito simplesmente, esses dois homens simbolizavam a realização de uma visão: Los Angeles como um lugar de encanto e alta qualidade de vida. Mais do que qualquer outra pessoa, Raymond Dieterling e Preston Exley personificam os sonhos bons e grandiosos que construíram esta cidade.”

Parte V

Depois de você partir

Ed em seu uniforme azul de gala.

Parker sorriu, prendeu estrelas douradas em seu ombro.

— Subchefe Edmund Exley. Chefe dos detetives, Departamento de Polícia de Los Angeles.

Aplausos, flashes. Ed apertou a mão de Parker, olhou a multidão. Políticos, Thad Green, Dudley Smith. Lynn no fundo da sala.

Mais aplausos, uma fila para apertos de mão. O prefeito Poulson, Gallaudet, Dudley.

— Garoto, você teve um desempenho magnífico. Estou ansioso para servir sob o seu comando.

— Obrigado, capitão. Tenho certeza de que vamos nos divertir muito juntos.

Dudley piscou.

O conselho municipal desfilou por ele; Parker guiou a multidão até os refrescos. Lynn ficou junto à porta.

Ed se aproximou.

— Não consigo acreditar — disse Lynn. — Estou trocando um figurão com 17 milhões de dólares por um aleijado com uma pensão. Arizona, amor. O ar é bom para aposentados, e eu sei onde achar tudo.

Ela havia envelhecido no último mês — de linda para bonita.

— Quando?

— Agora mesmo, antes que eu desista.

— Abra sua bolsa.

— O quê?

— Faça isso.

Lynn abriu a bolsa — Ed largou dentro um embrulho de plástico.

— Gaste rápido, é dinheiro ruim.

— Quanto?

— O bastante para comprar o Arizona. Onde está White?

— No carro.

— Vou com você até lá.

Saíram da festa, desceram a escada. O Packard de Lynn na vaga do comandante da vigilância, uma multa grudada no para-brisa. Ed arrancou-a, olhou para o banco de trás.

Bud White. Suportes de metal nas pernas, a cabeça raspada e suturada. Sem cortes nas mãos — pareciam fortes. A boca amarrada com arames fazia-o parecer um pateta.

Lynn ficou afastada. White tentou sorrir, fez uma careta. Ed falou:

— Juro que vou pegar o Dudley. Juro que faço isso.

White agarrou as mãos dele, apertou até os dois tremerem.

— Obrigado pelo empurrão — disse Ed.

Um sorriso, uma gargalhada — Bud forçou-os por entre os arames. Ed tocou o rosto dele.

— Você foi a minha redenção.

Ruídos de festa no andar de cima — Dudley Smith rindo.

— Precisamos ir agora — disse Lynn.

— Eu cheguei a entrar na disputa?

— Alguns homens ganham o mundo, outros ganham ex-prostitutas e uma viagem ao Arizona. Você é dos primeiros, mas, meu Deus, não invejo o sangue que você tem na consciência.

Ed beijou a bochecha dela. Lynn entrou no carro, fechou as janelas. Bud apertou as mãos contra o vidro.

Ed encostou as suas do outro lado, as palmas medindo a metade das dele. O carro partiu — Ed correu junto, mãos contra mãos. Uma virada para o trânsito, um toque de adeus na buzina.

Estrelas douradas. Sozinho com seus mortos.

ATENDIMENTO AO LEITOR E VENDAS DIRETAS

Você pode adquirir os títulos da BestBolso através do Marketing Direto do Grupo Editorial Record.

- Telefone: (21) 2585-2002
(de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 18h)
- E-mail: mdireto@record.com.br
- Fax: (21) 2585-2010

Entre em contato conosco caso tenha alguma dúvida, precise de informações ou queira se cadastrar para receber nossos informativos de lançamentos e promoções.

Nossos sites:

www.edicoesbestbolso.com.br

www.record.com.br